A LOVE THAT COULDN'T BE BROKEN, EXCEPT BY THE TRUTH

RELEASING 10



Boys of Tommen

CHLOE WALSH

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

Índice

Título
Direitos autorais
Conteúdo
Isenção de responsabilidade
Nota do autor
Pronúncias
Glossário/Gíria irlandesa
Parte 1: Os Anos de Formação
- 12 de junho de 1991: Lizzie
- 31 de outubro de 1991: Lizzie
- 12 de novembro de 1991: Lizzie
- 21 de dezembro de 1991: Lizzie
- 6 de janeiro de 1992: Lizzie
- 10 de fevereiro de 1992: Lizzie
- 9 de junho de 1992: Lizzie
- 11 de outubro de 1992: Lizzie
- 4 de novembro de 1992: Lizzie
- 27 de novembro de 1992: Lizzie
- 25 de dezembro de 1992: Lizzie
- 31 de dezembro de 1992: Lizzie
- 30 de abril de 1993: Lizzie
- 19 de setembro de 1993: Lizzie
- 19 de setembro de 1993: Lizzie
- 15 de novembro de 1993: Lizzie
- 25 de dezembro de 1993: Lizzie

Parte 2: Os Fundamentos da Amizade
- Bolas de explosão, machados de batalha e separações: Hugh
- O problema está batendo à porta: Lizzie
- Coerção na Cozinha: Hugh
- Valentões, convites de aniversário e irmãos mais velhos: Lizzie
- Esta é a Lizzie?: Hugh
- Ele cheira a sabonete e morangos: Lizzie
- Cobras de gelatina e o G perfeito: Hugh
- Estrelas são melhores que quadrados: Lizzie
- Os pássaros, as abelhas e as vacas leiteiras: Hugh
- De volta à Robin Hill Road: Lizzie
- Milady e o Bravo Cavaleiro: Hugh
- Nadando no Fundo do Mar: Lizzie
- Namorados descarados e irmãos corajosos: Hugh
- Comemorando o Ano Novo: Lizzie

Parte 3: Partidas Devastadoras
- Seguindo em frente e mudando-se: Hugh
- Exceto que ele não fez: Lizzie
- Primeira Comunhão e Primeiro Corpo Morto: Hugh
- Melhores amigas para sempre: Lizzie

- Comemorações de aniversário e avisos futuros: Hugh
- Eu estava tentando te proteger: Lizzie
- Tentativas de pontuação e pais ausentes: Hugh

Parte 4: Realizações Esmagadoras
- Isso é um toque ruim: Lizzie
- Onde está sua irmã?: Hugh
- Doutor, Doutor, Onde Estou?: Lizzie
- Você sempre será minha senhora, Milady: Hugh
- Você já é uma menina grande: Lizzie
- Se isso a mantivesse segura: Hugh
- Acorde-me quando o amanhã acabar: Lizzie
- Duas semanas a mais: Hugh
- Sim, Elizabeth: Lizzie

Parte 5: Linhas de Vida da Amizade
- Construindo Bicicletas e Amizades: Hugh
- Os Feis, os Feels e o Dia em Família: Hugh
- Votos Sagrados, Senhoras Assustadoras e Irmãs Secretas: Lizzie
- Este é Brian: Hugh
- O Lobo Mau: Lizzie

Parte 6: Dores do Crescimento
- Criaturas e Confortos: Lizzie
- À Beira dos Dezessete: Hugh
- Desejos de aniversário e beijos nas mãos: Hugh
- Piscinas infantis e glórias de Knickerbocker: Lizzie
- Seu filho é meu sol: Lizzie

Parte 7: A perigosa arte da dissociação
- Segurando Cordas e Irmãos Heróis: Lizzie
- Você pode me chamar de Paddy Spice: Hugh
- Acordo ou não acordo: Hugh
- Aprofundando sentimentos e mecanismos de enfrentamento: Lizzie
- Estamos entrando em um novo milênio ou não?: Hugh

Parte 8: Monstros por toda parte
- Até mais, garoto: Lizzie
- Reto Abdominal: Hugh
- Viagens ao cinema e lambidas de Gobstopper: Hugh
- Mudança de humor e trovões: Lizzie
- Pense duas vezes antes de tocar na minha garota: Hugh
- Pelo menos você não o mordeu: Lizzie

Parte 9: Juntando os pontos
- Verificando e intensificando: Hugh
- Para cima, para cima e para longe: Lizzie
- Crie um homem, espere um homem: Hugh
- Eu sou bipolar: Hugh
- Esconda, não sinta e nunca revele: Lizzie
- Em caso de dúvida, consulte os livros: Hugh
- Lute por isso: Lizzie

Parte 10: Acendendo Chamas e Brasas

- Desejos de aniversário e irmãs vadias: Hugh
- Viagens Solo e Irmãs Chorosas: Lizzie
- Profundo, mais profundo, mais profundo: Lizzie

Parte 11: Limbo
- Indícios de Dúvida: Lizzie
- Termine sua Tanora e gire a maldita garrafa: Hugh
- BEIJO: Lizzie
- Uma Coisinha Maluca Chamada Hormônios: Hugh
- A Banshee de Ballylaggin: Lizzie

Parte 12: Novos Milênios
- Festeje como se fosse 1999: Hugh
- Bom demais para ser verdade: Lizzie
- Ela o tem, mas você me tem: Hugh

Parte 13: Turbulência Desconhecida
- De volta com vingança: Lizzie
- Ela é só uma amiga, eu juro: Hugh
- Senhor Responsável: Lizzie
- Períodos Perversos e Inocência Roubada: Lizzie
- Toalhas encharcadas de sangue e despedidas quebradas: Hugh
- Não faça nada estúpido: Lizzie
- Minha família é sua família: Hugh

Parte 14: A Dissolução da Vida como a Conhecemos
- Um Grande Mal-entendido: Hugh
- Não importa o que aconteça: Lizzie
- Namoradas Mortas e Irmãs Silenciosas: Hugh
- Você nunca vai me esquecer, querida: Lizzie
- Alvo nas costas: Hugh
- Ele conseguiu, papai!: Lizzie
- Nunca mais fale comigo: Hugh

Parte 15: A Grande Divisão
- Flashbacks e memórias fugazes: Lizzie
- Eu acredito na sua filha: Hugh
- Estou afundando de novo: Lizzie
- Não seja mais amiga dele: Lizzie
- A Opressão da Depressão: Hugh
- Nunca tive e nunca teria: Lizzie
- Quando as Namoradas Choram e os Porcos Voam: Hugh
- Eu nunca vou deixar você afundar: Lizzie
- De volta ao túmulo: Hugh
- Vamos Roubar: Lizzie
- Partindo o Pão e Consertando Pontes: Hugh
- Ah, é? Assista: Hugh
- Ligações telefônicas noturnas: Lizzie
- Olhares lascivos e mães pairando: Hugh
- O Menino Que Ficou: Lizzie
- Verão na Old Hall House: Hugh

Parte 16: Novos Horizontes

- Os Meninos de Tommen: Hugh
- Ligações telefônicas noturnas: Lizzie
- Noites de encontro na piscina: Lizzie
- Fora com o velho, dentro com o novo: Hugh
- Soe o alarme: Lizzie
- Supere isso: Hugh
- Então é Treze?: Lizzie

Parte 17: Novos começos

- Um passo à frente, dois passos para trás: Hugh
- Essa é minha garota: Lizzie
- Namorados Protetores: Hugh
- Tudo é simplesmente maravilhoso: Lizzie
- Meninas de Tommen: Lizzie
- Cenários hipotéticos e o 1% mais rico: Hugh
- Céu na Terra: Lizzie
- Escolhendo roupas e ultrapassando limites: Hugh
- Quando o gato sai, os gatinhos brincam: Lizzie
- Fumbles bêbados: Hugh
- Como um tubarão cheirando sangue: Hugh
- Os dias sombrios não acabaram: Lizzie
- Criando Coragem: Lizzie
- Você é meu bebê: Lizzie
- Criado para ser um cavalheiro: Hugh
- Viagens de aniversário para a praia: Lizzie
- As aulas acabaram por causa do verão: Hugh
- Dibs, ele é meu: Lizzie
- Leve-me para as nuvens acima: Lizzie
- O Verão do Amor: Hugh
- Contatos Imediatos e Ligações Ainda Mais Próximas: Lizzie
- Renegociando a Data: Hugh
- Verão, saunas e calafrios: Lizzie

Parte 18: A Espiral Descendente

- Corra o mais rápido que puder: Lizzie
- Feche os olhos e deixe ir: Lizzie
- Uma tempestade está chegando: Hugh
- Nunca me senti melhor: Lizzie
- Garotas escorregadias e centros fervilhantes: Hugh
- Abraços, Beijos e Mania Hipersexual: Lizzie
- Amigos sorridentes e namoradas furtivas: Hugh
- Dobrando a aposta e se firmando: Lizzie
- Eu vou descer balançando: Lizzie
- Liaisons na hora do almoço nas bibliotecas: Hugh
- Somos como pássaros, Hugh: Lizzie
- Vou ficar com meu bebê: Hugh
- Mais uma noite de sono: Lizzie
- É hora do show, baby: Hugh
- Dê-me o que eu quero ou então!: Lizzie

Parte 19: A Grande Traição
- Você não foi convidado!: Lizzie
- Diga Olá ao meu Amiguinho: Hugh
- Perdendo o controle: Lizzie
- Apague as Luzes: Hugh
- Talvez você devesse ter pensado sobre ISSO: Lizzie
- Essa dor não durará para sempre: Hugh
- Por favor, leve-a: Lizzie
- Prometam-me, rapazes: Hugh

Parte 20: Corações Implacáveis
- Isto não é um jogo: Lizzie
- Voando em sua mania: Hugh
- Nenhuma preocupação no mundo: Lizzie
- Odeio ser você: Hugh
- Não prenda a respiração: Hugh
- Ciclos rápidos e corações acelerados: Lizzie
- Você significa o mundo para mim: Lizzie
- Partindo como um pai: Hugh
- Passivos Liberados: Lizzie
- Deslizes Freudianos: Hugh
- Festas do pijama e Stevie: Hugh
- Acordar de manhã cedo e Lindsey: Lizzie
- Eu sou o Senhor Brightside: Hugh
- Eu te amo, me desculpe: Lizzie
- O Leão e a Gazela: Hugh
- Você pode segurar minha mão: Lizzie
- Talvez possamos ser amigos?: Hugh
- Hambúrgueres e Beijos Roubados: Hugh
- Onde diabos você estava, papai?: Lizzie
- Ano Novo, Novo Eu: Hugh
- Eu farei isso: Lizzie
- Pequenas Mentiras Brancas: Hugh

Parte 21: Virando uma nova página
- Corações Hibernantes e Pontes Aquáticas: Hugh
- Custe o que custar: Lizzie
- Apenas Amigos: Hugh
- Feche os olhos, querida: Lizzie
- É bom ter um amigo: Hugh
- Esta sou eu tentando: Lizzie
- Companheiros confortáveis: Hugh
- Recém-saída do Slammer: Lizzie
- Adeus, meu amante: Hugh

Muito obrigado pela leitura.
Momentos, sentimentos e capítulos dedicados da música
Músicas para Lizzie
Músicas para Hugh
Agradecimentos

Chloe Walsh é a autora best-seller da série Boys of Tommen de 2018, que explodiu em popularidade em todo o mundo. Ela escreve e publica romances New Adult e Adult Contemporary há uma década. Seus livros foram traduzidos para vários idiomas em todo o mundo. Amante de animais, viciada em música e viciada em TV, Chloe adora passar tempo com a família e é uma defensora apaixonada da conscientização sobre saúde mental. Chloe mora em Cork, Irlanda, com a família.

TAMBÉM POR CHLOE WALSH

Meninos de Tommen

Encadernação 13
Mantendo 13
Economizando 6
Resgatando 6
Domando 7
Lançamento 10

RELEASING 10

CHLOE
WALSH



PIATKUS

PIATKUS

Publicado pela primeira vez nos EUA em 2025 pela Bloom Books,
Uma marca da Sourcebooks
Publicado na Grã-Bretanha em 2025 pela Piatkus

Copyright © 2025 por Chloe Walsh

O direito moral do autor foi afirmado.

Todos os personagens e eventos desta publicação, exceto aqueles claramente de domínio público, são fictícios e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência .

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a permissão prévia por escrito do editor, nem ser circulada de outra forma em qualquer forma de encadernação ou capa diferente daquela em que foi publicada e sem que uma condição semelhante, incluindo esta condição, seja imposta ao comprador subsequente.

Um registro de catálogo CIP para este livro
está disponível na Biblioteca Britânica.

ISBN 978-0-349-43933-4

Piatkus
Uma impressão de
Grupo de livros Little, Brown
Casa Carmelita
50 Victoria Embankment
Londres EC4Y 0DZ

O representante autorizado
no EEE é
Hachette Irlanda
8 Centro Castlecourt
Dublin 15, D15 XTP3, Irlanda
(e-mail: info@hbgi.ie)

Uma empresa Hachette UK
www.hachette.co.uk

www.littlebrown.co.uk

Conteúdo

Isenção de responsabilidade
Nota do autor
Pronúncias
Glossário/Gíria irlandesa

Parte 1: Os Anos de Formação
12 de junho de 1991: Lizzie
31 de outubro de 1991: Lizzie
12 de novembro de 1991: Lizzie
21 de dezembro de 1991: Lizzie
6 de janeiro de 1992: Lizzie
10 de fevereiro de 1992: Lizzie
9 de junho de 1992: Lizzie
11 de outubro de 1992: Lizzie
4 de novembro de 1992: Lizzie
27 de novembro de 1992: Lizzie
25 de dezembro de 1992: Lizzie
31 de dezembro de 1992: Lizzie
30 de abril de 1993: Lizzie
19 de setembro de 1993: Lizzie
19 de setembro de 1993: Lizzie
15 de novembro de 1993: Lizzie
25 de dezembro de 1993: Lizzie

Parte 2: Os Fundamentos da Amizade
Bolas de explosão, machados de batalha e separações: Hugh
O problema está batendo à porta: Lizzie
Coerção na Cozinha: Hugh
Valentões, convites de aniversário e irmãos mais velhos: Lizzie
Esse é Lizzie?: Hugh
Ele cheira a sabonete e morangos: Lizzie
Cobras de gelatina e o G perfeito: Hugh
Estrelas são melhores que quadrados: Lizzie
Os pássaros, as abelhas e as vacas touro: Hugh
De volta à Robin Hill Road: Lizzie
Milady e o Bravo Cavaleiro: Hugh
Nadando no Fundo do Mar: Lizzie
Namorados descarados e irmãos corajosos: Hugh
Comemorando o Ano Novo: Lizzie

Parte 3: Partidas Devastadoras
Seguindo em frente e mudando-se: Hugh

Exceto que ele não fez: Lizzie
Primeira Comunhão e Primeiro Corpo Morto: Hugh
Melhores amigas para sempre: Lizzie
Comemorações de aniversário e avisos futuros: Hugh
Eu estava tentando te proteger: Lizzie
Tentativas de pontuação e pais ausentes: Hugh

Parte 4: Realizações Esmagadoras
Isso é um toque ruim: Lizzie
Onde está sua irmã?: Hugh
Doutor, Doutor, Onde Estou?: Lizzie
Você sempre será minha senhora, Milady: Hugh
Você já é uma menina grande: Lizzie
Se isso a mantivesse segura: Hugh
Acorde-me quando o amanhã acabar: Lizzie
Duas semanas a mais: Hugh
Sim, Elizabeth: Lizzie

Parte 5: Linhas de Vida da Amizade
Construindo Bicicletas e Amizades: Hugh
Os Feis, os Feels e o Dia em Família: Hugh
Votos Sagrados, Senhoras Assustadoras e Irmãs Secretas: Lizzie
Este é Brian: Hugh
O Lobo Mau: Lizzie

Parte 6: Dores do Crescimento
Criaturas e Confortos: Lizzie
À Beira dos Dezessete: Hugh
Desejos de aniversário e beijos nas mãos: Hugh
Piscinas infantis e glórias de Knickerbocker: Lizzie
Seu filho é meu sol: Lizzie

Parte 7: A perigosa arte da dissociação
Segurando Cordas e Irmãos Heróis: Lizzie
Você pode me chamar de Paddy Spice: Hugh
Acordo ou não acordo: Hugh
Aprofundando sentimentos e mecanismos de enfrentamento: Lizzie
Estamos entrando em um novo milênio ou não?: Hugh

Parte 8: Monstros por toda parte
Até mais, garoto: Lizzie
Reto Abdominal: Hugh
Viagens ao cinema e lambidas de Gobstopper: Hugh
Mudança de humor e trovões: Lizzie
Pense duas vezes antes de tocar na minha garota: Hugh
Pelo menos você não o mordeu: Lizzie

Parte 9: Juntando os pontos
Verificando e intensificando: Hugh
Para cima, para cima e para longe: Lizzie
Crie um homem, espere um homem: Hugh
Eu sou bipolar: Hugh
Esconda, não sinta e nunca revele: Lizzie
Em caso de dúvida, consulte os livros: Hugh
Lute por isso: Lizzie

Parte 10: Acendendo Chamas e Brasas
Desejos de aniversário e irmãs vadias: Hugh
Viagens Solo e Irmãs Chorosas: Lizzie
Profundo, mais profundo, mais profundo: Lizzie

Parte 11: Limbo
Indícios de Dúvida: Lizzie
Termine sua Tanora e gire a maldita garrafa: Hugh
BEIJO: Lizzie
Uma Coisinha Maluca Chamada Hormônios: Hugh
A Banshee de Ballylaggin: Lizzie

Parte 12: Novos Milênios
Festeje como se fosse 1999: Hugh
Bom demais para ser verdade: Lizzie
Ela o tem, mas você me tem: Hugh

Parte 13: Turbulência Desconhecida
De volta com vingança: Lizzie
Ela é só uma amiga, eu juro: Hugh
Senhor Responsável: Lizzie
Períodos Perversos e Inocência Roubada: Lizzie
Toalhas encharcadas de sangue e despedidas quebradas: Hugh
Não faça nada estúpido: Lizzie
Minha família é sua família: Hugh

Parte 14: A Dissolução da Vida como a Conhecemos
Um Grande Mal-entendido: Hugh
Não importa o que aconteça: Lizzie
Namoradas Mortas e Irmãs Silenciosas: Hugh
Você nunca vai me esquecer, querida: Lizzie
Alvo nas costas: Hugh
Ele conseguiu, papai!: Lizzie
Nunca mais fale comigo: Hugh

Parte 15: A Grande Divisão
Flashbacks e memórias fugazes: Lizzie

Eu acredito na sua filha: Hugh
Estou afundando de novo: Lizzie
Não seja mais amiga dele: Lizzie
A Opressão da Depressão: Hugh
Nunca tive e nunca teria: Lizzie
Quando as Namoradas Choram e os Porcos Voam: Hugh
Eu nunca vou deixar você afundar: Lizzie
De volta ao túmulo: Hugh
Vamos Roubar: Lizzie
Partindo o Pão e Consertando Pontes: Hugh
Ah, é? Assista: Hugh
Ligações telefônicas noturnas: Lizzie
Olhares lascivos e mães pairando: Hugh
O Menino Que Ficou: Lizzie
Verão na Old Hall House: Hugh

Parte 16: Novos Horizontes
Os Meninos de Tommen: Hugh
Ligações telefônicas noturnas: Lizzie
Noites de encontro na piscina: Lizzie
Fora com o velho, dentro com o novo: Hugh
Soe o alarme: Lizzie
Supere isso: Hugh
Então é Treze?: Lizzie

Parte 17: Novos começos
Um passo à frente, dois passos para trás: Hugh
Essa é minha garota: Lizzie
Namorados Protetores: Hugh
Tudo é simplesmente maravilhoso: Lizzie
Meninas de Tommen: Lizzie
Cenários hipotéticos e o 1% mais rico: Hugh
Céu na Terra: Lizzie
Escolhendo roupas e ultrapassando limites: Hugh
Quando o gato sai, os gatinhos brincam: Lizzie
Fumbles bêbados: Hugh
Como um tubarão cheirando sangue: Hugh
Os dias sombrios não acabaram: Lizzie
Criando coragem: Lizzie
Você é meu bebê: Lizzie
Criado para ser um cavalheiro: Hugh
Viagens de aniversário para a praia: Lizzie
As aulas acabaram por causa do verão: Hugh
Dibs, ele é meu: Lizzie
Leve-me para as nuvens acima: Lizzie
O Verão do Amor: Hugh

Contatos Imediatos e Ligações Ainda Mais Próximas: Lizzie
Renegociando a Data: Hugh
Verão, saunas e calafrios: Lizzie

Parte 18: A Espiral Descendente
Corra o mais rápido que puder: Lizzie
Feche os olhos e deixe ir: Lizzie
Uma tempestade está chegando: Hugh
Nunca me senti melhor: Lizzie
Garotas escorregadias e centros fervilhantes: Hugh
Abraços, Beijos e Mania Hipersexual: Lizzie
Amigos sorridentes e namoradas furtivas: Hugh
Dobrando a aposta e se firmando: Lizzie
Eu vou descer balançando: Lizzie
Liaisons na hora do almoço nas bibliotecas: Hugh
Somos como pássaros, Hugh: Lizzie
Vou ficar com meu bebê: Hugh
Mais uma noite de sono: Lizzie
É hora do show, baby: Hugh
Dê-me o que eu quero ou então!: Lizzie

Parte 19: A Grande Traição
Você não foi convidado!: Lizzie
Diga Olá ao meu Amiguinho: Hugh
Perdendo o controle: Lizzie
Apague as Luzes: Hugh
Talvez você devesse ter pensado sobre ISSO: Lizzie
Essa dor não durará para sempre: Hugh
Por favor, leve-a: Lizzie
Prometam-me, rapazes: Hugh

Parte 20: Corações Implacáveis
Isto não é um jogo: Lizzie
Voando em sua mania: Hugh
Nenhuma preocupação no mundo: Lizzie
Odeio ser você: Hugh
Não prenda a respiração: Hugh
Ciclos rápidos e corações acelerados: Lizzie
Você significa o mundo para mim: Lizzie
Partindo como um pai: Hugh
Passivos Liberados: Lizzie
Deslizes Freudianos: Hugh
Festas do pijama e Stevie: Hugh
Acordar de manhã cedo e Lindsey: Lizzie
Eu sou o Senhor Brightside: Hugh
Eu te amo, me desculpe: Lizzie

O Leão e a Gazela: Hugh
Você pode segurar minha mão: Lizzie
Talvez possamos ser amigos?: Hugh
Hambúrgueres e Beijos Roubados: Hugh
Onde diabos você estava, papai?: Lizzie
Ano Novo, Novo Eu: Hugh
Eu farei isso: Lizzie
Pequenas Mentiras Brancas: Hugh

Parte 21: Virando uma nova página
Corações Hibernantes e Pontes Aquáticas: Hugh
Custe o que custar: Lizzie
Apenas Amigos: Hugh
Feche os olhos, querida: Lizzie
É bom ter um amigo: Hugh
Esta sou eu tentando: Lizzie
Companheiros confortáveis: Hugh
Recém-saída do Slammer: Lizzie
Adeus, meu amante: Hugh

Muito obrigado pela leitura.
Momentos, sentimentos e capítulos dedicados da música
Músicas para Lizzie
Músicas para Hugh
Agradecimentos

Isenção de responsabilidade

Este livro é uma obra de ficção. Todos os nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor ou são usados ficticiamente. Qualquer semelhança com eventos, locais ou pessoas, vivas ou mortas, é mera coincidência.
O autor reconhece que todos os títulos de músicas, letras de músicas, títulos de filmes, personagens de filmes, status de marcas registradas e marcas mencionadas neste livro são propriedade e pertencem aos seus respectivos proprietários. A publicação/uso dessas marcas registradas não é autorizada/associada ou patrocinada pelos proprietários das marcas registradas.
Chloe Walsh não tem nenhuma afiliação com nenhuma das marcas, músicas, músicos ou artistas mencionados neste livro.

Para os sobreviventes .

Nota do autor

O lançamento do número 10 é o sexto volume da série Boys of Tommen.
Algumas cenas neste livro podem ser **extremamente** perturbadoras; portanto, recomenda-se discrição do leitor.
Esteja ciente de que esta história aborda tópicos extremamente angustiantes, como abuso infantil, trauma sexual e suicídio. Embora seja extremamente importante falar sobre eles, pode **não** ser adequado para leitores mais jovens. Esteja atento aos gatilhos emocionais e prossiga com cautela.
Por causa de seu conteúdo sexual explícito, violência gráfica, temas adultos, gatilhos e linguagem imprópria, ele é adequado para leitores maduros.
Ambientada no sul da Irlanda, a obra se passa entre 1991 e 2005 e contém diálogos, gírias, linguagem e posturas culturais irlandesas relevantes para aquele período histórico. Portanto, estas não são opiniões pessoais do autor.
Como os primeiros livros da série Tommen eram centrados na família Lynch, seus duetos foram lançados em ordem; no entanto, do quinto livro em diante, a ordem de lançamento dos livros alternará entre os personagens de acordo com o enredo em andamento.
Um guia detalhado de pronúncia e glossário podem ser encontrados nas páginas seguintes.
Partes, estágios e seções são usados em vez dos títulos de capítulos padrão como método de navegação neste livro.
Muito obrigado por se juntar a mim nesta aventura.

Muito amor,
Chlo xxx

Pronúncias

Aoife: E-fa
Edel: E-dell
Sean: Shawn
Caoimhe: Kee-va
Sadhbh: Suspiro
Sinead: Shin-aid
Neasa: Nasa
Eoghan: Owen
Tadhg: Tie-g (como Tiger, mas sem o 'r' no final)
Feis: Fesh
Scoil Eoin: Caveira Owen
Ponto: Putt-een
Gardaí Síochána: Guard-ee Shuck-awna
Gardaí: Guarda-ee

Glossário/Gíria irlandesa

um pouco de talento: uma pessoa bonita.
uma empilhadeira não a moveria: eu não vou beijá-la.
uma barra de cerveja: uma caixa com 24 garrafas de cerveja.
alérgico: não suporta algo/alguém.
Angelus: todas as noites às 18h na Irlanda, há um minuto de silêncio para oração na televisão.
alguma chance de carona: você gostaria de fazer sexo comigo?
pergunte-me besteira: educadamente não, e me deixe em paz.
pergunte ao fundo do meu saco: não estou fazendo isso por você.
tão grosso quanto duas tábuas curtas: uma pessoa estúpida.
comeu a caixa dela: cunilíngua.
comeu a minha cabeça: me repreendeu.
para ir atrás de lousas: fazer bem.
coloque-a de volta em mim, Bridie: vamos fazer sexo.
saltador de bolas: um brincalhão.
balm out: deitar e relaxar.
exatamente: pessoa decente/correta.
bate: exausto.
beor: uma mulher/menina.
a melhor parte dele escorreu pela perna da mãe: ele é um tolo.
esferográfica: caneta de tinta.
bluey: filme pornô.
papel higiênico: papel higiênico.
o pântano: o banheiro.
capô: capô do carro.
boot: porta-malas do carro.
caixa de cigarros: maço de cigarros.
te dar uma pancada na cabeça: vou te dar um soco.
quebre seu derretimento: teste sua paciência.
peito no pão: hambúrguer de frango.
lâmpada de alguém: parecer com alguém.
Burdizzo: dispositivo de castração.
camogie: a versão feminina do Hurling.
chancer: um oportunista.
Criança de Praga: uma estátua religiosa que os fazendeiros colocam no campo para incentivar o bom tempo (uma antiga superstição irlandesa).
chipper: restaurante que vende fast food.
Clonamore: cidade próxima a Ballylaggin.
venha aqui até eu te matar: venha aqui e deixe-me bater em você.
fogão: forno/fogão/placa.
policial: comporte-se.
corker: mulher bonita.

não conseguiu fazer seu buraco em uma fábrica de polo: azar no amor.
rachando: brilhante.
continuar: fazer alguma coisa/ir em frente.
craic: diversão.
a festa foi aos noventa: muita diversão e brincadeira.
Culchie: pessoa do interior ou de um condado fora de Dublin. Geralmente usado como um insulto amigável.
cute hoor: uma pessoa inteligente/esperta.
daft: bobo.
idiota como um pincel: muito bobo.
mortal: ótimo.
dia do dicky: dia da mesada infantil.
você transou com ela ontem à noite: você dormiu com ela.
fazendo um foxer: trabalhando com dinheiro na mão.
fazendo uma linha: namoro.
enfeitada até os dentes: bem vestida e com boa aparência.
não seja sarnento: não seja mau.
não mije nas minhas costas e diga que está chovendo: não minta para mim.
dosser: alguém que não está fazendo o que deveria estar fazendo.
continuar: seguir em frente.
Dub: uma pessoa de Dublin.
eejit: idiota.
"een": adicionado ao final do seu nome, geralmente por parentes mais velhos, por exemplo; Johneen, Jackeen, Juleen, Mikeen, Tadhgeen.
era/yerra: descartar algo.
Fair City: popular novela irlandesa.
parabéns para você: muito bem.
jogo limpo: boa.
bunda: vagina.
o medo: acordar de ressaca
sentindo: fazendo sexo.
sentindo-se mal: sentindo-se mal.
feis: um festival/evento tradicional de artes e cultura gaélica.
fla: uma pessoa atraente.
quinzena: duas semanas.
frigit: alguém que nunca foi beijado.
funt up the hole: chutar a bunda.
GAA: Associação Atlética Gaélica.
gaff: casa.
Gardaí Síochána: força policial irlandesa.
Garda: policial.
gás: engraçado.
homem do gás: homem engraçado.
gatting: beber.
pegando carona: fazendo sexo.
faça seu buraco: faça sexo.
Dê-nos uma arandela: deixe-me vê-la.

os goolies: os testículos.
geebag: palavra depreciativa para mulher.
dar para fora: repreender/reclamar.
gobshite: idiota.
godloon sham: meu Deus, cara.
dividir a vida com um bastardo: Fazer sexo sem proteção.
gowel: pessoa estúpida.
grinds: Tutoria.
hatchet craic: Muito divertido.
assombrado: sortudo.
não te vejo há anos: Não te vejo há muito tempo.
ele não lambeu de uma pedra: ele é como se fosse da família.
ele teve uma dose de paixão ontem à noite: não foi até o fim.
fez sexo com ela **ontem à noite .**
ele acha que é o cara: ele ama a si mesmo.
ele beberia de uma bota de borracha: um alcoólatra.
ele bebia a cruz de um burro: um grande bebedor.
ele roubaria o olho da sua cabeça e mijaria no buraco: não confie nele.
ele é A1: ele é uma pessoa adorável.
ele não tem mãos para se benzer: ele é desajeitado.
ele é um pouco egocêntrico: ele é egocêntrico.
buraco: frequentemente dito em vez de bunda/traseiro.
faça seu desejo: pare de falar.
que ruim: isso é bom.
que tal um pouco do seu pai: vamos fazer sexo.
como está sua barriga para um inquilino: fazendo sexo sem proteção.
hup out dat: bom trabalho, continue.
hurling: um esporte amador irlandês muito popular, praticado com hurleys e sliotars de madeira.
Apresse-se, sim? Minha avó é mais rápida que você e ela está morta há dez anos: acelere.
Espero que você morra rugindo: Eu não gosto de você.
Fui batizado, não mijado: me chamem pelo meu nome.
Eu vou ficar na minha toca, Jack Shea: Eu não vou de jeito nenhum.
Eu vou, sim: Eu não vou, de jeito nenhum.
Eu não o expulsaria da cama por comer um saco de batatas fritas: ele é atraente.
Eu não te daria a mínima para mim: eu não gosto de você.
Eu não subiria nele para pular um muro: ele é um homem pouco atraente.
Eu não te levaria para a batalha: não te acho atraente.
Prefiro cagar nas mãos e bater palmas: não vou fazer isso.
Vou dar uma lamparina nele: vou bater nele.
Vou deixar seu rosto como um rádio de pintor: felação.
Vou deixar você ir: terminei de falar com você.
Eu vou deixar seu buraco vermelho para você: vou te dar um tapa.
Estou escarlate por você: Estou envergonhado por você.
Tenho uma coisa para contar a você: você está encrencado comigo.

se ele caísse num barril de tetas, sairia chupando o dedo: ele não tem sorte
se eu tivesse um jardim cheio de Mickeys, não a deixaria olhar por cima do muro: não me sinto atraído por ela.
se tivesse trabalho na cama, ele dormiria no chão: preguiçoso.
se inteligência fosse uma merda você estaria constipado: você não é engraçado.
se você cair daquele muro e quebrar as pernas, não venha correndo até mim: um aviso de mãe para não fazer nenhuma besteira.
Jackeen: uma pessoa de Dublin. Um termo às vezes usado por pessoas de outros condados da Irlanda para se referir a uma pessoa de Dublin.
os macacos: o banheiro.
jagging: ficar, mas ainda não estar em um relacionamento sério.
jammy: sortudo.
jammiest: mais sortudo.
jocks: cuecas boxer masculinas.
articulado: um lugar lotado.
certificado júnior: o exame estadual obrigatório que você faz no terceiro ano — na metade do seu ciclo de seis anos do ensino médio.
suéter: suéter.
kip: lugar bagunçado.
tirar o kit/tog: vestir ou tirar a roupa de treino.
calcinha: roupa íntima feminina.
langer: idiota.
langers: grupo de idiotas e/ou estar extremamente bêbado.
colocar cachimbo: fazer sexo.
certificado de conclusão do ensino médio: o exame estadual obrigatório que você faz no último ano do ensino médio.
ir em frente: correr.
liathroidi: testículos.
levantado: preso.
como cocô de ganso: movendo-se rápido.
vivendo sobre o mato: vivendo juntos, mas não casados.
cambaleando: enrolado em alguém na discoteca.
mank/manky: algo nojento.
enorme: lindo
encontro: beijo.
mensagens: compras.
anel do mickey: preservativo
mickey/willy: pênis.
cuide dos centavos e as libras cuidarão de si mesmas: economize seu dinheiro.
minerais/bebidas gaseificadas: refrigerantes
mog: uma pessoa feia/estúpida.
deprimido: idiota.
quase nunca intimidava uma vaca: quase não é suficiente.
não há esperança: não farei isso.
agora você está pegando a mão: pedindo demais.

estranho com alguém: estar irritado.
fora de si: pessoa louca.
boneca velha/boneca velha: esposa/namorada.
na correria: matando aula.
no chicote: em uma noite de bebedeira.
na merda: sair para beber.
poitín: versão irlandesa de bebida alcoólica caseira / ilegal.
loja de um dólar: loja de um dólar.
poxy: sortudo.
imprensa: gabinete.
escola primária: escola primária — crianças do primeiro ano até a sexta série.
pré-escola: creche/pré-escola.
crianças pequenas: equivalente ao jardim de infância.
crianças maiores: equivalente ao segundo ano do jardim de infância.
primeira classe: equivalente à primeira série.
segunda classe: equivalente ao segundo ano.
terceira classe: equivalente à terceira série.
quarta classe: equivalente à quarta série.
quinta série: equivalente à quinta série.
sexta série: equivalente à sexta série.
vomitar o anel: vômito.
puro: muito.
daycent puro: excelente.
puro escasso: extremamente mesquinho.
classificação: não é boa.
bebê cru: um bebê novinho em folha.
Condado de Rebel: apelido do Condado de Cork.
relaxa. Johnny te protege: camisinha.
ridey: uma pessoa bonita.
Rolos: marca popular de chocolate.
rosário, remoção, enterro: os três dias de um funeral católico na Irlanda.
corredores: tênis.
Sagrado Coração: nome da escola primária mista de Shannon, Joey, Darren, Claire, Caoimhe, Lizzie, Tadhg, Ollie, Podge e Alec.
mesma égua, jóquei diferente: mesma mãe, pais diferentes.
seiva: triste/patético.
scaldy: algo nojento.
escasso: fazer algo mesquinho.
Scoil Eoin: nome da escola primária só para meninos de Johnny, Gibsie, Feely, Hughie e Kevin.
pontuação: beijo.
scut: patife.
ensino secundário: ensino médio — do primeiro ao sexto ano.
primeiro ano: equivalente à sétima série.
segundo ano: equivalente à oitava série.
terceiro ano: equivalente ao nono ano.
quarto ano: ano de transição, equivalente à décima série.

quinto ano: equivalente ao décimo primeiro ano.
sexto ano: equivalente ao décimo segundo ano.
séptico: alguém horrível/vaidoso.
sesh: sessão de bebidas em um bar/festa com música.
tons: polícia.
ela se levantava com uma rajada de vento: uma mulher promíscua.
ela não ganhou esses joelhos por fazer orações: mulher promíscua.
ela arrancava o assoalho para pegar um pedaço de cachimbo: uma mulher promíscua.
ela falava muito alto, como se fosse um burro: uma tagarela.
ela tinha uma cara de coitada de jóquei, mas você não olha para a lareira quando está atiçando o fogo: ela não era nada atraente, mas mesmo assim eu aceitei.
mudança/mudança: beijar.
jaquetas de mudança: peça de roupa que dá sorte, geralmente uma jaqueta, quando se tenta conquistar uma garota.
tremeu: sentindo-se doente/de ressaca.
tremeu como uma mão na missa: tremendo.
pule as coisas mais elaboradas e me imponha: pule as preliminares e faça sexo.
esquete: rindo.
solicitador: advogado.
som: outra maneira de dizer saúde/uma pessoa decente.
chave inglesa: idiota.
batatas .
parar a bola: segurar firme.
enfie o Mickey na orelha e tente enfiar um pouco de juízo na cabeça: vá em frente.
pare de chorar ou eu vou te dar um motivo para chorar: um aviso de mãe.
strop: mudança de humor/beicinho/amuado.
St. Bernadette's: nome da escola primária só para meninas de Aoife, Casey e Katie.
Dia de Santo Estêvão: Boxing Day/26 de dezembro.
swot: nerd/dotado academicamente.
dar uma olhada: dar uma olhada/andar.
isso é ótimo: isso é legal.
essas são as frutas: isso é ótimo.
tem um gosto feroz naquele sujeito: esse garoto é um patife.
a maré não a levava: uma pessoa feia.
ligar o aquecimento: ligar o aquecimento central da casa.
no poste/poled: grávida.
equipamento de casamento: pênis.
Bom, foda-me de lado: estou chocado.
galochas: botas de borracha usadas na chuva.
O que tem no menu? Café da manhã, almoço e jantar: cunnilingus.
lixeira: lata de lixo.
onde você nasceu em um campo: feche a porta.

whisht: fique quieto.
você irá embora com ele: você o beijará.
você vai conhecer meu amigo: você vai beijar meu amigo.
você vai movê-la: você vai beijá-la.
seja sábio: comporte-se
com seu rapaz para fora: com seu pênis em exposição.
yer: seu.
yer wan se levantaria em uma lâmina de barbear: uma mulher promíscua.
jugo: coisa.
gema: apelido para uma droga ilegal.
seu grande e irresponsável idiota: você é estúpido.
você fez uma besteira: você estragou tudo.
você é uma boa porta, mas uma janela ruim: saia do meu caminho.
você colocou o coração em mim: você me assustou.
você é tão útil quanto peitos de touro: chamar alguém de inútil.
você é tão mesquinho quanto uma toca de pato: você é mesquinho.
seu wan: aquela mulher.

PARTE 1

Os anos de formação

12 DE JUNHO DE 1991

Lizzie

“O QUE HÁ DE ERRADO COM ELA? ”
"Nada." Mamãe continuou me aconchegando no peito. "Ela é perfeita."
"Por que ela não está falando agora?" Caoimhe não parecia feliz. Ela também não parecia feliz. "Lizzie tem três anos, mãe. Três. E ela não está fazendo nada do que deveria."
"Ela está bem, Caoimhe", disse a mamãe, com uma voz ainda mais alegre. "Ela vai se recuperar." Ela me beijou na bochecha e eu me aconcheguei em seu peito. Eu adorava o cheiro dela e o jeito como ela me abraçava forte. Eu gostava de encostar a orelha no peito dela e ouvir seu coração bater forte .
Baque, baque, baque .
Sorri e toquei o rosto dela. Ela tinha o rosto mais lindo. Tinha olhos gentis. Eram azuis, iguais aos meus. Eu conhecia a cor. Eu conhecia todas as cores e queria contar isso para minha irmã. Eu simplesmente... não conseguia fazer as palavras saírem .
Minha voz não funcionava .
"Você acha que ela é lenta?", perguntou Caoimhe, com um tom triste, e eu queria fazê-la se sentir melhor, porque eu não era lenta na corrida. Eu era super rápida. "Ela precisa, tipo, de uma escola especial ou algo assim?"
"Esta não é uma conversa para ouvidos pequenos." A voz da mamãe estava irritada agora, e eu não gostei. Afundando-me mais, escondi meu rosto em seu cardigã. "Então, por favor, vá fazer sua lição de casa. Podemos conversar sobre isso hoje à noite, quando seu pai chegar em casa."
“Eu quero ir para casa.”
“Estamos em casa, Caoimhe.”
"Não, eu quero voltar para a nossa verdadeira casa", gritou ela. "Eu odeio a Inglaterra, mãe. Não tenho amigos, e todo mundo na escola me provoca pelo meu jeito de falar."
"Eles são idiotas", disse a mamãe. "Ignore-os."
"É fácil para você dizer isso", disse minha irmã antes de se virar para mim. "Você estragou tudo", gritou ela. "Queria que você nunca tivesse nascido."
“Caoimhe!”
“Não me arrependo, mãe, porque é verdade!”
"Olha pra mim, menina linda", disse a mamãe depois que minha irmã saiu pisando duro do quarto. "Mostra esses olhos grandes e azuis."
Eu fiz .
"Aí está você." Sorrindo calorosamente, ela tirou meu cabelo do rosto. "Você é perfeita, ouviu?"
Eu assenti .
"Você é meu bebê, e eu sempre cuidarei de você." Ela fez cócegas no meu queixo e sorriu. "E você nunca deve deixar ninguém te fazer sentir que há algo errado

com você." Ela fez cócegas no meu queixo novamente. "Você me entendeu, Lizzie?"
Eu assenti novamente .
"Ótimo." Ela sorriu novamente. "Eu te amo, querida."

31 DE OUTUBRO DE 1991

Lizzie

" SEJA NORMAL QUANDO MEUS AMIGOS vierem ", DISSE C AOIMHE . " NÃO FAÇA NADA vergonhoso, ok?" Ela se virou para me olhar. "Nada de ataques de gritos ou de se jogar no chão."
Assenti em sinal de compreensão.
"Meu Deus." Ela balançou a cabeça. "Queria que você ao menos falasse, Lizzie!"
Dei de ombros.
"Como eu vou saber que você me entende se você não *fala* ?"
Eu não gostava quando a deixava brava.
Isso me fez sentir mal.
Isso fez meu rosto ficar quente.
Isso fez com que minhas unhas ficassem ásperas.
"Não", alertou Caoimhe, voltando sua atenção para minhas unhas ásperas. Ela se levantou da penteadeira e foi até a cama. "Você não tem permissão para fazer isso." Agachando-se na minha frente, ela segurou minhas mãos e olhou nos meus olhos. "Você *não tem* permissão para se machucar."
Desculpa , eu queria contar a ela. *Não sei como fazer isso parar* .
Em vez disso, levantei a mão e toquei sua bochecha.
Seus olhos azuis começaram a lacrimejar. "Por favor, fale comigo." Fungando, ela me pegou no colo e me apertou contra o peito. "Por favor, Liz, só uma palavra. Eu imploro."
Estou tentando .

12 DE NOVEMBRO DE 1991

Lizzie

“ CONSIDERANDO SUAS FREQUENTES EXPLOSÕES DE VIOLÊNCIA NA CRECHE E LEVANDO EM CONTA o forte histórico familiar, gostaria de iniciar um plano de tratamento para Elizabeth.”
“Quando você fala em tratamento, você está falando em aconselhamento?”
“É medicação.”
"Ela tem três anos e meio", mamãe disse, estrangulada. "Todas as crianças de três anos fazem birra, pelo amor de Deus."
"Não são birras, Catherine, e você sabe disso", respondeu papai. "Diga-nos diretamente, doutora. Qual é o diagnóstico?"
“É muito cedo para dizer.”
"Mas você tem uma teoria, não é?", ele insistiu. "Você acha que ela tem, não é?"
"Não necessariamente, mas há evidências que sugerem que Elizabeth está tendo episódios psicóticos. O que me preocupa é a falta de consciência dela e os frequentes episódios de apagão." Ele girou uma caneta entre os dedos. "Ela parece não se lembrar do que faz."
"Você não sabe disso", retrucou a mamãe, alisando meu cabelo com a mão. "Você só vai saber quando ela começar a falar."

21 DE DEZEMBRO DE 1991

Lizzie

"ISTO É UM AVIÃO ", MAMÃE EXPLICOU, ACENANDO A MÃO À NOSSA FRENTE. "Vai nos levar de volta para a Irlanda."
Estreitei os olhos.
Eu *sabia* o que era um avião.
"Não me olhe assim", ela riu. "Como eu vou saber que você sabe dessas coisas?"
Lancei-lhe outro olhar, dizendo com os olhos que eu não era idiota.
"Tá bom, tá bom", ela riu, erguendo as mãos. "Desculpa por duvidar de você, querida."
Eu sorri.
“Ah, você gosta de me surpreender, não é?”
Eu sorri.
"Garota esperta", elogiou ela, passando o braço em volta dos meus ombros. "Você é afiada como uma navalha aí dentro, não é?"
Concordando, olhei para onde papai estava sentado com Caoimhe e franzi a testa.
Eu sabia que eles estavam bravos comigo.
Eu simplesmente não sabia por quê.
"Não se preocupe", ela sussurrou, apertando o braço em volta de mim. "Eles também te amam, querida. Assim como a mamãe te ama."

6 DE JANEIRO DE 1992

Lizzie

"NÃO " , ARGUMENTOU C AOIMHE . " DE JEITO NENHUM . NÃO VOU MUDAR DE ESCOLA DE NOVO. "
"Caoimhe, querida, já conversamos sobre isso. Por favor, tente entender."
"Eu não vou me mudar de novo, porra", ela gritou. "Tenho amigos no St. Joseph's, e você prometeu que eu poderia voltar para a minha antiga escola quando voltássemos para casa." Ela balançou a cabeça e recuou em direção à porta. "Você prometeu, mãe!"
"Nós tentamos, Caoimhe", disse a mamãe, com uma expressão triste. "Mas a diretora disse que não é possível te matricular novamente. Eles não têm vagas, querida."
"Não é justo", gritou minha irmã, soluçando alto. "Minha vida acabou!"
"Não diga isso", disse Mamãe, tentando persuadi-la. "Você será tão feliz quanto lá em Santa Teresa."
"Mas é uma escola só para meninas", gritou Caoimhe. "Administrada pelas freiras."
“É só por um ano e meio, e depois você vai para o ensino médio e reencontra todos os seus velhos amigos.”
"Eu te odeio pra caralho!", gritou Caoimhe. Eu ainda estava sentado no degrau quando ela passou por mim. "Sai da frente", gritou ela, me empurrando com o pé. "Você está sempre atrapalhando, Lizzie!"
"Caoimhe!", gritou a mãe, seguindo-a. "Não ouse descontar na sua irmã!"
Eu queria dizer a ela que sentia muito, mas não consegui dizer as palavras.
"Não é sua culpa, Lizzie." Mamãe sorriu e se agachou na minha frente. "Você não fez nada."
Levantei a mão e segurei seu rosto com a minha mãozinha.
Fungando, ela fechou os olhos e cobriu minha mão com a dela. "Não estou chorando, querida", disse ela, respondendo à pergunta que eu tinha na cabeça.
Ela era.
Eu podia sentir a umidade na minha mão.
"Seja uma boa menina e vá para a cama agora." Quando abriu os olhos, ela estava com um sorriso enorme. "E lembre-se de que a mamãe te ama muito."
Eu também te amo, mamãe .

10 DE FEVEREIRO DE 1992

Lizzie

“O QUE HÁ DE ERRADO COM ESSA CRIANÇA !”
“Mike, ela não entende.”
"Ela está perturbada, Catherine. Até um cego consegue ver isso."
“Como você pode dizer isso sobre alguém da sua própria carne e sangue?”
"Não aguento mais, Catherine. Me desculpe."
"Você é um covarde de merda, é por isso."
“Está me matando vê-la assim.”
"E você não acha que isso está me matando, Mike? A diferença é que eu nunca a deixaria."
“Não vou deixá-la, mas preciso sair desta casa ou vou enlouquecer junto com ela.”
"Que pai você é, virando as costas quando as coisas ficam difíceis."
“Catarina.”
"Então vá! Fuja, Mike. É melhor ficarmos sozinhos do que com um covarde covarde."

9 DE JUNHO DE 1992

Lizzie

“ FELIZ ANIVERSÁRIO PARA VOCÊ, FELIZ ANIVERSÁRIO PARA VOCÊ, FELIZ ANIVERSÁRIO PARA L IZZIE , feliz aniversário para você.”
Meus pais e Caoimhe se reuniram em volta de mim, sorrindo e cantando canções de aniversário.
Isso me fez sentir feliz.
Eu gostei.
Papai até sorria enquanto tirava fotos com a câmera.
"Apague as velinhas", disse a mamãe, apontando para o bolo de aniversário rosa à minha frente. "E faça um pedido, querida."
Inclinando-me para frente, respirei fundo e soltei o ar o mais forte que pude.
Quando as chamas das velas se apagaram, todos aplaudiram.
Para mim .
Eu sorri alegremente.
"Ela ao menos sabe que é aniversário dela?", perguntou Caoimhe, e isso me deixou irritada. Claro que sabia. Eu tinha um bolo de aniversário, não tinha? Ela riu antes de acrescentar: "Ela provavelmente nem sabe quantos anos vai fazer."
Colocando as mãos na cintura, virei-me para minha irmã e a encarei. "Quatro."
Os olhos de Caoimhe se arregalaram de surpresa. "O que você acabou de dizer?"
"Quatro", repeti, ainda irritado com ela. "Não sou bobo." Apontei para as velas no meu bolo. "Um, dois, três, quatro."
Agora, mamãe e papai estavam olhando para mim com olhos grandes e arregalados.
“Ela acabou de…”
“Sim, ela definitivamente fez.”
"Oh meu Deus."
“Ela sabe falar.”
"Deixa pra lá. Ela sabe contar."
"Diga mais alguma coisa", ordenou Caoimhe, parecendo animado. "Vamos, Liz, diga mais alguma coisa."
Franzi a testa para ela. "Tipo o quê?"
"Meu Deus!", gritou Caoimhe, pulando de um pé para o outro enquanto batia palmas. "Ela realmente me respondeu!"
Eu sempre a respondia, mas ela simplesmente não conseguia me ouvir.
Nenhum deles conseguiu.
"Estou falando alto?", perguntei, confusa. "Você consegue me ouvir?"
Todos os três concordaram.
Eles pareciam tão felizes.
Eles estavam sorrindo para mim.
“Qual é o meu nome?”, perguntou minha irmã, ainda pulando.
“Caoimhe Young.”

"Meu Deus", ela gritou, batendo palmas novamente. "Qual é o seu nome?"
“Lizzie Young.”
Minha irmã gritou animadamente antes de apontar para nossos pais. "E quem são eles?"
"Mamãe e papai", respondi, franzindo a testa ao ver que os dois choravam. "Vocês estão tristes?"
"Não", papai disse com a voz engasgada, me abraçando. "Estamos felizes."

11 DE OUTUBRO DE 1992

Lizzie

"ELA ARRUINOU MINHA VIDA !" C AOIMHE GRITOU . " NUNCA MAIS PODEREI MOSTRAR MINHA CARA NA ESCOLA ."
“Caoimhe!”
“Todo mundo está falando de mim.”
“Não, não são.”
“Sim, são, mãe, e é tudo culpa dela.”
“Caoimhe, por favor.”
“Não vou à escola amanhã se ela estiver lá.”
"Você está na sexta série, Caoimhe. Sua irmã está na pré-escola. Vocês estão em lados opostos da escola."
"Não me importa! Não vou se ela estiver lá."
“Ah, sim, você é.”
"Ela nem devia estar na minha escola porque tem alguma coisa errada com ela!" Jogando a mochila no chão, ela se virou para me encarar. "Por que você teve que vir para a minha escola?" Soltando um grito furioso, ela olhou para os nossos pais. "Por que vocês não a mandaram para outro lugar?"
"Caoimhe, você precisa se acalmar", disse mamãe, se colocando entre nós. "Ela só tem quatro anos, querida, e já deu uns passos largos este ano. Não fique brava com ela."
"Com raiva dela?" Os olhos de Caoimhe se arregalaram. "Eu a odeio pra caramba, mãe!"
“Caoimhe!”
"Ela é uma maluca, senhora."
“Não ouse chamar sua irmã dessa palavra.”
"Por que não? É a verdade. Metade do tempo ela é muda, e na outra metade, ela grita sem parar e ataca qualquer um que se aproxime dela." Minha irmã jogou as mãos para cima e gritou. "Ela atacou outra criança na sala de aula, pelo amor de Deus. O irmãozinho da minha amiga! Ela tirou sangue. Você não pode, honestamente, achar que isso é um comportamento normal."
"Chega!" Era o papai. Ele se aproximou e passou o braço em volta do ombro da mamãe. "Não levante a voz para a sua mãe. Você sabe que ela não está bem."
"É, de outra praga que ela trouxe para nossas vidas", disparou Caoimhe. "Primeiro Lizzie e agora câncer!"
"Não ouse dizer isso da sua mãe!", rugiu o papai. Ele levou a mamãe até a poltrona e a ajudou a se sentar antes de se virar para Caoimhe.
Enquanto isso, fui direto para minha mãe, sentindo-me assustada, irritada e preocupada ao mesmo tempo. Subindo em seu colo, aconcheguei-me em seu peito, mas agora parecia diferente. Plano e ossudo. Não macio como antes.
"Está tudo bem", sussurrou a mamãe, me abraçando. Sua pele parecia amarela agora, não a cor de pêssego de antes, e sua cabeça estava brilhante e careca.

"Bem, eu estava te dando uma folga porque entendo o quanto os últimos anos foram difíceis para você, mas você passou dos limites, mocinha", disse papai a Caoimhe. "Eu entendo suas frustrações e sinto muito por você, mas descontar na sua mãe doente não é a maneira de lidar com isso, Caoimhe."
Desabando na frente dele, minha irmã cobriu o rosto com as mãos e gritou: "Eu queria estar morta!"

4 DE NOVEMBRO DE 1992

Lizzie

"L IZZIE, QUERIDA, VOCÊ ESTÁ ACORDADA ?" MAMÃE ENTROU NO MEU QUARTO E SUSPIROU ao me ver ainda na cama. "Nós conversamos sobre isso." Fechando o espaço entre nós, ela se sentou na beira da minha cama e acariciou meu cabelo delicadamente. "Você tem que acordar para ir à escola, querida."
"Estou tão cansado", resmunguei, sentindo como se meus braços e pernas não funcionassem mais.
"Isso porque seu corpo está se acostumando com o novo medicamento", explicou a mamãe. "Você vai se sentir melhor logo."
“Não quero mais ser eu.”
“Por que você diria isso?”
“Porque eu sou mau.”
"Você não é má, querida."
"Sim, estou." Pisquei para conter as lágrimas que me enchiam os olhos. "É por isso que você me deu esses comprimidos. Ouvi Caoimhe e papai conversando sobre isso. É porque eu sou louca."
"Não, Lizzie, não." Mamãe segurou meu rosto com as mãos. "Você não é louca, querida. Está me ouvindo? Você é perfeita do jeito que é."
"Então por que me odeiam?", solucei, virando o rosto. "Por que todo mundo me olha estranho?"
“Eles não te odeiam, querida, e ninguém te olha estranho.”
"Fazem sim." Funguei. "Eu sei."

27 DE NOVEMBRO DE 1992

Lizzie

Encolhido como uma bola no sofá da sala de estar , cobri meus ouvidos e tentei bloquear os gritos, mas ainda conseguia ouvi-los.
"É para o seu bem, Catherine", gritou papai da cozinha. "Confie em mim, eu já passei por isso antes."
"Eu não me importo", respondeu a mãe. "Não vou medicar essa criança nem mais um dia."
“Ela precisa da medicação.”
"Ela precisa de uma infância!", gritou mamãe. "Ela é nosso bebê, nossa criança, e eu me recuso a continuar com essa farsa."
"Quer falar de farsas, Catherine? Sério?"
"Ela não vai tomar mais nenhum comprimido. Está me ouvindo? Para agora mesmo."
"E quando ela agir de novo? E depois?"
"Nós cuidaremos disso."
"Não vou tirar Caoimhe de lá de novo", alertou ele. "Não é justo com a nossa outra filha. Você se lembra dela, não é?"
“Isso não é justo, e você sabe disso.”
“Não, o que não é justo é viver a minha vida toda do jeito que vivi e ter que repetir o ciclo novamente.”
“O que deveríamos fazer?”
"Bem, eu sei o que você devia ter feito!", ele rugiu. "Você devia ter, porra..."
"Meu Deus, para! Estou ouvindo você lá de cima." Era Caoimhe. "O que houve?"
“Sua mãe acha que é uma boa ideia tirar os remédios da sua irmã.”
"Você está louca?", era Caoimhe. "Mãe, ela tem que tomar."
"Não comece."
"Ela é humana de verdade quando está com eles, mãe. Tire-a deles e ela voltará a ser um monstro selvagem."
“Caoimhe!”
“Desculpe, mas é verdade. Papai tem razão. Ela precisa tomar aqueles comprimidos. Os próprios médicos disseram. Vários médicos, mãe. Várias vezes.”
"Talvez não estejamos encarando isso da maneira certa", acrescentou o pai. "Talvez um internato seja a melhor opção para ela."
“Eu não vou mandá-la embora.”
“Não permanentemente.”
"De jeito nenhum. Isso não vai acontecer!"
Levantando-me com dificuldade, corri escada acima para o meu quarto o mais rápido que pude. Fechei a porta silenciosamente e afundei no chão, com a mão ainda segurando a maçaneta circular.

Eu tive que fazer minha família me amar.
Se eu não fizesse isso, eles iriam me mandar embora.
"Pare de lutar contra isso", ordenou uma voz na minha cabeça, e estremeci quando a imagem turva do rosto de uma mulher surgiu diante dos meus olhos. *"Simplesmente desista. Tudo vai melhorar então."*
Oh não.
A voz estava de volta.
A voz assustadora.
Aquele que me fez molhar a cama.
Aquele que me fez lutar.
Tapando os ouvidos com as mãos, cantarolei alto para abafar o som.
Eu tive que fazer a voz desaparecer.

25 DE DEZEMBRO DE 1992

Lizzie

"EU SABIA QUE VOLTAR PARA CASA ERA UMA MÁ IDEIA, MIKE . EU SABIA QUE ESTÁVAMOS PROCURANDO CONFUSÃO, e eu estava certo!"
"Calma, Catherine. Você não pode se deixar abalar assim. Você está no meio da quimioterapia, querida. Precisa ir com calma."
"Como, em nome de Deus, eu vou conseguir me acalmar com aquela mulher na minha casa? Não consigo respirar pensando no que poderia ter acontecido hoje, Mike!"
Dei descarga, subi no degrau de elevação colocado em frente à pia, aquele que me ajudou a alcançar a torneira, e peguei a barra de sabão laranja.
"Tentei te avisar na Inglaterra, mas você não quis me ouvir. Você estava decidido a fazer as coisas do seu jeito quando eu implorei para não fazer. Agora, você está tendo um vislumbre de como era a vida para mim, e como será a vida para nós."
“Não pense assim!”
"Não consigo evitar. Consigo vê-lo descendo pelos trilhos como um trem de carga, e estamos presos."
"É uma chance pequena, Michael, não uma garantia. Então não ouse jogar isso na minha cara. Como ousa ficar ressentido comigo por fazer a coisa certa?"
“A coisa certa para quem?”
“Pela nossa família!”
“Talvez para você, mas nunca foi a coisa certa para mim.”
“Como você pode ficar aí e me dizer isso?”
"Porque é assim que eu me sinto, Catherine. Essa é a minha verdade. Eu não tive a oportunidade de opinar sobre nada disso porque você tirou as minhas escolhas!"
Liguei a água e ri quando o sabão escorregou entre minhas mãos, como um peixe escorregadio.
"Temos que nos mudar, Michael. Não podemos mais ficar aqui. Ela é muito perigosa."
"Não vou me mudar de novo. Esta é a casa da minha família, Catherine. A casa onde meus pais me criaram. É aqui que eu pertenço."
“Bem, estou voltando para Cork, para a casa da minha família, onde eu pertenço, onde aquele monstro não pode nos encontrar!”
"De volta para o nada em Ballylaggin? E onde você espera que eu trabalhe? Ou espera que eu arrume a fazenda da minha família e a leve comigo?"
"Você sabe que eu tenho dinheiro, Michael. Isso nunca foi algo com que tivemos que nos preocupar. Pelo amor de Deus, os netos dos nossos filhos nem vão precisar se preocupar. Meu pai cuidou disso quando me deixou a herança da família em testamento."
"Eu não vou viver às custas da riqueza geracional da sua família, Catherine."

“Mas é perfeitamente aceitável que vivamos da fazenda que você herdou do seu pai?”
"Você já pensou na educação da Caoimhe? Ela está na metade do sexto ano e já mudou de escola três malditas vezes, sem contar o que outra mudança fará com a Elizabeth. Você ouviu o que a professora dela disse. Ela mal consegue lidar com as crianças do primeiro ano, e deixa as outras crianças apavoradas com seus ataques."
“Isso se chama trauma, Michael, e você, mais do que ninguém no mundo, deveria entender como ela se sente.”
“Não vá lá…”
"Ela é uma garota extremamente inteligente, e você saberia disso se lhe dedicasse um minuto do seu tempo. Você se lembra de pelo menos uma Das muitas coisas positivas que a professora da nossa filha tinha a dizer sobre ela? Não, claro que não, porque você só ouve coisas negativas quando se trata da Lizzie."
"Você pode me culpar?"
"Como você ousa! Não há nada de errado com a nossa filha, mas há algo muito errado com o pai dela. Que covarde você é, deixando o medo te impedir de amar a nossa menininha."
"Isso é incrível, vindo de uma mulher que nunca passou pela minha cabeça."
"Caso você tenha esquecido, sou eu quem está cuidando da Lizzie. Sou eu quem a leva a todas as consultas, não você."
“Eu paguei todos os médicos que você levou ela, não é?”
"E eu já disse que tenho dinheiro mais do que suficiente para pagar por eles. Ser pai é muito mais do que assinar cheques."
Cantarolando baixinho, lutei com o sabonete, tentando amassá-lo entre as mãos. Meus olhos me fitavam no espelho e eu franzi a testa. Eu não gostava de olhar para os meus olhos por muito tempo. Eles me assustavam quando mudavam de cor. Eles falavam comigo quando escurecia. Dentro da minha cabeça. Sussurros, sussurros, sussurros.
"E você estava planejando deixar o câncer para trás quando se recuperar? Hum? Porque você está na metade da terceira rodada de quimioterapia e não está em condições de sair de casa, muito menos do condado!"
“Eles também têm hospitais em Cork, sabia, e pelo menos aquela criatura horrível não vai nos encontrar na minha cidade natal.”
"Não vou me mudar de novo, Catherine. Eu me recuso."
"Tudo bem, se você quer ser teimosa e ficar aqui cuidando da sua fazenda, então vá em frente. Mas eu vou para casa, onde é seguro, e vou levar nossas meninas comigo."
“Olha, podemos conversar sobre isso com calma antes de agirmos precipitadamente?”
"O que há para falar? Aquele monstro nos encontrou, levou meu filho, e eu vou embora antes que ela possa fazer isso de novo."
"Sim, mas ela não a machucou. Ela a levou por algumas horas e a trouxe de volta."
"Sem avisar a mãe dela que ela ia levá-la! Meu Deus, Michael, as meninas nem conhecem a mulher. Você não entende o quão perigoso isso era? Qualquer coisa

poderia ter acontecido com a Lizzie!"
"Liz?", Caoimhe colocou a cabeça pela porta do banheiro e sorriu. "Aí está você."
Franzi a testa quando a vi. Ela nunca sorria para mim. Estava sempre zangada comigo.
"Nada aconteceu. Ela a trouxe de volta sem nenhuma marca."
O sorriso de Caoimhe se transformou em um sorriso triste. "Vamos." Ela estendeu a mão para mim. "Venha comigo."
“Por quê?” perguntei, sentindo-me confusa.
"Desta vez. O que acontece da próxima vez? E se ela mudar de ideia e decidir..."
"Porque eu quero brincar com você", disse ela, abrindo um sorriso enorme. "Depressa."
Animada, joguei o sabonete escorregadio na pia e fechei a torneira antes de pular. Secando as mãos no pijama, segui minha irmã pelo corredor até o quarto dela.
Caoimhe tinha quase doze anos, o que significava que tinha uma cama grande como a dos nossos pais. Eu tinha quatro anos e ainda tinha que dormir numa cama pequena, mas não me importava porque ainda conseguia dormir com todos os meus ursinhos.
"Você está bem?", ela perguntou, esperando que eu entrasse antes de fechar a porta atrás de nós. "Você não estava ouvindo isso, estava?"
"A mamãe está brava", respondi, indo direto para a cama gigante dela. Caoimhe nunca mais me deixou entrar no quarto dela, desde que comecei a pré-escola e ela sempre estava brava comigo, então eu estava animada por estar ali agora. "O papai também está bravo."
"É, eu sei." Ela foi até o aparelho de som e o ligou. Quando a música familiar começou a soar nos alto-falantes, eu sorri.
"Esta é a minha favorita", eu disse a ela, sentando-me de pernas cruzadas no meio da cama. Antes de eu começar a escola, ela costumava me deixar ficar com ela o tempo todo. Foi assim que eu soube de todas as estrelas pop e cantoras.
"Eu sei." Ela olhou por cima do ombro e sorriu para mim. "Você se lembra do nome da banda, não é?" Seu tom era provocador agora. "É melhor você não ter esquecido o nome da melhor banda do mundo."
"Fleetwood Mac", eu disse, orgulhoso, antes de apontar para o aparelho de som. "E esse é o álbum deles, chamado *Rumours* ." Ela tocava o tempo todo e eu sabia a letra das músicas melhor do que as orações que aprendia na escola.
"Excelente", elogiou ela, aumentando o volume quando os gritos lá de baixo ficaram mais altos. "E quem é a nossa rainha bruxa?"
“Stevie.”
“E o nosso rei da guitarra?”
“Lindsey.”
O sorriso de Caoimhe se alargou. "E qual é a minha música favorita?"
“Deslizamento de terra.”
“E da mamãe?”
“'A Corrente.'”
“E qual é a sua?”
“'Silver Springs.'”

"E quem mais amamos?" Minha irmã apontou para a camiseta que estava usando, aquela com o rosto sorridente. Ela estava Ela também usava uma calça jeans larga com buracos nos joelhos, e seus pulsos estavam cobertos de pulseiras e braceletes. Ela também tinha um pingente de prata em forma de lua no pescoço, e eu queria ficar igual a ela quando crescesse. "Vou te dar uma dica", disse Caoimhe, ainda apontando para a blusa. "Começa com Nir..."
"Nirvana!", completei, animada porque ela parecia tão feliz comigo. Eu gostava quando as pessoas estavam felizes comigo. Isso me dava uma sensação de quentura na barriga, não como a sensação de calor que eu sentia quando as deixava tristes. Como o papai. Ele sempre ficava triste quando olhava para mim, e isso não era nada bom. Nada bom.
“Eu sou mau, Caoimhe?”
"O quê?" Minha irmã franziu as sobrancelhas e me lançou um olhar estranho. "Onde você ouviu isso?"
Dei de ombros. "Não sei."
"Não, Liz." Caoimhe soltou um longo suspiro e subiu na cama comigo. "Você não é má." Suas mãos estavam quentes quando me puxaram para o seu colo, mas sua voz era triste. Isso fez a sensação de queimação aumentar. Aquela que me dava vontade de gritar. Aquela que me dava vontade de coçar a pele. "Você é só complicada."
"Por que você não me quer na sua escola?" Virei-me no colo dela para olhá-la. "Você me odeia?"
"Não", ela sussurrou, parecendo supertriste. "Eu só fico frustrada, só isso."
"Por minha causa?"
Ela assentiu.
"Desculpe."
"Não, Liz, me desculpe." Seus braços se apertaram em volta de mim, me fazendo sentir aquecida e feliz. Fazendo a pressão ardente e coceira na minha garganta desaparecer. "Preciso ter mais paciência com você."
“O papai me odeia?”
"Não." Ela me puxou para mais perto. "Ele só está preocupado por causa do vovô e da Nell."
"Quem é Nell?"
"Lembra daquele esquisitão que apareceu para o jantar hoje com os presentes de Natal?", ela me acomodou entre as pernas e soltou meu cabelo do rabo de cavalo. "Aquele com quem a mamãe ficou chateada por te levar ao rio?"
Pensei na senhora que veio à nossa casa hoje e sorriu: "Alimentamos os patos."
"É a irmã do papai." Ela continuou a escovar meu cabelo com os dedos. "Nell."
"Eu não sabia que o papai tinha uma irmã", respondi. "Ela nunca veio aqui antes."
"É porque a irmã dele é uma louca de pedra", explicou Caoimhe, trançando meu cabelo. "Assim como o pai dela era antes de morrer."
"O pai dela?"
“Vovô Young.”
"O que é um lunático?"
"Alguém que é louco e ouve vozes", suspirou Caoimhe. "Foi por isso que o vovô se afogou no rio quando o papai era criança. As vozes disseram para ele pular."

"Mas eu ouço vozes." Meus olhos se arregalaram. "Estou ouvindo sua voz agora mesmo."
"Vozes de verdade", Caoimhe riu, ainda mexendo no meu cabelo. "Vozes de mentira." Ela cutucou minha têmpora com o dedo. "Dentro da sua cabeça."
"Mas a moça não estava me esbravejando", respondi, franzindo as sobrancelhas. "Ela não estava falando com nenhuma voz enquanto alimentávamos os patos."
"Provavelmente porque ela estava ocupada demais pensando em um jeito de *te dar de comer* aos patos", respondeu ela, agora parecendo preocupada. "Você tem sorte que ela não te jogou na água."
“Mas eu ainda não sei nadar.”
"Eu sei." Sua voz estava triste novamente. "É por isso que a mamãe está tão chateada. Ela achou que você não voltaria hoje."
“Porque a senhora me levou para alimentar os patos?”
"Porque ela te levou para o rio." Caoimhe estremeceu. "Você nunca deve ficar sozinho com ela."
"Nunca?"
“Nunca, jamais. E se ela voltar e tentar te levar embora, você tem que correr, Liz.”
"Correr?"
"Corra." Terminando minha trança, ela me virou para encará-la. "O mais rápido que puder."
"Como as vozes chegaram até o vovô e a moça?", perguntei, aproximando-me da minha irmã.
"Não sei." Ela deu de ombros. "Acho que eles simplesmente nasceram com isso."
"Eles podem melhorar?" Aconchegando-me em seu peito, estendi a mão e toquei sua bochecha; meu jeito favorito de me aconchegar. "Os médicos podem tirar as vozes?"
“Bem, o vovô está no céu com Deus agora, então ele não está mais sofrendo.”
"Sofrimento?"
“Quero dizer, as vozes sumiram e ele está totalmente melhor.”
“Deus Santo curou o vovô?”
"Sim", ela respondeu. "Porque quando você vai para o céu, toda a sua dor desaparece."
Eu sorri para mim mesmo.
Essa foi uma boa ideia.
"O papai também ouve as vozes? É por isso que ele fica tão bravo comigo?"
"Não, o papai está bem." Ela suspirou profundamente. "E ele não está bravo com você, eu prometo. Ele está paranoico de que a história se repita. Ele só está com medo, só isso."
"De mim?"
"Não, Liz, ele não tem medo de você. O papai só... É muito complicado, e você é pequena demais para entender qualquer coisa disso." Suspirando fundo, ela acariciou minha bochecha com o polegar e sorriu novamente, mas desta vez parecia ainda mais triste. "Quando você for adulta, eu te explico tudo."
“Mas eu quero saber agora.”
“Confie em mim, você não.”

"Mas você não é adulta", apontei. "Então como é que você fica sabendo?"
"Porque eu aprendi da maneira mais difícil." Ela parecia triste novamente. "Queria não ter que saber de nada disso."
"E a moça?", perguntei então. "Ela quer ir para o céu para que Deus Santo possa fazer as vozes desaparecerem? Como o pai dela?"
“Não, porque quando Nell estava no hospital, os médicos encontraram uma maneira de manter as vozes afastadas.”
"Como?"
“Dando-lhe um remédio especial.”
“Então ela está melhor?”
"Não, Liz, ela não está", murmurou Caoimhe. "Porque ela não aceita."
Pensei no remédio no armário do banheiro, no frasco com o nome *Elizabeth Young* , e em como a mamãe pegava um todo dia e me dava. "Será que estou doente como a moça?" A sensação de calor cresceu dentro de mim, engolindo a excitação anterior. "Tem algo errado comigo, não é?"
Eu sabia que havia.
Eu também ouvi as vozes.
Eles sussurravam em meu ouvido quando eu estava sozinho na cama à noite.
"Não." A voz de Caoimhe soou dura agora. Ela parecia irritada. Como o papai. "Esses comprimidos são para dores de crescimento, boba."
"Não." Balancei a cabeça. Eu sabia como eram os comprimidos para dor de crescimento. "Os comprimidos para dor de crescimento são rosa."
Minha irmã estava mentindo.
Eu não gostei.
Fiquei tonto.
“Liz.”
"Eu também os ouço, Caoimhe." Levantei-me de um salto para olhá-la, sentindo uma coceira no corpo todo. "Eu também vejo coisas. Quando estou dormindo. O monstro vem me levar. Ele continua me empurrando para baixo com suas unhas afiadas..."
"Lizzie, você precisa parar de falar", ela avisou, cobrindo minha boca com a mão. "Nunca mais diga isso em voz alta." Ela me olhou com olhos raivosos. "Você está *bem* . Não há *nada* de errado com você. Você não ouve vozes. Você não está doente. A doença passou por você, assim como passou por mim e pelo papai. Você é só uma criança normal, e todas essas pequenas peculiaridades vão desaparecer."
Balancei a cabeça, sentindo-me confusa e com calor por todo o corpo.
Minha pele estava coçando.
Meus dedos estavam ásperos.
Eu podia sentir os gritos quentes na minha garganta.
"Não tem *nada* de errado com você", repetiu minha irmã, mantendo a mão sobre minha boca para me impedir de gritar. "Então é melhor você começar a agir como tal, senão vai acabar onde *ela* acabou."

31 DE DEZEMBRO DE 1992

Lizzie

"Já chegamos ?", perguntei do banco de trás do carro do papai . TREINANDO O PESCOÇO , tentei olhar por cima das caixas empilhadas ao nosso redor, mas não consegui ver meus pais.
"Se você fizer essa pergunta mais uma vez, eu abro a porta e te jogo para fora", resmungou minha irmã, dando uma cotovelada na minha lateral. O carro estava tão cheio de caixas que tivemos que sentar uma do lado da outra. Caoimhe estava tão perto de mim que seu cotovelo estava apoiado no meu. "Acho que eu preferia quando você era muda."
“Caoimhe!” Mamãe e papai repreenderam do banco da frente.
Ela me deu outra cotovelada antes de ligar o walkman e apoiar o braço em cima do meu. Ela aumentou o volume tanto que eu conseguia ouvir a música "Do They Know It's Christmas?" tocando alto nos fones de ouvido dela.
Estreitando os olhos, dei uma cotovelada em suas costas e coloquei meu braço sobre o dela antes de voltar minha atenção para a janela.
"Está nevando", gritei animadamente, com os olhos grudados nos flocos de neve brancos que caíam ao nosso redor. "Já chegamos?"
“Dê-me força”, papai murmurou baixinho, enquanto mamãe ria suavemente.
"Está vendo aquela placa, querida? Olhe pela janela."
Procurei até que meus olhos pousaram em uma enorme placa na beira da estrada.

Ballylaggin
Condado de Cork

"Estou vendo", exclamei, pulando no assento. "É isso? Chegamos?"
"Quase", respondeu a mãe, parecendo feliz. "Só mais alguns minutos no carro."
Encostei o rosto na janela, olhei para fora e sorri. A neve grudava no chão. Era lindo. "É daqui que você é, mamãe?", perguntei, avistando um grupo de crianças jogando bolas de neve umas nas outras em um parque.
"Sim, querida", respondeu mamãe. "Nasci e fui criada aqui em Ballylaggin."
“Ballylaggin.” Repeti a palavra lentamente, certificando-me de que a pronunciei corretamente.
Era uma cidade grande, com longas ruas de lojas e pubs. Luzes de Natal estavam por toda parte, nas janelas das casas e penduradas nas ruas. Bandeiras vermelhas e brancas pendiam em todas as lojas e em algumas casas também. A bandeira de Cork, eu me lembrava. Era a bandeira da mamãe. A bandeira do papai era azul e amarela, de Tipperary.
"Tem um cinema!", gritou Caoimhe. Tirando os fones de ouvido, ela se inclinou sobre mim e encostou o rosto na janela. "E um centro de lazer."
“Eu sei”, mamãe riu, parecendo mais feliz do que o normal.
“Tem piscina?”

"É", respondeu a mamãe. "E uma pista de boliche."
Papai continuou dirigindo até sairmos da cidade e voltarmos para o interior. Ele entrou em uma estrada menor e diminuiu a velocidade em frente a um portão gigante.
"Uau", Caoimhe ofegou, e então começou a ler a placa brilhante presa ao enorme pilar de pedra. "Old Hall House, Robin Hill Road, Upper Northwest, Ballylaggin."
"Robin Hill Road", ri baixinho, observando os portões se abrirem com um rangido. "Que engraçado."
Papai passou pela abertura, e eu podia ouvir o cascalho estalando sob os pneus. Ele seguiu por uma estrada sinuosa, com árvores dos dois lados, até chegarmos à casa.
"Chegamos", anunciou mamãe com outro suspiro de alegria quando papai estacionou o carro. "Bem-vindas, meninas."
Abri a porta do carro, mas Caoimhe subiu no meu colo e saiu primeiro. "Uau", ela sussurrou, girando em círculos. "Isso é nosso, pai?"
"Não", disse papai baixinho, contornando o banco do passageiro para abrir a porta da mamãe. "É da sua mãe."
"Bem, com certeza é muito melhor do que a fazenda", Caoimhe riu, ainda girando. "Lizzie, venha dar uma olhada."
Saindo do carro, corri até minha irmã, chutando cascalho enquanto corria para chegar até Caoimhe, que estava pulando uma cerca de madeira.
"Temos um pátio e um prado", ela respondeu animadamente. "E celeiros e estábulos." Ela pulou outro portão e gritou: "Meu Deus, temos um pomar!"
“É um palácio?” perguntei, ainda tentando passar pelo primeiro portão.
"Não, é uma propriedade", respondeu Caoimhe. "E é tudo nosso!"
"Meninas!", latiu papai. Ele estava parado em frente à casa grande, com o braço em volta da nossa mãe. "Venham aqui agora!"
Pulando do portão de madeira, corri de volta para meus pais, feliz demais para me importar que papai estivesse bravo de novo.
"É isso aí, meninas", disse a mamãe com um sorriso radiante ao girar a chave na porta gigante e o papai a abriu para ela. "Nossa casa de família."
"Caramba", disse Caoimhe, me empurrando para entrar na casa grande antes que eu pudesse. "Estamos ricos!"
Apressando-me para dentro, deslizei pelo hall de entrada ladrilhado, percorrendo cômodo após cômodo em busca da minha irmã. Havia tantos cômodos. Demais para contar. Na nossa antiga casa, tínhamos uma escada que subia para os nossos quartos, mas nesta casa, havia uma escada subindo e outra descendo, e depois outra subindo ainda mais.
Eu não sabia o que fazer com isso.
Perdida num labirinto de cômodos e corredores, finalmente encontrei meus pais na cozinha. Era a maior cozinha que eu já tinha visto na vida. Quando os vi sentados à mesa, fui até eles, mas parei quando percebi que Caoimhe também estava lá, falando de mim.
Escondido atrás da porta por onde havia entrado, escutei atentamente. Suas vozes estavam abafadas, mas eu ainda conseguia ouvi-las.
"Ela estará na pré-escola, e você na sexta série", mamãe dizia. "Vocês não

ficarão perto um do outro."
"Sacrifiquei tudo pela minha família, mas não consigo parar por aqui", respondeu Caoimhe. "Fiz tudo o que vocês me pediram. Vocês nos empacotaram e nos trouxeram para cá, e eu não resisti. Mas é aqui que tudo acaba."
“Caoimhe, *por favor* .”
"Eu amo minha irmã, de verdade", argumentou Caoimhe. "E entendo por que tivemos que fazer o que fizemos, mas vocês precisam me colocar em primeiro lugar desta vez. Não tenho a mínima chance de me adaptar se vocês a mandarem para o Sagrado Coração comigo."
“Concordo”, papai concordou.
“Miguel!”
"Caoimhe tem razão", disse ele em voz baixa. "É o mínimo que podemos fazer por ela, considerando tudo o que a fizemos passar."
"E a Lizzie? Hum?", questionou a mãe, parecendo chateada. "Quando as aulas recomeçarem, a gente simplesmente não manda ela?"
"Exatamente."
“Mas eu já a matriculei no Sagrado Coração.”
"Então eu vou cancelar a matrícula dela", respondeu o pai. "É para o seu bem, Catherine. Você sabe que é."
“Ela precisa ir para a escola, Michael.”
"E quando ela ataca outra criança?", Caoimhe disse, estrangulada. "E sou eu quem está todo mundo olhando porque tenho uma irmã maluca."
"Ela não é louca."
"Ela também não é normal, mãe", argumentou Caoimhe. "Se você realmente quer ajudar a Liz, deveria ouvir o papai sobre encontrar um internato para ela. Um que possa ajudar com ela..."
“Só por cima do meu cadáver!”
"Ela pode começar em setembro, quando Caoimhe tiver ido para o ensino médio", ofereceu o pai. "Isso nos dará bastante tempo para você se recuperar e conseguir a ajuda de que Elizabeth precisa."
A mãe começou a chorar. "Isso tudo é tão injusto."
"Não, o que é injusto é que nossas vidas sejam destruídas", disse papai com um suspiro cansado. "Já fizemos as coisas do seu jeito até agora, Catherine, mas concordo com Caoimhe nisso. Elizabeth fica em casa."

30 DE ABRIL DE 1993

Lizzie

"C AOIMHE , EU NÃO TIVE A SENTIDO ." Parada na porta do quarto da minha irmã , juntei as mãos e funguei. Queria dizer a ela que sentia muito por estragar a festa de aniversário dela, mas ela não me ouviu. "Eu não queria..."
"Sai daqui!", ela gritou, jogando uma lata de desodorante em mim. "Eu te odeio pra caralho, Lizzie!"
Cobri a boca com a mão para não gritar de novo. Como fiz na frente das amigas dela mais cedo. Não foi minha intenção. Não sabia por que aconteceu.
"Eu a odeio!", gritou Caoimhe, jogando-se de bruços na cama. "Queria que ela não estivesse aqui!"
"Não diga isso", disse um dos amigos da escola, enquanto acariciava seu ombro. Ele era o único garoto na festa. "Eu também tenho irmãos e irmãs mais novos, e eles fazem birra o tempo todo."
"Não como ela, eles não", lamentou Caoimhe em seu travesseiro.
"Você claramente não conhece o Joey", respondeu o garoto. "Shh, qual é, não é o fim do mundo."
"Não consigo nem fazer uma festa de aniversário sem que ela estrague tudo." Ela chorou ainda mais. "Queria que ela estivesse morta!"
Eu também .
"Ela puxou meu cabelo", tentei explicar, em meio às lágrimas. "Ela me machucou."
O menino se virou para me olhar. "Eu sei", disse ele com uma voz gentil. "Ela está dizendo a verdade, sabia?" Ele olhou para Caoimhe. "Eu vi Saoirse Murphy puxar o rabo de cavalo quando você estava soprando as velas do seu bolo."
"E isso dá a ela o direito de arrancar os olhos?", rosnou Caoimhe, sentando-se para me encarar. "Ela é minha amiga e você a fez sangrar." Ela conteve um soluço. "Pode esquecer se acha que o papai vai te mandar para a escola na cidade agora. Vai ter sorte se não for mandada para um internato!"
“Caoimhe, vamos lá, ela é pequena.”
"O quê? Você sabe que eu estou certa", retrucou Caoimhe, tremendo toda. "Eu te contei tudo, Darren. Você sabe o quanto ela me custou." Fungando, ela se virou para me encarar novamente. "É melhor torcer para que o câncer não mate a mamãe, porque se matar, você vai sair desta casa antes que ela esfrie na terra, e boa viagem."
“Jesus Cristo, Caoimhe!”
"Eu não me importo, Darren", ela gritou. "Ela é uma maluca!"
“Caoimhe, me desculpe—”
"Tire ela daqui, Darren", ela gritou. "Por favor, tire ela de perto de mim antes que eu mesma a mate!"
"Talvez você devesse descer um pouquinho." Darren olhou para mim novamente, desta vez com olhos azuis e tristes. Sua voz era gentil quando disse:

"Sua irmã só está chateada, ok? Ela não quis dizer nada disso."
Fungando, assenti. "Desculpe."
"Vai ficar tudo bem." Ele me deu um sorriso tranquilizador. "Eu prometo."

19 DE SETEMBRO DE 1993

Lizzie

" OLÁ, QUERIDA ", MAMÃE DISSE QUANDO ENTREI NA COZINHA DEPOIS DA AULA e a encontrei assando biscoitos. "Você teve um bom dia na escola?"
Eu balancei a cabeça.
"Ah, não diga isso", ponderou mamãe, colocando uma bandeja de biscoitos no forno. Ela fechou a porta do forno e se virou para mim, sorrindo. "Com certeza teve uma parte boa."
Não havia.
Havia apenas outras dez crianças na minha turma, e algumas delas usavam fraldas. Eram todas mais novas do que eu, e tudo o que fazíamos na aula era colorir figuras e brincar com brinquedos. Depois, eu era levada para as "salas de terapia" para falar sobre meus sentimentos, brincar com brinquedos, fazer exercícios estranhos ou praticar minhas palavras. Eu sabia minhas palavras, e me irritava que os professores agissem como se eu não soubesse. Eles me observavam o tempo todo e escreviam sobre mim em um livro secreto.
Eu odiava estar lá.
A melhor parte do dia era voltar para casa e encontrá-la.
"Não quero ir para a pré-escola", disse a ela, indo direto para minha mãe. "Tenho cinco anos. Quero ir para uma escola grande e fazer amigos. Como Caoimhe."
"A St. Anthony's não é uma pré-escola, Lizzie", respondeu mamãe com uma voz gentil. "É uma escola particular para meninos e meninas de todas as idades que precisam de uma ajudinha extra."
"Mas eu não preciso de ajuda extra", reclamei, encostando-me no balcão. "Eu sei todas as letras e números. Sei escrever meu nome, fazer contas e também sei ler."
"Eu sei que você consegue, espertinha." Ela ainda sorria, mas era um sorriso triste. "Mas o Dr. Wolfe acha que um ano no St. Anthony vai te ajudar."
Estreitei os olhos. "Eu odeio o Dr. Wolfe." Ele era velho e rabugento, e sempre me olhava de um jeito estranho. "Ele acha que eu sou má." Igual ao papai.
"Não, ele não quer", disse mamãe, me corrigindo. "Ele está tentando te ajudar."
Sim, com comprimidos que me faziam sentir sono.
"Santo Antônio não é para sempre", disse mamãe com outro sorriso triste. "É só um trampolim."
"Para quê?"
"Para te colocar de volta nos trilhos", ela respondeu, agachando-se para acariciar minha bochecha. "Você precisa começar a conversar com as pessoas de novo."
"Estou falando com você."
"Outras pessoas", encorajou a mãe. "Professores e outras crianças. Você estava indo tão bem ano passado." Ela sorriu tristemente. "Eu sei que você é inteligente, querida, mas os professores não podem saber se você não demonstrar."
"Não quero falar com eles", respondi. "Eles estão sempre bravos comigo."

“Agora, tenho certeza de que isso não é verdade.”
"É sim", argumentei. "Estou sempre no canto."
"Certo." Mamãe mordeu o lábio, parecendo preocupada. "Vou falar com eles de novo."
Não faria diferença.
Ela falou com eles da última vez e eu ainda acabei no canto.
"Eu sou mau."
“Não, você não é.”
“Todo mundo pensa que eu sou.”
"Bem, vou te contar um segredinho." Ela fez um gesto com o dedo, indicando que eu me aproximasse. Quando me aproximei, ela sussurrou no meu ouvido: "Qualquer um que pense que você é mau é um idiota."
Meus olhos se arregalaram de surpresa. "Você xingou."
"Sim", ela riu, colocando meu cabelo atrás da orelha. "Não me copie."
Rindo baixinho, acariciei os cachos brancos da sua cabeça. "Seu cabelo está estranho."
A mãe riu. "É porque está crescendo de novo."
"Parecem nuvens fofas", respondi, puxando um dos cachos. "Senti sua falta."
"Senti mais a sua falta, querida." Ela me abraçou e me puxou para um abraço. "Desculpa por não ter podido te buscar na escola hoje." Ela me cobriu de beijos. "Eu tinha uma consulta no hospital."
Hospital .
Essa foi uma palavra ruim.
Eu não gostei.
Ah não .
"Não se preocupe", disse ela, me acalmando e esfregando o nariz no meu. "Os médicos estão muito felizes com a mamãe."
"Realmente?"
Ela assentiu.
Devolvi o sorriso a ela. "Então meu desejo se realizou."
“Que desejo, querida?”
"Usei meu desejo de aniversário em você", respondi alegremente. "Para te fazer melhorar, e *funcionou* ."
"Tive o melhor dia da minha vida!", gritou Caoimhe, entrando correndo na cozinha com seu novo uniforme escolar. "É oficial, mãe: eu *amo* a escola!"
"Bom, tudo tem uma primeira vez." Mamãe piscou para mim antes de se levantar e ir até minha irmã. "Tudo bem, fala logo. Que garoto te fez sorrir assim?"
"Quem disse que um garoto tem alguma coisa a ver com o meu sorriso?", Caoimhe riu, pulando de alegria. "Talvez eu só ame o Tommen."
Mamãe arqueou uma sobrancelha. "Caoimhe Catherine Young."
"Tá bom, tá bom, o nome dele é Mark, e ele é um recém-chegado a Ballylaggin, como eu", ela disse, efusiva. "Mudou-se recentemente para Clonamore com o pai — você conhece Clonamore, não é, mãe? É a cidade ali perto de Ballylaggin. Um monte de moleque da região estuda em Tommen."
Nossa mãe abriu a boca para responder, mas minha irmã continuou antes que tivesse chance.
"Bem, a mãe dele faleceu ano passado, e o pai decidiu que precisavam de uma

mudança de ares, então se mudaram de Roscommon para Cork." Ela deu o maior sorriso de todos. "Ele é da minha turma em Tommen."
"E o Darren?", olhei para ela. "Ele também é da sua turma?"
"Não." Ela suspirou tristemente. "Darren teve que ir para a BCS."
"Por quê?"
“Porque a família dele não tem muito dinheiro, e Tommen é uma escola particular e custa muito *para* estudar.”
"Isso não é justo."
"Eu sei." Jogando a mochila no chão, ela girou em círculos a caminho da geladeira. "De qualquer forma, Mark é calouro como eu, e o pai dele está saindo com Sadhbh Gibson. Você se lembra do Sadhbh, não é? Eu cuido do Gibs e da Beth o tempo todo."
"Sim, Caoimhe, eu me lembro da Sadhbh." Mamãe revirou os olhos. "Eu te levo e busco na casa dela todo fim de semana, querida."
Bom, o Mark e o pai moram em Clonamore, mas vão se mudar para a cidade assim que o Joe e a Sadhbh resolverem tudo. Dá para acreditar? Ele vai morar com as crianças que eu cuido! É como se o destino tivesse intervindo a meu favor, porque ele está superbem.
“Caoimhe”, mamãe repreendeu ao mesmo tempo em que eu perguntei, “O que significa *bem* ?”
"Significa bonito", explicou minha irmã com um suspiro sonhador. "Ele é alto, tem cabelo preto, joga rúgbi e tem o melhor mullet cacheado."
Franzi a testa. "O que é um mullet?"
“É um corte de cabelo”, completou mamãe, pegando sua tábua de passar.
"É", concordou Caoimhe, entregando à nossa mãe a camisa que tirou do cesto de roupa para passar. "Tipo o Slater de *Uma Galera do Barulho* ."
Eu sabia tudo sobre *Saved by the Bell* . Era o programa de TV favorito da minha irmã. Assistíamos todos os dias depois da escola. "Eu gosto do Zach."
"O Zach é fofo", disse ela, concordando com um aceno pensativo. "Mas o Slater é sexy." Ela cobriu o peito com a mão e desmaiou. "E o Mark também!"
"Caoimhe!", mamãe repreendeu novamente. "Sinceramente, querida, as orelhinhas estão ouvindo."
"Desculpe, desculpe, mas não consigo evitar", disse minha irmã, efusivamente, sorrindo como eu nunca tinha visto. "Ele é tão alto, mãe. Tipo, quase 1,80 m."
“Sim, querida, você já disse.”
“E ele tem lindos cabelos pretos e olhos verdes, e joga rúgbi.”
“Você também disse isso, Caoimhe.”
"Eu sei, mas vale a pena mencionar de novo." Caoimhe apertou o peito e suspirou sonhadoramente. "Ele é tão lindo, mãe, como você não acreditaria — e ele me chamou para sair. A mim, mãe. De todas as garotas da escola, ele me escolheu." Com um sorriso de orelha a orelha, ela mexeu os quadris e gritou. "Acho que posso amá-lo."
"Ah, Caoimhe", ralhou minha mãe, rindo, enquanto passava a camisa. "Você conhece o menino há um mês."
“O coração quer o que quer, mãe”, respondeu minha irmã, apertando o peito novamente. “E meu coração quer Mark Allen.” Ela Então, ela se arrastou de um lado para o outro, fazendo uma dança engraçada na cozinha. "Nunca estive tão

animada para chegar à escola."
“Bem, se ele é tão especial para você, convide-o para jantar esta noite.”
"Sério?" Caoimhe arregalou os olhos. "Você realmente quer dizer isso?"
Mamãe sorriu. "Por que não?"
"Meu Deus, eu te amo!", ela gritou, abraçando nossa mãe. "Você é a melhor mãe da Irlanda." Ela cobriu a bochecha da mamãe de beijos. "Vocês vão amá-lo, eu prometo!"

19 DE SETEMBRO DE 1993

Lizzie

"O QUE HÁ DE ERRADO COM SUA IRMÃ ?" M ARK PERGUNTOU DEPOIS DO JANTAR QUANDO ENTREI NA COZINHA E OS VI SE BEIJANDO.
"Mutismo seletivo", respondeu Caoimhe, enchendo um copo d'água da torneira. "Não leve para o lado pessoal. Ela é assim com todo mundo, menos com a família." Ela tomou um gole antes de acrescentar: "É por isso que ela estuda na cidade e faz toda aquela terapia que eu te falei." Ela deu de ombros. "Ela consegue falar perfeitamente bem quando lhe convém."
"Por quê?" Ele olhou para mim e depois para minha irmã antes de perguntar: "Por que ela não fala como uma criança normal?"
“Os psiquiatras disseram que é por causa de um trauma passado.”
“Que tipo de trauma passado?”
"Não é... Eu, uh, é um assunto particular de família", respondeu Caoimhe, com as bochechas corando. "Mas do jeito que ela está, ela vai fazer trinta anos antes de se formar." Ela tomou outro gole antes de acrescentar: "Tudo o que você precisa saber é que Liz não vai nos dedurar para os meus pais."
Mark voltou a atenção para mim e sorriu. "E aí, pequenininho."
Ele me chamou de munchkin.
Eu gostei.
"Ela não vai contar para o seu pai que a gente estava se beijando, né?", perguntou ele, olhando por cima do ombro para minha irmã. "Ela consegue ficar de boca fechada?"
"Duh." Caoimhe revirou os olhos e colocou uma uva na boca. "Eu acabei de te dizer que ela não dedura. Além disso, ela mal fala com o nosso pai."
“Ela também é muda com ele?”
"Às vezes."
"Ele a machucou ou algo assim?"
"Não", Caoimhe retrucou, agora parecendo irritado. "Por que nosso pai a machucaria?"
"Desculpe, eu só estava perguntando", respondeu ele, erguendo as mãos. "Não queria te chatear."
Caoimhe pareceu ignorar rapidamente, pois voltou a encarar Mark com olhos marejados. "Ela gosta de você."
"Como você pode dizer?"
"Ela está sorrindo. Acredite, ela não sorriria assim se não gostasse de você."
"Ela parece um anjinho." Mark sorriu e se agachou na minha frente. "Você gosta de mim, pequenininho? Hum? Vai falar comigo?"
"Ah, não, não, não. Ela pode parecer uma, mas não se deixe enganar por esse rosto angelical", Caoimhe riu. "Ela grita como uma banshee quando quer."
"Aposto que consigo fazê-la falar", disse ele, colocando meu cabelo atrás da orelha.

"Você pode tentar", zombou Caoimhe. "Mas nenhum médico conseguiu curá-la."
"Você gostaria disso, pequenininho?", perguntou Mark, com a mão no meu ombro. "Quer que eu te prepare?"
Concordando, sorri de volta para ele.
Sim, por favor .

“Onde ela está?”
“Eu sei que ela está aqui.”
“Eu consigo sentir o cheiro dela!”
Rindo baixinho, rolei para debaixo da cama, tentando escapar do monstro das meias fedorentas, mas não adiantou.
"Te peguei!" Uma mão coberta de meia disparou para debaixo da cama e agarrou minha perna. "Nom, nom, nom, é exatamente o que eu quero", Mark provocou com aquela voz engraçada de monstro de meia fedorenta, enquanto me arrastava para fora de debaixo da cama. "Um petisco gostoso só para mim."
Gritando de excitação, tentei me afastar, mas Mark era rápido demais para mim. Passando o braço em volta da minha barriga, ele me puxou para o seu colo e fingiu me devorar com a mão em forma de meia.
"Você é, sem dúvida, o melhor namorado do mundo." Encostada no batente da porta, minha irmã sorriu para nós. "Obrigada por serem tão pacientes com ela."
"Nós não nos importamos, não é, monstro da meia fedorenta?", disse Mark, e então usou a voz engraçada de monstro para dizer: "Não, nós não nos importamos. Nós adoramos devorar pequeninos."
"Bem, agora que você alegrou a noite da minha irmã, que tal alegrar a minha?" Ela piscou para ele e inclinou a cabeça em direção à porta. "Antes que seu pai venha te buscar."
"Desculpa, pequenininho, mas o chefe já falou." Ele me colocou na cama e bagunçou meu cabelo. "Eu brinco com você na próxima vez que eu vier, ok?"
Assentindo alegremente, observei-o partir, enquanto esperava que Caoimhe o trouxesse de volta logo.
Meu primeiro amigo.

15 DE NOVEMBRO DE 1993

Lizzie

"O QUE DIABOS VOCÊ ESTÁ FAZENDO ?", PAI EXIGIU, LEVANTANDO-SE DA CADEIRA quando subi em seu colo. "Você não pode subir no meu colo sem roupa." Ele pareceu furioso quando enrolou minha toalha em volta dos meus ombros e me cobriu. "Volte para cima e vista suas roupas, e nunca mais desça sem roupa, ou eu vou te deixar vermelho por você."
"Calma", instruiu minha mãe quando passei correndo por ela. "Ela acabou de sair do banho."
"Ela tem cinco anos, Catherine, não é um bebê", respondeu o pai. "Ela é velha demais para andar por aí nua e deveria saber disso."
“Michael, ela só estava tentando dar um abraço no pai.”
“Caoimhe nunca agiu assim.”
"Não as compare. As meninas são como a noite e o dia."
"Eu não sei disso, porra."
“Miguel!”
"Fale com ela, Catherine. Explique à garota que ela não pode fazer essas coisas. Pelo amor de Deus, e se Caoimhe tivesse chamado Mark?"
“Talvez se você se preocupasse um pouco menos com Caoimhe e um pouco mais com Elizabeth, ela não estaria clamando por sua atenção.”
“E talvez se você não atendesse a todas as necessidades dela, ela abriria a boca e falaria por si mesma.”
“Como você ousa!”
“Só estou dizendo que, se você recuasse e a deixasse ser mais independente, ela poderia agir como tal.”
"Não ouse tentar empurrar tudo isso para mim. Há um motivo para nossa filha ter problemas, e esse motivo está na sua porta, não na minha!"
“Então agora você está me culpando por algo que não posso controlar?”
"É como se você estivesse me culpando por não conseguir consertá-la?"
“Isso foi um erro.”
"Não diga isso."
“Vou tomar uma cerveja.”
"Não, não vá embora. Precisamos conversar sobre isso."
Não há nada para falar. É o que é, e estamos onde estamos. Fim da história.
“Michael, por favor!”
A porta da frente bateu.
"É isso aí. Não chore. Shh, shh..."
"É porque você é uma menina má. Deus está te punindo..."
“Ele me enviou para vos purificar…”
“Diga-me que você quer…”
Em pânico, subi as escadas correndo e não parei até estar debaixo das cobertas na minha cama.

Menina má .
Menina má .
Menina má .
Apertando os olhos, tentei afastar as vozes da minha cabeça, mas elas não saíam.

25 DE DEZEMBRO DE 1993

Lizzie

Era tarde na noite de Natal quando a porta do meu quarto se abriu para dentro e Mark entrou no meu quarto.
Sorri quando ele trancou a porta atrás de si porque isso significava que ele iria me consertar de novo.
Eu gostava muito do Mark. Ele cheirava bem e era super engraçado, e sempre brincava comigo quando vinha aqui, mesmo quando a Caoimhe não queria que eu andasse com eles. Ela queria ir se beijar no mato, nos fundos da nossa casa, onde nossos pais não pudessem vê-los. Eles faziam isso o tempo todo, e a Caoimhe até o levava quando nossos pais não estavam em casa.
Eles sempre me faziam prometer que não contaria. Isso era moleza para mim, porque eu era boa em guardar segredos.
Afinal, guardei muitos segredos para eles.
Principalmente o superpoder secreto de Mark.
Nunca contei a ninguém porque o Mark disse que isso faria o aparelho parar de funcionar e eu não queria ficar doente de novo. Ele disse que eu ficaria doente se ele não continuasse me consertando.
Mark e seu pai vieram jantar em nossa casa e estavam dormindo aqui porque seu pai bebeu muito uísque com meu pai.
"Você está pronto para mim, pequenininho?", Mark sussurrou, indo até minha cama.
"Estou te esperando acordada", eu disse, orgulhosa de mim mesma por ter ficado acordada até tão tarde sem ser pega. "Exatamente como você disse."
"Essa é a minha garota." Sorrindo, ele se sentou na beira da minha cama. "Olha o que eu ganhei de Natal." Ele ergueu uma câmera brilhante e disse: "Vou tirar umas fotos suas, pequenininho. Fotos especiais só para mim, ok?"
Concordando ansiosamente, fiz tudo o que ele me disse para fazer.
"Você é uma coisinha tão linda", disse Mark quando terminou de tirar minha foto. "Como está se sentindo esta noite, pequenininho?"
"Ótimo."
Ele franziu a testa e tocou minha testa. "Ah, não."
"O que?"
“Está piorando.”
Meus olhos se arregalaram. "É mesmo?"
Ele assentiu com tristeza. "Sabe o que acontece se você não melhorar?"
"O que?"
“Seu cabelo vai cair como o da sua mãe, e você vai ficar cada vez mais doente como ela.”
"Vou?", agarrei a cabeça, assustada. "Mas não quero perder meu cabelo."
"Você pode morrer."
Comecei a chorar.

"Você não deve contar a ninguém que sabe a verdade", ele sussurrou, acariciando minha bochecha. "Isso só pioraria as coisas."
"Seria?"
“Ah sim, falar sobre isso faz com que a doença se espalhe dentro do seu corpo.”
"Faça isso parar!"
"Posso tentar se você quiser?"
"Você disse que podia melhorar", gritei, agarrando seu braço. "Por favor, me conserte."
"Tá, mas você vai ter que ser uma menina muito boazinha." Ele suspirou tristemente. "Você pode fazer isso por mim? Você pode ser uma menina corajosa e fazer tudo o que eu mandar?"
"Eu posso." Assenti ansiosamente. "Eu juro."
“E você pode manter isso em segredo?”
“Eu prometo que não vou contar.”
"Talvez tenhamos que tentar algo diferente esta noite, pequenino."
"Como o que?"
Ele pensou nisso por um longo tempo, batendo no queixo antes de dizer: "Eu poderia tentar o abraço realmente especial".
"Sim." Assenti ansiosamente. "Faça isso."
"Tem certeza?" Ele arqueou uma sobrancelha. "Pode parecer estranho."
"Isso me fará melhorar?"
"Ah, sim", disse ele, em tom persuasivo. "Vai te fazer sentir muito melhor, pequenininho."
Concordei. "Então faça."
"Certo." Ele sentou na minha cama e colocou a mão na minha perna. "Vou precisar que você tire a camisola para isso, pequenininho." Ele sorriu. "É assim que meninos e meninas fazem o abraço especial. Temos que tirar toda a roupa."
Não pensei duas vezes. Não queria ficar doente como a mamãe. Queria ser curada, e o Mark poderia me curar. Ele prometeu que poderia. Tirando minha camisola, olhei para ele e esperei que me dissesse o que fazer em seguida.
"Você pode assistir", disse ele, quando começou a tirar a roupa. "Você gosta de olhar, não é, pequenininho?"
Meus olhos se arregalaram de surpresa quando vi a coisa espetada entre as pernas dele. "O que é isso?"
"É isso que vai te fazer melhorar, pequenininho", disse ele. "Quer tocar?"
Eu não pensei assim.
Parecia estranho.
E assustador .
"Tudo bem", ele riu, subindo na minha cama. "A gente pode ir trabalhando nisso."
"Trabalhar para quê?", perguntei, deitando-me no meu colchão para receber meu abraço especial e abrindo as pernas exatamente como Mark gostava.
"Deixa pra lá." Afastando mais minhas pernas, ele se ajoelhou entre elas e suspirou feliz. "Você é uma menininha tão boazinha, pequenina."
"Eu sou?"
"Você é", ele confirmou, passando os dedos pela minha coxa.
"Isso faz cócegas."

"É mesmo?" Ele sorriu. "Você gosta quando eu te faço cócegas?"
Dei de ombros, sentindo-me assustada.
"Eu conheço uma cócega secreta", sussurrou ele, levantando a mão mais para cima. "Quer que eu te mostre?"

PARTE 2

Os Fundamentos da Amizade

BOLAS DE ESTOURO, MACHADOS DE BATALHA E QUEBRAS

Hugo

27 DE OUTUBRO DE 1994

"UM DIA DESSES , VOU PEGAR VOCÊS, SEUS TRAPINHOS ", rosnou o SR . M. URPHY do lado do muro do jardim na quinta-feira à noite, depois da escola. "E quando eu fizer isso, vou pendurar vocês dois pelos testículos. Estão me ouvindo? Esse é o último canteiro de flores que vocês vão destruir com a porra da sua bola!"
"Ah, droga, ele vai explodir, não é?"
“Ele está blefando, Hughie.”
Com as costas coladas ao muro do jardim, encarei o garoto menor ao meu lado, aquele com cachos dourados na cabeça, que estava rindo com a mão na boca.
"Ele nunca blefa, Gibs", sussurrei, dando-lhe uma cotovelada. "E pare de rir."
"O quê?", ele respondeu, rindo alto, enquanto a chuva caía sobre nós. "É *engraçado* ."
"Não", argumentei. "O engraçado é essa capa de chuva amarela idiota que você está usando."
"Ei! Sou um menino lindo de amarelo."
"Você é um encrenqueiro, é isso que você é", retruquei. "E agora estou encrencado *de novo* . Por sua causa. *De novo* ."
"Ah, pare de se preocupar, seu bebezão." Parecendo completamente entretido, ele enxugou uma gota de chuva da bochecha. "Não seja tão sensível."
"Fácil para você falar", resmunguei. "Quando você não está prestes a perder sua terceira partida de futebol americano em uma semana."
Eu sabia que isso ia acontecer. O velho Murphy era o pior vizinho da nossa rua, e todo garoto de Avoca Greystones sabia o que acontecia se o seu brinquedo caísse por cima do muro do jardim dele. Ele não voltava. Eu tinha sorte de morar do outro lado da rua, em frente ao velho rabugento, mas a Gibsie morava duas casas acima dele.
"Não fique bravo comigo, Hughie", implorou ele, olhando para mim com aqueles grandes olhos cinzentos de cachorrinho que o livravam de problemas. "Você é meu irmão mais velho."
Revirei os olhos para o céu, mas sabia que ele estava certo. Podemos não ter tido os mesmos pais, mas Gerard Gibson *era* meu irmão.
Nossos pais eram melhores amigos desde a escola primária e acabaram comprando casas em Avoca Greystones, um condomínio de doze casas na parte norte de sua cidade natal, Ballylaggin. Morávamos no número quatro, enquanto os Gibsons moravam do outro lado da rua, no número nove.
Tirando os quatro meses que eu tinha vivido a mais que ele, eu nunca tinha conhecido um mundo sem o encrenqueiro de cabelo cacheado ao meu lado. Era estranho porque eu não pensava nele como um amigo como Patrick Feely, meu

melhor amigo da escola. Eu pensava em Gibsie da mesma forma que pensava na minha irmãzinha Claire. Gibsie não precisava ter cuidado com os meus sentimentos e eu não precisava ter cuidado com os dele. Podíamos discutir, brigar e dizer as piores coisas um ao outro e ainda assim ficar bem porque éramos irmãos, e irmãos sempre voltavam a ficar juntos no final.
"Não fique triste." Gibs deu um tapinha no meu ombro em apoio, me tirando dos meus pensamentos. "A guerra não acabou. Podemos recuperar esta."
"Aposto que ele já está com a faca na mão." Suspirei fundo. "Essa era a minha bola favorita."
"Vocês estão ouvindo, seus pirralhos do inferno?" O velho Murphy continuou a ameaçar, parecendo mais próximo agora. "Quando eu conseguir meu "Mãos em vocês dois, vou torcer o pescoço de vocês. Principalmente o do gordo!"
Agora, fui eu quem cobri a boca para abafar o riso, enquanto Gibsie franzia a testa, indignada. "Aquele *filho da puta* ."
"É isso aí, seu aquarinho superalimentado", provocou o Velho Murphy, parecendo mais distante agora. "Ainda vou te dar boas maneiras!"
"Aquele *filho da mãe* ! Mamãe diz que eu sou atarracado, não gordo, e papai diz que a barriga vai cair quando eu crescer", disse Gibsie, defendendo-se, mas parecendo indignado. "Eu tenho ossos grandes, *Hughie* ." Agora foi ele quem me deu uma cotovelada para me impedir de rir. "Não podemos ser todos varapaus."
"Eu sei, eu sei", insisti, tentando impedir que meu rosto sorrisse. "E não ligue para o Velho Murphy. Ele só está com ciúmes porque é velho e careca."
"Realmente?"
"Realmente."
"Certo, vá lá conferir", ele me instruiu, apontando para a parede atrás da qual estávamos escondidos. "Viu o que ele está fazendo agora? Se ele voltar para dentro, você pode passar pelo portão e pegar sua bola."
você não entra?", retruquei. "Você chutou a bola lá dentro." *De novo* . "Você destruiu as petúnias dele." *De novo* . "Você é o culpado." *De novo* .
"É, mas eu não consigo escalar o muro como você", explicou Gibsie, olhando para mim com um olhar travesso. "Vamos." Ele juntou as mãos e se abaixou. "Vou te dar um empurrãozinho."
"Sou quatro meses mais velho que você", resmunguei, usando as mãos dele como degrau para me içar. "Mas você dá quatro vezes mais trabalho." Agarrando-me à borda de concreto do muro lateral do jardim do Sr. Murphy, levantei-me lentamente e espiei bem a tempo de ver o monstro de cabelos grisalhos enfiar o canivete na minha bola.
E foi isso.
Mais um que morde a poeira .
Suspirando de decepção, voltei para o chão e balancei a cabeça quando Gibsie me olhou com uma expressão esperançosa. "Não", respondi, sério. "Descanse em paz, bola."
"Ah, é isso." Cerrando os punhos ao lado do corpo, Gibsie olhou feio para a parede que nos separava do assassino da alegria e cobriu a boca com as mãos antes de gritar: "É melhor você tirar algumas fotos desses canteiros de flores, Murphy, porque você não pode guardá-los para sempre, seu grande, careca, machado de batalha, idiota..."

"Não piore as coisas", avisei, tapando sua boca com a mão antes que ele pudesse terminar. "Já estamos mortos." Passando o braço em volta dele, recuei para longe do muro do vizinho, tomando cuidado para evitar o canteiro de flores da Sra. Grady enquanto caminhávamos pelo quintal dela. "Se ele contar aos nossos pais que o xingamos, estamos duplamente mortos."
Acenando de volta para a Sra. Grady, que sorria para nós da janela da cozinha, guiei Gibs em volta de suas rosas preciosas, tomando cuidado especial para não derrubá-las. A Sra. Grady era ainda mais velha que o Velho Murphy, mas não era rabugenta como ele. Ela costumava ser nossa babá até quebrar o quadril durante o verão. Mesmo não se importando mais conosco, ela ainda nos deixava brincar em seu jardim e nos convidava para tomar chá e comer scones.
"Ah, isso é guerra", resmungou Gibsie quando voltamos para a rua. "Espere só até a semana que vem." Ele fechou as mãozinhas em punhos ao lado do corpo. "A gente pega esse filho da mãe na noite de Halloween, Hughie."
Desviando da trilha quando chegamos à casa dele, caminhei pesadamente pela entrada da garagem atrás dele, decepcionado com minha bola.
"Vou te dar uma bola nova de aniversário", prometeu Gibsie quando entramos em casa. "Papai vai nos levar para a casa dele no fim de semana, então ele vai me levar na loja para comprar uma nova para você."
"Esqueça o baile", respondi, sentindo-me ainda pior agora que sabia que ele estava viajando no fim de semana. "Você vai estar na escola amanhã? A Srta. Lawlor disse que vai trazer doces porque é o nosso último dia antes do recesso de Halloween."
"Estarei lá", prometeu ele, atravessando o corredor em direção à cozinha. "Vou da casa do papai."
“Você voltará para minha festa de aniversário na segunda-feira?”
"Claro."
"E depois, pedir doces?"
"Ah, *sim* ." Ele esfregou as mãos de alegria e foi até o bolo que estava na ilha da cozinha. "Estou guardando bandejas de ovos debaixo da minha cama para me vingar do esfaqueador de bolas."
Sorri. "Excelente."
“Gerard Joseph Gibson, se você não tirar as mãos do bolo de aniversário do Hughie, não terá dedos para cutucar o nariz”, alertou Sadhbh, aparecendo por trás da porta aberta da geladeira.
"Como você ousa?", bufou ele, parecendo indignado, com a mão pairando a centímetros da cobertura do bolo de aniversário. "Eu não cutuco o nariz."
"Não, você não tira meleca do nariz, Gibs", interrompeu Joe ao entrar na cozinha com Bethany cochilando em seu ombro. "Você usa como depósito, não é, filho?"
"Foi só uma vez, pai", Gibsie retrucou. "E uma conta."
"Eram quatro contas", corrigi com uma risada, lembrando-me do incidente durante a aula de artes e trabalhos manuais na escola na semana passada. "E você teve que ir ao hospital para removê-las."
"Eu queria ver quantos caberiam", defendeu-se. "É tão ruim assim?"
"Sim", nós três respondemos em coro, fazendo meu amigo ficar de mau humor, como é típico do Gibs.
"Sinceramente, Gerard, eu não deveria ter que te dizer isso, mas nenhum objeto

estranho deve entrar nas suas narinas." Agitando uma colher de pau como se fosse uma arma, Sadhbh afastou o filho do bolo de aniversário em formato de sete. "Ou das suas orelhas!"
"Vou subir e pegar as sacolas de fim de semana deles", Joe disse à esposa, mas não fez menção de subir até Sadhbh acenar em aprovação.
"Quando o papai vai voltar para casa?", perguntou Gibsie quando o pai saiu do quarto. "Odeio estar aqui sem ele."
Eu também queria intervir, mas meus pais me avisaram para não interferir.
Segundo a mamãe, Sadhbh e Joe estavam passando por uma separação, e precisávamos ficar de fora e guardar nossas opiniões para nós mesmos, pelo bem de Gibs e Bethany.
Eu tinha muitas opiniões próprias sobre a merda que estava acontecendo na casa do outro lado da rua. Principalmente sobre o babaca que a Sadhbh estava beijando em vez do Joe, mas fiz o que minha mãe pediu.
Keith Allen.
Vomitar .
"Gerard." Um suspiro cansado escapou de Sadhbh. "Já conversamos sobre isso, querida."
"Não, não fizemos", respondeu Gibs. "Me dizer que o papai vai se mudar não é falar sobre isso, mãe. É contar, não falar. Há uma diferença."
"Nada mudou", disse a mãe, tentando convencê-lo e indo até ele. "Seu pai e eu ainda amamos muito você e sua irmã." Ela afagou seus cabelos cacheados e acariciou sua bochecha. "Ainda somos uma família, querido."
"Só que não estamos." A voz de Gibsie falhou, e ele se afastou da mãe antes de enxugar o rosto com as costas da mão. "E tudo *mudou* ."
" Ainda *somos* uma família", repetiu Sadhbh em tom severo. "Nossa família só parece diferente de como era antes."
"É, porque *você* quebrou!", Gibs engasgou, afastando-se da mãe. "Você e seu namorado babaca."
Meus olhos se arregalaram e rapidamente coloquei a mão sobre a boca para impedir que as palavras *"oh merda"* escapassem.
A mãe respirou fundo. "Gerard!"
"O quê?", Gibs lançou um olhar desafiador para a mãe. "Não estou mentindo."
"Não fale assim comigo", ordenou ela, com a voz embargada. "Eu ainda sou sua mãe."
"Bem, eu queria que você não estivesse!" Gibs gritou antes de sair correndo da cozinha, me deixando sozinha com sua mãe.
"Eu, ah..." Empurrando minha cadeira para trás, levantei-me sem jeito e gesticulei em direção à porta da cozinha. Sentindo-me desconfortável, dei de ombros e ofereci a Sadhbh um sorriso sem graça. "Eu provavelmente deveria ir para casa."
Com os olhos marejados de lágrimas, Sadhbh me ofereceu um sorriso sofrido antes de se virar rapidamente para que eu não pudesse ver seu rosto. "Ok, querida."
"Eu, ah... obrigada pelo bolo." Balancei a cabeça e fui em direção à porta. "E, uh... desculpe."
Sem esperar por uma resposta, fiz uma Gibsie e saí correndo da casa deles,

quebrando meu recorde pessoal de velocidade na pressa de atravessar a rua para chegar em segurança à minha casa.
"Acho que você fez sua mãe chorar", anunciei sem fôlego quando cheguei à entrada da garagem e encontrei Gibsie pulando uma bola de basquete na parede.
“Bom”, foi tudo o que ele respondeu antes de jogar a bola na parede mais uma vez.
"Você não quis dizer isso."
"Não é?"
"Não, você não precisa", eu disse, tentando persuadir e evitando por pouco uma bola de basquete arremessada furiosamente, que passou voando pela minha cabeça em alta velocidade e bateu ruidosamente contra as lixeiras atrás de mim.
"O que você acha de fugir?", perguntou Gibs então, recuperando a bola antes de mirar na minha cabeça mais uma vez. "Acho que conseguimos."
"Não vou fugir com você de novo." Desta vez, peguei a bola de basquete que ele jogou na minha cabeça. "Da última vez que tentamos isso, você mijou no meu saco de dormir." Joguei a bola de volta nele com toda a força que pude. "Comigo dentro."
"Foi um acidente", ele disparou, lançando a bola na minha cabeça novamente. "Deixa pra lá."
"Vou sim", respondi, dando um tapa na bola para longe do meu rosto antes que ela acertasse. "Quando você parar de jogar a bola na minha cabeça."
"Estou louco!"
"Eu *sei* ."
“Eu odeio aquele babaca!”
"Eu *sei* ."
“Eu não quero viver com ela!”
"Eu *sei* ."
“Eu quero ficar com meu pai!”
"Eu *sei* ."
Com o peito arfando de raiva, Gibs me encarou com os olhos cinzentos e cheios de lágrimas pelo que pareceu uma eternidade antes de soltar um suspiro entrecortado. "Eu só quero que tudo volte ao normal, Hugh."
"Eu sei, Gibs." Suspirei fundo. "Eu também."
"Não vai, né?"
"Não, Gibs." Balancei a cabeça lentamente. "Acho que não."
Com uma expressão completamente derrotada, Gibs caminhou até a beira da trilha no final da minha entrada e se sentou. Abraçando os joelhos, olhou para sua casa do outro lado da rua.
Eu não sabia o que dizer para fazê-lo se sentir melhor e odiava isso. Porque eu *queria* ajudar. Eu queria melhorar tudo para ele. Eu queria trazer o pai dele para casa e reunir a família dele novamente.
Mas não consegui.
Tudo o que eu podia fazer era sentar ao lado dele e lhe fazer companhia.
"Desculpe por tentar arrancar sua cabeça", disse Gibs quando finalmente se acalmou.
"É ótimo."
“Você ainda quer que eu vá à sua festa na segunda?”

"Claro."
"E ir pedir doces quando nossos amigos forem embora?"
“Sim, Gibs.”
"E eu ainda vou dormir aqui depois?"
"Sim."
"E ainda vamos sair escondidos para jogar ovos na casa daquele babaca quando nossos pais estão dormindo?"
"Oh *sim* ."
"Ótimo." Um sorriso surgiu em seus lábios, e ele cutucou meu ombro com o dele. "Então, quando sua irmã volta do cabeleireiro com a Sinead?"
Revirando os olhos, lancei um olhar fulminante para Gibs, embora secretamente feliz por ele ter voltado ao seu assunto favorito. "Te mataria fingir que sou seu favorito por um dia?"
"Não sei, Hugh. Não minto tão bem assim", ele riu, e, num piscar de olhos, voltou a ser o piadista que eu conhecia. "Sua mãe ainda te obriga a convidar as amigas da Claire para a sua festa?"
"Sim." Meus ombros caíram em derrota. "Mas vou escrever meus convites hoje à noite, e ela estará no trabalho, então talvez eu consiga escapar sem ter que convidá-los."
“Quem ela quer convidar novamente?”
"Não consigo lembrar os nomes deles." Dei de ombros. "Mas sei que são quatro."
Seus olhos se arregalaram. "Quatro?"
"Sim."
“E temos que jogar com todos os *quatro* ?”
"Sim."
“O tempo todo?”
"Sim."
"Meu Deus", Gibsie gemeu. "O que vamos fazer com quatro garotas?"
"Cinco", respondi, sombriamente. "Você se esqueceu de contar a minha irmã."
"Mas a Claire é uma de nós, então ela não conta", ele sugeriu. "E, além disso, gostamos de brincar com ela."
“Não, Gibs, *você* gosta de brincar com ela.”
"Talvez não seja tão ruim", ele sugeriu, claramente tentando me animar. "Elas podem ser como sua irmã."
"É", estremeci. "E não consigo pensar em nada pior."

O PROBLEMA ESTÁ BATINDO

Lizzie

27 DE OUTUBRO DE 1994

" OBRIGADA , LIZIE ", SHANNON SUSSURROU DO SEU LUGAR AO MEU LADO . ESTÁVAMOS SENTADOS no banco do lado de fora da sala do diretor, esperando nossos pais saírem da reunião. "Mas você não deveria ter feito isso." Ela olhou para mim com grandes olhos azuis. "Você vai se meter em uma encrenca danada por minha causa."
"Não me importo", eu disse a ela. "Ele machucou minha amiga. Ele te fez chorar."
"É, mas você o fez sangrar", ela respondeu, mordendo o lábio. "Você vai ser punido."
Eu sabia disso.
Vi a cara do meu pai quando entrou na sala com a professora e a diretora. A cara de todos eles. Todos com cara de bravo, todos olhando para mim.
Mas não me senti mal.
Não tive vontade de gritar.
Em vez disso, eu me senti aquecido.
Meus pensamentos eram bons e lentos.
Isso sempre acontecia quando eu me sentava ao lado de Shannon Lynch.
Isso me fez querer ficar sentado com ela para sempre.
"Obrigada", ela respondeu, com os ombros tremendo. "Nunca tive uma amiga que me defendesse antes."
"Eu sempre vou te defender", prometi. "E Claire", apressei-me em acrescentar, pensando na garota de cabelo cacheado da nossa turma que se tornou minha amiga desde que comecei a escola grande no ano passado. mês. Claire era barulhenta e engraçada, e me fazia sentir feliz. Shannon era quieta e calma, e me fazia sentir segura.
Eu estava nervosa quando comecei na Escola Primária Sagrado Coração. Era muito diferente da escola que eu costumava frequentar, que me ajudava a expressar as palavras quando elas ficavam presas na garganta. Mas os adultos diziam que eu estava indo tão bem que *finalmente estava* pronta para ir para *esta* escola. Eu não tinha certeza do que aquilo significava, mas estava nervosa com a ideia de mudar de escola e começar no jardim de infância. Todas as outras crianças da minha turma tinham quatro e cinco anos, e eu tinha medo que pensassem que havia algo errado comigo.
Quando nossa professora me levou até uma mesa redonda e me sentou ao lado de uma menininha de cabelo castanho-escuro, me senti deslocada. Mas quando Shannon sorriu e me disse que era sua segunda vez na pré-escola e que faria seis anos em março, me senti melhor. Essa sensação só aumentou quando percebi que já conhecia o irmão mais velho dela, Darren. Ele era amigo de Caoimhe, e eu até o tinha encontrado algumas vezes. Ele era muito parecido com Shannon e tão

simpático quanto ela.
Pouco depois, a professora trouxe outra menina para sentar conosco. Ela não era tímida como Shannon, nem estranha como eu. Parecia a luz do sol. Todos queriam sentar com Claire Biggs e ser sua melhor amiga, mas ela só queria sentar conosco e ser *nossa* melhor amiga.
"Por que sua mãe está com um lenço na cabeça?", perguntou Shannon, distraindo-me dos meus pensamentos.
"Ela não tem cabelo", respondi, balançando as pernas para a frente e para trás. "Caiu quando ela ficou doente."
"Ah." Sua mãozinha cobriu a minha. "Desculpa."
"Está tudo bem." Sorri de volta. "Ela já ficou doente antes e voltou a crescer." Dei de ombros. "Quando ela melhorar, vai voltar a ter."
Shannon olhou para mim por um longo tempo antes de sussurrar: "Você é diferente, Lizzie Young."
"Eu sou?"
Ela assentiu e sorriu. "Você é especial."
"Isso é ruim?"
"Não." Ela balançou a cabeça, ainda sorrindo. "Você me lembra o Joe."
"Seu irmão?"
"É." Ela assentiu novamente. "E isso é muito bom."

"Calma, Mike", disse mamãe pela décima vez desde que saímos da escola. Sentada no banco da frente ao lado do papai, ela colocou a mão no joelho dele e disse: "Não é o fim do mundo", antes de se virar e piscar para mim.
Apertando as mãos com força, sorri de volta para minha mãe. Eu adorava olhar para o rosto dela. Mamãe tinha olhos gentis, azul-escuros como os de Caoimhe, e tinha minha voz favorita. Era suave e gentil, me envolvendo como um abraço. Papai também tinha olhos azuis, mas pareciam pálidos e tristes. Como os meus.
"Calma?" Papai balançou a cabeça, e eu senti o carro acelerar. "Catherine, ela mordeu um garoto da turma dela. Como um cachorro selvagem." Ele parecia tão bravo. Eu não gostei. "Qual o sentido de gastar uma fortuna com terapeutas se ela reage assim num piscar de olhos?"
"Ele empurrou a Shannon", ouvi-me dizer, ficando cada vez mais irritada. "Ele estava sendo um valentão, papai."
"Ele te empurrou?", perguntou papai, me encarando pelo retrovisor. "Ele pôs as mãos em você?"
Balançando a cabeça, virei-me para olhar pela janela. "Não, papai."
"Então você não tinha o direito de tocar nele", respondeu papai. "Você teve sorte de não ter sido expulsa por essa façanha, Elizabeth. Deus sabe que eles tinham um bom motivo para isso."
"Mas ele *empurrou* a Shannon", argumentei, sentindo minha pele esquentar enquanto meus olhos acompanhavam as gotas de chuva batendo na janela. "Ele empurrou minha *amiga* ." Eu estava falando errado? Por que ele não conseguia me ouvir? "Ele é um menino malvado, papai", acrescentei, com as mãos fechadas em punhos no colo. "Ele puxou o cabelo da Claire semana passada e a

fez chorar no primeiro dia de aula também."
"Chega!", exclamou o pai, batendo com o punho no volante. "Estou falando sério. Não tente justificar seu comportamento porque não há justificativa para morder outra criança com tanta força a ponto de fazê-la sangrar!"
Respirando com dificuldade e rapidez, encarei o encosto do banco dele, me esforçando ao máximo para não gritar. Para não pular do meu assento e arranhá-lo. Eu não queria deixar minha mãe triste de novo, mas sentia a tristeza crescendo dentro de mim.
"Jesus Cristo, pensei que você já tivesse superado tudo isso", papai continuou gritando comigo. "Você sabe o que é certo e o que é errado, Elizabeth, então por que não se comporta? Você tem seis anos, pelo amor de Deus. Você é grande demais para ficar fazendo birra. Por que não consegue ser normal, hein? Não é tão difícil assim..."
"Chega, Michael", avisou mamãe, interrompendo-o. "Fala mais baixo."
"Abaixar a *voz* ?" Ele virou a cabeça para encarar minha mãe antes de passar pelos enormes portões da escola da minha irmã. "Você ia querer acordar, Catherine. O jeito que essa menininha se comporta não é normal. Ela tem idade para estar na primeira classe, mas está na pré-escola e quilômetros atrás das outras, tudo porque não consegue se controlar."
"Eu disse que chega", retrucou mamãe, parecendo igualmente irritada agora. "Você já disse o que tinha a dizer, assim como o diretor. Agora deixe estar."
“Ela merece muito mais do que algumas verdades duras, mas é claro que isso não vai acontecer porque você está cego pelo seu ponto fraco por ela.” Balançando a cabeça, papai estacionou o carro em um dos as vagas de estacionamento e apertou o botão para acelerar os limpadores. "Achei que os médicos tinham dito que o novo remédio já estaria funcionando?"
"Isso *é* ."
"Bem, diga isso ao pobre rapaz com marcas de dentes na lateral do rosto", gritou papai novamente. "Eu sabia que era uma péssima ideia tirá-la do Santo Antônio. Eu sabia disso, porra. Ela tinha toda a ajuda necessária lá em cima, com professores preparados para lidar com gente como ela. Mas, ah, não, você tinha que fazer do seu jeito de novo, não é? Porque este é o show da Catherine e Elizabeth, não é? Não importa o que o resto da família queira..."
"Michael!", mamãe retrucou, elevando a voz. "Agora não é hora para essa conversa."
"Eu nunca deveria ter dado ouvidos a você ou àqueles médicos de merda", resmungou ele. "Estou farto de viver assim, Catherine, estou mesmo."
Cobrindo meus ouvidos, fechei os olhos com força e tentei engolir minha voz, enquanto tentava silenciar *a dela* .
Volte para mim .
Estou esperando .
Eu vou te encontrar .
Não lute contra isso .
"Meu Deus, está chovendo muito lá fora", declarou Caoimhe em voz alta, escancarando a porta. O som da voz da minha irmã a *silenciou* na minha cabeça.
Respirando fundo, mantive os olhos fechados, com muito medo de abri-los, caso *a visse* novamente — a mulher assustadora, com as garras, aquela com a voz que

rastejava dentro da minha cabeça na hora de dormir. Ou quando eu ficava bravo. Ela rastejou para fora da água, pingando, com o cabelo em tufos e suas longas garras. Ela era a mulher que eu via da minha janela às vezes. Aquela que os médicos diziam que não estava lá. Aquela que minha família dizia ser fruto da minha imaginação. Eu não deveria vê-la. *Mas eu vi* ...
"Elizabeth!", disse papai, e o tom de advertência em sua voz fez meus olhos se abrirem de repente.
Não vi o rosto da mulher assustadora, mas vi o do meu pai. Eu era boa em ler rostos. Era meu poder especial. E agora, meu pai estava me dizendo com os olhos para *me comportar* .
"Vá para o meio, Liz", instruiu Caoimhe, jogando a mochila no chão sob meus pés antes de subir na minha cadeira. "O Mark vem para casa com a gente, lembra?"
Sim, eu lembrei.
"Como vai, pequenininho?" A voz familiar de Mark me tirou das minhas memórias, e me virei para vê-lo entrar no banco de trás do jipe do meu pai, ao meu lado. Ele sorriu para mim enquanto colocava o cinto de segurança e bagunçava meu cabelo antes de voltar sua atenção para meus pais.
Cobri minha boca com a mão para esconder minha risada.
Mark sempre me chamava *de munchkin* , e eu gostava disso.
Papai ligou o carro de novo e eu fiquei ouvindo os quatro conversando durante todo o caminho para casa. Ninguém falou comigo, mas eu não me importei. Eu já estava acostumado.
Quando Mark passou o braço por cima do meu colo para segurar a mão da minha irmã, estremeci toda. Ele percebeu e me deu aquela piscadela especial. Aquela piscadela secreta que ele guardou só para mim. Para quando ele estivesse me consertando. Isso me fez sentir especial, e eu sorri de volta para ele.

COERÇÃO NA COZINHA

Hugo

27 DE OUTUBRO DE 1994

"COMO ESTÃO MEUS HOMENS FAVORITOS ?", PERGUNTOU A MÃE QUANDO ENTROU NA COZINHA na quinta-feira à noite.
"Melhor ainda ver você", respondeu papai com uma piscadela. Recostou-se na cadeira à mesa e deu toda a atenção à mamãe. "Como foi o trabalho, querida?"
"Ocupada", respondeu mamãe com um suspiro alegre, ainda usando o uniforme hospitalar. "Meu bebê já está na cama?"
"Ainda bem", murmurei do meu lugar ao lado do meu pai. Demorou muito mais do que o normal para fazer a Claire dormir esta noite, e isso me incomodou porque significava que eu tinha menos tempo a sós com o meu pai.
"A culpa foi minha", disse papai à mamãe, rindo. "Deixei Claire e Small Gibs sozinhos com um bolo Floresta Negra."
"Erro de novato, Biggs."
“Não me lembre.”
"Vocês tiveram uma boa noite, meninos?", perguntou a mamãe com um sorriso cúmplice. Quando ela estava no plantão diurno no hospital, só chegava em casa quase às dez da noite, mas o papai *sempre* me deixava ficar acordada até tarde com ele. Mesmo que fosse dia de aula. O segredo era colocar a Claire na cama até as 20h e depois passar as duas horas seguintes assistindo a esportes, lendo histórias ou fazendo o que eu quisesse.
Hoje à noite, passamos um tempo de qualidade escrevendo convites para festas de aniversário para distribuir aos meus amigos na escola amanhã antes Fomos de férias por causa do Halloween. Eu faria sete anos na semana que vem, então não precisava da ajuda do meu pai para escrever os convites, mas *queria* que ele assistisse. Me esforcei muito na minha caligrafia, mesmo durante as férias escolares, e isso transparecia. Quando meu pai me disse o quanto estava orgulhoso, fiquei com vontade de me esforçar ainda mais para deixá-lo ainda mais orgulhoso.
"Que bom, você começou a preparar os convites para a festa", disse mamãe, espiando a pilha de envelopes empilhados com capricho na mesa à minha frente. "Nossa, quantos convites, querida."
"Convidei a turma toda", expliquei. "Vinte e seis."
"Vinte e seis?" As sobrancelhas da mamãe se ergueram. "Que lindo." Sua voz soou estridente quando ela murmurou: "Vinte e seis garotos correndo pela minha casa parece... lindo."
"Acontece que temos um gênio em nossas mãos, Sinead", anunciou papai, passando o braço em volta de mim. "Ele só vai fazer sete anos na próxima semana e ele mesmo escreveu cada palavra daqueles convites. E você tem ouvido ele ler ultimamente? Ele estava lendo *O Hobbit* outro dia, e eu nunca ouvi nada parecido. A escola fez bem em testá-lo, Sinead. Ele está muito à frente

dos demais." Ele apertou meu ombro. "Esse nosso rapazinho vai fazer coisas grandiosas."
Mamãe sorriu para mim, indulgente. "É mesmo?"
Meu rosto ficou vermelho como uma beterraba e eu sorri de orgulho.
Eu sabia que era considerado *brilhante* na escola, mas ouvir meu pai dizer isso em voz alta me fez acreditar de verdade. Os professores me diziam isso com frequência, e mesmo que não me contassem os resultados daqueles testes individuais especiais para os quais eu era tirado da sala de aula, eu sabia que tinha que ser bom.
"Ele também é um ótimo artista", papai continuou a insistir, para minha alegria. "O que só será útil se ele decidir seguir os passos do pai." Ele apertou meu ombro novamente. "Não é mesmo, filho?"
"Calma, Peter Biggs", interrompeu a mãe, com uma risadinha. "Seu filho só tem sete anos." Ela arqueou uma sobrancelha. "Acho que é um pouco cedo para orientá-lo na carreira de arquitetura e desenvolvimento imobiliário, não acha, querida?"
"Não quando ele tem a compreensão de leitura de um adolescente", respondeu o pai. "Ou consegue dominar um conjunto de Lego mais rápido do que qualquer criança que conhecemos."
"Pete, deixe a criança ser criança", instruiu a mãe, indo em direção à geladeira. "Hugh tem uma longa vida pela frente. A infância dele é apenas uma pequena fração disso, então não vamos torná-la ainda mais curta, querida."
"Jesus, você tem razão, Sinead. Eu não devia estar falando desse tipo de coisa com ele. Só me empolguei um pouco..." Meu pai deixou as palavras se perderem antes de pigarrear bruscamente. Seu rosto estava vermelho, como se estivesse envergonhado. "Esqueça toda essa conversa, filho. Vamos aguardar ansiosamente o seu aniversário, hein?"
"Ah, e não se esqueçam de fazer convites para as amigas da Claire", gritou a mãe. "Sei que tenho os nomes delas escritos em algum lugar." Ela vasculhou os bilhetes e desenhos feitos à mão colados na geladeira antes de pegar um post-it amarelo. "Aqui vamos nós."
"Pai", gemi, virando-me para meu pai, que estava sentado ao meu lado. *"Por favor."*
Papai ergueu as mãos. "Sua mãe é quem manda, filho."
"A Claire só vai convidar quatro amigas", acrescentou a mãe. "Você consegue."
" *Por quê* , mãe?", reclamei, virando-me para olhá-la quando ela colocou o post-it na mesa à minha frente. "Nenhum dos meus amigos da escola precisa convidar as amigas das irmãs para as festas deles. Por que eu tenho que ser o único garoto da turma que tem *garotas* na festa dele?"
“Porque, aparentemente, você é o único garoto da classe cuja mãe o está criando para ser um cavalheiro”, respondeu mamãe, acariciando meu queixo com o polegar antes de voltar para a geladeira. "Escreva os convites."
"Mas estamos na primeira classe." Continuei a argumentar. "O que vamos fazer com quatro *meninas do primeiro ano* ?"
"Cinco", mamãe respondeu alegremente. "Você esqueceu de contar sua irmã."
"Meu Deus, isso é pior ainda." Abaixei a cabeça na mesa e cobri a nuca com as mãos. "Porra."

"Cuidado com o que diz na frente da sua mãe", meu pai avisou, dando uma cotovelada no meu braço. "E sente-se ereto quando estiver falando com uma mulher."
"Desculpe", murmurei, sem me sentir nem um pouco arrependida, mas fazendo o que ele disse. "Então não tem jeito?", ouvi-me perguntar, sentindo-me derrotada. "De jeito nenhum?"
"Nenhuma, filho. Agora, anda logo e escreve isso antes de dormir", instruiu a mãe, ligando o micro-ondas. "A Claire está no seu ônibus amanhã, então você mesmo pode entregá-los para as meninas."
“Por favor, Deus, não!”
Mamãe riu. "Não vai te matar, Hugh."
"Pode ser."
"Você ouviu sua mãe", papai interrompeu, cobrindo a boca com a mão. "Ela está criando um cavalheiro."
Sabendo que estava derrotado, suspirei em derrota e peguei o post-it que continha os nomes dos amigos idiotas da minha irmã.
"Shannon Lynch, Marybeth e Cadence O'Neill, e Lizzie Young", li a lista de nomes no papel e olhei feio. "Ugh."
"É a irmã da jovem Caoimhe?", perguntou o pai, inclinando-se para ver melhor os nomes. "Caoimhe Young, que toma conta da Sadhbh?"
"Com certeza", respondeu a mãe. "Falando em babá, peguei o telefone dela com o Sadhbh. Estava pensando em contratá-la para uma noite com a nossa turma."
Os olhos do papai brilharam. "Meu Deus, faz uma eternidade que não temos um encontro romântico, querida."
"Desde antes da Sra. Grady fazer cirurgia no quadril", respondeu mamãe com um sorriso. "Caoimhe é muito recomendada por Sadhbh, e os O'Reillys lá na rua só falam bem dela."
"Nossa, seria fantástico se desse certo", refletiu papai, coçando o peito. "Com a Sra. Grady fora de ação, estamos sem babá durante as férias escolares."
"Espero que dê certo", respondeu a mamãe. "Ela parece fazer sucesso com todas as crianças, e até o nosso Pequeno Gibs está apaixonado por ela."
"Odeio quando vocês o chamam assim", resmunguei. "Vocês fazem isso o tempo todo e é tão irritante. Ele não é *o Small Gibs* . Ele é só *o Gibs* ."
"Desculpe, filho", riu o pai. "Mas Joe Gibson sempre será o Gibsie original."
“E tem sido assim desde que éramos crianças”, concordou mamãe com uma risada.
“O que faz com que seu filho *seja Small Gibs* .”
"Tanto faz. Não me importo com babás, mas Joe é *Joe* , e Gibs é *Gibs* ", bufei, voltando minha atenção para o convite que eu estava sendo *forçada* a escrever. "Marybeth e Cadence são irmãs gêmeas do Pierce, então só estou escrevendo um convite para elas."
"Faça uma letra bonita", respondeu a mamãe. "A melhor letra."
"Não fique tão triste, Hugh", meu pai riu, despenteando meu cabelo. "Daqui a alguns anos, você vai implorar para mim e para sua mãe te deixarem receber meninas."
"Sabe, a Vovó Biggs fez seu pai me convidar para a festa de aniversário dele quando éramos pequenos." Mamãe se aproximou e abraçou o papai por trás. "E

olha só a gente agora."
"É isso mesmo", refletiu papai, dando um beijo na mão da minha mãe. "E foi o melhor convite forçado que já escrevi."
A mãe sorriu para ele. "E não passamos mais de uma semana separados em três décadas."
"Então nunca se sabe, filho", brincou o pai. "Um desses nomes pode ser o nome que você dirá no dia do seu casamento."
Estremecendo, olhei para ele, horrorizada. "Isso é para me fazer sentir *melhor* ?"

VALENTÕES, CONVITES DE ANIVERSÁRIO E IRMÃOS MAIS VELHOS

Lizzie

28 DE OUTUBRO DE 1994

"Já estão quase prontos ?", gritou Claire do outro lado da porta do banheiro. "Vamos perder o ônibus para casa. Ele sai cedo, lembra? A professora disse meio-dia em ponto."
"Já vou", respondi, tirando a calcinha e enrolando-a. Não queria me meter em encrenca de novo, e era isso que aconteceria se os adultos descobrissem que eu tinha sofrido um acidente. Preocupada, procurei a lixeira e, assim que a encontrei, joguei o tecido de algodão no fundo, cobrindo-o com papel higiênico.
Dei descarga, destranquei a porta e corri para a pia para lavar as mãos, gritando a palavra *"desculpe* " para minha amiga enquanto me movia. "Precisava ir com muita urgência."
"Tudo bem", respondeu Claire, ainda segurando minha bolsa. "Não se esqueça do sabonete."
"Não vou", respondi, despejando um pouco na palma da mão. "Ei, você já fez xixi em coisa vermelha?"
"Eca, não!" Seus olhos castanhos se arregalaram. "Você acha?"
"Às vezes." Concentrei-me em lavar a espuma das mãos. "Quando está mesquinho."
"Você faz xixi mesquinho?"
Concordando, fui até a toalha e sequei as mãos. "Você?"
Claire balançou a cabeça. "Não."
"Ah." Sorrindo, peguei minha bolsa e passei os braços pelas alças. "Pronta."
Rindo, começamos a correr para ver quem chegaria primeiro ao portão da escola. Claire era alta como eu, com pernas longas para correr mais rápido, mas mesmo assim toquei o portão antes dela.
"Você é um foguete", ela riu quando me alcançou. "Como um foguete super-super-rápido."
"Vocês dois são incríveis", disse Shannon, enquanto esperava no meio da multidão de outras crianças que esperavam do lado de fora dos portões da escola pelo ônibus. "Eu não consigo correr tão rápido quanto nenhum de vocês."
"Ah, querida!", exclamou Claire em voz alta. "Quase me esquecia." Vasculhando sua mochila, ela pegou um envelope e o entregou a Shannon antes de se virar rapidamente para me olhar. "Você vai receber um depois, eu prometo."
"Sou eu?", perguntei, sentindo uma onda de entusiasmo me invadir. Eu não fazia ideia do que aquilo significava, mas fiquei feliz por ter sido incluída.
“É um convite de aniversário.”
"Mas seu aniversário é em agosto", Shannon e eu dissemos em uníssono.
"É o aniversário do meu irmão", explicou Claire, torcendo o nariz. "Ele é fedorento e super irritante, mas acho que está bem."

“Ok”, eu ri, enquanto Shannon guardava o envelope no bolso sem abri-lo.
"Então você pode vir?"
Eu disse sim ao mesmo tempo em que Shannon disse não.
Claire começou a sorrir e dizer "oba", antes de se transformar num triste "Como assim?"
Shannon trocou o peso do corpo de um pé para o outro, parecendo indecisa, mas não respondeu. "Não posso ir a festas de aniversário?"
“Por que não?”, nós dois perguntamos.
"Porque ela é uma fura-greve", zombou uma das alunas da quarta série, antes de empurrar Shannon bruscamente para longe. "Agora, anda, *fura-greve* ."
"Ei!", Claire bufou, apoiando a mão no ombro da nossa amiga quando ela cambaleou com a força do empurrão da garota maior. "Que maldade."
"Ah, foi mesmo?", zombou a morena, num tom maldoso. "Por que você não vai lá e chora por causa disso, *Sue cacheada* ?"
"O nome dela é Claire", rosnei, sentindo meu corpo tremer de raiva enquanto me movia para ficar ao lado dos meus amigos. "Então, por que vocês não vão se foder?"
Todos ao redor de nós ficaram boquiabertos.
"Puta merda", riu um dos meninos maiores, enquanto outros riram e apontaram.
"Você xingou", Claire sussurrou-sibilou no meu ouvido. "Você disse a palavra com f, Liz."
"Sim, eu fiz", concordei, decidindo me manter firme, mesmo quando uma multidão se formou ao nosso redor. Estávamos do lado de fora da escola, mas mesmo que alguém me dedurasse, eu não me importava. Eu estava acostumado a ter adultos gritando comigo. Eu estava acostumado a decepcionar as pessoas.
"Posso dizer pior", acrescentei, franzindo a testa para o valentão. "Posso fazer pior também."
"Você mora em Avoca Greystones, certo?", outra garota perguntou a Claire.
"Sim", respondeu Claire, assentindo cautelosamente. "E daí?"
"Então essas casas são realmente bonitas", respondeu a garota. "Por que você convidaria um Lynch para sua casa?"
Todos ao nosso redor começaram a rir.
Os olhos de Shannon começaram a se encher de lágrimas.
"Porque ela é minha *amiga* ", defendeu Claire, agarrando a mão de Shannon. "É por isso."
“É, bom, se eu fosse você, não deixaria essa crosta entrar pela sua porta da frente.” A garota jogou o rabo de cavalo por cima do ombro antes de acrescentar: "Você sabe que ela é de Elk's Terrace, não sabe? Ela provavelmente vai roubar sua família às cegas no minuto em que você virar as costas."
"Também ouvi dizer que ela tem lêndeas", interrompeu o valentão original. "Então, vocês, meninas, talvez devessem pensar nisso antes de chegarem tão perto dela. Vocês não querem piolhos, né?"
"Por que você não cala a boca?", gritei, correndo para frente e empurrando a garota com toda a força que pude.
Em vez de me empurrar, a garota riu na minha cara. Todas as amigas dela riram também. Porque elas eram maiores que nós. Isso me deixou ainda mais bravo.
Eu não conseguia controlar a raiva que crescia dentro de mim e, além disso, eu

não queria. Shannon era uma boa amiga para mim. Estar perto dela me ajudava a manter a mente clara e a expressar minha opinião. Não importava onde ela morasse. Ela era gentil e doce e me fazia sentir segura. Eu queria arrancar os olhos daquelas meninas. Queria fazê-las sangrar, fazê-las pagar por machucarem minha amiga.
"Lizzie, não", implorou Shannon, segurando a minha mãozinha. "Vamos até aqui e esperar o seu ônibus."
"É, *Lizzie* ", zombou o valentão. "Escute a sarnenta da Shannon, que não pode pegar o ônibus porque os pais sarnentos dela são pobres demais para pagar."
As crianças ao redor começaram a rir, e isso me fez tremer de raiva. "Retire o que disse", avisei, me soltando dos meus amigos e fechando os punhos ao lado do corpo. "Retire o que disse agora mesmo!"
"Ou o quê?", ela provocou, inclinando-se para me dar um sorriso irônico. "O que você vai fazer, seu pirado?"
"Atenção!", ouvi um garoto gritar momentos antes do valentão se afastar cambaleando de nós.
"Meu Deus!" Agarrando a cabeça, a garota começou a gritar como uma alma penada. "Minha cabeça, minha cabeça!"
Chocado, virei-me e vi Joey Lynch descendo os degraus que levavam do campo até os portões da escola com uma mochila pendurada no ombro.
O irmão mais velho da Shannon estava apenas na segunda série, mas os meninos mais velhos ainda saíam do seu caminho. Porque tinham medo dele. Porque ele brigava muito *na* escola. Mais até do que eu.
"Eu disse para avisar." Joey abriu o portão da escola com tanta força que ele bateu na parede. Ele não precisou abrir caminho pela multidão para chegar até a irmã; todos saíram correndo do seu caminho. "Não é problema meu se você é surdo."
"Talvez você devesse ter uma mira melhor", lamentou a valentona, ainda segurando a cabeça, enquanto os amigos que estavam com ela corriam para o ônibus que chegava.
"Talvez você não devesse ficar tão perto da minha irmãzinha", respondeu Joey, propositalmente se colocando na nossa frente e bloqueando sua visão.
"Você me machucou muito, *Joey Lynch* ", continuou a garota, chorando sem parar. "Vou dedurar você para o meu irmão."
"Eu nunca toquei em você, *Loretta Crowley* ", respondeu ele, dando de ombros despreocupadamente. "Mas vá em frente e conte para toda a sua família, porra, que eu não me importo."
"Ela chamou a Shannon de fura-greve", Claire deixou escapar, puxando a manga da camisa branca do Joey. "E ela a empurrou também."
"Ah, ela sabia?", respondeu Joey, mantendo o olhar fixo em Loretta. "Foi um erro, não foi, Loretta?"
"Não tenho medo de você", respondeu ela, mas recuou vários passos. "Você é um canalha."
"É", Joey concordou com uma risada perigosa, fechando o espaço que ela havia criado entre eles. "Mas eu sou um canalha que vai destruir seu mundo se você encostar na minha irmã de novo."
Uau .

"Diga ao seu irmão para vir me procurar", disse ele antes de enganchar a sliotar com que a atingira em seu hurley com precisão de especialista. "Estarei esperando por ele. E você?" Pegando a bola branca de couro no ar, ele a enfiou no bolso da calça da escola e acrescentou: "É melhor você anotar *este* aviso porque é o último que você vai receber, ouviu?"
Loretta respirou fundo antes de se virar e correr na direção dos ônibus escolares.
Há!
Bom o suficiente para você .
Nem tentei esconder a risada que escapou de mim.
Fiquei emocionado.
"Shan", disse Joey então, voltando a atenção para a irmã. "Você está bem?"
“Tudo bem, Joe”, ela murmurou, movendo-se rapidamente para o lado dele.
Com as narinas dilatadas, ele encarou a irmã por um longo momento antes de dizer: "Ótimo." E então, sem olhar para mim ou para Claire, assentiu rigidamente. "Vamos."
"Ah, tchau, pessoal", gritou Shannon antes de correr atrás do irmão, que se afastava a passos largos em direção à cidade. "Vejo vocês depois das férias de Halloween."
"Tchau", nós dois respondemos antes de nos virarmos e ficarmos boquiabertos um com o outro.
"Isso foi tão legal!", eu ri enquanto corríamos em direção ao ônibus. "Ele a fez chorar."
"Aquilo foi tão assustador", Claire comentou, com os olhos castanhos arregalados. "O irmão da Shannon parecia super bravo com todo mundo." Ela franziu a testa antes de acrescentar: "Ele até parecia bravo com a gente."
"É porque ele está sempre bravo", disse uma das gêmeas da nossa turma quando nos alinhamos atrás delas para pegar o ônibus. Eu não tinha certeza se era Marybeth ou Cadence, porque elas eram *exatamente* iguais. De qualquer forma, não me importava. As duas eram simpáticas.
“Com todo mundo”, concordou o outro gêmeo ao mesmo tempo em que eu disse, “acho que ele é ótimo”.
" *Ooh* ", riu a primeira gêmea, cobrindo a boca com a mão. "A Lizzie está a fim do irmão da Shannon."
"Qual é a novidade?"
“É quando você olha para um garoto e seu rosto fica quente.”
“Não, não é.”
“Uh-huh, sim, é.”
"Acho que também estou a fim do Joey", confessou a segunda gêmea. Quando suas bochechas ficaram rosadas, decidi que essa tinha que ser a Cadence. Ela era a gêmea que ficava vermelha sempre que um professor lhe fazia uma pergunta. "Meu rosto fica vermelho quando o vejo no parquinho."
"Eu também", concordou Marybeth. "É porque ele é bonito, como o Casper."
Claire franziu a testa. "O fantasma?"
“Sim”, disseram os gêmeos em uníssono, antes de ambos acrescentarem: “mas o verdadeiro garoto, Casper”.
A fila andou e meus amigos subiram os degraus do ônibus, enquanto eu os seguia.

Quando cheguei ao corredor e vi como o ônibus estava lotado, senti algo estranho na barriga. Normalmente, pegávamos um ônibus menor para casa às 14h, só para crianças do primeiro e do último ano, mas como hoje era feriado de Halloween e todos tinham terminado ao meio-dia, tivemos que pegar o ônibus com as crianças maiores. Este ônibus era um dos grandes e também pegava crianças de outras escolas. Eu não gostei.
Quando uma das gêmeas puxou Claire para sentar ao seu lado, e a outra sentou-se com outra pessoa, a sensação na minha barriga piorou.
Encontrando uma fileira vazia do outro lado do corredor, coloquei minha mochila no assento externo e sentei-me perto da janela antes do ônibus partir.
Tudo estava tão barulhento.
As outras crianças.
O rugido do motor.
As risadas ao meu redor.
As vibrações sob meu assento.
Muito alto.
Demais.
Desconfortável, coloquei as mãos no colo e me concentrei em cutucar o pequeno pedaço de pele pendurado na minha unha enquanto o motorista do ônibus passava pela cidade. Caoimhe chamou aqueles pedaços de pele de *arrivistas* e me disse para não cutucá-los, senão piorariam, mas isso nunca me impediu.
Com os olhos fixos naquele pedaço de pele trêmulo, puxei-o e puxei-o até que cedesse e se rasgasse. Quando a ardência começou no meu dedo, senti meus ombros relaxarem. Um pequeno ponto vermelho surgiu do corte, da mesma cor dos pontos na minha calcinha antes, e observei fascinado enquanto ele escorria lentamente pelo meu dedo.
Como um pequeno rio de sangue , a voz sussurrou do canto escuro da minha mente, *você pertence à água, abelhinha* .
Oh não.
Não, não, não.
Meu corpo enrijeceu e olhei ao redor em pânico, me perguntando se mais alguém tinha ouvido. Ninguém parecia ter ouvido. Estavam todos conversando e rindo uns com os outros, sem olhar na minha direção. O ônibus havia parado novamente, e algumas crianças estavam descendo enquanto outras ainda entravam.
Só meninos dessa vez.
Garotos barulhentos e barulhentos.
Em pânico, abaixei as mangas, escondendo os dedos sob o tecido do meu suéter escolar. Porque eu queria continuar cutucando. Eu queria arranhar, rasgar e arrancar a pele. Porque me acalmava. Mas eu não podia mais fazer isso. Porque era ruim. Os médicos disseram que sim.
Então usei as mangas para esconder as mãos dos olhos.
Da minha mente .
Porque eu *queria* ser uma boa menina.
Como Mark prometeu que eu seria.
"Eba! Você conseguiu!"
Levantei a cabeça de repente quando ouvi o grito animado de Claire, e a vi

conversando com um dos meninos mais velhos que tinha acabado de entrar. Ela conversava animadamente com o menino, mas eu não tinha tanta certeza de que ele a estava ouvindo, porque estava com fones de ouvido. Aqueles bem legais com faixa de metal, como os que o Caoim ganhou no Natal passado. Os fones estavam presos a um fio preto que se conectava ao walkman prateado na outra mão.
"Você é o melhor irmão mais velho de todos!", ela continuou a gritar, batendo palmas. Os gêmeos também estavam ajoelhados em seus assentos, mas eu não conseguia diferenciá-los dessa vez porque ambos estavam corados.
"Esta é Marybeth", Claire disse ao irmão, apontando para a gêmea ao lado antes de apontar para a da frente. "E esta é Cadence."
Quando o irmão dela estendeu um envelope para eles, os gêmeos sorriram para ele antes de ambos correrem para pegá-lo ao mesmo tempo.
Rapidamente virou uma disputa acirrada entre as irmãs, e eu me distraí, focando no irmão mais velho da Claire. Eu sabia que ela tinha um, eu até sabia o nome dele — Hugh —, mas a Claire nos disse que ele era fedorento e parecia o troll da capa do livro de histórias *"Os Três Bodes Gruff"* .
Claire contou uma mentira.
O irmão dela *não* se parecia com o troll.
Ele usava um suéter verde-escuro com o brasão da Scoil Eoin e calças escolares cinza, e era alto. Tipo, superalto. Tinha cabelos loiros como os da irmã, mas o cabelo era de um tom mais escuro. e corte bem rente na parte de trás e nas laterais, deixando uma massa bagunçada de cachos ondulados no topo.
"É a Lizzie", anunciou Claire, apontando na minha direção enquanto o ônibus partia novamente. "Ela está logo ali, viu?"
O irmão de Claire olhou para mim, e senti uma onda repentina de calor percorrer meu corpo. Não a sensação de calor raivoso ou o calor assustador que acontecia à noite. Não, era um tipo *diferente* de calor. Como o calor que senti quando vi o irmão de Shannon na escola. Só que mais *agradável* .
Muito melhor .
O irmão dela começou a andar na minha direção, e eu senti meu corpo se contrair, enquanto a sensação de calor ficava cada vez mais quente.
Quando chegou ao meu lugar, ele deslizou os fones de ouvido para o pescoço antes de me lançar um sorriso esperançoso. "Lizzie?"
Uau .
Claire era uma grande mentirosa.
Concordando ansiosamente, peguei minha mochila do assento e sorri para ele, esperando e rezando para que ele se sentasse.
Ele *fez* .
"Obrigado", disse ele, colocando a bolsa dele no chão junto com a minha. "Sou o Hugh."
"Eu sei." A excitação borbulhou dentro de mim quando ele se virou para mim. "A Claire nos disse que você parecia um troll." Me virando de lado no assento, me inclinei para perto e cheirei. "A Claire disse que você estava fedendo." Afastei-me e franzi a testa. "Mas você não está." Ele cheirava a sabonete e morangos. "Gosto do seu cheiro."
"Hã, tá?", respondeu Hugh com uma risadinha. "Obrigado, eu acho?"

Os olhos dele eram grandes, calorosos, castanhos e seguros. Não eram do mesmo castanho-escuro que os de Claire. Os dela eram muito mais escuros. Os olhos do irmão dela eram castanhos como a cor do uísque do meu pai.
Olhos de uísque .
"O que é isso?" perguntei, apontando para seus fones de ouvido que ainda tocavam música.
"Isto?" Ele ergueu o aparelho. "É um Walkman."
"Eu sei disso, bobinha." Rindo, estendi a mão e dei uma batidinha num dos fones. "Qual é a música?"
"Ah." Ele tirou os fones de ouvido do pescoço e me entregou. "Chama-se 'Send Me on My Way', do Rusted Root."
Segurando o alto-falante no ouvido, ouvi atentamente a melodia. Era uma melodia alegre. Me fez sorrir. "Gostei."
"É", ele concordou quando lhe devolvi os fones. "Eu também."
Com a atenção voltada para o garoto sentado ao meu lado, estudei cada mancha e padrão cor de âmbar em seus olhos. Cílios grossos e escuros se abriam em leque em suas pálpebras, da mesma cor de suas pupilas grandes.
Hugh Biggs tinha olhos cor de uísque que não desviavam o olhar.
Em vez disso, eles permaneceram bem perto de mim, calorosos e gentis, afastando a sensação assustadora da minha cabeça. Caoimhe sempre me dizia para parar de encarar as pessoas com tanta intensidade. Ela dizia que era assustador e estranho. Mas esse garoto não pareceu se importar.
"Seus olhos são lindos", eu disse a ele, sentindo meu coração disparar ao olhar para ele. "Eu gosto deles."
"Hã, obrigado?" Suas bochechas ficaram vermelhas. "Eu também gostei do seu."
“Seu rosto está vermelho.”
Ele se mexeu, desconfortável. "O seu também."
"Eu sei por quê", sorri de volta para ele. "É porque eu te dou tesão."
"Hã." Ele pareceu surpreso e seu rosto ficou ainda mais vermelho. "Eu, hã..."
"Está tudo bem." Sorrindo, agarrei a mão dele e a pressionei contra a minha bochecha. "Viu? Você também me dá tesão."
"É... é, talvez", murmurou ele, afastando a mão. "Aqui", disse ele então, me entregando um envelope, com os olhos castanhos me observando com cautela. "É um convite para a minha festa de aniversário." Suas bochechas começaram a ficar rosadas. "Espero que você possa vir."
"Eu posso", respondi abruptamente, agarrando o envelope com força. "Eu vou."
"Você nem sabe que dia é hoje", ele riu, me lançando um olhar peculiar. "É Halloween, então você deve estar ocupado com a sua família."
"Não estou", apressei-me em dizer, sem saber se estava ocupada ou não. Eu não sabia e não me importava. A única certeza que eu tinha naquele momento era que *iria* à festa de aniversário dele. "Estarei lá."
“É uma festa à fantasia.”
"Ah", torci o nariz. "Não gosto de me arrumar."
"É, eu também não", suspirou ele. "Mas minha mãe nos obriga porque meu aniversário é no Halloween." Ele me ofereceu um sorriso de desculpas. "Alguns dos rapazes da minha turma usam máscaras de brechó e sacos de lixo, então não se preocupe com fantasias extravagantes", acrescentou antes de cair na

gargalhada.
"O quê?" Sorri e me aproximei. "Qual é a graça?"
"Só estou pensando no meu amigo", explicou ele, ainda rindo. "Ele está se fantasiando de Peter Pan." Ele deu outra risada gostosa, e dessa vez um bufo escapou. "Ele está de meia-calça verde e tudo."
Sua risada me fez rir junto com ele, e estremeci quando uma sensação de frio na barriga me atingiu. "De que você está se fantasiando?"
“Dr. Grant de *Jurassic Park* .”
"Dra. Grant", repeti para mim mesma, guardando a informação em um lugar seguro. "Então, sem meia-calça?"
"Definitivamente não", ele refletiu, os olhos castanhos brilhando de diversão. "Você realmente não precisa se arrumar." Seu tom era gentil quando acrescentou: “Você não precisa fazer nada que não queira”.
"Realmente?"
"É." Ele me olhou por um longo tempo antes de balançar a cabeça e se levantar. "É melhor eu voltar para os meus amigos." Pegando a bolsa, ele a pendurou no ombro e me ofereceu um sorriso. "Até mais."
“Até mais”, respondi, embora quisesse dizer para ele voltar.
Hugh balançou a cabeça e se virou para sair, mas logo se virou e se aproximou. "Acho que você tem razão", sussurrou, sua respiração batendo na minha bochecha.
Virei-me para perguntar o que ele queria dizer, mas ele já estava se afastando. Ajoelhando-me, apoiei o queixo no encosto do banco e observei o irmão de Claire se juntar a um grupo de garotos usando o mesmo uniforme que ele no fundo do ônibus.
Sorrindo, observei Hugh sentar-se ao lado de um garoto de cabelos escuros que o abraçou pelo pescoço e o imobilizou com uma chave de braço. Os dois começaram a rir e a lutar, enquanto os outros garotos os incentivavam.
Quando o irmão de Claire se libertou do mata-leão do amigo, ele levantou a cabeça e olhou na minha direção.
Quando seus olhos pousaram nos meus e ele sorriu, meu coração disparou novamente. Rapidamente afundei de volta no assento e soltei um suspiro trêmulo. Sentindo meu rosto arder, apertei seu convite contra o peito e *sorri* .

ESSA É A LIZZIE?

Hugo

28 DE OUTUBRO DE 1994

QUANDO ENTREI NO ÔNIBUS DEPOIS DA AULA NA SEXTA - FEIRA , ME SENTI COMO UM SOLDADO SENDO enviado em uma missão perigosa. Porque eu *sabia* que qualquer um com quem minha irmã maluca se juntasse seria uma ameaça, e eu tive que convidar *quatro* deles para a minha festa. Na *cara deles* . Pior, Joe foi buscar Gibsie depois da aula, então eu não o tinha no ônibus para me apoiar, e Feely estava gostando demais do meu constrangimento para intervir e ajudar. Uma das amigas dela não pegou o ônibus, então Claire levou o convite dela para a escola esta manhã para entregar, mas ainda restavam três deles.
Avistei as irmãs gêmeas de Pierce sentadas com Claire, então, com uma expressão sombria no rosto, caminhei penosamente pelo corredor, parando quando as alcancei. Elas se viraram para me olhar exatamente ao mesmo tempo, sorrindo o mesmo sorriso e falando as mesmas palavras ao mesmo tempo.
Eu sabia que eles não tinham como evitar serem idênticos, mas isso me assustou muito.
Jesus, fiquei tão grata por não ter que viver com *duas* Claires.
Com três já preenchidas e uma para ir, eu tinha toda a intenção de encontrar a última garota, entregar o convite o mais rápido possível e depois devolvê-lo para minhas amigas. O que eu *não* pretendia era ficar paralisada no meio do corredor quando minha irmã apontasse para *ela* ...
Puta merda.
Essa era a amiga da minha irmã?
Esta é a Lizzie ?
Eu achava que minha irmã tinha o cabelo loiro mais claro que eu já tinha visto, mas o cabelo dessa garota era *branco* . Como *a neve* . A pele dela era tão clara que era quase transparente, como uma das bonecas de porcelana da Claire. Ela também não tinha uma única sarda no rosto. Nem uma.
E os olhos azuis dela, aqueles fixos no meu rosto? Bem, eu nunca tinha visto olhos assim *antes* .
Pisquei algumas vezes, sem ter certeza se a estava vendo direito, porque aquela garota não se parecia com as outras garotas no ônibus. Ela não se parecia com nada que eu já tivesse visto antes.
Ela parecia um fantasma.
Ou um anjo .
Algo diferente.
Algo especial .
A garota não desviou o olhar quando me viu olhando. Em vez disso, continuou a me encarar.
De alguma forma, e eu não tinha certeza de como, consegui reunir coragem para ir até lá e perguntar: "Lizzie?". Porque se Claire tivesse apontado para a garota

errada, eu ficaria envergonhado.
Deus, por favor, que esta seja a garota certa .
Quando ela assentiu e me ofereceu o assento ao lado dela, quase caí. Isso me confundiu, porque eu nunca quis sentar com garotas, mas *queria* sentar com essa garota. Eu *queria* olhar para ela também.
Seus cabelos longos e lisos como os das outras garotas não estavam presos com fitas ou laços extravagantes como os das outras garotas. Em vez disso, ela os prendia atrás das orelhas para não atrapalhar. Ela também não usava meia-calça como as outras garotas. Usava meias brancas que iam até abaixo dos joelhos. Seu casaco era preto, não rosa ou colorido, e seus dois joelhos estavam cobertos de arranhões de silva. Tudo naquela garota era diferente, mas era ela Olhos que realmente me chamaram a atenção. Eram tão claros que pareciam pingentes de gelo azul-claros com raios cinzas e irregulares atravessando-os.
Quando me apresentei e começamos a conversar, não consegui ouvir uma palavra. Não fazia ideia do que estava saindo da minha boca. Estava distraído demais com o som da minha pulsação martelando nos ouvidos e com a alegria dos meus olhos em olhar para aquela garota. Sinceramente, não tinha jeito, porque sentada na minha frente estava a garota mais bonita do mundo. Quando ela se inclinou e cheirou meu pescoço, pensei que ela também fosse a mais estranha. Não me afastei, porém, e não me senti constrangido ou envergonhado quando ela me fez um elogio. Em vez disso, me senti *satisfeito.* Porque logo percebi que *queria que* ela me admirasse.
Como se eu definitivamente a admirasse .
Quando lhe entreguei o convite para a minha festa e ela concordou em vir, meu estômago embrulhou como uma panqueca. Tentei manter a calma, mas mal conseguia respirar. O jeito como ela sorriu para mim fez minha pele formigar e esquentar. Não sabia quanto tempo levei para voltar para meus amigos, mas quando voltei, senti como se tivesse acabado de sair de um brinquedo de parque de diversões. Um brinquedo muito rápido que me fez girar e me deixou tonta.
Quando os rapazes começaram a me provocar por causa dela, percebi que não me importava nem um pouco. Em vez disso, ri das provocações, sentindo-me presunçoso em vez de envergonhado.
Porque eles não sabiam o que eu fazia.
Eles não tiveram a garota mais estranha de Ballylaggin vindo para sua festa de aniversário.
Meus olhos encontraram os dela do outro lado do ônibus e eu sorri.
Ou a mais bonita .

ELE CHEIRA A SABONETE E MORANGOS

Lizzie

31 DE OUTUBRO DE 1994

EU ESTAVA TÃO FELIZ QUE PENSEI QUE PODIA EXPLODIR EM CEM MILHÕES DE pedacinhos. Eu estava esperando o Halloween chegar desde sexta-feira, e ele finalmente *chegou.* A excitação borbulhava dentro da minha barriga, dificultando ficar parada para a minha irmã.
"Você é como uma boneca pessoal para mim", disse Caoimhe de seu lugar atrás de mim, onde ela estava arrumando meu cabelo para a festa.
“Meu cabelo está ficando comprido”, observei, olhando para nossos reflexos no espelho da penteadeira.
"Mm-hmm", ela concordou, jogando a trança loira que chegava à cintura por cima do ombro. "Quase tão longa quanto a minha."
"Quase."
"A que horas a mãe da Claire vem te buscar?"
"Duas e meia." Um arrepio de excitação percorreu meu corpo. "Que horas são agora?"
"Quase dois", respondeu minha irmã. "Sabe, você não precisa trazer o convite, Liz."
"Eu sei. Eu só... gosto." Ainda segurando o convite nas mãos, li em voz alta pela centésima vez. "Para Lizzie, você é..."
"Convidado."
“Eu sei ler, Caoimhe”, resmunguei antes de continuar rapidamente, “para minha festa de sétimo aniversário—”
“Às duas horas do dia trinta e um de outubro.”
"Ei", respondi rispidamente, cobrindo o convite com a mão para que ela não visse. "Eu disse que consigo ler sozinho."
Soltando um suspiro, concentrei-me novamente no convite.
"De Enorme", eu disse lentamente, concentrando-me em pronunciá-lo corretamente. "De Enorme...ge..." Minha irmã riu e eu estreitei os olhos em desafio. "É um nome difícil, ok?"
"Sim, é", ela concordou, tentando conter o riso. "E é Hugh, só para você saber. Não *Huge* ."
"Eu sabia disso", resmunguei, passando os dedos pelo convite escrito à mão. "Hugh. Gostei do nome dele." Um pequeno sorriso surgiu no meu rosto. "Gostei da letra dele também. Ele é bacana."
"Ele *é* legal", ela concordou, inclinando-se sobre meu ombro para inspecionar o convite.
"Eu também sou legal", respondi. "Mas não tão legal quanto ele."
"É, bom, você só tem seis anos. Ele tem sete."
“Farei sete anos em junho.”
"E daí? Não é uma competição."

"Ele escreve em conjunto." Segurei o convite na frente do rosto dela para olhar mais de perto. "Olha como *o g dele* é bom." Apontei para a letra perfeitamente curva. "É o melhor *g* que eu já vi." Olhei para cima e encontrei seu olhar no espelho. "Você tem que me mostrar como fazer."
"Meu Deus, Liz, relaxa." Largando a escova, minha irmã pegou um frasco de perfume da penteadeira e borrifou no meu cabelo. "Você não precisa aprender tudo agora. Só desligue a mente e curta ser criança."
"Mas não consigo desligar minha mente", protestei. "Ela nunca para de falar comigo."
"Não." Alisando meu cabelo, ela me lançou um olhar de advertência. "Você *não* diz coisas assim."
Engolindo em seco, assenti com a cabeça em sinal de compreensão.
Eu sabia o que aquele olhar significava.
Era o mesmo que meu pai me deu.
Cale minha boca e guarde isso na minha cabeça .
"Viu como a gente se dá bem quando você não está pirando?", Caoimhe ofereceu então, ajeitando minha roupa. "Juro, este último ano foi o melhor desde que você nasceu." Ela sorriu para mim pelo espelho. "Sinceramente, você parece uma pessoa diferente desde que mudaram seus remédios."
"Me meti em encrenca na escola semana passada", lembrei a ela. "Mordi um garoto da minha turma."
"Tá, *tirando* isso", ela riu. "No geral, você tem arrasado."
Sorri orgulhosamente.
Eu gostava quando Caoimhe ficava feliz comigo.
Eu queria que todos estivessem felizes comigo.
"Odeio minha nova médica", respondi, fazendo uma careta ao pensar na moça do batom rosa-choque. "Ela fica me fazendo perguntas."
“Sim, bem, se você não quiser respondê-las, apenas minta.”
"Mentira?"
Ela assentiu. "Diga a ela o que ela quer ouvir."
“Mas eu não devo mentir.”
"Mentiras brancas são legais." Ela sorriu. "Eu conto mentiras brancas o tempo todo."
"Você faz?"
Ela assentiu. "Sim."
"Sobre o quê?"
"Mais ou menos na minha idade, quando quero fazer coisas para as quais sou jovem demais." Ela sorriu novamente. "E meu..." Um olhar triste a invadiu e ela suspirou. "Sobre muitas coisas."
“Você me conta mentiras?”
"Só para mantê-la segura."
Franzi a testa. "Hã?"
"Não importa." Ela bagunçou meu cabelo novamente. "Estou orgulhosa de você, sabia? Você está falando como um ser humano normal e não surtando a cada dez segundos. Você finalmente começou o ensino fundamental, fez alguns amiguinhos e até conseguiu um convite para uma festa." Ela piscou. "Talvez ainda haja esperança para você."

"Ele é muito bonito", suspirei, sentindo minha mente voltar ao irmão de Claire. "Ele tem olhos castanhos, é alto, cheira a sabonete e morangos e não parece um troll."
"Ah", Caoimhe exclamou, levando a mão ao peito. "Você gosta dele, não é?"
“Sim.” Apontei para minhas roupas e perguntei: “Tem certeza de que essa é a fantasia certa?”
"Ah, sim", confirmou Caoimhe, colocando os óculos escuros na minha cabeça como se fossem uma faixa de cabelo. "Você está *incrível* , Liz."
A mamãe deveria ter me ajudado a me arrumar, mas ela teve que ir ao hospital ontem à noite. Para outra festa do pijama. O papai foi visitá-la esta manhã e deixou a Caoimhe no comando.
"Quando ela volta para casa?"
"Quem?"
"Senhora."
"Breve."
"Hoje?"
Minha irmã balançou a cabeça. "Só daqui a pouco, Liz."
"Eu não sou idiota, Caoimhe", rosnei, sentindo meu corpo esquentar. "Eu sei que tem alguma coisa acontecendo com a mamãe", engasguei, fechando os punhos ao lado do corpo. "Eu só... eu não entendo."
"Ainda bem que não, Liz." Suspirando fundo, ela me abraçou por trás e me abraçou forte. "Escute, quando você tiver idade suficiente para entender, eu te explico tudo, mas até lá, aproveite a infância."
Não consigo , eu queria gritar. *Estou com muito medo* .
"Está ruim, não é?", insisti, com o estômago embrulhado. "A mamãe está muito doente dessa vez, não é?"
"Ela também estava doente da última vez e melhorou", respondeu minha irmã com a voz tensa. "Mamãe é uma lutadora. Ela vai superar de novo."
“Por que isso continua acontecendo com ela?”
"Não sei."
“Mas continua voltando, Caoimhe.”
“Sim, Liz, eu *sei* .”
“Ela vai morrer?”
Caoimhe suspirou pesadamente novamente. "Não, chega de peso por hoje." Me soltando do seu abraço de urso, Caoimhe se endireitou e soltou um suspiro trêmulo. "Hoje é um bom dia, abelhinha ocupada Lizzie." Com um sorriso largo nos lábios, ela foi até seu aparelho de som e pegou uma fita cassete de sua impressionante pilha de músicas. "É Halloween. Você vai à sua primeira festa de aniversário, onde haverá incontáveis horas de diversão e dança. Enquanto isso, vou passar o dia com meu namorado, então..." Pausando, ela trocou as fitas e mexeu nos botões do toca-fitas até que o som de "Twist and Shout", do Chaka Demus & Pliers, explodiu nos alto-falantes. "Acho que uma pequena comemoração antes do baile está na hora."
"Meu Deus!" Incapaz de me conter, ri baixinho quando a galinha Caoimhe dançou em minha direção. "Você é tão estranho."
"Ah, *eu sou* estranha?", rindo, ela agarrou minha mão e me arrastou pela sala. "Que coisa mais louca falando do maltrapilho, maninha."

Incapaz de resistir à tentação de dançar com Caoimhe, reprimi meus sentimentos assustadores e os substituí por um sorriso radiante. Um sorriso igual ao dela.
O som da campainha tocando um momento depois fez minha irmã gritar. "Meu Deus. É ele!" Gritando de excitação, ela soltou minhas mãos e mergulhou em direção à penteadeira. mesa. "Ele chegou cedo!" Passando seu batom marrom favorito, ela passou cuidadosamente os lábios antes de pressioná-los. Virando-se para me olhar, ela afofou o cabelo. "E então?", perguntou, fazendo beicinho e fazendo pose. "Como estou?"
Caoimhe usava um vestido xadrez verde-claro, largo e de alças finas, que ia bem acima dos joelhos, suas botas Dr. Martens favoritas e os braços cheios de pulseiras. Seu cabelo estava meio preso, meio solto, com algumas partes frisadas.
“Você parece adulta”, respondi, sentindo ciúmes porque meu cabelo era liso e sem graça.
A campainha tocou novamente, e minha irmã entrou em ação. "Meu Deus, é melhor eu ir e deixá-lo entrar", disse ela, correndo em minha direção com o dedo mindinho estendido. "Ok, você promete não me dedurar?"
Envolvi meu dedo no dela. "Eu prometo."
"Papai me mataria se soubessem que eu trouxe o Mark quando eles não estão em casa, então você não pode dizer nada." Ela mordeu o lábio. "Sério, você não percebe, Liz."
"Eu não vou."
"Porque você sabe como eles ficaram putos quando eu trouxe o Dar quando eles estavam fora." Ela riu baixinho. "Papai ficou tão puto quando eles chegaram em casa e nos encontrou no meu quarto."
"Sinto falta do Darren", respondi, pensando no irmão mais velho da Shannon. Aquele que era a cara dela. "Ele era legal."
"É, eu também sinto falta do Dar", ela concordou. "A gente se afastou desde que comecei o ensino médio, mas ele sempre será um dos meus melhores amigos."
"Como é que você se desviou?"
"Ele estuda na BCS agora", explicou ela. "E ele não suporta... bem, digamos que ele não é o maior fã dos amigos que fiz em Tommen."
"Como é que ele nunca foi seu namorado?" Dei de ombros. "Você o conheceu primeiro."
"Eu queria que ele fosse." Ela juntou as mãos e suspirou. "Mas não foi assim que aconteceu." Ela deu um sorriso radiante. "Mas o Mark *é* meu namorado, e ele é superfino e supersexy, e eu vou morrer de rir se o papai descobrir que ele esteve aqui enquanto eu estiver cuidando de você, então você não vai perceber." Ela me lançou um olhar preocupado. "É sério, Liz. Você *tem que* ficar de boca fechada."
“Eu sei, eu sei.” Revirei os olhos e resmunguei: “Eu sei guardar um segredo, Caoimhe.”
Eu sempre fiz isso.

JELLY SNAKES E O G PERFEITO

Hugo

31 DE OUTUBRO DE 1994

"H UGH !" , latia Robbie Mac , vestido como o Ranger do Poder Vermelho , do seu poleiro na minha mesa da cozinha. Ele apontou para as duas garotas fantasiadas de princesa sentadas uma de cada lado dele e pronunciou sem som as palavras " *faça alguma coisa"* .
Minha festa de aniversário estava a todo vapor, e minha casa estava lotada de amigos. Infelizmente para Robbie, as irmãs gêmeas assustadoras de Pierce tinham se apaixonado por ele. Eu não tinha certeza do que ele achava que eu poderia fazer a respeito. Uma coisa que eu não ia fazer era trocar de lugar com ele. Eu já tinha passado tempo demais com Claire pendurada no meu braço. Eu não tinha planos de me voluntariar para mais duas.
Fingindo que não ouvia Robbie, passei por um grupo de rapazes batendo uma piñata e fui para fora. Revirei os olhos quando passei por Danny Callaghan, da minha turma, que estava vestido de Power Ranger Azul, apontando e rindo de Robbie. "Olha, rapazes, Robbie tem uma *namorada* ."
Que babaca .
Aliviado quando encontrei Peter Pan e Zorro na garagem, fui direto até eles.
"Que diabos você está fazendo?", perguntei quando cheguei perto deles e avistei a baba escorrendo pelo queixo do Peter Pan. "Que porra é essa na sua boca, Gibs?"
“…elly…akes…” Gibs tentou engolir um bocado do que eu só poderia descrever como gosma.
“Ele está tentando quebrar o recorde mundial”, Zorro riu.
"Para *quê* ?", perguntei, olhando boquiaberta para Feely. "Sendo um idiota?"
“…elly…akes…” Gibs repetiu, usando os dedos para empurrar a gosma de volta para a boca.
“Gibsie acha que pode quebrar o recorde mundial de colocar o maior número de cobras de gelatina na boca”, explicou Feely entre risos.
"Qual é o recorde?" perguntei.
“Ele não sabe.”
"Então como ele pode quebrá-lo?"
“…uther…un…” Gibsie instruiu, estendendo a palma da mão. “…uther…un…eely…”
"Não faço ideia, rapaz", Feely riu, entregando outra cobra-d'água para um Gibs ansioso. "Mas ela está mantendo ele quieto."
"Ele pode engasgar", avisei, olhando-o com cautela.
“Ele pode”, Feely concordou.
“Quantos ele conseguiu até agora?”
"Nove."
"Nove?" Meus olhos se arregalaram de espanto. "De jeito nenhum." Olhei

boquiaberta para Gibsie. "Você está comendo, não está?" Estreitei os olhos, desconfiada. "Você não consegue colocar nove cobras gelatinosas na boca, sua mentirosa."
“…apa…” Gibs balançou a cabeça e engasgou, fazendo com que mais baba vazasse de sua boca. “…ai…eca!”
No momento em que ele agarrou a barriga e começou a vomitar, Feely e eu nos afastamos. Não era a primeira vez que lidávamos com seu refluxo.
"Meu Deus!", uivando de tanto rir, Feely agarrou o flanco e apontou para o nosso amigo bobo que estava vomitando sua geleia. "Ele parece o Mouth, dos *Goonies* ."
Gemendo de consternação, agarrei a barriga e contemplei a mais recente desventura de Gibsie espalhada por toda a minha garagem. "Você é *doente* , Gerard Gibson."
"Viu? Eu te disse que não comia", declarou Gibs, orgulhoso, quando terminou de expulsar as cobras. "Viu, Hugh?", apontou para cada gelatina babada no concreto e contou. "Nove bad boys de tamanho normal, sem nenhuma marca de dente."
"Parabéns", respondi com um arrepio. "Você tem a maior boca de Ballylaggin."
O som da buzina de um carro fez com que nós três nos virássemos em direção ao carro da minha mãe, que estava parado na calçada em frente à nossa casa.
"Bem, já era hora!" Gibsie declarou com um suspiro dramático antes de usar a capa preta de Feely para limpar a baba do queixo dele.
"Droga, Gibs!" Feely o empurrou antes de tirar rapidamente a capa e jogá-la nele. "Você *é* doente."
"Peter Pan!" O grito agudo de excitação da minha irmã perfurou o ar momentos antes de ela passar em disparada por mim e Feely.
Com a aparência de uma fada em sua fantasia de Sininho, Claire se lançou contra o empalhador de cobras. "Senti tanta saudade!"
Quando Gibsie se endireitou, ele levou minha irmã consigo, fazendo com que os pés dela saíssem do chão. "Senti mais sua falta, Claire-Ursinha."
"Ele só foi para a casa do pai no fim de semana", lembrei a ela, sentindo-me cada vez mais desconfortável com as interações da minha irmã com minha melhor amiga.
Antes de Joe se mudar, eles passavam todas as horas livres do dia juntos, mas agora que Gibs tinha que dividir seu tempo entre Sadhbh e Joe, eles eram ainda mais irritantes.
Gibs estava *sempre* olhando para ela, e nas raras ocasiões em que não estava, Claire estava olhando para *ele* .
Nossas mães chamavam isso de amorzinho de cachorrinho inofensivo, mas eu não tinha tanta certeza disso.
Eu tinha um pressentimento incômoda de que eles sempre se olhariam daquele jeito.
Eu não tinha certeza do que pensar sobre isso.
"Eu não tocaria nele se fosse você", alertou Feely, mantendo-se distante dos dois, enquanto ajeitava seu sombrero preto. "Ele acabou de vomitar nove cobras gelatinosas."
"Você fez?" Os olhos da minha irmã se arregalaram, e ela olhou para o meu amigo mais antigo como se ele fosse o rei. "O máximo que você fez da última

vez foram sete!"
"Eu disse que vou entrar para o *Guinness World Records* , Claire-Bear." Orgulhoso como um pavão, Gibs a colocou no chão e rapidamente pegou sua mão. "Vamos. Tem uma bandeja de brownies na cozinha com nossos nomes."
"Claire, você não se esqueceu de alguém?", gritou mamãe, num tom irritado, mas era tarde demais. Minha irmã já havia desaparecido dentro de casa com Gibs em busca de açúcar.
"Ah, droga", Feely murmurou baixinho. "Mais uma."
Enquanto isso, meu coração começou a bater violentamente no peito.
Ela está aqui .
"Sinto muito pela Claire, querida." Contornando o carro, mamãe abriu a porta traseira do passageiro e sorriu. "Ela não tem um pingo de juízo entre as duas orelhas."
"Está tudo bem, Sra. Biggs", respondeu uma voz familiar. "Já estou acostumado."
"Me chame de Sinead", ouvi minha mãe instruir. "E o nome do meu marido é Pete. Nada dessa conversa de Sr. e Sra. Biggs, ouviu, querida?"
"Continue recuando", Feely sussurrou, recuando na direção da casa. "Talvez sua mãe não nos veja."
"É", respondi com uma risada forçada, mas não fiz menção de segui-lo. Eu não tinha intenção de fugir daquela *garota* .
"Hugh? Ah, que bom. Vem cá, querida. Pode trazer a Lizzie para dentro."
Sim!
"Desculpe, rapaz, você está por conta própria." Rindo baixinho, Feely disparou em direção à porta. "Eu tenho quatro irmãs", gritou por cima do ombro. "Já sofro o suficiente."
“Hugh!”
"Sim, senhora, estou indo", respondi, sentindo as palmas das mãos suarem a cada passo que dava em direção ao carro.
Eu jamais admitiria para ninguém, nem mesmo para o Gibs, mas *queria* ver Lizzie Young de novo. Pensei muito nela durante o fim de semana e esperava que ela viesse hoje. Agora que ela estava aqui, eu me sentia nervoso, enjoado e animado ao mesmo tempo.
"Ah, aqui está meu aniversariante", disse mamãe quando cheguei perto deles. Ela passou o braço em volta dos meus ombros e me puxou para o seu lado. "Eu juro que este aqui tem muito mais modos do que a irmã."
Normalmente, mas naquele momento, eu não tinha mais nenhuma palavra na cabeça para cumprir a promessa da minha mãe, porque todas as minhas palavras tinham sumido da minha cabeça, e tudo o que eu podia fazer era ficar ali parado, admirando-a.
Semana passada, no ônibus escolar, quando eu disse a ela que minha festa seria à fantasia, percebi que ela não era fã, mas ela estava aqui agora, arrasando com a fantasia mais legal que eu já vi.
"Você é a Dra. Sattler", finalmente recuperei a voz e disse, olhando para a fantasia dela com aprovação. "De *Jurassic Park* ."
Ao contrário das outras meninas, que usavam fantasias de princesa e asas de fada, esta usava shorts cáqui, botas de caminhada marrons, um colete azul e uma

camisa rosa de botões amarrada com um nó na cintura. Presos ao cinto marrom em volta da cintura, havia um walkie-talkie de plástico e um cordão amarelo.
O fato de Lizzie ter aparecido na minha festa fantasiada me fez sentir especial, mas saber que ela estava combinando comigo? Bem, eu não sabia como lidar com a sensação que isso me causava.
"Feliz aniversário, Hugh", disse ela, estendendo a mão para mim. "Quero dizer, Dr. Grant."
"Jesus." A palavra escapou da minha boca sem permissão, e balancei a cabeça, sentindo-me desequilibrada. "Quer dizer, obrigada..." Pigarreei, tentando disfarçar a falha repentina na minha voz e peguei sua mãozinha na minha. "E, uh, oi."
"É melhor eu entrar e ajudar seu pai a lidar com a horda", interrompeu minha mãe, soltando-me. "Hugh, seja um bom menino e cuide da Lizzie, por favor?" Pegando várias sacolas de compras do capô do carro, ela foi em direção à porta da frente. "É a primeira vez que ela vai a uma festa de aniversário, então não a deixe sozinha, querida."
Arqueei uma sobrancelha, surpresa. "Sou sua primeira aniversariante?"
"Você é meu primeiro", ela confirmou com um sorriso tímido. "Ainda tenho seu convite." Soltando minha mão, ela enfiou a mão no bolso do short e pegou o convite que eu havia escrito para ela. "Gostei do seu *g* ."
"Meu *g* ?"
"Aham." Assentindo ansiosamente, ela desdobrou o convite e apontou para onde eu havia assinado. "Você se esforça bastante na sua caligrafia."
Eu *me esforcei* muito na minha caligrafia. Na verdade, eu me esforcei muito em tudo o que dizia respeito à escola. Não porque eu precisava — aprender era fácil para mim —, mas porque eu *queria* . Inglês. História. Geografia. Natureza. Ciências. Irlandês. Religião. Não importava. Eu absorvia tudo. Tudo no mundo me fascinava, e eu lia mais livros do que qualquer outra pessoa da minha turma, mas ela não tinha como saber disso. Então, *como* ela sabia?
“A propósito, você não precisa ficar comigo”, acrescentou Lizzie, guardando o convite de volta no bolso. “Eu conheço sua mãe Pedi, mas você pode voltar para os seus amigos se quiser. — Ela sorriu novamente. — Não tenho medo de ficar sozinha.
"Não." Balancei a cabeça, absorvendo tudo. Absorvendo tudo *dela* . "Eu não quero fazer isso."
"Você não?"
"Não", confirmei. "Quero ficar."
Um rubor lento percorreu suas bochechas. "Comigo?"
Assentindo lentamente, mantive minha atenção concentrada na garota estranha à minha frente, enquanto uma pressão ainda mais estranha crescia em meu peito. "Você é muito alta", observei, observando como ela batia no meu nariz. "Para uma garota."
"São as minhas pernas." Ela levantou um pé, então, sem me dar outra opção a não ser pegá-lo no ar. "Minha irmã diz que eu tenho pernas de girafa."
A irmã dela tinha razão. "Você é um corredor rápido?"
"É", ela respondeu orgulhosa. "A mais rápida da minha turma."
"Achei que sim", respondi, colocando o pé dela no chão. "Você está me

acompanhando."
"Eu sei." Sorrindo, ela estendeu a mão e tirou meu chapéu. "Achei que você fosse gostar."
“Sim”, respondi, sentindo meu rosto ficar quente novamente.
“Você quer seu presente?”
Minhas sobrancelhas se ergueram de surpresa. "Você me deu um presente?"
"Claro."
"Por que?"
“Porque é seu aniversário.”
“Mas você nem me conhece.”
"E daí? Você não me conhece e ainda assim me convidou para a sua festa." Com isso, ela se virou rapidamente e foi em direção ao carro da minha mãe. "Comprei dois presentes para você", explicou antes de abrir a porta do carro e entrar. "Bem, comprei um e preparei o outro."
Intrigado, segui-a até o carro e a observei remexendo no banco de trás. "Eu não tenho irmão, então me desculpe se você odeia isso."
"Não vou odiar", respondi, pegando o pacote das mãos dela. "E obrigada."
"De nada." Ela soltou um suspiro profundo e sorriu. "Foi esse que eu comprei."
"Quer que eu abra agora?", perguntei, sentindo outra onda de calor subir pelo meu pescoço quando seus olhos azuis encontraram os meus.
"Sim."
"Então tá." Dei de ombros. "Chega pra lá."
Ela obedeceu e eu subi no banco de trás ao lado dela, com o pacote na mão.
"Você realmente não precisava", parei para dizer, enquanto desembrulhava o presente. "Só para você saber."
"Abre logo." Ela se ajoelhou e me observou com os olhos brilhando de excitação. "Vai."
Fazendo o que ela pediu, rasguei o resto do papel de embrulho, apenas para ficar boquiaberto com o jogo de computador em minhas mãos. " *Mortal Kombat II* ."
Balancei a cabeça em descrença e agarrei a caixa. "Este jogo *acabou* de sair."
"É, bom, a Claire me contou que você tem um Espirro", ela se apressou em explicar, parecendo insegura. "Ela disse que você joga o tempo todo. Eu não tinha certeza se você tinha esse jogo."
“SNES.”
"Hum?"
"Chama-se SNES", expliquei, concentrando minha atenção na garota sentada ao meu lado. "Super Nintendo." Como ela continuou a me encarar sem expressão, esclareci: "Super Nintendo Entertainment System. É um console de videogame, e eu jogo o tempo todo."
"Então esse jogo vai funcionar no seu Sneeze?" ela perguntou, apontando para o jogo em minhas mãos.
"Meu SNES", corrigi gentilmente, ainda em choque. "E com certeza vai."
“Então você gosta?”
"Gostei bastante." Na verdade, eu esperava usar o dinheiro do meu aniversário para comprá-lo. "Obrigada." Balancei a cabeça, sentindo uma mistura de confusão e gratidão. "Sério, muito obrigada."
O alívio brilhou em seus olhos, e ela me respondeu com um sorriso radiante. "De

nada."
"Este é um presente enorme", eu disse lentamente, sem tirar os olhos dela. "Você sabe disso, né? Custa muito *dinheiro* ."
"É só uma brincadeira, Hugh", ela respondeu. "Minha mãe disse que estava tudo bem."
Jesus, a família dela deve ser rica .
"Aqui." Ela estendeu a mão para trás, pegou um envelope verde e o colocou no meu colo. "Eu fiz este."
Deixando o jogo de lado para não me distrair, concentrei toda a minha atenção no envelope com meu nome.
Com cuidado para não rasgar o cartão feito à mão que estava dentro, removi-o lentamente, ignorando obedientemente a nuvem de glitter que se espalhou por todo o meu colo no processo.
Afinal, eu morava com a Claire. Glitter era uma constante.
"Isso é ótimo", eu disse a ela, inspecionando cada centímetro do seu trabalho. Deve ter levado horas. Cada centímetro sobrando do cartão estava preenchido com cor e tinta. "Você tem uma caligrafia linda." Sorri para o *"g" rabiscado* no meu nome, onde ela havia tentado escrever em cursiva. "Você é legal."
“Não tão organizado quanto você.”
“Bem, eu pratico muito.”
“Aposto que pratico mais.”
“E eu li.”
“Aposto que leio mais.”
"Ah, é?" Meus lábios se contraíram e tentei não sorrir, mas ela era fofa quando me desafiava. "Duvido."
"Ah, é?" Seus olhos se estreitaram mais uma vez, em desafio. "Experimente."
"Então tá." Sorrindo, comecei a recitar os nomes de todos os livros que conseguia lembrar, enquanto aquela garotinha estranha aceitava meu desafio respondendo com os nomes dos personagens principais de todos os livros. E quero dizer, *de todos os livros mesmo* . A partir daí, ela me surpreendeu com sua capacidade não só de contar, mas também de somar e subtrair de cabeça, sem um caderno para fazer as contas. Ela conseguia soletrar cada palavra que eu lhe dava, até mesmo as difíceis que eu planejava pegar. Só que a única coisa que me pegou de *surpresa foi* quando ela soletrava cada palavra sem suar a camisa.
"Como você sabe de tudo isso?", perguntei, com a atenção voltada para a garota e para tudo o que ela dizia, porque nunca me senti tão impressionado por outra pessoa na vida. Não era só a roupa dela que combinava com a minha, mas também o cérebro dela. "A Claire não sabe um quarto das coisas que você sabe."
Ela sorriu vitoriosamente. "Eu disse que sou inteligente."
"É." Olhei para ela com cautela. "Você não age como se estivesse na pré-escola."
Ela deu de ombros e respondeu: "Você não age como se estivesse na primeira classe."
“Isso porque sou mais inteligente do que a maioria das crianças de sete anos.”
“Sim, e sou mais inteligente que a maioria das crianças de seis anos.”
"Você tem seis anos?" Minhas sobrancelhas se ergueram de surpresa. "Quando você nasceu?"
“9 de junho de 1988.”

“Então eu sou menos de um ano mais velho que você?”
"Sete meses e vinte e dois dias." Ela deu um sorriso irônico. "Eu contei."
"Então por que você está na categoria infantil? Não deveria estar na categoria sênior?" Franzi a testa. "Ou na primeira classe, como eu."
"É, é." O brilho em seus olhos desapareceu rapidamente e ela baixou o olhar para o colo. "Eu sei."
"Você foi reprovada ou algo assim?", perguntei, mesmo achando difícil de acreditar. Não faria sentido obrigar uma garota tão brilhante quanto ela a repetir o ano letivo.
"Eu estudava em outra escola na cidade", respondeu ela, com a voz baixa agora. Segui seu olhar até onde ela apertava as mãos com tanta força que a pele começava a ficar branca. "Mas quando me mudei para o Sagrado Coração, me colocaram no terceiro ano." Ela mordeu o lábio inferior. "Eu não sou lenta", acrescentou apressadamente, cravando as unhas na mão. "Juro que não sou..."
"Eu sei que não, tá?", respondi, abaixando-me para separar as mãos dela. "E quem se importa se você é a mais velha da turma?" Ela não pareceu perceber que estava se coçando, mas eu notei. "Você é mais nova que a maioria da minha turma e ainda assim muito mais inteligente."
Ela levantou a cabeça de repente e seus olhos azuis se fixaram nos meus. "Sou eu?"
"É." Assenti, querendo acabar com a preocupação dela. Eu via isso nos olhos dela, e não gostei. "Você é."
Quando o medo em seus olhos foi substituído por esperança e sua pequena mão apertou a minha, senti uma sensação de formigamento percorrer meu corpo. Embora meu cérebro parecesse confuso com o formigamento, meu coração me garantiu que era um sentimento importante.
Que *ela* era importante.
"Minhas palavras costumavam ficar presas", explicou ela, ainda segurando minha mão. "Era difícil para mim dizê-las."
"Tipo gagueira?", perguntei, em dúvida. Havia um garoto na minha turma que gaguejava muito mal. Lizzie não parecia ter problema algum em pronunciar as palavras.
"Não, não é uma gagueira. Eles só ficaram presos", respondeu ela, olhando para mim com aqueles olhos azul-claros. "Mas agora eu consigo tirá-los."
"Bem, isso é bom", sorri. "Porque você tem uma voz bonita."
Os olhos dela brilharam. "Sim?"
Ah, *droga* .
Ela então tirou a mão da minha e apertou a barriga. "Uh-oh."
"O que?"
"É a minha barriga", explicou ela. "Ela fica se revirando."
Olhei para ela com cautela. "Tipo, de um jeito que dá vontade de vomitar?"
"Não, não vomitei." Ela fez uma pausa antes de dizer. "Mais como soluços."
“Na sua garganta?”
"Não, estou com soluços na barriga", corrigiu ela. "E borboletas na garganta."
Franzi a testa. "Então... você tem copos flutuantes?"
"Meu Deus, sim!" Ela assentiu ansiosamente. "Eu tenho copos flutuantes!"
"Porra." Não consegui conter a risada que me escapou. "Você é tão estranho."

“Diga de novo.”
"Porra?"
Ela sorriu. "Porra."
“Como estão seus copos flutuantes?”
"Ainda está lá, mas está tudo bem", ela riu. "Não dói."
"Que bom saber", respondi. *Porque acho que também os peguei* .
"O que você quis dizer no ônibus?", ela perguntou então. "Sobre eu estar certa."
Ah, duplamente ridículo .
"Hã... te conto depois." Empurrando a porta do carro, saí correndo antes que me envergonhasse ainda mais. "Vamos." Sorrindo, acenei para ela me seguir. "Vamos entrar e brincar."

ESTRELAS SÃO MELHORES QUE QUADRADOS

Lizzie

31 DE OUTUBRO DE 1994

DEPOIS QUE O BOLO FOI COMIDO, FOMOS TODOS MANDADOS PARA A SALA DE ESTAR PARA BRINCAR, PORQUE estava chovendo forte demais para voltar para fora. Cadence brincou com algumas bonecas da caixa de brinquedos de Claire, enquanto os meninos maiores lutavam e pulavam ao som da música. Claire e Gibsie estavam pulando no sofá, jogando o Jogo dos Cinco Macaquinhos.
Eu não tinha certeza do que fazer.
Eu não sabia como falar com todo mundo.
Senti falta da Shannon.
Gostaria que ela tivesse ido à festa.
Ela não gostava de falar muito, e eu gostava disso. Às vezes era bom *não* falar e ainda sermos amigas.
Sentado no banco da janela, balancei as pernas para o lado e observei todo mundo. Era tão barulhento. Deu uma tontura na minha cabeça. Como se estivesse girando. Eu também estava com calor, como se estivesse em frente à lareira.
Minha atenção se voltou de um lado para o outro da sala. Eu queria fugir, mas não podíamos sair, então sentei sobre as mãos para que elas parassem de coçar. Balançando a cabeça, tentei sorrir, para não me sentir tão irritada, mas não gostei disso.
Estava muito alto.
Minha mente continuava voltando para quando meu pedaço de bolo caiu no chão e Marybeth riu.
Ela estava falando com Hugh agora.
Estreitei os olhos.
Algo cresceu na minha barriga.
Algo raivoso.
Algo quente.
Minha respiração ficou cada vez mais rápida até que senti vontade de gritar.
Ah, não. Não, não, não, não…
Coloquei a mão sobre a boca para me conter.
Não grite .
Seja uma boa menina .
"E aí." Hugh sentou-se no banco da janela ao meu lado. "Não está se divertindo?"
Não consegui responder-lhe.
Eu estava respirando muito rápido.
Eu estava tentando muito segurar o grito.
"Ei, ei..." Ele se aproximou e me olhou preocupado. "Você está bem?"
Eu ainda não conseguia responder a ele.

Tudo o que eu conseguia fazer era manter a mão sobre a boca e respirar pelo nariz, enquanto balançava a cabeça.
“Você consegue respirar?”
Balancei a cabeça novamente, meus olhos ficando selvagens e assustados.
"Você está bem." Virando-se de lado no banco para me encarar, ele colocou a mão no meu ombro e gentilmente me guiou até que eu estivesse sentada de costas para o quarto, de frente para a janela. "Provavelmente é só um ataque de pânico." Ele pegou a mão que eu não estava usando para cobrir a boca e a apertou com força. "Só respire."
Tudo o que eu conseguia fazer era encará-lo horrorizada. Porque, embora eu não entendesse o que estava acontecendo comigo, eu sabia o que aconteceria a seguir, o que sempre acontecia, e eu não queria que meus amigos vissem isso.
Eu não queria que *ele* visse isso.
"Aí está." Sua voz era gentil e gentil. "Devagar e devagar." Ele apertou minha mão novamente. "Você está bem."
Eu estava?
Eu não pensei assim.
Eu queria gritar. Eu queria arrancar todos os porta-retratos das paredes. Eu queria fugir o mais rápido que pudesse. Eu queria... eu queria... eu queria continuar olhando nos *olhos dele* .
Concentrando toda a minha atenção no garoto sentado ao meu lado, deixei meus olhos vagarem por seu rosto.
Pele dourada.
Cabelo amarelo.
Sorriso gentil.
Olhos como o uísque do papai.
Sabonete e morangos.
Hugh Biggs .
"Aí está", disse ele finalmente com um sorriso, interrompendo minha profunda concentração. "Olha só para você."
Olhei para baixo e fiquei surpresa ao ver que ele segurava minhas duas mãos. Minha mão não estava na boca, e eu não estava gritando.
Confusa, olhei para as minhas mãos antes de voltar a encará-lo. "Estou bem?"
Ele assentiu e sorriu. "Você está bem."
Olhei ao redor da sala.
Todo mundo ainda estava jogando.
Ninguém estava olhando para mim.
Ninguém estava gritando comigo.
Eu não era ruim .
Voltei minha atenção para ele. "Como você fez isso?"
"Fazer o quê?"
"Faça isso parar."
“O ataque de pânico?”
Assenti, sem ter certeza se era isso, mas precisando saber de qualquer forma. "Como você fez isso parar?"
"Eu não fiz nada, Lizzie", respondeu ele, ainda sorrindo, ainda segurando minhas mãos. "Você mesma fez isso."

Eu não fiz.
Eu sabia que não.
Ele olhou para as nossas mãos unidas, apoiadas em seu colo. "Hmm."
"O que?"
"É a segunda vez que seguro sua mão." Suas bochechas coraram. "Nunca segurei a mão de uma garota antes de hoje."
"Você não fez?"
Ele balançou a cabeça lentamente, ainda sem soltar minhas mãos. "Você já?" Suas bochechas coraram, e ele rapidamente acrescentou: "Já deu a mão a outro garoto?"
"Não." Balancei a cabeça. "Você é meu único filho." Senti minha pele esquentar. "Só você."
Seus lábios se contraíram em um sorriso tímido, como se ele estivesse satisfeito com minha resposta.
"Gosto de você, Hugh Biggs", deixei escapar, sentindo o calor explodir no meu peito. "Eu acho."
Observei-o atentamente, esperando uma reação, e quando ele tentou, sem sucesso, esconder um sorriso, senti meu coração bater forte contra o peito.
"Acho que não gosto de você, Lizzie Young." Ele olhou pela janela e sussurrou: "Eu *sei* que gosto."

Várias horas depois, quando quase todos da festa já tinham sido recolhidos, eu ainda estava esperando meu pai chegar. Mas não me importei. Na verdade, eu secretamente esperava que ele tivesse esquecido de me buscar. Eu queria ficar ali mesmo com meus novos amigos.
Bem, Claire não era uma amiga novata, mas seu irmão e os amigos dele eram. O garoto de cabelos escuros se chamava Patrick Feely e era super simpático, mas meio tímido. O outro garoto se chamava Gerard Gibson e ele era tão *engraçado* ...
Sentados em círculo no chão, nós cinco jogávamos "Passe o Sussurro", em que tínhamos que passar o mesmo sussurro um para o outro e a última pessoa a ouvi-lo o dizia em voz alta. Gibsie era a última pessoa na nossa brincadeira, e ele nunca conseguia acertar o sussurro. Em vez disso, ele dizia as coisas mais estranhas que me faziam rir tanto que minha barriga doía.
"Lizzie, querida, seu pai acabou de me ligar", disse Sinead Biggs, entrando no salão quando estávamos na metade de outra rodada de Pass the Whisper.
Sentada no sofá, ela fez um gesto para que eu fosse até ela, o que eu fiz rapidamente. Gostei muito dela. Ela tinha olhos castanhos como os da Claire e uma voz gentil.
"Seu pai está atrasado", disse ela quando me sentei ao seu lado. "Eu não sabia que sua mãe estava no hospital, querida."
"Sua mãe está no hospital?", perguntou Claire, olhando para nós do seu lugar no círculo. "Ela está bem?"
Dei de ombros. "Ela tem câncer."
Ela arregalou os olhos. "O que é isso?"

"Caoimhe está em casa, e seu pai me pediu para te deixar na casa dela, mas tenho uma ideia melhor." Sinead pegou minha mão e sorriu. Era um sorriso simpático. Igual ao sorriso da minha mãe para mim. "Que tal ir pedir doces com a gente primeiro?"
"Eba, eba, eba!", gritou Claire antes que eu pudesse responder. "Por favor, Lizzie, venha." Levantando-se de um pulo, ela correu até o sofá e subiu ao meu lado. "É muito divertido, e sempre ganhamos um monte de doces."
"Tá!", ri, tremendo com a força com que meu amigo puxava meu braço. "Eu vou."
"Eba, eba, eba", Claire gritou alegremente, ainda puxando meu braço. "Ela pode ficar, mãe? A Lizzie também pode dormir aqui?" Ela se inclinou sobre mim para agarrar os ombros da mãe. "Por favor, mãe, por favor. O Hughie sempre recebe os amigos para dormir aqui." Passando por cima de mim, Claire se jogou no colo da mãe. e começou a implorar. "Por favor, mamãe, *por favor* ! O Hugh vai poder receber o Patrick e o Gerard para dormir aqui hoje à noite. Eu quero a Lizzie."
Ninguém nunca tinha dito isso sobre mim antes.
Mas Claire fez.
Ela disse que *me queria* .
Meu coração batia forte de excitação.
"Ela pode ficar no meu quarto, e eu vou dividir meus ursinhos com ela, eu prometo", Claire continuou implorando. "Por favor, mamãe, ela é minha melhor amiga."
"Bem, por mim tudo bem, mas talvez devêssemos perguntar à Lizzie o que ela quer fazer primeiro, hmm?", riu Sinead. "Que tal, querida?", ela se virou e sorriu para mim. "Você gostaria de passar a noite aqui com essa bola de energia louca?"
"Sim!", praticamente gritei, sem conseguir conter a excitação. "Sim, por favor!"

“Você está de vigia?”
"Sim."
"Tem certeza?"
“Sim, faça isso, Hughie.”
“E se alguém nos vir, Gibs?”
“Já joguei duas caixas e ninguém me pegou.”
“Sim, mas você tem sorte, e eu sempre sou pego.”
“Meu Deus, faça logo, seu bebezão.”
"Foda-se, Feely. Faça você mesmo."
"Por que eu? Não tenho problema com o Velho Murphy."
“Sim, só porque o filho da puta não estourou suas bolas.”
“Pessoal, parem de xingar.”
“E se ele sair desta vez?”
"Vamos voltar para dentro, ok? Antes que a gente seja pego."
“De jeito nenhum, temos uma missão a cumprir.”
"Talvez o Baby Biggs esteja certo, rapazes. Sua mãe vai pirar se descobrir que a gente escapou e levou as meninas com a gente."
"Cala a boca, Feely. Não precisamos desse tipo de conversa negativa. Agora,

joga a porra do ovo, Hughie!"
"Eu jogo." Pegando dois ovos da bandeja, saí de trás do carro em que estávamos escondidos e corri pela entrada da casa do inimigo mortal de Hugh e Gibsie. Lançando os ovos com toda a força que pude, corri de volta para nossa toca o mais rápido que pude.
"Puta merda", sussurrou Hugh, olhando para mim com os olhos arregalados. "Você *é mesmo* rápido."
"Eu te avisei", respondi, sentindo meu estômago revirar quando ele me olhou daquele jeito. Ele tinha feito isso muitas vezes quando estávamos pedindo doces mais cedo, e eu também gostei.
"Aquele cara foi foda no estilo Tomb Raider", exclamou Gibsie, levantando a mão para um high five. "Você conseguiu as janelas dele."
"Isso é divertido." Rindo baixinho, dei um high-five nele antes de pegar mais ovos. "Vamos fazer de novo."
"Isso é muito ruim", resmungou Claire, cobrindo o rosto com as mãos. "Vamos nos meter em uma encrenca enorme."
"Ok", disse Hugh, abaixando a máscara para esconder o rosto. "Eu vou fazer isso." Pegando os dois últimos ovos da nossa última bandeja, ele saiu correndo agachado em direção à casa, enquanto Gibsie o incentivava da toca.
No entanto, no momento em que chegou ao jardim e se empinou para jogar os ovos, a luz da varanda acendeu e um velho apareceu. "Peguei você agora, seu pirralho", rosnou o homem, agarrando Hugh pela gola da camisa. "Tire essa máscara e deixe-me ver com quem estou lidando!"
"Ah, merda", Gibsie gemeu, saindo do nosso esconderijo para defender nosso amigo, mas eu cheguei lá primeiro.
Saindo correndo de trás do carro, corri em direção ao velho que estava amarrando Hugh pelo colarinho e me joguei nele. "Solte-o", sibilei, esmagando-o com os ovos que ainda segurava antes de morder seu braço.
“Jesus Cristo”, gritou o velho, soltando meu amigo e levando sua mão ao peito.
Tentei me aproximar do homem novamente, mas uma mão agarrou a minha e me puxou. *A mão do Hugh* , percebi, enquanto corríamos a toda velocidade atrás dos nossos amigos na direção oposta à casa dele.
"Puta merda", riu Hugh, ainda segurando minha mão, enquanto corríamos para salvar nossas vidas da cena do crime. "Não acredito que você mordeu o Velho Murphy."
"Desculpe", respondi, correndo o mais rápido que pude para acompanhá-lo. "Por favor, não fique bravo comigo."
"Bravo com você?" Ele me puxou para trás de um muro no final da rua deles. "Liz, você acabou de me salvar de ficar de castigo por um mês." Ele respirava com dificuldade por causa da corrida. "Não estou bravo com você. Sou grato."
"É mesmo?", respondi, ofegante, enquanto nos escondíamos. "Sério?"
"Sério." Hugh apertou minha mão e sorriu para mim. "Obrigado por me salvar lá atrás."
“A qualquer hora”, respondi, sorrindo de volta para ele.
"Isso foi tão foda", Gibsie ofegou, saindo dos arbustos, com Patrick e Claire a reboque. Correndo até nós, ele passou o braço por cima do meu ombro e riu. "Rapazes, temos que ficar com essa garota."

"Concordo", disseram Hugh e Patrick em uníssono, enquanto Claire batia palmas e pulava animadamente. "Viram? Eu disse a vocês que ela era a melhor."
"Você tinha razão, Claire-Ursinha", respondeu Gibsie, abrindo um grande sorriso. "Uma estrela é melhor que um quadrado."
Franzi as sobrancelhas. "Um quadrado?"
"É, somos um quadrado, viu?" Gibsie apontou para os quatro antes de apontar para mim. "Vocês formam uma estrela."
"Eba", gritou Claire, apertando o peito. "Estou tão feliz."
"Certo, pessoal, vamos com tudo." Gibsie estendeu a mão, e todos nós colocamos as mãos sobre a dele. "Time Gibson no três."
"De jeito nenhum", argumentou Hugh. "Tem dois Biggs neste grupo, então deveria ser o Time Biggs no terceiro."
"Espere aí", avisou Patrick. "Precisamos votar primeiro."
"Tudo bem", disse Hugh, erguendo a mão. Corei de calor. "Todos a favor da Liz entrar para a gangue, levantem a mão."
Todos levantaram as mãos.
Fiquei radiante de felicidade.
"Então é oficial", disse Hugh, virando-se para sorrir para mim. "Você é um de nós agora."
"Eu sou?"
“Isso significa que guardamos os segredos um do outro e ficamos juntos, não importa o que aconteça.”
Meu coração disparou. "Não importa o que aconteça?"
"É, Liz", Hugh sorriu. "Não importa o que aconteça."

OS PÁSSAROS, AS ABELHAS E AS VACAS TOUREIRAS

Hugo

1 DE NOVEMBRO DE 1994

"BEM , NOSSO CASAMENTO VAI SER SUPERESPECIAL ." CLAIRE CONTINUOU A TINTER durante todo o café da manhã no dia seguinte. "Gerard usará um smoking, e eu usarei um vestido branco de princesa, como a Cinderela." Ela enfiou metade de uma panqueca na boca e continuou. "E teremos uma carruagem puxada por cavalos, como a Barbie e o Ken, e teremos nossa lua de mel na lua."
"Não se esqueça dos bebês, Claire-Ursinha", interrompeu Gibsie do seu lugar ao lado dela, enquanto também comia sua pilha de panquecas. "Vamos ter dez bebês, não é?"
"Sim, Gerard, mas os bebês vêm depois da lua de mel", lembrou minha irmã. "Quando a gente se beija e você me dá aquele abraço especial."
Arqueei uma sobrancelha. "O abraço especial?"
"Aham", ela respondeu, com um aceno ansioso. "Sabe, como o abraço especial que o papai deu na mamãe para nos colocar na barriga dela."
"Jesus Cristo", murmurei, apoiando a cabeça nas mãos, enquanto a garota sentada ao meu lado ria baixinho, escondendo-se na mão.
"Eles são tão estranhos", Lizzie sussurrou em meu ouvido, fazendo os pelos dos meus braços se arrepiarem.
"Me conta", sussurrei de volta, desafiando-me a dar uma espiadinha nela. É, meu coração ainda batia forte ao vê-la esta manhã.
"Não é assim que funciona", Feely informou a todos à mesa. "Touros têm testículos como meninos, e vacas têm vaginas como meninas." Ele então pigarreou, munido e preparado com conhecimento suficiente da vida na fazenda para destruir a inocência deles. "Os testículos armazenam esperma, e o esperma precisa sair do pênis e entrar na vagina da vaca para impregná-la."
As bocas de Gibsie e Claire se abriram em uníssono.
"Chamamos isso de touro", continuou Feely entre garfadas de cereal. "O touro teria que montar na vaca para prenhe, ou ela precisaria ser inseminada artificialmente."
"O que é isso?", perguntou Lizzie, com os olhos tão arregalados quanto Gibs e Claire.
"Por favor, não, Feely", implorei, tendo ouvido exatamente esse discurso do pai dele quando fui brincar com ele na casa dele na primavera passada e acabei no estábulo de parto.
“O fazendeiro coletava o esperma do touro, colocava-o na pistola de inseminação e injetava-o na vagina da vaca—”
"Tá bom, Feely!", gritei, alto o suficiente para bloquear a voz dele. "Lá, lá, lá, lá! Já chega por hoje, rapaz."

"Eca", Claire gemeu, olhando para Gibsie horrorizada. "Só eca."
"Talvez a gente só tenha bichinhos de estimação", sugeriu Gibsie, parecendo enjoada. "Porque acho que não quero atirar em você com a espingarda de caça, Claire-Ursinha."
"Concordo", ela resmungou, entrelaçando o dedo mindinho no dele. "Vamos ter gatinhos."
"Que história é essa de espingardas de caça, meu jovem?", perguntou uma voz familiar, fazendo Gibsie pular da cadeira.
"Pai!", disparou pela cozinha e se jogou em cima do pai. "Você está aqui!"
"É, bom, Pete mencionou algo sobre levar sua turma para nadar", respondeu Joe, envolvendo Gibsie em seus braços.
Gibsie podia ter o mesmo cabelo loiro da mãe, mas a semelhança parava por aí. Ele era filho de Joe Gibson em todos os aspectos, tanto na aparência quanto na personalidade.
"Achei que podíamos ir junto." Joe beijou a cabeça de Gibsie e o colocou de volta no chão. "O que você acha, filho?" Ele bagunçou os cachos do filho. "Que tal se atualizar nesse seu nado cachorrinho?"
“E a padaria?”
"Fechar a loja por um dia não vai fazer mal", respondeu o pai com um sorriso. "Além disso, prefiro ficar com o meu melhor amigo."
Assentindo, Gibsie sorriu radiante por uns bons dez segundos antes de cair em prantos. "Não sei por que estou chorando", tentou dizer ao pai, em meio a uma torrente de lágrimas. "Estou feliz, pai, prometo."
"Está tudo bem, amigo", Joe acalmou-a, aconchegando o rosto de Gibsie em seu peito. "Você tem permissão para chorar. Você teve um ano difícil."
"É." Fungando, Gibs passou os braços em volta da cintura do pai e se agarrou a ele. "Obrigado, pai."
"Aquele é o pai da Gibsie", sussurrei no ouvido da Lizzie. "A mãe dele o expulsou de casa há um tempo."
"Ah." Ela me olhou com olhos azuis solitários. "Que triste."
"Eu sei", sussurrei de volta. "O Gibs sente muita falta dele."
Papai entrou na cozinha, com o celular na mão. "Patrick, filho, sua irmã está lá fora, no carro, esperando por você", disse ele ao meu amigo antes de se virar para mim. "Acabei de ter uma conversa interessante com Donal Murphy, lá na rua."
Ah, droga .
Feely, que estava quase saindo da cadeira, congelou no lugar antes de sentar-se lentamente.
"Ah, é mesmo?", respondi, sem ousar olhar para nenhum dos outros. Se eu olhasse, meu pai saberia. "O que ele queria?"
"Ele está chamando todos os vizinhos", explicou o pai, coçando o queixo. "Aparentemente, algumas crianças jogaram ovos na casa dele ontem à noite, e um jovem selvagem até arrancou um pedaço do braço dele."
Lizzie prendeu a respiração e eu rapidamente agarrei a mão dela por baixo da mesa. Eu não conseguia olhar para ela, porque seria pego se olhasse, então apenas passei o polegar nas costas da mão dela, tranquilizando-a.
"De jeito nenhum", Gibsie interrompeu, agradecido, fingindo surpresa. Ele

mentia muito melhor do que eu. "Onde aconteceu?", perguntou, juntando-se a nós novamente à mesa da cozinha.
"Na varanda da frente dele", papai nos contou. "Havia outras pessoas com ela, mas todas usavam máscaras, então ele não tem certeza de quem são os culpados."
Fiquei mentalmente aliviada.
"É o Velho Murphy?", perguntou Joe então, olhando para o pai. "Aquele velho rabugento e mal-humorado da rua, com uma queda por aterrorizar a vizinhança?"
"É esse mesmo", respondeu papai, tentando não sorrir. "Eu garanti a ele que não podia ser ninguém da nossa turma, porque estavam todos enfiados na cama." Ele olhou para nós. "Não é mesmo, *turma* ?"
Todos nós concordamos, entusiasmados. "Isso mesmo."
"Bem, espero que aquele 'jovem selvagem' tenha tirado um belo pedaço dele", Joe disse lentamente, piscando para nós. "Pode aliviar um pouco o velho rabugento."

DE VOLTA PARA ROBIN HILL ROAD

Lizzie

1 DE NOVEMBRO DE 1994

Quando cheguei em casa no dia seguinte à festa do Hugh, minha irmã foi quem me recebeu na porta. Meu pai ainda estava no hospital com minha mãe e, mesmo estando muito preocupada com ela, não conseguia parar de sorrir.
Porque ontem eu tive o melhor dia da minha vida. Esta manhã também. Com meus *amigos* . Eu não queria ir para casa, mas sabia que não podia ficar na casa deles para sempre. Sentiria muita falta da minha mãe. Mas agora que ela não estava mais aqui, eu me sentia sozinho de novo.
Ainda assim, saber que agora eu tinha cinco amigos me ajudou a manter o sorriso no rosto.
Hugo.
Clara.
Gibsie.
Shannon.
Patrício.
E *eu* .
"Remédios", Caoimhe me lembrou assim que a porta da frente se fechou. "Agora mesmo, mocinha." Pegando-me pela mão, ela me levou até a cozinha, onde vasculhou um dos armários em busca do frasco de comprimidos com o meu nome. Havia muitos. "Aqui estamos", ela refletiu, abrindo a tampa e me entregando um comprimido. "Você sabe o que fazer."
Suspirando fundo, fui até a pia e peguei um copo no escorredor. Enchi o copo com água da torneira, virei o remédio e abri a boca para minha irmã examinar.
"Boa menina", disse ela em tom de aprovação antes de me dar um abraço. "Agora, me conte sobre sua festa do pijama."
"Eu me diverti muito", eu disse a ela, me sentindo animada novamente. "E fiz novos amigos. Agora tenho cinco, Caoimhe. Cinco amigos! Claire, Shannon, Patrick, Gibsie e Hugh!"
"Continue." Sentando-se numa cadeira à mesa da cozinha, ela apoiou o queixo na mão e sorriu. "Conte-me todos os detalhes interessantes."
"Demos a festa, depois pedimos doces e assistimos *Abracadabra* , comemos um lanche da meia-noite e nós..." Parei bem a tempo e pulei a parte dos ovos. "Ficamos acordados até muito tarde, e aí a Sinead fez panquecas para o café da manhã." Me jogando na cadeira ao lado dela, suspirei feliz. "Acho que o amo."
"Qual deles?"
"Hugh", suspirei, apertando o peito. "Ele é tão legal, Caoimhe. Tipo, tão legal, e ele é bonito, e ele segura a porta para mim, e ele me deu um travesseiro extra do quarto dele, e ele cortou minha panqueca quando eu não consegui." Soltei outro suspiro, já sentindo falta dele. "Ele é tão *fofo* ."
Minha irmã riu. "Então a paixão está a todo vapor."

"Como está a mamãe?", perguntei então. "Ela vai voltar para casa logo?"
"Papai ligou e disse que ela voltaria para casa em um ou dois dias", ela me contou. "Ela está se sentindo muito melhor."
Eu me acalmei, aliviada. "Graças a Deus."
"Eu sei", ela respondeu, apertando minha mão. "Agora, o que você acha de colocar um filme de terror na sala de estar e dividir sua compra de doces com sua irmã mais velha?"

Mais tarde naquela noite, quando eu estava na cama, ouvi o som familiar da porta do meu quarto se abrindo para dentro, e levantei os olhos do meu livro de histórias para ver Mark na minha porta.
"Ei, docinho", disse ele, fechando e trancando a porta. Meu estômago embrulhou. "O que você está fazendo acordado até tão tarde?"
"Lendo." Uma onda de pânico me invadiu, e senti meu corpo enrijecer quando ele caminhou em minha direção. "Por que você está aqui?"
"Vim fazer companhia à sua irmã", explicou ele, sentando-se na beira da minha cama. "Ela adormeceu no sofá, então pensei em vir ver como você está."
Ele estava sempre me vigiando.
Costumava ser bom, mas não tenho mais tanta certeza.
Achei que não queria que ele continuasse me vigiando.
Eu não queria que ele me consertasse novamente.
Nunca mais.
“Meu pai já chegou?”
"Não." Ele sorriu e colocou meu cabelo atrás da orelha. "Somos só nós dois, pequenininho."
“Quando *seu* pai vem te buscar?”
"Vou dormir aqui hoje à noite", explicou ele, com a mão apoiada no meu ombro. "Seu pai está no hospital com sua mãe, então eles não vão perceber."
"Ah." Meu pânico aumentou. "Certo."
“Então sua irmã me contou uma coisa hoje e não fiquei feliz com isso.”
"O que?"
“Caoimhe disse que você dormiu na casa de um menino ontem à noite.”
"Hugh", sorri. "Ele é muito legal."
"Hmm." Mark não parecia feliz. "Não sei como me sinto sobre você me traindo, pequenininho."
"O que você quer dizer?" perguntei, confusa.
“Eu não quero compartilhar você.”
Um arrepio percorreu meu corpo. "Me dividir?"
"Você é minha garota especial, lembra?" Ele colocou a mão grande na minha perna. "E eu não quero que você seja a garota especial de mais ninguém."
Meu rosto ficou quente.
"Você está corando." Ele se inclinou novamente, mais perto dessa vez, e sussurrou: "Eu gosto quando você cora por mim."
Eu não estava corando; eu estava com medo. Mas se eu contasse, ele ficaria bravo comigo, e sempre doía muito mais quando ele ficava bravo. Era melhor

não irritá-lo. Estremeci, sentindo um frio na barriga de novo.
"Sabe o que eu acho, pequenininho?" Ele passou os dedos pela minha perna. "Acho que você precisa do meu remédio especial de novo." Seus olhos me percorreram. "Você não quer acabar como sua mãe, quer?" Ele enfiou a mão por baixo da minha camisola. "Doente e apodrecendo numa cama de hospital?"
Balancei a cabeça, sentindo-me triste. "Mas dói."
"Só por um tempinho", ele me persuadiu, envolvendo meu pescoço com a mão grande. "Você aguenta." Ele me empurrou de costas e puxou minha camisola até a cintura. "Como das outras vezes."
Tremendo, fechei os olhos e pensei em coisas felizes.
Pensei em *Hugh* .

MILADY E O CAVALEIRO BRAVO

Hugo

19 DE NOVEMBRO DE 1994

ESTA FOI UMA PÉSSIMA IDEIA .
Eu sabia disso quando Liz escorregou até a metade da árvore e caiu em cima de mim, fazendo com que nós duas caíssemos de bunda. E eu sabia disso agora, enquanto me equilibrava em um galho e a observava cambalear como um potro recém-nascido.
Eu estaria morto se alguma coisa acontecesse com ela.
Se minha mãe não me matasse, minha irmã o faria.
"Cuidado", gritei, sem conseguir disfarçar minha preocupação. Eu deveria ter pensado melhor antes de concordar em escalar quando choveu o dia todo ontem. Sim, estava seco hoje, mas os galhos das árvores ainda estavam escorregadios. O problema era que eu parecia perder todo o bom senso quando Lizzie Young estava por perto.
Esta manhã, por exemplo, eu deveria estar no treino de rúgbi, como acontece todos os sábados, mas Liz tinha dormido na casa de Claire na noite passada, e quando ela me perguntou se eu queria sair hoje de manhã, eu desisti do treino sem pensar duas vezes.
Subindo em um galho particularmente instável da árvore, o mesmo em que eu estava, Liz se equilibrou sem *nenhuma* graça e estendeu um pedaço de pau à sua frente. Com um sorriso travesso, ela girou o pedaço de pau com um floreio antes de apontá-lo para o meu coração. "Eu te desafio para um duelo, bravo cavaleiro."
"Um bravo cavaleiro jamais duelaria com uma dama." Imitei o tom britânico que ela usara e, então, com uma reverência exagerada, tirei meu chapéu imaginário para ela. "Minha Senhora."
"Vamos, bom cavaleiro, e apresse-se", desafiou ela, aproximando-se do galho para me cutucar no peito com sua bengala. "Pois tenho pouco tempo para tais comentários desagradáveis."
"Eu não poderia, milady", respondi, colocando minha espada imaginária a seus pés. "Agora, preciso implorar que recue antes que lhe aconteça algum mal."
Lizzie estreitou os olhos e saiu do personagem. "Vamos lá! Lute comigo, Hughie."
"Você vai cair e quebrar a bunda", ri, me divertindo bastante com as palhaçadas dela. "Recue antes que você se mate."
"Ah, é?" Ela jogou o galho fora, piscou e pulou do galho.
"Lizzie!", rugi, com o coração parando no peito enquanto olhava horrorizada para a loira caída no gramado, alguns metros abaixo de mim. "Você está bem?"
O som da risada dela era música para meus ouvidos, e quando ela rolou de costas e levantou os polegares, senti meu corpo inteiro relaxar de alívio.
"Você é péssima em ser uma dama."
"É porque eu não quero ser uma dama", ela respondeu com um sorriso. "Quero

ser uma cavaleira como você."
"Ei, Liz, tem certeza de que não quer vir ao balé comigo?", Claire gritou da porta do pátio, vestida com um tutu rosa e meia-calça branca. "A Sra. Good deixa as crianças virem à aula para experimentar e ver se gostam."
"Hã... está tudo bem?" Lizzie respondeu, parecendo horrorizada, enquanto eu cobria a boca para abafar o riso.
Esparramada no meu gramado com um macacão jeans e uma camisa xadrez grande, Liz não poderia se parecer menos com minha irmã se tentasse.
Eu adorei.
"Hugh, posso falar com você, querida?", chamou minha mãe, juntando-se à minha irmã na porta.
"É, senhora", respondi, descendo da árvore com precisão de especialista. Sentindo-me travessa ao chegar ao chão, peguei a "espada" de Liz no gramado e a coloquei a seus pés. "Minha senhora."
Ela sorriu para mim do seu poleiro na grama. "Cavaleiro valente."
Fiz uma reverência dramática antes de correr até minha mãe. "O que foi?"
"Entre um minuto", disse a mãe, e então disse para Claire sair e brincar com Liz até que elas tivessem que sair para a aula de dança.
"Algo errado?", perguntei, observando minha mãe atentamente. "Mãe?"
Ela começou com: "Como está a Lizzie? Ela está bem? Ela disse alguma coisa para você ou para a Claire?"
Franzi a testa. "Tipo o quê?"
Mamãe suspirou. "Acabei de falar com a mãe dela pelo telefone."
"Então?"
"A mãe da Lizzie está muito doente, Hugh." Ela colocou a mão no meu ombro. "Ela está enfrentando sua terceira batalha contra o câncer."
"Certo", respondi, franzindo a testa. "Ela não está melhorando?"
"Sim e não", respondeu minha mãe, suspirando fundo. "Mas a recuperação de Catherine é um processo lento e tem cobrado um preço alto da família dela — especialmente da Lizzie. Catherine está muito preocupada com o impacto que isso está tendo nela."
"Mas a Liz nunca fala nada sobre a família dela", respondi, franzindo a testa. "Eu achava que estava tudo bem e que a mãe dela estava melhorando."
Mamãe assentiu, absorvendo minha resposta antes de me fazer outra pergunta. "Ela já falou com você sobre os sentimentos dela?"
“Que tipo de sentimentos?”
"Sentimentos assustadores ou vozes assustadoras", respondeu mamãe em tom cauteloso. "Ou talvez as preocupações dela?"
"Hã?" Balancei a cabeça, confusa. "O que você quer dizer?"
"Deixa pra lá." Ela deu um sorriso radiante. "Era tudo o que eu precisava saber."
"O que está acontecendo, mãe?", perguntei, agora preocupada. "A Lizzie está bem?"
"Sim, querida, ela está bem", disse minha mãe, passando a mão pelos meus cabelos. "Eu disse à Catherine que ficaremos felizes em recebê-la sempre que precisar enquanto ela se recupera, então espere que a Lizzie fique aqui bastante nos próximos meses."
"Sério?" A excitação tomou conta de mim, misturada à confusão que eu sentia

com a conversa. "Que ótimo."
"Você é um bom menino, Hugh, e eu sei que você é tão maduro emocionalmente que não preciso pedir, mas, por favor, fique de olho nela." Mamãe acariciou minha bochecha e sorriu tristemente. "Ela é uma menininha muito frágil que precisa de cuidados."
"Eu cuido disso", prometi, lançando um olhar pela janela do pátio para a loira que girava em círculos com seu macacão jeans. "Eu cuido dela, mãe, eu prometo."

NADAR NO FUNDO

Lizzie

3 DE DEZEMBRO DE 1994

CHEIO DE EMOÇÃO , SEGUREI A MÃO DA MINHA MÃE DURANTE TODO O CAMINHO, DO VESTIÁRIO ATÉ A PISCINA. Mamãe ainda estava se sentindo mal e não podia entrar na água, mas *mesmo assim* veio quando Sinead Biggs nos convidou para hoje. Ela disse que era um presente especial para todos nós.
Eu mal podia esperar para entrar na piscina e ver meus amigos brincando na água. Mas eu estava me esforçando muito para ser uma boa menina e não cometer erros, porque o papai também estava lá, e se eu fosse má, não conseguiria mais voltar para a piscina.
Eu tive que me comportar.
Sem erros .
"Catherine?", perguntou Sinead, levantando-se de uma espreguiçadeira ao lado da piscina quando me aproximei com minha mãe. "Sou Sinead Biggs. É um prazer finalmente conhecê-la."
"Igualmente", respondeu mamãe, apertando a mão dela. "Muito obrigada por ser tão boa com a Lizzie. Sou eternamente grata a você."
"De jeito nenhum", respondeu Sinead, ajudando a mamãe a sentar na cadeira ao lado dela. "Lizzie é um prazer. Ela é bem-vinda em nossa casa a qualquer hora."
"Meu filho leva a política de portas abertas ao pé da letra", riu outra mulher de uma espreguiçadeira próxima. "Juro que a Sinead vê o Gerard mais do que eu."
Inclinando-se sobre os assentos, ela estendeu a mão para minha mãe. "Sadhbh Gibson. Você é A mãe de Caoimhe, não é? Ela é uma honra para você, Catherine. Sério.
"Muito obrigada." Mamãe sorriu e apertou a mão dela. "E é maravilhoso finalmente conhecer vocês, meninas."
Os três começaram a conversar, e eu sorri, feliz pela minha mãe. Foi bom vê-la sorrir novamente. Sadhbh e Sinead não olharam para o lenço dela nem lhe lançaram olhares tristes. Trataram minha mãe como se ela fizesse parte da gangue deles.
Assim como os filhos deles me trataram.
"Você chegou", ouvi Hugh gritar momentos antes de sua mão envolver meu tornozelo. Ele sorriu para mim da água. "O que você está esperando?"
Olhando ao redor, procurei meu pai e, como não o encontrei, recuei antes de correr e pular na água.
"Você está louco?", Hugh riu, me observando remar em sua direção. "Você não pode pular na parte funda ainda. Você é muito pequeno."
“Se você consegue, eu consigo.”
Ele sorriu de volta para mim. "Então por que você está afundando?"
Estreitei os olhos. "Porque eu nunca deixei de tocar o fundo antes."
Rindo, ele nadou até mim. "Segure-se em mim."

Rapidamente fiz exatamente isso e o deixei nos guiar até a borda da piscina. "Aqui. Use a minha mão para empurrar para cima", ele instruiu, dando um impulso no meu pé com a mão.
Quando saí, sentei-me na beirada e sorri para ele. "Estou apaixonada por você." Pelo menos foi o que Caoimhe disse. Eu não sabia o que estava acontecendo até explicar tudo sobre os copos flutuantes. Ela riu e me disse que eu tinha tido minha primeira paixão.
Suas bochechas ficaram rosadas. "Você não devia dizer isso, Liz."
"Mas eu sei", eu disse a ele.
"Sim, mas." Ele olhou em volta antes de dizer: "Os caras vão rir da gente se ouvirem você dizer coisas assim."
"Então?"
"Então..." Ele pareceu pensar por um momento antes de balançar a cabeça. "Não sei o que vem depois disso."
Sorri para ele. "Você também está a fim de mim?"
“Jesus.” Corando, ele mergulhou na água, reaparecendo alguns segundos depois e muito mais longe.
"Espere!", gritei para ele. "Você não me respondeu."
"Sim", gritou ele por cima do ombro enquanto nadava de volta para os nossos amigos. "Minha resposta é sim!"
Levantei-me de um salto e agarrei o peito, incapaz de impedir que o sorriso se espalhasse no meu rosto.
Porque ele também tinha uma queda por mim.
Hugh Biggs gostou de mim também.
"Volte para me buscar", gritei, pulando de volta na água e chutando as pernas.
Eu não sentia o mesmo medo que os outros sentiam quando suas cabeças afundavam ou quando a água subia pelo nariz. Quanto mais dor eu sentia, mais calma minha mente ficava.
"Você é uma louca", Hugh riu, passando o braço em volta de mim enquanto nadava de volta para mim. "O que você teria feito se eu não tivesse nadado de volta para você?"
"Eu sabia que você faria isso", eu ri, passando meus braços em volta do pescoço dele enquanto ele nos levava para a parte rasa.
"Ah, é?", ele provocou, me soltando quando consegui me levantar. "Como?"
"Porque confio em você", eu disse a ele. "Você me faz sentir segura."
Isso pareceu confundi-lo, pois suas sobrancelhas se franziram. "Você sempre estará segura comigo."
"Eu sei." Dei um tapinha nele com a mão. "Não importa o que aconteça, né?"
"É, Liz", Hugh riu, espirrando água em mim de volta. "Não importa o que aconteça."

NAMORADOS DESTUDIOS E IRMÃOS CORAJOSOS

Hugo

17 DE DEZEMBRO DE 1994

"EU CONHEÇO SUA IRMÃ" FORAM AS PRIMEIRAS PALAVRAS QUE SAÍRAM DA BOCA DA MINHA IRMÃ quando a irmã da Lizzie entrou pela nossa porta no último sábado antes do Natal. "Ela é minha melhor amiga na escola, mas o Gerard é meu melhor amigo em casa."
"É mesmo?" Caoimhe riu, permitindo que Claire a arrastasse para cima para ver sua coleção de bonecas.
"Estaremos em casa à uma e meia", disse-me a minha mãe, enquanto passava batom no espelho. "Se precisar de alguma coisa ou se sentir incomodada com alguma coisa, quero que ligue para o Sadhbh, ok?"
"Não vou ligar para a Sadhbh", respondi, torcendo o nariz em desgosto. "Ela fez aquele homem dormir aqui de novo."
"Hugh", advertiu mamãe. "Não é da nossa conta, lembra?"
“É, tanto faz, mas o Joe é muito melhor”, resmunguei.
"Você diria isso", ela riu. "Ele é seu padrinho que te mima pra caramba."
"Não, estou dizendo isso porque é a verdade", respondi, bufando. "Ligo para o Joe se precisar de um adulto."
"O Joe está com as crianças neste fim de semana", lembrou a mãe, ajeitando o vestido. "Então, por favor, ligue para a Sadhbh se precisar."
“Vou ligar para o vovô Healy e essa é minha oferta final”, respondi, permanecendo firme.
“Tudo bem, você pode ligar para o vovô”, mamãe admitiu com uma risada. “Ah, e Caoimhe perguntou se o Mark Allen dela pode vir "Assista a um filme quando vocês forem dormir. Eu disse a ela que ele podia, mas tinha que sair às onze, então fique de olho em tudo, ok?"
"Mark Allen?", olhei boquiaberta para minha mãe. "Como o *filho do namorado da Sadhbh* ?"
“Hugh.”
“Ugh!” Rosnei, franzindo a testa. “Por que alguém iria querer assistir a um filme com *ele* ?”
"Isso também não é da sua conta."
Eu já tinha encontrado o Mark algumas vezes, e o Gibs não mentiu quando disse que o cara era um babaca. Ele se achava muito mais durão e descolado do que a gente porque era adolescente, quando, na verdade, ele só era melhor em ser um babaca. "Eu odeio esse cara!"
“Hugh!”
“Você me ensinou a não mentir, mãe”, lembrei-a.
"Eu também te ensinei a ter boas maneiras", ela retrucou com um sorriso irônico.

"Bem, eu sei que Caoimhe é a babá, mas você é o homem da casa quando o papai não está, então espero que cuide da sua irmã."
"Nossa, mãe, você está linda", eu disse a ela, olhando para o vestido vermelho justo e brilhante que ela usava. "Você está muito mais magra do que eu pensava."
"Ora, obrigada, filho", mamãe riu, apertando minha bochecha. "Que charminho você é."
"Ele puxou isso do velho", interrompeu o pai, surgindo da cozinha com os casacos dele e da mãe jogados no braço. "Certo, querida, vamos logo. O táxi está lá fora."
"Espera, espera, espera, acho que esqueci uma coisa", riu a mãe enquanto ele a carregava até a porta. "Preciso beijar meus bebês antes de irmos."
"Seu bebezão está aqui", papai disse lentamente, abrindo a porta da frente e carregando a mamãe escada abaixo. "E você pode beijá-lo no táxi."
"Ugh", gemi, batendo a porta atrás deles. "Já vai tarde."

Duas horas depois, tive que admitir que ser babá da Caoimhe Young era muito melhor do que da Sra. Grady. Me senti mal por pensar isso, mas era a verdade. A Caoimhe tinha energia de sobra para acompanhar a Claire, o que significava que eu não precisava correr atrás dela pela casa caso ela estivesse solta, com a tesoura ou tivesse mexido na maquiagem da minha mãe. Em vez disso, a Caoimhe fazia tudo isso enquanto eu jogava meu jogo de computador em paz.
"Fizemos biscoitos para você", gritou Claire, abrindo a porta do meu quarto com um sopro, e eu me amaldiçoei mentalmente por ser um azar. Droga. "Vamos, Hugh. Desça e experimente."
Eu não queria comer nada que minha irmã tivesse colocado com seus dedinhos imundos. Eu conhecia bem os bichinhos assustadores que ela colecionava em potes com Gibs, mas, conhecendo Claire, ela tentaria me dar eles enquanto eu dormia se eu não desistisse. Era uma batalha que eu não conseguiria vencer, então desliguei o jogo e desci as escadas até a cozinha.
Como eu esperava, os biscoitos pareciam algo que o cachorro do vizinho fez, mas peguei um e dei uma mordida para aplacar o demônio de cabelo cacheado que estava dando piruetas pela cozinha.
"Hum", murmurei, esfregando a barriga. "Está uma delícia." Não estava, mas também não estava horrível. "Bom trabalho."
Caoimhe revirou os olhos e riu. "Minha irmã tinha razão; você *é* um doce."
Minhas bochechas ficaram vermelhas e eu praticamente engasguei com a boca cheia de biscoito para responder. "A Liz disse que eu sou um doce?"
"Aham." Sorrindo, ela encostou o quadril na ilha e secou as mãos com o pano de prato. "Entre outras coisas."
"Tipo o quê?", perguntei abruptamente, tentando, sem sucesso, parecer indiferente. "Quer dizer, ela disse coisas sobre mim?"
" *Ah* , olha você corando por causa da minha irmã", Caoimhe cantarolou. "Que fofura."
"O Hugh está apaixonado", Claire interrompeu. "Ele quer beijar a sua irmã."
"Claire!", gritei, sentindo meu rosto ficar mais quente. "Pare com isso. Você sabe

que eu não quero."
"Mentiroso, mentiroso, as calças pegando fogo", brincou Claire, enquanto dançava até a nossa babá. "Ele está sempre me fazendo perguntas sobre ela."
" *Sério* ?" Os olhos de Caoimhe brilharam de malícia. "Que tipo de perguntas, Claire?"
"Tipo, qual é a cor favorita dela, se ela gosta de dinossauros, quem é o autor favorito dela e se ela fala sobre ele na escola", respondeu minha irmã com uma risadinha. "Ele até faz desenhos para ela, escreve bilhetinhos e me faz levar para a escola."
Gemendo, lutei contra a vontade de correr escada acima e morrer de vergonha em particular.
"A Lizzie também desenha para o Hughie", continuou Claire, revelando meus segredos, enquanto conduzia Caoimhe para a sala de estar. "E ela escreve bilhetes com corações, e eu tenho que levá-los para casa para ele."
"Meu Deus", Caoimhe exclamou, afundando-se no sofá ao lado de Claire. "Essa é a coisa mais fofa que já ouvi."
"Acho que o Hughie é o namorado da Lizzie", Claire sugeriu. "Assim como o Gerard é meu namorado."
"Não, não sou", argumentei, sentindo-me suada e sem jeito, enquanto pairava no arco. "E o Gibsie também não é seu." Balancei a cabeça, sentindo-me confusa. "Ele é só um garoto que é seu *amigo* ... Assim como eu e a Liz."
"Não, Hughie", minha irmã retrucou, gesticulando para que eu me sentasse ao lado dela. "O Gerard disse que vai se casar comigo quando eu for grande."
"Ah", Caoimhe riu. "Meu pequeno Gibs disse que se casaria com você?"
"É", Claire sorriu orgulhosa. "Só que vamos ter gatinhos depois da lua de mel, e não armas de caça."
"Atire em mim", murmurei, afundando no sofá. "Sério."
"Você tem um?", perguntou Claire, subindo no colo dela. "Um namorado?"
"Sim, com certeza", respondeu Caoimhe, sorrindo. "Na verdade, acho que vocês talvez conheçam meu namorado: Mark Allen."
"Eca." Claire recuou, horrorizada. "Só eca."
Caoimhe riu. "Você não aprova?"
Minha irmã balançou a cabeça. "O pai dele estava beijando a mamãe do Gerard quando não devia", explicou ela, torcendo o narizinho. "O Gerard disse que eles estavam traindo o pai dele."
"Nossa", suspirou Caoimhe. "Bem, isso não é bom, né?"
"Não. Isso é ruim."
"Às vezes, os adultos fazem coisas ruins", ela concordou. "Mas só porque os adultos fazem coisas ruins, não significa que as crianças sejam as culpadas."
Claire parecia confusa, mas eu sabia *exatamente* o que ela estava tentando fazer.
"Não é culpa da Gibsie, é?" Caoimhe esclareceu em tom gentil.
"Não."
"Exatamente." Caoimhe sorriu para ela. "Então como pode ser culpa do Mark?"
Isso pareceu confundir minha irmã, e ela franziu a testa. "Hã."
Arqueei uma sobrancelha, incrédula, e bufei.
“Tem algo a dizer, Hugo Boss-Man?”
"É, a Gibsie é uma criança", eu disse a ela. "O Mark é um valentão."

"Um valentão para quem?"
“Gibsie.”
Os olhos de Caoimhe encontraram os meus e percebi que ela não acreditou em mim. "Você está enganada sobre ele. O Mark é realmente ótimo depois que você o conhece."
Não, porra, obrigado.
"Você o ama?", perguntou Claire, atraindo a atenção da babá de volta para ela. "Ele segura a porta para você?"
"É", ela disse à minha irmã com um sorriso. "Ele faz muitas coisas legais para mim."
"Realmente?"
"Uh-huh."
“Que tipo de coisas boas?”
"Certo, vou para a cama", declarei, levantando-me e acenando para eles.
Se ficar acordada até tarde significasse ouvir minha babá falando sobre seu namorado idiota para minha irmã ingênua, então eu preferiria não fazer isso.
Quando cheguei à janela do meu quarto, olhei para a janela da Gibsie, do outro lado da rua. Estava escuro. A van estacionada na entrada da garagem do outro lado da rua me deixou feliz por ele estar na casa do pai no fim de semana.
Ajoelhado ao lado da cama, me abençoei e recitei rapidamente minhas orações antes de me deitar. Demorei muito mais do que o normal para pegar no sono, e pensei em ligar a televisão, mas desisti. Se fizesse isso, ficaria tentado a jogar no meu Sega e, se isso acontecesse, ficaria acordado a noite toda.
Pouco tempo depois, o som da porta da frente abrindo e fechando encheu meus ouvidos e me esforcei para ouvir as vozes abafadas.
Havia uma voz masculina.
Isso me confundiu porque eu conhecia a voz do meu pai e aquela não era a dele.
Rolando para o lado, tentei dormir, sentindo meus olhos pesarem, mas uma sensação estranha no estômago me atormentava.
Foi então que as palavras da minha mãe surgiram na minha mente.
Mark Allen .
Ele estava vindo para assistir a um filme.
Puta merda!
Tirando as cobertas, saí da cama e desci as escadas pisando duro para conferir. Quando cheguei à sala de estar e encontrei o familiar adolescente de cabelos escuros sentado no meu sofá, com minha irmã no colo, uma onda de inquietação me invadiu.
Eu não conseguia explicar por que me sentia tão desconfortável ou por que os pelos da minha nuca se arrepiavam sempre que eu o via. Mas *sempre acontecia. Eu me sentia como Peter Parker com sentidos de aranha, e os meus me diziam que Mark Allen não* era bom. Nada bom.
"Claire!", gritei, entrando na sala. "Não." Sem parar até estar bem na frente deles, agarrei a mão da minha irmã e a puxei do colo dele. "Você não senta no colo de estranhos."
"Mas tudo bem, porque ele vai ser irmão do Gerard em breve", explicou minha irmã, olhando para mim com seus grandes olhos castanhos. "Então ele não é um estranho."

"Eu não me importo." Segurando sua mão, levei minha irmã até a outra ponta do sofá e a coloquei sobre ele antes de me virar. "Não toque na minha irmã de novo", avisei, parando na frente dela. "Nunca mais."
"Ei, Hugh, está tudo bem", disse Caoimhe do seu lugar ao lado de Mark. "Estávamos assistindo a um filme. Sua mãe disse que estava tudo bem." Sorrindo, ela gesticulou para o valentão que a abraçava. "Quer assistir ao filme com a gente?"
"Você vai dormir?", perguntei à minha irmã, ignorando Mark quando ele tentou falar comigo.
"Não." Claire sorriu e apontou para a televisão. "Vou ficar acordada para *ver o Olha Quem Está Falando* ."
"Tudo bem." Assenti e me sentei ao lado dela. "Então eu também."
"Você está sendo muito rude", Claire sussurrou em meu ouvido.
Eu sabia que sim e estava preocupado em ter problemas com meus pais.
Tentei ser bom, fazer a coisa certa, mas não consegui me conter esta noite.
Eu não gostei.
Parecia tudo errado.
"Não sente no colo dele", sussurrei de volta.
"Por quê?"
Eu não sei . "Simplesmente não faça isso, ok?"
"OK."
"Estou falando sério." Levantei meu dedo mindinho para ela. "Me prometa."
"Eu prometo", ela respondeu, entrelaçando o dedo no meu antes de se enrolar como uma bola no meu colo.
Normalmente, eu mataria minha irmã por me abraçar, mas não esta noite.
Em vez disso, passei meu braço em volta dos ombros dela e a mantive por perto.

COMEMORANDO O ANO NOVO

Lizzie

31 DE DEZEMBRO DE 1994

" VOCÊ ESTÁ BEM ?" PERGUNTOU A G IBSIE, MESMO JÁ SOUBESSE A RESPOSTA .
Era véspera de Ano Novo e estávamos sentados à mesa da minha cozinha, enquanto sua mãe e Keith bebiam champanhe com meus pais.
"Sim, vou ficar bem", respondeu Gibsie, parecendo triste. "Obrigada por me convidar para a sua festa, Liz."
Era a festa dos meus pais, não minha. Eles decidiram dar uma festa na véspera de Ano Novo para agradecer aos amigos por todo o apoio durante o ano.
Mamãe já tinha saído da cama e estava com um vestido lindo, e papai parecia realmente feliz naquela noite. A cozinha estava cheia de adultos cujos nomes eu não sabia, enquanto Caoimhe e Mark tinham a sala lotada de amigos da escola.
Estendendo a mão, coloquei-a sobre a de Gibsie e sussurrei: "Keith é um filho da puta".
Isso o fez sorrir, então quebrei a cabeça em busca de mais palavrões. "Keith é um filho da puta, um filho da puta idiota."
Agora, ele ria de barriga cheia. "Ele *é* um filho da mãe."
Eu sorri. "É."
Quando a campainha tocou, Gibs e eu nos entreolhamos antes de correr para a porta da frente.
"Ele está aqui", gritei ao mesmo tempo em que Gibs comemorava: "Ela está aqui!"
Empurrei Gibsie para longe com o quadril, agarrei a maçaneta um segundo antes dele e sorri vitoriosa. Pode parecer bobagem, mas eu queria ser a primeira a abrir a porta quando Hugh chegasse em casa. Queria ser a primeira pessoa a ver o rosto dele. Aliás, eu queria ver o rosto dele o tempo todo. Todos os dias.
Quando abri a porta e fui recebido pela família Biggs, tive que me esforçar para não me jogar em cima de Hugh.
Eu queria.
Tão ruim .
Porque eu pensava nele o tempo *todo* . Meu rosto ficava quente quando ele sorria para mim, e eu queria passar o tempo todo perto dele. Mesmo quando eu deveria estar brincando com a Claire, eu sempre o procurava e secretamente esperava que ele entrasse no quarto e se juntasse a nós. Eu adorava as coisas sobre as quais ele falava. Ele era tão inteligente e estava sempre me ensinando coisas. Sobre estrelas e constelações, sobre a natureza, livros, filmes, música. Ele era como minha enciclopédia pessoal sobre a própria vida.
"Gerard!", gritou Claire, passando correndo por mim para abraçar nossa amiga. "Você está superbem com essa camisa."
"Obrigado, Claire-Ursinha", ele riu, parecendo mais relaxado do que a noite toda, agora que ela estava ali. "Você parece uma princesa." Passando o braço

pelos ombros dela, eles seguiram os pais dela até a cozinha, enquanto eu permanecia paralisada, com a atenção voltada para o único garoto que eu queria olhar.
Ele vestia uma camisa xadrez vermelha por dentro de uma calça jeans escura, com botas marrons. Seu cabelo estava bem penteado, mas ainda caía para a frente como o Júnior do filme *Pequenos Gigantes* .
Hugh sorriu para mim. "Oi."
Devolvi o sorriso radiante. "Oi."
"Obrigado pelo convite." Ele ergueu o cartão familiar e piscou. "Bom *dia* ."
Meu rosto ficou vermelho de calor. "Eu estava praticando."
"Eu sei." Sorrindo, ele entrou, e seu braço roçou no meu enquanto ele se movia, fazendo as xícaras vibrarem loucamente.
Incapaz de me conter, inclinei-me para perto e cheirei. Exatamente como eu me lembrava: grama recém-cortada, sabão, morangos e Hugh.
"Você sentiu meu cheiro de novo?" ele perguntou com uma risadinha.
“Gosto do seu cheiro.”
"Tomei banho hoje à noite." Levando o braço ao nariz, ele cheirou a axila e deu de ombros. "É o mesmo sabonete de sempre."
“Sua mãe coloca bolhas?”
"Sim."
“Eu gosto de bolhas.”
"Mesmo."
“Não gosto mais de banhos.”
"Por que não?"
“Eles são mesquinhos.”
Ele franziu a testa. "Mesquinho?"
Eu assenti. "Sim."
Seus olhos se encheram de confusão. "Eu não levo ferroadas."
Dei de ombros. "Talvez seja só o meu banho."
"Talvez." Seu olhar percorreu meu corpo, e senti meu corpo esquentar. "Você está muito bonita." Sorrindo, ele ajeitou o laço no meu cabelo e provocou: "Muito atípico da Lizzie da sua parte."
"Minha irmã me fez usar." Corando, fechei a porta atrás dele. "Obrigada por vir."
"Sua casa é enorme", ele me disse. "Sério, enorme mesmo."
"É." Parada no corredor, juntei as mãos e o encarei. "É muito antigo."
"É, parece mesmo." Ele pareceu interessado nas paredes da nossa entrada. "É muito legal."
"Realmente?"
"É." Seus olhos encontraram os meus por um instante e meu rosto ficou vermelho novamente. "Meu pai é arquiteto, então eu meio que adoro esse tipo de lugar." Ele se virou lentamente, com os olhos fixos nas esculturas no teto. "Georgiano?"
"Ah, o nome do meu pai é Michael", corrigi. "E ele está na cozinha."
Hugh franziu a testa para mim por um breve momento antes de um sorriso enorme se abrir em seu rosto. "Você é tão fofo."
Meus olhos se arregalaram. "Sou bonitinha?"
Seus lábios se contraíram, mas ele não respondeu, decidindo mudar de assunto e

perguntando: "Então, que tal, milady? Que tal levar seu bravo cavaleiro para um passeio pelo palácio?"
"Você é tão estranho." Rindo baixinho, agarrei a mão dele e o puxei em direção à escada. "Vamos."

“Ei, você sabia que o tataravô da sua mãe lutou no Cerco de Cork em 1690?”
"São muitos ótimos, Hugh." Esparramado no chão do meu quarto, apoiei o queixo nas mãos enquanto observava Hugh folhear um livro que havia encontrado na sala da biblioteca.
“E sua família é uma das poucas famílias católicas irlandesas que mantiveram suas terras e riquezas durante a plantação?”
"Ele morreu?"
"Quem?"
“Meu tataravô.”
"Não, mas aqui diz que ele perdeu uma perna." Virando cuidadosamente a página empoeirada, ele continuou a ler. "Liz, sua mãe é rica." Ele se aproximou para ler as anotações manuscritas do diário. "E não apenas rica." Ele virou a cabeça para me olhar. "Ela tem riqueza *de gerações* ."
Dei de ombros. "Não sei o que isso significa."
"Significa que os filhos dos filhos dela nunca mais precisarão se preocupar com dinheiro." Ele franziu a testa antes de rir consigo mesmo. "Acho que isso significa os seus filhos."
“Mas eu não tenho filhos?”
"Agora não, mas quando você for adulto, terá um monte deles", explicou ele, voltando a atenção para o livro. "E eles serão podres de ricos."
"Ah." Pensei por um instante, decidi que não me importava e voltei a encará-lo. "Acho que gosto mais de ficar perto de você do que da sua irmã", admiti. "Isso faz de mim uma má amiga?"
"Não", respondeu Hugh, virando a cabeça para me olhar novamente. "Entendo."
"Você faz?"
"É." Assentindo, ele fechou o livro e apoiou o queixo na mão. "Você gosta de paz e sossego, e minha irmã é o oposto de sossego."
Meus olhos se arregalaram de surpresa. "Eu *gosto* do silêncio."
"Eu também", ele concordou. "Além disso, você é o caçula da família, não é? E Caoimhe é bem mais velho que você."
"Sim."
"Então, você está acostumado ao silêncio", continuou ele explicando. "Sou o mais velho de nós quatro, então estou acostumado com o barulho, mas não gosto dele."
Franzi a testa em confusão. "Mas vocês são só dois."
"Gibsie é basicamente o filho do meio, e Beth é o caçula." Com os lábios se contorcendo num pequeno sorriso, ele acrescentou: "Ele é praticamente meu irmão."
"Então vocês meio que o adotaram?", sorri. "Como o Mestre Splinter fez com as tartarugas."

Seus olhos castanhos se voltaram para mim e seu sorriso irônico se aprofundou. "Mais ou menos."
Ele era bonito. Tão bonito. "E aí, Hugh?"
"Hum?"
"Gosto de você."
"Eu também gosto de você, Liz", respondeu ele, sentando-se. "Queria que você estivesse na minha turma e *não na* da minha irmã."
Seguindo seus passos, sentei-me de pernas cruzadas, de frente para ele, e sorri. "Quero estar com você o tempo todo."
"É." Suas bochechas ficaram vermelhas quando ele assentiu. "Eu também quero isso."
“Ei, Hugh?”
“Sim, Liz?”
"Você sabe como o Gibsie vai pedir a Claire em casamento quando eles crescerem?" Aproximei-me até nossos joelhos se tocarem. "Você acha que pode me pedir em casamento?"
Hugh me encarou por um longo tempo antes de dizer: "Se eu te perguntasse, você diria sim?"
"Sim." Assenti ansiosamente. "Eu diria que sim, com certeza."
Ele sorriu. "É bom saber."
“Ei, Hugh?”
“Sim, Liz.”
Apontei para o relógio em seu pulso. "Feliz Ano Novo."
Hugh olhou fixamente para o mostrador do relógio por um longo momento antes de voltar a atenção para mim. E então, com as bochechas vermelhas, ele se aproximou e me beijou. "Feliz Ano Novo, Liz."

PARTE 3

Partidas Devastadoras

SEGUINDO EM FRENTE E MUDANDO PARA DENTRO

Hugo

1 DE ABRIL DE 1995

Sentados na calçada do nosso lado da rua, observamos uma van grande e branca estacionar no número nove. Keith e Mark Allen saíram da van. Contornando a traseira da van, Keith abriu a porta e os dois começaram a pegar suas caixas de mudança.
"Você acha que é uma brincadeira de 1º de abril?", Feely perguntou em tom esperançoso.
“Eu queria”, respondi.
"Isso é uma merda", Gibsie murmurou, equilibrando a pequena criança de cabelo cacheado em seu colo.
“Grandes e gordas bolas de burro”, Liz concordou com um suspiro.
"Gente, não falem palavrões", repreendeu minha irmã. "Não na frente da Beth."
"Vamos lá, Claire", argumentei. "Se não podemos xingar hoje, quando poderemos?"
Ela deu de ombros, mas não respondeu.
Porque ela não podia.
Porque esse foi o pior dia de todos.
Poucos minutos depois, Sadhbh saiu correndo de casa. O sorriso em seu rosto era maior do que qualquer outro que ela já havia dado a Joe.
Quando ela abraçou Keith Allen, o garoto sentado na calçada ao meu lado enterrou o rosto no pescoço da irmã e gemeu: "Este é o pior dia da minha vida, porra."
"Gib", Beth balbuciou, puxando o cabelo dele. "Gibby."
"Está tudo bem, Beth", eu a convenci, colocando a criança no meu colo. "O Gibs só está cansado."
Sentindo-me mal pelo meu amigo, mas sem saber o que dizer, cutuquei seu ombro com o meu, querendo que ele soubesse que eu sentia muito que sua mãe estivesse substituindo seu pai por aquele homem.
Enquanto isso, minha irmã não fez nenhuma promessa a si mesma. "Eca", gemeu ela do seu lugar, do outro lado do nosso amigo. "Isso é simplesmente... eca!"
Franzindo o narizinho em desgosto, Claire estendeu a mão e passou o braço magrinho e pequeno em volta do ombro de Gibsie. Não alcançou, claro — ela era muito pequena —, mas o gesto estava lá, e por alguma razão estranha, o conforto dela foi mais bem recebido do que o meu. Porque Gibs apoiou a cabeça no ombro dela, permitindo que ela o confortasse.
Eu sabia que ele estava chorando, podia ver seus ombros se contraindo, mas ele não emitiu nenhum som. Era o tipo de choro baixinho que eu via nos filmes mudos que meus avós costumavam assistir. De alguma forma, isso tornava a situação pior do que se ele estivesse gritando como um touro.

Agindo como se fosse a guarda-costas pessoal de Gibsie durante todo o calvário, Claire usou a mão livre para cobrir os olhos dele. Eu não tinha certeza do que ela estava tentando fazer naquele momento: protegê-lo do beijo ou proteger o mundo dele.
Olhei para Feely, que estava sentado do outro lado de Claire, e ele deu de ombros, parecendo tão incerto quanto eu.
Nenhum de nós sabia o que fazer.
Foi quando uma pequena mão se entrelaçou na minha, enviando uma faísca de calor pelo meu corpo.
No momento em que virei a cabeça para a esquerda e meus olhos se fixaram nos olhos azul-claros de Lizzie, a familiar onda de eletricidade que eu havia me acostumado a sentir quando ela estava por perto me percorreu. Aconteceu até mesmo quando eu estava sozinho e *pensava* nela.
Eu costumava pensar que isso iria passar quando eu me acostumasse a vê-la, mas tendo-a visto quase todos os dias nos últimos seis meses, era seguro assumir que isso não aconteceria.
Eu estava começando a entender por que Gibs queria ficar com Claire o tempo todo. Se ela o fazia sentir o que Liz me fazia sentir, eu não o culpava.
Antes da Liz, eu nunca acreditei que uma garota pudesse ser sua melhor amiga, mas ela era a prova viva disso. Eu preferia a companhia dela acima de todas as outras e passava todo o meu tempo livre com ela.
Claire e Gibs tinham muita sorte de morarem do outro lado da rua. Lizzie morava fora da cidade. A casa dela ficava a 10 quilômetros da minha, e eu ainda não tinha permissão para ir de bicicleta até lá. Ela vinha com a irmã quando Caoimhe cuidava das crianças, e dormia lá na maioria dos fins de semana, mas *ainda* não era o suficiente, porque quando ela tinha que ir embora, eu não me sentia eu mesma até ela voltar para mim.
"Cocô", disse Bethany então, estendendo a mão para puxar meu cabelo. "Cocô, cocô."
"É o Hugh", corrigi, enquanto meus amigos riam. "Você consegue dizer Hughie, Beth?"
"Cocô", ela respondeu, sorrindo para mim com grandes olhos cinzentos. "Cocô, cocô, cocô."
Até Gibsie riu dessa vez.
Pelo menos fui útil para alguma coisa.

EXCETO QUE ELE NÃO O FEZ

Lizzie

21 DE ABRIL DE 1995

"MUITO OBRIGADA POR ME CONVIDAR PARA SUA CASA ", DISSE S HANNON EM VOZ BAIXA do banco de trás do carro do pai de Claire na sexta-feira, depois da escola. "Estou muito grata."
"Tudo bem, Shan." Claire apertou a mão dela. "Estou tão feliz que você veio." Ela se inclinou sobre Shannon para dar um tapinha no meu joelho. "Você também, Liz."
Retribuí o sorriso, mas não respondi porque estava muito cansado. Tudo parecia pesado nos meus ombros e a senhora assustadora estava ainda mais barulhenta na minha cabeça hoje.
Eu já sentia que isso ia acontecer há algum tempo.
Minha felicidade foi diminuindo, diminuindo e diminuindo até chegar ao fundo do poço.
Agora, tudo estava escuro e triste.
Eu nem fiquei bravo.
Eu simplesmente me sentia vazio.
Tentando me distrair, olhei para os pais de Claire. O pai dela dirigia e a mãe estava no banco do passageiro. Ele segurava a mão dela e, às vezes, a pegava e a beijava.
“Rock 'n' Roll Kids” estava tocando no rádio, e eu sabia todas as letras porque a Irlanda tinha vencido o Festival Eurovisão da Canção com ela no início deste ano.
Mas eu não consegui me importar.
Não importava se eu sabia a letra ou não. Não importava se as meninas falavam comigo ou não. Nada importava para mim. Tudo o que eu queria era me arrastar para a cama e dormir.
Quando chegamos à casa de Claire, segui meus amigos e tentei ao máximo acompanhar suas conversas, mas era exaustivo.
A senhora assustadora continuou sussurrando na minha cabeça.
Suas garras estavam me empurrando para baixo d'água.
Parecia que minha cabeça estava debaixo d'água e eu conseguia vê-la, mas estava embaçado e desbotado.
Eu estava cansado demais para lutar contra ela na minha cabeça.
Ela estava sentada no meu ombro agora, mas eles não conseguiam vê-la.
Quando eu disse às meninas que precisava usar o banheiro, era mentira. Eu não precisava ir. Eu só precisava *ir* . Entrando na banheira, me enrolei como uma bola e cobri a cabeça.
“Seja uma boa menina e abra a boca.”
Sair .
"Se você me morder, eu mato ela. Você quer isso?"

Sair .
"É isso aí. Você gosta disso, não é?"
Sair!
"Pare de chorar. Estou sentindo que você está gostando."
Por favor, saia da minha cabeça .
"Porra, você está ficando muito bom nisso."
Pare de me machucar!
"É isso aí. Não é tão ruim assim, né?"
Não!
“Limpe-se.”
Por favor, faça isso parar!
“A culpa é sua, não minha…”
Não ouvi a porta do banheiro abrir e fechar, mas *ouvi* a voz do Hugh quando ele gritou: "Liz? Você está bem?"
Obrigando-me a sentar, levantei a cabeça para olhá-lo. "Oi."
"Oi." Agachando-se ao lado da banheira, Hugh apoiou os cotovelos na borda e me encarou. "O que você está fazendo na banheira?"
"Descansando", sussurrei, entorpecida demais para me sentir envergonhada. "Estou cansada."
"Você está doente?", ele estendeu a mão, pressionou a palma da mão na minha testa e franziu a testa. "Você não está aquecida."
"Não", implorei quando ele tirou a mão. Tremendo, a peguei de volta e a levei até a bochecha. "Eu consigo sentir você."
"É, bem, espero que sim", ele respondeu, lançando-me um sorriso pesaroso. "Estou tocando seu rosto."
"Não, eu consigo *sentir* você", respondi, tentando fazê-lo entender. "Eu consigo *me sentir* quando sinto *você* ."
Ele não respondeu, mas também não retirou a mão. Em vez disso, ajoelhou-se ao meu lado e manteve a mão na minha bochecha.
"Escute, estou fazendo lição de casa no meu quarto, mas você pode vir comigo e dormir na minha cama se quiser?", ele ofereceu após um longo silêncio. "Claire e Shannon estão lá atrás, na casa da árvore, então elas não vão se importar."
“Você pode dormir na minha cama…”
Eu sabia o que isso significava.
Mas estava tudo bem.
Porque eu amava Hugh Biggs.
Meu coração tinha certeza que sim.
E Hugh nunca me machucaria como *fez* .
Assentindo, peguei a mão que ele me ofereceu e saí da banheira. Segurando firme sua mão, mergulhei no calor enquanto ele me levava para o seu quarto.
Ficaria tudo bem.
Porque ele era gentil.
Ele não me faria chorar.
Ele não me faria sangrar.
"Você pode descansar aqui", disse Hugh com uma voz gentil, parando em frente a uma grande cama de casal. "É mais confortável que a banheira."
Subindo no colchão, rolei de costas e me acomodei na posição familiar, com os

braços ao lado do corpo e as pernas abertas, esperando que o garoto fizesse o que Mark me disse que todos os garotos faziam.
Só que ele *não fez isso* .
Em vez de tirar minhas roupas, Hugh me cobriu com um cobertor e se afastou.
Confusa, virei a cabeça para vê-lo sentado de pernas cruzadas em frente a uma pilha de livros escolares no chão do quarto.
Apoiando-me nos cotovelos, olhei para ele, sem entender nada daquilo.
Eu fui mau?
Eu fiz algo errado?
Ele estava bravo comigo?
Ele não *parecia* irritado.
Na verdade, ele estava cantarolando uma música baixinho enquanto rabiscava em seu caderno. Eu conhecia a música. Era a que estava tocando em seu Walkman no dia em que nos conhecemos — "Send Me on My Way", de Rusted Root.
Meu coração bateu forte contra as costelas, e com ele veio uma onda de emoções. Sentimentos: eles bombardearam meu coração, correndo por mim como um rio.
Eu estava sentindo.
Eu pude *sentir* novamente.
Também não precisei gritar para fazer a moça ir embora.
Ela desapareceu quando ele me encontrou na banheira.
Ela tinha medo de Hugh.
Porque ele era bom.
Porque ele era corajoso.
Um bravo cavaleiro .
Uma onda de alívio tomou conta de mim, e agarrei o cobertor que me cobria, permitindo que minhas pálpebras pesadas se fechassem.
Mark não me consertou dessa vez.
Hugh fez.
E ele não precisava me machucar para fazer isso...

PRIMEIRA COMUNHÃO E PRIMEIRO CADÁVER

Hugo

6 DE MAIO DE 1995

QUANDO NOSSAS FAMÍLIAS EMBARCARAM NO BARCO NA TARDE DE SÁBADO , EU ME LEMBRO de ter pensado que aquele seria um dos melhores dias da minha vida. Elegantes em nossos trajes de Primeira Comunhão, Gibsie e eu nos debruçamos na lateral do barco, observando os golfinhos nos perseguirem enquanto navegávamos em direção ao mar.
Lembro-me de passar a maior parte do tempo planejando todas as maneiras de gastar nossas fortunas. Sabíamos que tínhamos ganhado muito *dinheiro* hoje. Nossas mães tinham pilhas de envelopes grossos enfiados em suas bolsas.
Tudo cheio de dinheiro e tudo para nós.
Deveria ter sido o melhor dia das nossas vidas, mas em vez disso, se tornou o nosso pior dia.
Num momento, Gibs e eu estávamos discutindo com nossas irmãs por causa de um raio laser de brinquedo idiota, e no momento seguinte, uma delas caiu no mar.
Tudo aconteceu tão rápido, e mesmo assim o tempo pareceu passar mais devagar.
Num minuto Bethany estava lá e no outro não estava mais.
O tempo pareceu parar por um longo instante antes que o grito agudo de Sadhbh sacudisse o núcleo da Terra.
Foi o pior e mais assustador barulho que já ouvi na minha vida.
"Bethany!", gritou Sadhbh. "Joe, eu não sei nadar. Por favor, eu não sei nadar, Joe!"
"Vou buscar o nosso bebê." Fomos empurrados para fora do caminho, e eu vi Joe Gibson passar por nós e pular no mar, gritando o nome da filha. "Bethany!"
"Papai está chegando, Beth", Sadhbh continuou gritando, e isso me arrepiou porque parecia uma desgraça iminente. "Segura firme, filhinha. Papai está chegando!"
Em pânico, agarrei *minha* irmã e a puxei para longe da borda, onde ela estava curvada e chorando histericamente.
Todos gritavam e eu não sabia o que fazer. Eu tinha medo de olhar para o rosto de Sadhbh porque os barulhos que saíam dela eram realmente assustadores.
Em vez disso, segurei firmemente a pequena menina de cabelos cacheados e agradeci a Jesus por ter poupado *minha* irmã.
Porque isso era ruim.
Eu sabia que era.
Beth não sabia nadar, era apenas uma criança pequena, e a correnteza era muito forte. Não era de uma piscina que ela precisava ser resgatada — era do Oceano Atlântico selvagem, e ela não havia emergido nenhuma vez desde que caira.
"Beth, segura firme!" Minha atenção se voltou para os gritos frenéticos de

Gibsie, e eu o encarei enquanto ele subia pela lateral do barco. "Pai, estou indo!"
"Gibs, não!" rugi, passando pela minha irmã, mas era tarde demais.
Ele já estava desaparecendo sob as ondas.
"Segure firme, Gibs!" gritei, antes de respirar fundo e me lançar para o lado.
Mas não cheguei à água porque alguém me agarrou pela parte de trás da camisa.
"Não!", a voz do meu pai ecoou em meus ouvidos, enquanto ele me arrastava para trás com violência e me jogava no convés. "Fique!", ordenou ele antes de pular no mar.
"Pai!", gritei, me apoiando em meus joelhos e mãos para chegar até ele. "Pai!"
Em um nanossegundo, minha mãe estava em cima de mim, me envolvendo com os braços em um feroz abraço de urso para me impedir de seguir meu pai.
"Não, mãe", gritei, empurrando e chicoteando para me soltar. "Gibs não sabem nadar direito."
"Ele ainda não sabe nadar!", gritou Claire, repetindo minhas palavras, enquanto disparava em direção à lateral do barco onde nosso amigo havia desaparecido.
"Você precisa fazer alguma coisa!", argumentou ela, empurrando e batendo com os punhos pequenos na perna de Keith. "Você precisa salvá-los!"
"Eu não sei nadar", gritou Keith, segurando Sadhbh, que parecia estar em estado de delírio. "Sinto muito. Eu não sei nadar."
Enquanto isso, Mark estava de lado, com os braços cruzados sobre o peito.
Como uma estátua.
Como um demônio.
fazer *nada* .
Consegui me libertar das garras de mamãe, corri para o lado do barco e gritei quando Joe emergiu da superfície com seus dois filhos.
Alívio.
Isso me inundou.
O corpo inerte de Gibsie estava esparramado sobre seu ombro, enquanto ele agarrava sua filha pequena contra o peito. Nenhum dos dois se mexia.
Os olhos de Gibsie estavam fechados, e o cabelo de Bethany estava caído sobre seu rosto em mechas douradas e molhadas.
O pânico se instalou rapidamente.
Oh não .
Ah não, não, não…
"Gerard!", gritou Claire, parecendo mais assustada do que eu jamais a ouvira. "Aguenta firme, tá? Estou aqui, Gerard! Não durma!"
"Eles estão bem?", Sadhbh continuou a gritar sem parar, enquanto desabava no fundo do barco. "Eles estão respirando?"
"Estou indo, Gibs", gritou o pai, ofegante, enquanto nadava freneticamente em direção ao melhor amigo. "Peguei você, amigão."
"Pete", Joe respondeu, lutando para manter os três flutuando sob o ataque implacável de onda após onda.
Não deveríamos ter saído hoje , pensei comigo mesmo.
A água estava muito agitada. As condições eram péssimas. Ouvi meu pai dizer isso para minha mãe esta manhã.
Ainda assim, eu me apeguei à esperança de que tudo ficaria bem.
A esperança rapidamente diminuiu quando, um momento depois, uma onda

enorme atingiu os quatro, fazendo com que Joe perdesse o controle sobre Gibsie.
"Gerard!", gritou Claire, tentando pular a lateral do barco para chegar até ele. Felizmente, a mãe a segurava firme. "Papai, você precisa encontrá-lo! Por favor! Por favor! Gerard! Ali, papai!", gritou Claire em tom selvagem, apontando para onde nosso amigo havia sido engolido pelas águas implacáveis. "Ele foi sugado para lá, papai!"
"Eu vou encontrá-lo, Gibs", jurou papai, claramente o mais descansado dos dois, enquanto Joe desaparecia rapidamente. "Prometo que vou encontrar seu filho." Papai olhou para onde minha irmã gritava e apontava e assentiu. "Eu o trago de volta."
“Não o deixe morrer, Pete.”
"Não vou", prometeu o pai. "Leve a Beth de volta. Eu pego o menino."
Outra onda os atingiu e, de repente, Bethany afundou na água, assim como seu irmão, seguido por seu pai.
Engolido pelas ondas como uma boneca flutuante e sem vida.
A imagem do seu vestido rosa foi a última que vi dela.
Ela não voltou naquele dia.
Joe também não.
"Ele pegou ele!", gritou Claire, reacendendo a chama moribunda da esperança dentro de mim. "Papai pegou o Gerard!"
Não consegui olhar porque sabia que seria ruim.
Fiquei com muito medo de vê-lo *morto* .
Meu amigo mais antigo no mundo.
"Hugh, preciso que você me escute." Virando-me nos braços, minha mãe segurou meus ombros enquanto falava. "Preciso que você seja corajoso, ok?"
Piscando para afastar as lágrimas, assenti. "Vou."
"Preciso que você faça tudo o que eu mandar. Não importa o que aconteça, filho."
Fungando, ofereci-lhe outro aceno de cabeça. "Vou."
“Preciso ajudar seu pai agora e preciso que *você* cuide da sua irmã, ok?”
Soltei um soluço e assenti, entendendo.
"Bom garoto." Inclinando-se para perto, mamãe me deu um beijo forte na testa e então pulou na lateral do barco e mergulhou na água agitada.
"Mamãe, não!", gritou Claire freneticamente quando nossa mãe entrou na água. "Volte!"
Nadando em direção ao nosso pai, mamãe lutou contra as ondas que a empurravam, não parando até chegar ao meu pai.
Ela tirou o menino sem vida dos braços e se manteve na água, dando ao meu pai a chance de recuperar um pouco de força.
E então, por alguma intervenção milagrosa, eles conseguiram trabalhar juntos para trazer o corpo sem vida do meu amigo mais velho de volta ao barco.
"Ele está morto", Sadhbh continuou a lamentar, desabando no chão nos braços de Keith. "Estão todos mortos."
Mas eu não conseguia me concentrar nela.
Não quando todo o meu foco estava na minha mãe enquanto eu esperava as instruções chegarem.
“Hugh”, disse mamãe, agarrando-se à lateral do barco, respirando com

dificuldade devido ao esforço que fazia para se manter à tona nessas condições.
Entregando Gibs ao meu pai mais uma vez, ela olhou para mim das profundezas da água e disse: "Preciso que você segure seu amigo". Seus olhos imploravam quando ela acrescentou: "Preciso que você use toda a sua força e o segure para mim, ok? Não importa o que aconteça, não solte."
"Não vou", prometi em meio às lágrimas, enquanto me inclinava para a lateral e agarrava os ombros de Gibsie. Tentei levantá-lo, mas ele pesava tanto mais do que o normal que não consegui.
"Eu te peguei, Hugh", gritou Claire, envolvendo minhas pernas com seus braços. "Não vou soltar."
"Não me solte", ordenou papai enquanto se lançava para fora da água e subia no barco. "Bom rapaz."
"Não vou", sibilei entre dentes, devido ao esforço que estava fazendo para me segurar, principalmente com a correnteza puxando e as ondas quebrando sobre ele. Mas se o oceano quisesse Gerard Gibson, teria que levar meus braços com ele, porque eu nunca o soltaria.
Correndo até onde eu estava pendurado na lateral, papai agarrou a parte de trás da camisa de Gibsie e me ajudou a colocá-lo no barco.
"Gerard!", gritou Sadhbh, correndo em sua direção de quatro, enquanto meu pai desabava de exaustão. "Ah, meu amor, respira." Passando as mãos por todo o corpo sem vida, Sadhbh começou a empurrar e a empurrar o peito dele, desesperada para fazer seu coração voltar a bater.
Mas não estava batendo.
E ele não estava respirando.
Ele nem tinha a cor certa.
Ele era de uma cor azul acinzentada.
Ele estava morto.
Eu sabia.
Ignorando a loucura ao meu redor, concentrei minha atenção novamente em minha mãe, que ainda estava na água. Inclinando-me para a lateral, estendi as duas mãos para ajudá-la a voltar para o convés. "Meu bravo menino", ela ofegou quando já estava em segurança de volta ao barco. Eu não tinha certeza se era a água do mar em seus olhos ou as lágrimas, mas ela me deu o sorriso mais triste e acariciou minha bochecha com seus dedos gelados antes de correr para Gibsie.
“Respire”, Sadhbh continuou a gritar, empurrando o peito de Gibsie, enquanto meu pai soprava em sua boca.
“Vamos, garoto, respire.”
Não estava funcionando.
“Vamos, filho, volte para mim.”
Não pareceu fazer diferença.
“Respira, Gibs. Respira, rapaz!”
Ele não *respirava* .
"Afaste-se", ouvi minha mãe instruir enquanto se ajoelhava diante do meu amigo sem vida e começava a ressuscitá-lo. Do jeito certo. Porque minha mãe era esperta assim. Ela sempre sabia o que fazer.
Qualquer esperança que Gibs tivesse estava agora nas mãos da minha mãe.
Ela era enfermeira na UTI.

Ela saberia o que fazer.
Como fazê-lo respirar novamente.
"Vou ligar o motor", declarou Keith com a voz rouca. "Já chamei os paramédicos. Eles vão nos encontrar na praia."
"Não, não, não!", gritou Sadhbh, puxando e arrancando os cabelos, enquanto corria para a lateral do barco onde sua filha havia caído no mar. "Meu bebê! Meu bebê está lá dentro! Não podemos deixá-la!"
"Gerard vai morrer se não ajudarmos ele", respondeu Keith. "Temos que ir, Sadhbh, querida."
“Ele já está morto.”
“Cale a boca, Mark.”
Poucos momentos depois, quando o som do motor ligado preencheu o ar e a vibração percorreu meu corpo, um par de braços pequenos me envolveu e eu não hesitei em envolvê-la em meu corpo, segurando com unhas e dentes *minha* irmãzinha.
“João!” Sadhbh gritou, parecendo selvagem. “João!”
"Está tudo bem, querida. Eles vão te dar um remédio para o choque quando a gente voltar para terra firme."
"Bethany! Joe! Não, não, não, não façam isso. Não os deixem para trás!"
Senti mais gratidão por Claire naquele momento do que jamais sentira nos cinco anos desde que ela chegara ao meu mundo. Porque ela estava aqui, neste barco, com o coração batendo. "Eu te amo, Claire", ouvi-me gritar, abraçando-a com tanta força que tive certeza de que estava machucando seu corpinho magro, mas não me importei. Ela estava viva e eu precisava sentir isso naquele momento. Depois de segurar o corpo sem vida de Gibsie, eu precisava tocar em algo *vivo* .
"Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo!"
"Eu também te amo", soluçou Claire, agarrando-se a mim com a mesma força, cobrindo meu rosto com seus cachos rebeldes. "Nunca vá embora, Hughie."
"Não vou", sussurrei, enterrando o rosto dela no meu pescoço, precisando protegê-la do que estava acontecendo ao nosso redor.
O sentimento de desespero que crescia dentro de mim continuou a crescer, a inflar e a me consumir até que o som de uma tosse engasgada encheu meus ouvidos.
"Chega, rapaz", gritou meu pai. "Vamos, volte para nós."
Outra tosse engasgada encheu meus ouvidos, mas não criei muitas esperanças.
E se eu estivesse errado?
E se eu estivesse imaginando o som?
"Rápido, vire-o de lado, Pete, ele está asfixiando", instruiu a mãe. "É isso aí, Gibsie, querida. Bom menino. Cuspa tudo."
“Rápido, aqueça-o antes que seu corpo entre em hipotermia.”
“Gerard”, Claire gritou, e foi só então que ousei olhar.
Isso eu ousei esperar.
Saindo do meu colo, Claire engatinhou até onde nosso amigo estava deitado de lado, em posição de recuperação, de frente para nós. Seus olhos estavam vazios, mas abertos e focados inteiramente no rosto da minha irmã.
"Pegamos você, Gerard", ela continuou a dizer, curvada perto do rosto dele, com a mãozinha tocando sua bochecha oca. "Você voltou para mim."

Ele tinha uma cor cinza-azulada mortal e tremia violentamente sob o embrulho de casacos e cobertores que os adultos tinham jogado sobre ele, mas seu peito estava se movendo.
Ele estava *respirando* .
Naquele momento, jurei nunca ficar parado sem fazer nada.
Eu nunca seria uma estátua como Mark ou incapaz como Sadhbh e Keith.
Pelo resto da minha vida, eu ajudaria.
Eu salvaria pessoas.
Eu os traria de volta à vida.
Como se meu pai tivesse trazido Gibs de volta de seu túmulo aquático.
Como se minha mãe tivesse trazido seu coração de volta à vida.

MELHORES AMIGOS PARA SEMPRE

Lizzie

24 DE JUNHO DE 1995

Mais de um mês se passou desde o funeral, mas a tristeza nos rodeava . Como um monstro, ela varreu todos e os devorou por inteiro.
Eu queria ajudar Gibsie, mas não sabia como. Não tinha certeza das palavras que precisava dizer, nem se ele queria ouvi-las. Eu sabia que não faria isso. Se minha mãe fosse levada para o mar, eu nunca mais iria querer acordar.
Fiquei muito triste ao pensar que Gibs nunca mais conseguiria ter o pai e a irmã de volta. Meu pai e minha irmã sempre ficavam bravos comigo, mas eu ainda conseguia vê-los todos os dias, enquanto Gibsie nunca mais veria os dele.
Ele voltou para a escola logo depois, o que eu achei muito corajoso. Claire disse que ele poderia ter tirado o resto do ano letivo de folga, mas não fez isso. Em vez disso, ele se levantou e encarou o dia. Isso me deixou orgulhoso de ser amigo dele. Me fez pensar que eu também poderia ser corajoso como ele um dia.
Desde o funeral, Caoimhe passou muito mais tempo cuidando de Claire e Hugh porque Pete estava muito triste e Sinead precisava de ajuda.
O pai da Gibsie era o melhor amigo do pai do Hugh desde a escola primária, e o Pete não queria mais sair da cama. Não com o seu melhor amigo do mundo lá no céu.
Sinead me disse que eu poderia ir até a minha irmã quando ela estivesse cuidando dela, porque seria bom para os filhos dela terem os amigos por perto.
Aceitei alegremente porque não queria ficar longe de nenhum deles, incluindo Gibsie, que passava a maior parte do tempo na casa deles.
Quando papai deixou Caoimhe em Avoca Greystones esta manhã para seu turno de babá, eu me certifiquei de estar lá com ela.
Subindo a escadaria familiar, desci correndo o patamar, indo direto para a porta do quarto de Claire, só para hesitar quando cheguei lá.
Porque algo lá no fundo me dizia para ir para a outra porta.
Vá até Hugh .
Não consegui explicar o que era aquilo, mas era forte e enérgico e me fazia dar um passo à frente do outro.
Pensei em bater, mas desisti, girei a maçaneta e entrei.
Olhando ao redor do quarto dele, senti-me um pouco tonta. Até mesmo tonta. Era como se eu tivesse entrado no "quarto bom" de alguém e não devesse tocar em nenhum dos cristais brilhantes, mas eu *queria* .
Foi assim que o quarto de Hugh sempre me pareceu.
Eu queria tocar em tudo.
Todos os seus livros, troféus e Lego.
Mesmo quando não era para eu fazer isso.
Ele tinha uma camisa autografada emoldurada sobre a cama, com a assinatura de Roy Keane, e eu pensei que esse poderia ser seu bem mais importante.

Era isso que eu queria tocar acima de tudo.
Ele era mais organizado que Claire. Tudo tinha um lugar no quarto de Hugh. Era quase vazio em comparação com as inúmeras bonecas, bichos de pelúcia e brinquedos que decoravam as paredes do quarto de Claire. Ele era simplista e estruturado.
O cheiro dele estava em todo lugar e era meu cheiro favorito no mundo todo.
Sabão, grama, morangos e Hugh .
Fechando o espaço entre mim e a cama, passei a ponta dos dedos sobre a figura em forma de Hugh sob o edredom. "Sou eu."
O silêncio me cumprimentou.
Suspirando tristemente, olhei pela janela em seguida, observando a casa do outro lado da rua, antes de voltar minha atenção para o garoto debaixo do edredom.
Sem dizer nada, tirei minhas sandálias e passei a mão sobre o local onde imaginei que sua bochecha pudesse estar antes de pegar as cobertas.
Descolei-as, subi rapidamente ao lado dele e nos cobri novamente, nos escondendo do sol de verão. "Oi."
Desta vez ele respondeu: "Oi".
Aconchegando-me perto do seu corpo quente, descansei de lado, de frente para ele.
Mesmo que ele estivesse fazendo o melhor que podia para se esconder na escuridão, a luz do sol ainda conseguia brilhar, envolvendo-o em um tom glorioso e brilhante.
Expirando pesadamente, levantei a mão e a pressionei em seu rosto, sentindo a umidade de onde suas lágrimas haviam escorrido.
Fungando, ele levantou a mão e cobriu a minha com a dele, sem dizer uma palavra.
Essa era a questão entre mim e Hugh: às vezes, nem precisávamos falar.
Nós simplesmente sabíamos o que o outro estava sentindo.
Agora ele estava triste.
Ele ficou muito triste por causa de Joe e Bethany.
Mas ele ficou ainda mais triste porque seu pai não saía do quarto.
Veja bem, Hugh gostava de resolver problemas, e ele geralmente era muito bom nisso, mas isso era algo que ele não conseguia consertar.
Era um problema para os adultos, não para nós, crianças.
Aconchegando-me mais, inclinei-me até que meu nariz roçou no dele.
Isso o fez sorrir.
Ele deixou escapar outro fungado, mas esse tinha um ar de finalidade, como se tivesse parado de chorar — ou pelo menos tivesse decidido que tinha.
Tirando a mão que estava sobre a minha, ele a colocou na minha bochecha. "Eu te amo."
Meu coração batia forte como um tambor no peito, porque era a primeira vez que ele dizia aquelas palavras em voz alta. "Você tem?"
Assentindo lentamente, ele acariciou minha bochecha com o polegar e exalou um suspiro trêmulo. "Só achei que você deveria saber." Um arrepio o percorreu. "Caso aconteça alguma coisa e eu não consiga te contar."
"O que vai acontecer?"
"Talvez nada." Ele exalou um suspiro trêmulo e sussurrou: "Mas nunca se sabe o

que o amanhã pode trazer."
"Eu sei o que o amanhã reserva, Hugh", respondi. "Você e eu. Como ontem e como hoje. Seremos melhores amigos para sempre." Sorrindo, inclinei-me para perto dele e rocei o meu nariz no dele. "Não importa o que aconteça."
"É, Liz." Seus lábios se abriram num pequeno sorriso. "Não importa o que aconteça."

COMEMORAÇÕES DE ANIVERSÁRIO E AVISOS FUTUROS

Hugo

4 DE JULHO DE 1995

Como minha casa era o quartel-general não oficial de todos , eu não passava muito tempo na casa dos meus amigos. Até mesmo na do Feely. Eu podia contar nos dedos das mãos o número de vezes que tinha ido à fazenda dele, mas hoje era o aniversário dele, e ele só tinha convidado a mim e à Gibsie para comemorar.
Infelizmente, o Gibs ainda estava imerso na fase de "não sair do lado da Claire", o que significava que eu era o único convidado. Para ser justo com o Feely, ele não pressionou o Gibs, e eu também não.
Ele estava indo incrivelmente bem, considerando que seu mundo havia desmoronado dois meses antes. Nenhum de nós queria derrubá-lo. Se a companhia de Claire era o que ele precisava naquele momento, então ele poderia tê-la com a nossa total aprovação.
"Você sabe que eu não como isso", disse Feely, me tirando dos meus pensamentos. Olhei para o prato à sua frente e meu estômago roncou de satisfação quando meus olhos se depararam com um bife suculento. "Sou vegetariano, pai."
"Você é um idiota, é isso que você é", retrucou o pai dele antes de despejar outro bife enorme no *meu* prato. "Agora, Hughie, rapaz, delicie-se com um pedaço de carne irlandesa de primeira."
Eu queria.
Seriamente .
Mas eu não queria ser usado como peão no ataque de Paddy Feely ao filho. Principalmente no aniversário dele.
"Na verdade, eu também sou vegetariano", menti, mentalmente devastada por ter que abandonar o glorioso pedaço de carne no meu prato. Feely me olhou nos olhos e me deu um sorriso agradecido.
"Jesus Cristo", murmurou o velho, balançando a cabeça. "Tem alguma coisa muito errada com a juventude de hoje."
"Paddy", Mary repreendeu, despejando uma montanha de batatas fumegantes em uma tigela no centro da mesa. "Você poderia dar um tempo? É o aniversário do nosso filho. Deixe o rapaz comer o que quiser por um dia, por favor?"
"Você poderia dar uma olhada nele, Mary?", Paddy continuou, apontando com o garfo para o filho do outro lado da mesa. "Ele parece um fantasma."
“Ele está apenas pálido.”
“E magro.”
“Porque ele está crescendo como um pé de feijão.”
"Porque ele tem falta de ferro. E você sabe de onde vem o ferro, Mary? Carne vermelha é de onde vem o ferro", ele desabafou, balançando a cabeça. "Você já

ouviu algo parecido na vida? Um criador de gado com um filho vegetariano?"
"Você é simplesmente antiquado", argumentou a esposa. "Não há nada de errado em não comer carne."
"Eu culpo as irmãs dele por colocarem ideias na cabeça dele", continuou ele, nem um pouco dissuadido pela minha presença. "Elas mimaram o rapaz e o tornaram mole. Colocaram instrumentos musicais nas mãos dele em vez de uma pá e uma lança!"
"Ele é brilhante", ouvi-me dizer, irritado com o velho. O pai do Feely não era intimidador nem fisicamente agressivo, apenas um velho teimoso e teimoso. Tanto a mãe quanto o pai do Feely estavam envelhecendo. Ambos eram grisalhos e enrugados, e pareciam ser avós dele. "Seu filho é o melhor cantor da escola."
Não era mentira. Feely conseguia atingir as notas mais altas em "Queen of the May" melhor do que qualquer um de nós no coral da escola. o que significava que ele era obrigado a cantar na Santa Comunhão todos os anos. E sua interpretação de "Oíche Chiúin" era extraordinária. Meu amigo conseguia tocar qualquer tipo de instrumento, fosse o bodhran ou o violão, o teclado ou o violino. Ele era tão superior a nós que eu sempre me perguntava por que os professores obrigavam os outros, idiotas, a nos vangloriar dele quando claramente o derrubávamos.
No ano passado, Gibs fez birra sobre favoritismo, então o deixaram tocar um triângulo enquanto cantava "Kumbaya, My Lord", mas foi o mais perto que Feely chegou de perder seu papel principal.
"Isso vai lhe fazer muito bem quando estiver cultivando a terra", zombou o pai, voltando a atenção para o filho, que poderia facilmente ser seu neto. "Você faria bem em se lembrar disso, rapaz. Não fique se achando grandioso porque este é o seu destino." Ele apontou pela janela da cozinha para a paisagem verdejante e extensa que era a fazenda de sua família. "Esse é o seu futuro."

Pegando emprestado um par de galochas depois do jantar e com um bastão elétrico na mão, caminhei pela fazenda com meu amigo, me sentindo muito triste por ele, mas sabendo que não deveria verbalizar meus pensamentos.
"Você está bem, rapaz?", perguntei-lhe finalmente, depois de um tempo suficiente.
"Estou ótimo", respondeu ele, varrendo o assunto para debaixo do tapete como só o Feely sabia fazer, enquanto conduzia as vacas ordenhadas para fora da sala de estar e de volta ao campo. "Ele simplesmente não me entende."
"Bem, eu acho você brilhante", eu disse. "Acho que você deveria continuar tocando."
"É", respondeu ele secamente, dando um tapa na traseira de uma vaca rebelde para fazê-la seguir em frente quando ela começou a atrapalhar as outras. "É o que é, Hughie."
Seus ombros estavam caídos, sua cabeça estava abaixada, e eu sabia que ele estava se afogando nas palavras de advertência de seu pai.
Bem, eu não era nenhum Patrick Feely. Na verdade, eu não sabia cantar nada e

sempre ficava no fundo do coral, mas decidi começar a cantar agora mesmo, porque ele precisava de mim.
Cantando como uma cotovia, cantei a primeira música que me veio à mente, que por acaso era "Don't Forget Your Shovel", de Christy Moore.
Felizmente, minha tentativa de animá-lo foi um sucesso. Ele conteve uma risada. Encorajado por suas risadas calorosas, aumentei a aposta, imitando o andar manco de seu pai enquanto me arrastava em sua direção.
"Você é um idiota", ele riu, cutucando meu ombro com o seu quando me aproximei.
Sorrindo, coloquei meu braço em volta dele e continuei a cantarolar as palavras até que ele desistiu e cantou junto comigo.
E foi assim que passamos o resto do seu aniversário, atolados até os joelhos em esterco de vaca na fazenda do pai dele, cantando sobre pás e buracos em baldes.

EU ESTAVA TENTANDO TE PROTEGER

Lizzie

9 DE SETEMBRO DE 1995

A GRITOS COMEÇARAM POUCO DEPOIS QUE NOSSOS PAIS SAÍRAM PARA SE JUNTAREM AOS AMIGOS NO PUBLICIDADE E FORAM FICANDO MAIS E MAIS ALTOS ATÉ QUE EU NÃO AGUENTOU MAIS UM lamento agudo.
Nossos quartos ficavam no segundo andar e bem distantes um do outro, mas Caoimhe gritava tão alto que eu conseguia ouvi-la do meu quarto.
Eu sabia que não deveria chegar perto do quarto da minha irmã quando ele estivesse lá — ela deixou bem claro que eu deveria ficar longe —, mas eu não suportava o som dos seus gritos estridentes.
Eu sabia o que eles queriam dizer.
Ele estava usando seus poderes especiais.
Aquilo me assustou, porque significava que minha irmã estava doente como eu. Preocupada, saí da cama e caminhei pelo corredor até a porta do quarto dela. Pressionando o ouvido contra a velha moldura de madeira, escutei atentamente os ruídos que vinham do outro lado.
"Oh meu Deus!"
"Você gosta disso?"
“Porra, sim, assim mesmo.”
"Mm, é isso aí, querida. Simples assim."
“Eu não posso, eu não posso…”
"Pega. Pega, porra, sua menina má!"
“Não pare!”
"Vire-se."
“Mas eu não—”
"Eu disse para virar a porra do seu lado. Agora!"
“Ok, mas seja gentil dessa vez… Ahhh!”
Minha irmã gritou tão alto que me fez gritar ainda mais alto. Em pânico, perdi o controle da voz e empurrei a porta para dentro, com medo de que ela pudesse estar doente como nossa mãe.
"Lizzie, que diabos você está fazendo!", rugiu Caoimhe, mas eu não pude fazer nada além de ficar parada na porta e gritar. Ela estava inclinada, de bruços, na lateral da cama, e ele estava atrás dela. Eles estavam sem roupa e ele estava dando a ela o remédio especial. Aquele que ele me fez tomar, mesmo quando eu não queria.
Meu coração afundou.
Ela *estava* doente.
"Meu Deus, Lizzie, sai daqui, porra!", gritou Caoimhe, puxando o edredom para se cobrir. "Agora!"
Tentei dizer a ela que sentia muito, que não queria quebrar as regras, mas que ela ficaria bem porque Mark poderia consertá-la.

Abri a boca, mas não saiu nada.
Meus olhos se voltaram para Mark.
Ele não estava me olhando com cara feia.
Ele estava olhando para mim com um pequeno sorriso.
Eu estremeci.
"Você é surdo, além de burro?", perguntou Caoimhe, gritando tão alto que senti lágrimas nos olhos. "Eu disse para você dar o fora."
Girando nos calcanhares, saí correndo do quarto dela o mais rápido que minhas pernas conseguiam me levar.
"Não grite assim com ela", ouvi-o gritar, mas não parei para ouvir. Em vez disso, corri direto para a cama e me afundei debaixo das cobertas. Cobrindo a boca com as mãos para impedir que meus gritos saíssem, me balancei para a frente e para trás sob as cobertas, tentando me confortar.
Ficaria tudo bem.
Caoimhe não morreria.
Mark deu o remédio a ela.
Ele usou seus poderes especiais para consertá-la.
Foi bom.
Isso é bom.
Fechei os olhos com força quando senti as lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

Mais tarde naquela noite, quando minha porta se abriu e minha irmã entrou, fiquei confuso porque ela nunca me visitava à noite.
Enrijeci-me, escondi-me debaixo das cobertas e tentei ficar o mais pequeno possível.
"Não se esconda, Liz", disse ela, e sua voz não estava tão irritada como antes. "Não estou brava. Me desculpe." Fungando, olhei para ela quando ela se sentou na minha cama. "Eu não devia ter te xingado", disse ela com um suspiro pesado. "Mas você entrou e eu entrei em pânico."
Eu queria perguntar se ela se sentia melhor agora.
Eu queria perguntar se ela ficaria bem.
"Eu sei que pode ter parecido que o Mark estava me machucando antes, mas prometo que não. Pelo contrário, na verdade." Suas bochechas ficaram rosadas enquanto ela falava. "Ele estava me fazendo sentir bem, Liz. É isso que os garotos fazem pelas garotas que amam. Eles as fazem se sentir bem. E o Mark me faz sentir muito, *muito* bem. Mas você não precisa se preocupar com nada disso agora", ela continuou, acariciando meu braço. "Só quando você for uma menina grande como eu e encontrar um garoto especial que te ame."
Se os meninos só faziam isso com as meninas que amavam, isso significava que Mark me amava?
Porque eu não queria que Mark me amasse.
Eu queria que *Hugh* me amasse.
"Por favor, tente esquecer o que viu esta noite." Ela soltou um suspiro trêmulo e me olhou suplicante. "E, por favor, por favor, *por favor,* não conte a ninguém, especialmente à mamãe e ao papai."

"Ele te fez melhorar?", eu disse com a voz rouca.
"Hum?"
"Mark", eu disse, estrangulada, tentando não tremer. "Ele te fez sentir melhor?"
"Ah." Suas bochechas ficaram rosadas novamente e ela assentiu, animada. "É, ele me fez sentir muito melhor."
"Certo." Soltei um suspiro de alívio. "Guardarei seu segredo."

MARCANDO TENTATIVAS E PAIS AUSENTES

Hugo

30 DE OUTUBRO DE 1995

" ONDE ESTÁ O G IBS ?" PERGUNTOU QUANDO ENTREI NA COZINHA DEPOIS DE UMA PARTIDA DE RÚGBI SUB-10 NA SEGUNDA-FEIRA À NOITE.
"Lá em cima com a Claire", respondeu mamãe, equilibrando-se numa cadeira enquanto tentava prender uma pinhata no teto — algo que meu pai sempre fazia. "Como foi a partida?"
"Vencemos por trinta e cinco a seis", respondi, deixando minha bolsa de equipamentos perto da porta. "Marquei um try e consegui dez pontos em conversões."
"Bom trabalho", ela elogiou, sorrindo para mim por cima do ombro. "Você agradeceu à mãe do Patrick por te deixar em casa?"
"Sim, mãe, eu sempre agradeço à Mary", respondi, tentando disfarçar a irritação, mas a amargura dentro de mim era difícil de controlar. "Papai disse que viria a este."
Mamãe suspirou profundamente. "Hugh."
"Ele disse que sairia da cama e *viria* para *cá* ", repeti, num tom mais duro. "A razão pela qual eu jogo rúgbi é porque *ele* quis."
“Hugh, querido, eu sei que você está se sentindo decepcionado, mas seu pai está passando por dificuldades agora.”
"Estamos todos com dificuldades, mãe", argumentei, sem querer lhe dar outra chance de estar ausente. "O Joe era o pai da Gibsie, e a Beth era a irmãzinha *dele* , mas você não o vê de cama há cinco meses, não é?"
"Seu pai é um *bom* homem." Ela repetiu as mesmas palavras que vinha cantando desde que ele nos abandonou. "Ele nos ama mais do que um garoto da sua idade consegue compreender, mas ele está de luto, e precisamos entender isso."
" *Estou* de luto", respondi, engasgada. " *A Claire está* de luto. *Você está* de luto. Por que a dor dele supera a nossa?"
"Não, mas seu pai foi diagnosticado com depressão grave e TEPT, querida, e eu sei que essas são apenas palavras para você, mas não é algo que ele possa superar de repente."
"Por que não?", perguntei, sentindo-me extremamente magoada por o homem que eu adorava quando criança ter simplesmente me abandonado. "Só diga a ele que ele precisa se levantar."
"Só porque você não consegue ver a doença do seu pai, não significa que ela seja menos merecedora de empatia", respondeu ela, com um tom mais severo. "Bem, eu entendo que você esteja passando por muita coisa, todos nós estamos, mas isso não lhe dá o direito de falar mal do seu próprio sangue, e eu não vou tolerar mais nenhuma palavra ruim sobre o seu pai. Entendido?"
"Crystal", murmurei, sabendo que era hora de jogar minha bandeira branca. Minha mãe venerava o chão que meu pai pisava e o defenderia, acontecesse o

que acontecesse. Eu costumava pensar que o mesmo acontecia com meu pai, mas este ano me fez abrir os olhos para muitas verdades desagradáveis.
"Bom garoto", disse mamãe em tom de aprovação. "E agora, o que você acha do meu trabalho?"
"Parece ótimo." Cruzando os braços sobre o peito, encostei-me na ilha e suspirei, consternada. Cada parede da cozinha estava decorada com uma mistura de fantasmas, duendes e balões. "Mas você sabe que não vou dar festa este ano."
“Uh, sim, você é.”
"Não, senhora, não estou. Não entreguei convites para os rapazes nem nada."
"Então acho que é uma boa coisa que sua mãe tenha os números de telefone de casa dos 'rapazes', não é?"
"Me diz que não foi você?", meio que implorei, meio que gemi. "Por favor, me diz que não foi você."
"Com certeza, meu bebê", ela gorjeou do seu poleiro, feliz da vida consigo mesma. "Os rapazes estarão aqui amanhã às duas, como em todos os outros Halloweens que tivemos desde que os cirurgiões removeram você da minha barriga."
"Obrigada por isso", respondi, impassível, indo em direção à mesa da cozinha. "Que visual lindo."
"Fique feliz por só ter que visualizar, e não vivenciar", ela riu. "Agora, anime-se, porque amanhã teremos uma grande comemoração."
“Não há nada para comemorar”, murmurei, deixando-me cair numa cadeira.
"Desculpe-me", ela fingiu indignação. "E o nascimento do meu primeiro e único filho?"
"Mãe, vamos lá." Curvada sobre a mesa, apoiei o queixo na mão e suspirei. "Qual é mesmo aquela palavra que aquela rainha da Inglaterra usou para descrever o ano infernal?"
“Annus horribilis?”
“É exatamente isso que este ano representa para nós”, eu disse a ela. “1995 é o nosso annus horribilis.”
"Sabe de uma coisa, filho? Acho que você é esperto demais para o seu próprio bem", refletiu mamãe, pendurando um esqueleto de plástico no teto. "Duvido que haja outra mãe em Ballylaggin cujo filho saiba latim."
Dei de ombros, muito irritado e triste para apreciar o elogio.

PARTE 4

Realizações Esmagadoras

ISSO É UM TOQUE RUIM

Lizzie

31 DE AGOSTO DE 1996

" EI , H UGH ", PERGUNTEI NO ÚLTIMO DIA DAS NOSSAS FÉRIAS DE VERÃO, QUEBRANDO O longo silêncio em que estávamos nos deleitando. Espalhado de costas na casa da árvore, com as pernas apoiadas em Hugh, que estava descansando em um pufe, inclinei a cabeça para o lado para olhá-lo. "Mudou de ideia?"
“Sobre o quê?” ele respondeu, com a atenção voltada para o livro que estava lendo.
"Sobre ser médico quando crescer?", completei, colocando de lado meu exemplar de *Five on a Treasure Island* .
"Não", respondeu ele, virando a página. "Ainda é o plano."
“E você quer consertar corações, certo?”
“Quero ser cardiologista.”
“E esse é um cirurgião cardíaco, certo?”
"Sim."
Apoiei-me nos cotovelos para vê-lo melhor. "Por quê?"
“Porque há muitos corações partidos por aqui.”
Meus olhos se arregalaram. "Em Ballylaggin?"
Ele olhou para mim por cima do livro e deu um sorriso irônico. "No mundo, Liz."
"Ah", assenti, entendendo. "E o meu coração?"
Ele riu baixinho. "Seu coração funciona muito bem."
“Mas e se quebrar?”
“Isso não vai acontecer.”
"Por quê?"
Ele virou outra página antes de dizer: "Porque eu não vou quebrá-la".
“Mas e se outra pessoa quebrar?”
"Não vai acontecer."
"Por quê?"
“Porque eu o tenho trancado em segurança.”
"Ah", ri baixinho, sentindo-me travessa. "E o seu coração?"
"O que tem?"
"E se ele quebrar?", provoquei. "Você não pode consertar seu próprio coração, boba."
“Então é melhor mantê-lo seguro.”
"Eu vou", prometi, estendendo meu dedo mindinho. "Não importa o que aconteça."
Suspirando fundo, ele fechou o livro e se inclinou para a frente para entrelaçar o mindinho no meu. "Você é um pouco ameaçadora, sabia?"
"Por quê?"
“Porque você está sempre me distraindo.”

"Ei, *você* me chamou para brincar, senhor." Me sentindo brincalhona, pulei no colo dele e o joguei no chão antes de atacá-lo com as cócegas. "Além disso, é falta de educação chamar seu melhor amigo de ameaça."
"Ah, misericórdia, misericórdia!", ele rugiu em meio a ataques de riso quando o acertei bem debaixo dos braços. Eu conhecia seu ponto fraco. *Há* . "Você venceu, você venceu, Liz!"
"Você grita como uma menina", eu ri, prendendo suas mãos acima da cabeça.
"E você luta como um menino", ele refletiu, ainda rindo. "Então acho que nos igualamos, né?"
Sentada em seu colo, eu o mantive preso embaixo de mim e sorri. "Você me faz sentir bem na barriga."
“São os copos flutuantes”, ele respondeu com um sorriso.
Não foram os copos flutuantes.
Era outra coisa.
Era o outro sentimento.
Aquele que *ele* colocou em mim.
“Você quer saber um segredo?”
Hugh assentiu.
“Eu conheço alguém com superpoderes.”
“Que tipo de superpoderes?” ele respondeu, ainda sorrindo para mim.
Eu queria contar a ele, mas estava com medo do que aconteceria se contasse. Eu não queria morrer. Não queria que ele me machucasse. Ele disse que contaria se eu contasse a alguém sobre os poderes especiais.
"Não tenho permissão para dizer", suspirei tristemente. "É segredo."
"Pode me contar", respondeu Hugh, com os olhos castanhos fixos nos meus. "Guardarei seu segredo, Liz."
"Mas não é segredo meu", murmurei, confusa. "E posso me meter em encrenca."
"Por que você se meteria em encrenca?"
"Não importa." Afastando a tristeza, concentrei minha atenção em Hugh. Meu pensamento feliz. Meu sentimento feliz. "Você é um trono confortável, bravo cavaleiro."
Ele piscou. "Tudo para você, milady."
Sentindo-me feliz novamente, soltei suas mãos e tentei sair do seu colo, mas fiquei paralisada quando Hugh gritou de dor. "O que houve?"
"Nada, nada, estou bem", gemeu ele, se contorcendo no chão da casa na árvore com as mãos pressionadas contra a virilha. "Você me deu uma joelhada bem no saco."
"O que é isso?"
"Os testículos", esclareceu ele com os dentes cerrados, enquanto seu rosto ficava profundamente vermelho. "Porra, isso doeu muito."
"Isso dói?"
Ele assentiu rigidamente, ainda se contorcendo. "Vai passar logo."
"Não se preocupe. Eu sei como consertar essa coisa." Levei a mão ao cós do short dele e tentei puxá-lo para baixo. "Sou bom nisso."
"O quê? Espera! Liz, não!" Se afastando de mim, Hugh disparou para o lado oposto da casa na árvore. "O que você está fazendo?"
"Eu sei como consertar", expliquei, rastejando de volta para perto dele. "Posso

fazer você se sentir melhor."
"Não, Liz!" Ele estendeu a mão para me impedir. "Você não pode."
"Não posso?"
"Não", repetiu ele, balançando a cabeça. "Você *não pode* ."
"Ah." Ajoelhada com as mãos ao lado do corpo, olhei para ele, sentindo como se meu mundo inteiro estivesse prestes a ruir. Eu não sabia o que tinha feito para deixá-lo tão chateado comigo, e isso me deixou devastada. Lágrimas brotaram em meus olhos. Eu estava tão mal. "Desculpa, Hugh."
Ele me olhou com cautela. "Por que você fez isso?"
Dei de ombros, sem saber como responder. "Não sei."
“Você *não pode* fazer isso, Liz.”
Eu não consegui?
"Você *não* tem permissão para fazer isso", repetiu ele com a voz severa. "Você *nunca tem* permissão para tocar em alguém assim."
Senti meu rosto ficar quente.
"E ninguém tem permissão para tocar em *você* desse jeito", acrescentou. "Especialmente por baixo das suas roupas. Só adultos podem tocar outros adultos desse jeito."
Olhei para ele confusa.
Não entendi.
Eu fui mau?
Ele me odiava?
O que ele estava dizendo?
"Isso é um erro", Hugh continuou explicando. "E ninguém tem permissão para fazer isso com uma criança."
"Desculpa", disse abruptamente, com lágrimas escorrendo pelo rosto. "Não era minha intenção te machucar."
"Tudo bem", respondeu ele com um suspiro. "E, tecnicamente, você não fez isso."
Mas eu tentei.
E foi ruim.
Hugh disse isso.
E Hugh *nunca* mentiria para mim.
Eu confiava nele mais do que tudo no mundo.
Ele era meu melhor amigo.
"Como você sabe?", perguntei então. "Sobre o toque ruim?"
"Minha mãe me contou tudo", explicou ele. "Por quê? Sua mãe não te contou?"
Eu balancei a cabeça.
Ele franziu a testa. "Sério?"
Balancei a cabeça, sentindo-me sem noção. Parecia que eu estava sentado na sala de aula e todos sabiam a resposta, menos eu. Me senti estúpido. Era uma sensação ruim. Fez minha pele esquentar.
"Ok, bom, existem partes do seu corpo que são só suas", Hugh começou a explicar. "Para os meninos, a parte íntima é o pênis. Para as meninas, a parte íntima é a vagina. E *ninguém* tem permissão para tocar na sua vagina. Nem seus amigos. Nem seus familiares. E principalmente os adultos."
"E se você estiver doente?", perguntei, sentindo como se meu mundo estivesse

desabando ao meu redor.
Hugh franziu a testa. "Doente?"
"E se você estiver doente e precisar do remédio para melhorar?", insisti, cravando as unhas nas mãos. "E se você estiver mal e precisar de tratamento?"
"Liz, se você ficar doente, vá ao médico, e eles podem te dar um remédio", explicou Hugh, franzindo a testa. "Entendeu?"
Não . “Sim.”
Ele me olhou com cautela. "Tem certeza?"
Não . “Sim.”
"Certo." Hugh me olhou por um longo momento antes de soltar o que pareceu um suspiro de alívio. "Ótimo, porque existem monstros por aí que gostam de fazer coisas ruins com crianças."
"Monstros?"
"É." Hugh assentiu. "Qualquer um que machuque crianças é um monstro disfarçado."
Meus olhos se arregalaram de terror.
"Você não precisa ter medo nem nada", ele me garantiu rapidamente. "Você só precisa saber dessas coisas, para saber quando contar para um adulto." Ele sorriu. "Ok?"
"Certo." Balancei a cabeça antes de cair no choro. Eu queria me jogar da casa da árvore e bater a cabeça cinquenta vezes na queda, porque preferia estar morta a fazer algo ruim com o Hugh.
Não consegui explicar a devastação que tomou conta de mim naquele momento.
"Está tudo bem, Liz, está tudo bem." Ele se apressou em me acalmar, me abraçando. "Você é só uma criança. Você não sabia."
"Eu só queria te f-consertar. F-fazer você se sentir m-melhor", gritei, encostando as mãos. "Eu n-não sabia que era m-ruim, Hugh. Me d-desculpa."
"Eu sei, e está tudo bem", ele me persuadiu, me envolvendo em seus braços. "Não estou bravo com você."
“Eu d-devo ir para c-casa.”
"Não, você não deveria", disse ele, me abraçando com mais força. "Você deveria ficar aqui comigo porque eu sou seu melhor amigo, te amo e não há mais ninguém com quem eu queira brincar."
Isso me fez chorar ainda mais.
Porque eu não queria mais estar aqui.
Porque fiz uma coisa ruim para Hugh.
Não consegui explicar o horror que senti.
Eu era mau.
Ruim .
Ruim .
Ruim .

"Por que você está chorando?", perguntou Caoimhe ao entrar no meu quarto naquela noite. "Liz?"
"Vá embora", sibilei entre soluços, enquanto enterrava o rosto no travesseiro e

tentava fazer o mundo parar de girar. Porque doía. Tudo estava me machucando, e eu precisava *parar* .
"O que houve?" ela perguntou, sem ouvir.
Por que ela não ouviu?
Por que *ninguém* me ouviu?
"Eu disse para ir embora, Caoimhe", gritei, agora mais alto, enquanto a raiva que crescia dentro de mim ameaçava tomar conta. "Me deixa em paz!"
"Não." Ela continuou sem ouvir. "Só depois que você me contar por que está chorando feito uma alma penada."
"Porque eu não sabia, Caoimhe!", gritei a plenos pulmões, perdendo o controle dos meus sentimentos. Pulando na cama, agarrei meu travesseiro e joguei nela. "Eu não sabia, porra!"
"O quê?", perguntou minha irmã, parecendo alarmada. "O que você não sabia?"
"Saia do meu quarto, sua vagabunda!", gritei — mais alto do que nunca. "Estou avisando!"
"Ei, vai se foder de novo", ela cuspiu. "Desculpa por me importar. Que tola eu sou por me importar o suficiente para vir ver como você está, sua pirralha louca."
"Ninguém me avisou!", gritei, puxando meu cabelo com tanta força que uma mecha se soltou na minha mão. Então, joguei o cabelo nela também. "E dói, e não está me fazendo melhorar, e é tudo culpa sua!"
"Do que diabos você está falando?", perguntou minha irmã, olhando para mim com uma expressão horrorizada. "Lizzie Young, é melhor você se recompor agora mesmo e parar de puxar o cabelo!"
Ela estendeu a mão para agarrar a minha, e foi aí que eu perdi o controle. "Eu te odeio pra caralho!" Me jogando em cima da minha irmã mais velha, agarrei-a pelos cabelos e a arrastei para a minha cama. "A culpa é toda sua!" Usando toda a minha força, arranhei e rasguei o rosto dela com as unhas. "Você fez isso comigo! Foi você!"
"Pai!", Caoimhe começou a gritar enquanto tentava me afastar. "Pai, me ajude! Pai, rápido! Essa aberração demente está me atacando!"
"Foda-se!" Apertando seus cabelos com mais força para que ela não pudesse fugir, montei em seu peito e continuei arranhando seu rosto. "Você deixou o monstro entrar!" Arranhei-a novamente, fundo o suficiente para fazer sangue sair. "Você deixou o monstro pregar peças em mim!"
"Lizzie!", ouvi meu pai rugir, e então ele me arrastou para longe da minha irmã. "O que, em nome de Jesus, há de errado com você?", ele perguntou, me segurando tão forte contra o peito que eu não conseguia me soltar. "Pare com isso, por favor?"
"Ela acabou de me atacar, pai." Levantando-se, Caoimhe segurou o rosto com as mãos e começou a chorar. "Ela é louca pra caralho."
"A culpa é dela, papai", tentei protestar em meio aos gritos, apontando para minha irmã, enquanto ele me segurava no chão com um abraço de urso feroz. "Ela deixou o monstro me pegar!"
"O que está acontecendo?", perguntou minha mãe, entrando no meu quarto. "O que está acontecendo, meninas?"
"O que está acontecendo é que essa menina precisa de um tranquilizante", papai

disparou, lutando para me segurar. "Vou interná-la, Catherine."
"Michael, acalme-se", minha mãe tentou implorar, colocando-se entre nós. "Vamos sentar e conversar sobre isso em família."
"O que há para falar?", lamentou Caoimhe, apontando para o sangue escorrendo por suas bochechas. "Ela é selvagem, senhora, e precisa ser trancada."
"A culpa é dela, mamãe! Caoimhe deixou o monstro entrar", comecei a implorar, mas meu pai me interrompeu quando rugiu a plenos pulmões.
"Chega!" Me colocando de volta no chão, ele agarrou meus ombros e me sacudiu com tanta força que meus dentes bateram. "Não existe um monstro, e sua irmã nunca te machucou!" Ele me sacudiu novamente. "Não existe nenhuma mulher assustadora e as vozes na sua cabeça não são reais!" Minha cabeça balançava para frente e para trás enquanto ele rugia na minha cara. "Você tem uma doença mental; está me ouvindo? Toda essa loucura está dentro de *você* , Elizabeth!"
“Michael, pare de sacudi-la desse jeito!”
"Você vai a um especialista e vai fazer e aceitar tudo o que te derem para manter essa loucura sob controle", continuou ele, ignorando minha mãe, que tentava afastar suas mãos. "Ou, que Deus me ajude, vou te colocar num barco e te mandar..."
"Michael!", gritou minha mãe — mais alto do que eu já ouvira. "Não ouse!"
"Está acontecendo, Catherine", ele me avisou, lançando-me um olhar de repulsa. Soltando meus ombros, ele foi direto para Caoimhe. "De hoje em diante, faremos as coisas *do meu* jeito."

ONDE ESTÁ SUA IRMÃ?

Hugo

12 DE OUTUBRO DE 1996

" OBRIGADA POR TER VINDO EM CIMA DA HORA, QUERIDA ", DISSE MAMÃE QUANDO CAOIMHE ENTROU NA NOSSA COZINHA no sábado à noite. "Fui chamada para trabalhar e o Pete, bem, ele ainda está indisposto."
Não estou bem.
Que monte de merda.
Meu pai não estava passando mal.
Meu pai tinha ido embora.
"Eu disse a ela que já tenho idade para cuidar da Claire", ofereci, ainda irritada por precisar de uma babá, já que o Feely podia ficar sozinho quando os pais não estavam em casa. "Não preciso mais de babá."
"Você pode até ser capaz de cuidar de si mesma, mas sua irmã certamente não", interrompeu mamãe com um olhar que dizia: *não comece* .
"Eu sei que você é bem capaz, Hughie", Caoimhe refletiu, despenteando meu cabelo. "Só estou aqui para manter sua irmã longe de problemas, ok?" Ela sorriu. "Faça como quiser, garoto."
"A Claire e o Gibs estão brincando no quarto dela, e o Pete está lá em cima, se precisar dele", disse a mãe, lançando-lhe um olhar agradecido. "As crianças já jantaram, mas tem dinheiro no pote para uma pizza mais tarde, se vocês quiserem."
"Vamos ficar ótimos", garantiu Caoimhe, acompanhando minha mãe até a porta da frente. "Fiquem em segurança."
“Eu sempre estou, amor.”
Esperei a porta da frente se fechar atrás da minha mãe antes de começar o interrogatório. Porque eu tinha um assunto para resolver com a nossa babá. "Onde está sua irmã?"
"Você sabe onde minha irmã está, Hugh." Passando por mim, Caoimhe voltou para a cozinha. "Eu já te disse um milhão de vezes."
"É, mas você não me avisou quando ela volta para casa", argumentei, seguindo-a. "A Lizzie está no hospital há muito tempo, Caoimhe." Eu podia ouvir a preocupação na minha própria voz enquanto falava. "Quero saber quando ela volta para casa."
"Breve."
Eu não via minha melhor amiga há semanas, e ouvir " *em breve"* sempre que eu perguntava quando ela voltaria para casa estava me deixando louco. Na verdade, eu tinha vontade de gritar. O que diabos " *em breve"* significava, afinal? A palavra se referia a duas horas, dois dias ou duas malditas semanas? Era uma palavra sem sentido que não significava *nada* para mim.
"Quero visitá-la", insisti, lançando-lhe um olhar furioso. "A Liz ia querer que eu fosse."

“Eu já te disse que ela não tem permissão para receber visitas agora.”
"É, mas você não me disse por quê!", gritei, perdendo a paciência. "Na verdade, você nem me disse o que há de errado com ela!"
"Ela está doente, Hugh. Como eu disse."
"Com *o quê* ?" argumentei, sem querer ceder um centímetro.
“É privado.”
“Particular *não é* doença, Caoimhe.”
“Jesus Cristo, Hugh, é complicado, ok?”
"É, bom, eu consigo lidar com coisas complicadas", retruquei. "Não sou seu namorado babaca."
"Ei!", foi ela quem gritou comigo. "Não envolva o Mark nisso."
"Tudo bem." Cruzei os braços. "Pare de me tratar como se eu fosse criança e eu não vou mais."
"Você *é* um garoto, Hugh", ela retrucou. "Um garoto estranhamente inteligente, mas *ainda assim* um *garoto* ."
"Eu não vou deixar isso passar, sabe?", avisei a adolescente na minha cozinha. "Eu não sou a Claire nem o Gibs. Você não pode me bajular com biscoitos nem me distrair com joaninhas." Estreitei os olhos. "E se você não me contar o que há de errado com a minha melhor amiga, eu vou descobrir do meu jeito."
Ela arqueou uma sobrancelha, incrédula. "Você está me ameaçando, Hugh Andrew Biggs?"
“Como eu pude fazer isso quando sou apenas uma *criança* ?”
Caoimhe me encarou por um longo instante, sem piscar, até que cedeu com um rosnado de frustração. "Tudo bem, gênio, você acha que é maduro o suficiente para essa conversa de merda?", suspirou resignada e apontou para a mesa. "Senta aí e vamos descobrir."

Com os cotovelos apoiados na mesa da cozinha, segurei a cabeça entre as mãos e ouvi cada palavra que saía da boca da minha babá.
"O tipo de doença que a minha irmã tem não é algo que se possa ver", continuou Caoimhe, batendo na têmpora. "É tudo coisa da cabeça dela. Ela ouve vozes na cabeça, e isso a faz surtar." Recostando-se na cadeira, ela apontou para a cicatriz na bochecha. "Ela fez isso comigo com as unhas. Minha irmãzinha."
“O que você fez com ela primeiro?”
"Nada", retrucou Caoimhe, cruzando os braços. "É exatamente isso, Hugh. Ela é louca."
"Não, ela não é." Balancei a cabeça, refutando a afirmação. "Não diga isso da minha amiga."
"Ah é? Bom, sua *amiga* é *minha* irmã, então acho que a conheço um pouco melhor do que você", retrucou ela, com raiva. "Ela pode ter enganado você e seus amigos com sua doçura, mas é uma máscara." Sua voz estava carregada de emoção quando ela disse: "Já tentei ajudá-la mil vezes e tudo o que ela faz é jogar tudo na minha cara. Ou pior, *me culpar* pelos problemas dela." Ela conteve uma risada dolorida antes de apontar para o rosto novamente. "Isso aqui é o resultado de ela surtar e me culpar por trazer monstros para o quarto dela." Ela

balançou a cabeça. "Quer dizer, o que eu devo dizer sobre isso? Desculpe pelos monstros invisíveis que só existem na sua cabeça, querida irmã."
Eu não tinha a mínima ideia do que dizer em resposta, mas tinha certeza de que *não* gostava do tom dela, então decidi dizer exatamente isso. "Você não devia falar da sua irmã desse jeito. Isso te faz parecer amarga e cruel."
"É, então me processe", respondeu Caoimhe, enxugando uma lágrima no canto do olho. "Porque eu tenho quinze anos e meio e minha vida é um inferno. Tenho um pai furioso em negação, uma irmã completamente louca e uma mãe que teve câncer tantas vezes que provavelmente não vai me ver terminar a faculdade, então talvez eu mereça me sentir um pouco amargurada."
"Quem mais sabe disso?", perguntei, resistindo à vontade de defender Liz, mas sabia que se dissesse mais alguma coisa, Caoimhe encerraria a conversa. E eu tinha perguntas. Muitas. "Além da sua família, quero dizer."
“A escola da Lizzie, seus médicos e terapeutas, meu namorado — ah, e sua mãe também sabe.”
Minhas sobrancelhas se ergueram de surpresa. "Minha mãe sabe?"
Caoimhe assentiu. "Sinead tem sido fantástica com toda a nossa família."
"Ah", respondi baixinho, absorvendo cada palavra que ela dizia para análise futura. "Então, os médicos do hospital já descobriram o que está acontecendo com a Liz? Tem um nome para isso?"
"Ainda não, mas tenho certeza de que vão encontrar um termo médico chique para dar um tapa na testa dela e chamá-la. Afinal, existem centenas de palavras bonitas para rotular alguém de louca." Colocando as palmas das mãos na mesa, Caoimhe se levantou e me deu um sorriso sem graça. "A versão diluída da disfuncional família Young."

Doutor, Doutor, onde estou?

Lizzie

25 DE OUTUBRO DE 1996

“D EPRESSÃO .”
“Transtorno de estresse pós-traumático.”
“Não, não, não, sua filha está apresentando todas as características da agorafobia social.”
“Na verdade, estou começando a achar que estamos caminhando para um transtorno de pânico.”
“É depressão clínica.”
"Ela precisa se exercitar mais. Endorfinas melhoram o humor naturalmente."
“Gostaria de agendar uma ressonância magnética para descartar qualquer coisa sinistra.”
"Transtorno depressivo maior. Não tenho dúvidas."
“É um desequilíbrio químico.”
“Neste momento, estamos considerando a possibilidade de transtorno de personalidade borderline.”
"Bobagem, ela está funcionando perfeitamente. Ar fresco e comida saudável é tudo o que ela precisa."
"Ela não produz serotonina naturalmente, então precisamos ajudá-la com isso. O Prozac é um ISRS suave, adequado para crianças."
“Ela é jovem demais para sequer considerar esquizofrenia, mas devido ao forte vínculo genético, não podemos descartar a possibilidade.”
“Transtorno depressivo…”
Entorpecido até os ossos, sentei-me na cadeira entre meus pais, com minha mala aos meus pés, ouvindo meus pais pulando perguntas ao Dr. Christmas. Pelo menos era assim que eu o chamava na minha cabeça, porque ele parecia o Papai Noel.
Eu tentava me lembrar dos nomes de todos os médicos e enfermeiros, mas era muito difícil. Sempre havia um nome novo para combinar com um rosto novo, para combinar com um novo par de ouvidos que *não* me ouvia.
Não conseguia lembrar há quanto tempo estava aqui ou se estava aqui agora.
Poderia ser outro sonho.
Eu tive muitos desses.
Maus, com monstros que saíam debaixo da minha cama à noite e mulheres assustadoras que faziam buracos na minha cabeça. Mas os remédios no hospital me deixaram sonolento demais para me preocupar.
Agora, quando os monstros saíam à noite, eu os deixava me levar. Não revidava mais. Em vez disso, abria a porta e os deixava entrar.
Meu corpo.
Minha mente.
Para mim não importava.

Porque *não era* real.
Os médicos disseram isso.
Os monstros estavam todos na minha cabeça.
“Após muita investigação e muitas horas trabalhando com Elizabeth, tenho certeza de que, embora raro, sua filha atende aos critérios para transtorno bipolar de início precoce. Há uma ampla gama de tratamentos disponíveis, mas, neste momento, dada a rápida melhora dela, gostaria que Lizzie continuasse com a medicação prescrita.” Ele pigarreou antes de acrescentar: “É claro que isso precisará ser ajustado à medida que ela cresce, e você deve estar ciente de que a adolescência é um período particularmente difícil para crianças. Alguns estudos sugerem que pacientes com o transtorno encontram um momento puberal precoce em relação aos seus pares, incluindo menstruação precoce. O ciclo rápido entre episódios maníacos e depressivos não é... incomum, sem mencionar ondas intensas de hipersexualidade que tendem a vir acompanhadas de altos severos.”
Meu pai abaixou a cabeça, enquanto minha mãe começou a chorar.
"Não é uma sentença de morte", apressou-se o médico a tranquilizá-los. "Ela é uma criança excepcionalmente inteligente, com um mundo de potencial."
"Não posso fazer isso de novo", papai disse, engasgado, abaixando a cabeça entre as mãos. "De novo, não."
“Michael, sei que você está preocupado, mas sua filha, com a medicação correta, viverá uma vida *plena* e *saudável* .”
"O que podemos fazer?", minha mãe estendeu a mão e a segurou com força. "Como podemos facilitar a vida da nossa filha?"
“Leve sua filha para casa e ame-a”, respondeu o médico simplesmente. “Nunca subestime o poder curativo do amor de uma mãe.”

VOCÊ SEMPRE SERÁ MINHA SENHORA, SENHORA

Hugo

31 DE OUTUBRO DE 1996

HOJE ERA MEU NONO ANIVERSÁRIO E, COMO DE SEMPRE, MINHA CASA ESTAVA LOTADA DE AMIGOS. Os rapazes estavam alegremente abrindo caminho pela minha casa como uma bola de demolição, brincando de "derruba a lata", mas eu não participei. Não consegui aproveitar a festa até *ela* chegar.
Quando a mamãe entrou no meu quarto e me deu a boa notícia — que a Lizzie finalmente tinha voltado do hospital —, eu fiquei louca. Não fazia ideia do que me deu naquele momento, mas desabei e chorei antes de começar a reclamar como uma louca com a minha mãe por esconder algo tão importante de mim.
Quando finalmente me acalmei o suficiente para ouvir, mamãe me sentou e fez um discurso parecido sobre minha amiga — sem os insultos depreciativos que Caoimhe havia injetado — antes de me avisar que, sob nenhuma circunstância, eu deveria *contar* uma palavra sobre os assuntos particulares de Lizzie para minha irmã, Gibs, Feely ou qualquer outra alma viva.
Minha mãe me disse que sabia que eu era inteligente, mas que havia algumas coisas que uma mente tão jovem como a minha simplesmente não conseguia compreender, não importava quantos livros eu lesse.
Ela também me disse que eu não deveria acreditar no que Caoimhe disse sobre Liz ser louca e perigosa porque *sua* mente também era jovem demais para entender a situação.
Quando Catherine ligou esta manhã para avisar a mamãe que Liz estava se sentindo melhor e que viria à minha festa, foi O melhor presente de aniversário de todos os tempos. Não me importei com os pacotes fechados me esperando lá dentro.
Tudo o que eu queria era Liz.
Eu estava sentado nos degraus da varanda quando o carro do pai dela finalmente parou em frente à minha garagem. A excitação tomou conta de mim quando Mike saiu do banco do motorista e abriu a porta traseira do passageiro. No momento em que ela saiu do carro e meus olhos pousaram nela, senti a estranha sensação no peito retornar. Era como se meu coração tivesse sido fisgado por um anzol e eu estivesse sendo puxado de volta para ela.
Liz usava um macacão vermelho e um cardigã de tricô enorme, creme, com meias brancas de babados e sapatos pretos de verniz. Era uma combinação estranha, mas ela deixava tudo tão maneiro. Mas quando ela começou a subir a entrada da garagem, o pânico tomou conta do meu peito, porque ela se movia como se tivesse blocos de cimento presos aos pés.
"Liz!" Desci correndo os degraus da varanda e rapidamente fechei o espaço entre nós, sem parar até tê-la em meus braços. "Senti tanta saudade."

Dois meses.
Demorei *dois* longos meses para ver minha amiga novamente e, agora que eu a abraçava, estava com medo de soltá-la.
"Hugh!" Liz não hesitou em me abraçar pela cintura, tremendo toda, enquanto enterrava o rosto no meu pescoço. "Juro que senti mais saudades."
"Eu queria vir te ver, eu prometo", eu disse a ela, apertando os braços. "Eu teria vindo se tivessem deixado."
"Eu sei." Ela agarrou minha camisa com força. "Eu acredito em você."
Minha atenção se voltou momentaneamente para o pai dela, que ainda estava parado perto do carro conversando com minha mãe. Parecia sério. A testa de Mike estava franzida e ele falava em voz baixa, enquanto minha mãe assentia repetidamente.
Algo no modo como ambos olhavam rapidamente para Lizzie enquanto falavam me fez puxá-la para o meu lado e envolvê-la com um braço, de forma protetora.
Ele *não* a levaria embora novamente.
Sobre meu cadáver.
"Quer brincar de dar a volta por cima com os rapazes?", perguntei, guiando-a rapidamente para dentro de casa antes que o pai mudasse de ideia e a levasse de volta. "Ou podemos ir para a casa na árvore?" Fechei a porta da frente atrás de nós e lhe dei um sorriso tranquilizador. "O que você quiser fazer, por mim tudo bem."
"Tudo bem, Hugh. Você devia ir curtir a festa", respondeu ela, em voz baixa e tranquila. "Vou só sentar um pouquinho."
Não, eu não ia colocá-la numa cadeira e deixá-la sozinha durante toda a festa, não quando ela voltou.
"Estou cagando para a minha festa", eu disse a ela, e era a verdade. A única coisa com que eu me importava naquele momento era ela. "Vamos." Peguei a mão dela e a puxei em direção à escada. "Podemos ficar no meu quarto." Segurei-a firme enquanto a conduzia escada acima. "Vai ser tranquilo aqui em cima."
"Oooh", Danny Call provocou quando entramos no meu quarto. Claro, ele estava sendo um babaca intrometido, como sempre, e mexendo em todas as minhas coisas como sempre fazia quando vinha aqui. " *A namorada do Biggsie* está aqui."
"Saia do meu quarto, Danny", ordenei, apontando para a porta. "Agora."
"Hughie e Lizzie subindo numa árvore, SE BEIJANDO", ele riu baixinho, enquanto me atendia e ia em direção à porta. "Primeiro vem o amor, depois o casamento, em terceiro vem um bebê Biggsie num carrinho dourado..."
Fechei a porta na cara dele antes que ele pudesse terminar. "Quer saber um segredo?", perguntei, acompanhando Liz até a minha cama. "Não suporto *esse* cara."
Subindo na minha cama, ela se enrolou de lado, me encarando. "Então por que você sempre o convida para suas festas?"
"Porque ele ainda é um dos rapazes, suponho", respondi, jogando-me no colchão ao lado dela. "Seria péssimo convidar todo mundo e deixá-lo de fora."
“Mesmo que você não o suporte?”
Virei de lado, de frente para ela. "Boas maneiras não custam nada." Dei um sorriso irônico. "Pelo menos, é o que minha mãe sempre me diz."

Um sorriso iluminou seus lábios. "Você é como ela."
"Minha mãe?"
Assentindo, ela estendeu a mão e cobriu minha bochecha com a mãozinha. "Você é bom por dentro."
“Você também, Liz.”
"Não, Hugh." Ela balançou a cabeça, triste. "Não estou."
Franzindo a testa, passei um braço em volta dela e a puxei para perto. "Por que você diz isso, Liz?"
Tremendo, ela encostou a testa na minha e sussurrou: "Porque é a verdade."
"Não." Chegando mais perto, coloquei a mão em sua bochecha. "Não chega nem perto da verdade."
"Desculpe-me por ter chegado atrasada à sua festa", sussurrou ela, mudando de assunto, enquanto outro arrepio a percorria. "Feliz aniversário."
"Está tudo bem." Acariciei sua bochecha com o polegar. "Estou feliz que você esteja aqui."
"Você é?"
Eu assenti.
"Caoimhe disse que te contou. Sobre eu tê-la arranhado. Sobre o hospital." Uma lágrima escorreu por sua bochecha quando ela sussurrou: "Você me odeia agora?"
"Eu jamais poderia te odiar", respondi, sentindo meu coração se partir. "Eu te amo, lembra?"
Ela fechou os olhos com força. "Todo mundo acha que eu sou louca."
"Eu não", respondi, esfregando meu nariz no dela. "Eu *sei que* você não é louca."
Fungando, ela abriu um olho e então, com uma voz baixa e esperançosa, perguntou: "Você sabe?"
"É." Prendendo o cabelo dela atrás da orelha, continuei a acariciar sua bochecha. "Confie em mim, eu sei dessas coisas."
"Sim." Seus olhos se arregalaram, me dando um vislumbre da garota que eu conhecia. "Eu *confio* em você, Hugh."
"Você fica triste às vezes, e tudo bem", eu disse a ela, sentindo uma vontade enorme de puxá-la para perto de você e protegê-la do mundo. "E você fica com raiva, mas quem não fica?"
"E a mulher assustadora?", sussurrou ela, parecendo incerta. "E o monstro?" Seus olhos se encheram de lágrimas. "Ninguém mais consegue vê-los, mas eu juro que os vejo, Hugh." Um soluço de dor escapou de seus lábios. "Eles me machucaram."
“Eles estão aqui agora?”
"Não." Ela balançou a cabeça. "Eles nunca me machucam quando você está por perto." Fungando, ela se aproximou tanto que seu corpo ficou colado ao meu. "Eles têm medo do bravo cavaleiro."
“Eu sou o bravo cavaleiro?”
Chorosa, ela assentiu. "Ainda sou sua dama?"
"Você sempre será minha dama", prometi. "Minha Senhora."

AGORA VOCÊ É UMA MENINA GRANDE

Lizzie

31 DE DEZEMBRO DE 1996

EU SABIA QUE ESTAVA SONHANDO QUANDO O MONSTRO ENTROU NO MEU QUARTO ESTA NOITE, PORQUE os médicos me disseram que ele não era real. Eu o tinha inventado. A mulher assustadora também. Eles eram fruto da minha imaginação, delírios que eu inventei dentro da minha própria cabeça, e acho que isso me fez sentir melhor, porque significava que eu não estava realmente sendo machucada .
A mulher assustadora não estava me empurrando para debaixo d'água no mundo real, e o monstro também não estava colocando coisas dentro do meu corpo. Eu não precisei lutar, gritar e avisar o monstro que meu melhor amigo me contou sobre o toque ruim, porque isso não estava acontecendo .
Isso me fez sentir muito melhor .
Não precisei arranhar, morder e empurrar o monstro para longe de mim. Eu podia simplesmente ficar ali deitada e quieta, porque ele não podia me machucar. Os médicos disseram. Estava tudo na minha cabeça .
Quando o monstro me virou e enfiou minha cabeça no travesseiro, não precisei implorar para morrer, porque aquilo era um sonho. Quando ele colocou a coisa ruim dentro do meu corpo, não esperei que ele me empurrasse para a escuridão e me deixasse lá, porque ele vivia na escuridão e eu vivia na luz. Quando ele colocou a coisa ruim na minha boca, me xingou e me disse para fazer o que ele me ensinou, eu simplesmente fiz. O que quer que o monstro quisesse, ele pegava, e eu não recuei. Eu não precisava desejar. ser um fantasma sem um corpo que ele pudesse violar porque no mundo real, ele não poderia me alcançar .
No mundo real, eu era livre .

"Vamos, Liz! Já estamos no meio da tarde!"
Sentindo sono, pisquei e acordei, encontrando minha irmã em pé ao meu lado. "O quê?", gemi, aconchegando-me ainda mais no colchão. "Estou cansada."
"Você está sempre cansado ultimamente", ela respondeu, revirando os olhos. "Papai disse que você precisa se levantar e ajudar a arrumar a casa para hoje à noite."
"Por quê?", murmurei, com as pálpebras baixas. "O que tem hoje?"
"Hã, *alô* ? Nossa festa anual." Minha irmã me olhou como se eu tivesse ganhado uma cabeça extra da noite para o dia. "É véspera de Ano Novo, Liz."
"Ah." Bocejando sonolentamente, rolei de costas e murmurei: "Ok."
"Vamos", ela continuou, pegando minhas cobertas. "Papai disse que você precisa ajudar." Quando ela arrancou as cobertas de cima de mim, suas sobrancelhas se ergueram de surpresa e ela gritou: "Mãe! Vem aqui, rápido! A Lizzie já menstruou!"

Eu era?
Confusa, me apoiei nos cotovelos e olhei para as minhas coxas manchadas de sangue. "Estou sangrando." Olhei de volta para minha irmã. "Estou morrendo?"
"Não, não, você não vai morrer, Liz, e eu prometo que isso é totalmente normal", Caoimhe se apressou em explicar. "Chama-se menstruação."
"Um período?", entorpecida, continuei a olhar para os meus lençóis manchados de sangue. "O que é isso?"
"Menstruação é quando uma menina sangra pela vagina por alguns dias todos os meses." Ela me ajudou a sair da cama e rapidamente começou a tirar o colchão. "É totalmente normal e acontece com todas nós."
“Isso acontece com você?”
"É, Liz", ela respondeu. "Todo mês."
Estremeci de repulsa. "Ah."
"Ai, meu pobre bebê", ouvi minha mãe cantarolar da porta do meu quarto. "Está tudo bem, querida." Usando sua bengala, ela mancou até nós e me puxou para perto do peito. Ela era pele e osso, e quando me segurou contra seu peito plano, meu coração disparou e meus pensamentos dispararam. "Sabíamos que isso poderia acontecer um pouco mais cedo para você."
Eu não sabia do que ela estava falando e não tinha energia para me importar. A única coisa que me incomodava era *ela* ...
Os remédios que os médicos me deram no hospital acalmaram meus pensamentos, e meus sentimentos de raiva não se agitavam mais como antes. Também percebi, depois de passar quase dois meses no hospital e longe da minha mãe, que me sentia *melhor* quando não estava perto dela. Porque eu tinha medo do que aconteceria se ela não melhorasse da próxima vez. Porque *sempre havia* uma próxima vez. Minha mãe ficava doente e depois melhorava, e depois doente de novo, enquanto cada vez parecia pior que a anterior.
Era uma sensação estranha, não querer que minha mãe me segurasse, mas também não querer que ela me soltasse de uma vez. Mas foi isso que eu senti quando ela me segurou.
"Vamos, querida", disse mamãe, me levando para o banheiro. "Vou preparar um banho para você." Sentada na tampa fechada do vaso sanitário, observei-a preparar um banho, sem entender uma palavra do que ela dizia. Eu sabia que ela estava tentando explicar o que estava acontecendo com o meu corpo, mas não me importei. Porque eu não gostava de ter um corpo. Então, Caoimhe entrou e me explicou tudo sobre absorventes internos. Eu também não me importei com isso. Estava tudo bem. O que eu precisasse fazer, eu faria.
“E se a água do banho ficar vermelha?”, perguntei a eles quando entrei na água.
"Não vai", garantiu-me mamãe antes de sair do banheiro para me dar privacidade e levar minha irmã com ela. Assim que elas saíram, estendi o pé e girei a torneira de água quente com o dedão.
Quando a água bem quente começou a borbulhar e o vapor começou a subir, coloquei meu pé sob o fluxo.
Eu estava bem com a dor, e a dor era boa para mim.
Isso me fez sentir melhor.
Isso me ajudou a me concentrar.
Para impedir que meus pensamentos corram soltos na minha cabeça.

A dor fez todos os meus pensamentos saírem da minha cabeça e suspirei aliviado.
Com as pálpebras tremendo e fechando, fiquei completamente imóvel enquanto a água formava bolhas e queimava minha pele.

Mais tarde naquela noite, quando a festa dos meus pais estava a todo vapor, fiquei lá em cima, no meu quarto, cansado demais para conversar com adultos cujos nomes eu nunca lembrava.
Ganhei um aparelho de som hi-fi novinho de Natal este ano, junto com meu próprio exemplar de *Rumours , do Fleetwood Mac* , a edição deluxe. Hoje à noite, Stevie e Lindsey tocaram sem parar, usando suas vozes para bloquear o barulho da festa. Minha barriga doía e eu estava nervosa para andar por aí, com medo de minhas entranhas caírem. Menstruação era assustadora.
Quando meus amigos chegaram, subiram até mim, mas Claire e Gibsie acabaram saindo correndo em busca de lanches. Hugh, não. Em vez disso, ele se jogou ao meu lado na cama e ficou comigo.
Fazendo-me companhia a noite toda, ele me contou histórias sobre suas aventuras com Gibsie durante as férias de Natal, os novos jogos de computador que o Papai Noel havia lhe trazido e os novos livros que havia lido.
"Eu o odeio pra caramba, Liz", admitiu ele quando perguntei se estava feliz por seu pai ter vindo à festa hoje à noite. Com os braços apoiados atrás da cabeça, Hugh olhou para o teto do meu quarto e suspirou. "Ele poderia muito bem ter parado de nadar naquele dia, porque não viveu um dia sequer desde então."
A dor em suas palavras era algo com que eu estava bem familiarizada. Doía muito no meu melhor amigo ver o pai se afastar da vida. Ao contrário de Claire, que nunca parecia notar, Hugh levava isso a sério. Achei que pudesse ter algo a ver com o seu cérebro grande. Tornava mais difícil para ele ignorar os problemas em casa. Ele via tudo, assistia acontecer, e isso o destruía diariamente.
Rolando de lado para encará-lo, coloquei as mãos sob a bochecha e sussurrei: "Você sempre me terá, Hugh."
Ele se virou de lado para me encarar e sorriu. "Você ama mesmo essa banda, não é?" Mudando de assunto, ele estava me indicando que tinha terminado de falar sobre o pai. Tudo bem. Eu não me importava. Eu ficava feliz em ouvi-lo falar sobre qualquer coisa, contanto que ele ficasse comigo.
"O que está errado?"
Franzi as sobrancelhas. "O que você quer dizer?"
Ele tocou na minha mão, que eu usava para acariciar a barriga, com um olhar preocupado. "Você está se sentindo mal?"
"Não, não estou doente", respondi. "Só estou dolorido."
Seus olhos castanhos se fixaram nos meus. "Por que você está chateada, Liz?"
Minhas bochechas coraram. "Estou menstruada."
"É isso que acontece com as mulheres?" Ele franziu a testa. "Com o sangramento."
Eu assenti.
“Mas você ainda não é uma mulher.”

"Eu sei."
Quando ele estendeu a mão e tocou minha bochecha, senti aquela onda familiar de excitação crescer dentro de mim, fazendo meu coração disparar descontroladamente. "Você está bem?"
"Estou bem." Concordei e forcei um sorrisinho. "Eu só... não gosto de todas essas mudanças."
Vários segundos se passaram em um silêncio acolhedor. Ele se aproximou e tirou a mão da minha bochecha, passando o braço em volta do meu corpo. "Não se preocupe, Liz." Ele me envolveu no abraço mais caloroso e seguro que eu já senti. "Você sempre me terá também."

SE ISSO A MANTÊSSE SEGURA

Hugo

31 DE DEZEMBRO DE 1996

A FESTA ESTAVA A TODO VOLTA LÁ EM BAIXO, MAS LIZ NÃO ESTAVA COM VONTADE DE PARTICIPAR das comemorações, então fiquei ao lado dela a noite toda. Haveria um milhão de outras festas, mas só haveria uma Lizzie Young.
Eu sabia que ela estava melhor desde que voltara do hospital, mas não era a mesma. Havia algo diferente nela. Eu não entendia o que era aquilo ou por que tinha acontecido, mas eu sabia que *tinha acontecido* .
Liz estava sempre cansada agora, e não girava em círculos na grama como antes. Seus olhos não brilhavam mais com malícia, e ela estava muito mais quieta ultimamente. Levava mais tempo do que o normal para responder perguntas ou dar uma resposta espertinha — algo que ela sempre fora a rainha em fazer.
Agora, coisas de adulto estavam acontecendo com o corpo dela e não havia nada que eu pudesse fazer para impedir que acontecesse ou para fazê-la se sentir melhor.
Tudo o que eu podia fazer era ficar.
Então foi isso que eu fiz.
Porque eu sabia lá no fundo que ficaria com Lizzie Young pelo resto da minha vida se isso mantivesse a tristeza longe dos seus olhos.
Se isso a mantivesse segura .
“Ei, Hugh?”, disse Liz um pouco depois, quando estávamos lendo em sua cama.
“Sim, Liz.”
Ela apontou para o relógio no criado-mudo. "Feliz Ano Novo."
Olhei as horas e vi que já passava de meia-noite, o que significava uma coisa. Aproximei-me e dei um beijo em sua bochecha, achando um pouco mais difícil me afastar naquele ano. "Feliz Ano Novo, Liz."

ME ACORDE QUANDO AMANHÃ ACABAR

Lizzie

5 DE JANEIRO DE 1997

"O QUE HOUVE ?" CHORANDO NA MINHA CAMA NO ESCURO , PASSEI OS BRAÇOS EM VOLTA DOS JOELHOS E ME BALANÇEI. "Por que você está com raiva?"
"Porque você está menstruada", rosnou o monstro, surgindo da escuridão em uma nuvem de fumaça. "Você tem nove anos!" Seus olhos brilhavam em vermelho. "Por que você está menstruada se tem nove anos?"
Acorde, Lizzie .
Acorde .
Faça agora!
"Desculpe", gritei, enterrando o rosto nos joelhos, com medo demais de olhar para seus dentes afiados. "Eu não queria."
"É porque você é má. Deus está te punindo por ser uma putinha imunda." Aproximando-se, ele segurou meu rosto entre as mãos e me encarou. "Você precisa ser punida por fazer isso comigo." Ele estendeu a outra mão para a fivela do cinto. "Hoje à noite, você vai aprender como as coisas podem ser difíceis, mas primeiro, preciso que você aceite isso."
"O que foi?", perguntei, com o peito arfando, enquanto tentava me lembrar de que era só um sonho. Eu acordaria logo e tudo ficaria melhor .
"Boas meninas, tomem seus remédios, senão ficam com a barriga inchada", sibilou o monstro, forçando um pequeno comprimido no fundo da minha garganta. "Você não quer uma barriga inchada, quer?"
Eu balancei minha cabeça .
"Você vai tomar um desses comprimidos todas as noites", ele continuou a ameaçar. "Eu vou garantir."
"Eu não quero", gritei, odiando a sensação do comprimido escorregando pela minha garganta. "Por favor, não me faça tomar mais remédio."

DUAS SEMANAS A MAIS

Hugo

17 DE JANEIRO DE 1997

DESDE QUE COMEÇOU A PRIMEIRA AULA EM SETEMBRO PASSADO , LIZ PEGAVA O ÔNIBUS DAS TRÊS HORAS da escola para casa comigo. No entanto, duas semanas haviam se passado desde que voltamos à escola depois das férias de Natal, e Lizzie ainda não havia retornado.
Eu sabia o que isso significava.
Ela estava doente novamente.
Depois de atormentar minha mãe por dias para ligar para a mãe de Lizzie, minha mãe finalmente cedeu ontem à noite. Depois de passar meia hora ao telefone com Catherine, minha mãe voltou ao meu quarto para me garantir que Lizzie não havia voltado para o hospital, mas que estava em casa, de cama, com gripe.
Talvez ela estivesse, mas nada disso me agradava e eu estava perdendo a paciência rapidamente.
Quando a mamãe saiu para o trabalho no sábado de manhã, eu já tinha chegado ao meu limite. Entrar furtivamente na cozinha era moleza quando Caoimhe estava no comando, porque ela passava a maior parte do tempo com a língua na garganta do cretino.
Felizmente, ela não o levava para dentro com muita frequência quando cuidava dele durante o dia, preferindo ficar no jardim.
Discando o número de telefone que eu decorei quando tinha sete anos, segurei o fone no ouvido e ouvi o som estridente do toque.
“Alô?” uma voz familiar veio do outro lado da linha.
"Oi, Mike, sou eu", respondi, mantendo o tom de voz calmo. "Posso falar com a Lizzie, por favor?"
"A Elizabeth ainda está indisposta, Hugh", respondeu o pai dela em tom amigável. O Mike gostava muito de mim e, embora o sentimento não fosse inteiramente recíproco da minha parte, eu sempre me esforçava para ser educado. "Ela está lá em cima, descansando."
"É, eu sei que ela está doente", respondi, tomando cuidado para não deixar minhas emoções me dominarem, já que tudo o que eu queria era gritar *e colocar ela na porra do telefone* . "Mas é muito importante que eu fale com ela. Eu não pediria isso de outra forma, Mike."
"Espera aí, filho", disse ele, cedendo bem mais rápido do que eu esperava. "Vou ver se ela está a fim de bater um papo."
“Obrigado, Mike.”
Vários minutos de silêncio, de roer as unhas, se passaram antes que Lizzie atendesse o telefone. "Alô?"
"Liz." Agarrei o telefone como se minha vida dependesse disso, encostei-me na parede e soltei um suspiro de alívio. "Sou eu."
Ela demorou mais do que o normal para responder. "Hugh?"

“Sim, Liz, sou eu.”
"Oi."
"Você está bem?", consegui perguntar, enquanto meu coração batia forte no peito. "Ouvi dizer que você está gripado?"
"Gripe?" Houve outra pausa longa e exagerada, antes que ela murmurasse: "Ah, é".
“Você não parece bem, Liz.”
"Estou bem... só... cansada." Vários segundos se passaram antes que ela acrescentasse: "Preciso ir agora, Hugh."
“Liz, espere—”
A linha caiu.
"Porra!" Batendo o telefone no gancho, peguei-o de volta e bati mais três vezes. "Maldita seja!"
"Ei!", Caoimhe disparou, atravessando o hall de entrada e entrando na cozinha. "O que o telefone fez com você?"
"Sua irmã está mesmo bem?", perguntei sem rodeios — exigi, verdade seja dita. "Eu já sei tudo sobre ela, Caoimhe, então tenha isso em mente antes de mentir na minha cara."
“Se você já sabe tudo sobre Liz, por que está me perguntando?”
Estreitei os olhos. "Ela não está gripada, está?"
"Não, ela está", respondeu minha babá. "Ela está mesmo gripada." Passando por mim, ela foi em direção ao fogão, onde minha mãe tinha deixado o almoço. "Mas ela também está tendo um daqueles episódios."
"Ah." Meu coração afundou na minha bunda. "É ruim?"
"Não, não como antes", respondeu ela baixinho. "Mas a medicação dela foi reajustada, então ela está super desorientada no momento." Ela deu de ombros antes de me dar um sorriso tranquilizador. "Ela vai se recuperar. Lizzie é como um bumerangue. Ela sempre volta a si."
Sim, mas e se ela não fizesse isso?
Eu queria saber mais sobre a doença dela, mas ninguém me explicava com muitos detalhes, e Lizzie parecia tão alheia a isso quanto eu.
Decidi mentir, enquanto planejava mentalmente meu próximo passo. "Vou passar algumas horas na casa da Gibsie."
"Hã, alô?" Caoimhe apontou para o teto. "Gibsie está lá em cima com Claire."
Droga . "Então vou para a casa do Robbie."
"Parece que desci no último banho, Hugh Biggs?" Caoimhe colocou as mãos na cintura e me lançou um olhar severo. "Aonde você vai mesmo?"
"Para a casa do Robbie", insisti e disse a ela antes de sair para a garagem. "Mãos ao alto."
"Hmm." Caoimhe me seguiu, com um olhar cauteloso. "E sua mãe concordou com isso?"
Bem, ela nunca *discordou* , e eu planejei tirar proveito da falta de aviso dos pais.
"É." Empurrei minha bicicleta para fora da garagem, subi nela e pedalei pela entrada da garagem. "Te vejo mais tarde."
“Fique seguro nas estradas, Hugh!” ela gritou para mim.
Pedalando como um demônio pela cidade, pedalei pelas trilhas até que elas foram substituídas por estradas rurais.

Eu não estava preocupado com o trânsito passando rápido por mim ou com a possibilidade de pegar o caminho errado. Eu era um ciclista confiante e tinha uma memória excelente. Eu encontraria o caminho até ela. Nem que fosse a última coisa que eu fizesse.

Quarenta e cinco minutos depois, quando passei de bicicleta pela placa para Robin Hill Road, senti uma onda de orgulho por ter conseguido encontrar o caminho sem ajuda. Quando cheguei aos portões da Old Hall House, alguns minutos depois, a propriedade parecia tão impressionante quanto eu me lembrava.
Havia um pequeno portão de pedestres ao lado da entrada da garagem que a família dela nunca se preocupou em trancar, então passei por lá com minha bicicleta antes de pedalar pela entrada de cascalho até a casa.
Mike estava saindo de casa quando cheguei ao pátio. "Hugh?", ele arqueou as sobrancelhas, surpreso. "Eu não sabia que você estava ligando, filho."
"É", foi tudo o que decidi dizer, enquanto descia da bicicleta e a empurrava o resto do caminho. "Vou entrar agora mesmo, se não tiver problema?"
"Como quiser, rapaz", respondeu ele, dando de ombros, antes de partir em direção aos estábulos. "Elizabeth está no quarto dela."
Entrei e fui direto para a imponente escadaria, sentindo meu coração disparar a cada passo. Quando cheguei à porta do quarto dela, entrei sem bater.
"Liz?" Quando a vi encolhida no meio da cama, juro que senti meu coração se partir. Indo direto para ela, só parei quando estava sentada no colchão ao lado dela. "Liz, você está acordada?"
Nada.
"Ei." Estendi a mão para segurar o braço dela e tentei acordá-la o mais gentilmente possível. "Sou eu."
No entanto, no momento em que toquei em Liz, ela entrou em fúria, atacando violentamente com os braços e as pernas. Não disse uma palavra durante todo o calvário. Pelo contrário, permaneceu em silêncio mortal em sua histeria, debatendo-se e esperneando como se sua vida dependesse disso.
"Jesus!" Assustada, cambaleei para longe da cama e levantei as mãos. "Lizzie, sou eu, o Hugh."
Quando pronunciei meu nome, algo se moveu dentro dela e ela parou de se mexer completamente. "Hugh?"
"Sim, Liz, estou aqui", respondi, querendo ir até ela, mas sem saber se era isso que ela queria. "Vire-se e olhe para mim."
Com muito esforço, ela o fez, e quando seus olhos encontraram os meus, senti uma pontada no peito. Porque eles não se pareciam com os olhos dela. Não eram mais azul-claros. Eram quase pretos.
"Desculpe", ela sussurrou, colocando as mãos sob o rosto. "Achei que ainda estava no meu sonho."
"Tudo bem", respondi, parado ao lado da cama dela. "Foi um pesadelo?"
Ela deu de ombros. "São todos ruins."
“Você quer conversar sobre isso?”

Ela balançou a cabeça. "Muito cansada."
“Posso sentar?”
Ela assentiu.
Aliviada, sentei-me lentamente no colchão. "Eu estava preocupada com você."
"Hmm." Suas pálpebras tremeram. "Estou bem."
Ela não estava.
Ela *não estava* nada bem.
"O que aconteceu?"
“Eu fui má”, ela murmurou.
"Ruim?"
Ela assentiu.
"Eu não entendo."
"Eu também não." Ela estendeu a língua para umedecer os lábios rachados. "Estou doente, Hugh."
Meu coração afundou. "Você é?"
Ela bateu na têmpora. "Aqui."
"Não, não é." Incapaz de me conter, abaixei-me e acariciei sua bochecha. "Você é perfeita."
"Estou doente." Sua mão saiu de debaixo das cobertas e cobriu a minha. "Não estou bem da cabeça."
"Não diga isso", implorei, em pânico. "Você é a minha Lizzie. A mesma de sempre."
"O médico me deu um remédio novo", ela sussurrou, mantendo minha mão em seu rosto com a sua. "Estou tão cansada o tempo todo."
“Você disse isso a eles?”
Ela assentiu, cansada. "É para o seu bem."
“Posso fazer alguma coisa para ajudar você?”
"Fique", ela respondeu com um gemido. "Não me deixe."
"Não vou te deixar, Liz", prometi, resistindo à vontade de puxá-la para os meus braços. "Vou ficar com você."
"Não importa o quê?"
"É, Liz." Acariciando sua bochecha, inclinei-me e beijei o topo de sua cabeça. "Não importa o que aconteça."
"Será que vou ficar bem, Hugh?", ela perguntou então, olhando para mim como se eu tivesse as respostas. "Será que algum dia serei normal como as outras garotas?"
Suas palavras rasgaram meu coração e senti uma necessidade intensa de apaziguar seus medos. "Me escuta, porque vou te contar um segredinho."
"Você é?"
"Mm-hmm." Pegando seus braços, puxei-a delicadamente para que se sentasse antes de alisar seus cabelos emaranhados sobre os ombros. "Não existe normalidade, Liz. Não existe. É só uma palavra que alguém inventou para fazer com que todos se comportem exatamente da mesma maneira, para que possam preencher exatamente os mesmos requisitos."
"Realmente?"
Se eu soubesse, essa era a minha teoria sobre o assunto. "É só uma palavra", repeti, enxugando uma lágrima do seu rosto. "E você é especial *demais* para

marcar o 'normal'."
"Eu sou?"
"É." Assenti e sorri para ela. "Você nunca poderia ser descrita por uma palavra, Liz, e muito menos por uma palavra chata como *a normal* . Sabe de uma coisa? Eu não mudaria nada em você. Adoro que você não preencha esse requisito de chatice."
Fungando, ela estendeu a mão para mim. "Você não me transformaria se pudesse?"
"Não."
"Por quê?"
"Porque aí você não seria *você* ", expliquei, enxugando mais uma de suas lágrimas. "E um mundo sem Lizzie Young seria uma farsa."
“Travesti”, ela repetiu lentamente, refletindo sobre a palavra.
“Escute, eu sei que você está se sentindo cansado, e é totalmente ótimo se você não quiser, mas você gostaria de dar uma volta lá fora comigo?”
Ela me encarou por um longo tempo antes de concordar. "É, Hugh, eu adoraria."

SIM, ELIZABETH

Lizzie

17 DE JANEIRO DE 1997

SENTINDO -ME ATORDOADA E DESEQUILIBRADA , CAMINHEI PESADAS PELOS CAMPOS NOS FUNDOS da nossa propriedade com Hugh ao meu lado. Tropeçando em superfícies irregulares e buracos, tentei me orientar, enquanto Hugh permanecia paciente o tempo todo.
Eu me sentia como se estivesse emergindo da hibernação. Como um urso acordando após um longo sono de inverno. O sol aquoso parecia estranho no meu rosto, mas a sensação da mão dele na minha parecia *certa* .
Eu sabia que Hugh conseguia andar muito mais rápido do que isso, e eu estava diminuindo o ritmo dele, mas ele parecia satisfeito em manter o meu ritmo, enquanto eu me sentia mais vivo do que me sentia há semanas.
Caminhamos por horas pelos campos e estradas rurais, enquanto Hugh me contava tudo o que tinha acontecido desde o nosso último encontro. Eu não conseguia reter muito do que ele me dizia, mas o som da sua voz era tão suave que eu não queria que ele parasse de falar comigo. Eu poderia passar o resto da minha vida ouvindo a sua voz sem nunca me cansar.
Era difícil explicar o conforto que a presença de Hugh me dava.
Ele tornou fácil estar vivo.
Eu sabia que era algo estranho de se pensar, mas era como eu me sentia.
Viver era muito mais fácil quando Hugh estava por perto.
Quando eu estava vivendo com ele.
Quando chegamos em casa, depois de passar uma eternidade vagando pelo campo, já estava escuro lá fora. Mas eu não estava com medo. Não quando eu tinha o bravo cavaleiro para me proteger. eu. Eu tinha fé na capacidade dele de manter os monstros longe. Confiei que ele nunca soltaria minha mão.
Não importa o que .
"Ah, droga", gemeu Hugh, quando contornamos a lateral da minha casa e cruzamos os olhos com o carro da mãe dele. "Sou um homem morto, Liz."
Abri a boca para perguntar por quê, mas sua mãe chegou primeiro.
"Hugh Andrew Biggs!", gritou Sinead. "É melhor que seja você se escondendo atrás da casa!"
Escondido atrás da parede da minha casa, Hugh soltou um gemido audível. "Nossa, ela parece estar muito irritada."
"Por quê?", perguntei, virando-me para olhá-lo.
"Então, eu meio que não contei a ela que estava vindo", explicou ele timidamente. "E meio que não pedi permissão para ir de bicicleta até a sua casa também."
"Ah." Senti-me rir pela primeira vez em semanas. "Você está *tão* morto."
"Elizabeth Eleanor Young!", era *minha* mãe. "Devolva o menino para a mãe agora mesmo."

"É, *Elizabeth* ." Hugh arqueou as sobrancelhas, brincalhão. "Me devolva para a minha mãe agora mesmo."
Dessa vez meu sorriso se transformou num sorriso largo.

PARTE 5

Linhas de Vida da Amizade

CONSTRUINDO BICICLETAS E AMIZADES

Hugo

17 DE MARÇO DE 1997

DEPOIS DO DESFILE DO DIA DE SÃO PATRÍCIO NA CIDADE ESTA TARDE , C ATHERINE YOUNG nos convidou para tocar na Old Hall House. O tempo estava bom demais para ficarmos dentro de casa, então nós cinco decidimos construir uma casa na árvore.
Enquanto Gibs, Feely e Claire vasculhavam os estábulos em busca de possíveis materiais que poderíamos usar, Liz e eu vasculhamos os galpões de armazenamento do outro lado da propriedade.
No entanto, todos os planos de construir uma casa na árvore foram por água abaixo quando avistamos uma bicicleta infestada de teias de aranha no fundo de um dos galpões.
"Você consegue segurar isso?"
"Sim."
"Entendeu, Liz?"
“Eu entendi, Hugh.”
"Bom trabalho."
Concordando com a cabeça, lubrifiquei os elos da corrente da caçamba enferrujada de uma bicicleta que tínhamos encontrado. Alinhando a corrente, reajustei os elos até ter certeza de que a corrente permaneceria no lugar. "Acho que está tudo certo."
"É tão fácil assim?", perguntou Liz, parecendo fascinada.
"É." Levantei o suporte e segurei o guidão enquanto ela subia no selim. "Faça um teste para ver se a corrente aguenta."
Acelerando os pedais, ela desceu a calçada de cascalho, pedalando como um demônio para ganhar velocidade.
"Muda a marcha!", gritei, rindo, com a atenção voltada para a loira que disparava na moto. "Vê se ela aguenta?"
"Está aguentando", ela respondeu, com a voz carregada de entusiasmo. "Você conseguiu."
Sorrindo de satisfação, limpei o óleo das mãos com um pano e observei minha melhor amiga pedalando. "Cuidado, Liz, os freios estão em péssimo estado."
"Não me importo", ela respondeu, rindo enquanto passava zunindo por mim. "Não quero frear, Hugh. Quero ir mais rápido!"
"Ela parece feliz", ouvi alguém dizer, e me virei para ver a mãe de Lizzie na porta da frente. Seu sorriso era quase tão largo quanto o da filha. "Olha ela indo."
"É", ri, caminhando até ela. "Ela é uma audaciosa, essa aí."
"Você é um bom amigo dela, Hugh." Ela voltou a atenção para mim. "Obrigada."
"Ela também é uma boa amiga para mim", respondi, dando de ombros, olhando para a mulher frágil. "Como você está se sentindo, Catherine?"
"Você é um amorzinho", ela riu, com os olhos cheios de emoção. "Estou me

sentindo muito melhor ultimamente."
Sorri de volta, aliviada, porque gostava muito da Catherine Young. Ela era uma pessoa muito simpática, e era uma pena que ela passasse tanto tempo no hospital. Eu entendia o porquê — minha própria mãe tinha me explicado a doença dela — e eu estava torcendo para que ela melhorasse. Cheguei a fazer uma oração por ela antes de dormir. Todas as noites. Eu me certificava de nunca faltar. Só por segurança.
"A Liz também está se sentindo muito melhor ultimamente", decidi contar a ela, porque sabia que ela queria me perguntar, mas nunca o faria. O alívio em seus olhos azuis quando contei isso me fez... continuando: "Ela está rindo mais e contando piadas como antes." Era verdade. Liz estava muito melhor desde o Ano Novo e, embora nunca tenha falado sobre seu diagnóstico *real* , não tentou mais escondê-lo de mim.
Confiando em mim para guardar seus segredos, ela me contou tudo sobre o remédio que precisava tomar todos os dias, aquele que a fazia se sentir *estável* e que não a deixava mais tão cansada. Eu sabia tudo sobre suas sessões de terapia e sobre o médico que parecia o Papai Noel, que ela tinha que visitar a cada dois meses.
Ela ainda tinha seus dias tranquilos, e quando estava triste, não era só tristeza, era devastada, mas isso não acontecia com tanta frequência ultimamente. Tudo na minha melhor amiga parecia mais equilibrado.
"Você é um bom menino, Hugh Biggs", Catherine deu um tapinha na minha mão. "Sua mãe é muito abençoada por ter um filho como você."

Várias horas depois de consertar a velha bicicleta, a batizamos de *Rust Bucket* e, após uma caminhada árdua pelo prado com tábuas de madeira, a casa na árvore que planejamos construir originalmente estava começando a tomar forma.
Encontramos o carvalho perfeito no prado e colocamos o piso no galho mais forte. Teríamos mandado erguer as paredes também, mas Gibsie decidiu dar uma bronca quando Feely acidentalmente bateu com o polegar em vez do prego e *lançou* nosso *único* martelo no campo abaixo. Nós cinco procuramos na grama alta, sem sucesso. Era como tentar encontrar uma agulha no palheiro.
"Gerard pediu desculpas, Hugh", disse Claire, defendendo-o pela centésima vez. "Ele vai encontrar outro martelo. Você vai ver."
"Onde?", retruquei, ainda irritada. "Na bunda dele?"
"Hugh!", Claire ralhou, enquanto Lizzie ria baixinho ao lado dela. "Não xingue."
“Vai escurecer em uma hora, Claire”, Feely ofereceu calmamente.
"Exatamente", respondi bruscamente. A noite caía e a luz estava se esvaindo. "Mesmo que ele encontre outro martelo, não teremos tempo suficiente para erguer as paredes."
"Sem falar no telhado", Feely concordou.
“Meu Deus, gente, olhem!” Liz riu, apontando para algo distante.
Claire e eu viramos a cabeça em uníssono para ver Gibsie arrastando uma marreta em direção à casa na árvore. "Encontrei uma, rapazes!"
"Ahh", Liz continuou a uivar e rir. "Ele parece o Thor com seu martelo!"

"Você ouviu isso, Gibs?", Feely gritou com uma risadinha. "A Lizzie acha que você parece um super-herói!"
Sorrindo ferozmente para nós, Gibsie piscou e imediatamente começou a flexionar seus bíceps inexistentes.
"Ah, sim", Liz o encorajou, torcendo por ele. "Mostra essas armas, Thor."

OS FEIS, OS FEELS E O DIA DE PASSEIO EM FAMÍLIA

Hugo

8 DE JUNHO DE 1997

" ESTE É O MELHOR FIM DE SEMANA DE ANIVERSÁRIO DE TODOS OS TEMPOS ", DECLAROU L IZZIE, ANIMADAMENTE, ENQUANTO CAMINHÁVAMOS PELA MULTIDÃO NA feira do condado na tarde de domingo.

Ela faria nove anos amanhã, e não poderíamos ter pedido um dia melhor para comemorar. O sol estava rachando as pedras, sua mãe parecia mais saudável do que há meses, e a menina que segurava minha mão estava radiante. Eu quis dizer isso no sentido literal. Lizzie estava *radiante* .

Segurando firme a mão dela, abri caminho pela multidão em direção à van de sorvetes, com nossos dois sorvetes 99 garantidos. Nossas famílias estavam do outro lado do parque de diversões, esperando a feira começar.

"Você devia ter pedido o xarope de menta no seu", disse ela, lambendo a gosma verde que escorria pela casquinha. "É tão bom."

"Não, obrigada. Vou ficar com o tradicional baunilha", respondi, olhando por cima do ombro e sorrindo para ela.

Liz não se parecia em nada com as outras garotas da feira. Ela não estava usando um vestido bufante nem shorts rosa da Boyzone — que, aparentemente, estavam na moda, considerando a quantidade de garotas que os usavam — e não usava laços extravagantes no cabelo.

Vestida com seu macacão jeans oversized, camiseta branca e tênis de cano alto, ela estava mais bonita do que todas as outras garotas da feira. Ela estava com o cabelo preso em uma trança única que caía até o meio das costas. Seu cabelo loiro estava bem mais escuro agora, com mechas de mel e castanho-dourado. Eu nunca tinha visto um cabelo como o dela, com tantos tons diferentes, e achei que combinava melhor com ela do que o branco de antes.

minha irmã rotulou a cor como *loiro sujo* e, embora eu não tivesse a mínima ideia sobre tons de cabelo, tinha certeza de que o da Lizzie era o meu favorito.

Mas a melhor coisa sobre Lizzie era, sem dúvida, sua coragem. Ela não gritava quando ficávamos presos no topo da roda-gigante, nem chorava como um bebê quando alguém batia nela nos carrinhos de bate-bate. Em vez disso, ria e revidava com raiva de quem a esbarrava. Ela não tinha medo de altura, assim como eu, e isso a tornava a companheira perfeita no parque de diversões.

Passamos a maior parte da tarde indo e voltando da casa dos nossos pais para juntar dinheiro e fomos em todos os brinquedos da feira.

"A que horas Gibs e Claire sobem ao palco?", perguntou Liz, me tirando dos meus pensamentos. "Tem que ser logo, né?"

"Sim, deve acontecer a qualquer momento", respondi, esticando o pescoço para ver melhor onde o feis estava sendo mantido.

O feis era uma competição de dança irlandesa, realizada anualmente na feira do condado, na caçamba de um caminhão articulado. Eu já tinha sido arrastado para inúmeras competições de feis ao longo dos anos e não estava muito animado, mas esta era a primeira vez que Lizzie participava. Ela estava radiante de alegria ao ver Gibs e Claire subirem ao palco, enquanto eu estava feliz apenas em vê-la sorrir.

Abrindo caminho pela multidão, passamos pelos brinquedos do parque de diversões e vendedores ambulantes até chegarmos ao palco. Passando por entre as fileiras de cadeiras e toalhas de piquenique, encontramos nossas famílias perto da entrada.

Eles estavam sentados um perto do outro em alguns cobertores espalhados sobre o solo recém-colhido. Muito familiarizados com a forma como Aqueles espinhos de palha que os fazendeiros deixavam nos campos depois de enfardar pareciam na pele nua. Rapidamente, procurei espaço no cobertor da irmã dela. Embora detestasse o babaca sentado ao lado da minha babá, eu estava de shorts hoje e não tinha intenção de passar o resto do dia coçando e rasgando a pele.

Ignorando Mark e Caoimhe, que estavam se comendo com a cara, sentei-me no cobertor com Liz, direcionei sua atenção para o palco e apontei. "Olha, Liz, eles estão subindo no palco."

"Uau!", Lizzie comemorou, batendo palmas e gritando de alegria quando Gibsie subiu no palco ao ar livre com minha irmãzinha a tiracolo. "Sim, pessoal!"

Senti uma onda de orgulho quando as pessoas ao nosso redor começaram a cochichar e a apontar para eles. Isso sempre acontecia quando Claire e Gibs subiam no palco, e eu sempre me perguntava por que os outros dançarinos se davam ao trabalho de competir com eles.

"São todos mais velhos do que eles", observou Liz, apontando para os outros casais competidores alinhados ao lado deles, com todos os dançarinos em pé atrás das dançarinas. "Eles parecem tão pequenos perto deles."

"É", concordei, olhando para os adolescentes mais velhos no palco. "Mas não se preocupem", acrescentei, sabendo que nenhum deles conseguiria tirar o brilho dos nossos rapazes. "Está garantido."

Os cachos de Claire estavam presos no topo da cabeça, e ela usava um vestido de veludo verde, típico da dança irlandesa. Atrás dela, Gibs usava calças pretas com suspensórios e uma camisa branca. Seu cabelo estava elegantemente penteado para o lado, e seus sapatos eram pretos e brilhantes, com salto alto, enquanto Claire usava os pretos com cadarços que subiam até as canelas.

Mesmo sorrindo, percebi que minha irmã estava nervosa. Mas não o Gibs. Não, ele parecia orgulhoso como um leão, parado um pouco atrás da minha irmã, com as mãos juntas às dela.

Quando a banda Ceili no local começou com sua versão animada e tradicional de "Glasgow Reel", os casais no palco começaram a se mover.

"Uau", Liz suspirou, com a atenção voltada para Gibsie e Claire. "Elas dançam como se estivessem flutuando."

"Eu sei", concordei. Flutuar era a única maneira de descrever a maneira como esses dois se moviam pelo palco.

Minha irmã parecia um cisne, com seus membros em perfeita postura simétrica, enquanto Gibsie dançava como se tivesse nascido para dançar essa mesma dança

com ela.
Normalmente, as meninas eram as estrelas no palco e os meninos dançavam desajeitadamente no fundo, mas esse menino não.
Não nossos Gibs.
Ele se apoderou do palco como se fosse a atração principal. Ele conseguia movimentar o corpo como eu nunca tinha visto antes. Sua coordenação era fenomenal, e ele parecia sentir o ritmo nos ossos.
Ele não errou nada durante todo o show e, mesmo quando Claire falhou em seu solo, ele estava lá para fazê-la voltar ao ritmo, assumindo a liderança em uma dança que os faria vencer o torneio inteiro.
Era um padrão complicado, muito mais avançado do que a idade deles, mas eles acertaram em cheio. Não só acertaram em cheio, como acertaram em cheio com sorrisos no rosto.
Ignorando a competição muito mais antiga, Gibs e Claire deslizaram pela pista, assumindo a complicada rotina de dança como se fosse algo natural para eles. Mantiveram os olhos um no outro o tempo todo, dançando um para o outro e não para os jurados. Achei que a dedicação mútua no palco talvez explicasse por que as estantes lá em casa estavam abarrotadas de troféus e medalhas.
Quando a música terminou e os dançarinos congelaram em suas posições finais, os aplausos da multidão foram ensurdecedores. Todos estavam de pé, batendo palmas e assobiando em sinal de aprovação, e como eu previ, Claire e Gibsie foram rapidamente coroadas vencedoras.
"Sim, Thor!", gritou Lizzie a plenos pulmões quando um dos juízes colocou uma medalha no pescoço de Gibsie, enquanto outro lhe enfiava um troféu enorme nas mãos. "Você é o campeão!", gritando e gritando como uma louca para o amigo, ela se levantou rapidamente antes de voltar sua atenção para minha irmã, que estava recebendo seus talheres combinando e gritou: "Você é a melhor, Claire!"
Quando finalmente saíram do palco e Liz se jogou de volta no cobertor, ela tinha um sorriso enorme no rosto. "Estou tão orgulhosa deles." Seus olhos brilhavam de entusiasmo. "Aquela foi a melhor coisa que eu já vi." Com as pernas esticadas à frente, Liz apoiou as mãos no cobertor atrás do corpo para sustentar seu peso enquanto continuava a falar comigo.
Tentei ouvir, mas não consegui me concentrar em nada, exceto na maneira como Mark continuava brincando com a trança dela.
Lizzie não pareceu notar, ela estava muito absorta no que estava dizendo, mas eu notei.
Notei e não gostei.
Nem um pouco.
Tentei continuar sorrindo e ignorar, porque ele estava na vida da Lizzie há tanto tempo que era praticamente irmão dela, e eu mesma costumava bagunçar os cachos da minha irmã com carinho brincalhão. Mas eu *não conseguia* me livrar do sentimento protetor que rugia dentro de mim. Talvez fosse porque eu sabia o quanto o Mark intimidava a Gibsie e vê-lo perto da Liz me fazia sentir protetora, ou talvez fosse outra coisa, mas eu não conseguia me livrar do sentimento ruim.
Quando ele empurrou a trança dela para o lado e colocou a mão na nuca dela, senti que me quebrei. "O que você está fazendo com a minha amiga?"
Minha voz foi alta o suficiente para assustar Caoimhe e Liz, que me olharam

como se eu tivesse enlouquecido. Enquanto isso, Mark arqueou uma sobrancelha para mim. "O quê?"
"Com a mão", argumentei, a voz aumentando junto com a minha raiva. "Você está tocando nela."
"Do que você está falando?", Mark retrucou, parecendo surpreso. Seu olhar se voltou para Liz, que tinha uma expressão vazia no rosto, antes de se voltar para mim. "Eu não vou fazer nada."
"Eu não sou cego, seu babaca", instruí, gesticulando para onde ele ainda segurava o pescoço de Lizzie. "Tire a mão da minha amiga *agora* ."
Suas sobrancelhas se ergueram de surpresa e ele rapidamente abaixou a mão. "Calma, Biggs. Eu só estava brincando com ela." Ele cutucou o ombro de Lizzie antes de acrescentar: "Não é mesmo, pequenininho?"
"É", respondeu Liz, olhando para mim como se não entendesse por que eu estava irritada. "O Mark sempre brinca comigo."
"Ah, olha você, todo protetor e ciumento da minha irmãzinha", arrulhou Caoimhe, claramente achando aquilo hilário. "Não se preocupe, Hugo Boss-Man, todo Ballylaggin sabe que o coração da Lizzie pertence a você."
Ignorando os dois, olhei para Lizzie. "Você está bem?"
"Estou bem", respondeu ela, olhando para mim confusa. "E você?"
"É", murmurei, voltando minha atenção para Caoimhe e Mark, que estavam rindo de mim como se eu fosse uma criança estúpida.
Eu não estava.
Eu sabia tudo sobre Mark Allen e como ele gostava de bater em crianças. Crianças mais novas e mais fracas que ele. Eu também sabia que se ele sequer *pensasse* em empurrar Liz como fez com Gibs, eu ia enlouquecer.
Vi os hematomas que ele deixou no meu amigo quando o espancou. Ele pode ter enganado todo mundo, fazendo-o pensar que ele era o menino de ouro de Ballylaggin, mas não conseguiu me enganar. E Ao contrário de Gibsie, eu não tinha problema em denunciá-lo por suas besteiras. Eu já tinha feito isso inúmeras vezes, mas sem sucesso, porque ele era um sujeito esperto que tinha conseguido enganar a madrasta.
O problema era que eu não me importava se alguém acreditava em mim; eu estava mais do que disposto a continuar gritando suas indiscrições dos telhados.
Estreitando os olhos, encarei Mark, enquanto prometia mentalmente: *Um dia desses, os adultos vão ver suas verdadeiras cores, e quando esse dia chegar, estarei lá para assistir sua queda em desgraça* .

VOTOS SAGRADOS, SENHORAS ASSUSTADORAS E IRMÃS SECRETIVAS

Lizzie

23 DE AGOSTO DE 1997

"L IZ, VENHA AQUI, RÁPIDO ", CHAMOU H UGH DO OUTRO LADO DA RUA . "O sol está tão forte que está derretendo o asfalto da estrada."
"É mesmo?" Saltando do meu poleiro na trilha lá fora, larguei o giz com o qual estava brincando e corri até ele.
"Viu?" Hugh cutucou o asfalto preto com o pedaço de pau que segurava. "Está mole."
"Isso é tão *legal* ." Intrigado, ajoelhei-me e cutuquei o asfalto com o dedo, emocionado quando ele se moveu. "Sei que o sol está quente hoje, mas não sabia que ele poderia derreter a *estrada* ."
"Asfalto é muito parecido com chocolate", explicou Hugh, agachando-se ao meu lado para investigar. "Quando está quente, amolece, e quando está frio, endurece."
"Por quê?"
Ele deu de ombros. "Tem muito a ver com seus componentes físicos e com o efeito que o alcatrão tem quando absorve a energia térmica do sol."
Fascinado, eu ouvia atentamente cada palavra enquanto ele me explicava mais um dos mistérios da Terra. Hugh era bom nisso. Ele sempre sabia as respostas para todas as nossas perguntas. Ele não só sabia as respostas, como as explicava de uma forma que não era entediante. Até Gibsie, que odiava a escola, gostava de ouvir Hugh destrinchar as coisas.
Com o canto do olho, avistei uma figura escura e familiar espreitando à distância, e meu estômago embrulhou.
A senhora assustadora.
Ela estava *de volta* .
Eu não a via durante o dia há muito tempo. O remédio que tomei me ajudou a mantê-la fora da minha cabeça. Mas ela estava aqui agora. Ela tinha me seguido até a casa do Hugh.
Piscando rapidamente, desviei o olhar antes de lançar outro olhar em sua direção, e dessa vez ela havia sumido.
A tristeza floresceu dentro de mim porque eu não queria mais ver aquela mulher assustadora. Não como eu costumava vê-la antes dos comprimidos. Se isso acontecesse, meu pai me mandaria embora de novo, e eu não queria ficar doente de novo.
“Deveríamos escrever nossos nomes”, declarou Hugh, me tirando dos meus pensamentos.
"Huh?"
"Nossos nomes", explicou ele, sorrindo calorosamente. "Deveríamos escrevê-los

no asfalto."
"Ah." Balançando a cabeça para clarear os pensamentos, ofereci-lhe um sorriso radiante e concentrei toda a minha atenção nele. "Certo."
Usando a ponta pontuda do graveto que encontrara, Hugh raspou a letra H no asfalto. "Aqui." Ele me passou o graveto e apontou para o símbolo + ao lado da letra H. "Certifique-se de cravar bem o seu L. Senão, ele vai desbotar."
Agarrando o graveto, comecei a esculpir a letra L no asfalto ao lado do dele, enquanto deixava minhas preocupações de lado.
"Pronto." Sentei-me na calçada e admirei nosso trabalho manual. "H mais L." Sorri para ele. "Juntos para sempre."
"É", ele concordou, passando o braço pelos meus ombros. "E daqui a vinte anos, quando voltarmos aqui para visitar, poderemos mostrar isso aos nossos filhos."
"Então você *vai* se casar comigo", provoquei, dando uma cotovelada em seu flanco.
“Achei que já tivesse te dito que faria isso”, ele respondeu, parecendo confuso.
" *Não* , você me perguntou se eu diria sim", corrigi, aproximando-me. "Mas você nunca disse que me *convidaria* ."
"Ah." Suas bochechas ficaram rosadas. "Bem, considere esta conversa como minha confirmação sobre esse assunto."
Eu sufoquei uma risada. "Você fala tão engraçado às vezes."
“De que maneira?”
"Como um adulto", ri, adorando a ideia. "Ou um nerd."
Ele deu de ombros e sorriu. "Talvez, mas aposto que consigo chutar um drop goal da linha de dez metros melhor do que qualquer nerd que você conhece."
"Não sei nada sobre chutes de rúgbi, mas você é mais bonita do que qualquer outro nerd", respondi. "Qualquer outro jogador de rúgbi também." Minhas palavras fizeram Hugh corar completamente dessa vez e eu gargalhei. "Você fica ainda mais bonita quando cora."
"Você não deveria me chamar de bonita, Liz", ele murmurou, parecendo envergonhado. "Eu deveria *te chamar de* bonita."
"Então me chame de bonita."
Ele revirou os olhos. "Você sabe que é bonita."
"Vamos lá, quero ouvir você dizer." Virando o corpo de lado, estendi a mão e agarrei seu rosto, forçando-o a olhar para mim. "Não seja tímido."
"Você é bonita", disse ele, com os olhos fixos nos meus. "A garota mais bonita de Ballylaggin."
"Obrigada", sorri de volta para ele. "E o que mais?"
"O que você quer dizer?"
“Não havia nada que você ia me perguntar?”
Ele revirou os olhos novamente. "É, Liz, quando tivermos dezenove anos, não nove."
"Dezenove é muito longe." Ri, sentindo-me travessa. "Pergunte-me agora."
"Isso é tão constrangedor", Hugh gemeu, e então, porque sabia que eu não deixaria passar, ele pigarreou antes de perguntar: "Elizabeth Eleanor Young, você me daria a grande honra de me tornar Elizabeth Eleanor Biggs?"
"Sim, Hugh Andrew Biggs", respondi, entre gargalhadas. "Eu adoraria."
"Milady é muito gentil", respondeu ele com seu sotaque brincalhão de cavaleiro

valente, antes de se levantar e fazer uma reverência dramática. "Deste dia em diante, querida esposa, esta espada será juramentada a você." Ele colocou seu cajado aos meus pés e se curvou novamente. "Matarei todos os seus inimigos, a protegerei dos dragões e a protegerei com a minha vida."
"E eu o protegerei com a minha, querido Marido." Agarrei o bastão, pulei de pé e o balancei. "Não tenha medo, bravo cavaleiro, pois serei sua arma secreta em todas as batalhas."
Hugh abriu a boca para responder, mas rapidamente a fechou quando sua atenção se voltou para algo atrás de mim.
"Você está bem?", perguntei, observando sua expressão atentamente.
Ele não parecia bem. Na verdade, seus olhos estavam semicerrados e seu rosto estava franzido.
“Hugh?”
"Liz." Ele manteve o olhar fixo em algo por cima do meu ombro e apontou. "Você vê aquilo?"
Curioso, virei-me para olhar, mas fiquei paralisado quando meus olhos avistaram a figura familiar.
"Meu Deus!", virei-me para olhar boquiaberta para Hugh. "Você também a viu?"
"É." Ele assentiu. "Eu a vejo, Liz."
Meu coração batia tão forte no peito que pensei que fosse explodir.
Hugh podia vê-la.
Ele podia ver a louca.
Não estava tudo na minha cabeça.
"Venha aqui, Liz", ele instruiu com voz severa, estendendo a mão para mim. "Agora mesmo."
Não discuti, indo direto para o lado dele sem hesitar. "É ela, Hugh." Peguei sua mão estendida entre as minhas e a afundei em seu flanco. "Essa é a mulher assustadora."
"Eu a vejo", respondeu ele, com a atenção voltada para o estranho que nos observava através da fileira de árvores no final da rua sem saída. Arrancando o bastão da minha mão, ele me puxou para perto e o brandiu à nossa frente. "Não se preocupe. Estou aqui."
"Acho que ela é um monstro", admiti com um arrepio. "Ela tem garras afiadas e tudo."
"Ela não é um monstro", respondeu ele, me levando lentamente de costas em direção à entrada da garagem. "Ela é uma esquisita."
"Mas você consegue mesmo vê-la, né?" Continuei a sondar, precisando da sua validação, enquanto ele nos fazia recuar escada acima, na varanda. "Não estou sonhando, estou?" Em pânico, agarrei-me à sua mão. "Isso é real, não é? Estamos mesmo aqui?"
"É, Liz", ele confirmou, parecendo tão firme e seguro de si que me senti melhor. "Estou aqui com você, prometo."
Quando chegamos à porta da frente, Hugh me empurrou para dentro antes de entrar atrás de mim e bater a porta. "Caoimhe!", rugiu ele, ainda segurando a bengala. "Venha aqui rápido!"
Minha irmã estava tomando conta da Sinead hoje e, quando ela colocou a cabeça pela porta da sala, pareceu irritada. "O quê?"

"A mulher assustadora voltou!", eu disse, engasgado. "Ela me encontrou."
Minha irmã revirou os olhos. "Liz, já conversamos sobre isso um milhão de vezes. Não existe mulher assustadora."
Abri a boca para protestar, mas Hugh chegou primeiro. “Não sei sobre mulheres assustadoras, mas há uma mulher assustadora no "No fim da rua", disse ele, me aconchegando mais uma vez ao seu lado. "Eu a vi pessoalmente, Caoimhe. Ela estava nos observando."
Caoimhe encarou Hugh por um longo instante antes de rir. "Tá, tá, pessoal, puxem a outra perna."
"Você me vê rindo?", Hugh disparou, apontando para a porta. "Ela está logo ali na rua, Caoimhe. No fim da rua sem saída. Na mata."
"Você está falando sério?"
Hugh assentiu. "Mortal."
"Meu Deus!" O sorriso da minha irmã sumiu. "Cadê a Claire?"
“Lá em cima com Gibs.”
"Certo. Certo." Assentindo para si mesma, ela se dirigiu para a porta, parecendo prestes a vomitar. "Vocês dois fiquem em casa", instruiu ela antes de abrir a porta. "Não me sigam."
No momento em que ela saiu correndo da garagem e correu em direção ao fim da rua, nós, é claro, corremos para fora para ver.
"Onde você a viu?", perguntou Caoimhe quando ela retornou alguns minutos depois.
Parados no final da entrada da garagem, apontamos para a fileira de árvores no final da rua sem saída. "Bem ali."
"Não tem ninguém aí", ela retrucou, parecendo frustrada. "Se vocês dois estão me pregando uma peça patética, eu vou ficar seriamente..."
"Ela estava bem ali, Caoimhe", interrompeu Hugh, parecendo igualmente frustrado. "Isso não é uma brincadeira."
“Sim, bem, parece mesmo que sim, porque não tem ninguém na floresta, Hugh.”
"Então ela deve ter desaparecido de novo", sugeri, tremendo. "A mulher assustadora é boa nisso. Ela pode simplesmente sumir e sumir em..."
"Meu Deus, chega dessa história de mulher assustadora", rugiu Caoimhe, me encarando. "Já é ruim o suficiente você ter se deformado sua própria mente com besteiras malucas, mas agora você está distorcendo a dele também.”
"Ei!" Hugh disparou, parando na minha frente. "Sua irmã não me enganou, Caoimhe. Eu vi a mulher com meus próprios olhos."
"Claro que sim, junto com o próprio São Patrício e o Coelhinho da Páscoa", ela retrucou sarcasticamente, voltando para casa pisando duro. "Faça uma coisa dessas de novo, Hugh Biggs, e eu conto para os seus pais."
"Ela não acredita em mim, Hugh", eu disse quando minha irmã bateu a porta da frente atrás dela.
"Não importa no que ela acredita", rosnou ele, segurando minha mão na sua enquanto olhava feio para a porta da frente fechada. "Você está dizendo a verdade."
"Eu sou?"
"É, Liz." Quando seus olhos se voltaram para os meus, pude ver a compaixão transbordando deles. "Você é."

"Certo." Soltei um suspiro trêmulo, e Hugh apertou minha mão para me tranquilizar. "Certo."

ESTE É O BRIAN

Hugo

5 DE SETEMBRO DE 1997

" VOCÊ QUER VIR PARA UMA JOGADA ?" PERGUNTOU AO G IBS QUANDO DESCEMOS do ônibus escolar na tarde de quinta-feira.
"É, deixa eu só tirar esse uniforme de presidiário", respondeu ele, caminhando penosamente pela entrada da garagem até a porta da frente. "O que sua mãe vai fazer para o jantar hoje?"
"Bacon e repolho", respondi, seguindo-o para dentro de casa. "Com batatas assadas."
"Uhuuu", Gibs comemorou, parecendo encantado. "Meu favorito de todos os tempos."
"Meninos!", gritou Sadhbh da sala de estar. "Venham ver o presente de casamento que o Keith me deu."
Gibsie virou pedra no corredor, e eu sabia que sua cabeça estava prestes a girar, então coloquei uma mão reconfortante em seu ombro e sussurrei: "Fique com a cabeça".
"Manter a *cabeça* ?" Com um ar revoltado, Gibs me encarou. "Já é ruim ela ter me obrigado a ir ao casamento idiota deles em Paris — eles arruinaram o lugar mais mágico do mundo para mim, aliás —, mas agora ela espera que eu admire os presentes idiotas de casamento dela."
"Eu sei, eu sei", insisti, guiando-o em direção à porta da sala. "Mas ela ainda é sua mãe, rapaz." No entanto, todas as tentativas de bancar a pacificadora desapareceram da minha cabeça quando cruzei os olhos com a criatura escalando as cortinas da sala de estar.
"Que porra é essa?" Gibsie expressou meus pensamentos em voz alta, enquanto apontava para a gigantesca bola de pelos brancos em movimento.
"Este é o Brian", declarou Sadhbh orgulhosamente, gesticulando para a bola de pelos de aparência demente que rasgava tiras das cortinas do seu quarto. "Ele não é lindo?"
Franzindo a testa, Gibsie deu um passo incerto para dentro do quarto. "É um *gato* ?"
Era mesmo? "Não, rapaz", murmurei, seguindo-o para dentro. "Parece um pouco grande para um gato."
"Claro que ele é um gato", Sadhbh riu. "O Brian é meio Maine Coon, meio Persa."
"Main Coon?" Gibsie arregalou os olhos, horrorizada. "Que porra é *essa* ?"
"Linguagem, meu chapa", repreendeu a mãe, enquanto caminhava até a janela e recuperava o felino gigante. "Agora, não deixe o tamanho dele te desanimar. No fundo, Brian é um gatinho doce e carinhoso."
“Por que as patas dele parecem de um labrador, Hugh?”
“Nunca vi um labrador com garras como essas, Gibs.”

"Não sejam bobos, rapazes." Sadhbh carregou o animal até onde estávamos e sorriu. "Vamos lá, façam uma massagem nele."
Não, porra, obrigado , pensei comigo mesmo, dando um passo para trás com segurança, enquanto simultaneamente empurrava Gibsie para a frente. "Pode fazer carinho nele primeiro, rapaz."
"Por que as orelhas dele estão espetadas como chifres?", perguntou Gibs, observando a criatura de olhos amarelos. "Por que ele parece querer me matar?"
"Não seja bobo, meu chapa", Sadhbh riu, abraçando a enorme bola de pelo branco. "O Brian só está curioso."
Sim, mais ou menos o gosto do meu amigo .
Parecendo incerto, Gibs levantou a mão para acariciar a cabeça de Brian, e foi aí que o caos se instalou.
Cuspindo e sibilando como a fera que parecia, Brian investiu contra meu amigo, e juro que achei que vi seus olhos ficarem vermelhos quando ele olhou para Gibsie e começou a atacar.
"Ahhhh!" O grito agudo de Gibsie teria sido cômico se ele não estivesse sendo atacado. "Ele está me matando, mãe!" Caindo no carpete, Gibs rolou pelo chão da sala, tentando desesperadamente se livrar da fera selvagem.
"Não, não, não, Brian!" Sadhbh meio que repreendeu, meio que arrulhou, enquanto se apressava para intervir. "Gerard é seu irmão, meu gatinho. Você não pode morder seu irmão."
Sim, foda-se *isso* .
Girando nos calcanhares, saí correndo da casa deles o mais rápido que minhas pernas conseguiam me levar, enquanto gritava: "Hoje não, Satanás, hoje não!"

O GRANDE LOBO MAU

Lizzie

31 DE OUTUBRO DE 1997

" OBRIGADA POR ME RECEBER , LIZ ", DISSE CLAIRE NA MANHÃ DE SEXTA -FEIRA, DURANTE UMA ÉPICA SESSÃO DE PINTURA NA MINHA SALA DE ESTAR. "Tive a melhor festa do pijama da minha vida com você."

Ontem à noite, a Claire dormiu na minha casa pela primeira vez. Convidei a Shannon também, mas ela não veio. Não fiquei surpreso com isso. Ela também nunca vinha às festas do pijama da Claire. Os pais dela eram rigorosos com esse tipo de coisa.

"Eu também", respondi, embora não dormisse muito. Claire fazia os roncos mais estranhos enquanto dormia, o que geralmente me mantinha acordado, mas eu nunca me importava com isso. Eu estava feliz apenas por estar com ela. Claire estava sempre feliz e, quando eu passava um tempo com ela, eu também me sentia feliz. Como agora, por exemplo. Estávamos colorindo na minha sala de estar, enquanto esperávamos para sermos buscados para a festa do Hugh, e eu me senti *feliz* . Não estava com medo, nem triste, nem com raiva. Tudo o que eu sentia era paz e contentamento. Claire me dava isso sem nem perceber.

"Você faz o melhor pato do mundo", acrescentei, olhando para sua fantasia de Halloween. Ela usava uma fantasia de pato fofinha e amarela, com meia-calça amarela e pés gigantescos e palmados.

"Eu sou uma galinha", corrigiu ela, com a língua de fora, enquanto se concentrava em colorir. "Gerard é um ovo."

"Ah." Cobrindo a boca para conter o riso, concentrei minha atenção na imagem em que estava trabalhando. Eu gostava de criar capas para todas as minhas histórias, e esta seria a capa para o meu mais recente. Fiquei tão orgulhosa quando meu pai os imprimiu no computador e os grampeou.

A história de hoje foi intitulada *As Aventuras de Dorothy Tickle e Samson Strong* .

Com o conteúdo do meu estojo espalhado sobre a mesa de centro, me esforcei para manter a linha, como Hugh havia me ensinado. Eu sabia o que fazer, é claro, mas minha letra não parecia tão precisa quanto a dele. Minhas cores também não eram tão precisas.

"Como estão minhas garotas favoritas?", perguntou uma voz familiar da porta, me deixando tensa e Claire gemendo. "Ugh." Torcendo o nariz em desaprovação, ela estreitou os olhos para Mark. "Você é tão irritante."

Rindo, Mark entrou na sala e se acomodou no sofá atrás de nós. "Você é uma gracinha, Baby Biggs", ele refletiu, zapeando pelos canais da nossa televisão.

"E você faz um cheiro ruim, Stinky Mark", respondeu Claire, colorindo a página com mais intensidade.

"E você, pequenininho?" Ele cutucou meu quadril com o pé calçado em meia. "Qual é a dessa peruca preta e vestido assustador? Vai se vestir de bruxa ou algo

assim?"
"Lizzie *não é* uma bruxa", corrigiu Claire, parecendo indignada. "Ela é Mortícia Addams."
“E deixe-me adivinhar; seu irmão é Gomez.”
"É isso mesmo, e já temos um amigo que vai interpretar Lurch, então você deveria parar de fazer essa cara de idiota."
"Você é uma bruxinha atrevida, não é?"
“Eu sou uma galinha, não uma bruxa, idiota.”
Eles continuaram discutindo, enquanto eu tentava me fazer o menor possível, desejando poder estalar os dedos e *sumir* como a moça assustadora.
Sentindo-me mal, voltei minha atenção para a imagem de Dorothy e Sansão. Dorothy era igualzinha a mim, e eu estava Decidi dar a Sansão uma linda capa dourada. Dourada para combinar com a pele dele. E ele teria lindos olhos cor de uísque e cabelos loiros e ondulados.
"Desligue isso", ordenou Claire em voz alta, atraindo minha atenção para onde ela apontava, para a televisão. "Isso não é 'apropriado para os meus olhos'."
“É *Baywatch* .”
"E daí? Ainda não é 'apropriado para os meus olhos'."
“Quem disse?”
“Minha mãe.”
Olhei para a tela da televisão e vi dois salva-vidas se beijando e se tocando no chuveiro.
Eu sabia tudo sobre isso.
E veio depois do toque.
O monstro me mostrou.
"E você, Baby Biggs?", Mark continuou a provocar meu amigo. "Já beijou meu irmão daquele jeito?"
"Você é burra?" Claire torceu o nariz, enojada. "Eu tenho oito anos."
"E você, pequenininho?" Ele me cutucou com o pé de novo. "Aposto que você anda beijando o irmão dela daquele jeito."
"O Hugh é amigo dela, seu esquisitão, e a Liz só tem nove anos", defendeu Claire, dando um tapa no pé dele. "Pare de nos irritar ou vou dedurar você pra Catherine!"
"Você tem fogo dentro de si, não é, Baby Biggs?" Mark riu, claramente despreocupado com o aviso dela. "Que bom."
O som da porta da frente batendo encheu meus ouvidos, seguido pela voz da minha irmã quando ela gritou: "Olha quem eu encontrei lá fora, meninas". Minha irmã apareceu na porta com um garoto familiar de cabelo encaracolado ao lado dela.
“Gibs!” exclamei ao mesmo tempo em que Claire gritou, “Gerard”.
"Olha só o seu estado", Mark disparou, encarando meu amigo. "Que porra de fantasia é essa?"
"Ele é um ovo", defendeu Claire, indo direto para Gerard. "E eu sou uma galinha."
"Ele é um babaca, é isso que ele é", murmurou Mark.
"Deixe-o em paz", advertiu Caoimhe, dando-lhe uma cotovelada ao se juntar a ele no sofá. "Ele é só uma criança."

Os olhos de Gibsie se voltaram para Mark antes de se concentrarem em Claire. "Você está bem?"
"Claro", respondeu ela alegremente, abraçando-o. "Senti sua falta, Gerard."
"Também senti sua falta", respondeu ele, desviando a atenção do meio-irmão para Claire. "Sua mãe está lá fora conversando com a Catherine", acrescentou, virando-os para que ele ficasse de costas para o sofá. "Eu queria ir com ela para ter certeza de que você estava bem." Ele deu de ombros. "Tem certeza de que está bem?"
"Estou bem, Gerard", Claire riu, pulando de um pé para o outro de pura excitação que claramente sentia por reencontrá-lo. "A mamãe está lá fora?"
“Sim, ela está falando com Catherine.”
"Vou abraçá-la", anunciou ela antes de correr para a porta. "Você pode pegar minha bolsa no seu quarto, Liz?"
“Sim”, respondi, observando-a desaparecer de vista.
"Gibs!", latiu Mark, fazendo nós dois pularmos. "Vem cá, seu filho da puta. Quero falar com você."
Gibsie pegou minha mão ao mesmo tempo em que eu peguei a dele, e eu perguntei: "Você quer subir comigo para pegar a bolsa da Claire?"
Assentindo ansiosamente, ele acompanhou meu passo enquanto disparávamos para o corredor, indo direto para a escada o mais rápido que podíamos.
Sem parar até estarmos dentro do meu quarto, Gibsie ficou de costas para a minha porta e exalou várias vezes, trêmulo.
"Você está bem?", perguntei, preocupada.
"É, eu..." Respirando fundo, ele ergueu a mão e se concentrou momentaneamente na respiração até ela se acalmar. "Eu simplesmente odeio aquele cara."
"Você faz?"
Ele me ofereceu um aceno curto. "Eu nunca odiei ninguém antes, mas eu realmente o odeio."
"Você consegue guardar um segredo?", sussurrei, sentindo-me nervosa.
Os olhos de Gibsie estavam cautelosos, mas sua cabeça balançava lentamente enquanto ele caminhava até minha cama e se sentava ao meu lado. "Guardarei seu segredo, Lizzie."
"Você jura?"
Outro aceno nobre. "Promessa de mindinho."
Enganchando meu dedo mindinho no dele, virei-me e dediquei-lhe toda a minha atenção. "Acho que também o odeio."
Assim que as palavras saíram da minha boca, comecei a tremer. "Desculpa", respondi rapidamente. "Eu não devia ter dito isso."
Pelo menos não em voz alta.
"Está tudo bem", respondeu ele, pegando na minha mão. "Está tudo bem, Liz."
Não estava tudo bem.
Porque se ele descobrisse…
Respirando forte e rápido, tentei me concentrar no rosto de Gibsie e não nas vozes que ficavam mais altas na minha cabeça.
Eu não queria que o monstro aparecesse agora.
Não durante o dia.

Meu amigo ficou sentado comigo por um longo tempo, com os olhos fixos nos meus, antes de finalmente falar: "Ele te machucou?"
"Quem?"
"Marca."
Pensei nisso por um longo tempo antes de balançar a cabeça.
"Tem certeza?"
Eu estava?
Eu costumava pensar assim, mas não mais. Era o monstro dos meus sonhos o tempo todo, não o Mark. O monstro me pegou à noite, enquanto eu dormia, mas os médicos disseram que ele não era real. Mas e minha irmã? Ele definitivamente a pegou.
Aproximei-me e sussurrei em seu ouvido: "Ele machuca Caoimhe". E então apontei para a minha cama para enfatizar o que eu estava tentando lhe dizer. "Ele faz coisas com ela."
Seu corpo inteiro se enrijeceu. "Que tipo de coisas?"
"Coisas ruins", sussurrei, lembrando-me vividamente. O que eu tinha visto. Na escuridão da noite, quando eu deveria estar dormindo. O choro dela. A tristeza. A dor no meu coração. "Ele tira todas as roupas dela e então solta uns rosnados enquanto a segura na cama. Ele enfia aquela coisa dura dentro dela e ela chora, Gibs. Ela chora tanto, mas ele sempre cobre a boca dela com a mão e continua cutucando até ela parar de chorar. E então, quando ele para de lutar com ela, quando a substância branca sai, ele sai da cama e volta para... ele desce para beber."
Gibsie estendeu a mão e enxugou uma lágrima do rosto. "Ele é mau, Liz. Ele faz isso na minha casa também."
Meus olhos se arregalaram de horror. "Para Caoimhe quando ela dormir aqui?"
Gibsie parou por um momento antes de fechar os olhos e concordar.
"Quero que ele vá embora", admiti, correndo para mais perto dele, enquanto confessava meus pensamentos em voz alta pela primeira vez. "Não gosto quando ele está na minha casa." Tremendo, acrescentei: "Quero que ele vá embora e *nunca* mais volte."
"Eu também", ele sussurrou, virando seus olhos cinzentos e brilhantes para mim.
"Não contei a mais ninguém", sussurrei. "Nem ao Hugh."
"Eu também não", sussurrou ele. "Nem mesmo a Claire."
"Promete que não vai contar?" Levantei meu dedo mindinho. "Não posso me meter em encrenca de novo." Vão me mandar embora.
"Eu prometo que se você prometer", ele jurou, enganchando meu mindinho no dele. "Eu o levo para o túmulo."
"Eu também." Soltei um enorme suspiro de alívio antes de perguntar: "Você acha que deveríamos tentar separá-los?" Dei de ombros antes de acrescentar: "Pelo menos assim ele teria que parar de machucar minha irmã à noite."
"Sua irmã não vai terminar com ele", respondeu Gibsie, com os olhos cheios de tristeza. "Ela quer se casar com ele."
"Não quero que Caoimhe se case com Mark." A tristeza me invadiu o estômago ao pensar nisso. "Então ele ficará aqui para sempre."
"Não se preocupe", Gibsie tentou me acalmar, enxugando uma lágrima do meu rosto. "Quando isso acontecer, já seremos adultos, com nossas próprias casas, e

ele não será convidado para entrar."
“Como os três porquinhos e o lobo mau?”
"Exatamente", ele concordou com um pequeno sorriso. "Mark Allen pode bufar o quanto quiser quando eu for adulto, mas serei forte o suficiente para mantê-lo afastado."
"Eu também", concordei, fechando minha pequena mão em punho. "E o bravo cavaleiro o deterá com sua espada se ele tentar descer pela minha chaminé."
“Ei, Lizzie?”
"É, Gibs?"
"Tem certeza de que está bem?"
"É." Sorrindo, estendi a mão e enxuguei uma lágrima do seu rosto. "Estou sempre bem, Gibs."

PARTE 6

Dores do Crescimento

CRIATURAS E CONFORTOS DE CRIATURAS

Lizzie

22 DE FEVEREIRO DE 1998

Eu sempre me sentia no meu melhor quando passava um tempo na casa da Claire e do Hugh . Não importava quais jogos jogávamos ou qual refeição deliciosa a Sinead servia no jantar. A casa deles parecia um *verdadeiro* lar, e era o único lugar para onde eu podia ir para escapar dos pesadelos. Quando eu ficava na casa deles, eu conseguia relaxar.
Eu conseguia respirar .
Hoje não foi diferente, exceto pelo fato de que eu *deveria* estar do outro lado da rua, na festa de dez anos da Gibsie. Em vez disso, voltei sorrateiramente para o quarto número quatro e estava encolhida como uma bola na cama do Hugh.
Tudo no quarto de Hugh era reconfortante: sua cama, sua mesa, os quadros pendurados nas paredes, os livros que ele lia empilhados em cima do criado-mudo e até mesmo o cheiro do sabão em pó que sua mãe usava em seus lençóis.
Eu amava o Gibsie, ele era um dos meus melhores amigos no mundo, mas às vezes a casa dele me lembrava a minha, e eu também não queria estar lá.
"Então é aqui que você estava se escondendo." Hugh estava parado na porta do seu quarto com um sorriso estampado no rosto. "Você acabou de perder a coisa mais engraçada de todas, Liz", ele me disse, com os olhos brilhando de excitação. "Danny Call acabou de perder um pedaço inteiro do tornozelo, cortesia do Brian." Rindo baixinho, Hugh foi até a cama e se jogou ao meu lado. "Você devia ter ouvido ele gritar."
"Aquele felino selvagem pertence a um zoológico", pensei. "Não me importa o que Sadhbh diga sobre ele ser meio persa, porque eu juro, ele é meio tigre albino."
"Ele é meio demônio, é isso que ele é", corrigiu Hugh com uma risadinha. "Ele escapou pela porta dos fundos e aterrorizou todos os rapazes. Todo mundo está ferrado de tanto tentar pegá-lo." Outra risada calorosa escapou dele. "Gibs e Claire estão lá fora tentando prender uma guia na coleira dele para atraí-lo de volta para dentro de casa."
"Então ainda bem que não o vi", respondi. "Porque se aquela fera me mordesse, eu o morderia de volta."
"Você não quer dizer que o morderia *de novo* ?", Hugh provocou, cutucando meu ombro.
"Ei! Só fiz isso porque ele mordeu *minha* orelha primeiro e não soltou até eu retribuir o favor", defendi, sem conseguir impedir que meu sorriso se alargasse ou meu coração palpitasse quando ele pegou minha mão. "Você sabe como diz o ditado, Hugh." Sorrindo, dei de ombros. "Faça joguinhos idiotas."
"E ganhar prêmios idiotas", Hugh completou para mim, ainda rindo enquanto entrelaçava seus dedos nos meus. "É, bom, acho que o Brian vai pensar duas vezes antes de te desafiar de novo."

"Como deveria", ri. "Ele te pegou?"
"Não." Hugh sorriu para mim. "Sou muito rápido."
"Quer dizer que você é inteligente demais para chegar perto dele."
"Isso também", respondeu Hugh, suspirando divertido antes que seu sorriso rapidamente se transformasse em uma carranca. "Ai, merda." Desembaraçando nossas mãos unidas, Hugh virou minha mão e olhou para o meu pulso. Seus olhos escureceram quando ele passou o dedo pela linha irregular recém-formada. "Brian te pegou de novo?" Seus olhos castanhos e preocupados se voltaram para os meus. "Foi por isso que você saiu da festa?"
Não . "É." Contendo um arrepio, tirei a mão da dele e abaixei a manga. Sentando-me, juntei as mãos e dei de ombros. "Desculpe."
"Não se desculpe, Liz", respondeu ele, virando o corpo para mim. Ele tinha um sorriso no rosto, mas seus olhos ainda demonstravam uma profunda preocupação. "Quer que minha mãe dê uma olhada nesse arranhão? Parece bem fundo."
"Não, vou ficar ótimo." Ansiosa, estendi a mão e coloquei meu cabelo atrás das orelhas. "Nem consigo sentir."
Hugh me encarou por um longo tempo antes de recapturar minha mão. "O que houve?"
"O que você quer dizer?"
"Você parece assustada." Seus olhos procuraram os meus. "Você não está me contando nada."
"Estou bem." Sorrindo, forcei uma risada, mas foi uma tentativa fraca. "Sinceramente, estou ótimo, Hugh."
Ele não pareceu convencido. "Fale comigo."
Eu não consegui.
Meu Deus, eu queria.
Mas eu simplesmente *não consegui* .
"Algum dos rapazes te disse alguma coisa?", perguntou ele então, com os ombros tensos. "Na festa? Alguém estava sendo babaca?"
"Não."
“Então por que você parece que está a dois segundos de chorar?”
"Eu não." Meus olhos se encheram de lágrimas. "Eu não estou."
"Liz, vamos lá." Ele me lançou um olhar incrédulo. "Sou *eu* ."
"Eu só..." Balançando a cabeça, soltei um suspiro de dor antes de murmurar: "Não importa."
"Se algo está te incomodando, então importa", respondeu ele, mantendo seus olhos castanho-claros fixos nos meus. "Importa muito *para* mim."
“Eu…” Abri a boca para responder, mas tudo o que saiu foi uma respiração trêmula, porque o que eu poderia dizer a ele?
Que eu estava atormentado pelos monstros que minha própria imaginação havia conjurado para me aterrorizar?
Que eu era atormentado por imagens repugnantes e pensamentos horrendos que me faziam querer morrer?
Ou que tal dizer a ele que eu era imundo, impuro e defeituoso?
Sobre qual delas eu deveria contar a ele?
Qual pecado seria o que o afastou?

"Estou apenas tendo um dia ruim", finalmente decidi.
Hugh olhou para mim como se não acreditasse, mas não insistiu. Em vez disso, apertou minha mão e sussurrou: "Eu te amo, Lizzie Young".
Culpa e esperança floresceram em meu peito, fazendo-me sentir animada e devastada ao mesmo tempo. "Não importa o que aconteça?"
"É, Liz." Ele se aproximou e encostou a testa na minha. "Não importa o que aconteça."

A BEIRA DOS DEZESSETE

Hugo

2 DE MAIO DE 1998

MINHA IRMÃ E G IBS FIZERAM UMA COMPETIÇÃO DE DANÇA NO PAÍS NESSE FIM DE SEMANA , e minha mãe providenciou para que eu ficasse na casa de Lizzie até eles voltarem.
Deveria ter sido o melhor fim de semana da minha vida, e provavelmente teria sido se não fosse por Caoimhe e eu ainda estarmos brigados.
Eu mal havia trocado mais de dez palavras com ela desde o verão passado, quando ela se recusou terminantemente a acreditar que Liz e eu não tínhamos inventado a mulher na floresta.
Pior do que não acreditar em nós, ela convenceu nossos *pais* a ficarem do lado *dela* , o que deixou todos pensando que tínhamos inventado tudo. Até minha *mãe* foi levada para o lado negro, acreditando que eu tinha evocado a mulher na floresta.
Eu não tinha.
Eu sabia o que vi naquele dia.
Eu tinha a sensação de que, lá no fundo, Caoimhe também sabia.
O fato de ela continuar a me rotular de mentiroso só intensificou minha sede de vingança.
E quanto mais forte meu rancor crescia .
Ela fez dezessete anos na quinta-feira passada e tinha uma festa enorme marcada para sábado em casa. Eu nem desejei feliz aniversário quando desci para a festa hoje à noite com a Liz. É, minha suposta babá poderia ter um desses quando começasse a contar a verdade.
Quanto ao namorado babaca dela, que andava pela casa como se fosse o dono, bem, ele podia dar uma longa caminhada em uma praia pequena. Sério. Eu realmente esperava que ele desse, porque a simples visão da cara presunçosa dele me deixou com os dentes cerrados e meu reflexo de vomitar travado, carregado e pronto para explodir.
Idiota .
Grudadas uma na outra como cola durante toda a festa, Liz e eu revezamos entre assistir filmes no quarto dela e descer sorrateiramente para roubar lanches.
Ela parecia muito mais relaxada neste fim de semana e tinha dormido como um bebê na noite passada. Ela atribuiu isso ao fato de eu estar em seu quarto, tendo me dito inúmeras vezes que eu era seu apanhador de sonhos. Aparentemente, minha presença em seu quarto, com minha cama improvisada no chão ao lado da dela, mantinha os monstros afastados.
Eu não gostava de pensar muito nisso porque, sempre que pensava, era invadido por ondas e mais ondas de devastação. Era um lembrete de que ela era diferente. Que ela tinha um problema que eu não conseguia resolver. Eu não conseguia lutar contra o que não conseguia ver, e isso me fazia sentir impotente.

Mas nada disso me assustou ao estar com ela. Porque, mesmo que eu não tivesse a capacidade emocional de realmente apreciar as batalhas que ela travou, eu tinha os meios para reconhecer a mente talentosa escondida sob as partículas fragmentadas.
A família dela parecia não entendê-la — bem, seu pai e sua irmã certamente não — mas eu entendi.
Minha melhor amiga tinha uma mente linda, complexa e brilhante, e eu sabia que tinha amor suficiente no meu coração para que ela permanecesse ao seu lado.
Não importa o que .
“É o aniversário da sua irmã”, disse Mark, entrando no quarto de Lizzie pela terceira vez naquela noite.
Sem bater .
Pela terceira vez .
"Da próxima vez que você entrar aqui sem bater na porta, vou arrancar a sua cabeça", avisei, encarando-o do meu lugar no chão do quarto dela. Sacudindo os dados na mão, joguei-os no tabuleiro de Banco Imobiliário antes de acrescentar: "Aviso justo".
"Dois seis te levam para além do meu hotel", Lizzie gemeu, parecendo completamente devastada quando movi minha estatueta de bota pelo tabuleiro. "Maldito seja, Hugh Biggs. Eu estava contando com aquele dinheiro para me tirar da cadeia."
“Você não me ouviu, pequenino?”
Ignorando-o completamente, Lizzie pegou os dados para sua vez, mas sua mão tremia de um jeito que me fez saber que ela estava estressada.
Além de irritado com a presença dele, e ainda mais irritado com aquele apelido horrível, me levantei e fui em sua direção. "Você é mesmo tão desprovido de inteligência?", perguntei, depois de ter bebido mais do que minha cota habitual de Mark Allen em um fim de semana. "Se você é burro demais para entender a indireta, então deixa eu te explicar. A Liz não se importa com a festa da sua namorada. Nem um pouquinho, e eu também não. Então, por que você não faz um favor a todos nós e vai se foder?"
O babaca pareceu tão surpreso que alguém mais jovem que ele teve a coragem de enfrentá-lo que se distraiu quando fiz meu próximo movimento.
Empurrando seu peito com toda a força que pude, senti uma onda de satisfação quando ele cambaleou para trás, me dando ampla oportunidade de fechar e trancar a porta.
"Seu merdinha atrevido", rosnou ele do outro lado da porta. "Você vai ter o que merece, Biggs. É só esperar."
"Estou ansioso por isso", respondi, revirando os olhos. "Cérebro de babaca."
"Isso foi épico!", Liz me olhou com os olhos arregalados e sorriu. "Mas você não tem medo de que ele revide?"
"Não, porque é só conversa", respondi, sem nenhum medo do valentão que eu estava rapidamente ultrapassando em altura. Voltando para o lado dela, peguei os dados para rolar a minha vez. "Valentões se alimentam do medo." Dando de ombros, acrescentei: "E o Mark não pode se alimentar de mim."
"Por que não?"

“Porque *não tenho* medo dele.”
"Você não?"
"Não, Liz, e você também não deveria", respondi. "Porque eu o mataria antes de *deixar que* ele te machucasse."
"Você faria isso?"
“Sem dúvida.”
"Por quê?"
Dei de ombros. "Porque você é meu melhor amigo, e não há nada que eu não faria para te proteger."
Seus olhos azuis se suavizaram quando ela sussurrou: "Eu te amo tanto, Hugh Biggs". Estendendo a mão, ela cobriu a minha com a dela e sorriu. "Queria que você pudesse ficar comigo para sempre."

DESEJOS DE ANIVERSÁRIO E BEIJOS NA MÃO

Hugo

9 DE JUNHO DE 1998

" FELIZ ANIVERSÁRIO PARA VOCÊ, FELIZ ANIVERSÁRIO PARA VOCÊ, FELIZ ANIVERSÁRIO PARA M ILADY , feliz aniversário para você." Cantando como um corvo defeituoso, vaguei pela grama alta no prado da família Young depois da escola na terça-feira, armado com presentes de aniversário, uma toalha de piquenique e um bolo no formato do número dez.
Dando uma gargalhada, Lizzie pulou de um dos balanços de madeira presos a uma árvore e correu em minha direção. "Ora, obrigada, bravo cavaleiro." Ao me alcançar, ela se esticou na ponta dos pés e me deu um beijo na bochecha. "Meu herói."
Como de costume, ela usava um macacão, mas este terminava na altura dos joelhos. Outra peça essencial que ela usava era uma camisa de flanela, e hoje não foi diferente. Ela estava com o tecido xadrez amarrado na cintura. Os joelhos manchados de grama complementavam o cabelo desgrenhado e salpicado de grama, e a lama manchava sua bochecha.
“Obrigada por vir”, ela disse, me tirando dos meus pensamentos.
“Sempre, Liz.”
Sorrindo, ela tirou seu chapéu imaginário de brincadeira para mim antes de adotar um sotaque sulista para dizer: "Parece que você não é o único garoto de dez anos na cidade, cowboy."
"Agora, vá com calma, Srta. Dolly", respondi, fingindo um sotaque sulista. "Serei seu pai novamente em quatro luas cheias."
"Você é tão esquisito", ela riu, colocando o cabelo atrás das orelhas. "Obrigada pelo meu bolo." Uma risada escapou dela ao olhar para o pedacinho do bolo que tinham tirado do bolo número um. "Gibsie?"
"Você precisa mesmo perguntar?" Entregando a Liz o bolo que Sadhbh tinha feito para ela, estendi a toalha de piquenique na grama e me afundei nela. "Você teve sorte de eu tê-lo flagrado, senão estaria comemorando com um zero em vez de dez."
"Que ótimo", ela respondeu, abaixando-se para sentar-se de pernas cruzadas, de frente para mim. "Você é tudo que eu quero de aniversário."
O jeito como ela disse isso num tom tão indiferente, como se fosse óbvio que ela só me desejaria, me fez sentir como se valesse um milhão de libras. Mesmo que suas palavras tenham sido como um choque elétrico no meu peito, fingi que não tinha reação e não reagi.
Liz parecia tão relaxada e contente que pensei melhor do que lançar uma bomba nuclear na mistura listando todos os sentimentos complicados que eu tinha desenvolvido por ela.
"Sua mãe aceitou você dormir aqui hoje à noite?" Ela pegou um pouco de cobertura com o dedo e colocou na boca. "E pegar o ônibus para a escola daqui

de manhã?"
"Foi uma negociação complicada", suspirei dramaticamente. "Mas consegui chegar lá."
Seus olhos azuis brilharam. "Você fez?"
"É", sorri. "Ela está entregando meu uniforme e minha mochila para sua mãe neste exato momento."
"Meu Deus, sim!" Gritando de alegria, Liz se lançou para frente e me abraçou. "Você é a melhor."

Mais tarde naquela noite, quando estávamos de volta ao seu quarto, depois de jantar e assistir a um filme com sua família, examinamos sua impressionante coleção de livros.
Eu sabia que os rapazes da escola me chamariam de intelectual por admitir, mas eu *adorava* ler. Thrillers, mistérios de assassinato, crimes reais, autobiografias — não importava. Eu devorava todos os gêneros como se fossem crack. Para mim, os livros superavam o rúgbi, o futebol e praticamente todas as outras atividades extracurriculares em que eu me encontrava.
Uma das coisas que eu mais gostava na Liz era que ela correspondia ao meu entusiasmo pela leitura. Podíamos facilmente passar horas lendo na companhia uma da outra, sem sentir a menor pressão para ter conversas estranhas, porque nunca houve nenhum constrangimento entre nós.
Eu sabia que Liz era linda, mas sua aparência nunca conseguiu cativar sua atenção. A verdade é que ela me desafiava e intrigava a ponto de eu me apaixonar por ela.
Um pouco mais tarde, quando Liz largou o livro e propôs que jogássemos um novo jogo, fiquei mais confusa e animada do que o normal.
"Vamos lá", ela me persuadiu, estendendo o braço. "Mostre-me como você planeja fazer isso."
Sentado de pernas cruzadas na cama, de frente para ela, encarei sua mão, confuso. "Você não pode estar falando sério."
"Por favor, Hugh", ela implorou, aproximando-se até nossos joelhos se tocarem. "Eu quero saber."
Nervoso, olhei para o pulso dela antes de voltar a olhar para o seu rosto. "Por quê?"
Ela deu um sorriso irônico. "Porque eu sou curiosa."
Arqueei uma sobrancelha. "Você é estranho, é isso que você é."
"Isso também", ela riu, ainda segurando a mão no meu rosto. "Por favor, Hugh. Só beija."
"Ok, eu faço isso." Contendo um arrepio, segurei seu braço e a puxei para mais perto. "Mas se você contar para os rapazes, nunca mais falo com você."
"Seu segredo está seguro comigo", ela prometeu, com os olhos brilhando de malícia. "Agora, faça biquinho."
Inclinando-me para perto, mantive meus olhos fixos nos dela enquanto pressionava meus lábios em seu pulso. Eu não tinha ideia do que fazer quando meus lábios estavam ali, então apenas a encarei por um longo instante antes de

perguntar: "Tudo bem?"
"Perfeito." Liz lentamente retirou a mão da minha e expirou trêmula. Ela então me surpreendeu ao beijar o próprio pulso no *exato* ponto em que eu a beijei.
"O que você está fazendo?" Meu coração batia tão forte que pensei que fosse explodir. "Por que você fez isso, Liz?"
Ela manteve os olhos nos meus enquanto segurava o pulso contra o peito e sussurrou: "Porque eu queria saber como era beijar você."

PISCINAS INFANTIS E GLÓRIAS KNICKERBOCKER

Lizzie

10 DE JULHO DE 1998

APOIANDO UM CONJUNTO DE GRANDES CAIXAS DE SOM ESTÉREO NO PARAPEITO DA JANELA DA COZINHA , H UGH desapareceu de vista, apenas para reaparecer alguns segundos depois, quando o som de "Give It Up", da KC and the Sunshine Band, explodiu nos alto-falantes. "É essa a música que você queria, Gibs?"

"É esse mesmo, Hugo", Gibsie cantarolou de seu poleiro em uma das espreguiçadeiras no quintal de Hugh. "Você também é um bom homem. Pode colocar essa música no repeat. Me agrada." Na mão de Gibsie, um copo alto continha um sorvete impressionante, com canudo e uma cereja no topo. "É a vida, rapazes." Dançando ao som da música, ele tomou um gole exagerado do canudo e soltou um suspiro *de satisfação* . "E esta é a maior glória de knickerbocker que eu já provei."

"Não posso discutir com você, Gibs", respondeu Patrick. Ele estava esparramado em uma cama inflável flutuante na gigantesca piscina infantil de quatro metros de altura, aproveitando o sol com sua própria glória de knickerbocker na mão, enquanto uma Claire travessa empurrava o unicórnio inflável que montava como um cavalo para o lado dele. "Continue assim, Baby Biggs", avisou ele quando ela bateu nele pela milionésima vez. "Porque se eu afundar, você vem comigo."

Suspirando de contentamento, sentei-me de pernas cruzadas no telhado do conservatório e observei o entorno.

O céu estava cristalino, o sol brilhava e eu estava cercado pelas minhas pessoas favoritas no mundo. Hugh estava certo esta manhã quando me disse que hoje seria um bom dia.

Na verdade, não conseguia me lembrar da última vez que me senti tão despreocupado.

"Estou te avisando, Baby Biggs." Rindo, Patrick estendeu a mão e empurrou a boia dela para longe. "Se eu afundar, levo você comigo."

"Cuidado com o cabelo, Patrick", resmungou Claire, evitando por pouco ser encharcada. "Leva uma eternidade para domar esses cachos."

"Como está a costa, Liz?", perguntou Hugh, debruçando-se na janela do segundo andar de sua casa.

"Limpo como um apito", respondi, dando outra olhada em seu jardim sem pais. "Sadhbh chamou sua mãe para um café."

Ele sorriu para mim antes de desaparecer da minha linha de visão, só para reaparecer alguns segundos depois, quando subiu no parapeito da janela.

"Espere, espere", avisou Patrick, caindo da cama inflável em que estava esparramado e saindo da piscina, levando Claire consigo. "Certo", acrescentou quando já estava fora de perigo. "Como você estava."

"Você está louco?", perguntou Gibs, tirando os óculos escuros para encará-lo. "Tem um metro e vinte de água aí dentro, rapaz."
“Eu sei”, Hugh riu, e então saltou destemidamente do parapeito da janela.
Completamente pasmo, observei-o executar a aterrissagem perfeita na água antes de se levantar de um salto. "Macio como um moleque."
"Você é um lunático delirante", murmurou Gibsie, colocando os óculos de volta. "Não aguento mais suas palhaçadas."
"Você está pronta?", perguntou Hugh, lançando-me um sorriso esperançoso. "Você consegue, Liz."
“Eu realmente não”, respondi com uma risadinha.
O telhado do conservatório era um salto mais curto do que a janela de onde Hugh havia pulado, e eu não era nem de longe tão gracioso na água quanto ele, mas eu ia dar o meu melhor.
"Ok, ok." Com um sorriso travesso, levantei-me e recuei alguns metros antes de correr para a borda. "Aí vou eu... ahhh!"
Houve apenas um espaço de dois ou três segundos entre pular do telhado e atingir a água, mas a adrenalina que aqueles segundos no ar enviaram correndo pelas minhas veias valeram *muito* a pena.
"Você é tão foda", elogiou Hugh quando me levantei de um pulo, tossindo e cuspindo, porque, claro, esqueci de prender a respiração. "Isso foi épico, Liz."
"Parece que você encontrou um adversário à altura nas apostas loucas, Hugo", disse Gibsie, jocosamente. "Deveria colocar um anel nela, rapaz. Quem sabe na sua lua de mel, você pode levá-la para mergulhar nas Cataratas do Niágara."

SEU FILHO É MEU SOL

Lizzie

3 DE OUTUBRO DE 1998

O MONSTRO ESTAVA FURIOSO ESTA NOITE . EU FICOU FELIZ POR ESTAR SONHANDO, PORQUE NÃO ACHAVA QUE conseguiria sobreviver à dor se ela fosse real. Ele continuou rosnando e sibilando para mim, me culpando por revelar seus segredos .
Eu não tinha .
Tudo o que fiz foi adormecer esta noite e encontrá-lo nos meus sonhos .
Mas alguém o deixou com raiva .
Cruel o suficiente para me sufocar e me dar socos .
Forte o suficiente para me quebrar de dentro para fora .
"Eu não disse nada, juro", tentei implorar, mas foi inútil. O monstro não estava me ouvindo .
"O que ele disse a ela?", continuou ele, arranhando e rasgando minhas roupas.
"Você sabe de alguma coisa, não sabe?"
"Eu não, eu juro", eu disse, sem me preocupar em revidar .
Não importava porque não era real .
Eu ficaria bem .
Tudo ficaria melhor quando o sol nascesse .
Na escuridão, o monstro me imobilizou e sibilou todos os seus comandos em meus ouvidos...
"De joelhos."
"Curvar."
"Não me faça machucar você."
"Quieto, senão eu quebro seu pescoço."
Uma e outra vez .
Até que eu quis morrer .

"O que houve?", perguntou Caoimhe do banco do motorista do jipe do papai, a caminho de Avoca Greystones. "Você está fazendo aquela coisa estranha e distraída de novo."
"Estou ótimo", menti, limpando a garganta.
Eu não era grandioso.
Eu era o oposto.
Eu tinha uma energia ansiosa crescendo dentro de mim e senti como se estivesse a dois segundos de explodir.
Mas eu nunca diria isso a Caoimhe.
Não quando ela era os olhos e ouvidos do nosso pai.
"A que horas você deve estar na casa da Sinead?", perguntei, direcionando a conversa para assuntos mais seguros.

"Dez minutos atrás", murmurou ela baixinho, ziguezagueando pelas estradas rurais. "Não sei o que aconteceu esta manhã. Não costumo dormir demais." Resmungando, ela trocou de marcha e apertou o volante com mais força. "Sinto como se tivesse sido atropelada por um caminhão."
Bem-vindo ao meu mundo , pensei, mas decidi ficar na minha. "Tem uma curva fechada aqui em cima", avisei, gesticulando para a parte sinuosa da estrada à nossa frente. "Leve-a com cuidado."
“Eu sei dirigir, Lizzie!”
Talvez, mas ela não era muito boa nisso. Desde que tirou a carteira em abril, minha irmã acumulou um número impressionante de arranhões e amassados no Range Rover do nosso pai.
"Ugh!", ela reclamou em voz alta novamente. "Por que me sinto dopada até a medula?"
"Você estava bebendo ontem à noite?" Eu sabia que ela bebia álcool com as amigas nos fins de semana. Ela também fumava. Não na frente dos nossos pais, claro, mas eu a via com frequência nos estábulos. com um cigarro na boca. "Talvez você esteja só cansada de ressaca ou algo assim."
"Fiquei em casa a noite toda", respondeu ela, parecendo frustrada. "Comemos comida para viagem e assistimos a filmes no meu quarto."
Nós .
Significando ela e Mark .
"Ah." Apertando as mãos com força, olhei pela janela. "Então não sei."
Caoimhe continuou reclamando durante todo o caminho até a casa de Sinead, enquanto minha ansiedade aumentava. Quando finalmente paramos em frente à casa familiar, subi correndo a garagem e entrei em casa sem olhar para minha irmã.
Eu não conseguiria se quisesse.
Porque eu estava prestes a explodir.
Seguindo meu instinto, subi as escadas correndo e não parei até chegar à porta do quarto dele.
"Meu Deus, Liz!", exclamou Hugh quando eu praticamente arranquei a porta do quarto dele das dobradiças na pressa de chegar até ele. "O que houve?", seu tom era de pânico. "O que aconteceu?"
Eu não respondi a ele.
Porque eu *não consegui* .
Em vez disso, caminhei direto até ele, não parando até escalar os livros espalhados em sua cama e me aninhar em seu colo.
As lágrimas que consegui conter durante todo o caminho até aqui chegaram ao limite e minhas emoções explodiram em uma onda de soluços intensos.
Hugh jogou o livro que segurava de lado e rapidamente me envolveu naquele casulo familiar de segurança e aconchego. "Está tudo bem", ele me persuadiu, apertando os braços em volta de mim. "Estou bem aqui." Ele alisou meu cabelo por cima do meu ombro e me balançou suavemente. "Shh, Liz, estou bem aqui com você."
Ouvir a voz dele só me fez chorar ainda mais e me agarrar com mais força. "Aconteceu de novo."
“Você teve outro pesadelo?”

"Parecia tão real dessa vez." Concordando, tremi violentamente. "Por favor, não me deixe."
Um tremor percorreu seu corpo enorme, e eu lentamente o senti relaxar no meu colchão. "Eu não vou embora, Liz." Seu braço me envolveu, e então seus lábios tocaram meu ouvido. "Eu vou ficar."
Duas palavras que, vindas dele, significavam mais do que quaisquer declarações de amor ou promessas de eternidade.
Só *ficar* — era tudo o que eu precisava.
E ele estava me dando.
Eu estava fazendo tanto barulho que Claire entrou correndo na sala, exigindo saber o que estava errado, mas Hugh não tinha as respostas, e eu não conseguia dizer.
Por fim, ela desistiu e foi embora, voltando apenas com sua mãe e minha irmã.
"Meu Deus", ouvi Caoimhe gemer de algum lugar atrás de mim. "Sinto muito por ela, Sinead. Vou ligar para o meu pai para buscá-la."
"Não!" Era Hugh. "Ela pode ficar, não pode, mãe?"
"Claro que pode", ouvi Sinead responder. "Lizzie, querida, o que está te chateando?"
Eu não conseguia explicar.
Porque *não era* real.
Porque Sinead pensaria que eu era louco.
Assim como todo mundo .
"Por que você não vem bater um papo comigo antes de eu sair para o trabalho? Hum?" Ela apertou meu ombro delicadamente, e seu toque parecia o do Hugh. "Você gostaria?"
Balancei a cabeça, incapaz de soltar o filho dela.
Porque o filho dela era meu *sol* .
"Eu só quero o Hugh", eu disse, estrangulada, a voz tremendo quase tanto quanto meu corpo. "Só... só o Hugh, tá?"

PARTE 7

A perigosa arte da dissociação

CORDAS DE SEGURANÇA E IRMÃOS HERÓIS

Lizzie

15 DE OUTUBRO DE 1998

DEPOIS QUE OS MÉDICOS MUDARAM MINHA MEDICAÇÃO NOVAMENTE , NÃO ME SENTI MAIS EM PÂNICO . Na verdade, não senti mais nada. Eu fazia tudo na escola e em casa, contente e entorpecida.
Nenhuma senhora assustadora.
Nenhum monstro debaixo da minha cama.
Nada mesmo.
Foi difícil me concentrar porque tudo o que eu queria era dormir, e eu acabava ficando distraído durante as aulas.
Mamãe me disse que a névoa logo se dissiparia e eu voltaria ao normal, mas eu não tinha certeza de como seria isso. Não quando eu não conseguia me lembrar de um momento em que eu tinha sido eu.
A única vez em que realmente senti alguma coisa foi quando estava com o Hugh. Ele parecia ser a única pessoa capaz de despertar minhas emoções, e, cara, elas despertavam quando ele estava por perto.
O eu sem produtos químicos, isto é.
Exausto quando chegou quinta-feira, ofereci-me para segurar a corda de pular para os meus amigos no almoço. Eu não tinha energia para me dedicar mais. Naquele momento, segurar a corda era o melhor que eu conseguia fazer.
“Cinderela vestida de amarelo subiu as escadas para beijar seu namorado, por engano ela beijou uma cobra, quantos médicos serão necessários”, as meninas ao meu redor gritavam, enquanto eu segurava uma ponta do salto corda e Marybeth segurava a outra. Entre nós, Claire pulava cada volta como uma superestrela. *"Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez..."*
Claire era a melhor saltadora da escola, melhor até que as meninas mais velhas, e eu sabia que ela conseguia passar o horário de almoço inteiro sem pular uma única corda. Ela me lembrava o coelhinho do comercial de pilhas e baterias, só que Claire não precisava de pilhas para carregar, só de luz do sol.
"Inglaterra, Irlanda, Escócia, País de Gales, dentro, fora, rabos de cachorrinho!", gritava outro grupo do outro lado do pátio da escola, enquanto duas meninas esticavam o elástico com as pernas e outra pulava e serpenteava entre ele o mais rápido que podia, sem tocar no elástico.
Eles eram barulhentos.
Todo mundo estava tão *barulhento* .
Atrás de mim, eu podia ouvir outro jogo acontecendo.
“Bolas laranja, bolas laranja, lá vamos nós de novo, a última a tocar o chão tem namorado!”
Com as mãos tremendo, fechei os olhos e respirei fundo para me acalmar.
“Um marinheiro foi para o mar, mar, mar, para ver o que podia ver, ver, ver, mas tudo o que ele podia ver, ver, ver era o fundo do grande mar azul, mar, mar.”

Era demais.
Tudo isso.
"Você está se atrapalhando", alguém declarou antes de arrancar a corda da minha mão. "Anda, Lizzie, eu balanço a corda."
Sentindo-me excessivamente estimulada, afastei-me da corda de pular e fui interceptada por outra garota da minha turma.
"Vamos lá, Lizzie", encorajou Cadence, erguendo as palmas das mãos em expectativa. "Brinque de bater palmas comigo. Você conhece o padrão."
Eu *conhecia* o padrão, ou pelo menos deveria *conhecer* , mas naquele momento não conseguia me lembrar. Tudo estava embaçado na minha cabeça.
"Para trás, para frente, palmas para a direita, palmas para a esquerda, palmas, palmas", Cadence cantava, batendo palmas nas minhas. "Vamos lá, Lizzie, você nem está tentando."
“Desculpe, preciso usar o banheiro”, murmurei, saindo apressada do quintal.
Eu não fiz.
Eu só precisava de um pouco *de silêncio* .
Quanto mais alto o barulho ficava, mais desorientado eu ficava.
Eu já sabia disso.
Eu já tinha aprendido isso há muito tempo.
Encontre Shannon , a voz gentil em minha mente instruiu, *ela fará tudo ficar quieto para você* .
Ela não queria brincar no pátio na hora do almoço hoje, então pensei que ela ainda pudesse estar na aula, mas quando verifiquei nossa sala de aula, ela estava vazia.
Voltando ao pátio da escola, procurei meu amigo no parquinho antes de descer para o campo grande, também conhecido como campo.
Como de costume, os garotos da quinta e sexta séries estavam em campo, dando chutes uns nos outros sob o pretexto de jogar.
Eu não me importava com eles.
Todo o meu foco estava na garotinha chorando na lateral do campo.
Shannon .
Ela segurava o suéter da escola nas mãos e soluçava inconsolavelmente, enquanto seu irmão mais velho a consolava.
Senti algo então, uma sensação de aperto no peito, enquanto olhava para seu suéter rasgado.
Raiva . Era isso que eu sentia, e isso borbulhava dentro do meu estômago, ficando mais quente a cada lágrima que escorria dos seus olhos.
Quando Joey tirou o próprio suéter e o colocou sobre a cabeça, senti outra onda de emoção me atingir.
Tristeza.
Porque o suéter dele não estava em condições muito melhores que o dela. Mas pelo menos não tinha sido rasgado em tiras por valentões. A mudança deixou minha amiga atolada em um suéter enorme que lhe caía até os joelhos, enquanto seu irmão pereceu com sua camisa escolar branca e amassada, que já tinha visto dias melhores.
Na verdade, os punhos pareciam tão velhos que estavam praticamente gastos e mal chegavam aos seus antebraços. Sem perceber que sua camisa era três

tamanhos menor que ele, Joey Lynch arregaçou o que restava das mangas até os cotovelos antes de despentear o cabelo da irmã e lhe oferecer um sorriso caloroso.
Não estava chovendo hoje, mas a brisa fria de outubro estava forte, e eu sabia que ele devia estar congelando.
Então por que ele fez isso?
Por que ele deu a ela algo que não tinha sobrando?
Eu não tinha a resposta, mas seu gesto altruísta despertou algo dentro de mim, e fiz uma anotação mental para levar meu suéter extra para a escola para Shannon amanhã.
Pelo menos assim, seu irmão não passaria frio.

Quando cheguei à escola na sexta-feira, esperei pela oportunidade perfeita para ver Joey Lynch sozinho.
Não foi fácil porque, ao contrário de Shannon, todos pareciam se unir a ele. Não importava que o temessem. Ainda queriam estar perto dele.
Eu entendia que havia algo misterioso nele que fazia as pessoas quererem se aproximar, mas eu achava que sua irmã era ainda mais misteriosa.
Para mim, pelo menos.
Minha oportunidade chegou perto do fim do dia, quando Ciara Maloney bateu nas costas de Shannon com um espanador, e eu, por minha vez, bati no rosto de Ciara com meu punho.
Claro, me mandaram arrumar minhas coisas e ficar sentado no banco do corredor até a aula terminar. Isso não foi nada fora do comum para mim. Passei muito tempo no banco, mas hoje eu tinha um acompanhante, e por coincidência, esse acompanhante era Joey Lynch.
Mais uma vez, isso não foi nada fora do comum, pois ele passou ainda mais tempo do que eu no banco. Mas *foi* uma sorte.
O irmão de Shannon não falou comigo quando me sentei ao lado dele. Aliás, ele nem olhou na minha direção. Isso não me incomodava porque, além de Claire e Shannon, eu também nunca quis que ninguém na escola falasse comigo.
Como ontem, ele usava uma camisa que parecia pequena o suficiente para pertencer a Shannon, e não tinha um suéter. Nem sequer tinha um casaco na mochila para usar quando as aulas terminassem. Nem cachecol, luvas ou gorro. Seu tênis esquerdo tinha um rasgo na lateral que revelava a cor da meia. *Cinza* .
Ajeitando minha mochila entre as pernas, abri o zíper e vasculhei meus livros até encontrar o que estava procurando.
Retirei a sacola plástica que continha o uniforme do Sagrado Coração da minha irmã e a joguei no colo dele.
"Eu pareço uma lixeira, loirinha?", ele disse num tom profundo e sarcástico.
Ignorando-o, fechei o zíper da minha mochila e me encostei na parede atrás de mim, com os braços cruzados sobre o peito. Assim como ele.
"Você é amigo do Shan, não é?" ele perguntou então, a voz não tão malvada quanto antes.
Virei-me para encará-lo e assenti uma vez. "É."

Ele me encarou com seus grandes olhos verdes. "O que tem na sacola?"
“Só algumas coisas extras que eu tinha espalhadas por aí.”
Franzindo a testa, ele abriu a sacola lentamente, deu uma olhada no conteúdo e, em seguida, colocou-a rapidamente no meu colo. "Não, obrigado."
"Pegue", argumentei, agarrando a sacola e jogando-a de volta para ele.
"Não."
"Por que não?"
Ele parecia furioso quando sibilou: "Porque eu não quero sua caridade".
"Não importa se você não quer", argumentei, sem querer recuar. "Porque você ainda *precisa* ."
Ele me olhou como se eu tivesse lhe dado um tapa. "Vai se foder, moleque."
"Me fode?", resmunguei, sentindo-me igualmente indignado. "Vai se foder, seu *filho da puta* ."
"Uau." Joey arqueou uma sobrancelha. "É o melhor que você tem?"
"Nem de perto, *seu filho da puta* ." Estreitei os olhos. "Quer ouvir mais, *seu filho da puta* ?"
Ele continuou a me encarar por vários segundos antes de seus lábios se contraírem. "Jesus." Soltando um rosnado, ele balançou a cabeça e desviou o olhar, enquanto murmurava: "Onde minha irmã te encontrou?"
Mantive a carranca quando ele abriu o zíper da mochila e enfiou a sacola lá dentro, mas, por dentro, eu estava sorrindo.
E eu acho que ele também estava.

PODE ME CHAMAR DE PADDY SPICE

Hugo

31 DE OUTUBRO DE 1998

"ISSO É ULTRAPASSÁVEL DE DEGRADAR ", DECLAROU FEELY, APARECENDO DO MEU BANHEIRO NO ANDAR DE BAIXO, vestida com uma calça de moletom azul brilhante, um top laranja, uma peruca de rabo de cavalo e maquiagem completa. "Me sinto uma idiota."
"Você também parece um", eu disse entrecortada por ataques de riso.
"Diz o cara da cabeça aos pés com estampa de oncinha", ele retrucou. "Bela peruca, Hughie. Você certamente está fazendo jus ao rótulo, seu desgraçado assustador."
"Gente com telhado de vidro, Feely", retruquei. "E para com essa choradeira." Fazendo uma careta, olhei para o macacão colante de oncinha em que eu tinha sido enfiada à força e depois para as botas plataforma horríveis que estavam cortando toda a circulação dos meus pés. Eu mal conseguia ficar em pé com elas, então não tinha muita esperança de andar. "Pelo menos você pode usar moletom e tênis."
"E peitos de papel higiênico", ele me lembrou, apontando para o peitoral acolchoado. "Não se esqueça dos peitos de papel higiênico, Hugh."
"Como você chama isso?", perguntei, pegando o meu par. "E os meus são maiores que os seus!"
"Não toque nos seus peitos, Hughie", gritou minha irmã, correndo em minha direção. "Você vai estragar o formato."
“Pelo menos vocês, seus filhos da puta, podem usar calças”, Gibs bufou, cambaleando para a sala de estar com uma plataforma de couro vermelho na altura do joelho. botas e uma peruca ruiva. "E se você acha que peitos de papel higiênico são ruins, experimente ter peitos de balão!"
"Porque a Ginger Spice tem os peitos maiores", gritou minha irmã por cima do ombro enquanto ajeitava meus seios. "E eu já expliquei a situação do vestido. As pernas do Hugh e do Patrick são muito peludas."
"Não sei se isso é um elogio ou um insulto", refletiu Gibs, coçando o queixo.
"É um elogio", ela garantiu, voltando a atenção para os peitorais de Feely. "Você tem as pernas mais lindas, Gerard."
“Não, *ela* tem as pernas mais lindas”, Feely sussurrou em meu ouvido.
Seguindo seu olhar, fixei meu olhar na loira magra do outro lado da sala, tentando esconder seu cabelo longo sob uma peruca escura.
Sentindo-me irracionalmente irritado pela observação de Feely, tentei manter a calma quando tudo o que eu queria era tirar aquela bota de plataforma horrível e bater nele com ela.
Liz estava usando o vestidinho preto mais minúsculo que eu já tinha visto. O tecido era tão justo que estava praticamente costurado à sua pele cor de creme leitoso. Suas pernas pareciam longas em um dia normal, mas quando ela usava

aqueles saltos agulha altíssimos, pareciam *escadas* .
Saber que minha amiga estava olhando para ela do mesmo jeito que *eu* olhava me fez querer acabar com a banda antes mesmo de começarmos.
"Não, não, não!" gritou minha irmã, chamando a atenção de todos imediatamente. "Você deveria estar de vermelho, branco e azul, Gerard", lamentou ela, consternada, enquanto circulava Gibs. "Não verde, branco e dourado!"
"Nada mal, né?" Girando para exibir seu minivestido improvisado, que claramente consistia em duas bandeiras tricolores costuradas às pressas, Gibs passou o braço em volta dos ombros da minha irmã e piscou. "Pode me chamar de Paddy Spice."
"Os rapazes vão nos dar uma bronca quando chegarem aqui", anunciou Feely, parecendo completamente enojado consigo mesmo. "Já estou ouvindo os comentários sarcásticos do Danny."
"O Danny é um babaca", Liz interrompeu, aproximando-se e ficando ao meu lado. "E se ele der uma bronca em vocês por causa disso, eu tiro o sapato e esfaqueio ele." Ela olhou para mim e piscou. "Principalmente você, aniversariante."
Ah, merda .
Meu pobre, pobre coração .

Minha festa de aniversário correu sem problemas. Como a Feely previu, o Danny Call arrasou com as nossas fantasias assim que chegou, mas logo se calou quando a Posh Spice ameaçou mudar o buraco de lugar. Depois disso, ele ficou excepcionalmente quieto.
No geral, foi uma boa festa, mas eu mentiria se dissesse que não estava contando os minutos até meus amigos da escola irem para casa. Porque eu queria estar com a minha turma, as pessoas que me conheciam melhor do que todos os outros. Os amigos com quem eu poderia ser eu mesma e não ter que me preocupar em ser perfeitamente educada ou diplomática, porque eles aceitavam a versão crua e sem censura de mim da mesma forma que eu os aceitava completamente.
Como eu e o Feely tínhamos onze anos neste Halloween, pudemos sair para pedir doces sem um adulto. É claro que a Mamãe e o Sadhbh nos deram o discurso sobre sermos responsáveis e cuidarmos dos mais novos do grupo. O que eles realmente queriam dizer era que *o Gibs e a Claire são responsabilidades e, se possível, poderíamos, por favor, impedir que os dois idiotas fossem atropelados por um carro ou levados na traseira da van de um estranho* ?
Eles não precisavam se preocupar; eu os mantinha vivos desde que cheguei aqui. Sim, eles eram uma dor de cabeça absoluta para eu às vezes, mas eu sabia que sentiria falta deles se um estranho os atraísse com doces.
Perto do fim da noite, quando estávamos carregados de doces suficientes para encher as prateleiras da loja local, recuei propositalmente. Diminuindo o ritmo até que meus amigos estivessem algumas casas à frente, usei meus sapatos como desculpa, mas eu tinha um motivo oculto.

Eu queria ficar sozinho com *ela* .
“Posso falar com você sobre uma coisa, Liz?”
"Claro", ela respondeu, recuando automaticamente para caminhar comigo. "O que foi?"
Eu não sabia como expressar os pensamentos que me atormentavam o dia todo, então simplesmente soltei: "Ele gosta de você."
"Quem?"
Sentindo outra onda de ciúme intenso, apontei para a rua onde Feely estava lutando com Gibs.
Liz olhou para onde eu apontava e assentiu. "É." Ela suspirou profundamente. "Eu sei."
"Você faz?"
Ela suspirou novamente. "Ele me contou."
Certo, essa era uma informação nova para mim.
Nova informação que não gostei.
Não, eu não gostei nem um pouco.
“Você nunca disse nada.”
Ela deu de ombros. "Eu tinha me esquecido completamente até você tocar no assunto."
“Ah.” Tentando acalmar minhas emoções, olhei para ela e perguntei: “Quando ele te contou?”
“Há algum tempo”, foi sua resposta tranquila.
Outra onda de ciúmes tomou conta de mim, e dessa vez foi mais intensa.
Feely gostou da Liz.
E Liz sabia que Feely gostava dela porque ele lhe *disse isso* .
Há um tempo atrás .
Que porra é essa?
Quando alguém estava planejando *me contar* ?
Jesus Cristo, eu queria matá-lo.
Nunca senti uma onda de fúria tão irracional.
Eu queria fazer mais uma dúzia de perguntas a ela, mas não fiz.
Porque eu não tinha direito.
Eu não a possuía.
Ela era minha melhor amiga.
É isso .
Eu não tinha o direito de interrogá-la.
Mas que diabos?
Seriamente.
Que porra é essa?
"Eu não respondi, Hugh." Agarrando minha mão, Liz me puxou e me fez parar abruptamente no meio da calçada. "Foi no verão, quando fomos jogar boliche no aniversário dele. Estávamos comprando raspadinhas no balcão, e ele simplesmente deixou escapar."
"O que ele disse exatamente?", consegui perguntar, parecendo surpreendentemente calma, considerando que meu mundo inteiro estava desabando ao meu redor. "O Feely disse que está a fim de você?"
"O Patrick acabou de me dizer que gostava de mim antes de perguntar se eu

queria sair com ele." Seus olhos estavam cheios de sinceridade quando ela olhou para mim. "Eu disse não, Hugh. Quando ele me pediu em namoro, eu disse não."
Ela disse não .
Ela o recusou .
Respire, Hugh, respire .
Meu peito subia e descia rapidamente, e eu exalava uma respiração irregular, tentando desesperadamente controlar as emoções que martelavam meu coração. Ela continuou segurando minha mão com as duas dela e... a maneira como meu pulso disparou devido ao contato tornou difícil formar uma frase coerente.
Temor.
Fúria.
Pânico.
Ter esperança.
Eu estava me afogando em *todos* eles.
"Você, ah..." Minha voz falhou e pigarreei bruscamente antes de lançar um olhar para ela. Liz parecia tão serena, enquanto eu estava perdendo a cabeça por dentro. Porque a perspectiva de ela estar com outra pessoa de repente me atingiu como uma bola de demolição.
Minha respiração estava difícil e irregular quando finalmente perguntei: "Você realmente o rejeitou?"
Eu precisava que ela me dissesse mais uma vez.
Eu precisava de segurança, droga.
Eu precisava de uma tábua de salvação.
Quando Liz assentiu em confirmação, o pânico e o medo que estavam me sufocando foram expelidos dos meus pulmões em um som audível.
Jesus Cristo .
"O que você disse?", consegui dizer com relativa tranquilidade. "Quando ele, hã, quando o Feely te perguntou?"
"Eu disse a ele que também gostava muito dele." Ainda segurando minha mão com as duas dela, ela acrescentou: "Mas eu não poderia ser namorada dele."
“Ele perguntou por que não?”
“Sim, ele fez.”
"O que você disse?"
“Eu disse a ele a mesma coisa que digo a qualquer garoto que pergunte.”
Então havia outros rapazes.
O que eu estava pensando? *É claro que* havia outros.
Porra .
"Qual é?"
"Que só tem um garoto que eu quero como namorado." Ela manteve os olhos nos meus enquanto se aproximava, tão perto que eu podia sentir seu coração batendo forte no peito. "E ele é o único garoto para quem eu vou dizer sim."

COMBINADO OU NÃO COMBINADO

Hugo

2 DE NOVEMBRO DE 1998

"VAMOS LÁ , HUGHIE ", FEELY SE INCLINOU SOBRE NOSSA MESA COMPARTILHADA E SUSSURROU NA MANHÃ DE SEGUNDA-FEIRA. "Você não pode, honestamente, ainda estar bravo por causa da Lizzie."
"Ah, pode acreditar que sim", sibilei de volta, cutucando-o com força na lateral do corpo com o cotovelo. "Agora, vá se foder e volte para o seu lado da mesa."
"Tudo bem", ele retrucou, retribuindo minha cotovelada com uma igualmente dolorosa. "Vá em frente e fique de mau humor." Balançando a cabeça, ele recuou para o seu lado da mesa, mas continuou a me encarar com cara feia. "Mas você está chateado por nada porque eu perguntei a ela meses atrás e ela..."
"Isso *piora ainda mais a situação* ", interrompi, com a atenção alternada entre o nosso professor, de costas para nós, e o meu amigo traidor. "Agora, pare de falar comigo."
"Não."
"Tudo bem. Pare de olhar para mim."
"Não."
Estreitei os olhos em advertência. "Sensivelmente..."
"Ela disse que não, Hugh", continuou ele, num sussurro. "A Lizzie não gosta de mim, rapaz. Não desse jeito, então não sei por que você está tão chateado."
"Estou chateada porque você deveria ter me *contado* ", eu disse, fervendo. "Porque você agiu pelas minhas costas."
"Por que eu deveria?", ele perguntou de volta. "Ela não é sua namorada." Estreitando os olhos, ele disparou: "Porque você é covarde demais para convidá-la."
"Quem é covarde?", perguntou Gibsie, virando-se da mesa à nossa frente para se juntar à briga.
"Hughie", respondeu Feely. "Ele está puto porque eu tive a coragem de pedir a Lizzie em namoro e ele não pediu."
"Não", corrigi, irritada. "Estou puta com você porque fez isso pelas minhas costas."
“Não percebi que precisava da sua permissão, Hugh.”
“São boas maneiras básicas, Patrick.”
“Bem, estou lhe dizendo agora.”
"É", respondi bruscamente. "Quatro meses depois do ocorrido."
Feely deu de ombros. "Antes tarde do que nunca."
“Melhor *nunca* do que nunca, mais provavelmente.”
"Ah, não, não, não." Gibs estalou a língua e balançou a cabeça em desaprovação. "Você não devia ter feito isso, pai."
"Por que não?", perguntou Feely, parecendo indignado.
"Porque o Hugo Boss-man ama a nossa pequena víbora", respondeu ele

solenemente, com os olhos cinzentos arregalados e sem piscar. "Você sabe disso."
"É, bom, talvez você queira dizer ao *Hugo Boss* para parar de ser tão covarde", resmungou Feely. "Além disso, chamei a Liz para sair porque *gosto* dela, não porque queria machucá-lo."
"Ele não é um covarde", defendeu-se Gibs. "Ele é um cavalheiro — pelo menos é o que minha mãe diz."
“ *Obrigado* , Gibs”, respondi, sentindo-me justificado.
"Você *ficaria* do lado dele." Feely revirou os olhos. "Principalmente porque você é obcecada pela irmã dele."
"Sou eu", respondeu Gibsie com um sorriso, só para franzir a testa um segundo depois. "Espera aí." Estreitando os olhos, lançou um olhar cauteloso a Feely. "Você não chamou a Claire para sair quando estava andando por aí procurando uma namorada, chamou?"
"Não, Gibs", Feely riu baixinho. "Eu nem sonharia com isso."
"Ótimo. Pode ir em frente e *não fique* sonhando com isso", respondeu Gibsie em tom de advertência. "Porque eu não tenho tanto controle das minhas ações quanto ele." Ele apontou para mim, mantendo os olhos fixos em Feely. "E eu vou te matar, Patrick Desmond Feely." Gibs fez um sinal de cortar a garganta com o dedo. "Não se deixe enganar por essa carinha de anjo", continuou ele, apontando para si mesmo. "Tem um assassino à espreita. Um que vai te matar de pedra se você tentar roubar minha Claire-Ursinha, ouviu?"
"Entendo, Gibs", respondeu Feely, tentando não rir, enquanto eu não fazia o mesmo esforço. Tapando a boca com a mão, tentei conter o riso. "Prometo-lhe fielmente que nunca tentarei roubar a sua Claire-Ursinha", continuou ele, com um tom entremeado de divertimento.
"Ótimo", respondeu Gibsie, parecendo mais tranquila. "Porque eu sentiria muita falta de você se tivesse que te matar." Sorrindo novamente, Gibsie acenou com o dedo para nós duas. "Agora, se beijem e façam as pazes."
Contendo um gemido, Feely se virou para mim. "Desculpe por não ter te contado sobre a Lizzie." Ele soltou outro suspiro de dor antes de acrescentar: "Mas já tenho a minha resposta e não vou perguntar de novo. Não se ela significa tanto para você."
"Ela tem", respondi, ainda irritada, mas disposta a deixar isso para trás se ele estivesse. "E eu não sou covarde", acrescentei, sentindo a necessidade de me defender. "Eu só... estou me preparando para isso."
"Justo. Continue se esforçando, e eu vou ficar de fora." Sorrindo com tristeza, Feely estendeu a mão para mim. "Parece um acordo justo?"
"É, rapaz", respondi, apertando sua mão. "Combinado."

APROFUNDANDO SENTIMENTOS E MECANISMOS DE ENFRENTAMENTO

Lizzie

15 DE NOVEMBRO DE 1998

A PRIMEIRA VEZ QUE ESFREGUEI UMA FACA NA PELE FOI NA PRIMAVERA PASSADA, E FOI RESULTADO de um acidente descascando uma maçã. O corte da faca na ponta do meu dedo provocou uma onda instantânea de dor e sangue. Mas também trouxe uma estranha sensação de *clareza* . Lembrei-me porque aquele foi um dia ruim e depois foi suportável.

A próxima vez que me machuquei, foi quase um acidente com uma tigela de mingau fumegante. Lembrei-me como se fosse ontem. Sentado no sofá com a tigela fumegante no colo. Olhando para a tigela, inclinei-a lentamente para o lado para sentir o gosto da queimadura nas minhas pernas. Observando o mingau espesso e ardente penetrar na minha meia-calça, queimando minha carne como mil agulhas.

A dor foi instantânea e *gloriosa* .

A terceira vez não foi acidental, embora fosse a mais plausível. Sentada intencionalmente na lareira, de camisola, com os dedos dos pés diretamente em frente ao fogo crepitante, à espreita, eu permanecia imóvel cada vez que uma faísca atingia minhas pernas nuas. Só quando um pedaço maior de carvão avermelhado pousou na bainha da minha camisola é que alguém da minha família percebeu o que eu estava fazendo. Mesmo assim, quando minha camisola pegou fogo e eles rapidamente a jogaram sobre minha cabeça, não questionaram minha motivos, atribuindo meu descuido a uma criança imprudente que chegou muito perto do fogo.

Antes disso, eu costumava arranhar e rasgar minha pele ou me queimar no banho quando a pressão na minha cabeça ficava muita, mas *nada que* eu já tivesse tentado antes se comparava à paz que eu encontrava na lâmina afiada.

Depois disso, eu era um escravo da dor.

Para o alívio temporário da minha dor.

A dor que ninguém podia ver.

A dor na minha mente.

Eu tinha o cuidado de esconder minhas cicatrizes do mundo exterior com pilhas de pulseiras nos pulsos e roupas largas. Protegia meu consolo secreto como se minha vida dependesse disso, porque, honestamente, nos meus dias realmente ruins, *dependia* ...

Minha arma de escolha tornou-se a lâmina, e minha carne tornou-se o campo de batalha, onde eu travava uma guerra interna contra as partes de mim que não podiam ser curadas. A batalha começou na parte interna das minhas coxas carnudas, até não haver mais espaço para lutar, e nesse ponto, o campo de batalha transferiu-se para o meu estômago, depois para os meus seios, até se

estabelecer nos meus pulsos.
O alívio temporário da tortura mental me levou a brincar com facas enquanto outras meninas da minha idade brincavam com bonecas. Eu era esperta em me esconder, em cortar fundo o suficiente para encontrar alívio, mas sem chamar atenção para mim. Afinal, foi a atenção que iniciou a guerra na minha cabeça.
Eu também não me senti mal com isso.
Eu estava fazendo isso por mim.
Eu estava tentando *sobreviver* e finalmente encontrei uma maneira de passar os dias sem querer morrer.

"O que houve?" Hugh perguntou pela décima vez desde que cheguei em sua casa. "Eu sei que há algo errado." Estávamos sentados em sua casa na árvore, onde deveríamos *estar* lendo, mas em vez disso ele estava preocupado. *Comigo* .
"Hugh, estou *ótimo* ", respondi pela décima vez. "Pare de se preocupar."
"Não consigo." Ele estendeu a mão e passou o dedo pela minha testa, entre as sobrancelhas. "A gente fica com uma covinha bem aqui quando fica preocupada."
"Eu faço?"
"É, é pequenininho, mas está lá", explicou ele, com os olhos castanhos se fixando nos meus. "Então eu *sei* que tem alguma coisa te incomodando."
Sabendo que ele não desistiria até obter uma resposta, suspirei profundamente antes de admitir: "São os pesadelos".
Seus olhos se encheram de preocupação. "Estão acontecendo com frequência de novo?"
Eu assenti.
"E a moça?" Ele não riu nem deu um sorriso irônico quando perguntou. Parecia genuinamente preocupado. "Você também anda saindo com ela?"
"Eu não deveria falar sobre isso." Isso irritou meu pai e eu não podia arriscar irritá-lo. "Você sabe disso."
"Você pode me contar qualquer coisa", Hugh insistiu, sem querer deixar para lá. "E eu quero ouvir sobre isso, Liz."
Arqueei uma sobrancelha, incrédula. "Quer saber sobre *meus* delírios mentais?"
"Você não é louca, Liz." Pegando minha mão, ele me puxou para o seu colo. "E você também não está delirando." Me abraçando, ele me aconchegou com força. "Mas você pode ser culpada de ser um pouco esquisita."
"Seu babaca", ri, dando uma cotovelada na barriga dele. "Você sabe o que dizem sobre esquisitos, não sabe?"
"Eles se sentem atraídos por outros esquisitos?", Hugh refletiu com um sorriso cúmplice. "Deve ser por isso que sou tão obcecado por você."
Meu coração deu um pulo de três batidas quando ele disse isso.
Sentindo-me irracionalmente excitada, aconcheguei-me ainda mais, desejando poder soldar meu corpo ao dele e nunca mais me separar. "Hugh?"
"Hum?"
“Você acha que ela é real?”
"A senhora assustadora?"

Assenti. "Aquele dos meus sonhos."
"Eu nunca vi a que está na sua cabeça", respondeu ele, parecendo sincero. "Mas eu sei o que vimos naquele dia, Liz, e se você diz que é ela, então eu acredito."
"Você faz?"
"Sim." Ele se inclinou para trás para me olhar. "Eu aceito."
"Acho que você pode ser a primeira pessoa que já fez isso", sussurrei, entrelaçando os dedos em seu moletom. "Obrigado."
"Não me agradeça por acreditar em você", respondeu ele, parecendo magoado. "Agradeça quando eu pegá-la e provar para todos que estávamos falando a verdade o tempo todo."
Meus olhos se arregalaram. "Você quer pegá-la?"
Ele assentiu. "Ah, pode acreditar que eu *vou* pegá-la." Com um sorriso irônico, acrescentou: "Ela é o tipo de esquisita que *não é* bem-vinda no nosso clube."
Estremeci de repulsa. "Definitivamente não."
"Quando eu a pegar, nossa primeira parada será no lava-rápido", continuou ele, com os lábios se contraindo de alegria. "Provavelmente teremos que colocá-la na lavagem de platina duas vezes para tirar a sujeira dela — e pegar uma esmerilhadeira emprestada para domar essas garras."
Não consegui evitar rir porque Hugh, de alguma forma, tornou algo tão traumatizante em algo engraçado.

ESTAMOS ENTRAR EM UM NOVO MILÊNIO OU NÃO?

Hugo

31 DE DEZEMBRO DE 1998

"QUEM ESTÁ PRONTO PARA RECEBER O NOVO MILÊNIO ?", PERGUNTOU G IBSIE QUANDO ENTROU NO MEU QUARTO na véspera de Ano Novo com uma serpentina de festa entre os lábios. Carregado com uma pilha de caixas de seleção de sobras contendo suas barras de chocolate favoritas e com um chapéu de festa na cabeça, ele se aninhou no meu pufe, armado e pronto para comemorar o Ano Novo.
"Você está um ano adiantado, Gibs", respondeu Feely, concentrando-se no jogo que estávamos jogando.
"É, Feely, eu sei", Gibsie bufou, parecendo irritada. "Foi isso que eu quis dizer quando perguntei quem está pronto para *recebê* -lo."
"Ele quer dizer que o novo milênio começa em 2000, Gibs", expliquei calmamente, enquanto continuava a chutar a bunda do Feely no *FIFA* . "Ainda estamos em 1998, rapaz."
"Por que *ele* disse que é no ano que vem?", ele argumentou em tom de descrença.
"Porque *ele tem* razão", retrucou Feely secamente. " *É* ano que vem."
"Mas como será no ano que vem se você disse que *não será* no ano que vem?", reclamou Gibsie, parecendo cética. "Estamos entrando em um novo milênio ou não?"
Feely balançou a cabeça e murmurou: "Você vai ter que aceitar essa, Hugh."
“São oito horas da noite do último dia de 1998. Quando o relógio bater meia-noite, será 1999.” Pausa No jogo, virei-me para o nosso amigo e continuei a explicar. "Então, esta noite, como agora, é 1998, e em quatro horas, será 1999. O novo milênio chega no *final* de 1999, não no início."
"Então, no ano *que vem* ?", perguntou Gibsie, com as sobrancelhas franzidas.
"Sim, Gibs." Assenti ansiosamente. *"Exatamente."*
"Certo, faz sentido." Ele pareceu pensativo por um momento antes de se virar e encarar Feely com uma carranca. "Por que você não disse isso logo no *começo* , Patrick?"
Feely abriu a boca para protestar, mas pensou melhor e murmurou baixinho as palavras "me dê força".
Foi naquele exato momento que a porta do meu quarto se abriu para dentro e a cabeça do meu pai apareceu. É claro que ele não se parecia com o pai que eu tinha, com uma barba cheia e desgrenhada e olhos fundos. As partes do rosto que não estavam cobertas de pelos estavam magras e ocas. Ele parecia a definição de um homem em casca. "Já estão todos acomodados para a noite, rapazes?"
"Pete!", Gibsie comemorou, parecendo tão animada em ver meu pai quanto

Claire quando ele fazia uma de suas aparições esporádicas. "Que camisa chique."
“Achei melhor fazer um esforço, considerando a noite.”
Faça um esforço .
Que piada do caralho .
“Você e Sinead vão passar a noite na Old Hall House?”
"Estamos sim, Gibs." Papai sorriu antes de voltar sua atenção para mim. "Está tudo pronto para comemorar o Ano Novo com seus amigos, filho?"
Optando por ignorá-lo, assim como ele fez comigo, voltei a jogar *FIFA* , enquanto meus olhos queimavam na tela da televisão. Feely, sentindo meu desconforto, cutucou meu ombro com o seu em silenciosa solidariedade.
Porque ele entendeu.
"Pete! O táxi chegou, querida!", ouvi minha mãe chamar lá de baixo, seguido de: "Claire! A Lizzie está aqui com o Caoimhe."
Meu coração começou a bater quase tão alto quanto os passos pesados da minha irmã enquanto ela saía do quarto e descia as escadas gritando "Lizzie, Lizzie, Lizzie!"
Sim, irmãzinha .
Eu também .

"Sabe o que eu acabei de pensar?", anunciou Feely algumas horas depois. "Se Caoimhe se casar com Mark, Liz e Gibs serão família."
"Merda, você tem razão", murmurei, franzindo as sobrancelhas. "Eles seriam parentes por afinidade."
"Não, não faríamos", protestou Gibs, parecendo horrorizado. "Porque ele *não é* meu irmão."
"Definitivamente não", concordou Claire, sentada na minha cama, onde pintava as unhas dos pés. "Eca, Patrick. Não insulte os genes Gibson."
" *Obrigada* , Claire-Bear", respondeu Gibsie, estendendo a mão para cumprimentar minha irmã. Ela parou no meio do pé para dar um tapinha na mão dele. "Aquele falcão de merda nunca será da minha família."
"O pai dele *se* casou com a sua mãe, rapaz", Feely o lembrou com uma risada bem-humorada. "Isso faz dele seu meio-irmão."
"Nem me lembre disso, porra", gemeu Gibsie, concentrando-se novamente no *FIFA 98* que estávamos jogando. "Keith Allen." Ele fungou o ar como se o nome o ofendesse. "Ele deveria se chamar Keith Alien porque é isso que ele é." Ele bateu furiosamente no controle do PlayStation. "Um intruso parasita de merda."
"O que eu perdi?", perguntou Lizzie, voltando da cozinha com uma braçada de salgadinhos. Vestida com uma camisa de flanela de mangas compridas e jeans largos, ela estava linda. Deixando cair um pacote de Menestréis no meu colo, ela olhou para o pufe que eu estava dividindo com Feely antes de desistir. Então, ela foi até a minha cama antes de recuar hilariamente de horror ao ver a sessão de mimos se desenrolando.
Afastando-se da minha irmã o mais discretamente possível, Liz encontrou refúgio com Gibs em uma poltrona roxa inflável *da Groovy Chick* . A poltrona com a qual a irmã havia entrado no meu quarto mais cedo.

Claire insistiu que ficássemos todos no mesmo quarto e tivéssemos uma festa do pijama. Ela tinha ideias mais elaboradas sobre guerras de travesseiros, fofocas e conversas de mulheres, e insistiu que ficássemos no quarto dela. No entanto, no meu quarto havia um PlayStation, e os meninos eram os donos da maioria, daí a configuração atual.
"Quem é o intruso parasita, Thor?", perguntou Liz, empurrando o quadril dele com o dela para se aproximar. "Quem eu preciso machucar?"
"Você faria isso, não faria?", Gibs riu, empurrando-a para que ela pudesse sentar no assento ao lado dele. "Víborazinha."
"Keith Allen", Claire interrompeu, continuando a pintar as unhas dos pés. "E eu concordo plenamente."
Ah, aqui vamos nós .
Contendo um gemido, joguei-me de volta no pufe e me preparei para problemas.
"Eu estava dizendo que se sua irmã se casar com Mark, então você e Gibs serão uma família", explicou Feely, claramente por fora do assunto sobre nosso amigo e seus sentimentos em relação à sua família adotiva.
Não era culpa do Feely. Ele não morava na rua, e o Gibsie era um mestre em esconder as coisas. Quanto pior a situação piorava em casa, mais escandalosamente engraçado ele se tornava. "Segundo o Gibs, isso não é bom."
"Não é", concordou Liz, dividindo um pacote de Tayto com Gibs. "Além disso, não precisamos que eles se casem para formar família."
“Exatamente”, ele disse, concordando plenamente com ela.
"Podemos não falar daquele cretino?", perguntou Claire, parecendo quase tão enojada quanto soava. "Já é ruim o suficiente ele estar na nossa sala, chupando o Caoimhe." Um arrepio a percorreu. "Eca."
"Concordo", concordei, sorrindo ao marcar mais um gol contra o time do Feely. "É Natal, rapazes, não Halloween."
"Falando em Natal..." Com uma risada calorosa, Gibsie passou o braço brincalhão em volta do pescoço de Liz e a puxou para perto. "Tenho um presente para você."
"Não ouse", o resto de nós começou a protestar, mas era tarde demais quando uma trombeta dolorosamente longa e fedorenta rasgou o ar.
"Meu Deus, Gibs, você acabou de *peidar* ?", Liz engasgou entre gargalhadas, enquanto tentava se livrar da chave de braço de Gibsie. "Ah, ah, acho que consigo sentir o gosto."
"Inspire", incentivou Gibsie, usando o pé para soprar o ar em sua direção. "Essa é a minha receita especial."
"Jesus Cristo, o que você comeu?", perguntou Feely, usando a camiseta para cobrir o nariz. "Parece que algo *morreu* dentro de você, rapaz."
"Você sabe que eu gosto de feijão cozido com minhas batatas", Gibs riu antes de começar a cantar. " *Feijão, feijão, faz bem para o coração, quanto mais você come, mais você peida, quanto mais você peida, mais você come* ..."
" *Quanto mais você senta no vaso sanitário* ", Claire interrompeu, tapando o nariz com os dedos. "Quantas latas de feijão você *comeu* , Gerard?"
“Ei, pelo menos não era espinafre”, ele riu de volta antes de cantarolar, “ *Popeye, o marinheiro, ele mora em uma caravana, ele mora com sua mamãe, ela faz cócegas em sua bunda, ele é Popeye, o marinheiro…”*

"Você é *doente* ", Feely riu, balançando a cabeça. "Absolutamente vil, rapaz."
"Tenho mais", ofereceu Gibsie, ainda rindo. "Quer ouvir?"
“Não!” nós quatro respondemos em coro.
"Tudo bem", ele bufou antes de voltar a atenção para Liz, que tentava se soltar. "Vem cá, Liz. O Papai Noel esqueceu de entregar seu presente, então ele me pediu para te entregar."
"Se você peidar em mim de novo, eu te mato", ela gritou, tentando, sem sucesso, se salvar. "Aviso justo, Gibs."
"Tarde demais", ele riu, jogando-a no chão. "Está a caminho."
"Gibsie, não!" Rindo histericamente, Liz empurrou o peito dele quando ele começou a fazer barulho de motor. "Não ouse... ahh!"
"Brmm, brmm, brmm", ele riu, fazendo barulhos de motor enquanto abaixava lentamente a bunda em direção ao rosto dela e soltava um peido vil e estridente. "Feliz Natal!"
"Ahh! Consigo sentir o gosto", gritou Liz. "Sinto o gosto de feijão na minha língua!"
Eu queria ajudá-la, mas estava muito ocupado rindo incontrolavelmente.
Arquejando e engasgando, Liz saiu de baixo dele e mergulhou em direção à janela do meu quarto.
Abrindo a janela, ela se inclinou sobre o parapeito, respirando fundo em meio a acessos de riso. "Se eu pegar conjuntivite de você, juro por Deus, Thor, que farei de sua missão de vida atormentar você."
"Ooh, palavras de luta, víbora." Levantando-se de um salto, Gibs bateu no peito como um gorila. "Estou pronto para você."
"Ah, é?" Desafio aceito, Liz subiu no parapeito da janela e mirou em Gibs. "Você acha que é durão o suficiente para me derrotar, é?"
"Ah, pode acreditar, víbora. Sou a combinação do Matt e do Jeff", Gibs provocou, acenando com os dedos para que ela fosse em frente. "Sou o terceiro irmão dos Hardy Boyz."
"É, bom, prepare-se para o salto mortal da Lita, vadia", Liz avisou e então virou as costas para ele e se agachou.
"Liz, não, não, não, não tem acolchoamento!", Gibs tentou protestar, apressando-se para interceptá-la. "Espere! Você vai quebrar seu—ahhhh!"
"De jeito nenhum!", gritei, completamente hipnotizado pela garota que executou o mortal perfeito para trás da janela do meu quarto. Além disso, ela conseguiu achatar o Gibs como se fosse uma panqueca.
"Estou morto", lamentou-se ele debaixo dela, enquanto minha irmã gritava atrás de um travesseiro. "Estou morto, já te disse!"
"Sinta o cheiro, Thor", gargalhou Liz, prendendo-o no tapete, como se estivesse lutando. *"Vitória."*
"Você é uma mulher estranha e assustadora", ele refletiu. "Mas inesquecível."
Cacarejando, ela o ajudou a se levantar. "Você está machucado?"
“Apenas meu orgulho.”

PARTE 8

Monstros por toda parte

TE VEJO ATÉ MAIS, GAROTO

Lizzie

22 DE JANEIRO DE 1999

ACONTECEU DE NOVO ONTEM À NOITE .

O monstro me atacou novamente enquanto eu dormia, me machucando tão gravemente que trouxe meus ferimentos de volta à realidade.

Doía sentar na minha cadeira durante a aula e, quando chegou a hora do almoço, eu estava quase perdendo a cabeça. Todo o meu corpo doía, mas era a minha mente que estava realmente abalada. Porque estava ficando cada vez mais difícil distinguir entre o que era real e o que era minha imaginação.

Chegando ao meu limite, evitei meus amigos no recreio, fugindo da sala de aula assim que o sinal do almoço tocou. Rezando por uma escapada e buscando consolo, escondi-me atrás do muro no fundo do campo, sabendo que Shannon e Claire não me encontrariam ali.

Sentado de pernas cruzadas na grama, encostei-me na parede atrás de mim e tentei respirar apesar da dor. Não sabia o que era pior: a dor na minha mente ou a dor entre as pernas.

As lágrimas escaldantes que escorriam pelo meu rosto eram a minha única garantia de que eu estava, de fato, acordada e na escola. Eu podia sentir, tocar, provar e ver minhas lágrimas. Eram *reais* , o que significava que eu também estava.

Fungando, coloquei as mãos trêmulas nas coxas e me forcei a olhar. Meu corpo ficou tenso ao ver as marcas de garras que o monstro havia deixado na minha pele.

Impressões digitais escuras e arroxeadas estavam gravadas em minha carne. Pareciam ruins, mas eu sabia que eram insignificantes em comparação com o dano que o monstro infligiu dentro de mim. Nas partes que eu não conseguia ver no espelho.

O mais assustador de tudo era que eu achava que uma pequena parte de mim poderia estar começando a gostar daquilo, o que não fazia sentido, porque eu *sabia* que não. Eu odiava o monstro e nunca queria dormir à noite porque tinha medo de que ele se infiltrasse no meu corpo. Mas, ultimamente, algo estranho estava acontecendo dentro de mim — uma sensação pulsante horrenda que me deixava enjoado.

Estava crescendo dentro de mim e piorava quando *os garotos* olhavam para mim. Principalmente o Hugh. Quando ele olhava para mim, crescia tanto que parecia que eu tinha outro coração batendo na barriga. O pior de tudo era que eu achava que talvez *gostasse* .

Eu *não era* uma boa pessoa.

Chorando ainda mais, fechei os punhos e bati na minha cabeça repetidamente, esperando e rezando para que eu pudesse, de alguma forma, apagar os pensamentos ruins.

Eu sou mau .
Eu sou mau .
Eu sou mau .
Meus punhos continuaram a se agitar até eu me cansar do esforço que fazia para me espancar. Ainda tremendo, fechei os olhos com força e respirei fundo várias vezes, desesperada para me recompor antes que o sinal tocasse.
"Este lugar está ocupado?" Assustado com a intrusão repentina, virei-me e vi Joey Lynch sentar-se no gramado ao meu lado. "Por que você está chorando, garoto?"
Fungando, rapidamente enxuguei as lágrimas do rosto e pigarreei. "Não estou."
Ele arqueou uma sobrancelha, incrédulo, mas não fez mais comentários. Em suas mãos, segurava um Discman com aparência surrada.
Instantaneamente distraído por sua presença, voltei minha atenção para o som da música que saía dos pequenos fones de ouvido em seus ouvidos. "O que você está ouvindo?"
Ele não respondeu; em vez disso, pegou o fone de ouvido direito e me entregou. Quando o coloquei no ouvido, levei alguns segundos para registrar a música alta como "They Don't Care About Us", do Michael Jackson.
"Encontrei no trabalho", explicou ele, segurando o discman. "O chefe estava jogando fora." Ele deu de ombros antes de acrescentar: "Só para o caso de você achar que eu roubei."
"Por que eu pensaria que você roubou?"
Ele deu de ombros, mas não respondeu. Em vez disso, lançou um olhar rápido ao redor, examinando a área, antes de pegar um cigarro enrolado e um isqueiro do bolso da calça da escola.
Intrigado, observei enquanto ele molhava o lábio inferior antes de colocar o cigarro na boca e acender a outra ponta.
"Então." Joey deu uma longa tragada no cigarro e pareceu segurar a fumaça nos pulmões por um instante extra longo antes de exalar lentamente. "Já quer revelar o culpado?"
“O culpado de quê?”
“Suas lágrimas.”
"Não, porque eu *não estava* chorando", respondi bruscamente, com a atenção voltada para os estranhos círculos de fumaça que ele exalava da boca. "Sabe, você vai ser expulso se os professores te pegarem com um cigarro na boca."
Seus lábios se contraíram. "É mesmo?"
"É", respondi, torcendo o nariz quando o cheiro adocicado e enjoativo invadiu meus sentidos. "Isso não tem cheiro de cigarro normal."
"Porque não é", ele refletiu, parecendo não se importar com nada no mundo. Deu outra tragada profunda e expirou lentamente. antes de acrescentar: “Todos nós temos nossas maneiras de passar o dia, não é, garoto?”
"É, mas você só está na sexta série." Franzi a testa, confusa. "Você não vai entrar no ensino médio em setembro se te pegarem usando drogas, Joey."
Seus olhos verdes se voltaram para os meus, em desafio. "Você vai me dedurar?"
"Não." Balancei a cabeça. "Eu sei guardar um segredo."
"É." Ele exalou outra nuvem de fumaça. "Eu também, garoto."
Suspirando fundo, envolvi as pernas com os braços e apoiei o queixo nos

joelhos. "Aposto que sou melhor nisso do que você."
"Hmm." Seus lábios se contraíram e ele voltou a olhar fixamente para a frente. "Então vamos lá." Jogando um rastro de cinzas na grama, Joey deu outra tragada no cigarro que ele mesmo havia feito. "Quem te fez chorar?"
"Por quê?", arqueei uma sobrancelha. "Você vai bater neles?"
"Talvez", respondeu ele, dando de ombros preguiçosamente. "Se precisar."
“Eu não preciso de ninguém.”
Agora ele *sorriu* . "Eu imaginei."
"O que é tão engraçado?"
"Você", respondeu ele. "Você me lembra alguém que eu conheci."
"Quem?"
"Meu eu mais jovem", ele me surpreendeu ao dizer, antes de se virar para mim. "Escute", disse ele, agora todo profissional, com a carranca firme de volta ao lugar. "Podemos fazer isso do jeito fácil ou do jeito difícil, mas, de qualquer forma, ainda vamos chegar à mesma conclusão."
"Qual é?"
"Você me conta quem te fez chorar e eu conserto para você."
"Por quê?" Estreitei os olhos. "Por que você me ajudaria?"
"Por que *você* me ajudaria?", Joey retrucou, agarrando o suéter que vestia. Eu sabia que vinha da sacola que eu tinha dado a ele. porque me lembrei do fio verde que a mamãe usou para consertar a manga.
"Fiz isso pela *Shannon* ", expliquei. "Além disso, você nem gosta de mim."
"Não preciso gostar de você para te ajudar", explicou ele calmamente, dando outra tragada no cigarro. "Eu só preciso ajudar."
"Assim mesmo."
"Simples assim, garoto." Deixando a cabeça cair para trás, ele expirou pesadamente e deixou os ombros relaxarem pelo que imaginei ter sido a primeira vez na vida. "Além disso, eu não gosto de dever nada a ninguém."
Eu não sabia como responder, então fiquei quieto, estudando diligentemente o garoto assustador sentado ao meu lado.
Aquele que eu conhecia não era como os outros.
Ele permaneceu ao meu lado, fumando seu cigarro estranho até não sobrar mais nada. Só depois de apagar o cigarro e guardar a pequena bituca no bolso é que Joey falou novamente: "Eu *retribuo* o favor, garoto."
"Ah, é?", respondi, acompanhando cada movimento dele enquanto ele se levantava e se limpava. "Como?"
"Depende de você", foi tudo o que Joey respondeu antes de se virar e ir embora. "Até mais, garoto."

RETO ABDOMINAL

Hugo

19 DE FEVEREIRO DE 1999

G IBS NÃO VEIO À ESCOLA HOJE, O QUE FOI MAIS DO QUE ESTRANHO, CONSIDERANDO QUE ganhamos bolo da professora em nossos aniversários.
Em todos os anos em que o conheci, o que foi literalmente *todos* os anos da minha vida, ele nunca recusou bolo no seu aniversário. Que droga, ele até destruiu o bolo que me deram no *meu* aniversário.
Isso só poderia significar uma de duas coisas: ou ele estava às portas da morte ou já havia passado por ela.
Quando cheguei à varanda da frente dele depois da escola e tentei entrar como fazia todos os dias desde que aprendi a andar, encontrei resistência.
A porta estava trancada.
Desde quando usamos cadeados?
Foi estranho tocar a campainha de uma casa cujos códigos de alarme eu conhecia, mas toquei e esperei impacientemente.
Depois de cerca de vinte e cinco toques da campainha, ela finalmente abriu.
Quando meus olhos se fixaram no babaca na minha frente, senti meu sangue gelar.
Mark Allen .
Juro que esse idiota me irritou.
"Onde está o Gibs?", perguntei, sem me preocupar com formalidades. Eu sabia que ele não gostava de mim, e o sentimento era mútuo.
Mark Allen tinha complexo de deus e não suportava que alguém mais jovem o superasse intelectualmente. Esse alguém era eu, e eu tinha o maior prazer em dar uma surra nele com a minha mente.
"Como é que eu vou saber?", Mark fervia, parado na porta, só de moletom de cintura baixa. "Por que você está tocando a campainha cem vezes? Eu estava tentando malhar, seu babaca!"
"Espero que seja o seu cérebro", respondi secamente, tentando não vomitar ao ver a criatura. "Porque, evidentemente, seus músculos retos abdominais são uma causa perdida."
"Espere aí." Ele estreitou os olhos. "O que você disse sobre reto?"
Dei um sorriso irônico, achando graça. "Exatamente."
"Biggs, é melhor você me dizer o que quer agora mesmo ou sumir da minha porta", rosnou ele, dando um passo ameaçador em minha direção. "Porque não estou a fim do seu jargão de espertalhão."
Em vez de me encolher, ri. "Você é mesmo burro pra caramba, né?"
"Espere só." Ele apontou para o meu rosto e assentiu, sério. "Mais alguns anos e eu vou acabar com a sua cara de espertinho."
"Estou bem aqui", respondi, rindo. "Dê o seu melhor."
"Ah, você ia gostar disso, não é?", ele zombou. "Um espertinho como você

provavelmente teria uma câmera filmando."
Sorri. "Por que você não tenta e vê se está certo?"
"Por que você não volta pelo buraco de onde saiu?", ele rugiu antes de bater a porta na minha cara sem cerimônia.
"Na verdade, eu sou fruto de uma cesárea, seu babaca", provoquei. "Então sua tentativa de me insultar é inútil."
O som do clique da fechadura encheu meus ouvidos.
O filho da puta .
"Eu odeio esse cara", murmurei para mim mesmo, olhando feio para a porta fechada.
Bem, ele não conseguiria me manter fora tão facilmente.
Espiando pela lateral da casa, escalei o velho carvalho do lado de fora da janela aberta de Mark, o quarto que costumava ser de Beth, antes de me lançar contra a janela.
Fácil como uma torta.
Ao entrar pela janela, pousei suavemente sobre meus pés, apenas para fazer cara feia para a completa pocilga que era seu quarto.
Cartazes com imagens explícitas de garotas nuas adornavam as paredes, e ele tinha um monte de fotos instantâneas espalhadas na mesa de cabeceira. Não me dei ao trabalho de investigar, porque qualquer coisa que despertasse o interesse de Mark não me interessaria nem um pouco.
Ele claramente usava o chão como lixeira, pois havia mais lixo espalhado ali do que dentro da nossa lixeira. Ele nem tinha um lençol no colchão, e havia uma mancha de urina bem visível — e enorme — no meio.
Esse babaca era selvagem.
Abandonei meu quarto antes que os vapores alterassem os produtos químicos em meu cérebro e fui direto para o quarto de Gibsie e entrei.
Não me dei ao trabalho de bater porque não fazíamos esse tipo de coisa. Caminhei até a cama dele e inspecionei seu corpo inerte, encolhido sob o edredom. "Você está morto, Gibs?"
Assustado com o som da minha voz, Gibs se levantou de repente, apenas para soltar um suspiro dolorido e se acomodar cuidadosamente de lado. "Estou sim, rapaz."
"É contagioso?", perguntei, sentando-me ao lado dele. "Você parece mesmo meio morto." Estendi a mão e toquei sua testa úmida. "Meu Deus, você está queimando, rapaz." A preocupação rugiu dentro de mim. "Você está encharcado de suor, Gibs."
"Estou bem, Hugh", sussurrou ele, tremendo sob as cobertas, enquanto se encolhia em posição fetal. "Estou sempre bem."
“Onde está sua mãe?”
"Trabalhar."
“Keith?”
"Trabalhar."
“O Mark está tomando conta de você?”
Ele assentiu rigidamente.
Franzindo a testa, preocupada, toquei sua testa novamente, sentindo-me infeliz por deixá-lo ali. "Você consegue se levantar?"

"Por que?"
"Porque é seu aniversário e eu não vou te deixar aqui sozinha", expliquei, me levantando. "Venha para nossa casa e nós cuidaremos de você até sua mãe chegar do trabalho." Sorrindo, acrescentei: "A Claire está fazendo um bolo para você — mas, já aviso, eu a peguei babando na colher."
“Mas eu devo ficar aqui com ele.”
"É, o Mark é muito bom", resmunguei. "Ele está ocupado demais 'malhando' para se dar ao trabalho de te ver. Você devia ter ouvido o jeito que ele rugiu para mim quando bati na porta. Ele estava furioso porque eu o perturbei." Balançando a cabeça, peguei a mão dele e o ajudei a se sentar. "Não, você vem para casa comigo." Colocando o edredom sobre seus ombros, passei o braço em volta do meu amigo mais antigo e o levei para fora do quarto.
"E onde diabos você pensa que vai?", perguntou Mark quando chegamos ao patamar. Ele parou na frente da escada e cruzou os braços. "Sua mãe me deixou cuidando de você." Ele voltou sua atenção para Gibs e disse: "Volte para a cama agora."
Um arrepio percorreu Gibs, e ele estendeu a mão para mim, apertando-a quase com tanta força quanto Lizzie fazia quando aquele sujeito estava por perto. "Ele vem comigo", avisei, assumindo uma postura protetora diante do meu amigo.
"Eu mando para onde ele vai." As narinas de Mark se dilataram de raiva. "Ele é meu irmão."
"Não, seu cretino de merda", eu fervi, afastando a mão dele quando ele tentou agarrar meu amigo. "Ele é *meu* irmão. Agora sai da nossa frente."
Ele deu um sorriso sombrio. "Me obriga, cabeça de ovo."
Bem, eu raramente perdia a paciência; na verdade, eu era elogiado pela minha capacidade de manter a calma, mas esse valentão tirava o pior de mim.
Mark Allen era um canalha malvado. Ele estava sempre provocando, zombando e atormentando o Gibs, e quando não estava fazendo meu amigo chorar, estava fazendo minha babá chorar.
A diferença era que eu não era Gibsie nem Caoimhe. Também não era Claire nem Liz. Eu não toleraria isso. É, eu era mais novo que ele, mas era alto para a minha idade e não tinha medo de me impor, mesmo que a probabilidade de levar uma surra fosse alta.
Eu não tinha dúvidas de que Mark conseguiria me derrotar, mas o fato de eu não ter medo de enfrentá-lo, sabendo que certamente conseguiria dar alguns golpes, o fez parar por um momento.
Sim, porque não seria uma boa ideia o Mark ser pego agredindo crianças. Ele tinha uma reputação a zelar — uma reputação que ele havia vendido a todos os adultos da nossa comunidade.
Todo mundo amava esse cara.
Todos .
Tentei contar a Sadhbh sobre o bullying, mas ela não quis ouvir uma palavra contra seu precioso enteado. Tentei contar a Caoimhe, e ela acreditou menos ainda.
"Você quer mesmo fazer isso comigo?", perguntei, sem querer recuar. "Aqui e agora?"
Mark deve ter percebido o quão sério eu estava falando, porque ele balançou a

cabeça e zombou: "Você não vale a pena ir para a cadeia por você", antes de passar por nós.
Tomando isso como um sinal para ir embora, carreguei meu amigo escada abaixo e saí pela porta da frente antes que seu valentão mudasse de ideia.
“Obrigado por isso”, disse Gibs quando estávamos na minha garagem.
"Sem problemas, rapaz", respondi, guiando-o escada acima. "Sempre que precisar."
"Eu poderia cobrar isso de você", ele riu, ainda segurando minha mão.
Por alguma estranha razão, não soltei minha mão da dele, nem mesmo quando entramos. Em vez disso, deixei que ele segurasse minha mão por uns bons cinco minutos antes de finalmente me soltar.

VIAGENS AO CINEMA E LICENSES INCRÍVEIS

Hugo

20 DE FEVEREIRO DE 1999

EU NÃO ESPERAVA ENCONTRAR O CRETINO TÃO LOGO DEPOIS DA NOSSA CONFLITO ANTERIOR , mas foi o que aconteceu quando abri a porta no dia seguinte e o encontrei na minha porta.
Como um cheiro ruim que a rua não conseguia afastar, Mark Allen estava parado na minha frente. Ele apoiava os braços em cada lado do batente da porta, numa tentativa óbvia de parecer o mais imponente possível. Se ele esperava que eu me encolhesse de medo, então não tinha aprendido absolutamente nada. Porque, como eu diria mil vezes, ele podia me chutar para cima e para baixo na rua e eu ainda voltaria atacando o filho da mãe.
A única razão pela qual não retribuí o favor e bati a porta na cara dele foi o fato de Gibs também estar lá.
"O quê?" perguntei em tom neutro.
“Fui enviado para perguntar se você e sua irmã queriam ir ao cinema conosco”, disse o cretino, me surpreendendo.
"O cinema." Arqueei uma sobrancelha, incrédula. "Com *você* ?"
"Você quer ir ou não?" Mark perguntou bruscamente, parecendo impaciente.
"Eu quero *ir* ?" Meus olhos se arregalaram nas órbitas. "Idiota, você deve estar maluco se pensa ou imagina que eu respiraria de *bom* grado o mesmo ar que..."
"Por favor, venha, Hugh", interrompeu Gibsie, olhando para mim com uma expressão suplicante. *"Por favor."*
"Veio para onde?", perguntou Claire, passando por baixo do meu braço. "Ah, oi, Gerard." O sorriso radiante que ela tinha para o nosso amigo rapidamente se transformou em uma carranca quando seus olhos pousaram em Mark. "Eca."
"A Caoimhe vai nos encontrar no cinema", continuou Gibsie, olhando fixamente para mim. "Aquela da cidade. É o presente dela para mim." Ele deu de ombros, impotente. "Sabe, de aniversário."
Droga, Gibs!
Ele teve que usar a carta do aniversário ali.
"Eu vou." Claire aceitou o convite rapidamente. "Espere um pouco", acrescentou, recuando rapidamente pelo corredor. "Vou pedir dinheiro para a mamãe."
Droga, Claire!
Agora eu tinha que ir porque não havia a mínima possibilidade de eu deixar *minha* irmãzinha entrar no carro daquele idiota sem mim.

Meu mau humor passou rapidamente quando entrei no saguão do cinema trinta minutos depois e encontrei Lizzie, parada ao lado, enquanto sua irmã pagava os ingressos no balcão. Claire e Gibs foram direto para os refrescos, mas eu não

conseguia me mexer.
Momentaneamente atordoado ao vê-la, não pude fazer nada além de encará-la como um idiota e absorver a imagem dela em minha mente.
Liz usava um vestido babydoll verde enorme, um cardigã branco ainda maior, meias brancas com babados até o tornozelo e botas pretas do exército. Seu cabelo estava solto e esvoaçava sobre os ombros, e ela tinha um curativo no joelho. As roupas que usava a cobriam e claramente pertenciam a Caoimhe, mas, de alguma forma, Liz fazia com que parecesse tão descolado. Ela exalava uma confiança preguiçosa que não era comum em garotas da nossa idade.
Ela estava com o olhar perdido, mas quando chamei sua atenção, seus olhos literalmente brilharam e ela começou a se mover, serpenteando pelo saguão lotado como uma mulher em uma missão.
Quando Liz me alcançou, não hesitou em me abraçar, nem pensou duas vezes antes de enterrar o rosto no meu pescoço. "Ótimo", foi tudo o que ela disse, inalando profundamente e exibindo mais uma peculiaridade estranha que achei adorável.
Não oi, ei ou olá.
Simplesmente *bom* .
De alguma forma, isso era melhor do que qualquer outra saudação mundana.
Pude sentir a tensão deixar seu corpo quando a abracei pela cintura e a puxei para perto. Ela ficou ainda mais dócil quando peguei sua mão.
Eu não dava a mínima se algum dos nossos amigos me visse segurando a mão dela. Eu já tinha deixado para trás a fase de garoto envergonhado há muito tempo.
Tudo o que senti quando segurei sua mão ultimamente foi privilégio e orgulho.
Porque Liz *me escolheu* para segurar sua mão.
"Graças a Deus você está aqui", eu disse a ela. "Achei que ficaria presa entre Debi e Lóide, e Barbie e Ken."
"Eu pensei a mesma coisa", ela riu, segurando minha mão com as duas dela. "Senti sua falta."
“Você me viu há dois dias, Liz.”
"Eu sei."
A resposta dela não só tocou meu coração como também fez todo tipo de *coisa* acontecer dentro de mim. Consegui me distrair perguntando: "Então, que filme estamos assistindo?"
" *Varsity Blues* ", ela respondeu, dando de ombros. "Pelo menos acho que é assim que Caoimhe disse que se chamava."
Liz parecia tão interessada em estar ali quanto eu na varanda quando o cretino sugeriu. Embora eu tivesse pouco ou nenhum interesse em estar ali, eu estava completamente envolvido na empresa.
"Vamos lá, pessoal!", gritou Claire, acenando como um unicórnio enfeitado do outro lado do saguão. Isso também não era exagero. Minha irmã estava literalmente usando a tiara do My Little Pony — aquela com brilhos e um chifre rosa e brilhante. Claire apontou para onde os outros estavam indo, na tela um, antes de acrescentar: "Vou lamber seu pirulito se você não se apressar, Hugh."
Liz sorriu. "Você sabe o que isso significa, não é?"
"Claro que sim", resmunguei, guiando-a em direção à porta identificada como

tela um. "Significa que o demônio de cabelo cacheado *já* lambeu meu gobstopper."
"É." Minha melhor amiga jogou a cabeça para trás e riu. "Exatamente."

Tudo parecia estar indo bem até que, quando já estavam quase três quartos do filme, Lizzie começou a se contorcer incontrolavelmente na cadeira. Com os joelhos e ombros balançando inquietos, Liz puxou cada fio da manga do cardigã até que ela começou a se desfazer. Então, ela tirou todas as pulseiras e braceletes dos pulsos antes de colocá-los de volta, só para retirá-los imediatamente.
Inclinando-me, coloquei minha mão sobre a dela e sussurrei: "Você está bem?"
Assentindo, ela ajeitou o cardigã quando este escorregou do ombro. "É, eu só..." Ela olhou ao redor antes de voltar a atenção para a tela à nossa frente. "Acho que preciso usar o banheiro."
"Você quer que eu te acompanhe..." comecei a dizer, mas ela já estava fora do seu assento e correndo na direção da saída.
Além de confuso com sua mudança repentina de humor, olhei para Gibsie e Claire para ver se elas tinham notado o que eu tinha notado, mas Eles estavam absortos no filme. Olhei para Mark e Caoimhe, só para me arrepender instantaneamente quando os vi comendo a cara um do outro.
Nojento pra caralho .
Quando dez minutos se passaram e Liz ainda não havia retornado, eu saí do meu assento e entreguei minha pipoca para Gibs antes de sair para procurá-la.
Verifiquei todos os cubículos do banheiro e não encontrei nada, e uma energia nervosa começou a crescer dentro de mim. Meus Sentidos-Aranha estavam em alerta máximo.
Para onde ela foi?
Alguma coisa estava errada.
Algo não estava certo.
Passeando pelo saguão, dei uma olhada na frente antes de voltar pelo corredor, verificando atrás de cada porta destrancada pelo caminho.
Foi só quando empurrei as portas de saída nos fundos do prédio e olhei para a parte de trás de sua cabeça loira que senti algum alívio, e mesmo assim, foi frustrado pela visão de seu rosto manchado de lágrimas.
"O que aconteceu?", perguntei, sentindo meu coração disparar. "Liz."
Fungando, ela se virou e olhou para mim, me dando uma visão privilegiada da tristeza em seus olhos.
Ela nem tentou esconder.
Não de mim.
Não, tive uma audiência particular com sua devastação, conforme se manifestava em seus olhos azuis e tempestuosos.
"Não sei", ela finalmente disse, estrangulada, vindo direto para os meus braços. "Acho que estou ficando louca de novo, Hugh."
"Todo mundo está meio bravo", respondi, abraçando-a. "Olha o meu pai, Liz. Ele é muito mais do que um pouco bravo."
"É, mas pelo menos seu pai sabe a diferença entre a vida real e a imaginação

dele", ela sussurrou, agarrando-se a mim com toda a força. "Eu não sei."
"Isso não significa que você esteja brava, Liz", tranquilizei-a, puxando-a para perto. "Está tudo bem. É só como você pensa às vezes."
"Mas está tudo errado, Hugh", ela gritou com mais força. "Eu não quero pensar assim."
Eu sabia disso e queria ter a resposta para todos os seus problemas, mas eu tinha apenas onze anos e estava tentando aprender na prática. Nunca havia encontrado esses problemas com Claire. Sua maior preocupação era o método mais seguro para capturar borboletas e joaninhas.
Mas e *essa* menina?
Essa menina sentia tristeza nos *ossos* .
Liz sentia as coisas mais profundamente do que outras pessoas da nossa idade, e sempre sentiu. Alguns dias eram melhores que outros, e outros, piores. Hoje era um dos dias mais difíceis para ela, mas dizer isso a ela não ajudaria.
"Hoje é um *bom* dia", eu disse a ela, dando-lhe as palavras que ela precisava ouvir. "Você está tendo um *bom* dia, Lizzie Young." Puxei-a para mais perto de mim, querendo envolver seu corpo com o meu e protegê-la do mundo. "Você está feliz e segura porque está comigo, e sabe que não vou deixar nada de ruim acontecer com você."
"Eu sou?"
"Sim, você está", eu insisti, sendo a garantia de que ela precisava quando sua mente lhe pregava peças. "Você está aqui comigo, feliz e sorridente, tendo o *melhor* dia."
"Com você."
"Comigo", prometi. "E você é saudável, corajosa e inteligente. Assim como eu."
"Assim como você?"
Concordei com a cabeça. "E sabe o que mais você é?"
"O que?"
“Você é meu melhor amigo.”
Ela prendeu a respiração. "E o Patrick?"
"E ele?", respondi, sem tirar os olhos dela. "Você é a única que me conhece de verdade, Liz."
"Igualmente", ela respondeu, olhando para mim com olhos azuis e solitários. "Ninguém me entende como você."
"Vou te manter segura", prometi, colocando o cabelo dela atrás da orelha. "Sempre."
"Não importa o quê?"
"É, Liz", confirmei, sem compreender de fato o voto que havia feito sobre meus jovens ombros. "Não importa o que aconteça."

MUDANÇA DE HUMOR E TROVÕES

Lizzie

26 DE FEVEREIRO DE 1999

MINHA MENTE ESTAVA ESCAPANDO DE NOVO .
Eu podia sentir a mudança de humor vindo pelos trilhos como um trem de carga, pronto e preparado para aniquilar cada grama de progresso que eu havia feito.
"Ajoelhe-se e implore para que eu fique…"
"Pare de lutar comigo e eu não vou te machucar na próxima vez…"
"Seja uma boa menina e tome sua pílula…"
"Sua putinha louca, eu sinto que você está gostando disso…"
"Curve-se, vagabunda, e lembre-se, se você gritar, eu a mato…"
Atormentado por pesadelos e memórias de uma vida que nunca existiu para mim, eu dependia muito da tesoura escondida debaixo do meu colchão para me ajudar a passar os dias.
Estrelas e cicatrizes, abertas e ocas, cortam, cortam, cortam, cortam, cortam, cortam .
Quanto mais sangrenta a confusão, maior a paz de espírito.
Marcas na minha pele que refletiam a dor imposta ao meu coração.
"Elizabeth, saia, saia, onde quer que você esteja…"
"Você não pode se esconder de mim…"
"Eu posso sentir você dentro de mim…"
"Posso te encontrar em qualquer lugar, pequena e ocupada abelhinha Lizzie…"
Meus pensamentos corriam tão descontroladamente que nem mesmo o remédio colocado no fundo da minha garganta conseguiu domar a fera que despertava dentro de mim.
Eu queria tirar todas as minhas roupas e sentir o sol na minha pele.
Eu queria arrancar a pele dos meus ossos, tira por tira, até que todos pudessem ver o quão impuro eu era por dentro.
Eu queria me jogar da janela do meu quarto e empalar meu torso nas grades da janela abaixo.
Eu queria muito saber como seria cortar minha artéria carótida e ver o sangue sumir do meu corpo.
Seria o suficiente para afogar o monstro?
Talvez eu pudesse afiar minhas unhas como punhais, como a moça assustadora, e matá-lo em meus sonhos.
Perder a noção da realidade não era algo estranho para mim, mas toda vez que isso acontecia, eu era consumida pelo medo de não conseguir voltar dessa vez.
Por favor, não me deixe voltar desta vez .

PENSE DUAS VEZES ANTES DE TOCAR NA MINHA GAROTA

Hugo

17 DE MARÇO DE 1999

EU SABIA QUE LIZ ESTAVA COM DIFICULDADES .
Eu simplesmente não sabia como ajudá-la.
Durante semanas ela estava se isolando da vida, mal falando com os amigos e perdendo a noção do tempo.
Fazia tempo que eu não a via tão triste, e isso me assustou pra caramba. Porque eu via a dor nos olhos dela e não tinha como amenizar a situação. Eu não conseguia resolver esse problema para ela.
Mesmo quando criança, quando Liz estava triste, ela não estava apenas triste. Ela estava *devastada* . Ela sempre parecia sentir as coisas mais profundamente do que o resto de nós e então absorvia toda a dor ao seu redor como uma esponja. Excelente em disfarçar, ela havia aprendido a esconder sua turbulência dos amigos.
Eu não, no entanto .
Eu vi através da armadura dela, e foi assim que percebi que ela estava tendo dificuldades ultimamente.
Ela ainda vinha à minha casa com a mesma frequência de sempre, mas muitas vezes parecia que ela estava lá apenas fisicamente. Era como se a mente dela estivesse em outro lugar, e eu não era o único a notar. Eu sabia que minha mãe também percebia, porque ela costumava levar Liz para conversar de lado, algo que o resto de nós não tinha acesso.
Eu queria ajudá-la, mas sempre que eu perguntava o que estava acontecendo, Liz apenas dava de ombros e dizia que não importava.
Claro que importava.
Qualquer coisa que a fizesse sentir-se *tão* triste importava.
Eu sabia que ela tinha problemas de saúde mental. Minha mãe tinha me explicado isso, mas eu ainda sentia que estava sendo mantida no escuro. Eu não era burra e não era ingênua como Claire e Gibs. Eu conseguiria lidar com o que quer que estivesse acontecendo com minha melhor amiga, se os adultos em nossas vidas me dessem a chance.
Eu entendia por que os adultos usavam luvas de pelica para lidar com questões delicadas, mas eu era o alvo errado para me enrolar em algodão. Porque, quer a mamãe quisesse admitir ou não, eu não era desacostumado à depressão — ou seja lá o que for que meu melhor amigo estivesse sofrendo.
Afinal, eu estava exposto ao declínio mental do meu pai há anos.
Depois de quase um mês sem nenhuma melhora no humor de Lizzie, percebi que estava cada vez mais protetor em relação a ela. Se houvesse uma maneira de viajar para a mente dela e trazê-la de volta, eu teria feito isso, mas não havia,

então tive que me contentar em protegê-la do que eu *podia* controlar.
Pelos monstros que eu pude ver .
Minha oportunidade de fazer exatamente isso chegou no Dia de São Patrício, durante um amistoso de rúgbi, imagine só. Estávamos no parque local com nossos amigos depois do desfile na cidade. Claire, Gibs e Liz estavam esparramados na grama na beira do campo, enquanto eu e Feely empurrávamos a traseira de uma marreta, junto com uns vinte rapazes da cidade, quando tudo começou.
"Atenção, Fatty", gritou Pierce O'Neill cerca de dois segundos antes de a bola passar zunindo por todos nós e atingir Gibsie diretamente no rosto.
No momento em que aconteceu, os rapazes em campo caíram na gargalhada, enquanto Gibs se levantou, segurando o rosto com a mão. Quando puxou a mão e viu o sangue nos dedos, apagou como uma lâmpada e caiu de cara no chão.
"Gerard!", gritou Claire, ajoelhando-se para confortar nosso amigo. Não era a primeira vez que qualquer um de nós testemunhava Gibs desmaiou ao ver o próprio sangue. Era uma ocorrência comum, mas nunca costumava acontecer em um ambiente tão público. Fiquei horrorizada pelo meu amigo, e o som de risadas ao nosso redor não estava ajudando em nada a baixar minha pressão arterial, que estava subindo rapidamente.
“Ele acabou de desmaiar?”
“Rapazes, o Fatty acabou de desmaiar.”
"Ele está bem?"
"Isso não tem preço, rapazes. Billy Elliot tem medo de sangue!"
"Cale a boca, Danny", Feely rosnou, mirando no babaca tagarela que ria, enquanto eu me aproximava do principal culpado.
"Você fez isso de propósito, não é?" O sorriso irônico no rosto de Pierce me garantiu que eu estava certo. "Por que você não joga alguma coisa em mim?", perguntei, empurrando seu peito com força suficiente para derrubar o pirralho no seu traseiro. "É, foi o que eu pensei", zombei, enquanto me postava sobre ele e o encarava. "Não é tão durão assim agora, né?"
"Eu só estava brincando, Biggsie", Pierce engasgou, erguendo as mãos em retirada, como o covarde que era. "Relaxa, tá?" Dando de ombros, ele acrescentou: "Era só para me divertir."
"Você acha isso engraçado?" Estreitei os olhos, enojada. "Se inteligência fosse uma merda, você estaria constipada."
"Ei! Alguém pare essa vadiazinha!", rugiu um dos outros rapazes, atraindo minha atenção de volta para a lateral do campo, bem a tempo de ver Lizzie chutar a bola com a qual estávamos brincando por cima do muro que separava o parque do rio.
"Sua idiota!" Danny rugiu, caminhando em sua direção. "Aquela bola era *minha !"*
"Ah, é?", ouvi Lizzie gritar de volta, enquanto se movia para ficar na frente de Gibsie. "Bem, agora é com o peixe."
“Se você sabe o que é bom para você, você vai pegar minha bola agora.”
“E se você sabe o que é bom para *você* , você e seus amigos idiotas vão deixar *meu* amigo em paz!” Parecendo furiosa, ela apontou para o Gibs, que estava sentado de novo, enquanto minha irmã segurava a manga do suéter no nariz dele.

"Você tem a cara de pau de chamar o Gibs de 'Gordo'? Pelo menos quando ele sangra, sai sangue de verdade. Se a gente furar a sua bunda gorda, sai molho de tomate!"
Agora, todos estavam rindo de novo, mas dessa vez às custas *de Danny* .
“Você quer dizer isso na minha cara?”
"Achei que já tinha", Lizzie retrucou sarcasticamente. "Mas você quer se virar para eu contar a sua outra versão, seu babaca de duas caras?"
"Chega de enrolação", Danny ferveu, fechando o espaço entre eles e apontando para o rio. "É melhor você entrar lá e pegar de volta."
Liz se manteve firme e o encarou com um olhar desafiador. "Prefiro cagar na mão e bater palmas."
"Pega minha bola, vadia", Danny ameaçou, empurrando o peito contra ela. "Agora."
"Vai lá você, *sua vagabunda* ", Lizzie sibilou, empurrando-o para trás. "E sai da minha frente."
Eu já estava indo em direção a eles para apartar a briga, mas quando Danny empurrou Liz com força suficiente para derrubá-la, fiquei furioso.
"Ei!", corri em direção a eles, agarrei a parte de trás da camisa do Danny e o arrastei para longe da Liz. "Cai fora, porra!"
"Ela chutou minha bola na porra do rio", argumentou Danny, tentando, sem sucesso, me contornar para chegar até Liz. "Ela vai pegar minha bola de volta, Hughie!"
"Foda-se a sua bola", rugi, dando um tapa no punho que ele havia erguido e que eu *sabia* que era para Liz. "E foda-se você por sequer pensar nisso."
"O que diabos há de errado com você, Biggs?", ele perguntou, voltando sua fúria para mim. Ele empurrou o peito contra o meu. e sibilou: “Somos amigas desde os quatro anos e você está do lado *daquela* vadia?”
"Chame ela de vadia mais uma vez e você vai descobrir o quanto eu estou do lado dela", avisei, me virando para ele. "E se você pensar em tocar nela de novo, eu arranco a sua cabeça."
"Ei, rapazes." Era Robbie Mac enquanto ele e Feely se colocavam entre nós. "Calma, Dan", ele persuadiu, tentando tirar o babaca do caminho do melhor amigo. "É só uma bola, rapaz. Não é tão fundo."
"Ele é um babaca dominado por uma mulher", gritou Danny, mais alto agora que Robbie o havia tirado do alcance dos socos. "Está me ouvindo, Biggsie? Essa vadiazinha te dominou pra caramba, rapaz."
"Mantenha a cabeça no lugar, Hughie", instruiu Feely, segurando meus ombros com firmeza. "Mantenha a cabeça no lugar, rapaz."
"Ei, Danny!", Lizzie atravessou o campo até onde Robbie o segurava. "Espera aí, esqueci de te dar uma coisa."
"Puta, a única coisa que eu quero de você é meu pauoooooo!" As palavras de Danny se transformaram em um grito agudo quando Liz o chutou bem no saco.
"Isso é por rir do meu amigo", sibilou ela, colocando as mãos na cintura. "E por chamá-lo de gordo."
Dobrando-se como uma panqueca, Danny rolou na grama, choramingando e segurando seu membro.
"E se você acha que está com dor agora, espere só, seu babaca, porque se você

pensar em xingá-lo de novo" — ela fez uma pausa para apontar o polegar na *minha* direção antes de continuar — "Eu vou fazer muito mais do que chutar suas bolas." Agachando-se para que ele a ouvisse, ela cuspiu: "Vou cortá-los da sua *boceta* e dá-los para sua amiga vagabunda."
Dito isso, Lizzie o chutou mais uma vez antes de se virar e empurrar Robbie para fora do caminho.
"Rapaz", Feely riu baixinho, cutucando meu ombro com o seu enquanto observávamos Liz caminhando em nossa direção. "Não sei se estou apaixonado ou se temo pela minha vida."
Eu só podia esperar que fosse a última opção para Feely, porque eu tinha quase certeza de que estava preso na primeira.

PELO MENOS VOCÊ NÃO O MORDEU

Lizzie

17 DE MARÇO DE 1999

COMO NÓS CINCO TIVEMOS IDO DE BICICLETA DA CASA DO HUGH ATÉ A CIDADE PARA ASSISTIR AO DESFILE — algo que só podíamos fazer porque Caoimhe estava no comando — e Feely e eu não estávamos com nossas bicicletas, tivemos que ir em dupla na garupa também. Claire pedalou sua bicicleta de unicórnio rosa, enquanto Gibsie deu um selim para Feely na garupa da bicicleta dele, e Hugh me deu um na garupa da dele.

Apesar de ter sofrido com um nariz sangrando, Gibsie estava em plena forma e passou o caminho inteiro para casa me elogiando por ser um *cara durão* .

Eu não era um cara durão.

Longe disso .

Eu tinha errado de novo.

Muito ruim dessa vez.

Eu sabia que precisava *parar quando estava brigando com Danny* , mas não conseguia me conter.

Se a notícia chegasse ao meu pai, eu estaria em apuros. Pior, envergonharia o Hugh. Aqueles caras eram amigos dele, e eu estraguei tudo para ele.

Eu tentei tanto manter a calma, mas quando eles atacaram o Gibsie, eu perdi a cabeça. Ele era tão doce e gentil, e não merecia ser importunado porque não queria entrar no joguinho idiota deles.

Feely e Claire se juntaram a Gibsie enquanto riam e brincavam sobre a briga no parque. Hugh, porém, não. Ele ficou quieto o caminho todo para casa.

Em pânico, equilibrei-me na sela atrás dele, enquanto me agarrava à sua cintura com todas as forças e rezava para que ele não começasse a me odiar agora.

Abandonando as bicicletas na calçada quando voltamos para a casa de Hugh, todos entraram, com a briga ainda sendo o assunto do momento.

Eu sabia que estava ferrado no minuto em que Claire irrompeu na sala e começou a contar tudo para minha irmã. Ela parecia tão orgulhosa de mim enquanto contava a Caoimhe como eu defendia a honra *de Gerard* , enquanto meu coração afundava ainda mais. Porque, embora Claire pudesse considerar minhas ações justificadas, meu pai as veria sob uma luz muito diferente.

Ele ouviria tudo sobre isso agora.

Era inevitável.

Caoimhe sabia, o que significava que seria apenas uma questão de tempo até que papai também soubesse.

No momento em que os olhos da minha irmã encontraram os meus, suspirei em derrota.

Estou ferrado .

"Você está bem?", perguntou Hugh, sentando-se ao meu lado no sofá da sala, com o controle remoto na mão. "Você está muito quieta desde que chegamos em casa."
Eu estava com muito medo de falar, com medo de dizer alguma besteira de novo. Já faz umas três horas que estávamos em casa, vindos da cidade, e eu sentia que estava com o tempo contado. Porque eu *sabia* que, quando visse meu pai mais tarde, o caos se instalaria. Para ser sincera, fiquei surpresa por ele ainda não ter vindo até aqui para me levar para casa. Claramente, Caoimhe ainda não tinha ligado para ele.
"Liz." Sacudindo meu joelho, Hugh chamou minha atenção de volta para o seu rosto. "Você está bem?" Seus olhos se encheram de preocupação. "Fale comigo."
"Desculpe, eu estava só assistindo ao filme", murmurei, oferecendo-lhe um sorriso irônico. "Estou ótimo."
"Que filme?", perguntou Hugh, com as sobrancelhas franzidas, enquanto gesticulava para a tela da televisão apagada. "O que você está pensando?"
"Você me odeia?", perguntei abruptamente, e então respirei fundo, com medo da resposta dele.
"Te odiar?" Ele balançou a cabeça, parecendo perplexo. "Por que eu te odiaria?"
"Por fazer uma cena", murmurei, sentindo meu corpo tremer. "E por chutar o saco do seu amigo."
"O Danny não é meu amigo, Liz." Ele esfregou o queixo, pensativo. "Ele é só... o Danny." Um sorriso surgiu em seus lábios. "Acho que ele se mijou um pouco quando você ameaçou cortar a virilha dele."
"Ugh." Gemendo, apoiei a cabeça nas mãos. "Sou uma aberração."
"Você é brilhante", ele riu, tirando minhas mãos do rosto. "E, pelo menos, você não o mordeu."
"Ha-ha", resmunguei, com as bochechas coradas. "Muito engraçado. Vamos todos rir desse maluco."
"Não vejo nenhum caso perdido", ele retrucou, agora com um tom sério. "Do meu ponto de vista, a única coisa da qual você é culpado é de ser um bom amigo."
Talvez, mas isso não seria suficiente para minha família.
"Você é leal, Liz", continuou ele, passando o braço pelos meus ombros, com os olhos castanhos calorosos e cheios de sinceridade. "É corajosa e tão epicamente forte."
"Não me sinto tão forte ultimamente, Hugh", admiti, aproximando-me dele. "Estou cansado e..."
“E o quê, Liz?”
"Medo", sussurrei, enterrando o rosto em seu peito. "Estou sempre com tanto medo."
"De quê?"
Fechei os olhos com força e sussurrei: "Eu".

PARTE 9

Juntando os pontos

VERIFICANDO E INTENCIONANDO

Hugo

18 DE MARÇO DE 1999

"H UGH , ACHO QUE TEM ALGO ERRADO COM A L IZZIE ", ANUNCIOU C LAIRE depois da aula na noite seguinte, ao chegar em casa do ensaio de dança. "Ela estava muito estranha na escola hoje."
"Hã?" Levantei a cabeça bruscamente da lição de casa que eu estava fazendo na mesa da cozinha. "Como?" Imediatamente em alerta, voltei minha atenção para minha irmã, que estava parada na ilha da cozinha, com uma carranca rara. "O que aconteceu?"
"Ela tirou os sapatos e a meia-calça na aula e correu para fora." Minha irmã se contorceu, visivelmente desconfortável. "Ela disse que queria sentir o sol nas pernas, mas estava chovendo, Hugh."
Porra .
"Achei que ela não tivesse ido à escola hoje", murmurei, esfregando o queixo. "Ela não estava no ônibus."
“Porque ela chegou atrasada à escola esta manhã, e então o pai dela veio e a levou para casa mais cedo.”
Foda dupla .
Empurrando a cadeira para trás, fui em direção à porta. "Cadê a mamãe?"
"Ainda no cabeleireiro", respondeu Claire, mordendo o lábio. "Você acha que a Liz está bem?"
"É, ela é ótima", menti descaradamente, na minha tentativa desesperada de proteger minha amiga. "Eu a desafiei a fazer isso."
Claire arregalou os olhos. "Você fez?"
"É", forcei uma risada. "Não acredito que ela fez isso."
Claramente, eu era um mentiroso melhor do que antes porque minha irmã acreditou. "Seu grande idiota!", ela franziu a testa e marchou em minha direção, dando um tapa na minha nuca. "Você podia ter metido ela numa enrascada, Hugh. Ela foi mandada para a sala do diretor e tudo!" Com as mãos na cintura, minha irmãzinha me encarou. "Nunca mais faça isso com a Lizzie, ok? Foi uma coisa muito cruel, e você a fez parecer super boba. Todo mundo estava rindo e apontando para ela."
Sentindo-me destroçada por dentro, forcei-me a dizer: "Ok, Claire", mesmo com dificuldade para recuperar o fôlego. "Não vou."
Contornando-a, fui em direção à escada, subindo dois degraus de cada vez, até chegar à porta do sótão, também conhecida como escritório do meu pai. Pensei em bater, mas decidi que, se ele fosse me ignorar, que fizesse isso na minha cara. Abrindo a porta com um puxão, subi a escada estreita e fui direto para o refúgio de isolamento do meu pai. Como esperado, ele estava curvado sobre a mesa, onde ficava o computador no qual ele começara a escrever romances policiais.
"Pai." Caminhei até onde eu sabia que ele estava dormindo e bati a mão na mesa.

"Pai!"
Como eu previ, ele acordou assustado, olhando ao redor com os olhos arregalados.
Jesus Cristo .
Quando foi a última vez que o homem se barbeou?
Ele estava começando a se parecer com Al Pacino em *Serpico* .
Quando finalmente consegui sua atenção, fixei meus olhos nos dele e disse: "Preciso da sua ajuda".
“Onde está sua mãe?”
"Indisponível", respondi, tentando manter a calma. "É por isso que preciso *da sua* ajuda."
Olhos que pareciam exatamente os meus me encaravam. Mas não havia mais fogo nos olhos do meu pai. Ele havia sido apagado quatro anos antes. "O que você precisa, filho?"
"Preciso que você me leve até a casa da Lizzie", eu disse no tom mais calmo que consegui. "É muito importante."
Suas sobrancelhas franziram em confusão. "Lizzie?"
"É, pai, *Lizzie* ", respondi bruscamente, sem conseguir disfarçar a irritação na voz. "Minha melhor amiga. A garota que fica na nossa casa quase todo fim de semana nos últimos quatro *anos e meio* ."
Meu pai me olhou com pesar nos olhos. "Desculpe, Hugh." Ele balançou a cabeça, os ombros caídos em derrota. "Eu não estou indo muito... Quer dizer, ah... hoje não é um bom dia para mim, filho."
"Nenhum dia é mais um bom dia para você, pai", respondi, com um tom carregado de decepção enquanto me virava para ir embora. "Não se preocupe. Não vou pedir sua ajuda de novo." *O inferno vai congelar primeiro* .
"Hugh", ele me chamou, parecendo arrasado. "Espere, filho!"
Eu não esperei.
E eu também não olhei para trás.

PARA CIMA, PARA CIMA E PARA LONGE

Lizzie

18 DE MARÇO DE 1999

"EU VIVEU EM OUTRO PLANETA ", MURMUREI, TENTANDO SEM FALHAR FAZER CONTATO VISUAL COM O ESTRANGEIRO À MINHA FRENTE. "Debaixo d'água." Amassando os lábios, tracei-os com a língua, mas não consegui sentir nada. "Ela tem garras." É, eu estava realmente sumida dessa vez. "E o monstro me arranha." Eu conseguia ver quatro partes do estranho agora. "Eles me trouxeram aqui de avião."
"Ela está bem?" Era minha mãe. Ela estava chorando. Eu conseguia ouvi-la. Eu sabia que isso me deixava triste, mas eu simplesmente não conseguia *sentir* . "O que está acontecendo com ela?"
"Não se preocupe, é o Midazolam sedando o organismo dela", ouvi a moça de jaleco branco dizer à mamãe. "Ela vai ficar extremamente sonolenta por um ou dois dias até que o medicamento saia do corpo."
"O que dizemos à escola? Como explicamos o que ela fez hoje?"
"Vou escrever uma carta para você levar ao diretor explicando o incidente desta manhã. Por favor, tente não se preocupar, Sra. Young. As escolas são muito compreensivas com crianças com problemas médicos complexos, e isso não afetará de forma alguma a oportunidade de Lizzie aprender com seus colegas."
"E toda a escola que ela tem faltado?"
“O Conselho de Educação já foi informado sobre a condição de Lizzie e uma isenção foi concedida em seu favor, então você não terá problemas com alegações de evasão escolar. Em relação à sua formação, todas as correspondências da professora confirmaram que, apesar do transtorno bipolar, sua filha continua prosperando academicamente. Eu até apostaria que Lizzie está entre os cinco por cento melhores.
“Pelo menos isso.”
“Sim, nem tudo é desgraça e tristeza.”
Afundada na cadeira entre meus pais, precisei de todas as minhas forças para manter a cabeça erguida. Eu ouvia o médico falando sobre episódios bipolares e algo chamado ciclagem rápida.
Mas eu não me importei.
Não mais.
"Você pode me ajudar a morrer?", perguntei arrastando as palavras, virando a cabeça e vendo a sombra de um homem. "Ei, senhor, você pode me ajudar a encontrar meu amigo?"
"Jesus Cristo", gritou o homem. "Como podemos continuar vivendo assim?"
"Michael, por favor", ouvi minha mãe lamentar. "Não na frente dela."
"E aí, senhor doutor?" Minha cabeça balançava e balançava como uma maçã em um barbante. Será que eu estava tentando pegar maçãs? "Você consegue parar o monstro?"

“Elizabeth, sou eu, pai.”
"Pai", repeti, deixando a palavra rolar pela minha língua. "E aí, senhor pai? Pode fazer parar de doer?"
O homem chorou novamente, mais alto dessa vez, e eu não entendi o porquê.
Não consegui entender nada disso.
"Está tudo bem, Elizabeth." Alguém pegou minha mão e a segurou. "Você vai ficar bem."
Eu faria isso?
Eu me importei mesmo?
A injeção que o médico me deu me deixou dormente por dentro.
Eu não conseguia sentir nada.

CRIE UM HOMEM, ESPERE UM HOMEM

Hugo

18 DE MARÇO DE 1999

Duas horas depois , eu me vi sentado no banco do passageiro do carro da minha mãe quando ela parou em frente à Old Hall House. "Antes de entrarmos, quero conversar com você sobre uma coisa", disse minha mãe ao estacionar o carro em seu lugar de sempre. "E preciso que você me escute." Ela puxou o freio de mão antes de se virar no banco para me dar toda a sua atenção. "Você pode fazer isso por mim, Hugh?"
Eu queria dizer não, porque sabia que a mamãe ia defender o caso do meu pai, mas como eu poderia fazer isso se ela literalmente largou tudo para me trazer até aqui? Eu não podia, então assenti rigidamente. "É, mamãe, eu posso fazer isso."
“Eu sei que você está lutando com seus sentimentos em relação ao papai agora e como você sente que ele está ausente da sua vida.”
Não, mãe , não sou eu quem está lutando contra meus sentimentos . É o papai, e não sinto *que ele tenha estado ausente em nossas vidas. Eu* sei que *ele esteve* .
"Mas preciso que você saiba que papai te ama muito, Hugh, e ele está arrasado por pensar que te aborreceu esta noite."
Sim, mas não o suficiente para realmente me ajudar .
"Papai está arrasado, Hugh", ela continuou. "Sei que é difícil para você aceitar isso nesta fase da sua vida, mas preciso que você tenha um pouco de compaixão por ele." Ela estendeu a mão por cima do console e bagunçou meu cabelo. "Um bom homem demonstra compaixão, e eu estou criando você para ser um bom homem."
Esperei um instante para ver se ela pretendia acrescentar mais alguma coisa. Como ela não disse nada, assenti e desafivelei o cinto de segurança. "Te peguei."
"Espera aí." Mamãe estendeu a mão para o meu braço. "Te peguei? É só isso que você tem a dizer?"
"O que a senhora quer que eu diga, senhora?", respondi, dando de ombros. "A senhora me pediu para ouvir, e eu ouvi."
"Hugh." Eu podia ouvir a decepção dela quando ela disse meu nome daquele jeito. "Por favor, tente se colocar no lugar do seu pai por um momento..."
"Fiz o que a senhora pediu, mãe", interrompi e disse a ela, estendendo a mão para a maçaneta. "Eu ouvi você. Ouvi você acobertando-o pela milionésima vez, mas é tudo o que eu tenho, ok? Quando se trata de demonstrar gentileza com o papai, eu estou novinha em folha."
"Hugh, você não pode dizer essas coisas", argumentou minha mãe, com um tom magoado e cansado. "Não sobre o seu pai."
"Você é meu pai, mãe. *Você!* ", retruquei, virando-me para encará-la. "Você é a única mãe que nós dois tivemos desde o acidente."
Ela prendeu a respiração. *"Hugh!"*
"Escute..." Soltando um suspiro de frustração, pressionei os dedos nas têmporas,

tentando aliviar a tensão que crescia dentro de mim. "Eu sei que ele é meu pai, e sei que você não quer que eu tenha esses sentimentos, mas nunca tentei forçar você ou Claire a sentir o que sinto por ele, então, por favor, não tente me forçar."
Mamãe pareceu que ia discutir por um momento, mas então seus ombros caíram em derrota. "Sinto muito." Afundando-se no assento, ela levou a mão à testa e sussurrou: "Sinto muito por não ter conseguido te proteger disso."
“Mãe, você *não tem* do que se desculpar.” Estendendo a mão sobre o console, peguei a dela na minha. “Você se foi "Além de tudo, por nós, todos os dias de nossas vidas." Dei um aperto reconfortante na mão dela. "Claire e eu não poderíamos pedir uma mãe melhor."
Seus olhos estavam vidrados pelas lágrimas que eu sabia que ela jamais derramaria na minha frente ou na frente da minha irmã. Porque ela as guardava para quando estivesse no banho e achasse que ninguém pudesse ouvi-la.
Mas eu a ouvi.
Toda noite .
"Como você cresceu tão rápido?", ela sorriu tristemente e estendeu a mão para mim, acariciando meu rosto. "Meu bebê não é mais um bebê."
"Não sei o que dizer, mãe", respondi, dando de ombros. "Crie um homem, espere um homem." Um sorriso surgiu em meus lábios antes de acrescentar: "Mas se você precisar de um menino, acho que terá mais três anos com o Gibs antes que ele se entregue."
Isso a fez rir, e eu fiquei feliz, porque não queria ver minha mãe chateada. Esta foi a mulher que me deu a vida. Eu preferiria ser varrido sobre brasas do que causar-lhe sofrimento.
"O que eu faria sem você, hein?", mamãe estendeu a mão e acariciou minha bochecha. "Amo você."
"Também te amo, mãe, e obrigada pela dica." Estendendo a mão para a maçaneta, pigarreei antes de acrescentar: "Por tudo".

EU SOU BIPOLAR

Hugo

18 DE MARÇO DE 1999

DEIXANDO MINHA MÃE NA COZINHA COM CATHERINE E MIKE , SUBI DIRETO PARA O ANDAR DE CIMA, ansiosa para ver minha amiga. Quando entrei no quarto dela, Liz estava onde eu imaginava: encolhida como uma bola na cama. O pequeno abajur em seu criado-mudo iluminava seu corpo imóvel.
Tirando os sapatos, fui direto para a cama dela, sem parar até estar deitado de lado, de frente para ela. Seus olhos estavam abertos, mas estavam opacos e sem vida. "Ei." Alisando seu cabelo para trás, apoiei a palma da mão em sua bochecha e sussurrei: "Estou aqui, Liz."
Ela estendeu a mão para agarrar minha camisa, mas não fez menção de falar. Nem piscou. Continuou me encarando. Era como se uma parte de Liz *soubesse* que eu estava ali, mas essa parte estivesse presa dentro de uma gaiola de gelo.
"Está tudo bem." Chegando mais perto, acariciei seu nariz com o meu antes de encostar minha testa na dela. "Entendo, Liz."
Ela respirava — eu via seu peito subir e descer —, mas não estava ali. De vez em quando, uma lágrima escorria por sua bochecha. Fiz questão de enxugar cada uma delas.
"Pode dormir", sussurrei, acariciando sua bochecha. "Vou ficar aqui e manter os monstros longe." Ela devia estar exausta. Eu sabia que sim. Mas ela não fechou os olhos.
Estendendo a mão, enxuguei outra lágrima desonesta de sua bochecha antes de rapidamente limpar uma da minha. "Não vou deixar nada "Te machucar." Fosse a coisa certa a dizer ou não, eu disse. "Porque você é minha melhor amiga no mundo inteiro." Fungando, segurei sua bochecha novamente e me inclinei para perto. "E eu sempre vou te amar, Lizzie Young." Dei um beijo na ponta do seu nariz. "Não importa o que aconteça."
Quando me movi para me afastar, senti que ela puxava minha camisa, me puxando para mais perto, me trazendo de volta para ela.
Me chamando para casa .
“Hugh”, ela conseguiu dizer, embora sua voz parecesse arrastada.
"É, Liz." Enxuguei outra lágrima do seu rosto. "Sou eu."
"Hugh." Finalmente piscando, ela abriu os olhos e tentou localizar meu rosto. "Eu também te amo."
"Eu sei que sim." Meu coração pareceu disparar e se partir ao mesmo tempo. "Eles te deram remédio para te dar sono, Liz?" Eu sabia que sim. Ela estava completamente apagada. "Hum?"
"É", ela respondeu, grogue. "Eu era... uh, ruim na escola."
"Você não foi má, Liz", eu disse a ela, odiando pra caramba quando ela dizia aquilo sobre si mesma. "Você nunca foi má."
"Desculpe."

"Para que?"
"Não tenho certeza." Liz tentou balançar a cabeça. "Só estou."
"Bem, *tenho* certeza, Liz", eu disse a ela, sentindo meu coração se estilhaçar em mil pedaços. "Tenho certeza de que você é boa, gentil e a garota mais incrível que já conheci." Engolindo minhas emoções, passei a mão em seus cabelos e me inclinei para perto para sussurrar: "Você é todas as coisas *boas* do mundo e nenhuma das ruins. Você não vai se sentir assim para sempre. Certo? Você vai se sentir melhor de novo."
"Não, não sou, Hugh", murmurou ela sonolenta, com as pálpebras tremendo e se fechando. "Sou bipolar."
"Bipolar?", respondi com a voz rouca. "Como assim, você é bipolar, Liz?"
“Hum-hum.”
"Foi com isso que te diagnosticaram?", perguntei, sentindo-me extremamente preocupada com a minha amiga, enquanto me esforçava freneticamente para registrar a palavra *bipolar* e trazer à tona as informações que eu tinha sobre o assunto.
"Liz?" Sentando-me ereta, peguei a mão dela na minha, sentindo um milhão de emoções complexas me invadirem ao mesmo tempo. "Os médicos disseram que você é bipolar?"
“Hum-hum.”
"Liz." Completamente perdido, olhei para a garota que passei a maior parte da minha infância adorando e resmunguei: "Por que você não me contou?"
"Com muito medo", ela murmurou, apertando minha mão. "Você iria embora."
"Eu não iria embora", eu disse, estrangulada, com o peito arfando, enquanto tentava entender tudo o que havia aprendido em tão pouco tempo. "Eu *não vou* embora", esclareci rapidamente, com o coração batendo violentamente. "Eu *não vou* embora."
Perplexo com as emoções complexas que eu sentia por aquela garota, peguei a mão dela e a beijei. Eu não tinha ideia do porquê, só que precisava. "Eu vou ficar, tá?", beijei a mão dela novamente. "Não importa o que aconteça."
"Eu preciso de você."
"Eu sei." Assentindo, levei a mão dela até minha bochecha, precisando sentir seu toque. "Eu também preciso de você."
"Tão cansada." Com os olhos ainda fechados, ela assentiu lentamente antes de murmurar: "Por favor, fique."
"Eu vou ficar", prometi, voltando a atenção para a mão que eu ainda segurava. "Bem aqui." Virando-a, encarei horrorizada os vergões profundos em seu pulso. "O Brian não fez isso no seu pulso, fez, Liz?"
Nada.
"Liz", eu disse, um pouco mais séria agora, a atenção ainda voltada para o pulso dela. Sob os cortes recentes, havia cicatrizes mais antigas. Cicatrizes profundas. Cicatrizes que eu nunca tinha notado antes, porque ela sempre usava dezenas de pulseiras. "De onde vieram essas cicatrizes?"
"Não vá", foi tudo o que ela respondeu, e foi um murmúrio quase incoerente. "Ele me pega quando você não está aqui."
"Está tudo bem, Liz. Pode dormir", sussurrei, resignada com o fato de não receber respostas naquela noite. Ela estava muito distraída. "Não vou deixar o

monstro te pegar." Tremendo, pisquei para conter as lágrimas que me enchiam os olhos, porque sabia que aquilo era ruim. "Ou a mulher assustadora."
"Não importa o quê?"
"É, Liz." Fungando, usei o ombro para enxugar a lágrima na bochecha. "Não importa o que aconteça."

Esperei até ter certeza de que Lizzie estava dormindo antes de sair do quarto dela e ir direto para o banheiro da família. Passei tempo suficiente na casa para saber onde tudo era guardado. Inclusive a receita que Liz tomava diariamente.
Fui até o armário acima da pia, onde guardavam os remédios, abri-o e comecei a vasculhar os inúmeros frascos até encontrar um com o nome dela.
Elizabeth Young .
Clonazepam .
Guardei o frasco rapidamente no bolso e continuei procurando pelos frascos até encontrar outro com o nome de Lizzie no rótulo, junto com a palavra *Olanzapina* , e o coloquei no bolso também.
Mais do que irritado, desci a escada em espiral, indo direto para a cozinha, com apenas uma coisa em mente.
Respostas .
Quando entrei na cozinha, Catherine e Mike estavam sentados em frente à minha mãe na mesa da cozinha, tomando café.
“Hugh”, Mike reconheceu, enquanto Catherine me ofereceu um sorriso irônico e perguntou: “Lizzie falou com você, querida?”
"É, ela falou comigo", respondi, indo direto para a mesa e puxando uma cadeira para perto da mamãe. "Ela falou bastante, na verdade." Sentando-me, tirei as duas garrafas do bolso e as coloquei na mesa à minha frente. "Na verdade, ela tinha muito a dizer sobre *isso* ." Olhei com raiva para cada um deles antes de perguntar: "Por que nenhum de vocês me contou que minha *melhor amiga* é bipolar?"

Com a mente atordoada, sentei-me à mesa na cozinha da família Young, ouvindo os adultos ao meu redor falarem comigo como se estivessem se comunicando com uma criança pequena.
Nos últimos quarenta minutos, perdi a conta de quantas vezes ouvi as palavras: *"Lizzie só fica um pouco deprimida de vez em quando"* ou *"ela tem seus dias altos e baixos, mas não é nada para você se preocupar"* ou, minha favorita, *"ela vai se recompor rapidinho"*.
Sim, claro que sim.
Eles realmente acharam que eu estava acreditando em alguma coisa disso?
A filha deles não estava apenas deprimida. Liz havia chegado ao fundo do poço a ponto de não conseguir levantar a cabeça do travesseiro. E não era a primeira vez que isso acontecia. Eu sabia porque já havia presenciado episódios semelhantes esporadicamente desde o primeiro dia em que nos conhecemos.
Eu sabia que quando ela ficava triste, não havia como fazê-la desistir.

Nada funcionou .
Os adultos me disseram que quando o humor dela caía tanto, era chamado de episódio sombrio, e eu pensei que esse poderia ter sido o comentário mais sensato que eu tinha ouvido a noite toda. Pelo menos o A palavra *"escuro"* retratava com precisão o quão sem vida ela se tornava. Como, quando ela ficava escura, ela me lembrava um cadáver com o coração batendo.
“Ela tem uma mente muito complicada.”
“As melhores pessoas fazem isso.”
“Elizabeth tem enfrentado dificuldades desde que era criança.”
“Mas essas eram principalmente birras.”
“Ela atingiu a puberdade muito mais cedo do que esperávamos e, por causa disso, seus hormônios estão causando alguns problemas.”
“Mas isso não é nada para você se preocupar.”
"Assim que o corpo dela se acostumar com a nova medicação, Lizzie vai voltar a ser ela mesma", disse Catherine, oferecendo segurança em vez de fatos *reais* . "Por favor, tente não se preocupar, Hugh."
Tamborilando os dedos na mesa, eu me esforçava para manter a calma quando tudo o que eu queria era gritar. Por que eles estavam fazendo isso comigo? Por que eles insistiam tanto em vomitar aquela explicação diluída e em luvas de pelica?
"É a minha vez?", perguntei quando os três pareciam ter acabado de falar besteira. "Posso falar agora?"
Os pais de Lizzie assentiram, enquanto minha mãe levou a mão à testa.
"Será que vocês podem, por favor, não falar comigo como se eu fosse um retardado?", pedi, sem conseguir disfarçar a rispidez no meu tom. "Sou jovem, admito isso, mas por acaso possuo a capacidade de compreender assuntos delicados."
Suspirando cansadamente, mamãe pressionou os polegares nas têmporas. "Ah, Hugh."
"Estou falando sério, mãe", retruquei, sem vontade de voltar para a caixa com o rótulo de bebê em que me colocaram. "Sou amiga da Liz há quase cinco anos e sempre soube que ela tinha problemas de saúde mental. Ao contrário das nossas amigas, não sou cega, burra ou alheia ao que está acontecendo com a Liz. Ela é minha melhor amiga, por Pelo amor de Deus. Eu *quero* ajudá-la, mas não posso fazer isso se vocês não *deixarem* .
"Eu sei que você tem boas intenções, Hugh, mas você é uma criança", interrompeu Mike, parecendo ainda mais cansado que minha mãe. "Você não tem a mínima noção do que está acontecendo aqui, filho."
“Eu entendo isso melhor do que você... pensa”, respondi, forçando-me a acrescentar “ *pense”* no final da frase.
Porque, independentemente de como eu me sentisse em relação a Mike, perder o favor dele poderia comprometer o tempo que eu passaria com sua filha.
"Eu sei que ela está se cortando", decidi dizer. As reações deles me garantiram que não esperavam que eu soubesse. "Eu sei que ela faz isso há pelo menos um ano", acrescentei, mentalmente relembrando a primeira vez que vi marcas inexplicáveis em seu corpo. "Eu posso *ajudar* ", reiterei, implorando aos pais dela que me deixassem entrar. "Pode *confiar* em mim. Juro que pode. Tudo o que

precisa fazer é *me* deixar entrar!"

ESCONDA, NÃO SINTA E NUNCA REVELE

Lizzie

22 DE MARÇO DE 1999

“COMO VOCÊ ESTÁ SE SENTINDO AGORA , L IZZIE ?”
"Multar."
“Não foi isso que sua mãe me disse.”
Eu não respondi.
O que havia para dizer?
“Sua mãe me disse que você anda se cortando de novo.”
Dando de ombros, puxei a manga do meu suéter e olhei para minhas coxas vestidas com jeans.
O que eles poderiam fazer a respeito?
De nada.
De todas as coisas na vida com as quais eu podia contar, a incapacidade dos médicos de me curar era grande.
Porque eles não ouviram.
Eles não fizeram as perguntas certas.
Eles não acreditaram em mim.
Então parei de acreditar neles.
Eu sabia o que aconteceria em seguida.
Foi a mesma coisa da última vez.
Eles aumentariam a dosagem da minha medicação atual ou tentariam uma marca de veneno químico.
Não iria funcionar.
Porque mentes quebradas como a minha eram imunes.
“Você pode me dizer o que está pensando agora?” perguntou a médica, virando a cadeira para que ela ficasse de frente para mim. “E eu Quero que você seja completamente honesta.” Pegando minhas mãos, ela me ofereceu um sorriso caloroso. “Só desabafe.”
Inspirando fundo, encarei seus olhos castanhos e disse: "Estou me sentindo muito melhor agora, doutora. Obrigada por me curar."
A decepção tomou conta dos olhos dela.
Nada de novo aí .
"Tudo bem, Lizzie." Ela suspirou profundamente. "Tentaremos novamente na sua próxima consulta."

EM CASO DE DÚVIDA, CONSULTE OS LIVROS

Hugo

31 DE MARÇO DE 1999

Eu tinha saído da Old Hall House naquela noite com mais perguntas do que respostas . Apesar dos meus apelos, Catherine, Mike e mamãe continuaram a me enrolar em algodão, sem querer considerar a possibilidade de uma "criança" ser capaz de ajudar. E, eu não aceitei isso sem pensar e decidi ali mesmo que, se eles não explicassem o que estava acontecendo para Liz, eu mesma descobriria.
Assumindo a responsabilidade, fui à biblioteca pública depois da escola no dia seguinte. Vasculhando a seção de não ficção, li todos os livros de medicina que consegui encontrar. Como minha inscrição indicava que eu tinha menos de dezesseis anos, não me foi permitido levar nenhum dos livros de medicina para casa. Portanto, voltei à biblioteca depois do treino de natação e rúgbi no fim de semana seguinte, onde fotocopiei todos os trechos relacionados ao transtorno bipolar de início precoce.
O livro que mais me interessou foi o *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* . Nas páginas daquele livro de capa dura, coberto de poeira, aprendi mais sobre a mente humana do que jamais havia aprendido na sala de aula do Sr. Coulson em Scoil Eoin e rapidamente desenvolvi minhas próprias teorias sobre os problemas mentais do meu melhor amigo.
Determinado a provar à minha melhor amiga que eu não tinha intenção de desaparecer da vida dela, eu descia do ônibus escolar no ponto dela todos os dias para visitá-la. Esse pequeno ato me rendeu pontos extras. com os pais dela, mas eu não me importava com isso. Embora fosse bom que Catherine e Mike estivessem se acostumando com a ideia de que Liz poderia ter amigos que soubessem da doença dela e não fugissem, minhas visitas não eram para o benefício deles.
Eu estava focado somente na filha deles.
As três primeiras visitas consistiram apenas em abraçar minha amiga e sussurrar palavras de conforto em seu ouvido, enquanto ela chorava em meu ombro.
Na quarta visita, ela sorriu.
Durante a quinta e sexta visitas, jogamos cartas.
Ela dormiu durante as visitas sete e oito.
Na nona visita, ela já estava fora da cama e vestida.
As visitas dez, onze e doze foram feitas ao ar livre, caminhando pelos campos e mantendo uma conversa unilateral.
Hoje foi a décima terceira visita e, quando desci do ônibus, fiquei surpreso ao encontrá-la me esperando nos portões da propriedade de sua família.
"Meus olhos estão me enganando, ou é Lizzie Young quem eu vejo?", gritei quando a avistei encostada nos portões de metal.
Lizzie riu e eu juro, foi o melhor som que eu já ouvi. Ela levantou a mão para acenar e gritou "oi", enquanto eu corria o resto do caminho.

"Que droga, *é a* Lizzie Young", provoquei, passando pelo portão de pedestres. Deixando minha mochila cair do ombro, agarrei a frente da sua camisa de flanela e a puxei para um abraço. "Aí está a minha garota."
"É." Ela me abraçou pela cintura e apertou o corpo contra o meu com força. "Aqui estou." E então ela fez algo tão incrivelmente parecido com a Lizzie que eu soube que tinha minha amiga de volta.
Ela me *cheirou* .

LUTE POR ISSO

Lizzie

9 DE ABRIL DE 1999

"VOCÊ PRECISA COMEÇAR A SE ABRIR COM ESSES MÉDICOS , LIZ ", REPETIU C AOIMHE QUANDO CHEGAMOS EM CASA DA MINHA ÚLTIMA CONSULTA.
Eu tinha ouvido exatamente a mesma história durante todo o caminho da clínica para casa. Normalmente, minha mãe me levava a todas as consultas, mas ela não estava se sentindo bem hoje, e como estávamos de férias da Páscoa, Caoimhe a substituiu.
“Fiquei sentado do lado de fora daquela porta por quarenta e cinco minutos e ouvi sua voz um total de seis vezes.”
"Você não pode bisbilhotar", respondi, jogando-me numa cadeira à mesa da cozinha. "É violação de privacidade."
"Pssh. Você é minha irmãzinha", ela respondeu, dando tapinhas no ar como se isso fosse motivo suficiente para invadir minha privacidade — não que isso me incomodasse.
Pelo contrário, eu não poderia me importar menos.
Fiquei de boca fechada a maior parte do tempo.
"Vamos lá, Liz", ela continuou a divagar enquanto corria pela cozinha, procurando por salgadinhos. "Como eles vão te ajudar se você não contar o que está errado?"
Eles não podem me consertar .
"Não sei o que está errado", lembrei-a, apoiando o queixo na mão. "Esse é o problema, Caoimhe."
"Bem, pelo menos você é humana de novo", respondeu minha irmã, usando o quadril para fechar a geladeira. "Você nos assustou pra caramba da última vez que entrou em parafuso."
Sim, eu já sabia disso.
Caoimhe me disse isso inúmeras vezes.
O problema era que eu não tinha lembrança disso.
Aparentemente, o novo medicamento que os médicos estavam me testando era a causa da minha letargia e eu logo me sentiria melhor. Eu não tinha certeza se me sentiria melhor, mas definitivamente não me sentia tão vazio quanto antes.
Eu conseguia sair da cama de novo, algo com que eu vinha lutando há algum tempo. Eu também não estava gritando nem delirando — outro bônus. Voltei a frequentar a escola regularmente, e meus pais me observavam com olhos de águia.
Eu não tinha certeza se estava livre de problemas ainda; tinha medo de criar muitas esperanças de estabilidade quando minha mente poderia levá-las embora num instante, mas eu queria ficar bem de novo.
Quando ouvi uma batida na porta da frente, seguida alguns momentos depois pelo som da minha irmã gritando: "Liz, meu namorado está aqui para sua visita

diária", mordi o lábio e sorri.
Porque se eu tivesse esperança de ser normal, então eu teria que lutar por isso.
E eu faria isso.
Para ele .

PARTE 10

Acendendo chamas e brasas

DESEJOS DE ANIVERSÁRIO E IRMÃS FUTURAS

Hugo

9 DE JUNHO DE 1999

QUANDO ENTREI NO ÔNIBUS DEPOIS DA AULA NA QUARTA -FEIRA , NÃO ME DEI O PREOCUPAÇÃO DE TENTAR esconder a forma como meus olhos a procuravam. No minuto em que encontrei Liz no meio do corredor, do lado direito, fui direto até ela.
Joguei minha mochila no chão, entre os assentos, sentei-me ao lado dela e passei o braço em seus ombros. "Feliz aniversário, Liz." Sentindo-me corajosa, dei um beijo em sua bochecha e, obedientemente, ignorei os assobios e as provocações dos meus colegas.
"Obrigada, Hugh", ela riu, aproximando-se até se aconchegar debaixo do meu braço. "Senti sua falta."
"Senti sua falta também", respondi, relaxando no assento. "Seu presente está na minha bolsa. Entrego quando chegarmos em casa."
“Você sabe que eu não quero presentes.”
“E *você* sabe que eu ainda vou te dar presentes.”
Ela sorriu. "Por quanto tempo você pode ficar na minha casa?"
"Nove e meia", respondi, encantado com a ideia. "Mamãe disse que vem me buscar depois do turno dela."
O sorriso radiante que se espalhou pelo seu rosto me garantiu que Liz estava tão feliz quanto eu com a chegada tardia.
Ela estava muito melhor desde março. A nova combinação de medicamentos que ela estava tomando parecia estar realmente funcionando para ela, e eu me peguei encorajando-a todos os dias a Continue. Eu sabia que ela odiava os comprimidos, mas também sabia que, sem eles, ela não conseguiria funcionar.
"Como assim você já tem onze anos?", pensei, balançando a cabeça. "Parece que foi ontem que você tinha seis anos e estava sentado neste ônibus, cheirando meu pescoço como um cachorrinho."
"Meu Deus", ela riu, apoiando a bochecha na curva do meu braço. "Eu *cheirei* seu pescoço."
"Pelo menos você só me cheirou", retruquei, rindo. "Tive muito mais sorte do que as outras crianças que você decidiu morder e arrancar pedacinhos."
"Para ser justa, a referência ao cachorrinho é muito mais gentil do que eu mereço." Ela riu novamente antes de acrescentar: "Eu era selvagem naquela época."
"Você *continua* selvagem", respondi, rindo. "Mas é ótimo. Eu me apeguei ao seu lado selvagem."

"Jesus", exclamei quando entramos na Old Hall House e fomos recebidos pelo som de gritos altos. "O que é isso?"
A voz de Mike ecoou pelo ar, acompanhada pelo lamento histérico de Caoimhe

e, então, pelo som de Catherine, que claramente estava tentando acalmar a todos.
"Não faço ideia", respondeu Liz com um suspiro, aproximando-se da porta fechada da cozinha. "Mas tenho certeza de que estamos prestes a descobrir."
"Como você pôde fazer isso?", perguntou Mike do outro lado da porta. "Você arruinou todo o seu futuro, Caoimhe!"
“Michael, por favor, acalme-se.”
"Calma? Como diabos você propõe que eu faça isso, Catherine, se nossa filha foi para a Inglaterra com o namorado em vez de fazer os exames finais?"
Puta merda .
Caoimhe faltou aos exames finais?
Virei-me para olhar para Liz, mas ela parecia tão confusa quanto eu, com uma expressão de olhos arregalados estampada no rosto.
"Foi uma prova só, pai", Caoimhe tentou implorar, embora o choro fosse abafado pelo volume. "Desculpa, tá? Desculpa, papai. Juro que vou fazer o resto das minhas provas. Vai dar tudo certo, eu prometo. Vou tirar nota máxima nas outras matérias."
"Não, não vai ficar tudo bem, Caoimhe", interrompeu Catherine, agora parecendo irritada. "Inglês é uma matéria essencial, e você faltou na prova. Sem inglês, você automaticamente é reprovado no exame final, independentemente do seu desempenho nas outras provas!"
"Eu não sabia disso!" Seus gritos e lamentos ficaram mais altos. "Eu não sabia, juro!"
"Você sabia que deveria estar em Tommen hoje de manhã, às nove em ponto", interrompeu Mike. "Você *sabia* disso, Caoimhe, mas, ah, não, você não conseguiu fazer essa coisa simples, né? Não, porque, em vez disso, decidiu jogar seu futuro no ralo por um fim de semana sujo com aquele babaca do Mark Allen!"
Bem, merda…
Vai, Mike .
"Eu já pedi desculpas!", gritou Caoimhe, e o som de uma cadeira raspando no azulejo ecoou em meus ouvidos. "Mas eu precisava ir, pai, meu tempo estava se esgotando..."
"Não ouse dizer isso!", rugiu o pai. "Eu já sei perfeitamente por que ele te levou de barco para a Inglaterra. Não preciso que você verbalize o meu pior pesadelo em voz alta!"
"Por quê, Caoimhe?", soluçou Catherine. "Por que você não veio até mim, meu amor?"
"Por causa dele!", gritou Caoimhe. "Veja a reação dele, senhora. Como eu poderia falar com você sobre o que estava acontecendo se tudo o que ele faz é perder a cabeça e julgar? Eu fiz a coisa certa para *mim* , e pensei que estava fazendo o que era melhor para..."
"Não diga isso, porra!"
“Michael, por favor, tente se acalmar.”
"Como vamos dar as caras na missa, Catherine? Ela trouxe vergonha para a família toda."
“Ninguém sabe, pai, eu prometo.”
“Deus sabe, Caoimhe!”

"Você está falando sério, pai?", gritou Caoimhe. "Você está preocupado com o seu Deus no céu quando sua carne e osso estão bem na sua frente, implorando por ajuda?"
"Nenhuma filha minha faria o que você fez", gritou Mike de volta. "Nunca mais traga esse babaca aqui. Está me ouvindo? Ele não pode mais pisar pela porta da frente desta casa!"
“Pai, por favor!”
"Não, não tente me abraçar! Não aguento mais olhar para você agora."
“Pai, eu imploro para você entender—”
"Saia da minha frente, Caoimhe", rugiu Mike. "Por favor. Vá embora agora, antes que eu faça algo de que me arrependa."
"Rápido", Lizzie sussurrou-sibilou quando o som de passos se aproximou. "Corra."
Ela não precisou me dizer duas vezes.
Agarrando sua mão estendida, corremos para a escada, recuando rapidamente para o andar de cima, para a segurança do seu quarto.
"Puta merda", gritei, de costas para a porta fechada do quarto dela. "Sua irmã está metida numa enrascada."
"Nunca ouvi meu pai gritar com ela daquele jeito", concordou Liz, com os olhos arregalados. "Normalmente, ele guarda isso para mim."
Sim, eu sabia que sim, e essa era uma grande razão pela qual eu não gostava do pai dela.
"Até a mamãe pareceu irritada", continuou ela, indo em direção à cama. "E ela tem a paciência de uma santa."
"Você sabia que ela ia para a Inglaterra?", perguntei, seguindo-a até a cama. "Ela te disse alguma coisa sobre isso?"
"Não, eu não, mas a ouvi mencionar algo sobre isso quando estava falando ao telefone com uma amiga", respondeu Liz, sentada de pernas cruzadas na cama. "Não dei a mínima porque, sinceramente, não me importo com o que ela faz. E como ela passou o fim de semana fora, presumi que estivesse estudando na casa de uma amiga." Dando de ombros, acrescentou: "As provas do certificado de conclusão do ensino médio começaram hoje. Ela deveria ter a prova de inglês I."
"Você acha que ela pode ter pegado o barco para a Inglaterra porque estava grávida" — fazendo uma pausa, abaixei a voz para um sussurro antes de dizer — "e agora ela não está?"
Embora não fosse algo que alguém ousasse falar em voz alta, todos na Irlanda sabiam por que as garotas faziam viagens de barco inesperadas para a Inglaterra, e não era para apreciar a paisagem.
"Não sei", respondeu Liz, mordendo o lábio, ansiosa. "Talvez."

VIAGENS SOLO E IRMÃS SOLTEIRAS

Lizzie

25 DE JUNHO DE 1999

“E LIZABETH ”, DISSE PAI, PARADO NA PORTA DO MEU QUARTO . “ VAMOS SAIR EM CINCO MINUTOS, ok?”
"Tá bom, pai", respondi, subindo na minha mala numa última tentativa desesperada de fechá-la. "Estou quase pronta."
“Você já empacotou tudo o que precisa?”
"Eu penso que sim."
"Tem certeza?", ele insistiu. "Você vai ficar fora de casa por três noites."
"Eu sei, pai." E eu mal podia *esperar* . Sinead Biggs tinha me convidado para acompanhá-la em sua viagem anual à casa de férias de seu pai, na costa de West Cork. Eu nunca tinha viajado de férias sem minha família, e meu pai *concordou* em me deixar ir. Melhor ainda, Claire e Hugh me disseram que todos os seus tios, tias e primos maternos estariam lá e que as crianças podiam acampar no quintal do avô todo ano. De acordo com os irmãos, o avô Healy gostava da bebida, gostava ainda mais de travessuras, e sempre deixava seus netos escaparem impunes de assassinatos, o que só aumentava minha excitação.
Eu sabia que tinha que agradecer a Caoimhe por ter me deixado ir, porque se minha irmã não tivesse se atrapalhado tanto, meu pai não estaria me dando essa chance de provar meu valor. O fato de Sinead Biggs ser uma enfermeira sênior experiente não me prejudicava. Meus pais confiavam que ela saberia o que fazer se meu humor mudasse inesperadamente.
Eu me senti mal por Caoimhe, realmente me senti, e sabia que as últimas três semanas tinham sido difíceis para ela, mas a verdade é que nunca me senti *melhor* .
Pela primeira vez em onze anos, eu não era a única causa da nossa disfunção familiar. Minha irmã tinha cometido um erro tão colossal que conseguiu *me fazer* parecer a boazinha, algo de que nunca fui acusada antes.
Sua queda inesperada em desgraça me aliviou dos olhares preocupados e das carrancas de desaprovação dos nossos pais. Rapidamente percebi que a aprovação dos meus pais era algo de que eu gostava muito *e* me vi querendo fazer melhor para impressioná-los mais e mantê-los felizes. Era muito mais fácil fazer isso agora que eu realmente conseguia dormir à noite. Eu não era atormentada por pesadelos havia semanas e conseguia dormir oito horas seguidas por noite.
"Você preparou seus remédios?", perguntou papai, atraindo minha atenção de volta para ele.
"É." Sorri e dei um tapinha no bolso da frente da minha mochila. "E já tomei a dose de hoje."
"Boa menina." Papai sorriu para mim, e era um sorriso verdadeiro e genuíno. "Estarei lá embaixo quando você estiver pronta."

Sorrindo como se tivesse ganhado uma medalha de ouro olímpica, observei meu pai se afastar e então ouvi o som de seus passos descendo as escadas.
Hoje é um bom dia .
E eu não sou ruim .
Porque meu pai me ama .
Eu posso ser amável .
Consegui finalmente fechar a mala, joguei-a para fora da cama, deslizei os ombros pelas alças da mochila e saí correndo do quarto. Quando passei pela porta do quarto de Caoimhe no corredor, congelei. Largando a mala, ouvi os soluços baixos e lamentosos vindos do outro lado da porta.
Já fazia semanas e ela *ainda estava* chorando.
Decidindo dar uma olhada nela antes de sair para o acampamento, entrei no quarto dela e fui até onde ela estava encolhida em sua cama.
“Caoimhe?”
"O-o quê?", ela engasgou em meio a soluços lancinantes. A única parte dela que eu conseguia ver era o cabelo loiro espalhado sobre o travesseiro. O resto estava escondido sob o edredom roxo.
"Você está bem?"
"O-o que diabos você acha?" ela disse estrangulada, chorando ainda mais.
"Não", murmurei, contendo a resposta áspera na ponta da língua, porque eu odiava quando ela falava comigo daquele jeito. "Só queria me despedir", acrescentei. "Antes de partir para a viagem."
"Tchau", ela disparou. "Você p-pode ir agora."
Suspirei fundo. "Você quer falar sobre isso—"
"Se eu fizesse isso, você seria a ú-última pessoa no mundo com quem eu q-queria falar!", ela gritou, sentando-se e empurrando as cobertas para longe do corpo. "Então, d-dá o fora do meu quarto, Lizzie!" Como eu não saí imediatamente, ela se lançou para frente e me empurrou com força suficiente para me jogar para trás. "Eu disse d-dá o fora, seu maluco de merda!"
"Tudo bem!", respondi bruscamente, levantando-me. "Aproveite o momento na cama." Cerrando os punhos ao lado do corpo, me afastei da cama dela antes que perdesse a calma e arruinasse minha chance de acampar. "Vou acampar com meus amigos."
"Vá!", gritou Caoimhe, jogando o travesseiro em mim enquanto eu ia. "E faça um favor a todos nós e n-não volte!"

PROFUNDO, MAIS PROFUNDO, MAIS PROFUNDO

Lizzie

27 DE JUNHO DE 1999

"H UGH A NDREW B IGGS, DESÇA DESSAS ROCHAS AGORA MESMO !", gritou S INEAD , mas era tarde demais para avisos. Principalmente quando seu primogênito tentava um salto mortal impressionante para trás de uma altura assustadora. "Meu Deus, Lizzie, ele está conseguindo, não é?"
"É", ri, batendo palmas e comemorando da praia quando Hugh executou o mortal para trás mais perfeito da beira do penhasco. "Com certeza!"
"Ele está bem?" Cobrindo os olhos com as mãos, a mãe soltou um gemido de dor. "Por favor, me diga que ele sobreviveu."
"Ele conseguiu", assegurei, dando um tapinha em seu ombro, enquanto meus olhos seguiam o garoto nadando de volta para o barco.
"Calma, mulher", advertiu seu pai, também conhecido como Vovô Healy, enquanto aplaudia o neto. "Bom homem, Hughie!", gritou ele, radiante de orgulho. "É isso aí, rapaz!"
O avô Healy era um homem alto, com cabelos brancos como a neve e uma barba branca e espessa, combinando. Ele me lembrava um pouco o Capitão Smith do filme *Titanic* , e eu gostava muito dele. Era um homem de aparência alegre, com um senso de humor aguçado. Ele também parecia gostar muito do neto mais velho, que havia ganhado o nome em sua homenagem — algo que nós dois tínhamos em comum.
"Ele nem está com colete salva-vidas", ela continuou a lamentar. "Meu Deus, eu disse para aquele garoto ficar com ele."
"Ele é ótimo, Sinead", riu o vovô Healy, sem parecer nem um pouco preocupado. "O garoto ganha ouro nas competições do condado três vezes seguidas, e você está se preocupando com uma jaqueta ensanguentada."
"Eu não me importo." Sinead soltou um suspiro entrecortado e levou a mão ao peito. "Eu vou matá-lo."
"Não fique incomodando o rapazinho, Sinead", alertou o avô Healy, enquanto tirava fotos do neto com uma câmera de aparência antiga. "Se um pouco de mergulho de penhasco é a pior coisa que ele faz, você vai se dar muito bem." Ele se virou, lançando-lhe um olhar cúmplice, antes de acrescentar: "Você e Pete certamente se saíram pior quando tinham a idade do menino."
"Por que você acha que estou tão preocupada?" ela gemeu, afundando no banco.
"Sabe, achei muito legal você ter nos levado para passear de barco", decidi dizer a ela. "Sei que provavelmente é muito assustador para você depois do que aconteceu com a família da Gibsie, mas o Hugh adora água."
"Eu sei que sim, querida", ela respondeu com um sorriso triste. "Ele sempre foi meu bebê aquático."

Eu não duvidava. Meu melhor amigo amava a água mais do que qualquer pessoa que eu já tivesse conhecido. Hugh tinha muitos hobbies e praticava uma grande variedade de esportes, nos quais se destacava, mas eu sabia que suas verdadeiras paixões eram livros e natação. Ele nunca se sentia tão animado quanto quando estava na água, e me deixava triste que ele não pudesse fazer esse tipo de viagem com a família com a mesma frequência de antes.
Eu entendi completamente por que Gibsie ficou na casa de férias com Claire e seus primos, mas também achei Sinead Biggs uma mulher muito forte por levar seu filho de volta para a água.
"Respira, Sinead", tia Sarah refletiu, esparramada no deque do pai, tentando pegar um bronzeado. "Você vai ficar com rugas."
"Você é louco?", gritou Sinead quando Hugh chegou ao barco. "De todas as coisas irresponsáveis, estúpidas e imprudentes que você poderia fazer, você decidiu se jogar de um maldito penhasco." Com a toalha na mão, ela se inclinou sobre a borda do barco e continuou a reclamar. "E pior, você tira o colete salva-vidas para fazer isso. Você poderia ter se matado, seu idiota!"
"Você viu aquilo?", perguntou Hugh, animado, subindo de volta no barco. Ignorando o discurso da mãe, olhou para o avô e riu. "Você viu meu salto mortal?"
"Sim, rapaz", riu o vovô Healy, apertando o ombro com orgulho. "Isso foi incrível."
"Isso foi épico pra caralho", Hugh riu, espirrando em todos ao seu redor ao balançar a cabeça. "Que descarga de adrenalina."
"Linguagem", disparou sua mãe, dando-lhe um tapa na cabeça antes de enrolar uma grande toalha azul-marinho em seus ombros. Não era uma tarefa fácil hoje em dia, considerando que seu filho era mais alto que ela. "E pelo amor de tudo que é sagrado, vista seu colete salva-vidas, por favor?"
"Isso me atrasa, mãe."
“Isso mantém você flutuando, é isso que ele faz.”
"Liz." Seus olhos cor de uísque pousaram em mim, e ele sorriu antes de vir direto para mim. "O que você achou?"
"Isso foi incrível!", soltei, ainda vibrando de excitação. "Você tem que me levar lá em cima." Levantei a mão, agarrei as laterais da toalha dele e a ajustei para cobrir seus ombros largos. "Eu também quero sentir essa adrenalina."
"Só por cima do meu cadáver", interrompeu Sinead. "Hugh, não ouse levar essa garota para o alto dos penhascos. Está me ouvindo?"
"Entendo, mãe", respondeu Hugh, enquanto me dava uma piscadela de leve. Entrelaçando a mão na minha, ele me empurrou para o outro lado do convés, enquanto sussurrava: "Vamos, quero te mostrar uma coisa."
Meu coração palpitou de excitação. "Você vai me levar lá em cima?"
"Vou te levar para um lugar ainda melhor", respondeu ele com um sorriso atrevido, enquanto jogava uma perna para fora do barco e tirava a toalha. "Mas precisamos ser rápidos." Ele gesticulou para a água e me lançou um olhar cúmplice. "Ok?"
Assenti ansiosamente, sabendo exatamente o que precisava fazer. "Certo."
"Hugh", disse Sinead em tom de advertência, olhando-nos com cautela. "Sem gracinhas, ouviu?"

Tarde demais.
O filho dela já estava na água com os braços estendidos em minha direção.
Não hesitei.
Nem por um segundo.
Soltando um grito de excitação, pulei pela lateral do barco e me joguei na água.
"Meu Deus", gritei, momentaneamente assustada quando meu corpo registrou a temperatura gélida. "Está tão frio."
Os braços de Hugh me envolveram instantaneamente. "Estou com você."
"Ah, pelo amor de Deus", gemeu Sinead, inclinando-se sobre a lateral do barco para nos encarar. "Pelo menos este aqui tem o bom senso de usar um colete salva-vidas."
"Mãe, eu cuido disso", riu Hugh, nadando para longe do barco. "A gente vai só dar um mergulho", explicou. "Vou até a caverna marinha das fadas e volto. Só para mostrar as cavernas para a Liz."
"Hugh, você sabe como a água pode ser perigosa", respondeu Sinead. "E a Lizzie não é uma nadadora tão boa quanto você."
"Eu sei", respondeu ele, enquanto nos afastávamos. "E você sabe que não vou deixar nada acontecer com ela."
"Não consigo tocar o chão, Hugh." Eu sabia que estava flutuando, meu colete salva-vidas me garantia isso, mas eu nunca tinha estado tão perdido assim antes. "E se eu flutuar para longe?"
"Eu te peguei", ele me persuadiu, segurando firme a alça do meu colete salva-vidas, enquanto usava o braço livre para nadar. "Você está segura comigo."
"Mantenha-a segura", gritou Sinead, parecendo levemente apavorada enquanto se inclinava sobre a borda e nos observava nos afastando lentamente do seu campo de visão. "Estou te avisando, Hugh."

Depois de uns bons dez minutos com Hugh nadando e eu boiando atrás dele, finalmente chegamos ao que ele chamava de caverna marinha das fadas.
“Uau”, suspirei, observando a impressionante entrada de uma caverna escondida nas profundezas das rochas.
"É completamente inacessível por terra", explicou ele, me guiando para dentro pela alça do meu colete salva-vidas. "Só é explorável quando a maré está baixa."
“A água ainda está funda aqui dentro?”
"Pode acreditar", respondeu ele, manobrando-nos cuidadosamente pelo estreito riacho de água do mar que fluía pela caverna, evitando as pedras afiadas de cada lado. "É como um poço sem fundo, Liz."
“Isso é tão legal”, respondi, fascinado pela forma como minhas palavras pareciam ricochetear nas paredes da caverna e ecoar de volta para mim.
O som de gotejamento alto vinha de todas as direções, mas ainda assim o silêncio era incrível. A luz do sol entrava pela abertura da caverna, iluminando o caminho pelos túneis mais escuros. Eu nunca tinha visto nada tão bonito na minha vida e disse isso a Hugh.
"Eu disse que era melhor", Hugh riu baixinho, usando o corpo para proteger o meu de uma parte particularmente estreita da caverna. Ele me puxou por outra

curva fechada e então, de repente, não estávamos mais espremidos entre paredes estreitas de pedras irregulares. Em vez disso, entramos no que eu só poderia descrever como o paraíso na Terra.
"Bem-vindos à caverna marinha das fadas", Hugh riu, acenando com a mão. "Bem legal, né?"
Foi mais do que legal.
Foi de tirar o fôlego.
Eu pensei que a trilha estreita pela qual nadamos fosse o ponto de interesse, mas claramente não era, porque aquele canal estreito e rochoso de água levava ao paraíso.
Completamente maravilhado, olhei ao redor das paredes brilhantes da caverna, que pareciam brilhar quase tanto quanto a piscina subaquática em que flutuávamos. Melhor ainda, a água ali dentro era *morna* . Pequenos fragmentos de luz solar haviam penetrado nitidamente na caverna, iluminando-a com uma tonalidade mística e brilhante.
"Não é à toa que chamam esse lugar de caverna das fadas", sussurrei, absorvendo tudo. "Parece mágico."
"Eu sei", concordou Hugh, nadando até uma rocha próxima. "Mas não podemos ficar muito tempo."
"Não podemos?"
"Não." Subindo, ele se virou e estendeu a mão para mim. Confiando inteiramente nele, agarrei sua mão e me apoiei de bom grado quando ele me puxou para fora da água e para a rocha com ele. *Para o seu colo* . "Em algumas horas, este lugar estará submerso", explicou ele, reajustando meu colete salva-vidas, enquanto tentava, sem sucesso, abrir mais espaço para mim na rocha. "Desculpe pelos assentos." Ele me ofereceu um sorriso tímido. "Acho que não pensei direito nisso."
Fiquei feliz por ele não ter feito isso, porque não conseguia pensar em um lugar melhor para sentar do que no colo dele. "É como a caverna do Aladim", sussurrei, passando o braço em volta do seu pescoço. "Estamos completamente isolados do resto do mundo aqui."
"Não se preocupe, você está segura", ele prometeu rapidamente. "Eu nunca deixaria nada acontecer com você."
"Não estou preocupado, Hugh." Nossos corpos estavam tão próximos agora que eu sabia que preferia morrer ali, naquela caverna, e nunca mais ser recuperado, do que deixar o lado dele. "Estou *feliz* ."
"Ótimo." Minha resposta pareceu aliviar sua tensão e ele relaxou visivelmente embaixo de mim. "Porque eu *quero* que você seja feliz, Liz."
“Estou sempre feliz quando estou com você.”
"É", respondeu ele, com a voz um pouco mais grave do que o normal. "Comigo é a mesma coisa."
"A propósito, obrigada por me escolherem", eu disse, me aproximando. "Sei que você e a Claire escolheram um amigo cada para vir nessa viagem, e *também* sei que a Claire escolheu o Gibs." Sorri antes de acrescentar: "O que significa que vocês me escolheram."
"Eu sempre escolho você, Liz." Hugh passou o braço em volta da minha cintura e me puxou para mais perto do seu peito. "Você sempre será a primeira opção."

“Para viagens?”
"Por tudo."
A resposta dele me fez sentir um arrepio de prazer percorrer todo o corpo. "Eu te amo, Hugh Biggs." Soltando um suspiro de contentamento, passei o outro braço em volta do seu pescoço e sorri. "Eu ficaria aqui para sempre com você, se pudéssemos."
Olhos castanhos cheios de ternura se fixaram nos meus. "É?"
Assenti lentamente. "Não quero ir embora nunca."
"Eu também não." Sua voz era rouca e rouca, e sua respiração soprava em meu rosto quando ele falou. "Liz." O jeito como ele disse meu nome me fez sentir um arrepio na espinha.
Como se ele me conhecesse.
Como se eu fosse *dele* .
Como se eu pertencesse inteiramente a ele.
Passando o braço em volta da minha cintura, ele me puxou para perto até nossos peitos ficarem pressionados um contra o outro. Com meus braços em volta do seu pescoço, juntei as mãos com força, em antecipação.
Os movimentos de Hugh eram lentos e determinados, como se ele tivesse pensado mil vezes em como seria esse dia. antes. Eu também, mas minha imaginação não tinha *nada* a ver com a realidade.
Eu não aguentava mais um segundo de expectativa e claramente Hugh também não, porque ele abaixou o rosto em direção ao meu ao mesmo tempo em que eu ergui o queixo.
E aí está .
Finalmente!
No momento em que nossos lábios se tocaram, uma onda crepitante de eletricidade ricocheteou por todo o meu corpo. Instintivamente, minhas pálpebras se fecharam e eu me agarrei ao seu corpo, sentindo uma descarga de adrenalina tão poderosa que nenhuma quantidade de mergulho de penhasco poderia competir.
Não, estava claro para o meu pobre e inconstante coração que apenas uma pessoa poderia puxar as cordas do meu coração desse jeito.
Hugh Biggs .
O beijo dele foi um toque leve como uma pena.
Um roçar suave e doce dos seus lábios.
Uma vez.
Duas vezes.
No terceiro roçar de seus lábios nos meus, Hugh demorou-se, mantendo os lábios ali, pressionando um pouco mais fundo, puxando as cordas do meu coração um pouco mais forte até que eu me senti tão tensa que poderia explodir em seus braços.
Eram beijos doces e inocentes que faziam meu corpo explodir em um tremor incontrolável. Os lábios de Hugh eram surpreendentemente macios. Eu não tinha certeza do que esperava, mas seu beijo superou qualquer expectativa que eu tivesse criado nos últimos anos, e *definitivamente era* melhor do que praticar na minha mão.
Meus braços estavam apertados demais em volta do seu pescoço, e uma parte de

mim temia cortar seu suprimento de ar, mas eu não conseguia soltá-lo.
Nada neste mundo poderia me enganar e fazer com que eu libertasse esse garoto.
Não são meus pensamentos.
Não é minha mente.
Não meus pedaços quebrados.
Nada .
Quando Hugh se afastou e seus olhos cor de uísque procuraram os meus, senti que concordava, desesperada para tranquilizá-lo de que eu queria que ele continuasse.
Desta vez, quando ele pressionou os lábios nos meus, não se afastou. Em vez disso, eles se demoraram nos meus e, então, dolorosamente devagar, ele moveu os lábios contra os meus. Eu não tinha certeza de qual de nós tremia mais — só podia presumir que estávamos em níveis iguais de nervosismo, porque, quando ele segurou meu rosto com a mão, aprofundando o beijo, senti como se tivesse sido eletrocutada diretamente da rede elétrica.
Não, esqueça. Parecia que ele tinha me ligado diretamente a ele e eu não tinha como impedir.
Hugh beijou com cuidado, como se soubesse exatamente como eu gostava, o que foi surpreendente, porque eu nem sabia como gostava até ele encostar a boca na minha. Foi o *melhor* primeiro beijo da minha vida.

PARTE 11

Limbo

INDÍCIOS DE DÚVIDA

Lizzie

31 DE JULHO DE 1999

“OUVI QUE ELE É UM GRANDE ATAQUE DE DUBLIN . ”
“O pai dele é um dos Kavanaghs da cidade.”
“E ele vai se juntar à nossa turma depois do verão?”
“Sim, ele ficou na sexta série por algumas semanas antes de nos separarmos para as férias.”
"Ele fez?"
“Sim, e aparentemente ele deveria estar começando o primeiro ano, mas teve que repetir a sexta série por causa da mudança.”
"Qual o nome dele?"
"Jonathan, eu acho? Pelo menos foi o que eu acho que o Cormac disse."
“Ele deveria ser incrível no rúgbi.”
“Onde ele joga?”
“Fora do centro, eu acho.”
“De que parte de Dublin ele é?”
“A parte rica.”
"Não brinca?"
"Sério. Meu pai estudava com o pai dele, então eu sei que os pais dele compraram a Mansão Wild Rose lá no Upper West, então o rapaz tem que ser um cara rico."
"De que quantia estamos falando?"
Espalhado na lateral do campo do clube de rúgbi, cercado por alguns dos meus colegas do Sacred Heart, os meninos do Scoil Eoin e algumas meninas do Convento de Santa Bernadette, ouvi a conversa acontecendo ao meu redor e suspirei.
Danny Call e Patrick brigaram ontem, enquanto Pierce O'Neill e Hugh quase. Mas lá estavam eles, rindo e jogando uma bola de rúgbi para frente e para trás como se não tivessem a mínima preocupação no mundo.
Os meninos eram tão estranhos.
Quando eles tinham algum problema um com o outro, eles resolviam brigando feio e depois voltavam a ser amigos.
Eu não era tão indulgente e ainda guardava um ressentimento do tamanho da Gibsie quando se tratava de alguns daqueles garotos. Felizmente, ele e Claire tinham fugido para trás do clube, então eu não precisava me preocupar em ficar calado se eles decidissem implicar com ele hoje.
"A gente devia brincar de girar a garrafa", riu uma das meninas do convento, aproximando-se de Patrick. "Com beijinhos de dois minutos."
" *Com* a língua", acrescentou outra das meninas de St. Bernadette. Esta sentou-se ao lado de Hugh e tirou um fiapo imaginário da camiseta dele. "Quem topa?"
Eu não sabia sobre o "gire a garrafa", mas tinha certeza absoluta de que eu

arrancaria a mão dela se ela continuasse tocando na *minha* melhor amiga.
A fúria cresceu dentro de mim rapidamente, e fechei as mãos em punhos ao lado do corpo para me impedir de agarrar seu cabelo ruivo idiota.
Esse era um problema que eu tinha: obsessão pelas coisas que eu mais amava. Não era algo que eu pudesse controlar. Quando eu sentia as coisas, eu as sentia com cada parte do meu coração. Quando eu estava triste ou irritada, era a mesma coisa. Eu não conseguia ficar firme ou quieta comigo mesma. Eu sentia toda a fúria das minhas emoções a qualquer momento. E agora, eu estava me sentindo indignada porque *ela* estava tocando a pessoa que *eu* mais amava no mundo.
Eu queria me levantar, ir até onde eles estavam sentados e empurrá-la para longe dele. Eu queria gritar " *ele é meu"* a plenos pulmões, mas *não consegui* porque ele *não era* ...
Hugh me beijou naquele dia na caverna, mas um mês já havia se passado desde a viagem até a costa, e ele não havia tocado no assunto nenhuma vez.
Na verdade, uma pequena parte de mim se perguntou se o beijo na caverna das fadas realmente aconteceu ou se foi apenas mais uma invenção da minha imaginação desastrosa.
Ansioso, sentei-me de pernas cruzadas na grama e pressionei os dedos nas têmporas. Eu estava indo bem naquele verão e tomava meus remédios todos os dias, sem falta, mas nunca conseguia ter certeza de mim mesmo. Sempre tive uma ponta de dúvida.
Eu estava tão imerso em meus pensamentos que não percebi o círculo que todos haviam formado na grama.
Um círculo no qual eu me encontrava, sentado em frente a Hugh.
"Você está bem, Lizzie?", perguntou Marybeth com uma voz gentil, enquanto ela e sua irmã gêmea estavam sentadas uma de cada lado de mim. "Você está com dor de cabeça?"
"Não, estou bem." Forçando um sorriso, juntei as mãos. "Está tudo bem."

TERMINE SEU TANORA E GIRE A GARRAFA SANGRENTA

Hugo

31 DE JULHO DE 1999

"H UGHIE !" R OBBIE M AC GRITOU . "ACABE COM SUA T ANORA E GIRE A MALDITA garrafa, rapaz."
Sentindo-me desconfortável, virei a última gota gaseificada da minha garrafa, fechei a tampa novamente e joguei a garrafa na direção dele.
De jeito nenhum eu faria a primeira curva.
Droga, eu devia ter pedido para a Liz ser minha namorada quando estávamos de férias. Se tivesse pedido, não estaria sentada em círculo com meus amigos, tentando disfarçar um ataque de pânico.
Porque eu *estava* em pânico.
Toda vez que um dos rapazes girava aquela maldita garrafa, eu pensava que ia morrer. Não tinha certeza de como reagiria se ela caísse em cima dela. Será que eu conseguiria ficar parado assistindo outra pessoa beijá-la?
Eu duvidava.
Catorze voltas da garrafa ao redor do círculo, e eu me vi com a garrafa na mão, pronto para dar a primeira volta.
Por favor, Jesus, não deixe que isso caia na ruiva melindrosa .
Por favor, Deus, salve-me dessa confusão .
Eu farei qualquer coisa se você fizer essa garrafa parar...
“Lizzie!” as meninas gritaram, e meu pulso disparou quando vi que meu giro havia acertado *ela* .
Obrigado, obrigado, obrigado, Jesus!
"De qualquer forma, não tem como você nunca ter beijado ela antes", desafiou Danny, parecendo irritado.
Não respondi se Liz e eu já tínhamos nos beijado antes, porque não era da conta dele. Para ser justa, eu também ficaria puta se ele conseguisse beijar a Liz enquanto eu tivesse que beijar *a Bernadette Brady* .
Eca .
Quando olhei para Liz, que estava se movendo para a posição no meio do círculo, pude ouvir meu pulso batendo forte em meus ouvidos.
Expirando trêmulo, juntei-me a ela no meio do círculo, enquanto todos ao redor aplaudiam e assobiavam.
"Dois minutos inteiros, Biggsie", gritou Lukey, rindo. "Vamos cronometrar você."
"Com línguas", acrescentou outro.
Ignorando nossos amigos, concentrei minha atenção na garota ajoelhada na minha frente, tentando avaliar sua reação.
Liz não parecia nervosa.

Pelo contrário, seus olhos brilhavam com o que eu imaginei ser entusiasmo. Oferecendo-me um aceno encorajador, Liz colocou as mãos nos meus ombros e sorriu. "Oi."
"Oi", eu disse com a voz rouca, colocando minhas mãos em sua cintura.
"Faça isso!", gritavam todos. "Faça isso, faça isso, faça isso!"
Meu cérebro entrou em overdrive, enquanto meu coração girou livremente em seu bolso.
Eu tive que fazer isso.
Era agora ou nunca.
Eu tive que beijá-la.
Eu queria beijá-la.
Eu a *beijaria* .
Ainda assim, eu não conseguia evitar que a incerteza crescesse dentro de mim diante da perspectiva de estar errado.
Você não está errado, seu babaca. Agora pare de pensar demais e faça!
Com todos os nervos do meu corpo à flor da pele e a respiração irregular, abaixei o rosto em direção ao dela. Me movi lentamente. Uma lentidão doentia, mas eu não podia me dar ao luxo de estragar tudo.
Quando suas pálpebras se fecharam e ela ergueu o queixo para encontrar o meu, em antecipação, algo relaxou dentro de mim. Inspirando fundo, fechei os olhos e o espaço entre nós.
No momento em que nossos lábios se tocaram, senti aquela familiar explosão de eletricidade incandescente percorrer meu corpo. Eu sabia que Liz também sentia, porque ela apertou os braços em volta do meu pescoço e me puxou para mais perto.
Eu não tinha a mínima ideia do que estava fazendo e, de alguma forma, consegui saber *exatamente* o que fazer. Eu estava assumindo a liderança de um jogo que eu só tinha jogado uma vez e não conhecia as regras. Só conseguia atribuir isso ao meu entusiasmo superando a minha inexperiência.
A pressão, as consequências e os sentimentos sem fim.
Essa garota e esses lábios me assombrariam por toda a vida.

BEIJOS

Lizzie

31 DE JULHO DE 1999

H UGH B IGGS ESTAVA ME BEIJANDO DE NOVO .

Meu coração batia tão forte que eu tinha certeza de que todos ao redor podiam ouvir, mas não me importei. Porque aquele era o melhor dia da minha vida.

Seus lábios roçaram os meus uma vez, duas vezes, e então, no terceiro roçar, ele me beijou mais profundamente, apertando ainda mais minha cintura.

Meu corpo parecia estar levando um choque de uma cerca elétrica. Tudo dentro de mim se contraiu e sacudiu de excitação.

E então eu senti — a ponta da língua dele roçou suavemente na minha. Não foi ruim, como as outras garotas tinham reclamado quando beijaram seus desafios.

Isso foi *incrível* .

De alguma forma, eu sabia o que fazer, como se eu não soubesse, mas soubesse de uma vez.

Foi confuso e emocionante, mas não o suficiente ao mesmo tempo.

Sua língua estava na minha boca, roçando suavemente a minha em movimentos lentos e entorpecentes que não pareciam nada com o que eu havia testemunhado antes.

Incapaz de me conter, puxei-o para mais perto, de modo que nossos peitos se tocassem, e envolvi meus braços em volta do seu pescoço o mais forte que pude.

Porque eu queria mantê-lo aqui para sempre.

Eu queria sentir isso pelo resto da minha vida.

Quanto mais nos beijávamos, mais familiarizados nos tornávamos.

Hugh não foi agressivo e não enfiou a língua na minha garganta. Ele não babava nem, pior, mordia como Danny Call quando lambia a boca de Bernadette.

Quando finalmente nos separamos, suas bochechas estavam vermelhas, enquanto eu sabia que as minhas estavam vermelhas.

Corri de volta para onde as meninas estavam sentadas, voltei para meu poleiro na grama e forcei meu coração a se acalmar, enquanto as meninas conversavam animadas e fofocavam.

Os garotos do outro lado da linha invisível estavam todos torcendo e batendo palmas nos ombros de Hugh.

Ele então chamou minha atenção, marrom sobre azul, e senti uma onda de calor inundar meu corpo.

A maneira como ele olhava para mim era diferente de como ele olhava para todos os outros.

Um leve sorriso surgiu em seus lábios, e ele soltou um suspiro trêmulo antes de me dar de ombros de forma adorável.

Imita o sorriso dele, dei de ombros e juntei minhas mãos com força.

Eu queria fazer isso de novo.

Diariamente.

Para o resto da eternidade.
E acho que ele também fez isso.

UMA COISA LOUCA CHAMADA HORMÔNIOS

Hugo

28 DE AGOSTO DE 1999

TUDO MUDOU PARA MIM DEPOIS DA VIAGEM AO LITORAL . EU SOUBE O MOMENTO EXATO em que aconteceu. Lá no fundo da caverna marinha das fadas, quando ela envolveu meu pescoço com os braços e eu pressionei meus lábios nos dela, me atingiu como uma bola de demolição que eu *amava* a garota sentada no meu colo e *não queria mais estar* com ela como antes.
Essa percepção se solidificou ainda mais quando nos beijamos novamente durante o giro da garrafa.
Sim, aquele beijo me destruiu.
Nunca tentei esconder o fato de que eu tinha uma paixão por Lizzie Young, mas essa chama inocente explodiu naquele dia, se acendendo em um fogo ardente que não parou de se espalhar por mim desde então.
Com o fogo vieram sentimentos — sentimentos profundos, poderosos e fervorosos, todos direcionados a Lizzie, que eram tão intensos quanto complicados.
Ainda mais confusos eram os sonhos que acompanhavam esses novos sentimentos. Sonhos que eu *não* deveria ter com meu melhor amigo.
A parte mais embaraçosa de toda essa provação foi a reação repentina do meu corpo a ela, o que tornou ainda mais difícil passar tempo com minha melhor amiga.
Enquanto isso, Liz não teve tais problemas e continuou a ser tão carinhosa e carinhosa comigo como sempre foi, o que não teria sido um problema se eu tivesse a mínima ideia de como fazer isso *parar* .
Eu não sabia como agir perto dela agora, porque toda vez que ela estava perto de mim, tudo que eu conseguia pensar era em agarrá-la e fazer tudo de novo.
Eu não conseguia parar de pensar nela.
Como seus lábios se sentiam nos meus.
Que gosto tinha a língua dela.
Como era *bom* .
Como ela fez coisas malucas com meu corpo.
Eu queria muito beijá-la de novo, mas não tive coragem. Queria pedi-la em namoro, mas toda vez que tentava tocar no assunto, entrava em pânico.
Então, guardei para mim e esperei, prometendo a mim mesmo que faria isso na próxima vez que a visse. O problema era que eu estava adiando o verão todo e me sentia extremamente agitado.
Eu só queria que ela fosse *minha* . Mais do que qualquer coisa que eu já quis na vida. Inclusive meu PlayStation. Sinceramente, se eu pudesse colocá-la na minha lista de Natal este ano, eu pararia de pedir presentes pelo resto da minha vida. Se eu pudesse ter *a Liz* ...
Só ela .

Muitos outros rapazes também gostavam dela, e fiquei enjoado só de pensar no que aconteceria se um deles tivesse coragem de convidá-la para sair antes de mim.
Ela diria sim?
Se ela fizesse isso, como eu lidaria com isso?
Eu morreria?
Pensei que pudesse morrer.
Eu realmente senti que meu coração pararia de bater se isso acontecesse.
"Você ouviu alguma palavra do que eu disse?" A voz de Feely infiltrou meus pensamentos, e eu pisquei, confusa. "Hugh", ele continuou, sorrindo para mim do outro lado da tenda em que estávamos. tentando montar no meu quintal para a nossa próxima festa do pijama mais tarde esta noite. "Você está completamente atordoado aí, rapaz."
"É", murmurei, voltando a me concentrar na vara que eu deveria estar passando pelas alças da barraca. "E aí, Feely?"
“Sim, Hugh?”
"Posso te perguntar uma coisa?"
"Atire, rapaz."
"Eu só estava pensando", murmurei, sentindo meu rosto ficar vermelho enquanto tentava tocar no assunto. "Você ainda é um frigit?"
"Infelizmente não", respondeu Feely, com a atenção voltada para o pino que martelava na grama. "Maura McGuinness cuidou disso durante uma partida de girar a garrafa enquanto você estava de férias."
"Sério?", arqueei uma sobrancelha. "Você nunca disse."
“Não é exatamente algo que eu queria divulgar, rapaz.”
"Justo", refleti, dando-lhe toda a minha atenção. "Como foi?"
"Foi como colocar a língua na máquina de lavar", respondeu ele, esticando a mão para ajeitar a gola da camiseta. "Com dentes."
"Jesus." Engolindo a mordaça, cobri a boca com a mão. Lizzie não tinha uma língua de máquina de lavar. Embora tivéssemos nos beijado apenas duas vezes e usado a língua em um desses beijos, eu tinha a certeza de que ninguém beijava tão bem quanto Lizzie Young. "Azar, rapaz."
"É." Feely terminou de martelar a cavilha no lugar antes de esticar a cabeça para trás para me olhar. "O que está pensando, Hugh?"
"Você não quer saber."
Ele deu um sorriso irônico. "Experimente."
"Sério, rapaz." Balancei a cabeça em advertência. "O único lugar onde os pensamentos da minha cabeça devem ser falados é no confessionário da missa."
"Certo, agora você *tem* que me contar", Feely riu baixinho, abandonando a barraca. "Vamos lá, rapaz." Ele se esticou no gramado e sorriu. "Fala logo."
Saber que eu tinha apenas dois candidatos em potencial para conversar sobre isso — Feely ou Gibs — me fez pensar: *dane-se* .
Sentei-me no gramado e contei tudo para meu amigo, enquanto renovava meu ressentimento pelo homem que eu um dia chamei de pai.
Faltavam-me três meses para completar doze anos e a puberdade tinha chegado com tudo, trazendo consigo pelos no corpo, hormônios, uma voz que se tornava mais grave a cada dia e um surto de crescimento impressionante. *Em todos os*

lugares ...
Eu estava longe de ser desinformada quando se tratava de pássaros e abelhas. Eu sabia como tudo funcionava, como sexo, menstruação, puberdade, ejaculação, masturbação. Tudo o que você pudesse imaginar, eu sabia. Mas havia uma lacuna monumental entre *saber* o que esperar do seu corpo e *entender* esse algo quando ele chegasse.
Eu não podia pedir segurança à minha mãe sobre as coisas que estavam acontecendo com meu corpo, e também não deveria ter que pedir segurança aos meus amigos.
Eu *deveria* ter podido ir até meu pai.

Vinte minutos depois de nossa conversa, ficou evidente que, embora Feely fosse o mais velho de nós e o especialista residente em métodos de reprodução de animais de fazenda, ele não tinha a mínima ideia sobre sua própria espécie. Isso *me levou a* explicar *seus* órgãos reprodutivos a *ele* .
Para ser justo, eu achava que Feely tinha ainda menos sorte do que eu no quesito paternidade. Ele tinha Paddy Feely a quem recorrer, o pobre coitado. Até a porta fechada atrás da qual meu pai se escondia era mais compreensiva do que o pai de Feely.
Por acaso, montar a barraca no meu quintal se tornou uma ferramenta de ensino inestimável e, ao final da nossa conversa, eu estava confiante de que, se Feely recebesse um teste surpresa sobre o assunto, ele passaria com louvor. Enquanto isso, eu me encontrava tão despreparada emocionalmente para lidar com meus hormônios em fúria quanto quando acordei naquela manhã.

A BANSHEE DE BALLYLAGGIN

Lizzie

28 DE AGOSTO DE 1999

" NÃO É ASSIM QUE AS COISAS ACONTECEM ", PROTESTOU G IBSIE QUANDO P ATRICK TERMINOU DE CONTAR uma história de fantasma local. "Que besteira."
Estávamos acampados no jardim dos fundos do número 4 da Avoca Greystones e os meninos estavam tentando nos aterrorizar com histórias assustadoras e contos macabros.
Enquanto isso, eu estava confiante de que nada do que eles inventassem poderia me abalar tanto quanto o comportamento da minha irmã naquele verão.
Por muito tempo, pensei que fosse a única com problemas na família, mas desde que voltou de sua viagem a Liverpool, Caoimhe me provou o contrário. Ela passou a maior parte do verão chorando no quarto e, quando não estava chorando, gritava com nossos pais sobre a injustiça de sua vida.
Segundo Caoimhe, ela tinha mais de dezoito anos e merecia que o namorado a visitasse sempre que quisesse. No entanto, desde que perdeu o favor do nosso pai, ela rapidamente percebeu que a vida de privilégios que desfrutava desde o nascimento era exatamente isso: um *privilégio* . O fato de privilégios poderem ser revogados a qualquer momento era outra lição fria e dura que ela estava enfrentando.
O namorado da minha irmã não só foi proibido de pisar em nossa propriedade, como ela teria que repetir o sexto ano. a escola pública local, enquanto Mark repetiu o último ano na antiga escola. Papai se recusou a pagar mais um ano de mensalidade para Caoimhe frequentar o Tommen College. Sua decisão causou erupções em casa, e eu estava feliz por estar longe de casa por uma noite.
"Feely está completamente enganado", declarou Gibs, atraindo minha atenção de volta para o presente. Afastando a lanterna de Patrick, ele a iluminou antes de anunciar: "Eu conheço a *verdadeira* história de Grainne Ní hÓigáin, também conhecida como *a banshee de Ballylaggin* ."
"Conte-nos, Gerard", Claire encorajou, enquanto se aproximava do irmão mais velho em busca de proteção.
"Diz a lenda que Grainne era uma bruxa", começou ele, fazendo com que sua voz soasse ainda mais assustadora para dar um efeito especial. "Os habitantes da cidade sabiam que Grainne se envolvia com ocultismo, mas naquela época, muitas pessoas na Irlanda praticavam o paganismo e adoravam sacerdotisas, druidas, espíritos e divindades, então Grainne foi deixada sozinha pelos vizinhos. Eles ficavam felizes em viver ao lado dela, desde que ela não praticasse sua feitiçaria neles."
"Mas ela fez, né?", interrompeu Claire, entrelaçando o braço com Hugh. "Ela fez algo ruim, não fez?"
"Pior que ruim", confirmou Gibsie solenemente. "Na noite de lua cheia, no sexto dia do sexto mês, Grainne tirou seis crianças de suas casas e as afogou no rio

Ballylaggin."
"Por quê?", perguntei, intrigada porque essa versão dos acontecimentos era muito mais bizarra que a do Patrick. "Por que afogar as crianças?"
"Porque ela queria o dom da vida eterna e fez um pacto com o diabo para obtê-lo", respondeu Gibsie em um tom sinistro. "E o sangue de seis inocentes foi o preço do diabo."
"É, você tem razão", refletiu Patrick, parecendo tão envolvido quanto todos nós. "Sua versão é muito melhor, Gibs."
Com uma expressão presunçosa no rosto, Gibs continuou sua história. "Quando os pais das seis crianças acordaram de manhã e encontraram seus filhos desaparecidos, o caos se instalou na cidade. Equipes de busca foram formadas e todos saíram em busca das crianças desaparecidas."
"Merda", murmurou Hugh, esfregando o queixo. "Isso é muita classe, Gibs."
“Quando as crianças sem vida foram finalmente encontradas na beira do rio, todos os seis corpos estavam sem o coração!”
"Puta merda!" Claire engasgou, com os olhos arregalados e aterrorizada. "A bruxa comeu o coração deles?"
"Pior", respondeu Gibsie. "Ela levou os corações deles de volta para sua casa e os colocou em seu altar profano."
"Foi assim que os moradores da cidade descobriram quem matou as crianças?", perguntei, aproximando-me do outro lado de Hugh. "Porque encontraram seus corações na casa de Grainne?"
"Exatamente", concordou Gibsie, apontando a lanterna para mim antes de voltar a focar a luz no queixo. "Quando os moradores de Ballylaggin alcançaram Grainne, ficaram furiosos."
“O que eles fizeram?”
"Eles buscaram a ajuda de outra bruxa", continuou Gibsie, encantando o resto de nós com sua história. "Uma poderosa sacerdotisa de uma vila próxima."
"Para fazer o quê?"
Os pais das crianças mortas, juntamente com o restante da população da cidade, decidiram que a punição deveria ser adequada ao crime e convenceram a sacerdotisa a cumprir suas ordens. Determinados a infligir uma eternidade de tormento a Grainne, persuadiram a sacerdotisa a lançar uma maldição tão vil, tão desprezivelmente amoral, que nunca se ouvira falar dela antes.
"O que foi?"
“Eles não achavam que a morte seria punição suficiente pelos crimes de Grainne, não importava o quão dolorosa ou lenta fosse a morte, então, junto com a sacerdotisa, os habitantes da cidade conjuraram uma maldição que a acorrentaria no limbo por toda a eternidade.”
"Limbo?" Claire arqueou uma sobrancelha. "O que é isso?"
"Limbo é onde os fantasmas vivem", expliquei. "Eles não estão no nosso mundo físico, mas também não desapareceram."
"Exatamente. É como o intervalo depois que você morre", acrescentou Hugh, enquanto nos abraçava com um abraço reconfortante. "Você não está na Terra, nem no céu ou no inferno. Você está no limbo."
“Então, naquela noite, quando o sol se pôs no oeste e a sacerdotisa invocou os poderes de suas divindades para impor a maldição sobre a bruxa má, os

habitantes de Ballylaggin amarraram Grainne Ní hÓigáin a uma estaca na colina em frente à sua casa e a queimaram viva."
"Puta merda, Gibs", Patrick sussurrou, balançando a cabeça. "Por favor, me diga que tem mais."
"Após sua morte, os habitantes da cidade pensaram que tinham visto a bruxa pela última vez, e foi o que aconteceu, por um tempo…"
"Até?"
"Até seis anos depois, quando outras seis crianças desapareceram de suas camas, apenas para serem encontradas na manhã seguinte exatamente no mesmo local na margem do rio e com seus corações removidos de seus corpos sem vida."
"Tá, que diabos?", gritou Claire, parecendo em pânico. "Isso é demais."
"Diz a lenda que a sacerdotisa cometeu um erro fatal ao lançar a maldição", explicou Gibsie com uma voz mortalmente fria. "Uma que — no sexto dia do sexto mês, a cada seis anos — permitia que a bruxa retornasse. Livre para vagar pela cidade de Ballylaggin, em busca de mais seis crianças."
"Meu Deus, estou com um arrepio terrível", eu ri, me aconchegando ao lado de Hugh.
"Por ter afogado as crianças originais no rio, ela foi proibida pela natureza de cruzar as águas, aprisionando seu espírito errante na cidade onde morreu, e a lenda diz que, tarde da noite, quando o som de gritos lamentosos preenche a escuridão, é Grainne gritando na vida após a morte, enquanto ela revive a dor de ser queimada viva."
"Caramba, Gibs", exclamou Hugh, parecendo impressionado. "Isso foi épico."
"Então aí está", Gibsie riu, finalmente saindo do personagem e retomando seu humor brincalhão. "A *verdadeira* história da Banshee de Ballylaggin."
Enquanto isso, a única coisa que o resto de nós pôde fazer naquele momento foi aplaudi-lo.
"Ai, ai, ai!", gritou Gibsie, erguendo a mão. "Quase esqueci!"
"O quê?" todos nós perguntamos em uníssono.
"Tem mais uma coisa. Algo ainda pior", sussurrou ele num tom sinistro. "Porque, segundo os registros da cidade, um de nós cinco é descendente direto de Grainne Ní hÓigáin." Ele acendeu e apagou a lanterna para causar um efeito assustador. "Na verdade, uma das nossas casas foi construída no mesmo local onde ficava a casa da bruxa."
"Quem?", perguntou Claire. "Ah, não! Sou parente de uma bruxa?"
"Não, Claire, não temos parentesco com nenhuma bruxa", Hugh disse lentamente. "Embora a tia Sarah seja questionável."
"Cala a boca, Hughie", choramingou Claire. "Estou realmente apavorada."
"Sou eu, não é?", Patrick riu. "Sou descendente da porra da banshee."
"Na verdade", Gibsie refletiu, apontando a lanterna para todos nós até que ela se fixou em mim. "É a víbora residente."
"Meu Deus!", gritou Claire, tentando, sem sucesso, salvar o irmão. "Ela é uma bruxa, Hughie."
Enquanto isso, eu me abaixei, rindo baixinho. "Que legal. Eu sempre quis ser uma bruxa."
"Por causa do Stevie?", Hugh refletiu, me oferecendo um sorriso malicioso. "Fleetwood Mac, certo?"

"Certo", concordei, ainda rindo. "Adoro o clima de bruxa dela."
“'Silver Springs'?”
Sorrindo, assenti. "Você lembrou."
Hugh piscou. "Eu me lembro de tudo sobre você, Liz."
"Por que vocês estão rindo?", perguntou Claire, parecendo genuinamente petrificada. "Que notícia *horrível* ."
"Relaxa, Claire", Hugh riu baixinho. "É uma grande besteira."
“E se não for?” perguntou sua irmã.
"Então eu prometo não te enfeitiçar", provoquei.
"Ai, meu Deus", gemeu Claire, fazendo o sinal da cruz no peito. "Preciso ir à missa amanhã."

"Gente, estou com medo", declarou Claire algumas horas depois, ao se levantar do saco de dormir. "Quero entrar."
"Pare de ser um bebê", gemeu Hugh, cobrindo o rosto com o braço. "Você está perfeitamente seguro."
“Mas e se a Banshee de Ballylaggin nos pegar?”
"Ela não pode", Gibsie acalmou. "Ela só vai nascer daqui a quatro anos."
"Você jura?"
“Mão no meu coração, Claire-Bear.”
“Ok, mas e se a Lizzie nos pegar?”
“Não vou”, eu ri.
"Você promete?"
“Juro por você, espero morrer.”
"Certo." Claire ficou em silêncio por doze segundos antes de perguntar: "E se um urso nos pegar?"
"Em Ballylaggin?", Patrick gemeu alto. "Não temos ursos na Irlanda. O pior que você verá por aqui é uma raposa."
“Ou um esquilo.”
“Ou um texugo.”
“Ou um sapo.”
“Ou um ouriço.”
“Ou um rato do campo.”
“Ou talvez um boi desgarrado.”
“Altamente duvidoso, considerando que estamos nos arredores da cidade.”
“Ah, droga, eu não gosto de vacas.”
“Você gosta de todos os animais, Claire.”
“Normalmente, mas não vacas.”
"Não se preocupe. Eu vou te proteger das vacas, Bebê Biggs."
"E eu? Eu também não gosto de vacas."
“Eu também vou te proteger das vacas, Gibs.”
"Você promete, pai? Você jura mesmo que vai nos salvar?"
"Ah, pelo amor de Deus, parem logo com isso, tá?", Hugh disparou. "Vocês estão ficando assustados."
"Não fique bravo comigo, Hughie! Sou mais novo que você, ok!"

"Eu sei, Claire. É por isso que você deveria me ouvir, seu ancião, quando eu digo para você calar a boca e ir dormir."
“Sabem de uma coisa, rapazes, se Claire-Bear não vai ficar, eu também não vou.”
"Cala a boca, Gibsie." Era Patrick. "Está tudo bem. Só feche os olhos e vá dormir."
"Porra, e se tiver um rato aqui fora?", Gibsie gemeu. "Eu não lido bem com ratos."
“É o rabo, hein, Gerard?”
“Sim, isso e a iminente doença de Weil, Claire-Bear.”
"Super assustador."
“Não quero pegar uma doença.”
“Não, eu também não.”
"Meu Deus", gemeu Hugh. "Estou implorando para vocês dois pararem de falar."
“Bebê Biggs, saia do meu saco de dormir!”
"Ops, desculpe, Patrick. Não consigo enxergar no escuro. Pensei que fosse o saco de dormir do Gerard."
"Claire! Fique longe do saco de dormir da Gibsie."
"Mas a gente não dorme separado, Hugh. Você sabe disso."
"Não aguento mais isso." Bufando como um urso mal-humorado, Hugh saiu do saco de dormir e acendeu uma lanterna, banhando a barraca com um tom amarelo opaco. "Vou cair fora."
"Não, Hughie, não vá", gritou Claire para o irmão, enquanto eu vasculhava o local em busca da minha própria lanterna e a acendia. "Você está mais perto da porta", gritou ela para ele. "Precisamos que você fique para que os ratos tenham que passar por você para chegar até nós."
Tarde demais.
Seu irmão havia desaparecido na escuridão do jardim, munido de seu saco de dormir. Alguns momentos depois, o som da escada da casa na árvore rangendo preencheu o ar.
"Pelo menos ele não vai entrar", ofereceu Gibsie. "Porque nossas mães definitivamente não vão deixar a gente dormir lá fora sem o Hugo Boss."
"Sou mais velho que Hugh", bufou Patrick, parecendo insultado.
"Ah, veja bem, mas o Hugh é o *sensato* ", explicou Claire, imitando a voz da mãe, enquanto se aconchegava no saco de dormir com a Gibsie. "A mamãe diz que o Hughie tem toda a sabedoria, e eu tenho toda a ousadia."
"Felizes agora?", perguntei secamente, quando Gibsie e Claire estavam aconchegadas como irmãs de ninhada no mesmo saco de dormir. "Vocês duas são ridículas."
"Eu já te disse que não consigo dormir sem ela", explicou Gibs, enrolando-se como um gato em volta da nossa amiga. "Não é minha culpa."
"E ele me mantém aquecida", acrescentou Claire com um bocejo sonolento. "Boa noite, Gerard, te amo."
“Amo você mais, Claire-Bear.”
"É melhor você não peidar", avisou Patrick, apontando o dedo para Gibs antes de voltar sua atenção para Claire, "e é melhor você não roncar". Com isso, ele se acomodou em seu saco de dormir e cobriu a cabeça com o travesseiro que

deveria estar usando por baixo do corpo.

Esperei os outros dormirem antes de sair cuidadosamente da barraca e ir direto para a casa na árvore.
Eu não queria dormir numa barraca com meninos se aquela barraca não contivesse o Hugh Biggs. A excitação pulsava dentro de mim só de pensar em passar um tempo sozinha com ele.
Quando cheguei ao topo da escada e me arrastei pela porta da casa na árvore, encontrei Hugh reclinado em um saco de dormir, usando a luz de sua lanterna para ler um exemplar desgastado de *Angela's Ashes* .
No minuto em que meus olhos pousaram nele, uma onda de calor me atingiu, e meu coração disparou. "Ei. Posso ficar aqui com você?"
"Ei." Sua atenção imediatamente se voltou para mim. "Ah, sim, claro." Pondo o livro de lado, Hugh levantou a lateral do saco de dormir e gesticulou para que eu entrasse.
Sem hesitar, fiz exatamente isso, emocionada quando meus pés frios foram instantaneamente aquecidos pelo calor que emanava de suas pernas.
"Você está ficando peludo", eu disse a ele, sentindo a aspereza dos pelos da sua perna roçando nos pelos macios da minha. "É estranho."
"Não há nada que eu possa fazer quanto a isso, receio", respondeu ele, virando-se para envolver meus ombros com um braço quente enquanto eu me virava de costas para o seu peito. "Quente o suficiente?"
"Mm-hmm." Assentindo, estendi a mão, agarrei seu antebraço com as duas mãos e me aconcheguei. "Quentinho."
“Você está se sentindo bem, Liz?”
"É, Hugh." Suspirando de contentamento, aconcheguei-me mais ainda. "Estou tendo o melhor verão da minha vida."
"É." Seu braço me apertou mais. "Eu também."
Incapaz de reprimir o arrepio de prazer que me percorreu quando ele me abraçou, virei a cabeça e acariciei seu peito com a bochecha. "Você me faz feliz." Inspirando fundo, sussurrei: "Você me faz sentir segura."
"Sim?"
“Hum-hum.”
“Então eu provavelmente deveria te contar uma coisa.”
"Oh?"
“É sobre nós.”
“E nós?”
Ele ficou em silêncio por um longo tempo antes de dizer: "Estou tendo um pouco de dificuldade em ficar perto de você ultimamente."
Meu coração apertou. "Você quer que eu vá?"
"O quê? Não, Liz!" Ele apertou o braço em volta de mim. "Eu jamais desejaria isso." Senti seu nariz roçar na minha nuca antes de ele sussurrar: "Você sabe que eu te amo, né?"
"Certo."
“Eu só... estou tendo um pequeno problema em amar você *demais* .”

Meu coração disparou. "Demais?"
Senti que ele assentiu atrás de mim. "Tudo bem, eu vou dar um jeito, mas só queria te avisar que, se eu parecer um pouco estranho, não é nada que você tenha feito, ok? Eu só estou, uh, meio confuso agora."
"Você sabe que eu te amo também, né?", respondi sussurrando enquanto fechava os olhos com força e me obrigava a ser corajosa. "Demais."
Ele ficou em silêncio por um longo tempo, tanto tempo que comecei a pensar que a conversa, pelo menos para ele, havia acabado, mas então sua mão trêmula se moveu para cobrir a minha.
A excitação tomou conta de mim e tive certeza de que nunca havia agarrado uma mão tão rapidamente quanto agarrei a mão daquele garoto em particular.
Na verdade, eu não só estava segurando a mão de Hugh com unhas e dentes, como também a estava apertando com força.
Com *as duas* mãos.
"Então tá." Uma risadinha baixa e nervosa escapou dele. "Ainda bem que não estou sozinho nessa."
“Você definitivamente não está sozinho nisso”, respondi, tremendo todo.
“Ei, Liz?”
“Sim, Hugh?”
“Posso te fazer uma pergunta?”
"Claro."
“Você acha que estaria tudo bem” — sua voz era baixa e cheia de incerteza — “se eu segurasse sua mão?”
“Você sempre segura minha mão, bobo.”
“Sim, mas você acha que tudo bem se eu fosse o *único* garoto que pudesse segurar sua mão?”
"É." Uma deliciosa onda de excitação me percorreu. "Isso seria mais do que aceitável."
"Certo." Senti seu peito se mover atrás de mim quando ele exalou um suspiro de alívio. "Que bom saber."
Houve um longo silêncio antes que eu criasse coragem para sussurrar: "Lembra daquela vez no meu quarto quando você me beijou no pulso?"
"Eu lembro."
“Eu gostei.”
"É." Ele suspirou. "Eu também."
"Gostei ainda mais daquele dia na caverna das fadas, quando você me beijou nos lábios", forcei-me a admitir, minhas palavras pouco mais que um sussurro ofegante.
"Você fez?"
“Sim, Hugh.”
A ansiedade me corroía o estômago porque eu não tinha certeza de como isso iria acontecer, mas eu *tinha* que tentar. Eu *tinha* que dar o primeiro passo se o Hugh não quisesse. E ele claramente *não ia* . Setembro estava se aproximando, e eu esperei o verão inteiro para que ele desse um passo, para me beijar de novo, mas ele não deu.
Expirando trêmula, virei-me de bruços para encará-lo e sussurrei: "E eu realmente acho que você deveria fazer isso de novo."

“Liz…”
"A menos que você não queira", apressei-me em acrescentar quando vi a incerteza em seus olhos. De repente, uma onda de incerteza me invadiu e tentei recuar. "Sabe de uma coisa? Estou sendo boba..."
“Liz—”
"Não, não, está tudo bem." Jogando as cobertas para longe, me afastei, sentindo meu rosto queimar de vergonha. "Desculpa, Hugh, esquece o que eu disse, tá? Eu não devia ter dito aquilo para..."
“Liz, pare, não vá—”
"Isso foi bobagem. Estou sendo boba. Não se preocupe com isso..."
"Liz!" Hugh disparou, e dessa vez chamou minha atenção. "Volte."
Expirando trêmulo, dei um passo para trás, para o lado dele, e afundei de joelhos.
Sem dizer uma palavra, Hugh pegou minha mão e a levou aos lábios. Mantendo os olhos em mim, ele a virou e deu um beijo nas cicatrizes que cobriam meu pulso.
Fiquei sem fôlego e pensei que meu coração fosse explodir. Tremendo violentamente, observei-o beijar minha vergonha. Porque aquelas cicatrizes nos meus pulsos retratavam as partes mais feias da minha mente. Mas Hugh beijou cada uma delas como se fossem lindas. Como se *eu* fosse linda. Como se eu ainda fosse *eu* .
Incapaz de me conter, aproximei-me, querendo envolver meu corpo no dele, desejando entregar-lhe todos os meus pedaços quebrados e ver se ele conseguiria fazer milagres e me recompor. Porque em noites como aquela, quando minha mente se aquietava e meu coração batia forte, ele me fazia sentir que conseguia.
"Quero te beijar", disse Hugh, com os olhos fixos nos meus. "Mas preciso te fazer uma pergunta primeiro."
"Uh, ok?" Eu respirei, meu peito subindo e descendo rapidamente.
"Você é minha melhor amiga, Liz, e eu não quero que isso acabe nunca", disse ele cuidadosamente, parecendo nervoso. "Mas eu não te amo mais só como uma amiga." Ele voltou sua atenção para nossas mãos unidas e pigarreou bruscamente. "Eu te amo como um namorado ama sua namorada."
"Você faz?"
"É." Ele assentiu lentamente. "Então, eu estava pensando se você consideraria me amar como uma namorada ama o namorado?"
"Eu já amo", respondi, sem conseguir conter o sorriso que se espalhava pelo meu rosto. "Sempre amei."
Seus olhos procuraram os meus, esperançosos. "É?"
Assenti ansiosamente. "Sempre."
"Ah, graças a Deus", respondeu Hugh, soltando um suspiro profundo e audível. "Porque eu queria te pedir em namoro desde 1994, e acho que não consigo aguentar mais um dia."
"Estou esperando para dizer sim desde 1994", ri, explodindo de entusiasmo. "Você está perguntando agora, para que eu possa finalmente dizer sim?"
"É, Liz", Hugh riu e assentiu. "Estou perguntando agora." Balançando a cabeça, ele me olhou nos olhos e perguntou: "Quer ser minha namorada?"
Finalmente .

"Sim!", sorri para ele. "Vou sim."
Hugh sorriu. "Obrigado."
"De nada."
"Então está bem."
"Sim."
“Então você é minha namorada.”
“Sim, e você é meu namorado.”
“Claro que sim.”
"Uau."
"Eu sei."
“Você quer…talvez me beijar agora?”
"Eu definitivamente quero te beijar, Liz. Se você quiser que eu te beije?"
“Eu definitivamente quero isso, Hugh.”
"Certo." Com o coração disparado, prendi a respiração quando meu melhor amigo passou meus braços em volta do seu pescoço antes de lentamente puxar meu corpo para perto do dele. "Eu vou."

PARTE 12

Novos Milênios

FESTA COMO SE FOSSE 1999

Hugo

31 DE DEZEMBRO DE 1999

“ PARE DE TRAPACEAR .”
"Eu não estou trapaceando."
"Sim, você está. Você não pode se esconder na mansão, Claire. Você tem que completar missões *de verdade* ."
"Eu te disse para não dar a vez a ela", resmunguei do meu lugar na cama. Joguei uma bola de rúgbi para o alto e a peguei de volta, enquanto minha irmã e Gibsie disputavam o controle do meu PlayStation. "Claire brinca com o mordomo em vez de fazer missões."
Era véspera de Ano Novo, e meus pais, junto com Sadhbh e Keith, estavam indo para a festa anual de Catherine e Mike na Old Hall House. Claramente, todos os nossos pais tinham contribuído para pagar uma boa grana para Caoimhe tomar conta de todos nós, porque de outra forma ela não teria concordado em abrir mão da última noite de um milênio inteiro.
Meu Deus, até meu pai tinha conseguido se recuperar do desespero para sair com a mamãe. Eu não tinha dúvidas de que era temporário, claro. Se aprendi alguma coisa nos últimos quatro anos, foi que meu pai tinha desenvolvido uma atitude de "pronto, firme, pare" diante da vida. Às vezes ele tentava; na maioria das vezes, desistia. Era um padrão ao qual minha mãe e minha irmã se acostumaram — e até aceitaram. Eu não. Eu sabia que o homem que ele um dia foi jamais aceitaria suas promessas quebradas. O pai que eu conhecia daria um chute na bunda do pai que eu tenho.
"Chama-se *Tomb Raider II* por um motivo", rosnou Gibsie, me trazendo de volta ao presente, sem conseguir recuperar o controle. "Porque ela saqueia tumbas, Claire. Não armários de cozinha."
"Estou explorando, Gerard", defendeu-se ela, bufando, com a língua para fora do canto da boca enquanto se concentrava em trancar o mordomo no congelador. "Além disso, é a minha vez, pessoal. Posso fazer o que eu quiser."
"Eu te disse", refleti, sentindo-me validado. "É pior do que quando a gente dá uma volta nela no *GTA* e ela para no sinal vermelho."
“Porque o sinal vermelho significa parar, Hugh Andrew Biggs.”
“Não em um universo alternativo, Claire Bridget Biggs.”
"Ah, rapaz, olha os peitos da Lara Croft", Gibsie riu com a boca cheia de pipoca, apontando para a tela da minha televisão portátil. "Faça ela pular de novo, Claire-Ursinha."
"Gerard! Não diga *peitos* ."
"Você consegue dar zoom?", perguntou ele, passando o braço em volta dela para tocar no controle. "Aproximar mais."
"O quê... ei, não! Pare de olhar para os peitos da Lara."
"Por que?"

“Porque não é legal.”
“Hugh olha para os seios dela.”
“Não me importa o que Hugh olha—”
O som estridente da campainha ecoou pelo ar, trazendo consigo uma descarga elétrica repentina direto ao coração.
Joguei a bola de rugby na minha cama, levantei-me de um salto e corri em direção à porta do quarto, ignorando o pedido de Gibsie por mais doces da cozinha.
Ele tinha dois pés perfeitamente bons.
Quando cheguei ao topo do patamar e ouvi sua voz familiar, os choques elétricos no meu peito se transformaram em choques intensos por todo o meu corpo.
Finalmente .
Fiquei olhando as horas a noite toda. Felizmente, consegui subir os degraus de dois em dois degraus sem estalar o pescoço. Deslizando do penúltimo degrau, deslizei pelos ladrilhos do corredor de meias, sem parar até encostar a mão no vidro da porta da frente.
"Belas jogadas, galera", Caoimhe riu, sorrindo para mim. "Essa foi uma manobra estilo *Negócio* Arriscado."
Franzi a testa em confusão. "Hã?"
"Referência aos anos 80, garoto. Deixa pra lá", ela respondeu com uma risadinha, dando um passo para o lado para revelar a única garota que conseguia conjurar eletricidade na mente e injetá-la em mim. Porque era isso que ela fazia.
Liz sorriu para mim, com os olhos brilhando de malícia, e eu tive que conter um gemido. Olhar para ela estava ficando cada vez mais complicado, porque com a idade vinha a beleza, e com a beleza vinham os hormônios, e com os hormônios vinham os desejos. Embora eu tentasse disfarçar o máximo que podia, eu tinha desejos muito fortes direcionados exclusivamente a essa garota.
Minha menina .
"Ei, Hugh." Ela pegou minha mão e rapidamente se aproximou de mim. Meu corpo queimou de calor quando sua pele tocou a minha, e tive que reprimir a vontade de tremer. "Obrigada por me convidar para sua festa do pijama."
"Você sempre pode dormir comigo, Liz", respondi, me sentindo confusa. "Quer dizer, você é sempre bem-vinda nas minhas festas do pijama."
Normalmente, eu esperaria até ver minha mãe ir embora, mas hoje à noite, corri para o andar de cima com minha namorada.
Podem me chamar de mesquinho, mas eu não tinha a mínima intenção de dar um tapinha na cabeça do meu pai e dizer a ele como ele era um bom menino por ter se esforçado. Não quando eu sabia, no fundo, que levaria meses até que tal esforço se repetisse.
"Espere", Liz sussurrou, me puxando para longe da porta antes que eu a abrisse. "Você está com seu telefone?"
"É." Enfiei a mão no bolso para pegar o celular Nokia 3210 que ganhei de Natal. "Você tem o seu?"
“Sim”, ela respondeu, pegando meu telefone e me entregando o dela.
"Sabe, nossas mães provavelmente foram comprar isso juntas", pensei, enquanto anotava meu número na lista de contatos dela e Liz anotava o dela na minha. "A Claire e o Gibs compraram exatamente a mesma marca e modelo que nós."

“Provavelmente”, ela riu, trocando de telefone novamente.
Nós dois sorrimos um para o outro antes de guardarmos nossos celulares. "Te ligo amanhã."
"Não se eu te ligar primeiro", ela respondeu com uma piscadela.
"Justo." Rindo, balancei a cabeça e fui para o meu quarto. "Mas é melhor você se apressar, porque quem acorda cedo pega a minhoca."
"Espere", ela gritou, agarrando minha manga e me puxando de volta para si. "Tenho uma coisa para você."
"Mas você já me deu o seu número de telefone..." Minhas palavras se interromperam quando seus lábios se chocaram contra os meus. Seus braços envolveram meu pescoço, puxando meu corpo para mais perto do dela, e eu fui de bom grado.
Porque eu sentia *tudo* por essa garota.
Bastou ela encostar os lábios nos meus para que todos os meus nervos se arrebentassem. Ela tinha um talento extraordinário para deixar meus nervos em desordem total, ao mesmo tempo em que me impedia de formar um pensamento coerente.
Quando Liz finalmente separou seus lábios dos meus, ela me deixou com um problema horrível na cueca e seu chiclete na minha boca.
Suas pupilas estavam tão dilatadas que eram quase pretas. Eu só podia presumir que eram iguais às minhas.
"Sua irmã não vai me deixar te beijar depois", explicou ela, ainda sem fôlego por ter me destruído por qualquer outra garota. "Então pensei em ganhar meu beijo agora."
Ela estava certa sobre isso.
Minha irmã teve um colapso nervoso quando descobriu sobre mim e Liz. Ela até parou de falar conosco, embora seu silêncio tenha durado apenas algumas semanas.
Liz ficou devastada com a indiferença, enquanto eu fiquei eufórico com a paz e o sossego.
As meninas tinham conseguido se acertar, mas nosso relacionamento ainda era um ponto sensível para minha irmã, e por isso Liz fazia de tudo para não me tocar quando Claire estava por perto. Mantivemos nosso relacionamento em segredo, e Liz nem segurava minha mão ultimamente se minha irmã estivesse olhando.
Isso me irritava profundamente, mas eu não podia negar o quanto eu gostava dos nossos beijos roubados quando não havia ninguém por perto.
Liz estendeu a mão e passou o indicador e o polegar pelo meu lábio inferior antes de tirar o chiclete da minha boca e colocá-lo de volta na dela. "Tem o seu gosto." Ela piscou. "Meu sabor favorito."
Porra .
Sorrindo, Liz deu um tapinha na minha bochecha antes de passar por mim com um passo saltitante.
“Ei, pessoal”, ela gritou, abrindo a porta do meu quarto e se juntando aos nossos amigos.
Enquanto isso, fiquei congelado no mesmo lugar por uns bons dez minutos, tentando desesperadamente me acalmar.

"Por que você tem que ir?", Claire choramingou uma hora depois, segurando a mão de Gibsie com as duas mãos. "Não me deixe no milênio, Gerard", ela continuou, firme quando ele tentou ir embora. "E se o mundo acabar?"
"Claire-Bear, você tem que me soltar", Gibsie riu, segurando-se no batente da porta com a mão livre. "Johnny está lá fora, no carro, me esperando."
"E então?", ela bufou, estreitando os olhos. "Eu sou sua Claire-Ursinha."
"Eu sei que você está", ele tentou persuadir, "e estarei em casa com minha Claire-Bear pela manhã."
"Nãão", ela lamentou. "Se você for, vou ficar sozinha com os pombinhos." Ela fez uma pausa para me lançar um olhar penetrante antes de continuar a choramingar. "Vou ficar completamente sozinha."
"Hã, alô?", interrompeu Feely, que chegara logo depois de Liz, do seu poleiro no pufe. "O que eu sou? Cocô de cachorro?"
"Ops, desculpe, Patrick", respondeu Claire, corando. "Esqueci que você estava aqui."
"Lindo." Feely revirou os olhos. "Simplesmente lindo."
"Ligo para você assim que o relógio bater meia-noite", jurou Gibsie, libertando-se do abraço. "Eu te amo." Ele soprou um beijo antes de sair correndo do quarto. "Você ainda é minha melhor amiga, Claire-Ursinha."
"É, tá." Soltando um suspiro dramático, ela se jogou no colo de Feely e cruzou os braços. "Estou de mau humor."
Seu drama me arrancou um revirar de olhos e uma risadinha da minha namorada. "Claire, ele pode ter outros amigos."
“Não, ele não é.”
"Ah, o que houve, Bebê Biggs?", perguntou Feely, afagando-a e alimentando a rainha do drama. "Já está com saudades da sua coleguinha?"
"Sim, porque ele está sempre na casa do Johnny agora", Claire explodiu, com os cachos espalhados descontroladamente. "Viajando com a família do Johnny, dormindo na casa dele, indo a jogos, discotecas e... e *treinos* ." Ela revirou os olhos para o céu e fingiu engasgar. "Isso me dá nojo, Patrick. Tipo, muito nojo."
“Não me diga que você tem ciúmes de Johnny Kavanagh.”
"Não tenho ciúmes dele", defendeu Claire, com as bochechas ficando rosadas. "Estou brava com ele. Ele roubou minha melhor amiga."
"Quer relaxar?", interrompi, cansado demais para lidar com o drama dela. "O Gibs dormiu aqui todas as noites desde o Natal, e passou a manhã, a tarde e a noite toda com você."
"E onde está o Gerard agora, hein?", ela perguntou. "Numa discoteca com o Johnny Kavanagh, é lá. E você sabe o que o Johnny Kavanagh faz nas discotecas? Ele beija garotas, é isso que ele faz. Muitas garotas. De língua."
"Eles não estão numa discoteca", disse Feely, tentando acalmá-la. "Estão na casa do Cap."
“Exatamente”, concordei.
"Capitão?" Claire estreitou os olhos. "Por que você o chama assim?" Ela olhou ao redor, inocente. "Ele usa muitos chapéus ou algo assim?"
"É, mana", eu ri. "É por isso."
"Não, ele não usa muitos bonés, Baby Biggs", explicou Feely, claramente com

pena da minha irmãzinha. "Nós o chamamos de boné porque ele é o nosso capitão."
"Do quê? Do seu navio imaginário?" Lizzie interrompeu com uma risadinha. "Já consigo ver: o Capitão Fantástico e seu bando de fãs."
"O time de rúgbi, na verdade", retrucou Feely. "Mas boa, Viper."
“Bem, aposto que ele está fazendo ele praticar rúgbi, o que é bobagem porque Gerard só gosta de rúgbi porque *Johnny* gosta de rúgbi.” Claire bufou antes de perguntar: "Ei, vocês têm certeza de que eles não foram a uma discoteca?"
"Se Cap e Gibs estivessem em uma discoteca, nós estaríamos lá." Feely a consolou, dando-lhe um tapinha na cabeça.
"Sim, faríamos." Concordei com a cabeça. "E bem longe das suas birras."
"É, bom, talvez se o Johnny Kavanagh encontrasse um melhor amigo, eu não ficaria tão chateada", ela insistiu, com uma expressão comicamente magoada. "Por que ele teve que escolher o *meu* ?"
Essa era uma pergunta que continuava a confundir nossa turma. Em setembro, quando Johnny Kavanagh apareceu no primeiro dia da sexta aula, ele se encantou imediatamente por Gibsie, e eles se tornaram inseparáveis na escola desde então.
Nenhum dos rapazes da nossa turma conseguia entender por que alguém como Johnny iria querer sair com Gibsie.
Eu pudesse.
Gibsie era o melhor amigo que alguém poderia ter. Ele era leal, confiável, tinha a melhor personalidade da escola e se importava pra caramba com as pessoas que amava. Feely e eu sabíamos que amigos como Gerard Gibson não apareciam com muita frequência, e fiquei feliz que Johnny também percebesse isso.
Eu nunca diria isso em voz alta, porque não queria envergonhar o rapaz, mas fiquei emocionado por ele finalmente ter encontrado seu lugar. Ele sempre me teria ao seu lado, não importa o que acontecesse, mas vê-lo progredindo na escola e fazendo amigos me deixava orgulhoso pra caramba. Porque Johnny Kavanagh era amigo *dele* . É, nós quatro almoçávamos juntos, e Feely e eu também considerávamos Johnny nosso amigo, mas todos sabiam a quem o Cap era leal.
Com nossos Gibs .
"O que você está pensando?", perguntou Liz, sorrindo para mim. "Você está com um sorriso enorme no rosto."
"Nada", respondi, ainda sorrindo. "Só estou feliz."

BOM DEMAIS PARA SER VERDADE

Lizzie

1 DE JANEIRO DE 2000

DURANTE MUITO TEMPO, PROGRAMEI MEU CORAÇÃO PARA ESPERAR TRISTEZA . ATRIBUÍ A ISSO AO FATO DE EU TER UMA MENTE INQUIETA E TER APRENDIDO, MESMO JOVEM, QUE TUDO É PASSÍVEL.
Bom ou ruim .
Não importa quanto tempo algo dure, nunca será permanente.
Eu sabia disso, e *mesmo assim* me deixei levar por uma falsa sensação de segurança.
Deixei meu coração enganar minha mente.
Durante meses, permiti-me acreditar que havia superado a situação, que a vida não seria mais tão difícil para mim.
Eu tive o melhor namorado do planeta Terra.
Eu tinha os melhores amigos.
Eu tive uma mãe saudável.
Eu tinha um pai que parecia feliz em me ver agora.
Eu era saudável.
Eu estava estável.
Eu não queria mais morrer.
A bolha estourou esta manhã quando Sinead me acordou antes dos outros. Pegando minha mão, ela me levou escada abaixo até a cozinha. De lá, ela me contou que, durante a festa de Ano Novo na minha casa ontem à noite, minha mãe tinha tido um surto.
Por um momento, fiquei ali sentado, congelado no lugar, enquanto ouvia a mulher que eu amava como uma segunda mãe explicar como minha mãe *biológica* havia sofrido um ataque cardíaco confirmado.
Sinead prometeu que Mam estava se recuperando bem depois do ataque cardíaco, mas quando fizeram alguns exames nela no hospital, um dos exames detectou uma sombra.
Ela não precisou dizer mais nada depois disso.
Eu já sabia o que significava uma sombra.
Está de volta .
"Você não deve pensar assim, querida", Sinead tentou me consolar quando expressei meus pensamentos em voz alta. "Nada foi confirmado ainda — não até os resultados da biópsia saírem."
"Mas eles acham que voltou", insisti, usando a manga do meu pijama para enxugar os olhos. "Se não soubessem, não fariam uma biópsia."
Com uma expressão solidária, ela estendeu a mão para mim. "Eles não têm certeza, Lizzie."
"Se voltar, vai matá-la", sussurrei, apertando sua mão. "Não vai parar até matá-la."

"Sua mãe é a mulher mais forte que já conheci", respondeu Sinead, soando tão confiante que quase acreditei. *Quase* ... "Se — e esse é um grande " *se* " — o câncer voltar, ela lutará com unhas e dentes para derrotá-lo." Ela usou a mão livre para enxugar uma lágrima da minha bochecha. "E farei tudo o que puder para *te ajudar* a superar isso."
"Eu?", resmunguei, sem conseguir me conter e encostar a bochecha em seu toque. "Por quê?"
"Porque eu te amo, querida", respondeu Sinead, abrindo um sorriso caloroso. "Aliás, toda esta família te adora, Lizzie Young, e você não estará sozinha nessa." Ela enxugou outra lágrima da minha bochecha. "Não enquanto houver um Biggs nesta cidade."
"Ok", respondi, sentindo um manto de pavor me envolver. Fungando, acrescentei: "Posso ir falar com o Hugh agora?"
"Claro que pode." Sinead me puxou para um abraço apertado e me deu um beijo no topo da cabeça antes de se afastar e me oferecer um sorriso marejado. "Suba para o meu filho, querida."
Com as pernas bambas, corri para a escada, mal conseguindo chegar ao topo sem cair. Eu não conseguia respirar. Não conseguia andar em linha reta. Tudo girava. Tudo desmoronava de novo.
Prendendo a respiração para não gritar, invadi o quarto de Hugh com uma das mãos tapando a boca. Caindo sobre Patrick, que dormia no chão do quarto, corri em direção à cama, sem parar até chegar a Hugh.
"Liz?", a voz rouca de Hugh ecoou em meus ouvidos enquanto ele piscava para acordar. "O que foi?", notando minha expressão, ele se endireitou no colchão e estendeu a mão para mim. "O que aconteceu, Liz?"
"Hugh!" Incapaz de segurar por mais um segundo, joguei meu corpo em direção ao dele e desabei em seus braços.
Porque *esses* braços foram os *únicos* que nunca partiram.

Ela o tem, mas você me tem

Hugo

1 DE JANEIRO DE 2000

A PRIMEIRA COISA QUE NOTEI QUANDO PARAMOS EM O OLD H ALL H OUSE FOI UM carro familiar que *não deveria* estar ali.
O jeito como Lizzie apertou minha mão quando notou o carro me garantiu que estávamos pensando a mesma coisa.
Que porra ele está fazendo aqui?
Mark Allen estava proibido de pisar nesta propriedade desde o verão passado. Desde que Mike descobriu que Mark havia engravidado sua filha adolescente e a levado para a Inglaterra para fazer um aborto — mas Mike também considerava Mark a força motriz por trás da reprovação de Caoimhe no exame final de conclusão do ensino médio.
Eu sabia com certeza que o cretino tinha engravidado a irmã da Lizzie, porque eu tinha ouvido da boca do cavalo. Eu não estava bisbilhotando de propósito, mas quando desci as escadas para pegar uma bebida durante uma festa do pijama, ouvi Catherine e Mike conversando sobre isso. *Em detalhes gráficos* . Voltando para minha cama improvisada no chão do quarto da Lizzie, deitei-me na cama e não disse uma palavra sobre o que ouvi naquela noite.
Nem mesmo para Liz.
Então por que agora, depois de meio ano ignorando Mark, Mike estava na varanda da frente dele *o abraçando* ?
"Ele voltou", sussurrou Lizzie, apertando minha mão com mais força. Fungando, ela se virou para me olhar com os olhos arregalados e vidrados. "Por que ele voltou, Hugh?"
"Não sei, Liz", admiti, puxando a mão dela para o meu colo. Embora eu aceitasse plenamente que a dor evocava reações estranhas nas pessoas, isso me tirou o mérito.
"Bom comportamento, Hugh", instruiu minha mãe do banco do motorista. Desafivelando o cinto de segurança, ela se virou para me lançar um olhar de advertência. "Estou falando sério."
Com o queixo apertado, engoli minha frustração e observei enquanto mamãe saía e caminhava até a casa para se juntar a Caoimhe, Mike e o cretino.
"Olha pra mim", instruí, voltando minha atenção para minha namorada. "Liz, olha pra mim."
Relutantemente, ela o fez.
"Diga a eles que vou ficar com você", instruí, apertando a mão dela. "Quando formos para lá, diga que quer que eu fique."
"Eu *quero* que você fique", ela disse, estrangulada, desamarrando o cinto de segurança e subindo no meu colo. "Não quero ficar aqui sem você."
"Eu sei que sim", insisti, abraçando-a. "Só preciso que minha mãe ouça você dizer isso, senão ela vai achar que estou exagerando."

" *Quero* que você ultrapasse os limites", implorou ela, envolvendo meu pescoço com os braços com tanta força que me senti um pouco tonta. "Sempre que a mamãe fica doente, o Caoimhe *sempre* consegue trazê-lo para cá." Ela conteve um soluço de dor. "Vai acontecer de novo desta vez. O papai vai embora e eu vou ficar sozinha."
"Não, não vai, porque eu não vou deixar isso acontecer", prometi, abraçando-a. "Ela o tem, mas você me tem."

Segundo Mike, as coisas não estavam boas no hospital, e uma das enfermeiras sugeriu deixar as meninas visitarem a mãe, só por precaução.
Minha mãe deixou os três de volta no hospital e concordou com Mike que eu poderia passar a noite lá para estar com Lizzie quando ela chegasse em casa.
Foi assim que me encontrei na minha posição atual, sentado em frente a Mark Allen na sala da frente da Old Hall House, esperando as irmãs chegarem em casa.
Ele sentou-se na poltrona do lado esquerdo da lareira, enquanto eu sentei-me na poltrona oposta a ele, do lado direito.
Tamborilando os dedos nos braços da cadeira, continuei a encarar o babaca à minha frente, desafiando-o silenciosamente a dizer alguma coisa. Eu nunca tinha pensado muito sobre a cor dos olhos antes daquela noite, mas depois de encarar seus olhos sem alma por mais de uma hora, fiquei feliz que meus olhos fossem castanhos e os da Lizzie, azuis, porque aquele babaca tinha arruinado meus olhos verdes.
Havia um atiçador de fogo bem perto da minha mão direita, e eu não pensaria duas vezes antes de enfiá-lo no buraco dele se ele começasse a fazer besteira.
Apenas uma palavra.
Era tudo o que eu precisava.
Como sempre, ele não era nem de longe tão corajoso na minha presença quanto era perto do Gibs. Era como se eu tivesse dito aos nossos pais mil vezes: Mark era um valentão de merda, e valentões não passam de covardes.
Ele sabia que eu o havia avaliado. Eu podia ver isso no jeito nervoso como ele se virava sempre que ousava olhar na minha direção e me encontrava olhando diretamente para ele. Eu conseguia sentir a incerteza que emanava dele em ondas.
Também ajudou bastante que eu estivesse me aproximando dele em termos de altura. Ele tinha dezoito anos, enquanto eu não tinha nem treze ainda, e ele mal tinha um centímetro a mais que eu.
"Você se importa?", ele finalmente quebrou o silêncio tenso em que estávamos imersos. "Você pode parar de me encarar desse jeito?"
"Se não gostar, pode ir embora", respondi, impassível, mantendo o olhar fixo nele de propósito. "Você sabe onde fica a porta."
"Ah, você ia gostar, não é?", ele zombou. "Você e sua irmã mal podem esperar para me ver pelas costas."
"Porque temos bom senso", retruquei secamente. "Ao contrário dos outros."
"Significado?"

"Você precisa que eu soletre para você?"
"Qual é o seu problema comigo, Biggs?", ele perguntou então, perdendo a calma. "Eu nunca te incomodei, mas você está decidido a me causar problemas sempre que pode."
"Eu não gosto de você", respondi simplesmente. "Eu não suporto você, para falar a verdade. A sua aparência, o seu jeito de falar, o seu jeito de pensar, o seu jeito de dirigir, o seu jeito de se comportar. Tudo em você me enoja." Recostando-me na cadeira, lancei-lhe um olhar severo. "E isso sem levar em conta que você é um valentão sádico, para não mencionar patético, que se diverte atormentando uma criança que teve que ver o pai e a irmã se afogarem na sua frente." Estreitei os olhos para ele. "Eu estava lá naquele dia no barco, seu babaca, e também estava no funeral. Eu me lembro de *tudo* . Lembro-me especialmente do seu *sorriso* irônico quando meu amigo estava se despedindo do pai dele, que, por acaso, é *meu* padrinho."
" *Era* seu padrinho", Mark retrucou com um sorriso cruel. "Joe Gibson está no passado."
Em vez de perder a cabeça, sorri em resposta, e isso pareceu deixá-lo desequilibrado.
"É assim que você faz?", perguntei com uma risada baixa. "Como você irrita as pessoas? Você mira nos entes queridos falecidos?" Ri de novo, apreciando profundamente como seu rosto ficou vermelho. "Jesus, você é ainda mais patético do que eu imaginava."
"Ah, é?" Inclinando-se para a frente, ele apoiou os cotovelos nas coxas e estreitou os olhos verdes em desafio. "Bem, eu poderia te dizer uma coisa ou duas que tirariam essa cara de presunçosa do seu rosto."
Sorrindo, imitei suas ações, sentando-me para frente e apoiando os braços nas coxas. "Vai em frente."
Mark abriu a boca para responder, mas pensou melhor no último segundo e balançou a cabeça. "Não. Você não vale o esforço."
Eu ri ainda mais. "Você é um covarde."
"Você sabe que eu estou no sexto ano, e você está na sexta série, não é?", ele rosnou, me encarando. "Eu poderia te quebrar ao meio se quisesse."
"Não se preocupe com a turma em que estou", refleti, ainda rindo. "Tenho certeza de que, quando eu chegar ao sexto ano, você estará pronto para se formar."
"Você se acha tão esperto", ele fervia, cerrando os punhos. "Guarde o que eu digo, Biggs, um dia, quando você for adulto, eu vou te caçar e vou dar um tiro na sua cabeça."
"Ah, é?" Ainda sorrindo, encarei-o e avisei: "Ou talvez, um dia no futuro, quando eu for adulta, eu te cace e coloque uma bala na sua."

PARTE 13

Turbulência desconhecida

DE VOLTA COM VINGANÇA

Lizzie

3 DE MARÇO DE 2000

E TUDO VOLTOU .
O câncer da minha mãe.
O namorado da minha irmã.
O mau humor do meu pai.
A voz da senhora assustadora na minha cabeça.
O monstro dos meus pesadelos.
A vontade de cortar meus pulsos.
Tudo .
Minha mãe voltou do hospital duas semanas após o ataque cardíaco, com outra cirurgia realizada e uma nova batalha para lutar.
Meus pais sentaram comigo e com Caoimhe e explicaram onde estava o câncer dessa vez e como os médicos estavam otimistas de que ela o venceria novamente, mas eu ignorei.
Eu não queria saber.
Não consegui ouvir mais nenhuma palavra sobre isso.
Só a palavra já me fez arrepiar.
Minha casa não parecia mais como antes. Havia uma tristeza no ar que não existia no verão passado. Eu sabia que meus pais estavam se esforçando ao máximo para aliviar a pressão sobre mim e Caoimhe. Eles praticamente deixaram Mark se mudar para cá para apoiar minha irmã, que não estava aceitando bem o último diagnóstico da minha mãe, e nunca me impediram de receber meus amigos ou passar meus fins de semana em Avoca Greystones.
Nada disso ajudou.
Eu queria estar em qualquer lugar, menos em casa, e isso me fez sentir ainda pior, porque eu sabia que deveria querer passar o máximo de tempo possível com minha mãe, porque se o câncer a atacasse dessa vez, eu não teria outra chance.
Eu não teria uma mãe.
Eu não teria um lar.
Minha única luz na escuridão era o garoto com olhos cor de uísque e um sorriso que curava partes de mim que os remédios não conseguiam curar.
Ao contrário de mim, Hugh não tinha medo de passar um tempo na minha casa ou perto da minha mãe. Em vez disso, ele se envolveu na situação, sempre pronto para ajudar e sem se abalar com o esqueleto da minha mãe durante o tratamento.
Nos dias em que eu não podia ir à casa dele, ele vinha à minha e sempre trazia um presente para minha mãe. Seja um livro emprestado na biblioteca ou uma flor roubada do jardim do Velho Murphy, ele nunca vinha de mãos vazias.
Depois de um tempo, percebi que minha mãe ansiava pelas visitas dele quase tanto quanto eu. Principalmente nos dias em que não conseguia sair da cama.

Hugh me levava para o quarto dela, onde nós dois sentávamos na ponta da cama e contávamos tudo o que acontecia em nossas vidas para ela.
Quando descobriram que Mam tinha desenvolvido diabetes, Hugh foi quem se sentou com ela enquanto a enfermeira domiciliar lhe mostrou como se injetar insulina.
Quando Hugh estava por perto, tudo na minha vida se estabilizava. Era como se ele segurasse meu mundo em suas mãos e o obrigasse a parar de girar, me dando tempo para recuperar o fôlego e me reerguer.
As noites de escola eram as piores, quando eu tinha que dormir na minha própria cama, sem ele por perto para me manter longe da escuridão. *Para acabar com os pesadelos* .
Todas as noites da semana, eu rezava para que o fim de semana chegasse, para que eu pudesse ter um alívio temporário da tortura implacável que sofria nos meus sonhos.

"Você está muito quieto hoje", Hugh me disse no ônibus voltando da escola na sexta-feira. "O que você está pensando?"
"Hmm?" Virei-me para olhar seu rosto bonito e sorri. "Você é lindo."
Minhas palavras fizeram com que suas bochechas ficassem vermelhas.
Foi tão adorável.
Sorrindo, estendi a mão e acariciei sua bochecha com o polegar. "Que bom que é fim de semana."
"Eu também", respondeu ele, com os olhos castanhos fixos nos meus. "No que você estava pensando antes?"
"Quando?"
"Liz, você ficou distraída por uns vinte minutos", ele riu, tirando minha mão da sua bochecha e colocando-a no colo. "O que está te preocupando?"
"América", completei com um suspiro, lembrando-me da conversa que tive com minha família na noite anterior. "Temos que ir."
"Ir?" A confusão tomou conta de seus olhos, e ele franziu a testa. "Para a América? Quando?"
"Abril", respondi, tremendo quando ele entrelaçou os dedos nos meus. "Estão testando um novo medicamento ou tratamento para o qual a mamãe é candidata", contei a ele, tentando me lembrar do que me disseram. "Caoimhe disse que é absurdamente caro, mas a mamãe tem dinheiro mais do que suficiente para cobrir o custo mil vezes mais." Dando de ombros, acrescentei: "As taxas de sucesso também são decentes."
"Isso é fantástico", respondeu Hugh, parecendo genuinamente emocionado com a perspectiva da recuperação da minha mãe. Enquanto isso, eu estava morrendo de medo de criar esperanças.
"Eles querem que a mamãe comece o tratamento imediatamente, então ela vai viajar com o papai na semana que vem", continuei dizendo. "Vou ficar em casa com o Caoimhe e viajaremos no mês que vem. No dia 6 de abril."
“Quanto tempo você vai ficar fora?”
"Três semanas e meia, eu acho", eu disse a ele, sentindo uma onda de devastação

ao pensar em ficar longe dele por tanto tempo. "Por causa das férias da Páscoa, só perderemos duas semanas de aula em vez de quatro. Volto no dia primeiro de maio."
“Catherine já terá terminado o tratamento até lá?”
Dei de ombros. "Quem sabe?"
"Vou sentir sua falta", Hugh me disse, e ouvi-lo dizer essas palavras fez meu coração se partir.
Porque eu não queria ir.
Se eu tivesse escolha, ficaria aqui em Ballylaggin com Hugh. Não viajaria para o outro lado do mundo com Caoimhe e Mark. Eu sabia exatamente o que aconteceria. Papai passaria o tempo todo no hospital com mamãe, e eu ficaria com *eles* .

ELA É SÓ UMA AMIGA, EU JURO

Hugo

17 DE MARÇO DE 2000

" FAÇA ELA PARAR ", GEMEU FEELY, COBRINDO A CABEÇA COM UM TRAVESSEIRO . "POR FAVOR , Hugh, eu não aguento mais ouvir essa porra de música."
Eu também não.
Estávamos jogando PS1 há pouco menos de uma hora e eu já tinha contado quinze loops de “Bye Bye Bye”, do NSYNC.
"A Claire viu o videoclipe passando na MTV e não parou mais de tentar dominar a coreografia desde então", expliquei, batendo no controle na minha mão. "Você sabe como ela é obcecada pelas coisas, rapaz. Olha o Gibs."
"Bem, se ela não se apressar e dominar isso, eu mesmo vou até Van Gogh."
"Não seja tão dramático", ri, balançando a cabeça. "Idiota."
"Você vai ver o drama quando eu cortar as minhas orelhas fora", alertou Feely, jogando o controle de lado. "Não adianta. Não consigo me concentrar no jogo."
"Não é tão ruim assim", respondi, jogando meu controle de lado agora que ele tinha desistido. Eu não conseguia jogar em dois jogadores sem ele. "É melhor do que a fase dela de 'Meu Coração Vai Continuar'."
"Jesus, nem me lembre disso", Feely estremeceu. "Sua irmã estragou aquele filme para mim. Eu não conseguia nem curtir os peitos da Rose em paz."
"Rapaz." Joguei a cabeça para trás e ri. "Ela não era tão especial assim."
"Você é maluca", argumentou ele, estreitando os olhos. "Aquela mulher estava pura perfeição no filme. Cada parte dela. Principalmente o cabelo."
Bufei. "Principalmente os peitos dela, você quer dizer."
Feely sorriu. "Esses também."
"Sabe quem tem peitos lindos?", pensei. "Sharon Stone."
"Verdade", respondeu ele em tom pensativo, claramente ponderando as duas opções. "Mas não se pode vencer uma ruiva com seios fartos."
"Agora *você está* ficando maluco", argumentei, olhando para ele. "Sharon Stone, rapaz. Sharon *Stone, porra* ." Levantei as mãos para dar ênfase. "Vamos lá, Feely, você tem que admitir que a loira sempre vence."
"Ora, como ela faz", resmungou ele. "Kate Winslet ruiva é inquestionavelmente deslumbrante."
“Tudo bem, você fica com a Kate e eu fico com a Sharon.”
"Tudo bem." Ele assentiu em concordância. "Eu aceito."
"Ótimo." Retribuí o aceno com um dos meus. "Que bom que isso foi esclarecido."
Foi nesse exato momento que “Bye Bye Bye” começou a tocar novamente do outro lado da parede do meu quarto.
"Sinto muito, Hugh", resmungou Feely, caminhando em direção à porta. "Sinto mesmo, mas vou estrangular aquela ameaça de cabelo cacheado!"
Rindo baixinho, eu o segui, sabendo muito bem que ele faria exatamente o

oposto.
Claire tinha todos os rapazes na palma da sua mão.
Claro, eles preferem engolir vidro do que admitir, mas eles são uns gatinhos quando se trata da minha irmã.
"O que você *fez* com ele?", Feely perguntou, visivelmente indignado, parado na porta do quarto de Claire, boquiaberto. "Gibs! Pare com isso agora mesmo, ouviu?"
Ouso olhar?
Tipo, sinceramente?
Vai deixar uma cicatriz permanente?
Preparado para a dor, juntei-me ao meu melhor amigo na porta da minha irmã e repeti rapidamente o que ele dissera antes: "O que você fez *com* ele?"
Horrorizado com a cena que se desenrolava diante dos meus olhos, observei Gibs, Claire e Liz executarem aquela sangrenta rotina de dança em perfeita sincronia.
Ambas as meninas estavam cobertas de maquiagem, com marias-chiquinhas e vestindo coletes rosas combinando.
Pior, eles haviam preparado *Gibsie* até deixá-lo quase morto.
Seus cachos loiros?
Sim, eles estavam presos em duas tranças grossas de cada lado da cabeça, enquanto o colete rosa no qual ele estava costurado esticava nas costuras em protesto.
"Gente, olhem!" Gritando de alegria, Claire gesticulou para a coreografia deles. "Finalmente arrasamos."
"Vocês estão na Irlanda", lembrei-os, com os lábios se contraindo. "Não em Hollywood."
"E *você* está na sexta série", acrescentou Feely, falando diretamente com nosso colega de classe, que claramente não dava a mínima para o fato de termos pego ele dançando com as meninas.
Foi quando o grande macaco passou pelas meninas e assumiu a frente e o centro para imitar as notas altas da música.
Socando o ar com entusiasmo, Gibs *cantou* com o coração, enquanto executava a rotina de dança melhor do que todos eles.
Quando terminaram a apresentação, Claire e Gibs fizeram reverências dramáticas, enquanto Liz se jogou na cama em um ataque de riso.
Incapaz de esconder minha diversão, desisti e bati palmas para os três patetas, enquanto Feely correu em direção ao sistema de som da Barbie e rapidamente arrancou o plugue da tomada.
"Ei", Claire bufou. "Quem disse que você pode tocar no meu aparelho de som?"
"É", Gibs interrompeu, na defensiva. "Quem disse que você pode mexer no aparelho de som dela?"
“Deus me disse”, respondeu Feely, ironicamente.
“Não, ele não fez isso.”
“E ele também me disse para te lembrar que você é velho demais para ficar brincando de se fantasiar com garotas!”
“Não, não sou.”
“Gibs, você tem doze anos!”

Ignorando a troca de palavras, fui direto até a garota sentada na cama da minha irmã.
Nossa, era tão bom vê-la rindo. Ela não estava rindo muito ultimamente.
O novo milênio atingiu a família da minha namorada como uma bola de demolição, mas, ao contrário do meu pai, que enterrava a cabeça na areia, Lizzie saía da cama todos os dias e continuava lutando. Eu não poderia estar mais orgulhoso dela. A maioria dos adultos não possuía um décimo da tenacidade e resiliência que Liz demonstrava diariamente.
"Não acredito que me enrolaram nisso", gargalhou Liz, ainda completamente divertida. "Quando você já me viu de rosa?"
"Quando você já usou isso?", pensei, brincando e puxando uma de suas marias-chiquinhas.
"Meu Deus, para!" Suas bochechas ficaram rosadas. "Estou parecendo uma idiota."
Meus lábios se contraíram. "Você está adorável."
"Tudo bem, eu sou uma pessoa adorável", ela respondeu com um sorriso.
"Não, aqueles dois ali são uns fofos adoráveis." Apoiando-me no cotovelo, inclinei a cabeça para onde Gibs e Claire discutiam com um Feely afobado. "*Você* é adorável." Voltei a me concentrar no rosto dela. "Menos a parte do sensacionalismo."
Seus olhos azuis brilharam com ternura. "Adoro que você pense isso de mim."
Eu simplesmente te amo . "Pare de me olhar assim, Liz."
Subindo de joelhos, ela se aproximou até não haver mais um centímetro de espaço entre nós. "Tipo o quê?"
Reprimi um gemido. "Sabe de uma coisa."
Com os olhos brilhando de malícia, ela segurou minha orelha e sussurrou: "Você quer me beijar de novo, não é?"
Concordando com a cabeça, fechei os olhos e tentei manter a calma.
Fique calmo. Fique calmo. Fique calmo pra caralho, Hugh .
"Como você me beijou no jardim semana passada." Ela continuou a me atormentar com sussurros. "Ou como você me beijou no armário embaixo da escada." Com um sorriso travesso, ela se afastou para avaliar minha reação. "Você gosta de me beijar, Hugh?"
Lancei um olhar nervoso para os nossos amigos antes de concordar. "Vocês sabem que sim."
"Hmm." Ela discretamente estendeu a mão para mim. "Então faça de novo."
"Quando?", eu gritei, sentindo muita coisa ao mesmo tempo.
Ela apertou minha mão e sorriu. "Agora mesmo."
Porra .
"Não podemos", murmurei, sentindo todo o meu corpo se contrair. Com o maxilar cerrado, gesticulei para minha irmã. Embora eu não tivesse problema em mandar Claire se foder, sabia que Liz não aguentaria mais um golpe. "Ela está bem *aqui* ."
"Ah, droga!", Liz engasgou, alto o suficiente para todos ouvirem. "Esqueci meu celular na casa da árvore!" Ela me deu uma piscadela de cumplicidade antes de sair da cama e correr para a porta. "Já volto, pessoal."
Ela foi tão convincente que quase acreditei.

Quase .
Nossos amigos não pestanejaram, muito envolvidos na conversa para se importarem com celulares perdidos.
Consegui contar até dez mentalmente antes de me levantar timidamente, esticar os braços acima da cabeça e então sair lentamente do quarto.
Assim que fechei a porta do quarto atrás de mim, desci as escadas a toda velocidade, sem parar até chegar à porta da cozinha, quando a mão da minha mãe disparou e agarrou a parte de trás da minha camiseta.
“Para onde você vai com tanta pressa, senhor?”
“Eu, uh, eu, uh…eu, uh…”
"Você, uh, uh, uh, o quê?", zombou mamãe, com as mãos na cintura. "Você estava dando uma escapada para a casa da árvore com a sua namorada, era isso que você estava uh, uh, uh fazendo."
Sadhbh, que estava sentado à mesa da cozinha, caiu na gargalhada, e meu rosto ficou vermelho. "Não sei do que você está falando."
Mamãe revirou os olhos. "Deite-se melhor, filho."
"Eu ia ajudá-la a encontrar o celular", bufei, na defensiva. "Meu Deus, isso agora é crime ou algo assim?"
"Ah, Sinead, pega leve com ele", riu a mãe de Gibsie. "Você não vê que o pobre menino está no meio de uma paixão passageira?"
"Ela é minha *amiga* ", menti descaradamente e argumentei, lançando um olhar furioso para Sadhbh. " *Só* uma amiga."
Mamãe arqueou uma sobrancelha. "Você acha que eu desci no último banho?"
"Só uma amiga", Sadhbh riu, completamente entretida. "As falas nunca mudam com o passar dos anos, não é, Sinead?"
"Eu juro", respondi, agora vermelho. "Vou ser seu amigo e ajudá-la a encontrar o celular."
"Hmm." Mamãe estalou a língua, os olhos cheios de desconfiança. "Certifique-se de que é *só isso* que você está fazendo, rapaz."
"É sim", gritei por cima do ombro, mentindo descaradamente, enquanto abria a porta de correr e saía correndo.
"Por que demorou tanto?", perguntou Liz quando cheguei ao último degrau da escada. "Achei que você não viria."
“É minha mãe.” Com o rosto vermelho, subi o resto do caminho e então rapidamente entrei, batendo a porta frágil atrás de mim. "Ela é uma ameaça." Soltando um suspiro de frustração, encostei-me na porta às minhas costas e gemi. "Acho que ela sabe."
Liz arqueou uma sobrancelha. "Sabe?"
"É." Soltei outro suspiro e assenti, cansado. "Sobre nós."
Seus olhos brilharam de entusiasmo. "E nós?"
"Vamos, Liz", murmurei, sentindo outra onda de calor atingir meu pescoço. Eu conseguia ouvir meu coração batendo nos ouvidos. Estava tão forte que era ensurdecedor. "Sabe."
Rindo baixinho, ela engatinhou em minha direção, sem parar até se ajoelhar entre as minhas pernas. "Quem é a fofinha agora?" Sorrindo, ela estendeu a mão e acariciou minha bochecha com o dedo. "Você está corando."
Sim, e isso tendia a acontecer quando eu estava perto dela.

Estendi a mão para tocar a dela, mas, de alguma forma, meus dedos acabaram se entrelaçando aos dela. Segurar a mão dela sempre me dava um choque elétrico, e hoje não foi diferente.
Voltei a olhar para o rosto dela e a vi já me observando com aquele olhar ardente e familiar. "Liz."
As pupilas dela dilataram quando ela sussurrou meu nome. "Hugh."
"Quer conversar um pouco?", ofereci, tentando apoiá-la, mas já sabendo a resposta. "Sobre como você está se sentindo com a sua mãe em tratamento?"
Ela balançou a cabeça. "Falar é a última coisa que eu quero fazer."
"Tem certeza?", perguntei, sem levar isso a sério, pois eu a conhecia melhor do que a mim mesmo, e quando as coisas ficavam difíceis, ela preferia seguir em frente, em vez de explorar seus sentimentos.
Liz se aproximou. "Cem por cento."
Jesus, a expectativa estava me matando porque eu sabia que isso aconteceria, eu *sabia que* ela me beijaria, e quando isso acontecesse, não seria o suficiente.
O beijo terminava e eu enlouquecia pensando nela até que acontecesse de novo. E de novo. E de novo e *de novo* ...
Eu sabia, no fundo, que nunca me cansaria daquela garota, e isso era um conceito assustador. Saber que ela tinha tanto poder sobre mim tornava difícil respirar.
Quando ela se aproximou e seu aroma familiar infiltrou meus sentidos, me conformei com a consciência de que eu era um caso perdido. Que eu não poderia me curar do meu vício por aquela garota. Que eu a procuraria para sempre.
Quando ela disse "Beije-me", não hesitei.
Fechando o espaço entre nossas bocas, pressionei meus lábios nos dela.
Foi só um beijo.
Um beijo inocente.
Nada mais.
Mas significou muito *mais* .
Porque parecia que eu estava assinando uma decisão permanente.

SENHOR RESPONSÁVEL

Lizzie

4 DE ABRIL DE 2000

“… CALA A BOCA E DEIXA EU CONSERTAR ISSO .”
"Não, não, não, por favor!", gritei a plenos pulmões, debatendo-me violentamente enquanto tentava me defender. "Por favor! Por favor, pare! Está doendo!"
"Pare de brigar comigo!", ele rosnou, enfiando o cabide bem fundo no meu corpo. "Relaxa, tá? Eu sei o que estou fazendo. Assisti a um vídeo."
"Dói!", gritei, puxando e arrancando os cabelos enquanto a dor ameaçava me dominar. "Estou morrendo!"
"É, e eu vou morrer se essa sua barriga ficar ainda maior." Ele empurrou um travesseiro sobre meu rosto. "Grite aí se precisar..."
"Liz!", a voz frenética de Hugh penetrou meus pensamentos, e eu o observei com os olhos turvos enquanto ele se afastava do sofá na pressa de chegar até mim. "O que aconteceu?"
Atordoada e desorientada, olhei ao redor, confusa. Eu estava na sala de estar. Como eu estava na sala de estar? Eu estava dormindo há pouco. "Hugh?" Pisquei ao redor, procurando por ele. "O que você está fazendo aqui?"
"Você não estava no ônibus escolar. Eu estava preocupado." Ajoelhando-se ao meu lado, Hugh agarrou meu rosto. "O que aconteceu, Liz?" Seus olhos estavam arregalados e frenéticos enquanto buscavam nos meus respostas que eu não podia lhe dar. "Onde estão suas roupas?"
“Minhas roupas?”
"É, Liz, suas roupas", Hugh disse, estrangulado, antes de tirar seu suéter Scoil Eoin e enfiá-lo pela minha cabeça, antes de enfiar meus braços nas mangas. "Aconteceu alguma coisa com você?"
Olhei para ele sem entender. "Tipo o quê?"
"Não sei, mas você não apareceu na escola hoje, e quando eu chego para fazer o check-in, você está encolhida no chão da sala, sem roupa!" Seus olhos estavam apavorados, combinando com sua voz, quando ele agarrou meus ombros e me puxou para perto dele. "Então, eu estou meio que surtando agora!"
"Eu, uh, Caoimhe me deu o dia de folga da escola para fazer as malas para o Texas." Balançando a cabeça, tentei entender os pensamentos que me rondavam. "Acho que adormeci e tive um pesadelo."
“Um pesadelo?”
"É." Tremendo violentamente, agarrei o tecido do suéter que eu estava usando. "Acho que ele me pegou, Hugh."
"Quem?", perguntou ele, olhando ao redor da sala. "Havia alguém aqui, Liz?" Ele se levantou bruscamente. "Havia alguém nesta casa?"
"Não, não aqui", tentei explicar, levando a mão à testa enquanto a dor me consumia. "No meu pesadelo."

"Ainda acho que devo ligar para os seus pais", declarou Hugh vinte minutos depois. "Ou talvez para o seu médico."
Sentada no sofá, de pijama limpo, me aninhei no colo dele e afundei o rosto em seu pescoço. "Hugh, estou ótima, prometo."
"E a Caoimhe?", ele argumentou, apertando meus braços. "São cinco e meia. Por que diabos ela ainda não chegou da escola?"
"Ela nunca chega em casa antes das oito ou nove horas", lembrei-o. "Você sabe disso."
"Bem, ela deveria estar", ele retrucou, parecendo irritado. "Ela deveria estar cuidando de você, Liz."
"Por favor, não fique bravo comigo", implorei, me aprofundando mais. "Desculpe por ter te assustado."
"Não estou bravo com você, Liz, estou preocupado." Ele se apressou em esclarecer, dando um beijo no meu cabelo. "Mas estou furioso com a sua irmã. Isso é besteira e vou ter que conversar com ela sobre deixar você sozinha assim."
"Não há nada que ela possa fazer por mim", suspirei. "Acontece."
“Sim, bem, não vou sair do seu lado até ela chegar em casa.”

Fiel à sua palavra, Hugh permaneceu colado ao meu lado pelo resto da tarde e até tarde da noite. Acabamos pedindo pizza para o jantar, usando o dinheiro que meu pai deixou no copo em cima da geladeira para pagar, antes de nos empanturrarmos com o sorvete favorito da minha irmã.
Já passava das nove horas quando Caoimhe finalmente chegou em casa, e a essa altura, Hugh estava quase tendo um ataque de nervos. Quando ela entrou na sala, armada com uma dúzia de sacolas de compras, meu namorado explodiu com ela.
"Que horas você chama isso?", perguntou Hugh, levantando-se do sofá. "A escola termina às quatro, Caoimhe, não às nove e meia da noite!"
"Opa, tá, Sr. Responsável", respondeu minha irmã, parecendo confusa. "Que tal você se acalmar e me contar o que está te deixando nervoso?"
"Que tal eu me acalmar quando você agir como se tivesse a idade que você tem!", Hugh fervia, andando de um lado para o outro como um louco. "Você deixou sua irmãzinha sozinha em casa o dia todo, Caoimhe. A mesma irmãzinha de quem você *deveria* cuidar enquanto seus pais estão fora."
"É *só* isso?", perguntou Caoimhe, arqueando uma sobrancelha incrédula. "Você está mesmo ficando toda nervosa porque eu deixei a Liz em casa?"
"Sim!" Hugh sibilou, assentindo ansiosamente. "Porque ela teve um *pesadelo* , Caoimhe."
"Ela sempre tem pesadelos, Hugo", ela continuou. "E caso tenha passado despercebido, minha irmã é mais do que capaz de cuidar de si mesma."
“Talvez, mas essa foi ruim.”
"São todos ruins, amigo", respondeu minha irmã. "Eu sei. Sou eu quem a mantém acordada à noite com seus gritos."
"Isso não está certo, Caoimhe", Hugh continuou a reclamar, sem querer recuar ou ceder um centímetro. "Isso não está certo, porra. Você não pode simplesmente

deixá-la sozinha assim!"
"Tá bom, espera um segundo", interrompeu Caoimhe, erguendo a mão enquanto voltava a atenção para mim. "Você está bem, Lizzie, abelhinha ocupada?"
"É, estou ótima", resmunguei, sentindo-me mortificada. "Tive um pesadelo e devo ter descido as escadas dormindo." Virei-me para olhar para o meu namorado. "Sinto muito por ter te chateado, Hugh."
"Você não fez nada de errado, Liz", ele respondeu rapidamente, num tom bem mais suave do que o que usou com minha irmã. "Só estou preocupado, ok?"
Tremendo, assenti. "É, tá." *Mas ainda assim, sinto muito* .
"Ah, pizza", exclamou Caoimhe, pegando a caixa vazia na mesa de centro. "Seus porquinhos gulosos comeram uma pizza inteira de quarenta centímetros sozinhos?"
"É, e também limpamos seu estoque de sorvete de menta com gotas de chocolate no congelador", disse Hugh, provocando-a sem se desculpar. Estreitando os olhos, acrescentou: " *Os dois* potes".

PERÍODOS PERVERSOS E INOCÊNCIA ROUBADA

Lizzie

5 DE ABRIL DE 2000

COMO VAMOS VIAJAR PARA ENCONTRAR NOSSOS PAIS A PRIMEIRA HORA DE MANHÃ e Caoimhe tinha um último trabalho de babá hoje à noite, ela decidiu nos dar um dia de folga da escola para terminarmos de arrumar as malas e limpar a casa.
Fiquei feliz com o dia de folga porque, quando acordei esta manhã, estava com uma dor horrível de estômago e nas costas. Quando contei para a Caoimhe, ela atribuiu a cólica menstrual e me perguntou se eu estava grávida.
Quando eu disse a ela que não tinha ideia e que não estava anotando essas coisas, ela me deu paracetamol para a dor e me disse para "engoli-la, docinho".
Não adiantou.
Quando deu três horas e Hugh estava prestes a chegar para passar a noite comigo, eu estava em agonia e mal conseguia ficar de pé.
Claro que, quando me arrastei até o quarto dela para contar isso à minha irmã, encontrei um bilhete dizendo que ela tinha ido às compras e voltaria para jantar.
Ótimo .
"Puta merda", exclamou Hugh ao entrar no meu quarto e dar uma olhada no meu rosto. "Meu Deus, Liz." Largando a mochila na porta do meu quarto, ele correu para o meu lado. "Você está bem?"
"Desculpe", respondi, arrasada por estar me contorcendo de dor no último dia em que o veria por um mês inteiro. "Eu só..." Suspirando fundo quando uma dor aguda ricocheteou na minha pélvis, agarrei seu braço e gemi. "Preciso ir ao banheiro."
"Aqui, segura no meu braço que eu te levo." Passando o braço em volta da minha cintura, Hugh me ajudou a entrar no banheiro antes de perguntar: "Devo chamar um médico?". Sua voz estava carregada de preocupação. "Porque você não parece muito bem, Liz."
"Não, vou ficar ótimo", respondi, estrangulada, empurrando-o para fora do banheiro. "Só me dá um segundo, tá?"
“Sim, tudo bem”, ele respondeu, parecendo em pânico quando fechei a porta na cara dele.

"Liz? Você está bem aí dentro? Já faz vinte minutos."
Hugh continuou batendo na porta fechada do banheiro, mas não consegui responder.
Fiquei com muito medo do sangue escorrendo pelas minhas pernas.
“Liz, se você não me responder, eu vou aí.”
"Não, não, não entre", gritei de volta, mordendo o punho quando a dor ameaçou

me dominar. "Já saio."
Houve uma pausa e então sua voz ecoou em meus ouvidos. "Tem certeza?"
"Sim", respondi, com a atenção voltada para a pequena gota de sangue que havia caído do meu corpo e caído no chão do banheiro.
Eu não tinha certeza do que era, mas não era minha menstruação.
Parecia um aglomerado de veias.
Parecia um monstro.
Aterrorizada, peguei outra toalha no suporte e a coloquei entre as pernas.

Toalhas encharcadas de sangue e despedidas quebradas

Hugo

5 DE ABRIL DE 2000

" Puta merda ", gritei , engasgando, caindo do sofá quando Liz finalmente saiu do banheiro, pálida como a morte, carregando várias toalhas manchadas de sangue. "O que aconteceu?"
"Sangramento nasal", respondeu ela baixinho, indo em direção à lavanderia. "Vou ficar bem."
"Não, não vai." Corri para interceptá-la e agarrei seus ombros para firmá-la. "O que aconteceu?"
"Eu te disse", ela retrucou, parecendo emocionada. "Eu tive um sangramento nasal."
"Liz, você estava segurando a barriga quando entrou no banheiro, então *sei que* não teve sangramento nasal. Além disso, um sangramento nasal não causaria tanto..." Minhas palavras se perderam e eu encarei as toalhas, horrorizada. "Você fez alguma coisa consigo mesma?"
"Não, eu tive uma hemorragia nasal, Hugh!", ela gritou, passando por mim e indo em direção à máquina de lavar. "Por que você está sempre duvidando de mim?"
"Não estou duvidando de você, Liz", tentei persuadi-la, desconcertada tanto pelo sangue quanto pela mudança repentina de humor. "Mas é muito sangue."
"Eu não quero brigar com você", ela disse, engasgada, pressionando a base da mão na testa. "Eu só..." Liz balançou a cabeça e começou a chorar. "Eu não sei o que aconteceu comigo." Ela jogou as toalhas no chão e estremeceu violentamente. "O que está acontecendo comigo, Hugh?"
O medo em seus olhos fez meu peito doer, e rapidamente fechei a distância entre nós. "Vem cá."
Liz veio de bom grado, correndo para os meus braços.
"Saiu de mim", ela gritou, tremendo violentamente. "Era tanto."
“O sangue?”
Assentindo, ela enterrou o rosto no meu pescoço.
Porra.
Era o período dela.
A mamãe me deu essa palestra anos atrás. Ela me disse que algumas meninas tinham seios bem pesados. Eu sabia que a Liz tinha os dela, mas não sabia que podia ser tão ruim.
Sem saber se deveria perguntar a Liz sobre seu ciclo ou se isso só a faria se sentir pior, decidi fazer algo produtivo.
"Vamos", insisti, passando o braço em volta da cintura dela e levando-a para fora da lavanderia. "Deixe-me cuidar de você."

"Desculpa", murmurou ela, encostando-se pesadamente em mim na escada. "Estraguei o nosso último dia juntos."
"Hoje não é o nosso último dia juntas", respondi, segurando todo o seu peso enquanto a conduzia de volta ao quarto. "Temos oitenta anos de amanhãs para passarmos juntas." Quando puxei as cobertas e a ajudei a se deitar, deparei-me com uma grande mancha de sangue na calça do seu pijama.
Nossa, fiquei tão feliz por nunca mais ter que lidar com a menstruação.
As mulheres ficam com a pior parte do acordo .
"Posso te servir alguma coisa?", perguntei, sentando-me ao lado dela. "Humm?", estiquei a mão e acariciei sua bochecha com o polegar. "O que costuma ajudar com a dor?"
"Você." Seus olhos se encheram de lágrimas, e ela agarrou meu antebraço. "Você ajuda."
"Eu estava pensando mais em uma bolsa de água quente", pensei, inclinando-me para beijar sua testa. "Quer um analgésico?"
"Você", ela repetiu, agarrando-se ao meu braço. "Só você."
"Você me tem", sussurrei, sentindo demais por aquela garota. "Você sempre me terá."
"Eu não quero ir amanhã", ela disse, engasgada, chorando copiosamente. "Eu não quero ficar longe de você."
Eu também não queria que ela fosse. "É só por um tempinho", insisti, com o coração partido. "Vou te mandar mensagem todo dia." Sorrindo, acrescentei: "E pense em todo aquele sol texano."
“O sol não significa nada para mim se você não estiver nele.”
"Liz..." Minha voz falhou. "Estarei aqui quando você chegar em casa."
"Eu sei." Ela apertou meu braço com mais força. "É a única coisa que me mantém firme."
"O que isso significa?"
“Eu não quero estar vivo sem você.”
"Não diga isso, Liz", avisei, sentindo meu coração se partir no peito. "Nunca mais diga isso."
Lágrimas escorriam pelo seu rosto. "É a verdade."
"Se alguma coisa acontecesse com você, me destruiria", admiti, sem conseguir fazer a voz tremer. "Você é o meu mundo, Lizzie Young, então não ouse falar sobre não estar viva."
"Eu te amo tanto", ela soluçou, o peito arfando violentamente. "Eu te amo, Hugh. Eu te amo, eu juro que te amo."
"Eu sei que sim, e você sabe que eu te amo de volta", resmunguei, odiando a forma como meus olhos estavam começando a lacrimejar. "Escute, Caoimhe vai tomar conta do Gibs hoje à noite. Por que você não vem para casa comigo? Sua irmã pode te buscar depois que terminar."
"Não." Fungando, ela enxugou os olhos. "Não quero que sua irmã me veja assim. A Claire ainda não menstruou, e isso só vai assustá-la."
"A Claire está nas nuvens", tentei convencê-la. "Ela não vai notar nada, eu prometo."
"Acho que vou ficar em casa." Ela fungou novamente, mas desta vez forçou um sorriso irônico. "Só por precaução."

"Você está bem, amigo?", perguntou Caoimhe no caminho para casa, mais tarde naquela noite. "Você está terrivelmente quieto."
“Estou preocupado com Liz.”
"Por que?"
“Ela estava sangrando muito.”
"O que você quer dizer?"
"A menstruação dela." Mexi-me, desconfortável. "Foi uma menstruação ruim."
"Ah, as alegrias da feminilidade", refletiu Caoimhe. "Achei que ela já estava grávida. Ela ficou reclamando de cólicas o dia todo."
"É, só que ela não é mulher, Caoimhe", retruquei, ainda irritado com o quanto ela ignorava os pesadelos da irmã. "E ela está passando por essa merda desde os nove anos." Suspirei fundo. "Não é justo, porra."
"Bem, você é uma bandeira verde ambulante", provocou Caoimhe, rindo baixinho. "Escute, relaxe. Amanhã, a essa hora, estaremos tomando sol e Liz não terá tempo para pensar em cólicas menstruais."
“Você vai cuidar dela?”
“Duh, ela é minha irmã.”
"Não, estou falando sério." Olhei fixamente para o perfil dela. " *Preciso que* você cuide dela, Caoimhe."
"É, Hugh, tá bom." Ela me lançou um olhar perplexo. "Eu sempre faço isso."
"Você pode dar uma olhada nela quando chegar em casa hoje à noite?", acrescentei, me remexendo de desconforto com o nó que se formava no meu estômago. "Mesmo que ela esteja dormindo, você pode entrar e verificar?"
"Não se preocupe, Romeu", ela provocou. "Prometo dar uma olhada no seu pombinho quando chegar em casa."

NÃO FAÇA NADA ESTÚPIDO

Lizzie

5 DE ABRIL DE 2000

O SOM DE UM CARRO ACELENDO ME ACORDOU TARDE NAQUELA NOITE, SEGUIDO POR um segundo carro freando bruscamente.
Confuso, fiquei imóvel na cama, ouvindo na escuridão o som de duas pessoas gritando do lado de fora da casa.
Eu sabia por experiência própria que os gritos vinham da minha irmã e do namorado dela.
Isso não era nenhuma novidade para mim.
Durante o relacionamento, Caoimhe e Mark sempre discutiram, mas desde janeiro, quando o pai permitiu que Mark voltasse para casa, as brigas se tornaram mais frequentes e violentas do que nunca.
Momentos depois, a porta da frente bateu e os gritos ficaram mais altos, seguidos por passos pesados na escada.
“Vamos sair de férias e conversamos sobre isso quando voltarmos”, ouvi Mark dizer.
"Você é completamente louco?", era Caoimhe. "Eu não vou a lugar nenhum com você, seu pedófilo de merda!"
“Não me chame assim.”
"Você estuprou seu meio-irmão", gritou Caoimhe a plenos pulmões. "Você é adulta. Gibsie é uma criança. Você profanou o corpo dele. Eu vi você com meus próprios olhos. Isso se chama ser pedófila!"
O som de uma porta próxima batendo ecoou no ar, seguido por socos batendo na madeira. "Abre a porra da porta, Caoimhe!"
“Vá para o inferno!”
"Não faça nenhuma besteira." As batidas ficaram cada vez mais fortes. "Estou avisando!"
"Saia da minha casa, porra!", gritou Caoimhe. "Vou chamar os Gards agora mesmo, e quando eles botarem as mãos em você, você nunca mais verá a luz do dia, seu desgraçado doente e pervertido!"
Um estrondo alto ricocheteou no ar, seguido pela minha irmã gritando: "Que diabos você está... não, pare! Devolva isso. Não, Mark, não... ahhh! Tire as mãos de mim!"
“Não, você não vai a lugar nenhum até conversarmos sobre isso!”
"Não há nada para falar porque eu te vejo, Mark. Finalmente vejo o que você é. Você é um monstro disfarçado!"
“…Finalmente vejo o que você é…”
“…Você é um monstro disfarçado…”
“…Você é um monstro…”
Com os olhos arregalados de horror, agarrei meu edredom e o puxei sobre minha cabeça.

Monstro.
Ele era um monstro.
O monstro era real.
Mark era o monstro.

MINHA FAMÍLIA É SUA FAMÍLIA

Hugo

5 DE ABRIL DE 2000

QUANDO CHEGUEI EM CASA E CONFIDENCIALIZEI MINHA MÃE SOBRE A QUEDA REPENTINA DE HUMOR DE L IZ, ELA me deu um sorriso triste e me disse que o mau humor anda de mãos dadas com o transtorno bipolar e que a única coisa que eu podia fazer para ajudar era estar lá para ela.
O sono não veio fácil naquela noite. Minha mente estava em pânico e eu não conseguia me livrar da sensação horrível e perturbadora na boca do estômago.
Liz estava escorregando novamente.
Eu vi isso no rosto dela hoje.
Eu ouvi isso na voz dela.
A luz em seus olhos estava diminuindo, e eu não sabia como reverter isso.
Eu ainda estava me revirando na cama quando a porta do meu quarto rangeu ao abrir no meio da noite, seguido pelo som de alguém fungando.
"Não, Claire, a Banshee de Ballylaggin não vem nos buscar", gritei na escuridão.
Os soluços ficaram mais altos e suspirei, derrotada. "Tudo bem." Levantando meu edredom, dei um tapinha no colchão ao meu lado e resmunguei: "Você pode dormir comigo esta noite, mas esta é a última vez."
O som dos seus passos preencheu o ar momentos antes de ela se deitar na cama comigo. No entanto, o corpo trêmulo que se uniu ao meu não pertencia à minha irmã. Pertencia a...
"Gibs?" Confuso, tentei me sentar para acender o abajur, mas o jeito como ele estava agarrado a mim tornava isso impossível. "O que aconteceu, rapaz?"
"Hughie." Soluçando incontrolavelmente, meu amigo mais velho do mundo me abraçou com os braços e as pernas. "Hughie."
"Estou aqui, rapaz", tentei convencê-lo, passando o braço em volta dele. "Onde está Caoimhe? Ela sabe que você está aqui?"
Soltando um soluço sufocado, ele balançou a cabeça. "N-não."
"Você saiu escondido?"
Assentindo, Gibs me apertou com mais força. "Quero meu p-pai."
Meu coração afundou.
Porra .
"Eu sei que sim, Gibs", respondi, dando um tapinha em suas costas. "Eu sei, rapaz. Não é justo."
"Eu s-só quero que meu p-pai volt-e", ele continuou chorando, enterrando o rosto no meu peito. "Eu n-não quero t-ir para casa."
"Você teve outro pesadelo?", perguntei, enquanto silenciosamente agradecia a Jesus por me poupar daquela terrível aflição. "Hmm? Sobre o nosso dia de comunhão?"
Ele assentiu lentamente. "É m-minha culpa que eles morreram—"
"Não, não é", interrompi, com o coração disparado. "Nada do que aconteceu

naquele dia foi culpa sua, Gibs. Está me ouvindo? Foi um acidente." Engolindo a emoção, acalmei a voz antes de acrescentar: "Foi uma coisa horrível, terrível, terrível o que aconteceu, Gibs, mas foi um *acidente* ." Apertei os braços em volta do seu corpo trêmulo. "Sei que você se sente sozinho naquela casa desde que sua mãe se casou com ele, mas prometo que não está. Você nos tem. Minha família também é sua família." Apertando os olhos, apertei meu amigo, desesperado para aliviar sua dor. "E você me tem, Gibs. Você *sempre* me terá."
"Irmãos p-para sempre?" ele resmungou.
"É, Gibs", prometi. "E mais um pouco."

PARTE 14

A Dissolução da Vida como a Conhecemos

UM GRANDE MAL-ENTENDIDO

Hugo

24 DE ABRIL DE 2000

"H UGH, AMOR ", MAMÃE DISSE EM VOZ BAIXA, ENQUANTO ME ACORDAVA COM UM SACUDIDO NO MEIO DA NOITE. "Preciso que você se levante e vista alguma coisa."
"Hmm?" Piscando os olhos, levei alguns segundos para me orientar. "O que houve?" Localizando o rosto da minha mãe, apoiei-me nos cotovelos e franzi a testa para seu rosto manchado de lágrimas. "Mãe?" Uma onda de pânico se instalou imediatamente. "O que houve?"
"O Mark ligou", disse a mãe, engasgada, usando as costas da mão para enxugar as lágrimas que escorriam pelo rosto. "O Keith já está vindo. O Sadhbh está lá embaixo."
"A caminho de onde?" Com o coração disparado, olhei para o despertador no meu criado-mudo e me senti ainda mais confusa. "Por que o Sadhbh está em casa às quatro da manhã?"
"Ela vai cuidar da Gibsie e da Claire", disse ela, com a voz estrangulada, pressionando a mão contra o peito. "Elas ainda estão dormindo no quarto dela, mas preciso que você venha comigo e com o papai."
"Vem pra onde?", perguntei, imediatamente nervosa. "Para onde estamos indo, mãe? O que está acontecendo?"
"Ah, querida, sinto muito", ela soluçou, sufocada. "Caoimhe Young faleceu esta noite."
Meu mundo inteiro desabou no momento em que aquelas palavras saíram da boca da minha mãe.
“Do que você está *falando* ?” Tirando as cobertas, pulei da cama e peguei minha calça de moletom. “Do que você está falando?” Quer dizer que Caoimhe *faleceu* ?” Esperei que ela explicasse, e quando ela continuou a chorar, comecei a entrar em pânico. “Mãe! Do que diabos você está falando?”
"Vem cá, querida." Papai entrou no meu quarto, indo direto para minha mãe. "Estou aqui."
A mãe se aninhou nos braços dele, soluçando incontrolavelmente. "Pete!"
"Eu sei", respondeu ele num tom suave, envolvendo-a em seus braços. "Eu cuido de você."
Enquanto isso, eu me apressei para vestir minhas roupas o mais rápido que pude, enquanto perguntava: "Que diabos está acontecendo?"
"Caoimhe sofreu um acidente hoje à noite, filho", explicou papai naquele tom firme e reconfortante que fazia tudo parecer melhor. O tom que eu não o ouvia usar há anos. "É sério e precisamos ir", continuou ele, segurando minha mãe, que parecia ter perdido toda a capacidade de se sustentar sozinha. Aliás, se papai a soltasse agora, eu não tinha dúvidas de que mamãe cairia no chão como um saco de batatas. "O Mark está lá na Old Hall House com a Lizzie, falando com a

Garda."
"Na *casa* ?", olhei boquiaberta para o meu pai, sentindo como se estivesse a dois segundos de ter um derrame. "Do que você está *falando* ?"
"Só desça e entre no meu carro", instruiu papai, indo em direção à porta com minha mãe. "Conversamos no caminho."
"Ok, ok", eu disse, correndo atrás deles, mesmo sabendo que estavam enganados.
Seja lá o que estivesse acontecendo, meus pais estavam errados.
Lizzie e Caoimhe estavam no *Texas* com seus pais.
Meu Deus, até *o Mark* estava no Texas com a família.
Isso foi um grande mal-entendido.
Tinha que ser.

Não importa o que

Lizzie

25 DE ABRIL DE 2000

“O QUE DIABOS VOCÊ FEZ COM A MINHA IRMÃ…”
"Liz?"
“Você não pode nos manter trancados aqui para sempre…”
“Sou eu, Hugh.”
"Ela é uma criança, seu monstro. Ela é um bebê de merda e você colocou um bebê dentro dela..."
“Você consegue me ouvir, Liz?”
"Ele é um monstro, Lizzie. Você precisa sair..."
“Estou aqui, ok?”
“Sinto muito por não ter protegido vocês dois…”
“Não vou deixar você sozinha, Liz, eu prometo.”
“Corra, Lizzie, e não olhe para trás…”
"Não importa o que."
Não importa o que aconteça.
Não importa o que aconteça.
Não importa o que aconteça.
Hugo!

NAMORADAS MORTAS E IRMÃS SILENCIOSAS

Hugo

27 DE ABRIL DE 2000

NA NOITE DE 24 DE ABRIL DE 2000 , C AOIMHE Y OUNG DEIXOU A CASA DE SUA FAMÍLIA NO meio da noite, dirigiu até a passarela de Ballylaggin e tirou a própria vida.
Nada disso fazia sentido.
Por que Caoimhe se jogou naquele rio.
Por que ela estava em Ballylaggin em primeiro lugar e *não* no Texas como deveria estar.
Por que ela deixou a irmã sozinha em casa naquela noite.
Por que o namorado dela, que estava dormindo lá naquela noite, não a impediu.
Por que a carta que ela deixou para Catherine não parecia com ela.
Por que Liz não entrou em contato comigo nenhuma vez naquelas três semanas?
Por que todas as minhas mensagens de texto ficaram sem resposta.
Eu tinha um monte de perguntas que temia que ficariam sem resposta para sempre, porque tudo o que Caoimhe havia deixado para trás era um rastro de peças de quebra-cabeça que não levavam a lugar nenhum.
Por isso, a Gardaí e sua família só podiam confiar no que o namorado dela lhes dizia.
Segundo Mark, o humor de Caoimhe havia despencado nas últimas três semanas porque ela não pôde visitar os pais como planejado. Mark contou aos Gards que Lizzie foi diagnosticada com transtorno bipolar e sofreu um surto psicótico na manhã em que eles deveriam partir.
Caoimhe então ligou para os pais para contar sobre o estado de espírito da irmã, quando o pai lhe disse para ficarem em casa e *não* viajarem. Ele disse que havia notado, nos últimos meses, que Caoimhe vinha abusando dos medicamentos prescritos pela irmã.
Quando Catherine e Mike voltaram para casa dois dias depois, confirmaram ao detetive responsável pelo caso que a filha havia de fato ligado para eles naquela manhã, transmitindo a mesma informação. Confirmaram também que haviam conversado com a filha mais velha nas três semanas seguintes e notado uma queda de humor, além de estarem cientes de que ela consumia substâncias ilícitas desde que foi reprovada no exame final de conclusão de curso no ano passado.
Na noite em que ela morreu, Mark contou aos detetives que, ao acordar e perceber que ela havia sumido, teve um *mau* pressentimento. Foi então que ele acordou Liz, que, a pedido do pai, Caoimhe vinha mantendo sob forte sedação, e a colocou em seu carro, antes de sair em busca da namorada.
Quando questionado sobre o motivo de nenhum médico ou amigo da família ter sido chamado para atender Lizzie em nenhum momento durante aquelas três semanas, Mark disse ao detetive que Caoimhe tinha vergonha do transtorno da

irmã, que Liz era propensa a explosões frequentes e violentas e que havia aprendido com os pais a lidar com isso em particular.
Mark contou aos detetives que foi enquanto dirigia pela cidade em busca de Caoimhe que notou pela primeira vez as sirenes e luzes piscantes vindas do rio. Ele disse que entrou em pânico instantaneamente e foi direto para a ponte, pensando que pudesse ter algo a ver com Caoimhe, e foi então que viu membros da Gardaí e do corpo de bombeiros resgatando sua namorada do rio.
Depois disso, Mark se calou, dizendo que aquilo era tudo o que ele conseguia lembrar daquela noite e que desde então não queria mais falar sobre o assunto.
Havia tantas perguntas sem resposta, e a versão dos acontecimentos de Mark era tudo o que restava, porque a namorada dele estava morta e a minha namorada não estava falando.
Lizzie não falava desde a noite em que Caoimhe morreu.
Não quando a Gardaí pediu seu depoimento.
Não quando cheguei em casa.
Não quando os médicos foram chamados.
Não quando os pais dela vieram dos Estados Unidos.
Nenhuma palavra saiu de seus lábios desde a noite em que a Garda retirou o corpo sem vida de sua irmã do rio.

Depositei uma fatia de pizza em um prato de papel, abri caminho pela multidão de simpatizantes na cozinha da minha namorada e subi as escadas até o quarto dela.
Ela estava exatamente onde eu a havia deixado.
Enterrada sob o edredom.
“Vamos, Liz, eu tenho comida.”
Nada.
Nem um tique sequer.
"Eu sei que você pode me ouvir." Coloquei meu prato no meu colchão improvisado, aquele em que eu dormia todas as noites desde que sua irmã morreu, pulei uma montanha de cobertores e sentei na beira da cama dela, com o prato na mão.
"Então, aqui estão suas duas opções", declarei calmamente, quebrando um pedaço. "Você pode se sentar e comer sozinho, ou eu te dou. O método é opcional. Comer, não."
Eu não queria parecer um babaca insensível, mas Liz não conseguia sobreviver sem comida, e seus pais estavam muito consumidos pela dor para assumir o controle.
Entra Hugh .
"Então será um jantar de helicóptero." Levando o prato para a mesa de cabeceira dela, arranquei um pedacinho de pizza e levei até a boca dela. "Venha Vamos, Liz.” Acariciando sua bochecha com a mão livre, tentei trazê-la de volta à vida.
“Uma mordida para mim?”
Um tremor perceptível percorreu seu corpo e ela abriu a boca.
Graças a Deus .

"Chega", elogiei quando ela aceitou o pequeno pedaço de comida. "Agora, preciso que você mastigue, Liz." Acariciei sua bochecha novamente, enxugando as lágrimas que escorriam de seus olhos vermelhos. "Você pode fazer isso por mim?"
Atendendo sem protestar, ela mastigou o pedaço de comida e então pareceu esperar pela minha próxima instrução.
"Pode engolir, Liz", eu disse, sentindo meu coração se partir pela milionésima vez desde que esse pesadelo começou. Quando ela fez exatamente isso, arranquei outro pedaço e repeti o ritual até conseguir alimentá-la com a fatia inteira, sem a casca, porque ela estava deitada e eu não queria que ela engasgasse.
Quando ela comeu o suficiente para se sustentar por mais um dia, limpei seu rosto antes de me deitar na cama, de frente para ela.
Seus olhos azuis claros me encaravam de volta, inchados e vermelhos.
"Eu te amo", sussurrei, apoiando a mão em sua bochecha. "Sempre estarei aqui para você."
Liz não respondeu com palavras, mas quando ela colocou a mão trêmula na minha bochecha, eu sabia que ela estava ouvindo.
Ela podia me ouvir.
Ela *ainda estava* lá.

VOCÊ NUNCA VAI ME ESQUECER, MUNCHKIN

Lizzie

30 DE ABRIL DE 2000

“POR QUE VOCÊ NÃO FEZ ALGO …”
“Michael, ela é apenas uma criança…”
"Por que você não a ajudou? Ela era sua família! Você deveria ter feito alguma coisa..."
Entorpecida, agarrei as cordas do balanço em ambos os lados do meu corpo e chutava a terra toda vez que balançava baixo o suficiente para alcançar o chão.
Mesmo daqui, eu ainda conseguia ouvi-los lá de casa.
Servindo chá.
Comendo sanduíches.
Fazendo conversa.
Agindo como se o mundo ainda estivesse girando.
Cale-se .
Cale-se .
Cale a boca, porra!
A traição preencheu o vazio em meu peito, alimentada por um nível de ódio que me fez querer gritar.
Lágrimas queimaram em meus olhos.
O frio se espalhou por todo meu corpo, transformando meu coração em gelo.
A raiva se instalou profundamente em meus ossos.
Não foi justo.
“Estou tentando criar coragem para falar com você o dia todo, mas não tenho as palavras certas”, disse uma voz familiar, e Virei-me e vi a Gibsie sentada no balanço ao lado do meu. "Então, vou ficar aqui sentada com você, ok?"
Me ajude , eu queria gritar, *você é o único que pode* .
Minha voz me traiu como aconteceu quando eu era criança.
Não saiu nada.
Tudo o que eu conseguia fazer era encarar os grandes olhos cinzentos de Gibsie e *pedir* que ele ouvisse as palavras que eu não conseguia dizer em voz alta.
"Quero ir embora", implorei, sentindo-me sonolenta e desorientada, enquanto cambaleava em direção à minha irmã. "Por favor, Caoimhe." Caindo de quatro no chão do quarto dela, peguei a mão dela e apertei. "Faça com que ele nos solte..."
"Vai ficar tudo bem." Fungando, ela me colocou debaixo do braço, enquanto continuava a rabiscar furiosamente em seu caderno. "Vamos sair daqui e, quando isso acontecer, ele vai pagar por tudo, Liz. Eu prometo."
"Não me importa se ele paga", solucei, agarrando-me ao seu corpo. "Só quero ir embora."
Arrancando uma página do diário, minha irmã dobrou-a ao meio e depois dobrou-a várias vezes até ficar do tamanho de uma caixa de fósforos. "Aqui."

Ela enfiou o bilhete na minha meia e agarrou minhas mãos. "Você vai ficar bem, eu prometo." Seus olhos azuis lacrimejavam enquanto ela falava. "Mas se alguma coisa acontecer comigo e ele não me deixar sair deste quarto..."
"Caoimhe, não!", gritei, abraçando-a pelo pescoço. "Não diga isso."
"Eu preciso", ela disse, engasgada, me abraçando com força. "Se alguma coisa acontecer comigo, Liz, e eu não sair, quero que você entregue este bilhete para a Gibsie. Você pode fazer isso por mim?" Fungando, ela se afastou para me olhar nos olhos. "Quero que você conte a ele tudo o que me contou esta noite, e depois quero que vocês duas vão à polícia..."
Eu não tinha certeza se essas alucinações recorrentes eram memórias ou delírios.
Eu tinha muitos deles, mas não tinha certeza e não conseguia falar.
Eu não conseguia *respirar* .
O medo tomou conta de mim a tal ponto que rezei para que minha mente se desfizesse e me deixasse divagar.
Como se tivesse desaparecido naquela noite.
Eu flutuei para fora do meu corpo, para cima, para cima, para longe da dor.
Longe da imagem de seu corpo sem vida.
Do seu olhar morto enquanto ela olhava diretamente através de mim.
Mas eu ainda o tinha.
A nota dobrada.
Estava no meu bolso agora.
Ele se teletransportou da minha mente para o meu bolso.
Eu sabia o que deveria fazer.
O que *ela* me disse para fazer.
Mas eu estava com medo do que aconteceria.
Eu tinha medo de estar no meio de uma ilusão e falar só causaria mais sofrimento para minha mãe.
Eu não queria que ela sofresse mais do que já estava sofrendo.
O som do seu lamento constante me assombrava.
Mas eu estava com ainda mais medo de *não estar* alucinando, porque se não estivesse e isso fosse real, então era ainda mais importante que eu me obrigasse a esquecer.
Porque se eu tivesse que lembrar, então eu teria que reconhecer, e se eu fizesse isso, se eu contasse a alguém, como *ele* fez, então eu perderia a pessoa que eu mais amava.
Eu perderia *Hugh* .
Ele prometeu que faria isso.
Mas Caoimhe prometeu o oposto.
Ela prometeu que se eu contasse para Gibsie, se eu simplesmente entregasse o bilhete a ele, estaríamos seguros.
Ele não conseguiria me pegar novamente.
Mas ela não estava mais aqui.
Ela não pôde me ajudar.
E se Gibsie contasse a ele?
O que aconteceria com Hugh?
Mas e se nada disso fosse real?
E se minha mente estivesse me pregando peças de novo e eu acordasse e

encontrasse Caoimhe comendo cereal na cozinha?
E se eu fosse a pessoa que morreu naquela noite?
E se eu a matasse?
Talvez ela não tenha pulado?
Talvez eu a tenha empurrado?
Ou talvez eu tenha me esforçado?
E se a senhora assustadora estivesse colocando pensamentos ruins na minha cabeça?
"Posso te dar um abraço?", ouvi Gibsie perguntar, me distraindo dos meus pensamentos tensos. "Tudo bem?"
Fungando, assenti e observei-o descer do balanço e caminhar até mim.
"Sinto muito, Liz", ele disse com a voz rouca, me abraçando. Entorpecida, apoiei a bochecha no ombro de Gibsie. "Sinto muito, muito mesmo."
Enquanto eu o ouvia sussurrar a palavra *"desculpe"* repetidamente, coloquei a mão no bolso e peguei o bilhete.
Por favor, ajude , implorei mentalmente, e então, fosse real ou não, coloquei meu último resquício de esperança no bolso do casaco do meu amigo. *Por favor, me salve .*
"O que vocês dois estão fazendo aqui sozinhos?", disse uma voz familiar, fazendo com que todos os músculos do meu corpo se contraíssem.
O monstro .
Fechei os olhos com força, agarrei-me ao garoto que me abraçava e rezei para que ele não me soltasse.
Não me solte, Gibs .
Por favor, não deixe ir .
Não me deixe sozinha com ele .
"Estou abraçando minha amiga", respondeu Gibsie, apertando-me com mais força. "A irmã dela acabou de morrer. Eu *sei* como é isso."
Ele estava perto.
Eu conseguia sentir o cheiro da colônia dele.
Eu podia sentir as palavras saindo da minha mente e chegando à minha pele.
"Volte para casa, Gibson", *ele* instruiu. "Preciso falar com a irmã da minha namorada."
Não, Gibs!
Não vá .
Por favor, não me deixe .
"Eu, ah, eu quero ficar com ela", ouvi meu amigo protestar, mas sua voz tremia quase tanto quanto seu corpo quando ele falou. "Hugh teve que ir para casa por uma hora e me disse para *ficar* com Liz. Ele me disse para *não* deixá-la."
"Entre. Eu fico com ela."
Não, não, não, não, não!
“Mas Hugh disse—”
"Volte para a sua porra de buraco na casa ou eu vou te chutar lá dentro."
Por um breve momento, quando Gibsie me apertou mais forte, senti uma pontada de esperança dentro do meu peito, mas então ele me soltou e deu um passo para trás, fazendo com que aquela esperança se apagasse.
Ele deixou ir .

Novas lágrimas escorriam pelo meu rosto enquanto eu o observava partir.
"Você sabia que estava segurando o assassino da sua irmã, não sabia?", *ele* refletiu, sentando-se no balanço ao lado do meu. "A culpa disso tudo é dele."
Não ousei olhar para ele, mantendo minha atenção focada nas costas de Gibsie enquanto ele desaparecia da minha linha de visão.
"Se Caoimhe estivesse aqui, ela ficaria tão decepcionada com você." Ele suspirou profundamente. "Abraçando a pessoa responsável pela morte dela."
"Volte" , eu queria gritar, mas tudo o que consegui fazer foi me segurar com mais força nas cordas do balanço e rezar para que ele pudesse me ouvir. " *Por favor, volte* . "
"Ele encheu a cabeça da sua irmã com veneno", continuou ele, atormentando minha mente com dúvidas. "Hoje é o aniversário dela e ela não está aqui para comemorar por causa daquele babaca, então nunca se esqueça de quem é o verdadeiro responsável pela morte dela."
"A culpa é dele!" Agarrando minha nuca, ele me forçou a olhar. A me inclinar sobre a borda e ver. "Ela morreu por causa dele. Porque ele entrou na cabeça dela. A boca grande do meu irmão matou a sua irmã."
"Ajude-a! Por favor, faça alguma coisa!"
"Fala, pequenininho." Sua mão apertou minha nuca, e ele me empurrou tão longe por cima do corrimão que eu não conseguia mais tocar o chão. "Diga que você entendeu."
"Por favor", lamentei, tremendo violentamente enquanto meus olhos acompanhavam minha irmã sendo arrastada pela correnteza. "Você precisa ajudá-la!"
"Não há nada que eu possa fazer para ajudá-la. Gibsie cuidou disso quando ele encheu a cabeça dela de mentiras." Ele me colocou de volta no chão apenas para me virar para encará-lo. "Fala, pequenininho." Ele agarrou minha garganta e me empurrou contra a barreira. "Diga que você entende o que acontece quando você mente." Ele me jogou contra o corrimão novamente. "Diga quem é o responsável por isso? Quem contou mentiras e matou sua irmã?"
“Eu…” Lágrimas escorriam pelo meu rosto. “…ele fez.”
“E quem é ele?”
Outra lágrima rolou pela minha bochecha. "Gibsie."
"E o que vai acontecer com seu namoradinho se você pensar em contar mentiras sobre mim como Gibsie fez?"
"Não!" Cerrei os olhos. "Por favor, não o machuque."
"Fala!" Ele apertou minha garganta com mais força. "Onde esse galã vai parar?"
"Lá dentro", eu disse, estrangulada, meu corpo ficando mole contra o corrimão às minhas costas. "Com ela..."
Balançando a cabeça, fechei os olhos com força e tentei afastar as imagens da minha mente.
"Você sabe que é instável, não sabe?", disse ele então, num tom triste. "Sua mãe não pode escapar da morte para sempre. Um dia desses, ela vai acabar com ela", disse-me. "E quando ela morrer, você ficará sozinha, sem irmã ou mãe para te amar."

Um soluço de dor escapou dos meus lábios, mas ele continuou falando.
"Catherine está com o tempo contado, e nós dois sabemos que ela é a única coisa entre você e aquele hospital psiquiátrico que Mike planejou para você."
Suas palavras fizeram com que o medo crescesse dentro de mim e deixassem minha mente em uma espiral.
"Se eu fosse você, continuaria *calado* ", continuou ele com uma voz suave e gentil que me arrepiou. "Todo mundo já acha que você é louco, então não precisa alimentar a fogueira com divagações malucas — *não* que alguém fosse acreditar em você, de qualquer forma."
Eu sabia que *ele* estava olhando para mim.
Eu podia sentir seus olhos queimando o lado do meu rosto, mas não ousei virar a cabeça.
Em vez disso, concentrei-me na trilha de terra que meus sapatos faziam na grama, embaixo do balanço.
"Vou sair da cidade em breve, pequenininho", ele me disse. "Assim que terminar meu certificado de conclusão de curso no mês que vem, vou embora da Irlanda. Vou viajar um pouco antes da faculdade." Outro suspiro escapou dele. "Vou sentir falta das nossas visitas especiais."
Minha pele se arrepiou, enquanto meu estômago embrulhava e minha mente gritava em protesto.
Não!
Não pense nisso .
“Gostaria que pudéssemos ter outra noite juntos, mas receio que a última terá que servir.”
Não se deixe lembrar .
"Mas vou te levar comigo. Onde quer que eu vá, sempre terei suas fotos."
Proteja-se e nunca mais volte lá .
Nunca mais .
"E eu também estarei sempre com você. Você nunca vai me esquecer, pequenininho."
Apenas bloqueie isso .
“ Uma menina nunca esquece seu primeiro aniversário.”
Deixe-se levar .
Apenas deixe-se levar .
"E eu sempre serei seu primeiro em tudo, pequenininho."
Para cima, para cima e para longe .

ALVO NAS COSTAS

Hugo

30 DE ABRIL DE 2000

O CORPO DE C AOIMHE LEVOU SEIS DIAS PARA SER ENTREGUE À FAMÍLIA E, mesmo assim, seus pais foram informados de que levaria algum tempo para que o relatório da autópsia fosse finalizado.
Quando minha babá voltou para Old Hall House, ela estava em um caixão marrom que teve que permanecer fechado por causa dos danos causados ao seu corpo enquanto estava no rio.
A cidade inteira compareceu ao velório para prestar suas homenagens à família, e havia um fluxo constante de pessoas entrando e saindo da casa durante todo o dia. Ela passaria sua última noite na casa de sua família, cercada pelas pessoas que mais a amavam.
Quando chegasse o dia seguinte, no que deveria ser seu décimo nono aniversário, Caoimhe Young seria sepultada após a missa das doze horas, no cemitério adjacente da Igreja de São Patrício.
Para sempre dezoito .
Eu não tinha saído do lado da Liz por um instante até hoje, quando precisei ir à cidade com a mamãe tirar medidas para um terno para o funeral. Quando voltei para a casa da Lizzie algumas horas depois, encontrei-a exatamente onde a deixei. Mas não era o Gibsie que lhe fazia companhia, como eu o havia instruído implicitamente a fazer.
Era o Mark.
Lizzie estava sentada no balanço da árvore, com os pés afundando na lama, enquanto aquele idiota estava sentado no segundo balanço que havíamos acrescentado alguns anos atrás.
No minuto em que o vi, fiquei furioso.
"Ei!", rugi, pulando a cerca de madeira e disparando na direção deles. "Que porra vocês estão fazendo?"
"Como é?" Mark estreitou os olhos quando me aproximei. "Estou falando com ela."
"Não, não vai", respondi, me colocando entre eles. "Você não tem nada a dizer que ela precise ouvir."
Eu não queria que ele chegasse perto da Liz. Levei seis dias para tirá-la daquela cama, e eu não ia deixar aquele babaca aborrecê-la com conversas sobre a irmã.
Além disso, a hora de conversar já havia passado semanas.
O fato de ele e Caoimhe não terem entrado em contato com minha família nem com a dele *nenhuma vez* naquelas três semanas não me agradou.
Se ele estava dizendo a verdade sobre Liz ter tido um colapso mental — e eu não conseguia provar que não estava — isso significava que eles a mantiveram naquela casa por três semanas sem procurar intervenção médica.
Eu conhecia minha namorada. Sabia o quanto seu humor podia despencar, mas

ela não era perigosa como Mark a retratara.
Ele contou aos pais dela que Liz atacou tanto ele quanto Caoimhe em diversas ocasiões ao longo daquelas semanas, o que os levou a mantê-la sedada com clonazepam, receitado por ela. Ele chegou a acusá-la de ter encostado uma faca em sua garganta.
Agora, se ele tivesse dito que ela tentou mordê-lo, teria sido muito mais plausível, mas, ah, não, ele teve que ir com uma faca.
Eu não acreditei em nada do que disse.
Nem uma palavra.
"Na verdade, eu sou o único que *deveria* estar falando com ela", respondeu Mark, me encarando. "Porque eu a entendo. Porque *eu* estava com ela naquela noite, *não* você. Detesto te dizer, Biggs, mas *sou eu* quem ela precisa agora."
Minha namorada provou que ele era um mentiroso quando pulou do balanço e se jogou em mim. Trêmula, Liz agarrou minha camiseta e enterrou o rosto no meu pescoço.
"Ah, é? Bem, acho muito difícil acreditar nisso, dadas as circunstâncias", retruquei, envolvendo Liz com um braço protetor. "Quer dizer, não é como se você tivesse um bom histórico de estar presente quando necessário . "
"Como *ousa* falar assim comigo?", Mark ferveu, se masturbando no balanço. "Você tem muita coragem de dizer isso na minha cara."
"É, bom, alguém precisava", retruquei, sem vontade de demonstrar empatia por um babaca que não merecia. "A verdade dói, babaca, mas ainda é a verdade."
"Minha namorada está lá dentro, deitada num caixão de merda", rosnou ele, vindo em minha direção com uma expressão teimosa. "Você não tem ideia da dor que estou sentindo."
"É, e talvez se você tivesse passado um pouco menos de tempo pensando na *sua* dor e um pouco mais de tempo pensando na dor da sua namorada, ela talvez não *estivesse* naquele caixão", retruquei, segurando Liz com firmeza, enquanto me mantinha firme. "A morte da Caoimhe não te dá um registro limpo, seu babaca. Não apaga a forma horrível como você a maltratou por anos, e nenhuma quantidade de mentiras que você contar a si mesmo vai apagar a sua influência na decisão dela de tirar a própria vida."
“Eu nunca maltratei Caoimhe—”
"Essa merda pode até rolar com a Catherine e o Mike, mas não perca seu tempo tentando fazer isso comigo", interrompi, sem querer ouvir mais uma de suas falas. "Você mencionou antes algo sobre entender o que *a minha* namorada está passando porque você estava com ela naquela noite. Estou certo? Hmm? Foi isso que você disse? Esperei que ele concordasse antes de continuar. "Bem, eu estive com *sua* namorada em várias ocasiões ao longo dos anos, quando você a enganou e fodeu com a cabeça dela." Totalmente enfurecida e incapaz de me conter, disparei com todas as forças e o deixei ir. "Você é incapaz de entender alguém porque, para isso, precisaria ter consciência, e isso é algo que nós dois sabemos que você *não* tem."
"Cala a boca, Biggs." Ele estreitou os olhos em advertência. "Você não tem ideia do que está falando."
"Você tratou sua namorada como se ela fosse um pedaço de carne. Como se ela fosse um ser humano inferior, cujo único propósito na Terra fosse te agradar. Em

vez de cuidar dela como um homem deve fazer, você a engravidou e arruinou o futuro dela!"
"Eu cuidei disso", ele ferveu, parecendo realmente abalado por eu saber do seu segredinho sujo. "Eu cuidei da minha namorada."
"É, você cuidou muito bem da sua namorada quando a levou no meio do curso de conclusão de curso." Estreitei os olhos, enojada. "Namorado do ano em formação."
"Foi decisão *dela* ", rugiu ele, aproximando-se de mim, alheio à garota trêmula agarrada a mim. "Ou a culpa é minha por Caoimhe não querer ficar com ele?"
"Não. A escolha era dela e do corpo", respondi, virando-me para o lado para manter Liz fora da linha de fogo. "Mas você tem toda a culpa por colocá-la nessa situação, para começo de conversa. Eu nem fiz treze anos ainda e sei disso. Você deveria *protegê* -la, e *não o fez* ."
"Você está passando dos limites, Biggs", disse ele num tom mortalmente frio. "Não me provoque."
"Mais ou menos como você pisou em Caoimhe?", retruquei. "Você pisou naquela garota como se ela fosse um capacho, e você não pensou duas vezes. Então não fique aí me dizendo que *minha* namorada precisa de *alguma coisa* de um merda como você, quando vocês dois sabem que você é o *pior* tipo de câncer que *já* entrou na família dela."
"Você vai se arrepender disso", Mark sibilou, mas eu já tinha me virado para ir embora, decidindo que já tinha desperdiçado muita energia com ele.
Cretino de merda .
"Você vai ter o que merece, Biggs", ele continuou gritando enquanto eu levava minha namorada para o mais longe possível dele. "É melhor você tomar cuidado!"
"Ignore-o", disse eu a Liz, que tremia violentamente ao meu lado. "Lembra do que eu te contei sobre valentões?", acrescentei num tom mais gentil, enquanto a ajudava a pular a cerca, antes de pular eu mesmo. "Os valentões se alimentam do medo, e se você não os alimentar, eles morrem de fome."
"E morrer."
Minha cabeça se virou bruscamente na direção dela.
Duas palavras.
Ela disse duas palavras.
Finalmente .
Seja normal com ela , meu cérebro ordenou, *não a bombardeie com perguntas que a farão voltar para o seu lugar* .
"É isso mesmo", concordei, passando o braço em volta dos ombros dela, enquanto me instruía mentalmente a *não* reagir. "Eles morrem."
"Hugh?" Liz parou de andar e se virou para me olhar. "Não morra, ok?"
“Eu não estou morrendo, Liz.”
"Por favor." Lágrimas encheram seus olhos enquanto ela olhava nos meus olhos e implorava: "Nunca me deixe."
"Não vou." Meu coração se partiu no peito. "Não vou a lugar nenhum, Liz."
"Não importa o quê?"
"É, Liz." Dei um beijo em sua testa. "Não importa o que aconteça."

“Você acredita no céu, Hugh?”, ela perguntou um pouco mais tarde, quando eu a levei para longe da casa que continha o corpo morto de sua irmã e do prado que continha o cretino.
Ainda estávamos na propriedade deles, mas eu havia colocado uns quarenta acres de distância entre nós e o resto do mundo. Porque eu precisava mantê-la calma e *conversando* .
"Essa é uma pergunta difícil", respondi pensativamente, coçando o queixo. "A cientista em mim diz que não, mas a católica em mim diz que sim." Espalhado na grama, inclinei-me sobre os cotovelos e olhei para ela. "Você acredita no céu, Liz?"
"Não." Ela balançou a cabeça. "Não mais."
"Por quê?"
"Porque eu não acredito mais em nada", respondeu ela, sem tirar os olhos da corrente de margaridas que estava fazendo. "Eu acreditava, eu acho, mas não acredito mais." Ela balançou a cabeça novamente. "Talvez eu esteja apenas quebrada por dentro."
"Não há nada de errado em você, Liz", respondi rispidamente. "Você só está triste. Não tem problema ficar triste."
"Mas não estou só triste", sussurrou ela, amassando a corrente de margaridas com a mãozinha. "Estou com raiva."
"Tudo bem também."
"É mesmo?" Fungando, ela se virou para mim, fazendo meu estômago embrulhar, quando seus olhos azuis e tristes se fixaram nos meus. "Estou bem?"
"Talvez não agora." Meu coração se partiu ao ouvir sua dor. "Mas você vai ficar bem um dia."
"E se eu não estiver?" Ela estendeu a mão e enxugou outra lágrima. "E se eu nunca mais ficar bem?"
“Você *ficará* , Liz.”
"Mas e se eu *não estiver* , Hugh?", ela disse, engasgada, subindo no meu colo. "O que acontece depois?"
"Então tudo bem também." Sentando-me, envolvi-a em meus braços e sussurrei: "Porque não importa o quão feliz ou triste você esteja, eu estarei aqui com você."
"Você vai?"
“A cada passo do caminho.”

ELE CONSEGUIU, PAPAI!

Lizzie

1 DE MAIO DE 2000

EM MEMÓRIA DE
CAOIMHE CATHERINE YOUNG
FILHA, IRMÃ E AMIGA AMOROSA
30 de abril de 1981 a 24 de abril de 2000
PARA SEMPRE DEZOITO

Ignorando a senhora que estava ao lado do túmulo da minha irmã, tocando "Landslide", de F. Leetwood Mac, em seu violão, esforcei-me para ouvir o som de arranhões, para poder dizer aos homens que parassem de baixar o caixão dela no buraco e a trouxessem de volta.
Então eu pude dizer ao padre que minha irmã estava em um sono profundo, que durou sete dias, mas ela estava acordada agora, e eles precisavam tirá-la da caixa.
Vamos, Caoimhe, estamos ficando sem tempo .
Apresse-se e grite, chore, berre…
Qualquer coisa!
Entorpecido até os ossos, observei alguém trazer uma cadeira para minha mãe sentar, enquanto meu pai caía de joelhos ao lado do túmulo dela, chorando e implorando a um Deus que não podia nos ouvir para trazer sua filha de volta para ele.
Enquanto isso, fiquei sozinho observando os homens de terno preto abaixarem o caixão da minha irmã no chão.
Caoimhe estava lá.
Dentro daquela caixa de madeira.
Apertando minhas mãos com força, pedi para minha irmã fazer um barulho para provar a todas aquelas pessoas de roupas pretas que elas estavam enganadas.
A voz dela.
Os olhos dela.
O sorriso dela.
Seus últimos momentos.
Não, *não pode* ser isso.
Ela não pertencia àquele lugar.
Minha irmã mais velha.
Meu único irmão.
Ela nunca mais voltaria.
Não .
Não .
Não!
Alguém pegou minhas mãos e gentilmente as separou antes de entrelaçar seus dedos com os meus.

Não precisei olhar para saber de quem era a mão que segurava a minha.
Eu podia *sentir* sua presença: forte, confiável e segura.
Ele era a *única* coisa que eu conseguia sentir ultimamente.
Segurando com mais força a mão de Hugh, observei sem dizer nada enquanto o enterro da minha irmã lentamente chegava ao fim.
Ela estava no chão agora.
Eles estavam jogando punhados de terra em cima dela, confirmando que ela não voltaria.
Não houve engano.
Caoimhe se foi.
Para sempre .
O padre disse aos meus pais que Deus havia levado a alma da minha irmã para o céu, mas ele esqueceu de mencionar que Caoimhe havia levado a minha alma com ela.
Eu sabia que sim.
Havia um pedaço de mim no chão com ela.
Eu podia sentir isso.
Uma crista vazia e aberta no meu peito onde ela costumava estar.
Onde eu costumava *me sentir* .
Com vários centímetros de altura, Hugh ficou ao meu lado, segurando minha mão durante todo o resto da cerimônia. Mesmo muito tempo depois do término, quando os enlutados se alinharam para oferecer condolências à minha família, ele permaneceu ao meu lado.
Não aceitei nenhum dos inúmeros apertos de mão que me ofereceram, preferindo segurar a mão de Hugh com as minhas duas.
Eu não queria o toque deles.
Eu não queria sentir outra mão na minha pele nunca mais.
Só *esse* menino.
Hugo .
Depois de um tempo, Claire e Patrick vieram ficar conosco.
"Liz." Com lágrimas escorrendo pelo rosto, ela passou o braço pelo meu e me deu um abraço desajeitado. "Sinto muito."
“Obrigada, Claire”, respondi, sentindo-me tão sem vida quanto minha irmã.
"Não sei o que dizer, Liz", acrescentou Patrick, dando um passo à frente para massagear meu ombro. "Sinto muito pela sua perda."
“Obrigada, Patrick”, repeti de volta, sentindo-me morta por dentro.
Fungando, Claire ajustou meu cardigã, colocando-o de volta em meu ombro, embora eu não tivesse percebido que ele estava caindo.
"Ela é ótima, Claire", interrompeu Hugh, afastando a irmã dos botões do meu cardigã. "Deixa ela em paz."
"Só estou tentando ajudar", soluçou minha amiga, olhando para mim com olhos castanhos e solitários. "Quero te ajudar, Liz." Fungando, acrescentou: "Mas não sei o que devo fazer."
"Hugh", sussurrei, sentindo meu corpo fraquejar ao avistar uma sombra se aproximando do outro lado do cemitério. "Olha."
"Olha o quê, Liz?", perguntou Claire, olhando ao redor. "O que você vê?"
"A moça assustadora", sussurrei. "Ela está aqui."

"Que mulher assustadora?", ela perguntou, parecendo em pânico. "Quem é ela?"
"Um fantasma", murmurei, sentindo-me um pouco delirante enquanto continuava a observá-la se mover e se mover em volta das lápides. "Ela tem garras afiadas e nos observa quando ninguém está olhando."
"O-o quê?", Claire engasgou, agarrando o braço de Patrick. "É a banshee?"
"Não, não é, e não tem nenhuma banshee", Patrick tranquilizou Claire, passando o braço em volta dela. "A Liz está passando por muita coisa agora. Ela provavelmente não dorme há dias. É normal que os olhos de uma pessoa preguem peças quando ela está passando por algo assim."
"Não há nada de errado com os olhos dela", interrompeu Hugh, com a atenção voltada para a lápide atrás da qual a vi escondida pela última vez. "Eu também a vejo."
"Ela está aqui, não está?", perguntei, engasgada, virando-me para olhá-lo. "É ela, não é? Aquela que vimos na mata perto da sua casa naquele dia?"
"É." Ele assentiu lentamente, os olhos semicerrados enquanto olhava para o horizonte. "Acho que sim."
"Hugh, para com isso!", gritou Claire. "Você está me assustando."
"Os dois estão com sono, Baby-Biggs", disse Patrick, consolando-a. "Ele está com ela todos os dias desde o acidente. Não se preocupe com isso."
"Vocês ainda conseguem vê-la?", perguntou Hugh, ignorando nossos amigos, enquanto esticava o pescoço para observar a área.
"Não." Balancei a cabeça. "Você consegue?"
Ele balançou a cabeça. "Não."
"Bem, essa é uma boa notícia", Patrick interrompeu, ainda acalmando Claire, que parecia prestes a pular da própria pele.
Foi naquele exato momento que notei a família que tinha vindo ficar ao lado dos meus pais.
Meu sangue gelou imediatamente.
dele estava segurando meu pai, enquanto sua madrasta consolava minha mãe.
Uma traição mais potente do que qualquer coisa que eu já havia sentido tomou conta de mim quando olhei para o garoto parado ao lado *dele* .
Ele olhou para mim com olhos cinzentos.
Olhos culpados .
Como ele pôde fazer isso?
Como ele poderia ficar ao lado dele?
Ele não sabia?
Ele *tinha* que saber.
Fiz o que ela pediu.
Ela prometeu que ele ajudaria.
Ele não tinha.
Lágrimas encheram seus olhos, assim como as que queimavam os meus.
Estreitando os olhos, voltei minha atenção para *ele* . Ele estava de pé junto ao túmulo da minha irmã, recebendo as condolências e exibindo sua falsa dor como um distintivo de honra.
E foi aí que aconteceu.
Foi então que o primeiro grito escapou de mim.
Era um som estridente e penetrante que fez com que todos se virassem e

olhassem para mim.
Meus amigos incluídos.
"Elizabeth, pare com isso!", gritou meu pai, apoiando-se pesadamente em Keith Allen. "Mostre algum respeito pela sua irmã."
Eu não conseguia parar.
Não consegui segurar nem mais um segundo.
Vê-lo parado no túmulo da minha irmã, consolando meus pais, acendeu uma luz dentro de mim.
"Ele fez isso, papai." Com lágrimas escorrendo pelo rosto, gritei a plenos pulmões e apontei para *ele* . "Ele matou Caoimhe!"

NUNCA MAIS FALE COMIGO

Hugo

1 DE MAIO DE 2000

EU ESTAVA NA ALÉM DA CREPÚSCULO .
Eu tinha que ser.
Era a única explicação para esse dia louco.
Num minuto eu estava convencido de que podia ver a mulher assustadora da floresta escondida atrás de uma lápide algumas fileiras atrás de onde eu estava, e no minuto seguinte, Lizzie acusou Mark Allen de matar sua irmã.
No momento em que essas palavras saíram de sua boca, o inferno se instalou.
Fiquei momentaneamente atordoado e em silêncio, tudo o que pude fazer foi assistir, enquanto as piores acusações eram feitas.
"Ele fez isso, eu juro", Lizzie gritava e apontava para Mark, de um lado do túmulo. "Ele a fez ir para o rio. Ele a machucou. Ele a fez morrer!"
"Pai, eu não sei do que ela está falando", protestou Mark do outro lado. "Eu nunca toquei em Caoimhe!"
"Por que você está fazendo isso?", Keith perguntou, estrangulado, parecendo horrorizado. "Por que você está dizendo essas coisas sobre o meu filho?"
“Pare de contar mentiras, Lizzie”, gritou Sadhbh, enquanto *minha* mãe a agarrava pelos ombros e lhe lançava um olhar severo antes de ordenar que se *acalmasse* .
Enquanto isso, Gibsie chorava tanto que mal conseguia respirar. Claire correu para perto dele para confortá-lo.
"Você é um mentiroso", gritou Lizzie a plenos pulmões, puxando os cabelos. "Eu *vi* você! Eu sei o que ele fez, pai." Ela voltou o olhar para o pai. "Ele é um monstro. Caoimhe disse! Ele faz coisas ruins. Com a coisa dele." Ela voltou o olhar para Mark e gritou: "Eu vi você tirar a roupa dela e fazer ela fazer aquilo!"
"Fazer o quê?", perguntou Mike, agarrando os ombros da filha. "O que ele a fez fazer?"
"Ele colocou a *coisa dele* lá dentro", soluçou Lizzie, agarrada ao pai, enquanto a mãe afundava na cadeira, agarrando o braço e lutando para respirar. "Ele não deveria ter feito isso."
"A coisa dele ? O pênis dele?", perguntou Mike, sacudindo Lizzie. "Elizabeth, você está me dizendo que ele estuprou sua irmã?"
"Ele a fez morrer, papai." Chorando copiosamente e com um gesto feio, Lizzie assentiu. "Eu sei que ele fez isso. Você *tem* que acreditar em mim."
"Ela é uma mentirosa de merda", rugiu Mark, apontando o dedo de volta para ela. "Ela é louca, pai. É, eu transei com a Caoimhe, mas ela era minha namorada." Ele balançou a cabeça e olhou feio para Mike. "Sua filha é uma maluca de merda, e você precisa internar ela!"
"Você estuprou minha filha?", perguntou Mike, o corpo vibrando de raiva. "Você forçou *minha* filha?"

"Não!", berrou Mark, parecendo indignado. "Eu nunca forcei sua filha a fazer nada que ela não quisesse!"
"Então por que minha filha está enterrada, Mark?", Mike rugiu de volta. "Por que minha outra filha está culpando você?"
"Porque ela é uma maluca, é por isso!" Mark retrucou cruelmente, ainda apontando para Liz. "E você arruinou a vida da Caoimhe no dia em que decidiu trazer aquela vadiazinha cruel para..."
"Ei!", gritei, entrando na conversa. "Nem pense em xingá-la, seu babaca!"
"Hugh!" Meu pai agarrou a parte de trás do meu casaco e me puxou para longe da briga. "Chega."
Enquanto isso, minha mãe correu para cuidar de Catherine, que estava caída na cadeira.
"Ela é doida pra caralho, Hugh", Mark continuou a rugir, voltando a atenção para mim. "Até *você* sabe disso."
"O que eu sei é que você é um valentão hipócrita que mente descaradamente", retruquei. "E se você chamá-la de louca mais uma vez, vou lhe mostrar o verdadeiro significado da palavra."
"Hugh!" Senti meu pai colocar a mão no meu ombro e o afastei bruscamente. Ele que se foda. Eu não precisava do apoio dele. Não precisava de nada dele.
"Diga a eles, por favor, diga a eles", gritou Lizzie, cambaleando na direção de Gibsie, logo ele. "Você sabe." Ela se ajoelhou na frente dele e agarrou suas mãos. "Eu sei que você sabe, Gibs. Eu te ajudei. Eu ajudei. Eu te ajudei, e agora você tem que *me ajudar* ."
"Eu..." Com uma palidez mortal, Gibsie balançou a cabeça. "Eu *não consigo* ."
"Sim, você pode!" Lizzie gritou, batendo o punho no peito dele. "Você sabe! Você sabe, você sabe!"
Eu me movi para ir até Liz, mas meu pai me arrastou de volta, e dessa vez ele não me soltou.
"Deixe meu filho fora das suas mentiras", gritou Sadhbh, agarrando o filho e arrastando-o para longe de Lizzie e da minha irmã. "Não ouse tentar encher a cabeça dele com seu veneno, sua menininha malvada e perversa."
"Não chore." Caindo de joelhos, Claire abraçou Lizzie com força. "Shh, por favor, pare de gritar."
Não achei que Liz *conseguiria* parar.
Os gritos selvagens que escapavam dela eram o resultado de sete dias de tristeza, dor e raiva que finalmente vieram à tona.
"O que está acontecendo aqui?", perguntou um policial, enquanto outros três chegavam ao local, junto com os paramédicos. Os adultos imediatamente entraram em ação, brigando e discutindo para ter a primeira palavra.
"Achei que você fosse meu amigo", gritou Lizzie, parecendo mais arrasada naquele momento do que eu jamais a vira, enquanto encarava Gibsie, que estava com a família. "Você deveria ser meu *amigo* ."
"Eu *sou* seu amigo", Gibsie chorava enquanto sua mãe o conduzia de volta para onde Mark e Keith estavam. "Eu sou, Liz, eu prometo."
"Então *diga* a eles o que você disse à minha irmã", implorou ela, ainda de quatro enquanto *minha* irmã a segurava. "Diga a eles que ele matou a minha irmã!"
"Ele não pode porque eu *não* fiz nada com a sua irmã!" Mark rugiu, apertando o

ombro de Gibsie com a mão. "Eu sou inocente e meu irmão sabe disso. Você não sabe, Gibs?"
"Não sei o que você quer que eu diga", soluçou Gibsie, chorando tanto quanto Lizzie agora. "Desculpe, Liz, eu não estava lá."
Lizzie soltou mais um soluço angustiante antes de olhar Gibs diretamente nos olhos e dizer: "Nunca *mais* fale comigo".
Foi naquele exato momento que percebi de repente que nada mais seria o mesmo.

PARTE 15

A Grande Divisão

FLASHBACKS E MEMÓRIAS PASSAGEIRAS

Lizzie

2 DE MAIO DE 2000

“ SAIA DE PERTO DE MIM !”
"Você não vai embora!"
"Não, porque é você quem vai embora. Sai da minha casa!"
“Este é um grande mal-entendido, Caoimhe, eu juro.”
"Mark, eu te vi com os meus próprios olhos!", minha irmã gritava. "Como você pôde fazer isso com uma criança?"
Fiquei paralisada na porta. Os pelos da minha nuca começaram a se arrepiar. Meu corpo inteiro começou a suar frio. Era quase como se meu estômago tivesse chegado ao fundo do poço .
Agarrando o edredom, senti-me um pouco tonta, quase como se estivesse prestes a desmaiar .
"Elizabeth! Vem aqui agora mesmo." Ela parecia querer me matar, então fiz a única coisa que podia naquele momento. Saí correndo. "Preciso falar com você!"
Prendendo a respiração, entrei no meu guarda-roupa e fechei a porta silenciosamente atrás de mim. Cobrindo a boca com a mão, congelei e esperei .
"Gibsie sabe o que você é!", Caoimhe o ameaçava. "E eu também!"
O que eles sabiam?
O que estava acontecendo?
“Não me ameace, Caoimhe!”
E por que minha pele estava arrepiada?
Por que eu quis arrancar minhas orelhas para não ouvir sua voz?
"Meu Deus!", Caoimhe continuou gritando. "Eu trouxe um pervertido para perto daquelas crianças. Eu trouxe você para perto da minha irmã..."
"O que ela disse?", ele perguntou. "O que aquela vadiazinha te disse? Porque você sabe que ela mente, Caoimhe. Você não pode acreditar em uma palavra que essa lunática diz."
“O que ela quis dizer com o que eu disse?”
“Nada, esquece que eu disse isso.”
"O que você quis dizer, Mark?", perguntou Caoimhe. "O que você fez com a minha irmã?"
"Dá para parar de gritar por um segundo, porra!", ele rugiu de volta. "Estou tentando pensar."
"Não, não, não, não!" Caoimhe soltou um grito estridente. "Diga que não! Lizzie, não!"
“Caoimhe, pare de gritar e deixe-me explicar…”
Tentei contar a eles.
Para que todos entendessem.
Sobre o monstro dos meus pesadelos, a senhora assustadora me observando nas

sombras e os olhos mortos da minha irmã.
Meus pensamentos estavam confusos, e eu tentei muito fazer tudo fazer sentido, mas todos os meus esforços para explicar saíram como uma confusão de apelos frenéticos e acusações frenéticas que ninguém parecia levar a sério.

EU ACREDITO NA SUA FILHA

Hugo

3 DE MAIO DE 2000

"VOCÊ TEM MUITA CORAGEM DE APARECER AQUI , H UGHIE ", foram as primeiras palavras que Michael Young disse quando abriu a porta da frente e me encontrou na porta dele na quarta-feira de manhã.
Eu não podia culpar o homem por sua hostilidade. Não depois de ter testemunhado o confronto no funeral de sua filha mais velha, dois dias antes. O meio-irmão do meu amigo mais velho fora acusado de estuprar a irmã da minha namorada. Meus pais tinham ficado do lado da mãe do referido amigo mais velho, o que significava, para aquele homem, que eu pertencia ao lado inimigo. Mas eu também não podia ser responsabilizado pelas ações dos outros.
Quando tudo deu errado no cemitério e Liz e eu fomos levados em direções opostas, não tive escolha. Tive *que* ir embora com a minha família. Também não tive a chance de falar o que pensava no cemitério — embora isso fosse algo que eu tivesse compensado depois.
Quando voltamos para nossa rua e fomos mandados para o quarto de Gibsie no andar de cima para que os adultos pudessem conversar em particular, eu perdi a cabeça e desci as escadas furioso.
Além de ficar furioso quando ouvi Sadhbh falando mal da minha namorada, eu avancei para cima de Mark no momento em que ele voltou da delegacia da Garda com o pai.
Minha momentânea perda de sanidade me custou um nariz quebrado — cortesia de Mark — e uma proibição vitalícia do número nove — cortesia de seu pai.
Mas valeu a pena, e eu aceitaria de bom grado uma dúzia de ossos quebrados se isso significasse que eu poderia bater naquele idiota de novo.
Melhor ainda, papai perdeu o juízo ao ver o estado do meu rosto e deu uma surra no Mark por ter tocado em "seu filho". Eu não estava muito feliz por ser chamado de criança, mas não podia negar o bem que meu pai tinha feito por mim. Afinal, papai tinha sido banido do número nove junto comigo.
Tudo tinha ido para o inferno na minha rua, e eu sabia que estava arriscando pedalando até ali, mas como poderia não fazer isso?
Recusei-me a abandoná-la.
Não importa o que .
"Por que você não volta para Avoca Greystones?", Mike continuou a ferver, parecendo mais abatido do que no funeral da filha. "Hum? Volte correndo para os Allens e defenda o filho bastardo e estuprador deles, como seus pais decidiram fazer."
"Eu não sou meus pais", eu disse calmamente, reforçando minha determinação. "E também não sou aquele estuprador desgraçado."
Minhas palavras pareceram desconcertar o pai de Lizzie e fazê-lo parar para pensar. "O que você está dizendo, Hugh?"

"Estou dizendo que acredito na minha namorada", respondi, aproveitando a brecha temporária em sua determinação. "Eu *acredito* na sua filha, Mike", disse a ele, endireitando os ombros para parecer o mais adulto possível. "E eu vim aqui para dizer exatamente isso a ela."
Mike soltou um suspiro e eu observei a tensão lentamente se dissipar de seus ombros rígidos. "Então, está bem." Afastando-se, ele segurou a porta aberta. "É melhor você entrar, filho."

A primeira coisa que me saudou quando cheguei ao patamar foram os sons agudos e lamentosos vindos de trás da porta fechada do quarto de Caoimhe.
Imediatamente, reconheci os soluços perturbadoramente antinaturais como os de uma mãe em luto. Só uma vez antes eu ouvira um lamento como aquele, e vinha de Sadhbh Allen quando Bethany morreu. O lamento excruciante que saía de uma mãe enlutada quando seu filho morria era assombrosamente distinto e algo que eu esperava desesperadamente nunca ter que suportar pela terceira vez.
Contendo um tremor, fui direto para o quarto de Lizzie, tentando bloquear os gritos de dor da mãe dela. Quando entrei, não me dei ao trabalho de bater, pois sabia que não adiantava. Minha namorada estava sem vida na cama, sob efeito de Deus sabe o que os médicos tinham prescrito para anestesiar a dor.
Indo direto até ela, tirei os sapatos e me enfiei debaixo das cobertas ao lado dela. "Oi, querida, sou eu", ouvi-me sussurrar e então franzi a testa rapidamente ao perceber o carinho que escapara dos meus lábios. Nossa. Eu nunca tinha chamado Liz *assim* antes. Ainda mais estranho era o fato de parecer *certo* . Como se eu devesse chamá-la assim.
"Oi", sussurrou Liz, ainda olhando sem vida para o teto acima dela, enquanto as lágrimas escorriam pelo rosto. "Não consigo virar a cabeça."
"Tudo bem", respondi, estendendo a mão para ela. "Eu posso fazer isso por você."
"Me deram uma injeção", ela grasnou quando a virei de lado para me encarar. "Outra." Olhos azuis inchados me cumprimentaram. "Não sinto nada."
"Talvez isso seja bom", sugeri, apoiando a mão em sua bochecha. "Você já sentiu dor suficiente, Liz."
"Eu quero sentir você", ela sussurrou, com os olhos fixos nos meus. "E eu não consigo."
"Você não consegue me sentir agora?" perguntei, acariciando sua bochecha.
“Não”, ela respondeu enquanto outra lágrima caía de seus longos cílios.
"Tudo bem", respondi gentilmente. "Eu consigo sentir você."
"Você pode?"
“Sim, eu posso, Liz.”
"Como me sinto?"
"Honestamente?"
"Sempre."
"Você me queima", admiti, acariciando sua bochecha. "Da melhor maneira possível."
Ela pareceu pensar nisso por um momento antes de perguntar: "Alguém mais te

queima?"
"Não", respondi, totalmente fixado em seu rosto. "Só você."
"Realmente?"
“Juro pela minha vida.”
"Ai, meu Deus." Seu peito arfava. "Senti tanto a sua falta, Hugh."
“Senti mais sua falta, Liz”, respondi, lutando contra o tsunami de emoções que crescia dentro de mim.
"Eu piorei tudo um milhão de vezes", confessou ela então, com o peito subindo e descendo rapidamente. "Eu quebrei meus pais."
"Não, você não fez isso", eu insisti, me aproximando para encostar minha testa na dela. "Você não quebrou ninguém, Liz. Foi ele quem fez isso."
Ela prendeu a respiração. "Você *acredita* em mim?"
"Claro que sim", respondi com a voz rouca. "E sinto muito por tudo que aconteceu no funeral." Um suspiro de dor escapou dos meus lábios entreabertos. "Eu queria ir com você depois da briga, juro que queria, mas meus pais me obrigaram a voltar para casa."
"Ninguém mais acredita em mim, Hugh", ela disse, estrangulada, com os olhos azuis arregalados. "Mas eu estou dizendo a verdade, eu juro."
"Eu sei que sim", respondi rispidamente, odiando o tremor na minha mão quando tirei o cabelo do rosto dela. "E isso não é verdade, Liz. Seus pais também acreditam em você."
"Só porque eles são meus pais", ela sussurrou, com a expressão desanimada. "Só porque é mais fácil culpar ele do que a mim."
“Por que eles culpariam você?”
"Porque eu sou eu", ela disse, estrangulada. "Porque eu estava lá e não a impedi."
"Como você ia impedi-la?", insisti no tom mais gentil que consegui.
Lizzie piscou, confusa. "Eu a impedi?"
Meu coração se partiu e eu fiz a única coisa que podia naquele momento: inclinei-me e dei um beijo em sua bochecha antes de sussurrar as palavras "eu te amo" em seu ouvido.
Os eventos daquela noite ainda eram um mistério, e eu sabia que Liz guardava muito mais informações em sua mente complexa do que aquele bastardo mentiroso havia dado às autoridades. O único problema era que as memórias de Lizzie estavam fragmentadas, fragmentos que precisavam ser cuidadosamente reunidos, e só o tempo poderia restaurá-los. Quanto tempo, eu não fazia ideia, mas se eu a pressionasse agora por mais tempo do que ela era capaz de revelar, ela escorregaria de volta para dentro de sua mente, e eu a perderia novamente. Recusei-me a fazer isso porque, egoisticamente, eu queria mantê-la saudável mais do que queria saber a verdade.
"Seu nariz", ela sussurrou então, concentrando-se no meu rosto. "Seus olhos." Sua respiração falhou. "Você está todo machucado."
"Estou ótima." Dispensei suas palavras com um sorriso. "Você devia ver o outro cara."
"Quem te machucou?"
“Ninguém, Liz.”
"Fui eu?"

"Você?" Franzi as sobrancelhas, confusa. "Não, Liz, claro que não."
"Ah." Ela pareceu dar um suspiro de alívio. "Desculpe."
"Não se desculpe por algo que você não fez", eu disse a ela, enxugando uma lágrima com o polegar. "Além disso, sou eu quem deveria se desculpar."
"Por que você está arrependido?"
“Por ter te abandonado depois do funeral.”
“Mas você voltou.”
“Dois dias depois, Liz.”
“Mas você ainda voltou, Hugh.”
"Eu sempre voltarei para você", ofereci, querendo abraçá-la e mantê-la segura. "Não importa quantas vezes eu tenha que ir embora, saiba que *sempre* voltarei para você."
“Para mim ou por mim?”
"Ambos."
“Ótimo, porque você é a única razão pela qual estou aqui.”
"Não, Liz." Meu coração se partiu. "Por favor, não diga isso."
"É a verdade." Sua expressão se contraiu e ela cerrou os olhos para conter as lágrimas. "Acho que o destino errou."
Minhas sobrancelhas se franziram em confusão. "O que você quer dizer?"
"Sou eu quem deveria me afogar, não ela", explicou ela. "Eu vou morrer na água, Hugh."
"Liz." Meu corpo inteiro ficou tenso. "Por que você diz isso?"
“Por causa do meu sonho.”
“Que sonho?”
“Aquele em que estou tentando nadar até a superfície e alguém está empurrando minha cabeça para baixo.”
"Puta merda, Liz." Não consegui esconder meu horror. "Há quanto tempo você está tendo esse sonho?"
"Desde que me lembro", ela sussurrou. "A pessoa que me segura grita para eu parar de lutar, para simplesmente desistir e respirar." Um tremor percorreu seu corpo inteiro. "Quando eu morro, e é aí que eu acordo."
"Isso é horrível."
"Acho que é um presságio", admitiu ela, parecendo arrasada. "Que eu nunca deveria estar aqui... que eu deveria morrer debaixo d'água."
"Não." A palavra saiu com muito mais força do que eu pretendia, mas não consegui evitar porque meu coração disparava no peito. "Não, Liz, isso não é verdade, então não ouse acreditar."
“É meio difícil não fazer isso quando eu realmente quero *não* estar aqui, Hugh.”
"Preciso de você aqui, Liz", resmunguei. "Preciso *de* você."
"Você não precisa de mim, Hugh", respondeu ela, triste. "Você me quer, mas nem sempre se sentirá assim."
"Isso é besteira e você sabe disso", argumentei, puxando seu corpo para mais perto do meu. "Além do fato de você ser minha namorada e eu te adorar, você é minha melhor amiga desde os meus sete anos. Você é a guardiã de todos os meus segredos e a única garota neste planeta com quem eu passaria meu tempo de bom grado. Eu realmente *preciso* de você, Liz."
“Estou tão quebrado, Hugh.”

"Você não está quebrado", respondi gentilmente. "Você está de luto."
" *Estou* destruída", ela disse, estrangulada, parecendo devastada. "Não sou *boa* , Hugh. Não sou a garota que você pensa que sou, e um dia desses, você vai descobrir isso e ir embora."
"Não vou", retruquei insistentemente, sentindo-me completamente aleijado por ela ter tão pouca fé na minha capacidade de ficar com ela. "Não vou te deixar, Liz."
"Caoimhe foi embora", ela sussurrou, fechando as pálpebras para esconder sua dor de mim. "Você também vai embora."
"Não sou eu", argumentei, pegando a mão dela. "Eu não sou essa pessoa." Coloquei a mão dela na minha bochecha. "Eu nunca vou *te* deixar sozinha."
"Talvez você devesse", ela murmurou. "Antes que se machuque."
"Você vai me machucar, Liz?", perguntei, cobrindo a mão dela com a minha.
“Não, mas ele pode.”
"Marca?"
"Talvez." Seus dedos se contraíram sob os meus. "Ou talvez o monstro te pegue primeiro, ou a mulher assustadora."
"O monstro não vai me pegar", prometi a ela pelo que pareceu a milionésima vez em todo o nosso relacionamento. "E nem a mulher assustadora. Quanto ao Mark Allen, ele deveria ter medo de que *eu* o pegue."
Seus olhos se abriram de repente. "Não, Hugh! Não!" Olhos azuis e assustados fixaram-se nos meus. "Não chegue perto dele."
"Não tenho medo dele, Liz", eu disse, tentando consolá-la. "E ele vai ter o que merece." *De um jeito ou de outro ...*
"Prometa-me, Hugh." Sua mão se moveu bruscamente para agarrar minha camisa. "Prometa-me que você vai ficar longe dele."
"Bem", suspirei pesadamente. "Neste momento, estou proibido de entrar na casa dele, então você realmente não tem uma pilha enorme com que se preocupar."
"Por que?"
“Não é grande coisa, Liz.”
Os dedos dela apertaram o tecido da minha camisa. " *Por quê* , Hugh?"
Pensei em mentir para proteger suas emoções frágeis, mas *não consegui* . Não quando ela me olhava com total confiança nos olhos. "Briguei com o Mark." Suspirando em derrota, continuei rapidamente: "Dei uma surra nele por três minutos inteiros antes de ele quebrar meu nariz — ah, e aí meu pai quebrou o nariz dele." Dando de ombros, admiti: "Papai também está banido de casa."
"Por que você faria isso?", ela perguntou, estrangulada, os dedos trêmulos percorrendo meus cortes e hematomas. "Ele é muito mais velho e muito maior que você."
"Talvez agora", concordei a contragosto. "Mas ele não será para sempre." Peguei a mão dela na minha e dei um beijo em seu pulso marcado. "Eu vou crescer, Liz. Um dia, serei uma cara, e se esse babaca sequer olhar na sua direção, eu vou enterrá-lo.”
Os olhos dela se arregalaram. "Você o m-mataria?"
"Se ele te tocasse? Com certeza", confirmei, sombria. "E eu também não me sentiria mal com isso."
"Você faria isso por mim?" Um arrepio profundo percorreu seu corpo. "Mas *por*

quê ?"
"Porque eu te *amo* ", insisti, beijando seu pulso novamente. "E porque eu *acredito* em você, Liz." Entrelacei seus dedos com os meus antes de acrescentar: "Eu *acredito que* ele estuprou Caoimhe." Chegando mais perto, pressionei minha testa na dela mais uma vez e sussurrei: "E eu *nunca vou* deixar aquele animal fazer com você, Claire, ou com qualquer outra garota o que ele fez com sua irmã. Mas principalmente com você."
“Por que principalmente eu?”
“Porque eu te amo acima de tudo.”

EU VOU AFUNDAR DE NOVO

Lizzie

10 DE MAIO DE 2000

Gritando meu nome a plenos pulmões , C AOIMHE invadiu meu quarto . "Elizabeth, saia agora mesmo. Preciso falar com você!"
Abrindo a porta do guarda-roupa com dificuldade, saí cautelosamente, em pânico. "Desculpe, Caoimhe."
"Ele tocou em você, Lizzie?", perguntou minha irmã, empurrando Mark quando ele tentou abraçá-la. "Mark te forçou a transar com ele?"
Meu corpo se transformou em pedra, e olhei para minha irmã com lágrimas escorrendo pelo rosto. "Estou encrencada?"
"Ela está mentindo", rosnou Mark, empurrando minha irmã com tanta força que ela caiu no chão. "Diga a ela que eu nunca te forcei, sua vadia!" Ele agarrou meu braço e me obrigou a ficar de pé. "Diga a ela, porra, sua vadiazinha!"
"Não toque nela!" Gritando e rosnando, Caoimhe se atirou nele, arranhando-o e dilacerando-o. "Seu monstro de merda."
"Estou quebrado", soluçou ele, tentando puxar o corpo dela para perto do seu. "Preciso de ajuda, querida, estou doente."
"O que você fez com ela?", ela continuou gritando, derrubando-o no chão. "Há quanto tempo isso está acontecendo?"
"Ela queria, eu juro", ele tentou implorar, imobilizando minha irmã. "Ela sempre teve ciúmes da gente. O que eu tenho com você. Ela é uma puta de merda, meu bem. Sua irmã me enganou. Você não tem ideia do que ela é capaz.
"Ela é uma criança!", rosnou Caoimhe, empurrando os quadris para derrubá-lo do peito. "Que porra é essa de errado com você?"
"Você não pode contar a ninguém, Caoimhe", gritou ele, segurando as mãos dela acima da cabeça. "Por favor, querida, por favor. Eu vou me matar. Você não quer isso, quer? Você quer que eu morra, querida? Porque é isso que vai acontecer..."
A Garda não acreditou em mim.
Os adultos também não.
Ninguém acreditou em mim.
Exceto Hugh , minha mente encorajou, *o bravo cavaleiro acredita em sua dama* .
Todos os outros achavam que eu estava perturbado.
Talvez eu estivesse.
Eles tinham tanta certeza de que eu estava enganado que fiquei chocado.
Isso abalou minha determinação.
Isso me fez duvidar de mim mesmo.

NÃO SEJA MAIS AMIGO DELE

Lizzie

24 DE MAIO DE 2000

À MEDIDA QUE OS DIAS SE TRANSFORMARAM EM SEMANAS, A MEMÓRIA DA MINHA IRMÃ COMEÇOU A DIMINUIR LENTAMENTE . O fluxo constante de bandejas de assados e caçarolas caseiras que eram entregues diariamente pelos nossos vizinhos havia parado. Assim como a chegada de simpatizantes à porta da frente. Hoje era o aniversário de um mês dela e ninguém tinha se dado ao trabalho de aparecer em casa. De certa forma, fiquei aliviada, pois não achava que conseguiria apertar a mão de outro estranho sem perder o que me restava da sanidade — e eu realmente não tinha muito a perder naquele momento.

A única figura consistente que continuou a visitar foi o garoto cuja mão segurava a minha.

Hugh era a única pessoa que continuava vindo, e para mim, sua presença significava mais do que toda a comunidade de Ballylaggin. A cidade inteira poderia ficar longe para sempre se isso significasse que eu poderia ficar com ele. Se isso significasse que esse garoto ficaria.

"Onde está seu pai?", perguntou Hugh, me distraindo dos meus pensamentos. "Não vi o carro dele lá fora."

"Ah, acho que ele foi trabalhar", murmurei, prendendo o cabelo atrás das orelhas enquanto o observava andando pelo meu quarto, dobrando roupas e arrumando. "É, acho que foi isso que ele me disse."

“Quando ele foi embora?”

"Esta manhã", *penso* . "Mamãe está no quarto." Como se ele precisasse que eu dissesse isso. Nós dois ouvíamos o choro vindo de baixo.

“Posso te levar para sair hoje?”

Balancei a cabeça, recuando contra os travesseiros às minhas costas ao pensar nisso. "Hoje não."

Ele se virou para mim, com olhos castanhos calorosos e cheios de compreensão. "Não entre em pânico, Liz. Nunca vou te forçar a fazer nada que você não queira."

Dei um suspiro de alívio. "Certo."

"Mas um dia desses, vou te *convencer* a sair deste quarto", acrescentou Hugh em tom brincalhão, diminuindo a distância entre nós. "Vamos começar descendo." Subindo na minha cama, ele balançou as sobrancelhas e pegou na minha mão. "E depois vamos para o jardim." Me puxando para o seu colo com o mínimo de esforço, ele passou o braço em volta das minhas costas e roçou a bochecha na minha. "Talvez então, a gente vá para a minha casa."

"Não." Meu corpo se transformou em pedra em seus braços. "Não consigo."

"Não seja tão precipitada", ele continuou a provocar, os lábios roçando meu ombro nu. "Esta pele precisa de sol." Ele deu um beijo carinhoso na curva do meu pescoço. "Pense na vitamina D."

"Não, quero dizer, não posso ir por aí", respondi, tremendo quando seus lábios me tocaram. Ah, sim, eu definitivamente conseguia *sentir* seus lábios. Seu beijo era inocente, mas fez meu corpo responder de uma forma não tão inocente assim.
Menina má .
Garota má .
Puta imunda .
"Não posso chegar perto daquela rua", disse abruptamente, tentando desesperadamente me concentrar no presente e bloqueá -*lo* . "Eu "Não posso ir à sua casa, Hugh. Não quando ele está lá." *E ele está sempre lá* . "Desculpe."
Hugh ficou em silêncio por um longo momento antes de soltar um suspiro pesado. Em vez de discutir comigo, como eu meio que esperava, ele me virou no colo para encará-lo. "Eu te amo", disse ele, com os olhos castanho-claros como uísque me encarando. "Eu te amo tanto." Levantando a mão, ele segurou meu rosto entre as mãos e me deu um beijo na testa. "Diga que você sabe disso, Liz."
"Eu sei que você me ama, Hugh", sussurrei entrecortada, enquanto me sentava em seu colo. "Mas você o ama mais."
"Não. Não tenho." Com um ar triste, Hugh balançou a cabeça lentamente. "Nem de perto."
Sim, ele fez.
Quer ele quisesse admitir ou não, Hugh amava Gerard Gibson como um irmão. Eles tinham um vínculo muito mais profundo do que a amizade. Suas vidas estavam entrelaçadas de uma forma mais profunda do que qualquer coisa que eu já tivesse conhecido. Houve muitas ocasiões ao longo dos anos em que desejei que minha própria irmã me amasse como Hugh *o amava* .
Eu entendia o porquê, é claro. Eu também já o amei como um irmão.
Até que ele protegeu o monstro responsável pela morte da minha irmã.
Até que ele me traiu.
Até que ele partiu meu coração.
Ele fez isso com ela .
Ele matou sua irmã .
Nunca se esqueça disso, querido .
Ele é responsável por tudo isso .
Você nunca mais verá sua irmã e é tudo culpa dele .
"Então não seja mais amigo dele, Hugh", implorei, já sabendo qual seria a resposta. Não. Assim como da última vez que perguntou a ele e na vez anterior. "Por favor." *Dói demais* . "Só..." *Só me escolha* .
"Liz, por favor." Hugh beliscou a ponta do nariz e soltou um gemido de dor. "Não posso simplesmente abandoná-lo. Ele não fez nada de errado. Gibsie é tão inocente nisso tudo quanto você."
Não fiquei surpreso com sua resposta.
Apenas desinflado.
E um pouco mais morto por dentro.
Porque Hugh nunca escolheria entre nós, o que significava que ele *o escolheu* . Assim como Claire e Patrick também o escolheram. Eu era a pessoa descartável no nosso grupo de amigos. Eles nunca o deixariam para trás porque, para a família Biggs, Gerard Gibson era indispensável. Ele era mais família do que eu

jamais seria, e isso doeu.
"Ele é irmão dele", sussurrei, mesmo sabendo que não adiantava. Eu nunca conseguiria fazer meu namorado entender algo que eu mesma não entendia. Não conseguia explicar por que tive vontade de arrancar a pele dos meus ossos quando ouvi o nome de Gibsie, mas foi uma reação muito real, muito física para mim. Uma reação que minha mente me garantiu que eu tinha razão em sentir.
Porque ele é mau .
Como ele .
Porque eles me machucaram .
Porque mataram minha irmã .
"Não por escolha própria", afirmou Hugh calmamente. "A mãe da Gibsie se casou com o pai do Mark. Isso não os torna irmãos biológicos."
Um arrepio de repulsa percorreu meu corpo. "Eles ainda são família."
"Gibs também é minha família. *Por escolha própria* ", retrucou Hugh, frustrado. "Isso significa que também sou culpado por associação?"
"Esquece", murmurei, piscando para afastar as lágrimas. "Esquece que eu disse alguma coisa." Fungando, desci do colo dele e me afastei para o lado oposto da minha cama. "Ele é sua família e eu sou só uma menina."
"Isso não é verdade, e você sabe disso, Liz", Hugh retrucou, com a voz rouca e rouca. "Você nunca foi apenas uma garota para mim, mas não posso continuar tendo essa mesma briga com você."
"Então pare de vir aqui e não precisará mais vir", sibilei, na defensiva. "Você deveria ir embora."
"Nem pensar que vou embora", ele respondeu, virando-se para me encarar. "Nem pense em me dar essa armação. Não vai funcionar."
"Que façanha?"
"Me empurrando para longe?" Ele balançou a cabeça. "Eu não vou embora, Liz, então pare com isso."
"Não posso ficar com você se você estiver com ele", ouvi-me gritar, com as lágrimas escorrendo livremente pelo meu rosto. "Não quero ter nada a ver com a família dele, e você tem *tudo* a ver com eles."
"Você não precisa ter absolutamente nada a ver com nenhum deles para ficar comigo!", Hugh gritou de volta, passando a mão pelos cabelos em frustração evidente. "Então, fique comigo , Liz!"
"Eu não quero estar em lugar nenhum, Hugh!" Perdi o controle e gritei. "E eu, principalmente, não quero estar nesta porra de casa!" Me ajoelhei, passei as mãos pelos cabelos, frustrado, e soltei um grito furioso.
“Não, Liz, pare!”
"Minha irmã morreu, e minha mãe está morrendo!" Puxei meu cabelo com tanta força que uma mecha se soltou na minha mão. Joguei-a fora e rapidamente alcancei minhas coxas vestidas com o short.
“Lizzie, por favor—”
"Meu pai me odeia, e eu perdi todos os meus amigos!" Cravando as unhas na pele, rasguei a carne fundo o suficiente para tirar sangue. "Quem me dera poder trocar de lugar com Caoimhe!" Ignorando sua protestos, continuei a gritar e a arranhar a pele. "Queria ter morrido naquela noite, porra!"
"Não, querida, não!" Senti os braços de Hugh me envolverem como um torno,

me deixando indefesa. "Por favor, Liz, não se machuque."
"Não é justo!", gritei a plenos pulmões. "Por que ela teve que morrer, Hugh? Por que Caoimhe? Por que assim *?* Por que *minha* irmã?"
"Não sei, Liz", respondeu ele, segurando-me com firmeza. "Gostaria de ter as respostas para você, mas não tenho. A única coisa que posso dizer com absoluta certeza é que estou feliz por não ter sido você."
“Não diga isso!”
"Fico *feliz* que você não tenha morrido naquela noite, e eu *jamais* desejaria que você trocasse de lugar com Caoimhe. Nem em cem mil vidas! Eu escolho você todas as vezes, Lizzie Young, porque eu te amo!"
"Não, você não quer!", gritei, tentando, sem sucesso, escapar do seu aperto implacável. "Você não me ama porque não consegue!" Ele era tão mais forte do que eu que eu não conseguia me libertar, por mais que tentasse. "Está me ouvindo? Você não consegue, porra!"
"Eu amo, eu amo", Hugh continuou a sussurrar sem parar, enquanto colava minhas costas ao seu peito, meus braços presos ao meu corpo. "Eu te amo, e você não pode me fazer parar."
"Você é amigo dele, não meu!", gritei, desesperada para provar que estava certa. Porque ele também me deixaria. Era tudo o que eu tinha certeza nesta vida. Ninguém ficava. "Você é *dele* !"
"Sou seu", ele me acalmou, com a voz firme e inabalável, enquanto eu soava selvagem. "Sou todo seu."
"Não minta para mim", avisei, sentindo meu peito arfar com o pânico que me consumia. "Não aguento mais."
"Sou seu", Hugh continuou a prometer, os lábios roçando minha orelha enquanto falava suavemente. "Sempre fui seu."
"Mas eu não sou uma boa pessoa", gritei, sentindo-me destruída. "Sou uma menina má."
"Isso não é verdade", respondeu Hugh, com a voz carregada de emoção. "Tudo em você é *bom* , Lizzie Young, e eu sou seu melhor amigo, então eu deveria saber."
"Mas eu sou bipolar", eu disse com a voz rouca, sentindo meu corpo ficar mole contra o dele.
Ele beijou minha têmpora. "Eu sei."
"Isso *não é* bom."
“Quem disse?”
Fungando, sufoquei um soluço de dor. "Todo mundo."
"Eu não." Ele beijou minha têmpora novamente. "Acontece que eu adoro essa sua mente complexa."
“Não é complicado, é uma loucura.”
"Você não poderia estar mais errada se tentasse", respondeu ele em tom confiante. "Você vai viver uma vida *ótima* , Liz. Um pouco complicada, claro, e talvez desafiadora às vezes, mas vai ser uma vida ótima pra caramba."
"Eu sou?"
“Sim, Liz, você é.”
“Como você pode saber disso?”
“Porque eu vou ter certeza disso.”

A OPRESSÃO DA DEPRESSÃO

Hugo

25 DE MAIO DE 2000

APÓS O FUNERAL DE C AOIMHE, AS FAMÍLIAS ALLEN E YOUNG RAPIDAMENTE SE TORNARAM O COMENTÁRIO DA CIDADE. Os boatos se espalharam, e a causa da morte de Caoimhe se tornou o foco de todas as conversas repletas de fofocas em um raio de dezesseis quilômetros.

Mark permaneceu firme em sua afirmação de inocência, enquanto seus pais estavam determinados a defendê-lo com determinação inabalável.

Keith e Sadhbh nem sequer cogitaram a ideia de que pudesse haver verdade no que Lizzie disse. Em vez disso, não só a desacreditaram, como difamaram toda a sua família — incluindo sua irmã falecida.

Enquanto isso, Gibsie estava tão inconsolável com toda aquela provação que mal conseguia funcionar.

Além de devastado ao perceber a perda de um de seus melhores amigos, Gibs passou a maior parte das noites desde o funeral em lágrimas, encontrando conforto em Claire, que, além da escola, permaneceu fielmente ao seu lado.

Apesar da intensa antipatia do meu pai pelos Allens, ele estava determinado a apoiar o filho sobrevivente do seu melhor amigo, o que significava que ele também estava — embora relutantemente — do lado de Mark.

Enquanto isso, minha mãe e minha irmã continuaram fingindo neutralidade, mas estava claro que elas tinham a mesma opinião que meu pai.

A rejeição arrogante de Keith e Sadhbh à revelação de Lizzie só pareceu alimentar as chamas quando se tratava de Catherine e Mike, que estavam firmes na busca por uma investigação completa sobre a morte de sua filha.

Durante semanas, a Gardaí foi e voltou do número nove da Avoca Greystones, fazendo perguntas e buscando declarações, mas nada parecia acontecer.

Nenhuma prisão foi feita até agora, e Mark continuou a residir na casa do outro lado da rua da minha e a frequentar suas aulas em Tommen, mas ele não saiu ileso das pessoas de Ballylaggin porque, apesar da falta de evidências, os boatos continuaram a se espalhar como fogo.

Embora ninguém tenha acusado Mark abertamente de ser um estuprador, e os resultados preliminares da autópsia não tenham apontado crime, a semente da dúvida foi plantada, e ele rapidamente se tornou o leproso da cidade. As pessoas o evitavam nas ruas e o evitavam na escola, o que só serviu para causar mais divisão entre as famílias.

Embora a liminar do meu pai no número nove tenha sido rapidamente revogada por Sadhbh, a minha permaneceria em vigor até Mark partir para a faculdade no final de junho.

Além disso, fui instruído a evitar qualquer contato com o próprio estuprador e nem mesmo atravessar a rua quando o carro dele estivesse na garagem.

Como se eu me importasse.

Eu não teria mijado no idiota se ele estivesse pegando fogo.
Não quando ele era o instigador por trás desse pesadelo vivo e pulsante.
Por causa das ações dele, uma linha foi traçada no meio do meu mundo, com meu amigo mais antigo de um lado e minha namorada do outro.
Aquilo tudo me deixou enjoado e, sinceramente, não imaginei que outro ser humano pudesse se sentir tão dividido quanto eu.
Porque eu *acreditei* nela.
As autoridades duvidaram do relato dela sobre a noite, e os adultos a rotularam como doente mental, mas eu conhecia Lizzie Young melhor do que ninguém, e se eles pudessem ser pacientes com ela e olhar além do próprio estigma, eles veriam o que eu vi.
Uma garota que estava dizendo a *verdade* .
Eu sabia que a história dela havia mudado e se transformado muitas vezes desde o funeral, desde Mark empurrando Caoimhe para dentro da água até ele ser o motivo de ela ter pulado, mas *não era* porque Liz estava mentindo. Era porque ela estava *traumatizada* . Tudo o que ela precisava era de tempo para juntar as ideias, mas, aparentemente, não era assim que a lei interpretava as lacunas em sua história.
Ao contrário dos outros, não duvidei da minha namorada nem por um minuto.
Se Lizzie disse que Mark estuprou sua irmã, então foi isso que aconteceu.
O que me deixou dividida foi o ódio repentino e intenso que ela sentia por Gibsie. Ela o culpava pela morte de Caoimhe tanto quanto culpava Mark. Talvez até mais. Vi isso nos olhos dela naquele dia, junto ao túmulo, quando ela caiu de joelhos diante dele. Foi como se um interruptor tivesse sido acionado em sua mente, e ele tivesse se tornado seu inimigo mortal. Eu sabia que ela não estava raciocinando racionalmente e não a culpava nem um pouco, mas me partiu o coração vê-la voltar sua angústia para Gibsie.
Porque, embora eu acreditasse plenamente na minha namorada quando se tratou do papel de Mark na morte de Caoimhe, eu também sabia com absoluta certeza que Gibsie não teve nada a ver com isso.
Ele era tão inocente quanto ela.
Mas algo morreu dentro dela naquele dia. Uma parte da minha namorada se enterrou junto com a irmã dela, e eu não consegui impedir.
Era como se a morte da irmã tivesse quebrado uma parte crucial da sua mente, e eu não conseguia mais alcançá-la como antes. A luz nos olhos dela se foi e a mudança em sua personalidade foi tão rápida quanto contrastante.
Liz estava muito mais fechada e agressiva agora, com rápidas mudanças de humor que poderiam causar uma chicotada. Seus altos e baixos eram ainda mais assustadores. A qualquer momento, ela podia alternar entre distante e indiferente e afetuosa e atenciosa.
Por tentativa e erro, aprendi na prática, encontrando maneiras de lidar com as oscilações de humor da minha namorada, mas estava claro que ela não era mais a mesma pessoa. Pior ainda, nada do que eu fazia parecia reavivar a parte do seu espírito que havia sido apagada naquela noite.
Tudo o que eu podia fazer agora era tentar segurar as partes dela que eu ainda conseguia alcançar.
Segure firme e reze para que ela não escorregue dos meus dedos.

Ajeitando a menina adormecida no meu colo, encostei-me na pilha de travesseiros às minhas costas e forcei meu coração a manter um ritmo constante. Eu podia sentir suas lágrimas escorrendo pelo tecido da minha camisa da escola, mas não me mexi. Mesmo dormindo, ela chorava por tudo o que havia perdido, e isso partiu meu coração.
Com a bochecha pressionada contra meu peito e as mãos agarrando minha camisa, Liz se agarrou a mim como se eu fosse sua última tábua de salvação, e às vezes eu achava que poderia ser.
Eu certamente me tornei o homem de plantão quando ela perdeu o juízo. Provavelmente porque eu era o único com coragem suficiente para vasculhar a mente dela e trazê-la de volta para mim.
O pai dela certamente não se esforçou. Pelo contrário, Mike havia se descontrolado emocionalmente após o funeral e Catherine, enquanto estava ali em carne e osso, não tinha forças para sair da cama. Claire tinha a sensibilidade de um filhote de springer spaniel, cheio de rabos abanando e beijos, mas sem substância, enquanto Gibsie era sua inimiga autoproclamada. Patrick estava em um perda de como ajudar e, por causa do desentendimento entre nossas famílias, minha mãe *não pôde* ajudar.
Isso me deixou.
"Hugh?", ela murmurou sonolenta. "Hugh?"
"Sim, Liz", respondi gentilmente. "Estou aqui."
" *Estou* aqui?"
“Nós dois somos.”
"Estou acordado?"
"É, Liz, nós duas estamos acordadas", sussurrei, acariciando sua bochecha com mais carinho do que seria sensato. "Você está acordada e está aqui no seu quarto."
"Com você?"
"Comigo", sussurrei, pegando a mão dela. "Sente?"
Ela prendeu a respiração. "Eu *entendo* você."
"Me ouviu?"
"Eu ouço você."
"Boa menina", elogiei, inclinando o pescoço para beijar o topo de seus cabelos. "Eu te amo tanto."
"Não importa o que aconteça?" Ela soluçou, agarrando minha camisa com força.
"É, Liz." Meu coração batia forte contra o peito, e beijei seus cabelos novamente. "Não importa o que aconteça."

NUNCA TIVE E NUNCA TERIA

Lizzie

29 DE MAIO DE 2000

"C AOIMHE? " , sussurrei na escuridão, sabendo que, mesmo estando do outro lado da sala, ela ainda podia me ouvir. "Vamos morrer aqui?"
Demorou muito para ela me responder e, quando finalmente respondeu, sua voz não soava mais como antes. "Não, Liz." Suas palavras saíram arrastadas e forçadas. "Não vou deixar isso acontecer com você."
Fungando, envolvi os joelhos com os braços e balancei para a frente e para trás. "E você?"
Silêncio .
O pânico cresceu dentro de mim .
"Odeio o seu quarto", resmunguei, enterrando o rosto nos joelhos. "Não quero mais ficar aqui."
"Eu também", respondeu ela, com a voz embargada. "Quero o papai."
"Eu não", solucei, sentindo meu corpo tremer de frio. "Eu só quero o Hugh..."
Após o funeral, a Gardaí realizou uma investigação sem muito entusiasmo, que foi imediatamente encerrada quando o relatório do legista concluiu que a causa da morte da minha irmã foi suicídio.
Todos ficaram do seu lado.
Porque a história de Mark fazia sentido e a minha não.
Porque ele era são e eu era rotulada como uma criança doente.
Porque *Gerard Gibson* não quis me ajudar.
Eu não tinha certeza de muita coisa na vida — sempre tive dificuldade em distinguir sonhos da realidade —, mas de uma coisa eu tinha certeza absoluta.
Não importaria o que eu fizesse ou dissesse sobre aquela noite.
Ninguém iria ficar do *meu* lado.
Ninguém iria acreditar *em mim* .
Eles nunca fizeram isso e nunca fariam isso.
Então por que se preocupar em tentar?
Por que se preocupar em se importar?
Por que se preocupar em respirar?

QUANDO AS NAMORADAS CHORAM E OS PORCOS VOAM

Hugo

1 DE JUNHO DE 2000

"POR QUE VOCÊ NÃO ME DEIXA SIMPLESMENTE MORRER! " , GRITOU L IZZIE, LANÇANDO SEU COFRE DE PORCELANA contra a parede. "Eu não quero mais ficar aqui!" O cofrinho de porcelana se estilhaçou em uma dúzia de pedaços irregulares, e moedas e notas explodiram de sua barriga. "Ninguém me entende!"
O resto do mundo talvez não a entendesse, mas eu com certeza entendia, e foi por isso que eu soube *exatamente* o que ela estava tramando quando ela caiu de joelhos.
"Me dá", ordenei, vibrando de tensão, enquanto diminuía o espaço entre nós. "Me dá *agora* , Liz."
"O-o quê?" ela soluçou, encolhendo-se em posição fetal, enquanto colocava as mãos na barriga.
"Você sabe exatamente o quê", respondi, estrangulada, ajoelhando-me para arrancar o pedaço de porcelana ensanguentado de suas mãos. "E é melhor nem *pensar* nisso."
"Sou uma má pessoa, Hugh", disse ela, continuando a me partir o coração. "Você devia me deixar ir."
Eu sabia que Liz não falava sério, era a tristeza falando, mas não era fácil de ouvir.
Eu não nadava nem ia aos treinos de rúgbi desde o funeral, preferindo passar todos os momentos livres fora da escola com a minha namorada, mas nada do que eu dizia ou fazia fazia a mínima diferença. A hostilidade que enfrentei dos meus treinadores e companheiros de equipe sobre minha ausência foi difícil de engolir, mas eu alegremente suportaria seu desdém se isso significasse aliviar sua dor.
O problema era que eu estava começando a achar que estava fazendo mais mal do que bem ao visitar o lugar.
Mas como eu poderia deixá-la sozinha nisso?
Eu *não consegui* .
Afastar-me de Lizzie Young não era algo que eu tinha capacidade de fazer.
"Não, não, não!", gritou Liz ao me ver indo em direção à lixeira do quarto dela.
"Não vá, Hugh!", engatinhando, ela se arrastou pelo chão para chegar até mim. "Por favor... por favor! Eu não quis dizer isso, eu juro. Vou me comportar, eu prometo!"
Joguei o caco de porcelana manchado de sangue no lixo e me agachei diante dela. Voltar para o lado dela era como um hábito de uma vida inteira para mim, mas o fiz sem a menor reserva, porque, independentemente de quão fundo ela

tivesse caído no abismo sombrio da depressão, não havia outra garota neste planeta com quem eu quisesse estar. "Olhe para mim."
"Por favor, por favor, por favor", ela gritou, agarrando-se a qualquer parte do meu corpo que conseguisse agarrar. "Não me deixe."
" *Olha* para mim, Liz." Segurando seu rosto entre as mãos, puxei-a para perto. "Abra os olhos e *olhe* para mim."
Relutantemente, ela o fez.
Olhos pálidos e fundos, que pareciam vazios de vida, me encaravam.
"Onde estou?", perguntei em tom firme, mantendo o olhar fixo nela. "Aqui e agora. Onde estou?"
"Você está aqui", ela disse entre soluços.
"E com quem estou aqui?", continuei, segurando firme o rosto dela. "Hmm?"
"Você está aqui comigo."
"Estou aqui com *você* ", confirmei, acariciando sua bochecha manchada de lágrimas com o polegar. "E o que eu não vou fazer?"
Ela deu um soluço antes de sussurrar: "V-ir embora?"
"É isso mesmo. Eu *não* vou te deixar", concordei, mantendo contato visual. "E por que eu não vou te deixar?"
Fungando, ela respondeu: "Porque você é meu m-melhor a-amigo?"
"Sou *sua* melhor amiga", confirmei com outro aceno de cabeça. "E o que mais?"
"Meu b-namorado?"
"Eu *sou* seu namorado", concordei num tom gentil, mas firme. "Mas você se esqueceu do motivo mais importante para eu não te deixar."
Ela parecia tão pequena e frágil quando olhou para mim e sussurrou: "Porque v-você me ama?"
"Exatamente." Meu coração apertou tanto no peito que foi difícil pronunciar as palavras. "Eu te amo mais do que jamais amei alguém ou alguma coisa."
"Sinto muito." Sua expressão se fechou e ela se jogou nos meus braços. "Sinto muito, muito mesmo, Hugh."
"Vai ficar tudo bem", sussurrei, afundando de bunda e envolvendo-a com os braços. "Nós vamos superar isso."

EU NUNCA VOU DEIXAR VOCÊ IR A BAIXO

Lizzie

9 DE JUNHO DE 2000

"C AOIMHE? " GRITEI O NOME DELA, MAS ELA NÃO ME RESPONDEU . ELA NÃO ABRIU OS OLHOS. "Caoimhe, por favor—"
"Ela está bem." Ele colocou o cinto de segurança em volta do corpo inerte da minha irmã. "Ela está só dormindo."
"O que há de errado com ela?", lamentei, estendendo a mão para minha irmã. "Por que ela está assim?"
"Por causa dele", disse ele, me colocando no banco de trás. "Ele queria machucá-la. A culpa é dele, pequenininho, e nunca se esqueça disso!"
"Não, não, não", resmunguei, sentindo meus olhos revirarem enquanto o mundo girava loucamente ao meu redor. "Ele não a machucaria. Ele é meu amigo..."
"Ele não é seu amigo, seu idiota!", ele deu a volta no carro e foi para o banco de trás, se inclinou para dentro e agarrou meu rosto. "Ele é um babaca cruel e rancoroso que estragou tudo."
"Pare", implorei, tentando me soltar, mas não adiantou. "Por favor..."
"Ele é seu inimigo, pequenininho, e perigoso, aliás." Agarrando meu rosto com tanta força que pensei que os ossos do meu maxilar iriam se estilhaçar, ele se aproximou e sibilou: "Ele vai tirar tudo de você."
"Por quê?", gritei, estendendo a mão entre os assentos para encontrar minha irmã, desesperada para fazê-la acordar. "Caoimhe, por favor, abra os olhos."
"Porque ele te odeia." Tirando um isqueiro do bolso, ele começou a queimar as páginas do diário dela, uma a uma. "Ele fez isso com a sua irmã, ele causou tudo isso com suas mentiras, e fará de novo com todos que você ama."
"Não!"
"Sim", ele cuspiu, jogando fora um pedaço de papel chamuscado. "Guarde o que eu digo, pequenininho. As mentiras dele vão tirar seus amigos de você, assim como tiraram sua irmã."
"O que você está fazendo?", perguntei, engasgada, sentindo-me tonta e desorientada. "Pare de queimar o diário dela..."
"Feliz aniversário."
O som da voz familiar de Hugh me assustou, e pisquei para voltar à realidade e o encontrei sentado na beira da minha cama, segurando um pequeno pacote nas mãos.
"Oi", eu disse com a voz rouca, sentindo meu coração disparar ao vê-lo. "Obrigada."
"De nada." Seus olhos castanhos estavam cheios de calor e carinho quando ele estendeu a mão para mim. "Como você está se sentindo?"
Como se eu quisesse morrer . "Nada mal."
O polegar dele roçou meus dedos. "Você dormiu ontem à noite?"
Não, não consigo dormir desde que os vi pescando o corpo sem vida da minha

irmã no rio . "Um pouco."
Ele colocou algumas mechas de cabelo emaranhado sobre meu ombro e deu um sorriso triste. "Senti sua falta."
Eu sabia que sim. O mesmo aconteceu comigo. "Senti sua falta também."
"Aqui." Ele enfiou o pequeno pacote na minha mão. "Para você."
“Você não precisava me dar um presente.”
"É, é." Ele revirou os olhos. "Só abre a caixa."
Eu o fiz e fiquei sem fôlego quando meus olhos pousaram na prata brilhante lá dentro. "O que é isso?"
Suas bochechas ficaram vermelhas. "É uma tornozeleira."
Não era só uma tornozeleira. Era a tornozeleira mais linda que eu já tinha visto.
Senti meu corpo esquentar ao perceber como cada pingente individual havia sido cuidadosamente selecionado pelo meu namorado.
"O signo de Gêmeos para o seu aniversário, e o coração representa, bem, você sabe." Ele corou ainda mais. "O livro representa aquele que eu sei que você vai escrever um dia, e a pílula é para você se lembrar de tomar o seu."
“A vassoura da bruxa?”
Seus lábios se contraíram. "Porque você é minha bruxinha."
Sorri. "E a boia salva-vidas?"
"Eu não conseguia parar de pensar no que você me disse, em como você sempre sentiu que ia se afogar", explicou ele, apertando cuidadosamente a tornozeleira em volta do meu tornozelo esquerdo. "Bem, coloquei isso aí para te lembrar que, enquanto eu tiver ar nos pulmões, nunca vou deixar você afundar."
"Hugh." Meus olhos se encheram de lágrimas. "Obrigada."
"De nada, e eu sei que você se sente sozinha agora, mas preciso que saiba que estou aqui, Liz." Seus olhos ardiam de sinceridade quando ele apertou minha mão delicadamente. "Eu *ainda estou* aqui."
Respirei fundo, trêmula, e apertei a mão dele de volta. "Eu sei que você é."
Mantendo os olhos castanhos fixos nos meus, Hugh acariciou carinhosamente minhas bochechas, depois meu queixo e depois meu pescoço, antes de finalmente pousar a mão no meu ombro. "Você é linda."
Eu não estava.
Eu estava imundo.
Por dentro e por fora.
Eu queria dizer exatamente isso a ele, mas quando abri a boca, tudo o que saiu foi um soluço quebrado.
Tentei novamente, mas outro grito escapou.
E então seus braços envolveram meu corpo, me puxando para perto. "Deixa pra lá." Me envolvendo o mais forte que pôde, ele me embalou em seus braços. "Estou aqui e não vou te deixar, ok? Não importa o que aconteça."
Sentindo-me fraca devido à exaustão, aninhei-me em seus braços e chorei.
Não ajudaria em nada.
Nada poderia trazê-la de volta.
Nada impediria os pesadelos.
Mas eu não desisti.
Pouco tempo depois, depois que Hugh me convenceu a tomar um banho, fiquei na cozinha segurando sua mão.

Já fazia tanto tempo que eu não descia que me sentia instável.
Minhas pernas estavam bambas, como as de um potro recém-nascido, e eu dependia demais do garoto ao meu lado para me manter em pé.
Eu podia ouvir minha mãe chorando em um quarto próximo, e o som me fez querer voltar correndo para minha cama e nunca mais sair de lá.
"Venha dar uma volta comigo", disse Hugh, tão consciente do choro da minha mãe quanto eu. Ele pigarreou e nos acompanhou rapidamente até a porta dos fundos. "Está lindo lá fora."
Eu não queria dar uma volta.
Eu não queria respirar.
Mas eu *queria* ficar perto de Hugh, então o segui para fora sem lutar.

DE VOLTA AO SEU TÚMULO

Hugo

9 DE JUNHO DE 2000

"H UGH ? É VOCÊ, AMOR ?" OUVI MINHA MÃE CHAMAR NO SEGUNDO EM QUE ENTREI PELA PORTA DA FRENTE, DEPOIS DA AULA, NA TERÇA-FEIRA.
"É", respondi, largando minha mochila no corredor antes de me juntar a ela na cozinha. "Desculpe o atraso. O ônibus escolar quebrou. Tivemos que pegar outro ônibus. Demorou uma eternidade para chegar."
"Não, Catherine, o ônibus escolar quebrou", mamãe respondeu ao telefone fixo, visivelmente preocupada. "Tente não entrar em pânico." Mamãe me lançou o olhar de sempre antes de acrescentar: "Tenho certeza de que Lizzie não foi longe."
Não foi longe?
Meu estômago embrulhou quando ouvi isso.
Jesus Cristo!
"Mãe", tentei interromper, mas ela estava de costas para mim agora, persuadindo Catherine Young a não se preocupar com a filha quando ela realmente *deveria* estar preocupada.
Deve ter sido ruim para Catherine ligar para minha mãe.
Eles não estavam exatamente se falando.
Minha próxima decisão foi baseada no instinto e, virando-me, corri para fora para pegar minha bicicleta.

Pedalando como um demônio, contornei o caminho estreito e familiar no cemitério e quase caí da bicicleta de alívio quando avistei sua cabeça loira à minha frente.
Pulando do selim, soltei a bicicleta e fui direto para ela, ignorando o som do metal batendo no chão quando ela bateu atrás de mim.
"Droga, Liz", gritei, ofegante, quando a encontrei dormindo profundamente em cima do túmulo da irmã. "Sua mãe está te procurando."
Ela nem estava cochilando — não, ela estava em um sono profundo, porque ela nem se mexeu quando eu falei.
Tudo o que ela vestia era um short jeans, uma camiseta branca lisa e um velho par de tênis vermelhos de cano alto, gastos.
Com as mãos enfiadas sob a bochecha esquerda e o cabelo longo e loiro espalhado sobre os ombros como um cobertor dourado, era fisicamente doloroso olhar para ela.
Porque eu não sabia como aliviar a dor em que ela estava se afogando.
Não consegui puxá-la para um lugar seguro.
Não consegui salvá-la disso.
Sentindo-me irritado e chateado, tirei meu telefone do bolso e enviei duas

mensagens rápidas contendo as mesmas informações para a mãe dela e para a minha.

Eu a tenho.

Suando muito por causa da excursão, sentei-me na grama ao lado dela e afrouxei minha gravata da escola antes de rasgá-la completamente e jogá-la de lado.
Desabotoando alguns botões da minha camisa da escola, soltei um suspiro de dor e apoiei os cotovelos nos joelhos e depois na minha cabeça entre as mãos, imaginando o que diabos eu deveria fazer em seguida.
Cheio de ressentimento silencioso pela garota no chão e profundamente destruído pela garota dormindo na grama ao meu lado, eu me perguntava se algum dia a tortura do suicídio de Caoimhe diminuiria para minha namorada.
Eu tinha tanta coisa para dizer, tantas palavras raivosas que queria gritar, mas nunca consegui. Em vez disso, fiquei de boca fechada como o bom namorado que jurei ser e fiz o meu melhor para amá-la e trazê-la de volta à vida.
Eu podia sentir que a escuridão estava se abatendo sobre ela, ameaçando dominá-la, e eu estava determinado a manter seu coração sob a luz do sol.
Não importa o que aconteça.

VAMOS ROUBAR

Lizzie

17 DE JUNHO DE 2000

" VOCÊ VAI VOLTAR PARA A ESCOLA ANTES DAS FÉRIAS DE VERÃO ?", perguntou Hugh no sábado à noite, enquanto estávamos sentados na grama alta do prado na propriedade dos meus pais. "Acho que não faz muito sentido", acrescentou ele em tom pensativo quando balancei a cabeça. "Não quando faltam duas semanas para o fim do semestre."
"Como está indo a escola?", consegui perguntar, forçando-me a voltar ao mundo real e *ficar* com ele. "Quando é a sua formatura do sexto ano?"
"A escola está tão decepcionante como sempre", respondeu ele com um sorriso tímido. "E eu me formo na quinta-feira depois da próxima."
"Você faz?"
"É." Um sorriso lento surgiu em seu rosto. "Ainda é surreal."
"Você já sabe se vai ganhar?", perguntei, sentindo uma pontada de entusiasmo. "O prêmio de aluna do ano?"
"É, Liz", respondeu ele, esfregando o rosto para esconder o sorriso. "Estou entendendo."
"Eu sabia que você faria isso", respondi, sentindo-me orgulhosa. "Estou tão orgulhosa de você."
Ele foi rápido em interromper: "Chega de falar de mim", me dando toda a sua atenção. "Fala comigo, Liz."
"Sobre o quê?"
"Sobre você." Ele estendeu a mão e acariciou meu queixo. "Quero saber de você."
Eu não .
"Hã, e o rúgbi?", perguntei abruptamente. "Como está indo para você?"
"Sério?", Hugh arqueou uma sobrancelha, incrédulo, com um sorriso irônico. "Quer falar de rúgbi?"
"Quero falar sobre qualquer coisa que não seja eu", admiti, exalando trêmulo. "Quero que você me distraia, Hugh. Por favor."
Seus olhos castanhos queimaram os meus por um longo momento, e pensei que ele iria falar mais fundo, mas então ele balançou a cabeça e pigarreou.
"Rúgbi." Ele inclinou a cabeça para o lado, claramente pensando no assunto. "Melhorou muito desde que o Dub entrou para o time. Acho que temos uma chance real de ganhar algum título na próxima temporada."
"Você *quer* os talheres?", perguntei, concentrando toda a minha atenção na nossa conversa. "É importante para você?"
"Eu não dou a mínima se tentasse", admitiu ele com uma risada. "Mas é uma diversão e eu tenho um jogo de chute excelente, o que me mantém longe da confusão — e do hospital." Sorrindo, acrescentou: "Você sabe que eu não ligo para esse tipo de coisa, Liz."

Sim, eu fiz.
Hugh tinha o físico de um atleta nato e era um jogador de rúgbi talentoso, mas seu coração pertencia à água, não ao campo de rúgbi. "E natação?"
“Fiquei em terceiro no campeonato nacional no último fim de semana.”
"Você fez isso?" Engolindo em seco, peguei a mão dele e apertei. "Parabéns."
"Obrigado." Ele sorriu. "O que eu ainda não entendo, considerando que fiquei tanto tempo fora da piscina." Hugh sorriu novamente, mas desta vez suas bochechas ficaram com um tom rosa adorável. Porque ele estava orgulhoso. Porque nadar era sua paixão. "Mas não é grande coisa."
"É sim", respondi, tremendo quando ele virou a mão e entrelaçou nossos dedos. "Estou muito orgulhosa de você."
"Recebi minha carta de aceitação para o Tommen College em setembro", ele ofereceu, passando o polegar sobre o meu. "O resultado do vestibular também chegou pelo correio."
"E?"
Ele corou. "Meus resultados foram os mais altos entre as três escolas participantes da cidade. Mamãe recebeu uma carta escrita à mão sobre isso e tudo mais."
"Eu sabia que você ia." Sorri, e foi o primeiro sorriso sincero desde, bem, antes. "Porque você é um gênio, Hugh Andrew Biggs."
"Não sei", respondeu ele, parecendo um pouco inseguro. "O Johnny também é um gênio."
"O Dub?"
"É. Tirando você, nunca conheci ninguém com um cérebro como o meu", disse ele, acenando com a cabeça. "Talvez a transição para o ensino médio não seja tão fácil para mim quanto..."
"E o resto?", respondi.
"É." Assentindo, ele soltou um suspiro trêmulo. "Todo mundo sempre fala sobre o contraste extremo entre o ensino fundamental e o médio." Ele deu de ombros novamente, parecendo inquieto. "Pode ser difícil."
"Não para você", prometi, voltando a atenção para nossas mãos unidas. A mão de Hugh era muito maior que a minha agora, com pele bronzeada e veias masculinas proeminentes. Meu Deus, ele tinha mãos lindas. "Primeiro, você vai arrasar o Tommen College, depois o Trinity College, e depois o mundo inteiro."
“Espero que sim, Liz.”
"Eu sei, Hugh." Suspirei fundo. "E aí, quando você for um cirurgião cardíaco de renome mundial, pode voltar para casa e consertar o meu."
A dor brilhou em seus olhos. "Liz."
“Era uma brincadeira”, murmurei fracamente.
"Eu *vou* consertar seu coração", disse ele rispidamente, puxando-me para o seu colo. "Mas não preciso voltar para casa para fazer isso."
"Você não vai?"
"Não", ele respondeu, acariciando meu pescoço. "Porque eu não vou te deixar para trás, pra começo de conversa."
Tremendo, aconcheguei-me em seus braços. "Você vai me levar com você?"
"Primeiro para Trinity", ele confirmou, apertando-me com mais força. "E depois para o mundo todo."

"E a escola?", provoquei, aconchegando-me em seu peito. "Sei que só temos quatro meses de diferença, mas estou duas séries abaixo de você."
"Você pode pular o quarto ano", ele completou rapidamente — rápido demais. "Assim, você fará dezoito anos no verão em que eu for para a universidade e poderá vir comigo legalmente."
“E se meus pais disserem não?”
“Então nos casaremos, e eles não terão escolha no assunto.”
"Simplesmente assim?" Eu ri.
"É." Ele estalou o dedo para dar ênfase. "Assim mesmo."
"Então, nos casamos quando eu fizer dezoito anos e você me levar para Dublin", pensei, entrando no jogo. "O que acontece depois, hein? Quando você estiver na universidade. Onde eu termino o ensino médio?"
"Calma", Hugh completou descontraidamente quando apoiei a cabeça em seu ombro. "Você vai estudar no Royce College, cujo chefe de matrículas, aliás, vai ficar tão impressionado com seu histórico escolar impressionante que vai praticamente arrancar sua mão para te matricular."
"Hmm." Soltando um suspiro de contentamento, agarrei seus antebraços, forçando-o a me apertar mais. "Parece que você pensou muito nisso."
"É porque eu tenho."
"Desde quando?"
"Desde o dia em que você me disse que diria sim se eu te pedisse em casamento", respondeu ele sem hesitar. "Então é melhor manter esse coração batendo, ouviu?" Ele me deu um beijo no ombro. "Porque eu preciso de você, Lizzie Young. Mais do que você imagina."
"Eu vou", sussurrei. "Eu prometo."

QUEBRANDO PÃO E REPARANDO PONTES

Hugo

24 DE JUNHO DE 2000

SENTADO EM UMA MONTANHA DE ALMOFADAS NO CHÃO DO QUARTO DA MINHA NAMORADA , eu toquei no controle em minhas mãos e encarei a tela na minha frente, apenas meio interessado no jogo que estava jogando.
Eu tinha levado meu antigo console de videogame para a casa da Lizzie no fim de semana passado e o instalei no portátil de 14 polegadas do quarto dela. Os gráficos eram péssimos comparados ao PS1 topo de linha da minha casa, mas era útil em dias como aquele, quando ela não conseguia levantar a cabeça do travesseiro e eu não conseguia me levantar da cabeceira dela.
Ela estava dormindo agora, e eu não tinha certeza se seu estado catatônico era devido aos sedativos ou à exaustão. Suspeitei de ambos. O médico tinha feito uma visita domiciliar fora do horário comercial hoje, e eu sabia que ela tinha tomado algum tipo de injeção.
Eu tinha fé que Liz superaria isso, que ela eventualmente voltaria para mim, mas seus momentos de baixa estavam se intensificando tanto em duração quanto em frequência, e eu não tinha certeza se a dor era a força motriz por trás disso ou seu transtorno bipolar.
Foi de partir o coração vê-la desaparecer diante dos meus olhos e saber que não havia nada que eu pudesse fazer para impedir que a depressão a consumisse. Meu único consolo quando ela estava assim era o fato de estar exausta demais para se machucar. Pelo menos quando ela estava passando por um episódio depressivo, eu podia protegê-la.
Eu posso mantê-la segura .
Uma batida baixa soou na porta do quarto dela, seguida pela entrada da cabeça de Mike. Seus olhos se voltaram primeiro para a filha antes de se fixarem em mim. Quando se certificou de que eu estava a uma distância segura da cama dela, assentiu em aprovação. "Algum movimento?"
"Desde que o médico a nocauteou", respondi, pausando o jogo para lhe dar toda a minha atenção. "Como está a Catherine?"
Mike balançou a cabeça, e isso bastou para me dizer que sua esposa *não era* boazinha. "Desça para comer alguma coisa, filho." Seu olhar se voltou para a filha mais uma vez e ele suspirou. "Ela vai passar a noite fora."

"Fui injusto com você, Hughie", anunciou Mike enquanto nos sentávamos à mesa da cozinha, um de frente para o outro. "Depois do funeral, deixei minha dor me cegar. Você sempre foi um bom rapaz, e eu não deveria ter descontado minha raiva em você."
"Você estava sob muita pressão", respondi, enfiando uma garfada de macarrão na boca. "Ainda estou."

"Verdade", respondeu ele, pigarreando. "Mas não tenho orgulho de admitir que minha esposa e eu não teríamos conseguido passar pelos últimos meses sem a sua ajuda."
Sem saber o que dizer, simplesmente assenti e continuei comendo.
"É o aniversário dela", acrescentou ele após um longo momento. "Dois meses hoje."
"É." Soltando um suspiro de dor, larguei meus talheres e me recostei na cadeira, dando toda a minha atenção ao homem. "Eu sei."
"Caoimhe Catherine Young", sussurrou ele, olhando para mim sem vida do outro lado da mesa. "Minha linda filhinha de olhos azuis."
Eu queria contar a ele que ele tinha outra menininha de olhos azuis na cama lá em cima, mas não tive coragem de chutar o homem quando ele estava lá embaixo, principalmente porque ele se deu ao trabalho de preparar uma refeição para mim. O fato de eu ser a única comendo enquanto ele bebia um copo de uísque era a prova disso.
"Você vai ficar com a cabeça, Mike", decidi dizer a ele. "Você está indo *bem* ."
Olhos solitários, azul-claros, tão parecidos com os da minha namorada, me encaravam. "Estou por um fio, filho."
"Tudo bem", respondi cuidadosamente. "Contanto que você *continue* firme."
“É, bom, talvez seja mais fácil agora que o desgraçado do Mark Allen se foi.”
"É", concordei baixinho, sabendo que tinha um monte de coisas para dizer sobre o babaca, mas tendo o bom senso de guardar na cabeça. "Ouvi dizer que o levaram para o aeroporto esta manhã."
"Boa viagem, porra." Os olhos de Mike se estreitaram e sua voz assumiu um tom ameaçador quando ele acrescentou: "Embora, como ele consegue viajar pelo mundo enquanto minha filha apodrece no chão é algo com que eu nunca vou me conformar." A mão que ele usava para segurar o copo de uísque começou a tremer. "E pensar que eu o recebi em minha casa de braços abertos." Ele pigarreou novamente, mas soou como um rosnado. "Enquanto isso, você tinha sete anos quando veio correndo pela rua." Ele fez uma pausa para esvaziar o copo, antes de acrescentar: "E mesmo assim, você era mais homem do que ele jamais será."
Jesus .
A admissão de Mike me confundiu porque, embora eu nunca tivesse tido uma queda por ele, o pai da minha namorada certamente não se interessava muito por mim. Claro, ele era educado e amigável de passagem, mas nada como *aquilo* ...
"Acho que apostei no cavalo errado, não é?" Mike conteve uma risada sem graça, enquanto discretamente enxugava uma lágrima. "Bem, não tenho medo de admitir meus erros." Ele me lançou um olhar significativo quando disse: "Tenho minhas divergências com seus pais, e não precisamos discutir o porquê, mas não há como negar que eles criaram um ótimo rapaz."
"Eu não sou *ele* ", soltei, num tom urgente. "Eu juro, Mike." Apoiando os cotovelos na mesa, inclinei-me para a frente e implorei com os olhos que ele *acreditasse* em mim. "Eu *nunca vou* machucar sua filha."

AH É? OLHA PARA MIM

Hugo

29 DE JUNHO DE 2000

"EU OS IGNORO ", TENTEI convencê-los, MAS NÃO AJUDOU . O COMENTÁRIO INTELIGENTE feito às custas de Gibsie, no estacionamento da escola, depois da nossa formatura hoje à noite, o deixou numa espiral descendente. "Você sabe que o Danny Call é um babaca tagarela."
"Ele me chamou de pervertida", Gibsie chorou ainda mais, jogando-se na cama da minha irmã. "Ele disse que eu era como *ele* ."
"Ele estava falando bobagens", reiterei, sentindo minha raiva aumentar. Meu Deus, um dia desses eu ia quebrar o nariz daquele babaca. "Alguém ouviu?"
"Eu", Claire interrompeu de seu lugar sob o flanqueador esparramado, que ainda estava vestido com sua beca de formatura e usando minha irmã como almofada pessoal. "Ele disse, Hughie", confirmou ela, com o capelo de formatura de Gibsie empoleirado em seus cachos rebeldes. "Eu o ouvi com meus próprios ouvidos."
"Mais alguém?", perguntei, jogando meu boné e minha beca aos pés da cama dela. "E o Cap?"
"Como se", Claire bufou. "Ele não ousaria abrir a boca para Gerard com Johnny Kavanagh por perto."
Sim, eu sabia disso e não poderia ter sido mais grata por sua recente implantação em nossas vidas. Kav era adorado por nossos colegas e, como Kav considerava Gibsie seu braço direito, a popularidade de Gibsie havia disparado. Enquanto ele continuava com sua abordagem educada, porém distante, comigo e com Feely, a peculiaridade de Cap... o apego emocional a Gibsie fez maravilhas para ele, e Gibs se tornou intocável na escola *e* em campo.
Na verdade, essa foi a primeira vez em meses que ouvi falar de alguém incomodando Gibsie.
Claro que o culpado *tinha* que ser Danny Callaghan.
"Eu vou resolver isso, Gibs", eu disse a ele, sentindo uma onda de proteção percorrer minhas veias. "Prometo que Danny não vai mais falar sobre isso." *Não se ele quiser manter a capacidade de andar* . "Eu vou consertar isso, rapaz."
"Não conte para o Johnny", ele disse, estrangulado, com o peito arfando. "Por favor. Não quero que ele saiba de nada."
"Não vou", prometi, já sabendo que Gibs não queria que ninguém de fora da família soubesse. "Eu nunca contei nada a ele, contei?"
"Não", ele resmungou, fungando. "Mas eu não contei a ele sobre isso, e não quero que ele pense mal de mim."
"Gibs, ninguém poderia pensar mal de você", respondi com um suspiro. "Você é um cara legal, rapaz, e o Cap sabe disso."
"Liz sim", ele soluçou. "Ela pensa mal de mim."
"A Liz só está triste", interrompeu Claire, acariciando os cabelos dele. "Ela não

está pensando direito agora. Não é mesmo, Hugh?"
"É, é isso mesmo", respondi, observando minha irmã aconchegar a cabeça loira dele no peito. "Falando na Liz", decidi acrescentar, sabendo que isso poderia explodir na minha cara, como já aconteceu em várias ocasiões anteriores. "Você já pensou mais sobre o que ela quis dizer naquele dia no túmulo?"
"Hughie, não!", Claire disparou, envolvendo os ombros largos dele com um braço protetor enquanto ele se esparramava em cima dela. "Você não vê que ele está chateado?"
"Eu sei que ele está chateado, Claire", respondi calmamente. "Estou tentando ajudar."
"Então pare de pressioná-lo", ela retrucou, usando a mão livre para cobrir os ombros dele com o edredom rosa. "Gerard já te contou tudo o que sabe."
"Eu sei que sim", respondi, sem conseguir conter a frustração. "Mas a reação da Liz não faz sentido..."
"Porque a irmã dela acabou de morrer!" Claire respondeu com um olhar de advertência. "Ela está de luto, Hughie. Você *sabe* o que isso faz com as pessoas." Seu olhar se voltou momentaneamente para Gibs antes que ela me lançasse um olhar significativo. " *Você se lembra do que isso fez com a Gibsie* ", seus olhos me disseram. "Nada do que ela disse faz sentido. Faz três dias desde a última vez que a visitei e *ainda estou* tentando entender seus devaneios."
"Não sei o que ela queria que eu dissesse no túmulo", Gibsie disse entre soluços, agarrando-se à minha irmã. "Eu queria ajudá-la, ainda quero, mas não vi o que aconteceu com Caoimhe naquela noite, pessoal!"
"Sabemos que não, Gerard." Claire tentou consolá-lo, passando os dedos pelos cachos dele, enquanto ele encharcava a camiseta dela com as lágrimas. "Você estava aqui conosco."
"Achei que eles estivessem na América", continuou ele a soluçar, agarrado à minha irmã como se ela fosse a única coisa que o mantinha firme naquele momento. "Eu não sabia que eles ainda estavam em Ballylaggin. Eu não sabia, eu não sabia, eu juro..."
"Acho que ele fez isso", soltei, finalmente me dirigindo ao elefante branco na sala. "Acho que Mark estuprou Caoimhe."
Você poderia ter ouvido um alfinete cair.
"Hughie!", Claire engasgou, parecendo horrorizada. "Você não pode dizer isso em voz alta."
"Por que não?"
"Porque Sadhbh disse que não deveríamos fazer isso."
"É, bom, sem querer ofender a Sadhbh, nem você, Gibs, mas eu não dou a mínima para o que ela disse", respondi rispidamente, sentindo minhas emoções virem à tona. "Porque eu acredito na minha namorada."
"Hughie!" Claire gritou novamente, de boca aberta.
"É sério, Claire." Me afastando do parapeito da janela, andei de um lado para o outro no quarto da minha irmã como um homem em missão. "Não sobre toda aquela coisa do Gibs... obviamente. Mas e o Mark?" Balancei a cabeça, enojado. "A Liz não diria isso se não houvesse alguma verdade. Aquele babaca definitivamente fez alguma coisa com o Caoimhe naquela noite."
"A Garda disse que não", Claire respondeu, parecendo assustada. Eu sabia por

quê. Ela achou que minha confissão acabaria com os nervos à flor da pele de Gibsie, e talvez isso acontecesse, mas eu tinha que dizer alguma coisa, droga. "Consideraram a morte dela como suicídio, e a mamãe disse que Lizzie está muito traumatizada por ver Caoimhe sendo resgatada do rio..."
"Eu acredito nela, Claire!", interrompi-a gritando, agora mais do que agitado. "E a cidade inteira pode distorcer a situação como quiser, mas isso não vai mudar o que eu penso sobre o assunto." Voltando minha atenção para minha amiga, eu disse: "Gibs, quero que você olhe para mim quando eu disser isso."
Relutantemente, ele o fez.
"Eu *sempre vou* te proteger", prometi, fitando seus olhos cinzentos e lacrimejantes. "Está me ouvindo? Sempre estarei aqui para cuidar de você. E sei *que* você não fez nada de errado, ok? Então, nem por um segundo pense que eu vou te dar as costas. De sangue ou não, você é meu irmãozinho e sempre será."
"Mas?" Gibs interrompeu com uma fungada.
"Mas ela precisa de mim", forcei-me a dizer, sentindo meu coração bater como um tambor no peito. "Você entendeu?"
Gibs balançou a cabeça, olhando para mim como um cachorrinho perdido. "Não."
"Vou passar muito tempo na casa da Lizzie neste verão", expliquei em tom firme. "O que significa que não estarei por perto muito tempo..."
"Para sair comigo." Ele finalmente se contraiu, o que só o fez parecer ainda mais solitário. "Mas você ainda é meu amigo, certo?"
"Sempre", jurei, cruzando o coração. "Mas ela é minha namorada e não tem mais ninguém." *Você tem a Claire* . "Não posso deixá-la sozinha nisso."
"Não quero que você vire as costas para a Liz", ele resmungou, fraco. "Não quero que ela deixe de ser minha amiga."
"Talvez a Liz mude de ideia", Claire sugeriu num tom esperançoso. "Quando ela não estiver mais tão triste."
"Ela nunca vai deixar de ficar triste", respondeu Gibsie, fungando novamente. "Acredite em mim, esse tipo de tristeza nunca vai embora. O mundo simplesmente para de vê-la."
"Nos formamos hoje à noite, e os esportes estão fora de questão durante o verão", sugeri, concentrando minha atenção na minha amiga. "Então, quando eu for para a casa da Lizzie amanhã, pretendo ficar um pouco."
"Por quanto tempo?"
Dei de ombros. "Contanto que Catherine e Mike me queiram."
"Calma!", Claire gaguejou, levantando a mão. "Quem disse que você pode passar o verão com a sua namorada?"
“Eu disse”, respondi calmamente.
"É, isso não vai acontecer", minha irmã respondeu rapidamente. "Mamãe *nunca* vai deixar você fazer isso."
"Por que não?", retruquei. "Ela deixou o Gibs ficar com a gente quando o Joe e a Beth morreram."
“Mas isso foi diferente.”
"Por que?"
"Porque moramos do outro lado da rua", Claire completou. "E Lizzie não é apenas sua *amiga* , se é que você me entende."

"Seja realista", respondi bruscamente, com um tom carregado de desgosto. "A irmã dela acabou de morrer."
"Verdade, mas vocês se beijam muito", murmurou Claire, mordendo o lábio.
"Já nos beijamos algumas vezes", desafiei. "Não é grande coisa."
"Só que *é* ", frisou minha irmã. "Você não pode dormir na casa dela se estiver beijando ela, Hugh. É eca."
"Ah, é?" Arqueei uma sobrancelha em desafio. "Observe."

TELEFONEMAS NOITE

Lizzie

29 DE JUNHO DE 2000

" CONTINUE FALANDO ", H UGH RONRONOU NA LINHA NA NOITE DE SEXTA- FEIRA . "EU AMO SUA VOZ ."
"Você é tão esquisito", refleti, segurando o celular no ouvido enquanto estava deitado na cama, olhando para o teto. "Como foi sua formatura?"
"Sem incidentes", respondeu ele. "Como foi o seu jantar?"
"Eu não jantei", respondi franzindo a testa e, em seguida, fiz uma careta. "Droga, você é um sujeito esperto, Biggs."
"E você quebra um pouco a promessa, Young", ele retrucou. "Você prometeu que jantaria todas as noites."
"Desta vez eu realmente esqueci", respondi com sinceridade. "Sinceramente, esqueci mesmo."
"Eu nunca poderia ser uma menina", ele refletiu. "Nunca me esqueci de comer uma refeição em toda a minha vida."
"Você está na cama?", perguntei, puxando um fio do meu edredom.
"Só estou entrando", respondeu ele, seguido pelo som de lençóis sendo amassados. "Você está?"
"É." Revirei os olhos. "Sem surpresas, hein?"
"Talvez não hoje à noite." Havia um tom provocador em sua voz. "Mas isso vai mudar a partir de amanhã."
“Sim, *ok* .”
"Não acredita em mim?" Certo, ele estava *definitivamente* me provocando. "Desça e pergunte ao seu pai o que vai acontecer amanhã."
"O quê?" O medo me invadiu rapidamente. "Meu Deus, Hugh, por favor, me diga."
“Seus pais têm um inquilino chegando.”
Franzi a testa, confusa. "Eles fazem?"
"É. E sei de fonte segura que ele é um cara durão, com uma queda por tirar garotas chamadas Lizzie da cama de madrugada."
"Ah?" Estreitei os olhos, desconfiada. "Continue falando."
"Acho que você ficará feliz em ver esse visitante", continuou Hugh. "Na verdade, eu sei que sim. Afinal, ele é seu namorado."
"Cala a boca." Meus olhos se arregalaram. "Você está mentindo."
Hugh riu baixinho do outro lado da linha. "Então, o que me diz, milady? Acolherá um bravo cavaleiro durante o verão?"
"Você sabe que sim", respondi, engasgada, sentindo meu coração disparar com a onda repentina de excitação que me percorria. "Você vem mesmo para ficar?"
"Seus pais concordaram imediatamente", confirmou ele. "Para ser sincero, achei que seu pai fosse resistir, mas ele pareceu ainda mais entusiasmado que sua mãe."

"Ele fez?"
"Eu sei direito?"
"E seus pais?", perguntei, vibrando de entusiasmo. "Sua mãe aceitou?"
"Consegui convencer minha mãe", confirmou ele, com um tom presunçoso. "Bem, consegui chantageá-la emocionalmente, mas vitória é vitória."
“E seu pai?”
Ele bufou do outro lado da linha. "Ele concordaria que eu voasse para a Lua se isso significasse que ele ficaria em paz."
"Você quer mesmo ficar?", perguntei, apertando o celular com mais força do que o necessário. "Você não está fazendo isso só por pena? Porque você realmente não precisa fazer isso."
"Tá brincando? Eu posso ficar olhando para a minha namorada o verão todo. Meus motivos são completamente egoístas."
Soltando um suspiro de alívio, sorri ao telefone. "Eu te amo."
"Eu te amo mais", respondeu ele sem hesitar. "Eu vou ficar com você, Liz", acrescentou, a voz assumindo um tom áspero. "Quando você abrir os olhos de manhã, meu rosto será a primeira coisa que você verá. O dia todo, todos os dias e todas as noites, se eu conseguir o que quero, até o início das aulas em setembro. Porque você é mais importante para mim do que qualquer outra coisa na minha vida. E porque não há nenhum outro lugar onde eu preferiria estar do que bem aí com você."
Eu sabia que estava chorando quando ele terminou de falar.
Minha garganta não fazia barulho algum, mas eu conseguia sentir as lágrimas escorrendo pelo meu rosto.
Não tive certeza se sentia alívio ou devastação crescendo dentro de mim.
Provavelmente ambos.
Porque eu me sentia tão sozinha e queria desesperadamente tê-lo por perto, mas também tinha medo de que ele me visse no meu pior momento, me visse de verdade... e fosse embora.
Porque havia algo errado comigo, algo quebrado dentro da minha cabeça, e embora eu tivesse algum controle sobre isso antes, esse controle foi erradicado naquele dia no túmulo da minha irmã.
Quando percebi que ninguém jamais acreditaria em mim.
Quando decidi, eu também não acreditei.
Desde aquele dia, não tive mais coragem de mascarar e esconder.
Eu mal conseguia respirar.
Quanto aos amigos e familiares, a agitação dos mimos durou pouco. Depois de um tempo, eles pararam de aparecer.
Mas não o garoto do outro lado da linha.
Aquele menino vinha todos os dias, sem falta.
"Obrigada, Hugh", finalmente consegui dizer quando minha voz me encontrou novamente. "Por tudo."

OLHARES LUXUOSOS E MÃES FLUTUANTES

Hugo

30 DE JUNHO DE 2000

Precisei de um esforço hercúleo da minha parte para persuadi-la a me deixar ficar na Old Hall House durante o verão. Entrei em negociações munido de recibos na forma de inúmeros prêmios por desempenho atlético, acadêmico e bom comportamento. A prova estava na papelada, e usei todos os truques sujos possíveis para manipular a vontade dela.
O fato de eu ser, de longe, sua filha mais responsável e nunca ter lhe causado nenhum problema em quase treze anos — diferentemente de uma certa criança de cabelos cacheados e demônio selvagem e seu companheiro igualmente selvagem e de cabelos cacheados — também não prejudicou minha causa.
O golpe mortal em seu argumento veio quando a lembrei de que ela não tinha escrúpulos em permitir que Gibsie ficasse com Claire por *meses* depois que Joe e Beth morreram.
No momento em que essas palavras saíram da minha boca, eu soube que a tinha em suas mãos. Mamãe não podia negar a verdade e não podia me proibir de oferecer *exatamente o* mesmo conforto à Lizzie sem demonstrar favoritismo. Eu sabia que tal favoritismo não existia no coração da minha mãe, mas eu não estava isento de chantagem emocional. Não se isso me levasse de volta para ela.
No final, e após um telefonema *tenso* com Catherine, minha mãe concordou — embora com relutância — com uma estadia de duas semanas, com condições rígidas que incluíam eu dormir no quarto de hóspedes e voltar para casa a cada dois dias para jantar. Embora eu não tivesse intenções de cumprir os termos da mamãe, aceitei o acordo porque era um começo, e pedir perdão era muito mais favorável do que pedir permissão neste caso.
Na manhã seguinte, quando eu estava terminando de fazer as malas, com minha mãe ansiosamente parada na porta do meu quarto, ela decidiu tentar uma tática de manipulação própria.
"Hugh, você acha sensato passarmos tanto tempo sozinhos?", perguntou mamãe, mordendo o lábio. "Com certeza esse casulo que vocês construíram ao redor de vocês não é saudável."
"Engraçado, porque eu não ouvi esse argumento quando a Gibsie praticamente morou no quarto da Claire por seis meses depois que o Joe e a Beth morreram", respondi, olhando por cima do ombro. "Ou quando o papai se enfiou no maldito sótão cinco anos atrás e esqueceu de sair."
“Hugh!”
"Desculpe", forcei-me a dizer, mesmo não sentindo nada.
A verdade dói, mãe .
“Escute, tudo o que estou tentando fazer você entender é que ficar na Old Hall House não é algo com o qual eu me sinta confortável.”
"Por que não?"

"Por causa dos sentimentos envolvidos", explicou ela com um suspiro. "Por causa do jeito que você olha para Lizzie."
"Como eu a vejo, mãe?", respondi, ocupando-me em encher minha mala com roupas suficientes para durar o verão.
“Com *luxúria* , Hugh.”
"Luxúria", zombei, revirando os olhos. "É, tá, mãe."
"Estou falando sério, filho", argumentou mamãe, severamente. "Não sou cega e estou longe de ser burra. Você acha que eu não sei o que está acontecendo com seu corpo nessa idade? É assustadoramente óbvio que a puberdade chegou, e você vai para o ensino médio em alguns meses, o que só vai piorar as coisas." Ela soltou outro suspiro de dor. "As coisas estão mudando, Hugh, e as regras também precisam mudar."
"Como o jeito que eu olho para a Liz é diferente do jeito que o Gibs olha para a Claire?", protestei, virando-me para encarar minha mãe. "E então? O mundo inteiro sabe que essas duas são obcecadas uma pela outra, e mesmo assim você não tem problema nenhum em deixá-lo dormir aqui."
"Ah, por favor." Agora foi a mamãe quem revirou os olhos. "Aqueles dois são crianças, Hugh."
"E eu, o que sou?", perguntei, apontando para mim mesma. "Uma geriátrica?"
"Você nasceu velho", brincou mamãe, erguendo os lábios. "Mesmo quando você era criança, seu pai costumava dizer que havia um velho aposentado rabugento preso dentro de você."
"Uau", respondi, sem expressão. "Que lisonjeiro."
"Escute, o que você acha de a Lizzie vir ficar com a gente?" Caminhando até a minha cama, mamãe sentou-se e pegou uma camiseta da pilha. "Tenho certeza de que uma mudança de ambiente faria muito bem a ela", mamãe se esquivou, enquanto dobrava minha camiseta. "Não deve ser fácil para ela sozinha naquela casa grande, com apenas os pais como companhia. Principalmente com a mãe dela ainda em tratamento." Entregando-me a camiseta dobrada, mamãe pegou outra da minha pilha desorganizada. "Se a Lizzie viesse para a *nossa* casa no verão, eu poderia cuidar dela." Outra camiseta dobrada com capricho apareceu no meu caminho. "Eu me sentiria muito melhor se vocês duas estivessem sob o meu teto, onde eu pudesse ficar de olho em vocês."
"Eu adoraria", respondi calmamente, enfiando outra camiseta na bolsa. "Mas não vai dar certo."
"Por que não?", perguntou mamãe, sem querer ceder. "Eu já disse que ela é sempre bem-vinda em nossa casa."
"É", concordei, fechando o zíper da minha mochila. "E eu já *te disse* por que ela não pode vir aqui."
"O Mark se foi", insistiu a mãe. "Você sabe disso, Hugh. Ele não vai voltar tão cedo."
"É, eu sei", respondi. "Ele não é o problema."
Mamãe ficou em silêncio por um tempo até que a ficha finalmente caiu. "Gibs."
Bingo .
"Ah, Hugh, meu amor. Você sabe que a Gibsie não tem nada a ver com essa confusão."
"É", concordei, cerrando o maxilar. " *Eu* sei disso."

"A Lizzie também deve saber disso", insistiu ela. "O Gerard é amigo dela. Eles são amigos de carteirinha há anos."
"Eu *sei* , senhora", respondi, sentindo uma pontada de angústia no peito. "A senhora não está me contando nada que eu não saiba."
"Então ela certamente sabe que ele não tem culpa", insistiu mamãe. "Ela precisa acreditar que ele é inocente."
"Ah, *ela* tem que acreditar." Meu tom era duro e cheio de sarcasmo. "Bem, talvez Liz esteja um pouco sem fé ultimamente, mãe, principalmente considerando que ninguém *lhe demonstrou* a mesma graça."
"Hugh." Ela suspirou profundamente. "Por favor, não toque mais nisso."
"Eu *acredito* nela, mãe." Fui direto ao ponto e toquei no assunto. *De novo* . "Eu *acredito que* o Mark estuprou a Caoimhe, e não culpo a Liz nem um pouco por querer ficar o mais longe possível desta rua. Me mata que ela esteja projetando a dor dela no Gibs, mas honestamente não posso culpá-la. Porque se a situação fosse inversa e algo acontecesse com a Claire, eu também perderia a cabeça."
"Você sabe o que a Gardaí disse. Mark foi inocentado dessas acusações."
“Sim, e eu sei o que minha namorada disse também.”
"Hugh, você sabe que eu adoro a Lizzie. Ela é como uma das minhas. Mas você também sabe que ela é muito problemática..."
"Não diga isso", alertei, imediatamente nervoso, enquanto erguia a mão em advertência. "Não use o transtorno bipolar dela contra ela. Não seja como os outros."
"Não é bem assim, e você sabe", respondeu mamãe, com a voz carregada de emoção. "Eu amo Lizzie como se ela fosse minha. Sempre amei."
"Mas?"
“Estou *preocupado* , Hugh!”
"Você *deveria* se preocupar", concordei de todo o coração. "A irmã dela se matou, senhora." Será que todos tinham esquecido dessa informação? "Liz estava lá quando retiraram o corpo de Caoimhe do rio. Ela *viu* ."
"Eu sei." Lágrimas encheram os olhos da minha mãe. "Coitada da menina."
"O pai dela é um zumbi ambulante desde o funeral", continuei, inflexível. "E a mãe dela é um cadáver chorando. Minha namorada está completamente sozinha naquela casa, e eu não vou deixar isso continuar." Reforçando minha determinação, encarei minha mãe e disse: "E também não vou permitir que todos a rotulem de mentirosa."
"Não acho que ela esteja mentindo", mamãe se apressou em se defender. "Acredito que Lizzie acredita em cada palavra."
"É a mesma coisa, porra", retruquei. "Jesus, por que você insiste em falar comigo como se eu fosse uma criança? Eu entendo muito de semântica, mãe, e é exatamente isso que você está fazendo agora."
"Hugh, isso não está ajudando ninguém", insistiu mamãe, parecendo devastada. "Duas famílias estão em ruínas neste momento, e em vez de atiçar as chamas do ressentimento, deveríamos apoiá-las e incentivar *a cura* ."
"Então por que a senhora não faz isso, senhora?", retruquei, lançando-lhe um olhar severo. "Por que a senhora não pratica o que prega e visita a Catherine? Afinal, ela também é sua amiga. Ou será que Sadhbh Allen é o fator decisivo para decidir a quem você pode oferecer *apoio* ?"

"Isso não é justo, e você sabe disso", retrucou minha mãe, parecendo magoada. "Sadhbh é da família, Hugh."
"Não, senhora, *Gibs* é a nossa família", argumentei, finalmente me permitindo dizer o que eu vinha guardando há meia década. "Os *Gibsons* são a nossa família e Sadhbh não é mais uma Gibson. Ela é uma Allen."
“Hugh!”
"Eu te *contei* sobre ele", sibilei, perdendo a calma e visivelmente tremendo de tensão. "Eu contei *a todos* vocês, mas vocês não quiseram ouvir uma palavra." Furioso, fui até a minha televisão e comecei a desligar meu PlayStation. "Aquele babaca atormentou o Gibs por anos, e todos nós vimos como ele maltratou o Caoimhe." Enrolei os cabos no meu console e o enfiei em outra sacola enquanto continuava a reclamar. "O Caoimhe estava infeliz com ele, então por que é tão implausível sequer considerar que a Liz possa estar certa sobre ele?"
“Porque as autoridades disseram que ela está *errada* .”
"É, e talvez as autoridades estejam *erradas* ", retruquei. "Meu Deus, por que a senhora não tenta ver do outro lado, mãe? Por que a senhora não consegue ser imparcial?"
" *Estou* tentando, querida", disse mamãe com um suspiro. "Mas, como você bem sabe, não é tão fácil quando se está presa no meio de amigos."
"Sim, tenho, e tenho muito mais a perder do que qualquer outra pessoa", respondi, verbalizando meus medos mais profundos para minha mãe. "Gibsie é minha amiga mais antiga no mundo, e Lizzie é a *única* garota que eu amarei."
"Ah, pare com isso", suspirou mamãe, revirando os olhos. "Você está a fim da garota. Um pouco menos de drama, por favor, filho."
" *Não* , eu não estou a fim *dela* ", respondi calmamente. "Estou apaixonado *por* ela *e* , ao contrário da sua indiferença em relação aos meus sentimentos, garanto que eles não são apenas muito reais, mas também muito permanentes." Franzi o cenho para sua expressão divertida. "Mas é bom saber qual é a sua posição sobre o meu relacionamento, mãe. Vamos recapitular essa conversa daqui a vinte anos, quando eu passar por lá." a casa com minha esposa — antes conhecida como *a garota* — e nossos filhos.” Estreitando os olhos, acrescentei: “Aguardo ansiosamente seu pedido de desculpas — embora não possa prometer que não vou me gabar.”
"Isso é para me *tranquilizar* ?", perguntou mamãe, empalidecendo. "Porque estou a dois segundos de trancar você neste quarto durante o verão, meu rapaz."
"Você pode tentar", pensei, mantendo-me firme. "Mas ainda vou dar um jeito de ficar com ela."
"Viu, é *exatamente* por isso que você *não deveria* ir", explodiu mamãe, levantando-se bruscamente. "E, além disso, o filho que eu criei jamais falaria com a mãe assim."
“Talvez porque o filho que você criou saiba a diferença entre o certo e o errado”, respondi com raiva.
“E eu não?”
"Não recentemente", respondi. "Não."
Minha mãe olhou para mim como se não entendesse bem o que estava vendo. "Por que você está sendo tão desrespeitoso comigo?"
“Porque você é o *único* pai que eu tenho e não está me *ouvindo* .”

“Eu *sempre* escuto você.”
"Não sobre Mark Allen, você não fez isso."
“Hugh, não vou mais ter essa briga com você.”
"E eu não vou deixar isso passar", argumentei. "Eu *nunca vou* deixar isso passar, mãe."
Não é da nossa conta.”
“ *Ela é* da minha conta.”
"E você é *meu* filho", gritou mamãe, perdendo a calma comigo. "Uma criança. Um menor sob *meus* cuidados. Lembre-se do seu lugar nesta família, Hugh."
"Talvez não fosse tão difícil se eu soubesse qual era esse papel", respondi.
"Com licença?"
"Você me ouviu."
"Sabe de uma coisa? Pode esquecer de ir à casa da Lizzie", disparou mamãe, parecendo magoada e furiosa ao mesmo tempo. "Você claramente esqueceu suas boas maneiras e, até encontrá-las, pode ficar em casa", continuou ela, cutucando meu peito com o dedo indicador. "Na verdade, você está oficialmente de castigo até que eu diga o contrário, rapaz", acrescentou, cruzando os braços e me encarando. "Entendido?"
"A única coisa clara, mãe, é que *nesta* família o bom comportamento é punido", respondi, imitando suas ações cruzando os braços. "Só tiro nota A na escola. Conquisto inúmeros méritos acadêmicos. Faço parte do time em todos os esportes que pratico. Nunca chamo sua atenção para problemas. Sigo todas as regras. Cuido da Claire e do Gibs. Preparo as refeições e passo os uniformes quando você é chamada para o trabalho. Limpo meu quarto. Lavo minhas roupas. Corto a grama. Levo o lixo para fora. Troco as lâmpadas. Não desrespeito o toque de recolher. Não bebo. Não fumo. Não uso drogas. Não mexo com garotas." Com o peito arfando, soltei um suspiro e sibilei: "Eu faço a coisa certa, mãe." Pegando minha mochila, joguei-a no ombro e fui pegar minhas outras bolsas. "Todas as vezes, e você está me *punindo* por isso!"
"Não é isso que eu estou tentando fazer, Hugh!", gritou mamãe, erguendo as mãos. "Por que você não vê que eu estou tentando te proteger? Você é muito jovem para lidar com a tristeza daquela casa!"
"E você acha que este lugar é melhor?", perguntei, com o peito subindo e descendo rapidamente. "Quando a depressão do papai toma conta de todos os cômodos desta casa!"
“Hugh!”
"Eu não sou a Claire", eu disse, estrangulada, sentindo demais naquele momento. "Eu vejo. Eu ouço. Eu observo. Então não tente me afastar dela quando você nunca o deixaria!" *Não importa o quanto mal ele arrasta o resto de nós para baixo* . "Acho que a maçã não cai muito longe da árvore, não é?"
“Hugh, espera!”, mamãe começou a dizer, mas eu já estava farto.
Ignorando os apelos da minha mãe, saí do meu quarto, com as malas nas mãos, e corri em direção às escadas.
"Uau! Aonde você vai com tanta pressa?", perguntou Gibs, parado no último degrau da escada, vestindo um macacão de dinossauro e equilibrando duas tigelas de cereal. "Hugo?"
"Sai da minha frente, rapaz", foi tudo o que consegui responder, consumido

demais pela minha raiva para pensar com clareza. A hipocrisia naquela casa era sufocante e eu já estava farto.
Mais do que furioso, saí pela porta da frente sem olhar para trás e fui em direção à minha bicicleta.
"Espere!", gritou minha mãe, saindo correndo de casa atrás de mim. "Hugh, por favor, espere só um minuto!"
"Não se incomode", avisei, equilibrando a sela entre as pernas, enquanto ajustava as mochilas nos dois ombros. "Estou indo."
"É, já entendi." Suspirando em derrota, minha mãe tirou as chaves do carro do bolso. "Eu levo você."
Olhei para ela, indecisa. "Você vai?"
"Parece que não tenho muita escolha, não é?" Outro suspiro cansado escapou e ela foi em direção ao carro. "Abra o porta-malas e coloque sua moto lá dentro — e, pelo amor de Deus, me ligue se precisar de alguma coisa. Qualquer coisa, Hugh. É só pegar o telefone e eu *vou* até você."

O MENINO QUE FICOU

Lizzie

4 DE AGOSTO DE 2000

Quando Hugh chegou à minha casa na manhã seguinte ao nosso telefonema, armado com uma mochila e seu amado PlayStation, ele começou a montar acampamento em um colchão inflável no chão do meu quarto.
Meus pesadelos não assustaram meu namorado, nem minhas rápidas mudanças de humor ou minha incapacidade de sair da cama na maioria dos dias.
Hugh se adaptou rapidamente à dinâmica disfuncional da minha vida familiar e, em vez de se esquivar, ele se envolveu na situação, aprendendo com meu pai sobre os diferentes tipos de remédios que eu precisava tomar e quando.
Ele não cedeu ao peso da doença da minha mãe, como eu, nem ao mau humor cada vez maior do meu pai. A porta giratória de enfermeiras que entravam em casa não pareceu perturbá-lo, nem os horríveis efeitos colaterais da quimioterapia da minha mãe, e ele esperou pacientemente do lado de fora de cada porta de cada psiquiatra diante do qual eu era depositado.
No fundo, eu sempre soube que não merecia um amigo como Hugh Biggs, mas essa certeza só foi reforçada pelas ações dele neste verão. Qualquer outra pessoa teria dado meia-volta e ido embora, mas não Hugh. Ele ficou, apesar das lágrimas, do trauma e das birras.
Ele ficou .
Para mim .
Cinco semanas se passaram rapidamente, e Hugh permaneceu fielmente ao meu lado durante todo o tempo, provando, mais uma vez, que *aquele* garoto cumpria sua palavra. Tirando as duas noites da semana em que ele tinha que estar em casa para o jantar, passamos cada segundo do verão juntos.
Eu sempre soube que amava Hugh, mas meus sentimentos por ele se aprofundaram durante o verão. Como as raízes do alto carvalho no prado que se estendia profundamente sob a superfície da terra, o amor que eu sentia por aquele garoto havia tomado conta do meu coração a ponto de eu sinceramente pensar que poderia morrer sem ele.
Mesmo nas minhas noites mais sombrias, quando eu realmente sentia que a morte era minha única opção, eu me mantinha firme na certeza de que conseguiria suportar a agonia que era a minha mente perturbada se isso significasse ficar com *ele* . Se eu morresse, ele não estaria mais lá, e eu não conseguiria suportar.
Então eu *tive* que continuar.
Eu tive que *lutar* .

"Mamãe ligou", anunciou Hugh na sexta-feira à noite, enquanto lavávamos a louça depois do jantar. "Ela pegou meu uniforme hoje."

"Para Tommen?", perguntei, colocando uma caneca cheia de espuma no escorredor de louça.
"É", respondeu ele, pegando a caneca para secá-la com o pano de prato. "Começo no dia 30 de agosto."
"Ah." Meu coração disparou. "Queria ir com você."
"Não tanto quanto eu gostaria", respondeu ele, abrindo a porta de um armário e guardando a caneca lá dentro. "Quando você volta para o Sagrado Coração?"
"Trinta de agosto. Igual a você." Balancei a cabeça, decepcionada. "É tão injusto, Hugh. Eu deveria estar entrando no primeiro ano com você."
"Eu sei, Liz", respondeu ele, parecendo igualmente frustrado. "Concordo."
“Estou velho demais para ficar preso na escola primária por mais dois anos.”
“Você é inteligente demais para ficar preso na escola primária por mais dois anos.”
"Vou ter quatorze anos quando chegar ao ensino médio." Estendi a mão para a pia da cozinha, tirei o ralo e observei a água escorrer pelo ralo. "Todo mundo vai achar que tem algo errado comigo."
"Não, não vão." Hugh foi rápido em rebater meu argumento, dobrando cuidadosamente o pano de prato antes de colocá-lo no escorredor de pratos. "Porque não há *nada* de errado com você. Além disso, vai se equilibrar depois do seu certificado júnior." Pegando minha mão, ele me puxou para seus braços. "Você pode pular o quarto ano, e aí teremos apenas um ano de diferença."
"Eu sei." Tremendo, apoiei a bochecha na curva do seu pescoço e o abracei pela cintura. "Mas eu só quero ficar com você agora."
"Você *está* comigo agora." Passando um braço em volta da minha cintura, ele segurou a parte de trás da minha cabeça com a outra e sussurrou: "E eu estou com você."
Soltando um suspiro trêmulo, deixei minhas pálpebras se fecharem e meu corpo se dobrar contra o dele. "Você me faz sentir tanto."
"De um jeito bom ou ruim?"
"Da *melhor* maneira possível."
"Que alívio", ele refletiu, bastante satisfeito em me segurar. "Comigo também, Liz."
Não foi.
Não poderia ser.
Ele não conseguia entender os sentimentos que ele evocava lá no fundo de mim ou a reação que meu *corpo* tinha ao seu toque. Eu sabia que não deveria me sentir assim, então não ousei contar a ele, mas isso estava ficando mais forte a cada dia.
O que começou como uma vibração prazerosa no meu peito sempre que Hugh me tocava, cresceu e se tornou uma coceira mais urgente que precisava ser coçada, antes de evoluir para uma fome total.
Segurar minha mão ajudou a aliviar a fome e me abraçar assim aliviou um pouco mais, mas eu ainda estava *morrendo de fome* e não tinha ideia de como fazer isso parar.
No centro da minha mente estava a conversa que tivemos sobre o toque ruim, e eu estava perfeitamente ciente de que tinha que manter minhas mãos para mim.
não podia tocá-lo.

Beijar só parecia intensificar a dor, o que fazia meu corpo se mover de maneiras estranhas contra o dele. Pior ainda era a vontade frenética de passar as mãos sobre sua pele de maneiras que eu sabia que eram *ruins* .
Isso me deixou muito confusa porque todas as coisas assustadoras que o monstro me forçou a fazer, todas as coisas horríveis que me machucaram por dentro e me fizeram chorar, eram exatamente as coisas que eu queria que *esse* garoto fizesse comigo.
O monstro se foi , ecoou em minha mente uma voz que soava terrivelmente parecida com a da minha irmã. *Você está livre agora* .
Não, eu não estava.
Porque o monstro pode ter ido embora, mas eu nunca me livraria dele.
Das coisas que ele fez comigo.
Das coisas que me fizeram querer arrancar a pele dos meus ossos por *desejo* .
"O que houve?" A voz de Hugh penetrou meus pensamentos, e ele se afastou para inspecionar meu rosto com olhos castanhos preocupados. "Seu corpo ficou completamente rígido."
"Nada", respondi, olhando para ele. "Eu só estava sonhando acordada."
"Sobre mim?" ele provocou com uma piscadela brincalhona.
"É, Hugh." Obriguei-me a sorrir. "Sobre você."
“O que é isso?” ele perguntou então, pegando minha mão.
"O que é o quê?"
"Isto." Arregaçando minha manga, ele apontou para o meu pulso. "Que porra é *essa* , Liz?"
"Nada", murmurei, soltando a mão da dele e puxando a manga para baixo. "Só esquece, tá?"
"Como eu vou fazer isso?", ele perguntou, puxando minha mão de volta. "Você prometeu."
Não foi a traição em seus olhos que fez meu coração doer.
Era a preocupação.
Era o medo.
"Estou bem de novo, Hugh." Obriguei-me a manter contato visual com ele. "Viu?", apontei para o meu rosto sorridente. "Está tudo bem."

VERÃO NA OLD HALL HOUSE

Hugo

28 DE AGOSTO DE 2000

DEPOIS DE PASSAR O VERÃO INTEIRO DEITADO EM UM COLCHÃO INFLÁVEL NO QUARTO DE L IZZIE , eu me senti seguro ao saber que, se eu não conseguisse ser um cirurgião cardiotorácico, poderia facilmente me dedicar à oncologia ou à psiquiatria.
Eu certamente estava preparado para isso.
Eu tinha plena consciência de que minha abordagem calma em uma crise médica contrastava diretamente com a maioria dos rapazes da minha idade, mas, por outro lado, a maioria dos rapazes da minha idade não era fascinada pela cirurgia da raiz da aorta.
A única coisa que parecia atrapalhar era meu coração e como ele parecia bater unicamente pela garota em cujo quarto eu estava hospedado. Porque quando ela estava com dor, meu Deus, eu também sentia.
Todas as noites, sem exceção, Liz acordava em pânico, e todas as noites, sem exceção, ninguém vinha vê-la. Não importava o quão alto ela gritasse ou o quão frenética ela ficasse; ela era deixada sozinha com seus demônios.
Na primeira noite em que isso aconteceu, fiquei rígido no meu colchão, com muito medo de ir até ela, caso seu pai entrasse no quarto e pensasse que eu estava tendo ideias — algo que ele deixou implicitamente claro que eu *não* deveria entender.
Eu sabia que Catherine estava muito frágil naquele momento e fisicamente incapaz de ajudar a filha, mas Mike tinha duas pernas perfeitamente boas e dois ouvidos perfeitamente bons.
Quando ninguém apareceu naquela noite, e Liz continuou a chorar, eu tomei as rédeas da situação e fui para a cama com ela. Quando ela percebeu que eu estava lá, subiu em cima de mim e se agarrou ao meu corpo com mais força do que Gibsie fazia quando tinha um pesadelo.
Depois daquela noite, virou um hábito. Liz acordava no meio da noite e eu saía da minha cama e ia para a dela. Dali, ela me abraçava com força, enquanto eu sussurrava palavras de conforto em seu ouvido. O choro parava, mas os tremores violentos continuavam até o sol nascer. Ela não me soltava até que o quarto estivesse claro o suficiente para dissipar as sombras, e eu também não.
Algumas noites, ela divagava fervorosamente sobre os monstros em seu quarto, as mulheres assustadoras em sua cabeça e os pesadelos que a atormentavam. Embora seus sussurros noturnos raramente fossem coerentes, eu ouvia atentamente cada palavra, pois sabia que ela estava tentando me dizer algo importante. Algo que sua mente se recusava a entender.
Todas as noites, eu esperava minha namorada me chamar para ir até a cabeceira da cama dela, e então eu ouvia atentamente, torcendo para que aquela mente brilhante dela me desse um osso para trabalhar. Apenas um pequeno fragmento

de uma memória coerente para que eu pudesse ajudá-la.
Eu sabia que as evidências eram inexistentes, e minha mãe achava que eu estava fazendo mais mal do que bem ao ceder a ela, mas meu coração me assegurava que eu estava no caminho certo. Eu conhecia Liz há quase toda a minha vida, e algo lá no fundo me assegurava que eu deveria confiar em seus instintos nessa questão. Que diabos, até meu próprio instinto, aquele que nunca me enganou, exigia que eu *acreditasse* nela.
Portanto, eu continuaria a apoiá-la 150%, tanto em público quanto em particular, até meu último suspiro. A única coisa com a qual eu não conseguia apoiá-la era sua insistência em punir Gibs por um crime em potencial do qual ele não tinha participação, e embora minha namorada estivesse determinada a condenar cada membro da família Allen, parente consanguíneo ou não, reservei minha condenação somente para Mark.
Não posso dizer que os últimos meses não foram um desafio, e sempre pensei que entendia a saúde mental da minha namorada melhor do que a maioria, mas não poderia ter sido mais ingênuo.
Claramente, Liz havia guardado cada grama de energia e alegria para nossas visitas diárias, porque ver o que ela passava em um período padrão de vinte e quatro horas partia meu coração.
Porque a mente dela não era apenas complicada; ela a *torturava* a ponto de eu me ver entendendo suas mudanças repentinas e drásticas de humor.
O pior era a automutilação — algo que eu descobri que ela fazia diariamente. Isso realmente me tirava o ar dos pulmões. Saber que, se eu virasse as costas a qualquer momento, ela poderia e *iria* cortar a própria carne com uma navalha. Eu a peguei em três ocasiões, e essas três brigas foram as únicas vezes em que levantei a voz para ela.
Porque eu precisava que ela me *ouvisse* .
Porque eu precisava que ela soubesse que quando ela se cortava, ela me cortava também.
"Hugh?", Liz sussurrou no silêncio, e a súbita intrusão da sua voz, sem mencionar a mão que ela estendeu para o lado da cama para passar os dedos no meu cabelo, quase me deu um ataque cardíaco. "Você está acordado?"
"É, Liz." Soltei um suspiro, com o peito arfando. "Estou acordada." Quando seus dedos continuaram a despentear meu cabelo, estendi um braço e apoiei a mão na beirada do colchão. "Você teve outro pesadelo?"
"Acho que sim", respondeu ela suavemente, pegando minha mão. "Mas não sei se eu estava dormindo quando aconteceu."
"Você quer falar sobre..." Minhas palavras sumiram rapidamente quando minha namorada rolou para fora da cama e caiu no colchão ao meu lado.
"Oi", ela sussurrou, acomodando-se de lado, de frente para mim.
"Oi", respondi, engolindo em seco. "Você acabou de cair da cama?"
Liz balançou a cabeça, e o olhar intenso que ela me lançou fez com que todos os pelos do meu corpo se arrepiassem. "Você vai embora amanhã."
"É, meio que preciso." Uma dor surda se instalou no meu peito. "A escola começa depois de amanhã."
"Não quero dormir sem você esta noite", ela sussurrou, estendendo a mão para acariciar meu queixo. "Não quando é nossa última noite."

Com cuidado para não interpretar mal, levantei lentamente o braço e esperei sua reação. Quando ela imediatamente afundou a cabeça na curva do meu braço, relaxei e a abracei. "Não é a nossa última noite", prometi, com a voz rouca e rouca. "Teremos milhares de outras noites juntos."
Inspirando fundo, Liz passou uma perna comprida sobre meus quadris e espalmando a palma da mão sobre minha barriga nua. "Você sempre cheira tão bem."
"Bem, eu meio que preciso, não é?", provoquei, me esforçando para não pensar no meu corpo queimando sem parar. "Quando minha namorada passa a maior parte dos dias me cheirando."
"Verdade", ela refletiu, passando os dedos pelo meu umbigo. "Ei, você sabia que agora tem pelos embaixo do umbigo?"
Não era o único lugar onde eu tinha pelos, mas eu com certeza não ia contar isso a ela. Não quando eu estava fazendo tudo o que podia para aconselhar mentalmente meu corpo a se acalmar.
“Hugh?”
"Hum?"
"Você me ouviu?"
"É, Liz." Pigarreei e segurei a mão dela. "Eu ouvi."
"Desculpe", ela sussurrou, parecendo culpada. "Foi uma má ideia?"
"Não." Balancei a cabeça e reprimi um arrepio. "Nada mal. Só inesperado."
"Ah." Ela se aproximou, causando um verdadeiro caos no meu pobre coração. "Hugh?"
"É, Liz?", respondi, fechando os olhos com força quando a parte interna da coxa dela se acomodou em cima de mim.
"Quando é que vamos nos tocar?"
Esqueça engolir; quase engasguei com a saliva quando ela me perguntou isso. *"Tocar?"*
"É", ela sussurrou, roçando a bochecha no meu ombro. "Tipo como namoradas e namorados se tocam."
Porra, eu não conseguia mais esconder.
"O que é isso?" ela perguntou então, percebendo claramente meu problema.
Jesus Cristo, minha mãe estava *certa* .
Meu coração amava essa garota, mas meu corpo definitivamente a *desejava* .
Ah, droga .
"Podemos nos tocar quando formos bem mais velhos do que isso", disse eu, estrangulada, buscando desesperadamente bom senso e autocontrole na névoa de luxúria que se apoderava de mim. "Quando estivermos os dois no ensino médio."
"Mas você vai ficar dois anos no ensino médio antes de eu chegar lá", protestou ela. "E se você encontrar outra garota para tocar?"
"Eu não vou."
“Mas e se você fizer isso?”
" *Não vou* , Liz", repeti, sentindo as pernas tremerem. "Não vou."
“Como você pode ter tanta certeza?”
“Porque eu sei que isso não vai acontecer.”
“Mas como você sabe?”
“Porque eu só quero tocar em você.”

Ela prendeu a respiração. "Você tem?"
“Sim”, respondi antes de acrescentar rapidamente, “quando formos *mais velhos* ”.
“Quantos anos mais velho?”
"Eu já te avisei quando estávamos no ensino médio", respondi, pegando a mão dela quando ela começou a descer pela minha barriga novamente. "Não tem pressa, Liz, e eu não vou sair por aí olhando ou tocando em nenhuma outra garota quando começar o ensino médio, ok?"
“Ou beijando?”
"Ou beijar", confirmei. "Não farei nada disso, então tudo o que você precisa fazer é ter paciência e confiar em mim, porque não farei nada que possa te machucar."
“Eu *confio* em você, Hugh.”
"Ótimo." Virei-me de lado para encará-la, coloquei a mão em sua bochecha e sorri. "Porque temos todo o tempo do mundo para esse tipo de coisa."
Olhos fundos, azul-claros, me encararam de volta. "Certo."
"Eu te amo", sussurrei então, precisando que ela soubesse. "Não importa o que aconteça."
"Eu também te amo." Minhas palavras fizeram o brilho em seus olhos reaparecer. "Não importa o que aconteça."
"Quer me contar sobre o seu pesadelo?", perguntei então, precisando mudar o rumo da conversa para algo que eu pudesse lidar. "Aquele em que você achou que não estava dormindo?"
Seu corpo ficou tenso imediatamente. "Eu estava em uma sala."
“Este quarto?”
Ela balançou a cabeça. "Um quarto diferente."
"Certo." Mantendo o tom gentil, continuei a acariciar sua bochecha com o polegar. "O que mais havia no quarto?"
“Uma cama.”
“Você estava na cama?”
"Não." Liz balançou a cabeça. "Ela estava."
“Caoimhe?”
Ela me ofereceu um aceno firme. "Ela estava chorando."
"Isso parece assustador." Meu coração começou a disparar no peito, mas não ousei deixar que ela percebesse. Em vez disso, mantive a voz o mais calma e relaxada possível quando perguntei: "Havia mais alguém na sala?"
Ela balançou a cabeça freneticamente antes de concordar.
“Houve?”
Ela balançou a cabeça novamente e então assentiu.
“Não havia?”
"Não sei." Fechando os olhos com força, Liz soltou um suspiro trêmulo. "Não quero mais pensar nisso."
"Ok", respondi quando tudo o que eu queria gritar era *não, não pare agora* . Mas eu não podia fazer isso com ela. Não quando eu voltaria para casa amanhã e não estaria aqui para juntar os cacos. "Não precisamos falar sobre isso hoje à noite." Passando um braço em volta de sua cintura fina, puxei-a para perto de mim, de modo que nossos peitos ficassem colados. "Tenta dormir um pouco, ok?"

“E se o monstro sair dos meus sonhos?”
"Estarei aqui", prometi, apertando-a com mais força. "Cuidando de você."
"E me mantendo segura?"
"É, Liz", resmunguei, sentindo meu coração se partir. "Te mantendo segura."

PARTE 16

Novos Horizontes

OS MENINOS DE TOMMEN

Hugo

30 DE AGOSTO DE 2000

" AH, MEU DEUS , QUEM TE DEIXOU SAIR DE CASA COM ESSE JEITO ?", perguntou Johnny Kavanagh com seu forte sotaque de Dublin, enquanto circulava Gibsie no estacionamento do Tommen College na nossa primeira manhã no ensino médio. "De jeito nenhum vou deixar você entrar na escola com essa coisa, Gibs." Ele virou seus olhos azuis de aço acusadores para mim. "Como você pôde *permitir* que isso acontecesse, Hughie?"
"Eu não sou o guardião dele, Cap", eu ri, levantando as mãos.
“Não, mas aparentemente ele é”, Feely interrompeu com uma risada.
"Peço desculpas a todos", bufou Gibsie, agarrando as lapelas do seu blazer azul-marinho ultrachique. "Minha mãe disse que eu pareço elegante."
"É, e minha mãe disse a mesma coisa quando tentou me enfiar numa, mas eu não era burro o suficiente para acreditar", retrucou Kav, fazendo uma careta. "Tira essa coisa, tá? Ou você vai virar motivo de chacota antes do primeiro sinal."
"Mas todos os outros calouros estão de blazer", reclamou Gibs, apontando para um grupo de calouros de rosto fresco que passava apressado por nós antes de alisar as mangas do seu blazer sob medida. Ele então lançou um olhar de desprezo para nós três antes de soltar um suspiro. "Não fiquem com inveja porque eu estou linda enquanto vocês três parecem cocô de cachorro de suéter."
“Sim, bem, eu prefiro merda de cachorro a qualquer dia do que Carlton, o maldito Banks”, resmungou Kav antes de começar a lutar fisicamente o blazer do nosso amigo. "Nenhum melhor amigo meu anda por aí com um alvo nas costas."
“Você acabou de me chamar de seu melhor amigo.”
“Não, eu não fiz.”
“Sim, você fez.”
“Não, eu não sangrei.”
“Sim, você fez!”
“Sim, você admitiu, *Jonathan* .”
"Foi um pequeno deslize, *Gerard* . Não interprete mal."
"Diga."
"Não."
"Diga ou eu vou vestir o blazer de volta", avisou Gibs, pegando o blazer de volta.
Kav estreitou os olhos em desafio. "Você não ousaria."
"Ah, não", disse Gibs alto o suficiente para chamar a atenção para nós, enquanto enfiava o braço por uma das mangas. "Se ao menos eu tivesse um melhor amigo para me mostrar o caminho."
"Tá bom... tá bom!" Kav disparou, pegando o blazer de volta. "Você é meu melhor amigo", resmungou, enrolando o tecido e guardando na bolsa. "Está feliz

agora?"
"Em êxtase!", exclamou Gibsie, e juro que se ele tivesse um rabo naquele momento, estaria abanando. Ele se virou para nós e sorriu. "Johnny me chamou de melhor amigo."
"Com certeza, Gibs", Feely e eu rimos em uníssono, completamente entretidos com a expressão horrorizada no rosto do Cap. "Ele deve te amar, rapaz."
"É, bom, é um status de relacionamento coercitivo, na melhor das hipóteses", resmungou Kav, fechando a bolsa e jogando-a por cima do ombro. "E afrouxe essa gravata, por favor?", acrescentou, dando uma última olhada no *melhor amigo* . "Você está entrando numa sala de aula, Gibs, não num tribunal."
"Tudo por você, meu amigo", respondeu Gibsie, rapidamente acompanhando o passo dele.
"Se você me chamar assim de novo, eu vou estrangular você", resmungou Kav, enquanto colocava a mão no ombro de Gibsie e o afastava de uma poça de água da chuva.
“Sim, sim, capitão.”

"Este lugar é um zoológico", declarou Feely quando finalmente nos encontramos no almoço. Enquanto isso, Gibs e Kav não estavam em lugar nenhum. "Nunca me senti tão intimidado na minha vida." Afundando-se na cadeira ao meu lado no refeitório, ele desrosqueou a tampa de uma garrafa de Tanora e tomou um gole longo. "Não tenho certeza sobre esta escola, Hughie, não tenho mesmo." Ele tomou outro gole de sua bebida antes de sussurrar: "As garotas aqui são assustadoras pra caramba."
Ele não precisou me dizer duas vezes.
Depois de passar os últimos oito anos em uma escola só para meninos, o Tommen College parecia que tínhamos sido transportados para um planeta totalmente novo, e me senti profundamente grato à minha irmã por me preparar para esse universo alternativo.
"Está vendo aquela loira ali, aquela de rabo de cavalo?", Feely apontou para um grupo de garotas sentadas à mesa em frente à nossa. "Ela agarrou minha bunda com força no armário hoje de manhã, e quando me virei, ela nem desviou o olhar. Ficou parada ali, piscando para mim."
"Sério", eu ri. "O que você disse pra ela?"
"Eu não tive a mínima chance", respondeu ele, puxando a gola da camisa. "Ela me deu um tapa antes que eu pudesse dizer uma palavra."
"O que você quer dizer com ela ter imposto isso em você?"
“Quero dizer que *ela* enfiou a língua na *minha* boca!”
"Quem enfiou a língua na sua boca?", perguntou Pierce O'Neill, juntando-se a nós. "E aí, Biggsie?", ele voltou a atenção para mim. "Não me diga que você já conseguiu o turno, seu babaca."
"Eu tenho namorada, seu babaca", respondi, na defensiva. "Dificilmente ando por aí trocando pessoas sem-teto."
"Você ainda está saindo com a amiga da sua irmã?", perguntou Pierce em tom incrédulo.

Meu corpo inteiro se enrijeceu. "E então?"
“Ela ainda não está na escola primária?”
Estreitei os olhos em desafio. *"E?"*
"E nada", ele murmurou, parecendo desconfortável. "Achei que você já a teria mandado embora."
“Por que eu faria algo tão absurdo como isso?”
"Olha ao redor, Biggsie", respondeu Pierce, parecendo genuinamente confuso com a minha reação. "Por que você iria querer ficar preso à mesma garota com quem está desde o primário, quando poderia ficar com cem garotas aqui?"
“Porque eu *não* quero nenhuma dessas garotas.”
“Como você pode dizer isso?”
“Porque eu já *tenho* a garota que eu quero.”
"Mas como você pode ter certeza se não testar as águas?", ele continuou insistindo. "Você é um favorito para a camisa número dez, rapaz. Vai ter garotas caindo aos seus pés, e você está me dizendo que vai abrir mão de tudo isso por..."
"A loira da mesa ao lado", Feely interrompeu rapidamente, ciente de como aquele babaca me irritava. "Ela me beijou."
"De jeito nenhum", exclamou Pierce, a atenção imediatamente voltada para Feely. "Você é uma lenda, rapaz."
Vários rapazes do Scoil Eoin se juntaram à nossa mesa e rapidamente começaram a trabalhar na classificação, avaliação e observação das garotas ao nosso redor como se fossem cães desesperados.
Enquanto isso, tirei o celular do bolso, tentando me acalmar. *Porra, Pierce* . Não havia uma garota naquela escola que se comparasse à Liz, e mesmo que houvesse, eu... Ainda assim, não me deixei levar, porque não era a aparência da Lizzie que me prendia. Era *ela* ...
Rolando a tela do meu celular, notei que havia uma mensagem de texto não lida e rapidamente a acessei. Meu pulso acelerou quando vi que era da Liz, com a hora marcada: 08:39.

Você pode olhar, mas não tocar. x

Mantendo o queixo abaixado para esconder o sorriso, digitei uma resposta e pressionei enviar.

A única garota que estou olhando é **a minha** garota, e ela é a única garota que estarei tocando. x

Sabendo que não receberia uma resposta de Liz até ela terminar a escola, coloquei meu telefone de volta no bolso e concentrei minha atenção na conversa tediosa e tediosa que acontecia ao meu redor, composta de garotas, garotas e mais garotas.
Loiras .
Morenas .
Ruivas .
Garotas altas .

Meninas baixas .
Meninas com peitos pequenos .
Meninas com peitos grandes .
Meninas que pareciam mulheres adultas .
Meninas que estavam fora dos limites .
Jesus Cristo, era exaustivo ouvi-los.
"Mas você faria isso se pudesse se safar, não é?", perguntou Lukey, direcionando a pergunta para mim.
Balançando a cabeça para clarear os pensamentos, dei-lhe atenção. "Eu faria o quê?"
“Marcou outra garota?”
"Não."
“Você tem que responder honestamente, Biggsie.”
"Sim", respondi, impassível. "E continua sendo não."
“Eu vi aquela garota em irlandês tentando falar com você.”
“Sim, eu também a vi.”
“Jesus, ela era um pouco legal.”
“Ela estava atenta a cada palavra dele.”
“Ela me pediu uma caneta.”
"E o seu número? Eu ouvi."
"Você deu para ela, rapaz?"
“Isso seria outro não.”
"Ah, qual é, Biggsie", disseram vários dos rapazes em coro. "Ela estava te enrolando na aula."
“Rapaz, aquela garota era deslumbrante.”
"Certo."
“Jesus, ela pode ficar com meu número se quiser.”
"Não se incomodem com o Biggsie, rapazes. Ele jurou não ter mais nenhum talento na escola", riu Pierce. "Porque ele está apaixonado . "
"Por que você não tenta com ela?", desafiei, encarando o idiota à minha frente. "Ou você é covarde demais para chegar perto de uma garota e falar com ela?"
"Não estou interessado nos seus restos de comida, rapaz", Pierce riu. "Mas eu com certeza abriria uma exceção para aquela sua namorada." Balançando as sobrancelhas, ele provocou: "Não se esqueça de passá-la quando terminar."
“Meu Jesus, você não deveria ter dito isso”, Feely gemeu, apoiando a cabeça nas mãos.
"Você *realmente* não devia ter dito isso, rapaz", acrescentou Robbie Mac, sério. "Que falta de educação."
"É." Empurrando a cadeira para trás com força, levantei-me bruscamente e fui até ele. "Você realmente não devia ter dito isso, seu babaca."

TELEFONEMAS NOITE

Lizzie

30 DE AGOSTO DE 2000

EU ESTAVA AMARGA POR MUITAS COISAS NA VIDA, MAS O MAIOR MOTIVO DE HOJE FOI O FATO de que eu deveria ter começado o primeiro ano com meu namorado e *não* a quinta série com a irmã dele.
Eu me senti deixada para trás quando criança, quando fui reprovada em escolas especializadas, em vez de frequentar escolas regulares com colegas da minha idade. Senti isso ainda mais quando minha irmã partiu deste mundo e, agora, eu estava sentindo tudo de novo.
Porque Hugh iria e eu ficaria para trás.
Fiquei muito irritada porque alguns dos alunos da sexta série que se formaram na Sacred Heart no verão passado eram ainda mais novos do que eu. Agora, eles podiam ir para o ensino médio, enquanto eu permanecia no ensino fundamental por mais dois anos.
Foi muito constrangedor porque eu não só faria quatorze anos na sexta série, mas também teria *quinze* no final do primeiro ano, enquanto todos os outros da minha turma estariam apenas entrando na adolescência.
Doze e meia começando na quinta classe.
Que piada do caralho .
Eu era mais velho do que todos os alunos da sexta série, que tinham onze anos ou tinham *acabado* de fazer doze, e a diferença era ainda mais gritante na minha turma.
Claire e Shannon tinham onze anos, junto com alguns outros meninos da quinta série, enquanto a maioria das outras meninas ainda tinha dez anos.
O que diabos eu tinha em comum com crianças de dez anos?
Eu precisava depilar as pernas e as axilas regularmente, enquanto elas não passavam por essas dificuldades. Eu tinha seios, um namorado e ciclos menstruais, enquanto elas ainda brincavam de Barbie e conversavam com garotos pelo Dream Phone.
Além de Claire e Shan, eu não sabia como me misturar com as outras meninas, porque nunca me senti como *uma* delas. Não tinha lembranças da minha vida antes dos três anos de idade, e todas as minhas lembranças desde então foram repletas de consultas médicas, hospitalizações, lágrimas, comprimidos, birras e traumas.
Na verdade, eu nunca tive uma boneca. Lembro-me de ganhar muitas em aniversários e no Natal, mas eu as passava para meus amigos ou as usava para praticar tiro ao alvo quando ia atirar com espingarda de chumbinho com Hugh e os meninos.
Eu não conseguia me identificar com o prazer que outras meninas sentiam ao se fantasiar e desprezava a ideia de ficar rodando por aí com babados e laços. Eu não era contra usar vestidos ocasionalmente, mas meu estilo era completamente

diferente do que as lojas promoviam para meninas da minha idade ou do que minhas amigas usavam.
Além da minha idade avançada, maturidade física e incapacidade de me relacionar com meus colegas, o currículo do ensino fundamental era fácil demais para mim. Na maioria dos dias, eu ficava cada vez mais deprimido na escola porque minha mente não tinha estímulos e eu precisava de estímulo para me manter no caminho certo. Eu precisava de um desafio para me distrair da tempestade sem fim que se formava dentro de mim.
Quando Hugh finalmente ligou depois do seu primeiro dia em Tommen, senti uma onda de calor imediata.
"Oi, Liz." Quando ouvi sua voz familiar do outro lado da linha, uma onda de calor me envolveu. "Desculpe o atraso. Eu tinha treino depois da aula."
"Está tudo bem." Soltei um suspiro de satisfação e me deitei nos travesseiros. O dia todo, não consegui me concentrar, estava muito envolvida pensando em suas aventuras no ensino médio. "Como foi seu dia?"
"Agitado", meu namorado riu. "O lugar parece um zoológico."
"Realmente?"
"É, é bem louco, mas eu consegui", foi sua resposta tranquila. "O treinador fez testes de rúgbi depois da aula, e os rapazes e eu fomos convocados para o time da escola."
"Quais rapazes?"
“Kav, Feely e, uh, Gibs.”
Não consegui descrever a sensação lancinante que me atravessou o esterno quando Hugh disse seu nome. Por um momento, não tive certeza se conseguiria respirar, mas finalmente consegui pronunciar a palavra *"parabéns"* , mesmo que quase me matasse.
"Liz." Houve uma longa pausa na linha antes que ele falasse. "Desculpa, querida, mas você sabe que ele é meu amigo."
Não seja amigo dele , eu queria gritar, mas me contive, com muito medo de afastar a única pessoa que eu sentia que estava realmente ao meu lado. "Me fale sobre o Tommen", eu disse, precisando mudar de assunto antes de explodir. "Quem são seus professores?"
Parecendo aliviado, Hugh me deu um resumo detalhado de seu dia do começo ao fim, mas omitiu qualquer menção a *ele* , o que me deixou profundamente feliz.
"Há meninas na sua turma?", perguntei um pouco depois, sentindo-me mais próximo.
“Alguns”, ele respondeu calmamente.
Dei um sorriso irônico. "Alguém é legal?"
"Ninguém com o nome Lizzie Young", foi sua resposta provocativa. "Não estou olhando para eles, Liz."
"Eu não ficaria brava se você estivesse", admiti com um suspiro. "Não sou exatamente a namorada mais fácil."
"Não estou procurando, Liz", repetiu ele, agora com um tom sério. "Você é a única garota que eu sempre quis, e não tenho a mínima intenção de fazer nada que possa atrapalhar isso."

NOITES DE ENCONTRO NA PISCINA

Lizzie

23 DE NOVEMBRO DE 2000

"VOU CONSEGUIR UM EMPREGO AQUI QUANDO TIVER IDADE SUFICIENTE ", ANUNCIOU H UGH NA noite de quinta-feira, enquanto brincávamos na água.
Em setembro, quando ele sugeriu que começássemos a nadar durante a semana depois da escola, pensei que fosse apenas uma ideia passageira que passava pela cabeça dele, porque ele amava nadar.
Mas quando ele continuou a tocar no assunto, percebi rapidamente que ele estava falando sério. Depois de convencer meus pais de todas as maneiras pelas quais os exercícios poderiam beneficiar minha saúde mental, eles praticamente me expulsaram de casa.
Todas as noites de segunda a sexta, nos últimos dois meses, pontualmente às 19h, Hugh chegava à minha casa em seu fiel estilingue amarelo, com sua bolsa de natação pendurada no ombro.
De lá, íamos de bicicleta até o hotel e centro de lazer particular na cidade, onde nossas famílias eram membros, e nadávamos até que nos expulsassem na hora de fechar.
Por duas horas inteiras, fiquei só com ele, e depois ele me levou de bicicleta para casa, antes de ir para casa também.
Talvez fossem as endorfinas da natação, ou talvez fosse o Hugh, mas senti uma quietude na água que não senti em nenhum outro lugar.
"Sério", Hugh apontou para a cadeira vazia do salva-vidas. "Esse vai ser o meu lugar."
"Eu acredito em você", respondi, envolvendo-o com meus braços e pernas. "Você conquistou tudo o que sempre desejou."
"Nem tudo", ele respondeu com uma piscadela sedutora. "Algumas coisas em que me apego não podem ser apressadas."
Meu coração batia forte no peito. "É mesmo?"
"Uh-huh." Ele agarrou minhas coxas e me puxou para mais perto. "Não consigo parar de pensar em você."
"Estou bem aqui", ri, estendendo a mão para tirar o cabelo encharcado dos olhos. "Você fica adorável de cabelo molhado." Sorrindo, inclinei-me para perto e dei um beijo em seu focinho. "Como um cachorrinho grande de olhos castanhos."
“O que todo rapaz quer que sua namorada diga.”
“Não é isso que eu quero dizer—”
Minhas palavras foram engolidas por seus lábios quando se chocaram contra os meus. Sua língua roçou timidamente contra a minha, sondando uma reação, aguardando aprovação. Tremendo de prazer, retribuí o beijo com avidez, desejando nada mais do que fundir minha boca à dele para sempre.
Quando Hugh me beijou, não foi nada parecido com tudo o que eu já tinha experimentado antes ou depois. Ele estava me amando com a boca. Expressando

seus sentimentos com cada movimento da língua. Foi profundo. Foi avassalador. Como se eu fosse a única receptora de seu tempo, atenção, coração e carinho.
O número de beijos que trocávamos tinha aumentado drasticamente desde que ele começou o ensino médio, e ainda mais desde o aniversário dele no mês passado. Era quase como se o corpo dele tivesse alcançado o meu, e *finalmente estivéssemos* na mesma frequência. Hugh sempre fazia questão de garantir que *só nos* beijássemos, e eu estava perfeitamente satisfeita em seguir o seu exemplo, porque, *caramba,* ele conseguia me fazer sentir coisas com os seus beijos.
Uma parte de mim temia que Hugh se afastasse de mim quando começasse em Tommen e estivesse perto de outras garotas, mas ele parecia mais determinado do que nunca a passar um tempo sozinho comigo.
Meu namorado manteve a palavra e os olhos em mim, mesmo com muitas garotas da nova escola dele decididas a fazer ele mudar de ideia. Enquanto Hugh nunca disse nada sobre isso, a irmã dele, por outro lado, cantou como um canário assim que soube dos detalhes obscenos dos amigos dele.
Aparentemente, o garoto que era meu melhor amigo desde o primeiro ano da educação infantil tinha se tornado um verdadeiro príncipe dos corações partidos em Tommen, com uma fila impressionante de admiradores competindo por sua afeição. Segundo Patrick, e para o maior crédito de Hugh, ele praticamente ignorava a atenção, mantendo a cabeça nos livros durante as aulas e os olhos no celular no intervalo do almoço. E mesmo quando as realmente ousadas lhe faziam propostas, ele recusava educada *e* firmemente.
"Ok, precisamos parar", Hugh anunciou em um tom de pânico enquanto afastava seus lábios dos meus.
"Por quê?", gemi, salpicando seu pescoço de beijos. "Eu ainda não tinha terminado de te beijar."
"Sinto muito por isso." Com a respiração ofegante e irregular, ele agarrou minha cintura e me jogou para longe dos seus braços. "Mas preciso de um minuto."
"Ah, que jeito legal de tratar a sua namorada", gargalhei, cuspindo água enquanto remava de volta para ele. "Me jogar fora daquele jeito."
"Por favor, fique para trás", avisou Hugh, erguendo uma das mãos enquanto usava a outra para nadar para longe de mim. "Estou falando sério, Liz."
"Ah, pare de tentar nadar para longe, seu bebezão", ri, revirando os olhos. "Eu já sei o que está acontecendo com o seu short. Ele está me cutucando nas costas o verão todo."
"Obrigado, Liz. Fala mais alto, por que não?", Hugh gemeu antes de desaparecer debaixo d'água, só para ressurgir um minuto depois na extremidade oposta da piscina.
Saindo da água com facilidade e sem esforço, ele se apoiou na borda da piscina, com os pés ainda balançando na água. "Ok", gritou ele, fazendo sinal de positivo com os dois polegares. "Acho que está tudo sob controle."

"Já te disse ultimamente o quanto estou orgulhoso de você?", Hugh declarou depois de nadar, enquanto caminhávamos pelo estacionamento escuro até onde estacionamos nossas bicicletas.

"Orgulhoso de mim por quê?", perguntei, apreciando a sensação da mão dele na minha e como ele sempre a segurava atrás da sua. Não sabia bem por que percebia isso ou por que importava, mas era só mais um requisito que ele preenchia para mim. Outro era o jeito como ele sempre se certificava de estar do lado de fora quando andávamos perto das ruas.
"Para voltar para a água", ele explicou, e então, com um encolher de ombros desconfortável, ele murmurou, "depois, bem, você sabe."
Sim, eu *tinha* . "Não tenho medo de me afogar, Hugh", eu disse, aproximando-me para me aquecer. *Porque não tenho medo de morrer* . "Água não me assusta..."
“Puta merda!”
Assustada, abri a boca, pronta para exigir saber o que diabos estava acontecendo, quando Hugh me girou e bateu meu peito contra o dele. "Não entre em pânico", sussurrou ele no meu ouvido, enquanto aconchegava meu rosto em seu peito. "Você está comigo, e não vou deixar nada acontecer com você, mas acho que a vejo."
Não precisei perguntar a quem ele estava se referindo.
Eu já sabia .
"Onde?", perguntei, mantendo o rosto enterrado em sua jaqueta.
"Do outro lado da rua, sob o poste de luz", respondeu ele calmamente. "Está muito escuro, e não tenho certeza, mas acho que é ela."
"Ela está olhando para mim?", gritei, sentindo meu corpo tremer. "Ela consegue nos ver?"
"Acho que não", respondeu ele, enquanto nos colocava lentamente atrás de um caminhão estacionado. "O estacionamento está escuro como breu."
"O que fazemos?"
“Voltamos para dentro do hotel e ligamos para os Gards.”
“Eles não vão acreditar em nós, Hugh.”
"Eles vão, Liz", jurou ele, enquanto refazia lentamente nossos passos pelo estacionamento. "Eu os farei."

"Por que eu inventaria isso?", perguntou meu namorado quarenta minutos depois, enquanto estávamos sentados lado a lado no saguão do hotel, com dois policiais de olhar severo nos encarando. Enquanto isso, fiquei em silêncio ao lado dele. Porque eu sabia como isso ia acontecer.
"Estou te dizendo que é a terceira vez que vejo aquela mulher se esgueirando por aí", Hugh continuou a defender nosso caso. "Certamente isso deve ser perseguição!"
“Ela já se aproximou de você alguma dessas vezes?”, perguntou um deles, com o caderno na mão.
"Bem, *não* ." Claramente irritado com a falta de preocupação deles, Hugh passou a mão pelos cabelos e suspirou. "Mas ela *olha* para nós."
“Não há lei que proíba olhar para outros pedestres.”
Não importa o que você diga. Eles não vão acreditar na gente, eu queria dizer a ele, mas me contentei em colocar a mão no antebraço dele. Porque qualquer

esperança que ele tivesse de se comunicar com essas pessoas iria por água abaixo se eu abrisse a boca.
"Onde ele está?" Sinead Biggs irrompeu no saguão, procurando freneticamente pelo filho. "Onde está meu filho?"
"Mãe!", exclamou Hugh, com alívio estampado no rosto. "Graças *a Deus* ." Levantando-se de um salto, ele correu em direção à mãe e rapidamente a contou sobre os acontecimentos da noite.
Enquanto isso, não mexi um músculo, desconfiado demais dos homens de uniforme da Marinha que se elevavam sobre mim.
“A senhorita tem algo mais que queira acrescentar?”, perguntou um deles.
Eu balancei a cabeça.
"Isso é um não?"
Eu assenti.
Eles se entreolharam e balançaram a cabeça em uníssono silencioso antes de se retirarem para onde Hugh falava animadamente com sua mãe.
Soltando um suspiro trêmulo, agarrei os braços da cadeira e olhei pela janela do chão ao teto que dava para o estacionamento.
Ela estava lá fora.
Eu podia sentir isso.
O monstro havia desaparecido.
Mas a senhora assustadora estava sempre observando.

FORA COM O VELHO, ENTRE COM O NOVO

Hugo

31 DE DEZEMBRO DE 2000

DEPOIS DO INCIDENTE NA PISCINA , O HUMOR DE L IZZIE MERGULHOU, E NADA DO QUE EU FIZ O TRAZIA DE VOLTA.

Eu não conseguia tirá-la da escuridão que se abateu sobre ela e, como eu estava atolado com a escola, competições de natação e rúgbi, não conseguíamos passar tanto tempo juntos quanto antes.

Fiquei com o coração partido porque *sabia* por que aquilo estava acontecendo. A reação decepcionante da Gardaí à nossa declaração sobre ter visto a mulher da floresta me fez lembrar da morte da irmã dela. Pessoalmente, fiquei extremamente irritada não só com a falta de fé das autoridades na minha declaração, mas também da dos nossos pais. Eu ainda estava muito irritada com o que aconteceu e não conseguia imaginar como Liz se sentiu ao ser reprovada *duas vezes* .

Eles poderiam tentar culpar a saúde mental da minha namorada até a morte, mas eu sabia o que vi naquela noite, e eu realmente *vi* a mulher da floresta.

O que realmente me irritou foi quando nossos pais decidiram interromper imediatamente nossos passeios de natação durante a semana. Eles tomaram precauções para evitar que o que diziam *que nunca aconteceria* se repetisse. Assim como meus pais *não acreditavam que* Mark era um estuprador, ao mesmo tempo em que *proibiam* minha irmã de atravessar a rua até que ele se mudasse.

É melhor prevenir do que remediar .

Os eventos na piscina pareceram alimentar minha indignação com o tratamento dado à minha namorada no ano passado, trazendo consigo uma onda crescente de proteção.

Fiz o meu melhor para estar lá por ela, matando o máximo de treinos de rúgbi que pude para roubar algumas horas extras com minha garota, mas Liz estava me perdendo rapidamente.

O Natal foi um fracasso, com todos os planos que fizemos de sair juntos evaporando quando ela foi para a cama no instante em que as férias escolares chegaram.

Eu dormia na Old Hall House sempre que podia durante as férias de Natal, mas minha mãe estava no meu pé por causa do nosso relacionamento e não queria nos deixar em nenhuma situação em que *a tentação* pudesse surgir.

Ainda assim, consegui convencê-la a me deixar ficar com Liz esta noite, mas pensei que isso poderia ter mais a ver com a discoteca de Ano Novo que seria realizada no clube de rúgbi do que com a mudança de ideia da minha mãe.

Todos os rapazes da escola estavam indo para a discoteca e passaram a semana inteira me ligando sem parar, tentando me convencer a ir. Quando descobriram por que eu não iria, levei uma boa dose de provocação por escolher uma garota em vez de sair com os rapazes.

Eu não dei a mínima, e as provocações deles me passaram despercebidas, porque eu era quem estava encolhido na cama com Liz, enquanto eles estavam se embebedando nos arbustos e trocando saliva com estranhos.
"Que horas são?", perguntou Liz então, me despertando do meu devaneio. Passando uma perna comprida sobre a minha, ela se aninhou mais fundo em mim, com a bochecha apoiada no meu peito. "Já é meia-noite?"
"Espera aí, vou ver." Peguei meu celular no criado-mudo dela, desbloqueei a tela rapidamente e li as horas para ela. "Um minuto para a meia-noite."
"Que bom." Sua voz era quase um sussurro. "Achei que tinha dormido durante tudo."
Não me incomodaria se ela tivesse dormido. Fiquei aliviado ao vê-la dormir bem. Eu sabia que ela sofria muito de insônia quando estava de mau humor e passava dias sem vida na cama, com os olhos fixos no nada.
"Ok, já é meia-noite", afirmei, acariciando seus cabelos. "Feliz Ano Novo, Liz."
"Feliz Ano Novo, Hugh." Com grande esforço, ela ergueu o rosto para mim e me deu um beijo suave nos lábios antes de se abaixar novamente. "Obrigada por ficar comigo esta noite. Significa tudo para mim."
"E você significa tudo para mim", lembrei-a, acariciando seu braço com o que eu havia colocado sobre ela. "Além disso, comemoramos o Ano Novo juntos desde 1994, e não pretendo quebrar a tradição."
“Essa é a nossa tradição?”
"Claro", respondi, pegando o controle remoto apoiado na minha barriga para parar a televisão ligada no canto do quarto dela. Eu não tinha ideia do que tinha assistido a noite toda, mas o ruído branco era estranhamente reconfortante. "Vou comemorar cada ano novo te beijando até meus lábios caírem."
"Não importa o quê?"
"É, Liz." Dei um beijo em seu cabelo. "Não importa o que aconteça."
Ela ficou em silêncio por uma longa pausa antes de sussurrar: "Agora me lembro".
"Você se lembra de quê, Liz?", perguntei, sentindo meu corpo ficar tenso.
"Ele."
Meu coração acelerou. "Mark?"
Senti que ela assentiu. "Machucando ela."
Puta merda .
Puta merda .
“Naquela noite?” perguntei, forçando-me a manter a calma.
Outro aceno. "Muitas noites."
Jesus Cristo .
"Segurando-a", ela sussurrou, e então, após outra longa pausa, grasnou: "colocando coisas dentro dela". Um arrepio enorme a percorreu. "Ela tentou dizer não a ele... mas ele nunca ouviu."
“Ele a machucou mais de uma vez?”
Ela enrijeceu-se antes de dizer: "Todas as noites".
"Desde quando?"
Outro arrepio a percorreu, mas desta vez foi muito mais violento, fazendo todo o seu corpo estremecer incontrolavelmente. "O começo."
“O início do relacionamento deles?”

Sua respiração ficou presa e ela assentiu. "O tempo todo", ela conteve um soluço. "Ele disse que ela morreria se alguém descobrisse, mas ela morreu mesmo assim, Hugh, mesmo sem contar! Ela fez o que ele queria e, mesmo assim, morreu."
Precisei de todo o meu autocontrole para *não* reagir, mas, de alguma forma, consegui. "Caoimhe te contou isso, Liz?"
Tremendo incontrolavelmente, ela assentiu.
"Quando, querida?"
"Naquela noite." Seu corpo ficou rígido, e ela cerrou os olhos. "Eu não estou mentindo. Eu juro. Estou dizendo a verdade."
"Eu sei." Apertei meu braço em volta dela, sentindo-me fraca. "Eu acredito em você."
"Ninguém acredita em mim." Lágrimas escorriam pelo meu peito. "Acho que nem meus pais acreditam mais em mim."
"Eu acredito em você", declarei roucamente, a mente completamente confusa. "Eu acredito em cada palavra, Liz."
"Não vá embora." Fungando, ela me abraçou com mais força. "Por favor, fique comigo."
"Não vou a lugar nenhum", jurei, apertando-a com mais força. "E vou fazer algo a respeito, Liz. Eu prometo."
"Não adianta", ela sussurrou tristemente. "Eles não vão ouvir."

SOE O ALARME

Lizzie

4 DE JANEIRO DE 2001

CONTAR A H UGH SOBRE MINHAS MEMÓRIAS FOI UM ERRO .
Não porque ele não acreditou em mim, mas porque eu mesmo não acreditei.
Minhas memórias continuaram a se fundir com minha imaginação até que eu não consegui mais perceber a diferença.
Eu não tinha mais certeza de nada, o que não ajudou em nada quando Hugh convocou uma reunião com meus pais no dia de Ano Novo e exigiu que registrássemos outra declaração à Gardaí, fornecendo a eles os detalhes que eu havia dado a ele na noite anterior.
Tentei me manter estável, tentei mesmo, mas quando fui levado para a delegacia e enfrentei mais policiais, perdi o controle.
Incapaz de reter qualquer detalhe coerente da noite em que minha irmã morreu, fiquei divagando delirantemente até que chamaram um médico.
Depois disso, tudo ficou escuro.
Quando meus pais me trouxeram de volta à delegacia três dias depois, fui interrogada intrusivamente sobre o estado da minha vida familiar por outra policial. Esta não usava uniforme, mas falava como se estivesse e me bombardeava com perguntas que não tinha o direito de fazer.
“Existe algum histórico de abuso em casa?”
"Não."
"Tem certeza? Este é um espaço seguro, onde você pode ser sincero."
"Não."
“Alguém já tocou em você de forma inapropriada?”
"Não."
“E quando você era pequeno?”
"Não."
“Tem certeza disso, Lizzie?”
"Sim."
“Como é seu relacionamento com sua mãe?”
"Bom."
“E seu pai?”
"Multar."
“Algum dos seus pais já lhe fez mal?”
"Não."
“Sem repreensões físicas ou palmadas?”
"Nunca."
“E sua irmã?”
“Não, eles também nunca tocaram nela.”
“Sua irmã já lhe fez mal alguma vez?”
"Minha irmã está morta."

"Eu sei disso", respondeu a mulher friamente. "Antes de morrer, sua irmã lhe fez mal?"
Estreitei os olhos. "Não."
"Mas você foi violento com ela." Ela me observou atentamente enquanto falava. "Meus registros dizem que você deixou uma cicatriz permanente na maçã do rosto direita da sua irmã depois de uma briga."
A vergonha me invadiu. "Não me lembro de ter feito isso."
“Você tem um diagnóstico clínico de transtorno bipolar, está correto?”
"Sim."
“Você foi diagnosticado com essa condição na infância?”
"Sim."
“Qual tipo?”
“O que isso importa?”
"Delírios e alucinações são mais comuns em pessoas com diabetes tipo 1." Ela me olhou por um longo momento antes de dizer: "É seguro presumir que você tem diabetes tipo 1?"
Desprezando instantaneamente aquela mulher, agarrei os braços da cadeira em que estava sentado e sibilei: "Não estou delirando."
“Mas você ouve vozes.”
“Não, eu *não* .”
Ela arqueou uma sobrancelha, incrédula. "Seus pais nos deram permissão para falar com um dos seus médicos, e nos foi confirmado que você ouve vozes desde a infância." Ela me lançou um olhar severo. "A mulher assustadora, por exemplo."
Meu rosto ficou vermelho de calor. "O médico não devia ter te contado isso."
"O médico tinha a permissão por escrito dos seus pais para divulgar qualquer informação referente às suas últimas acusações", ela rebateu calmamente. "Presumo que essa 'senhora assustadora' seja a mesma que você convenceu sua amiga a persegui-la?"
Hugo .
Ela estava falando sobre Hugh .
"Eu não o *convenci* de nada", respondi, sentindo meu corpo vibrar de tensão. "Nós *dois* a vimos."
"Você vem fazendo acusações gravíssimas sem nenhuma prova para sustentá-las." Apoiando os cotovelos na mesa entre nós, ela juntou as mãos enquanto falava. "Essas acusações consomem tempo dos policiais em questão e custam caro para o Estado. Você entendeu?"
Minhas narinas se dilataram. *"Sim."*
"Eu *simpatizo* com a sua posição", ela disse em um tom mais gentil. "Você passou por uma provação terrível, que, sem dúvida, exacerbou seus sintomas bipolares."
Mas…
"Mas esse fluxo constante de acusações não pode continuar", ela completou. "Recebemos reclamações formais da madrasta do Sr. Allen e, embora entendamos *o* que você está passando, se esse comportamento não parar, haverá consequências legais."
"Sadhbh apresentou queixa contra mim?", consegui dizer, respirando com

dificuldade e rapidez. "Me acusando de *quê* ?"
Ela folheou suas anotações antes de dizer: “Difamando seus filhos”.
"Filhos", sussurrei, sentindo-me fraca. "Plural?"
"Sim. Tanto o enteado quanto o filho biológico da Sra. Allen estão listados como vítimas na denúncia."
Vítimas .
Ouvi direito?
Elas foram *vítimas* ?
"Ninguém quer vê-la em apuros, Srta. Young", continuou a policial. "Certamente nenhum membro da minha equipe, mas você está forçando a situação a ponto de termos que *intervir* se esse comportamento não parar." Ela fez uma longa pausa antes de acrescentar: "Nenhum de nós quer ver uma criança em luto em uma delegacia da Garda, então posso ter certeza de que você vai parar de caluniar a família Allen?"
"Não se preocupe", murmurei, sentindo meu coração gelar. "Você nunca mais me verá aqui."

SUPERE ISSO

Hugo

7 DE ABRIL DE 2001

"O QUE HÁ COM ESSA CARA ?" PERGUNTOU FEELY QUANDO C LAIRE ENTROU NO MEU QUARTO NO SÁBADO À NOITE, parecendo que alguém mijou em seus flocos de milho.
"Fui abandonada", declarou ela dramaticamente antes de se jogar na minha cama. *"De novo."*
"Ignore-a", eu disse, revirando os olhos. "Ela está jogando os brinquedos para fora do carrinho porque o Gibs foi para Dublin com o Cap na Páscoa."
"Dublin", Claire bufou, cruzando os braços. "Que motivo eles teriam para ir a *Dublin* ?"
"Hã, talvez porque é de lá que os Kavanaghs são?", perguntei secamente. "E os pais do Johnny ainda têm propriedades e negócios em Dublin que talvez queiram dar uma olhada?"
"Cap e Gibs não vão participar de um evento enquanto estiverem lá em cima?", perguntou Feely.
"Um evento?", Claire pulou na minha cama e arregalou os olhos. "Que *tipo* de evento?"
“A cerimônia anual de premiação dos jovens do rugby.”
"Para que?"
"O Cap ganhou meia dúzia de troféus", explicou Feely. "O Gibs é o acompanhante dele."
"Você não é dona do rapaz, Claire", lembrei a ela. "O Gibs pode ter outros amigos, sabia?" Dei de ombros. "Além disso, talvez te faça bem ter um tempinho longe dele."
"Você está falando sério, Hughie?" Minha irmã me encarou boquiaberta como se eu tivesse acabado de lhe dizer que a Terra é plana. "Por que eu iria *querer* espaço do Gerard?"
"Talvez para você passar mais tempo com seus outros amigos", sugeriu Feely. "Como a Lizzie?"
"Exatamente", concordei, pausando o filme na minha TV. "Você se lembra dela, não é?"
"Você quer dizer meu amigo que gosta de chupar o rosto do meu irmão?"
"Ela te pegou, rapaz", Feely riu.
“Ela ainda é sua amiga, Claire.”
“Ela gosta mais de você do que de mim.”
"A maioria das pessoas geralmente faz isso", concordei. "Mas isso não é motivo para não se expor."
"Você é um idiota", Claire riu, jogando um travesseiro na minha cabeça.
"Sério", acrescentei. "Você devia ligar para ela, Claire."
"Eu faria isso se ela falasse mais de quatro palavras comigo", respondeu minha

irmã com um suspiro triste. "Ela está tão triste."
"Porra", murmurou Feely, estremecendo. "Ela não vai superar, né?"
"Não." Claire balançou a cabeça. "Ela só fica cada vez mais triste."
" *Superar* isso?", gritei, irritado na hora. "Não faz um ano que ela viu a irmã sendo pescada da porra do rio, rapaz. Como você acha que ela supera uma coisa dessas?"
"Desculpe, rapaz", respondeu meu amigo, parecendo envergonhado. "Não foi isso que eu quis dizer."
"Ela só quer falar com você", Claire interrompeu. "Sério, Hughie. Ela mal fala com ninguém na escola e nunca responde minhas mensagens." Suspirando tristemente, Claire se jogou de volta na minha cama. "Eu quero ajudá-la, Sério, mas ela fica tão brava comigo por causa do Gerard, e nós sempre acabamos brigando."
Eu entendia o que minha irmã queria dizer. Gibs era um assunto delicado para minha namorada, mas não era nada agradável ouvir que ela estava se isolando cada vez mais.
"Não sei o que fazer", admiti com um suspiro. "Ou como ajudá-la."
"É claro que sim, porque você é o único com quem ela fala", respondeu minha irmã, dando-me um sorriso solidário. "Você realmente vai ser um ótimo médico, Hughie, porque vem fazendo milagres com a Lizzie há meses."
Pelo contrário, eu tinha estragado tudo de forma espetacular para a minha namorada. Insistir para que ela fizesse uma declaração à Gardaí depois do Ano Novo não só traumatizou Liz, como também a destruiu. Tipo, a destruiu *seriamente* .
Os Gards não fizeram nada sobre o avanço mental dela, que fez Liz recuar dez passos.
Ela se retraiu em sua concha e se recusou terminantemente a falar sobre o que lhe disseram ou como estava se sentindo.
Ela estava matando aula e faltando mais à escola, teve seus remédios trocados várias vezes, e a culpa era inteiramente minha.
Se eu tivesse ficado de boca fechada, ela não estaria em crise.

ENTÃO É TREZE?

Lizzie

9 DE JUNHO DE 2001

" ADORO COMO VOCÊ NUNCA TIRA ISSO ", DISSE H UGH, BRINCANDO COM OS DEDOS NOS BERÇOS DA MINHA TORNOZELA, enquanto descansávamos na minha cama, de bruços. "Parece que estou marcado em você."
"Você é", respondi, deslizando o outro pé por baixo da camiseta dele. "E nunca vou parar de usá-la."
"Nunca?"
"Vou ser enterrada nessa coisa", prometi, balançando o pé na frente do rosto dele e fazendo os pingentes tilintarem. "Obrigada pelo meu novo pingente." Olhei para a mais nova aquisição — um pingente do infinito — e sorri. "Adorei."
Encostado na minha cabeceira, Hugh sorriu de volta. "De nada."
Apoiando meu pé, envolto em bracelete, em seu ombro, soltei um suspiro de satisfação. "Então, são treze."
"É", ele refletiu, enquanto acariciava minha panturrilha distraidamente. "Bem decepcionante, não é?"
Tudo na vida era decepcionante. Hugh era a única exceção à regra, e fiquei feliz em me igualar a ele mais uma vez. "E aí, Hugh?"
“Sim, Liz?”
"Podemos nos beijar?"
Sua mão parou na minha perna e ele me lançou um olhar estranho. "É." Seu tom era áspero. "Claro que podemos."
"Ótimo", sussurrei, deitando-me de costas e deixando minhas pernas caírem de cada lado do corpo dele. "Porque você não me beija há um tempo."
"Não porque eu não quisesse." Ajoelhando-se, Hugh se posicionou, pairando acima de mim. "Eu *sempre* quis." Olhos castanhos e acalorados fixaram-se nos meus. "Mas você teve alguns meses difíceis." Apoiando o peso em um cotovelo, Hugh se inclinou para perto e acariciou meu nariz com o seu. "E eu não queria piorar."
"Você é a única coisa que torna tudo melhor." Levantei a mão, segurei seu queixo e puxei seu rosto para o meu.
Seus lábios tocaram os meus, lentamente a princípio, antes que a dor crescente nos impulsionasse para frente.
Beijando-o com um desespero que eu não conseguia explicar, puxei, puxei e puxei cada centímetro livre de sua pele, desesperada para sentir mais.
Mais .
Mais .
Mais!
No momento em que seus dedos roçaram meu ombro, uma sensação de formigamento se espalhou por toda minha pele.
Agarrei sua mão e tentei movê-la para baixo, mas ele continuou voltando para

minha cintura.
Ele não entendeu o que eu queria?
O quanto eu *precisava* sentir o corpo dele no meu?
Quando agarrei sua mão e a pressionei contra meu peito mais uma vez, Hugh gemeu em minha boca, e foi o melhor barulho que já ouvi na minha vida.
"Liz", ele gemeu na minha boca, passando a mão do meu peito para o meu quadril. "A gente devia ir mais devagar."
"Não." Perdida demais em meus sentimentos, continuei a puxar e a puxar suas costas, precisando senti-lo por inteiro. Precisando do seu toque para expulsar os sentimentos ruins. "Eu quero você."
"Não, Liz." Interrompendo o beijo, ele se afastou para me olhar, respirando com dificuldade. "Ainda não podemos fazer coisas assim."
"Por que não?"
“Porque não estamos prontos.”
Meus olhos se encheram de lágrimas, e sufoquei um soluço de dor. "Queria poder fazer você entender."
"Então me diga", ele insistiu. "Estou aqui, Liz. Estou sempre ouvindo."
Eu sabia que sim, e isso partiu meu coração um pouco mais porque eu não queria que ele visse e fugisse.
Para se afastar de mim.
Pensar que eu estava sujo e contaminado.
Porque eu deveria ser dele.
Eu *pertencia* a ele, mas uma parte de mim havia sido roubada.
E eu precisava que ele o devolvesse para mim.

PARTE 17

Novos começos

UM PASSO À FRENTE, DOIS PASSOS PARA TRÁS

Hugo

7 DE AGOSTO DE 2002

"J ESUS C RISTO! ", eu me estrangulei quando entrei no quarto da Liz na manhã do aniversário de treze anos da minha irmã. "Me desculpe por não ter batido." Porque minha namorada não só estava parada na frente do espelho de corpo inteiro, como também estava completamente *nua* . Tipo, *completamente* nua. "Achei que você estaria na cama." Na verdade, eu tinha tanta certeza disso que cheguei uma hora antes do combinado com o único propósito de tirá-la do colchão. "Mas você está acordada... e nua."
"Nossa, nada te escapa, né?", provocou Liz, completamente imperturbável enquanto eu surtava pra caramba. "Relaxa", ela riu, olhando por cima do ombro para mim. "Não é como se você nunca tivesse visto meu corpo antes."
Eu tive.
Mas não tudo.
E definitivamente não quando ela estava daquele *jeito* .
"Então", disse ela em tom brincalhão, "você planeja ficar aí olhando minha bunda a manhã toda ou vai ficar esperando uma foto de peitos?"
"Ah, merda, sim!", eu disse, estrangulada, tapando os olhos com a mão e dando as costas para ela. "Mais uma vez, me *desculpe* ."
Portas de guarda-roupas abrindo e fechando ruidosamente encheram o ar, seguidas pelo som distinto de cabides chacoalhando. "Ok, a barra está limpa", anunciou ela alguns minutos depois. "Pode olhar para mim."
Eu me virei e a encontrei parada bem na minha frente com a blusa levantada.
"Droga, Liz", gemi, sem conseguir parar de olhar para seus peitos gloriosos. " *Por que* você fez isso comigo?"
"Porque eu posso." Ela riu maliciosamente antes de ajeitar o colete de volta no lugar. "Olha esse rubor." Ela estendeu a mão e apertou minha bochecha. "Você é *tão* adorável."
Enlaçando um braço em volta da cintura dela, puxei-a para perto de mim. "E *você* é uma encrenqueira", rosnei antes de abaixar a cabeça para beijá-la, incapaz de resistir à tentação de seus lábios carnudos. Quanto mais fundo eu a beijava, mais forte ela cravava as unhas em meus quadris, e o movimento me deixava louco. Os hormônios me invadiam como uma praga, e eu estava queimando de desejo por aquela garota. Como ela era tão imprudente quanto uma pessoa, *eu* tinha que ser o sensato no relacionamento. Eu tinha que ser o guardião de nós dois, mesmo quando isso ia contra todos os meus impulsos primitivos.
"Meu Deus", Liz sussurrou contra meus lábios. "Você beija *tão* bem."
Não consegui responder. Estava ocupado demais reivindicando seus lábios mais uma vez, enquanto a beijava com tudo o que tinha dentro de mim.
Agarrei seus cabelos com uma das mãos e agarrei seu quadril com a outra, deliciando-me com a sensação de seu corpo colado ao meu. Tudo o que eu

queria era deitá-la na cama e mostrar o quanto eu a amava. O quanto eu a desejava. Repetidamente. Até finalmente acalmar o fogo dentro de mim. Até satisfazer aquela vontade avassaladora de ficar nu com ela.
Quando senti suas mãos deslizando por baixo da minha blusa e depois seus dedos se esgueirando para dentro do cós do meu short, eu sabia que era hora de parar.
Com enorme esforço, terminei o beijo e dei um passo para trás com segurança. "Não me olhe assim", avisei, respirando com dificuldade e de forma irregular ao vê-la me encarando com uma expressão de desgosto. "Você conhece a regra."
"Beija, não toca." Ela revirou os olhos. "É uma regra idiota."
"É uma regra *segura* ", corrigi, passando o polegar pelo lábio inferior. "Você me mordeu."
"E aí?" Liz colocou as mãos na cintura e deu um sorriso irônico. "Você gostou?"
Eu adorei isso pra caramba .
"Vamos, meu pequeno mordedor." Reprimindo um gemido de fome, balancei a cabeça e fui em direção à porta. "Vamos sair desta sala antes que comecemos a quebrar as regras."
"Vai ficar tudo bem, não é?", perguntou Liz quando se juntou a mim no patamar. "Quer dizer, sua mãe não se importa que eu vá até aí?"
"Liz, minha mãe te ama", eu a persuadi, segurando sua mão. "Ela está emocionada com sua vinda."
"E, uh, hum..." Ela engoliu em seco antes de soltar um suspiro trêmulo. "Ele não vai chegar perto de mim, né?"
"Certo." Apertei sua mão trêmula para confortá-la. "Gibs estará lá, mas estará com Claire." Levantei seu queixo com a mão livre e dei um beijo suave em seus lábios. "E você estará comigo."
"Estou com medo", ela disse abruptamente, com os olhos arregalados e cheios de medo. "E se eu errar?"
Já fazia mais de dois anos e meio que ela não entrava na minha casa, e uma grande parte de mim queria dizer a ela que não precisava fazer aquilo. Mas se eu fizesse isso, se eu lhe desse uma saída, sabia que ela jamais faria.
"Estarei ao seu lado o tempo todo", prometi, desesperado para tranquilizá-la enquanto meu coração se partia ao meio. "Não vou deixar nada de ruim acontecer com você."
"Você jura?"
“Juro.”
"OK."
"Sim?"
Liz assentiu. "Sim."
Soltei um suspiro de alívio.
"Eu sei que é o aniversário da Claire, mas estou fazendo isso por você, não por ela", ela disse e então ficou na ponta dos pés para me beijar com força, enquanto todo o seu corpo tremia violentamente.
Eu sabia que sim, e isso significava muito para mim.

Várias horas depois, estávamos todos relaxando no nosso quintal, com cerca de uma dúzia de amigos da escola, e um jogo de girar a garrafa estava a todo vapor.
Liz estava esparramada na grama ao meu lado, com os pés cruzados na altura dos tornozelos e um par de óculos de sol apoiado no nariz. Ela estava com a cabeça encostada na minha coxa, o que fazia com que seus cabelos loiros caíssem no meu colo e fizessem cócegas na minha pele. Ela usava um colete branco, um par de calças cáqui e botas militares, e eu estava tendo dificuldade em não olhar para os mamilos dela que estavam saltando.
Aparentemente, os rapazes também estavam, o que me irritou a ponto de eu não conseguir ouvir uma palavra da conversa que acontecia ao meu redor.
Por que Feely estava olhando daquele jeito?
Qual era o problema do Robbie Mac?
Danny Call realmente achou que estava sendo discreto?
E quanto a Pierce O'Neill? Bem, Pierce ia levar outro tapa na boca se não parasse de olhar para ela abertamente.
Havia muitas outras meninas sentadas ali, boquiabertas. Christine Grundy, do nosso ano, era uma, e Bernadette Brady, outra. As irmãs gêmeas de Pierce, Marybeth e Cadence, eram outras duas. Por que não conseguiam desviar seus olhinhos pequenos e brilhantes para nenhuma delas?
Meu único alívio foi o fato de Gibs *não estar* olhando para os seios da minha namorada, mas mesmo isso era uma faca de dois gumes, porque eu sabia que se eu seguisse *sua* linha de visão, chegaria aos seios *da minha irmã* .
Com o canto do olho, vi-o correndo com minha irmã em direção à casa da árvore e estreitei os olhos, imediatamente desconfiada.
Jesus Cristo .
Não consegui ter uma pausa.
O fato de Liz não ter perdido completamente a cabeça quando Gibsie chegou mais cedo e ainda estar aqui conosco sem brigar foi motivo suficiente para eu engolir meus sentimentos. Porque eu *queria que* ela passasse um tempo com os amigos. Queria que ela se lembrasse de que não estava sozinha. Que ela ainda tinha a nós. Até mesmo Gibs.
"Ah, que azar, Biggs", riu Pierce quando a garrafa que ele estava girando caiu em cima de Liz. Enquanto isso, eu me transformei em pedra. "Não se preocupe, rapaz, é só uma mudança."
"Não estou brincando", respondeu Lizzie despreocupadamente, arrancando uma folha de grama. "Gire de novo."
"Besteira", argumentou Pierce, ficando vermelho. "Você conhece as regras. Se você estiver no círculo e ele cair em você, tem que beijar."
"Você ouviu", interrompi, irritada. " *Gire de novo* ."
"Tudo bem, não precisa ser uma mudança", ele admitiu, bufando. "Um beijo seria ótimo. Sem língua."
"Que parte de *'Eu não vou tocar* ' você não entendeu?", perguntou Liz friamente, apoiando-se nos cotovelos para encará-lo. "Você é tão lerdo que preciso repetir, ou você entendeu dessa vez?"
A resposta dela fez com que vários rapazes rolassem na grama, rindo muito.
"Ah, ela te pegou, rapaz."
“Queime, garoto Piercy!”

"É, tanto faz, pelo menos eu não sou uma vadia frígida que se acovarda", murmurou Pierce, ardendo de vergonha, atirando punhais na minha namorada com os olhos. "Aposto que você é uma tremenda de plantão mesmo, víbora."
"É melhor você tomar cuidado com o que fala, seu babaca", avisei, me levantando, mas Liz interrompeu a conversa rapidamente quando subiu no meu colo.
"Pena que você nunca vai descobrir, seu babaca." Ajoelhando-se em cada lado dos meus quadris, Liz agarrou meu rosto com as mãos e forçou meu queixo a subir até o dela. Me prendendo com seus olhos azuis, ela abaixou o rosto para o meu e ronronou: "Porque eu só beijo *esse* garoto."
Eu não esperava quando os lábios dela se chocaram contra os meus. E menos ainda o toque quente da língua dela quando ela entrou na minha boca. Ou o jeito como ela apertou o peito contra o meu. *Puta merda*, ela estava mandando ver.
Eu sabia que todos ao nosso redor estavam assistindo, eu podia ouvir seus gritos de alegria e assobios, mas naquele momento eu não me importava. Toda a lógica e razão escaparam dos meus ouvidos. Agarrei seus quadris, puxando-a bruscamente para o meu colo, em parte para esconder minha ereção furiosa dos rapazes, mas principalmente porque eu queria senti- *la* contra mim.
Minha namorada gozou de bom grado, afundando-se com força no meu colo, sem nunca interromper nosso beijo enquanto sua língua devorava a minha.
As mãos dela estavam no meu cabelo. A língua dela estava na minha boca. A bunda dela estava no meu colo. Os quadris dela balançavam contra os meus. Eu estava em uma sobrecarga sensorial. Eu não tinha a mínima ideia de como iria parar com aquilo. Eu só sabia que nunca *queria* .
“Tudo bem, tudo bem, você deixou claro seu ponto.”
“Jesus Cristo, rapazes.”
Foi só o som da minha irmã gritando: "Eca! Lizzie Young, sai de cima do meu irmão agora mesmo!", a plenos pulmões, lá da casa da árvore, que conseguiu nos separar.
Separando sua boca da minha, e com seu peito subindo e descendo rapidamente, Liz olhou para mim com uma expressão faminta antes de soltar um gemido frustrado.
"Meu Deus, Claire!", gritei, sentindo-me igualmente frustrada e faminta. "O que houve com você?"
"Sou eu", sussurrou Liz com um suspiro resignado. "O problema com ela sou eu."
"Não se levante ainda", eu meio que sussurrei, meio que implorei quando ela se moveu para sair do meu colo e revelar aos nossos amigos o quão frustrado eu me sentia.
Suas bochechas coraram e ela me deu uma piscadela sutil. Virando-se para sentar-se de lado no meu colo, ela observou, junto comigo, Claire descer a escada da casa na árvore e trovejar em nossa direção.
A expressão no rosto dela fez com que todos os nossos amigos saíssem correndo da linha de fogo. Porque uma Claire Biggs publicamente irritada era algo raro de se ver. Até Feely se afastou. Enquanto isso, eu estreitei os olhos em desafio, disposto demais a enfrentá-la.
O pequeno demônio de cabelo encaracolado .

"O que houve comigo *?* " Parando bem na nossa frente, minha irmã colocou as mãos na cintura e me encarou. "O que houve com você, Hugh?" Sua atenção se voltou para a garota no meu colo. "E você!" Ela estreitou os olhos, enojada. "Você está sentada em cima do meu irmão." Suas bochechas ficaram rosadas. "E essa também é a boca do meu irmão. Acabei de ver você enfiando a língua!" Outro grito furioso escapou da ameaça de cabelos cacheados, e ela bateu o pé. "Você deveria ser meu melhor amigo."
"Sou eu, Claire", respondeu Lizzie com um suspiro de derrota, porque aquela não era uma batalha nova para ela. Minha irmã e minha namorada vinham discutindo exatamente a mesma coisa desde que começamos a namorar. "Você sabe que sou eu."
"Então aja como tal, Liz!" A mágoa nos olhos castanhos de Claire era tão clara quanto a mágoa em sua voz quando ela disse estrangulada: "É a *minha* festa de aniversário, não a do meu irmão. Você deveria estar saindo comigo."
"Cresça, Claire", interrompi, já farto daquelas bobagens. Ela não me via fazendo birra toda vez que Gibsie aparecia e elas desapareciam juntas por horas a fio. A hipocrisia era real, e eu abri a boca para dizer isso a ela, mas Liz colocou a mão no meu braço em advertência.
"Desculpa", interrompeu Liz, dando continuidade às suas besteiras, e eu fiquei imediatamente irritada. "No futuro, prometo não beijar seu irmão quando a gente estiver saindo." O fato de ela continuar cedendo às birras da minha irmã só me provou o quanto ela valorizava a amizade delas.
"Eu preferiria que você não beijasse meu irmão", respondeu Claire, cheirando o ar. "É nauseante."
"Você é nauseante", não consegui me conter e respondi.
“Hugh.”
"O quê?", respondi, sem me dar ao trabalho de me proteger da cotovelada desleal que veio em minha direção — cortesia do meu cúmplice. "Ela está sendo infantil em relação a isso. Ela precisa amadurecer."
"Claire-Bear", Gibs chegou em cena. "É ótimo. Deixem os pombinhos em paz." Ele passou o braço em volta dos ombros da minha irmã e sorriu. "Não precisa ficar irritada. Somos todos amigos aqui."
A mera presença de Gibs em seu espaço pessoal foi o suficiente para deixar minha namorada em polvorosa.
Saindo do meu colo como se tivesse sido escaldada, Liz se levantou de um salto, com olhos selvagens e ferozes.
"Merda." Soltei um suspiro de dor e levei as mãos à nuca em sinal de derrota e resignação antes de me levantar.
Sem a graça e a paciência que demonstrara com minha irmã, Liz apontou um dedo trêmulo para Gibsie. "Não somos nem *nunca* seremos amigas. Está me ouvindo? Eu *nunca* serei amiga ." com você." Tremendo, ela olhou feio para Gibs e balançou a cabeça. "E eu *nunca vou* perdoar você ou sua família."
Gibsie não respondeu. Em vez disso, virou-se e foi embora.
"Lizzie." Claire colocou a mão no ombro de Liz e suspirou tristemente. "Não é culpa do Gerard."
"Não!" Sacudindo a mão bruscamente, minha namorada se virou para encarar minha irmã. "Não defenda o que você não sabe." Lágrimas escorriam pelo seu

rosto. "Você *não* sabe o que eu sei." Ela respirou fundo, trêmula. "Você *não* viu o que eu vi."
Claire olhou para mim, com olhos suplicantes, e eu balancei a cabeça sutilmente. Não havia sentido em discutir. Não sobre isso. Não quando eles estavam na mesma vizinhança. Já tínhamos tentado isso antes, e não tinha dado certo.
Com uma expressão dividida no rosto, Claire recuou lentamente antes de se virar e sair em busca de Gibsie.
"Respire", instruí, me colocando na frente de Liz para protegê-la da vista de todos. "Está tudo bem." Colocando minhas mãos em seus ombros trêmulos, forcei-a a olhar para mim. "Só *respire* ."
"Preciso ir embora." Engolindo um soluço histérico, ela estendeu a mão e enxugou as lágrimas do rosto, enquanto todo o seu corpo tremia violentamente. "Preciso ir *agora* ." O olhar frenético em seus olhos me garantiu que ela estava a momentos de perder o controle na frente de todos.
"Vamos." Envolvi-a com o braço, puxei-a para perto de mim e rapidamente nos levei para dentro de casa. Claire sabia lidar com todos os outros. "Eu cuido de você."
"Eu se-se que ele f-fez isso!", ela engasgou, mal conseguindo respirar devido à força dos gritos. "Eu se-se que ele e-estuprou minha e-irmã!"
"Está tudo bem", insisti, conduzindo-a pela cozinha até o corredor. "Eu cuido de você."
Trazê-la aqui foi um erro.
Foi cruel .
"Eu r-lembro dos s-sons, H-Hugh. E do s-cheiro dele. Eu t-estava l-lá!" Seus dedos se entrelaçaram na minha camisa. "Eu s-sei a v-verdade e ningu-ninguém a-acredita em mim!"
"Eu acredito, Liz." Guiando-a escada acima, segurei-a firmemente pela cintura, sabendo que aquilo poderia piorar rapidamente. "Eu acredito em você."
"Eu j-juro que estou t-dizendo a t-verdade", ela disse, estrangulada, agarrando-se ao meu corpo enquanto eu a levava para o meu quarto. "Eu t-simplesmente não consigo p-provar."
"Cadê a sua bolsa, Liz?" Coloquei-a na minha cama, agachei-me diante dela e, delicadamente, tirei a blusa dos seus dedos. "Hmm." Levantei a mão e coloquei uma mecha de cabelo dela atrás da orelha antes de enxugar uma lágrima em sua bochecha. "Cadê a sua bolsa, querida?"
"A-ali", ela disse com dificuldade, o peito subindo e descendo freneticamente enquanto apontava para a porta. "M-mas eu n-não estou lo-louca, H-Hugh."
"Eu sei que não." Levantando-me, fui direto pegar a sacola. "Você sabe que eu não penso assim, Liz." Abrindo o zíper da mochila dela, vasculhei o conteúdo até minha mão se fechar em volta do frasco familiar com o rótulo *Clonazepam* .
"Eu jamais pensaria isso de você." Desrosqueando a tampa, despejei o único comprimido na palma da minha mão. Ela só carregava um de cada vez porque a mãe dela era uma mulher inteligente. "Abre a boca, querida."
"Não, n-não, n-não!" A visão do comprimido fez com que a expressão de Lizzie se fechasse completamente, e ela baixou a cabeça entre as mãos, chorando ainda mais histericamente do que antes. "Estou t-t-t-t-t-t-t-t-t de comprimidos!"
"Eu também", respondi, e não era mentira. Eu não queria enchê-la de remédios.

Eu odiava isso pra caramba. Mas eu também Lembrei-me do verão passado e sabia o que aconteceria se isso não fosse resolvido rapidamente. Depois da última vez, a mãe dela me deu instruções explícitas sobre o que fazer. Eu *precisava* acalmá-la.
"Por favor, Liz", implorei, detestando as palavras que saíam da minha boca. "Por favor, faça isso por mim."
Fungando, ela arrancou o comprimido da minha mão com a sua trêmula e o enfiou na boca.
Qualquer alívio que senti por ela ter obedecido foi eclipsado pela devastação quando ela olhou para mim com traição nos olhos.
"Eu te amo." Agachando-me diante dela, segurei seu rosto manchado de lágrimas entre as mãos e tentei me explicar. "Está me ouvindo? Eu te amo tanto que me *mata* ver você sofrendo assim." Engolindo um nó na garganta, continuei a encará-la enquanto falava. "Não estou tentando te machucar, Liz." *Eu morreria primeiro* . "Eu só quero te ajudar."
Ela fechou os olhos com força, me bloqueando.
Mesmo assim, persisti. "Eu sei que você odeia os remédios." Uma lágrima escorreu dos seus cílios, pousando no meu polegar. "E eu sei que você odeia todas as consultas médicas." Outra lágrima caiu. "Mas eu também sei que você *não é* louca."
Sua respiração ficou audivelmente presa, e ela se inclinou em meu toque enquanto um soluço de dor irrompia do que parecia ser sua alma.
"Você vai superar isso." Usando o ombro, enxuguei rapidamente as lágrimas do meu rosto, com a voz embargada pela emoção. "E eu vou estar aqui com você durante tudo isso."
Fungando, ela levantou a mão e cobriu a minha com a dela.
"Eu não vou embora", jurei com a voz rouca. "Vou ficar aqui com você."
Exalando um suspiro irregular, ela se inclinou para a frente e encostou a testa na minha. "N-não importa o q-o quê?"
"É, Liz." Cerrei os olhos e soltei um suspiro irregular. "Não importa o que aconteça."

ESSA É MINHA GAROTA

Lizzie

7 DE AGOSTO DE 2002

"EU SEI QUE VOCÊ ESTÁ SOFRENDO, QUERIDA " , DISSE S INEAD, ENQUANTO ME LEVAVA PARA CASA DEPOIS DA FESTA. "Se eu pudesse fazer alguma coisa para tirar esse peso dos seus ombros, faria num piscar de olhos."
Não me restava mais nada dentro de mim para responder.
Em vez disso, eu me encostei na janela e fiquei olhando sem vida.
Em quê? Eu não tinha ideia.
Minha cabeça estava girando, e os remédios estavam fazendo efeito, fazendo meu corpo ficar quente e minha cabeça leve.
"Quero que saiba que é *sempre* bem-vinda em nossa casa", continuou ela, estendendo a mão sobre o console para segurar a minha. "Eu te amo como uma filha, e sempre amarei." Ela apertou minha mão. "Você tem um lugar no meu coração e isso nunca vai mudar."
Lágrimas escorriam pelo meu rosto.
Fungando, apertei a mão dela de volta.
“Essa é minha garota.”

NAMORADOS PROTETORES

Hugo

7 DE AGOSTO DE 2002

UMA HORA DEPOIS, QUANDO COLOQUEI MINHA NAMORADA NO BANCO DE TRÁS DO CARRO DA MINHA MÃE e os vi indo embora, voltei para casa como um louco.
"Você simplesmente não conseguia deixar isso para lá, não é?", fervi de raiva quando encontrei Gibsie e Claire escondidas no quarto dela. "Você tinha que criar um drama pra caramba."
"Eu não queria chateá-la", Gibs se apressou em declarar, erguendo as mãos. "Eu juro, rapaz."
"Você não", respondi bruscamente, voltando minha atenção para minha irmã. "Você." Estreitando os olhos em desgosto, sibilei: "Você não tem ideia do quanto custou para a Liz vir hoje. O quanto significou para mim tê-la aqui e você fodeu com tudo."
"Cai fora, Hugh." Gibs foi rápido em defender Claire, envolvendo minha irmã com um braço protetor. "Ela disse que sentia muito. Nós dois sentimos muito."
"É?", cuspi, com o peito arfando. "Bem, às vezes pedir desculpas não é o suficiente!"
"Sinto muito, Hugh!", Claire exclamou, cobrindo o rosto com as mãos. "Você estava beijando meu melhor amigo e eu perdi a cabeça por um instante."
"É, então se acostume com isso", respondi rispidamente. "Porque sua *amiga* é *minha* namorada e ela pode me beijar quando quiser, e com certeza não precisa da permissão da minha irmãzinha para fazer isso."
"Eu sei, eu sei, me desculpe", ela disse, estrangulada, parecendo genuinamente culpada. "Eu sabia que estava errada no momento em que as palavras saíram. Eu só... eu só... eu não estava pensando."
"Bem, *comece* a pensar!", sibilei, mais do que furioso. "E nunca mais a coloque numa situação dessas. Ela não aguenta, Claire. Aquela garota que você chama de amiga está por um fio!"
"O que há de errado com ela, Hugh?", perguntou Gibsie, lançando-me um olhar estranho.
"Nada!", respondi bruscamente, passando a mão pelos cabelos. "Ela está de luto pela irmã, só isso."
"É, mas eu conheço a tristeza, Hugh", respondeu Gibs lentamente, com as sobrancelhas franzidas. "E não era só isso."
Olhei fixamente para ele por um longo tempo antes de soltar um suspiro cansado. "Deixe-a em paz, está bem?" *E deixei para lá* .
"Tudo bem", respondeu ele, assentindo lentamente. "Eu vou."

TUDO É SIMPLESMENTE UM PÊSSEGO

Lizzie

31 DE AGOSTO DE 2002

IRRITADA , EU SENTEI NO CONSULTÓRIO MÉDICO NA TARDE DE QUINTA-FEIRA, COM OS BRAÇOS cruzados sobre o peito e meu coração fechado.
"Você está a fim de conversar hoje?", perguntou a mulher atrás da mesa em um tom agradável.
"Depende do assunto", respondi secamente. A médica era novata, uma mulher de aparência mais jovem que eu nunca tinha visto antes. Não me dei ao trabalho de aprender o nome dela porque, depois de meia dúzia de sessões, nunca mais nos encontraríamos. Era assim. Como sempre tinha sido. Não havia regularidade nessas consultas. Nenhuma familiaridade. Eu podia inventar uma história nova a cada vez, e eles nunca saberiam.
A impressionante pilha de anotações em sua mesa os levou a acreditar que esse estranho sabia tudo sobre mim.
Ela não fez e nunca faria.
As brilhantes credenciais de médica anexadas ao seu nome foram o que garantiram aos meus pais que ela era a mais recente de uma longa linhagem de salvadores que poderiam consertar sua filha quebrada.
Ela não conseguiu.
Chapeuzinho Vermelho foi devorada inteira pelo Lobo Mau .
O médico decidiu começar com: “Vejo que você comemorou aniversário neste verão”, enquanto folheava minhas anotações. “Seu décimo quarto.” Seus olhos voltaram para o meu rosto. “Você fez algo especial para isso?”
Ok , essa foi uma abordagem um pouco diferente do padrão " *como você está se sentindo"* , mas nada que eu não pudesse lidar.
"Sim, eu fiz", respondi. "E não, eu não fiz."
"Sério?" Ela arqueou uma sobrancelha, incrédula. "Nada?"
Como se eu fosse te contar uma merda . Dei de ombros em resposta.
Ela curvou os lábios. "Você não vai facilitar as coisas, vai?"
Não há a mínima chance .
Como não mordi a isca, ela voltou a vasculhar minhas anotações, enquanto eu esperava impacientemente o tempo acabar. Mais trinta e sete minutos e eu estaria fora dali.
"Diz aqui que sua mãe lutou contra o câncer durante toda a sua infância." Seus olhos brilharam enquanto ela lia minhas anotações. "E ela se recuperou milagrosamente e recuperou a saúde plena."
"É", respondi. *Até a próxima* .
"Você não parece feliz com isso."
"Estou em êxtase", respondi, impassível, com os olhos penetrando os dela. "Você não percebe?"
A preocupação brilhou em seus olhos. "Como estão as coisas em casa?"

"Pêssego."
"E a sua relação com os seus pais?", ela continuou a sondar. "Como vai?"
“Imagem perfeita.”
"E seu humor? Como está se sentindo, Lizzie?"
Lá estava . “Esplêndido.”
O médico soltou um suspiro de frustração. "Você sabe que não posso te ajudar se não falar comigo."
"Não é esse o propósito do seu trabalho?", arqueei uma sobrancelha. "Descobrir maneiras de me *fazer* falar?"
"Sim", ela respondeu calmamente. "Mas você poderia facilitar muito o meu trabalho se se abrisse."
"Você está sendo pago para estar aqui." Dei de ombros. "Eu não."
“Você tem algum outro lugar onde preferiria estar?”
Sim . “Eu vejo o que você está fazendo.”
"A casa de uma amiga, talvez?", ela continuou a desafiar. "Ou talvez um namorado?"
"Você é quem tem as anotações", retruquei. "Me diga você."
“Você sempre foi tão desconfiado?”
Não .
Houve momentos, quando eu era pequena, em que pensei que poderia ser feliz. Naquela época, a satisfação parecia alcançável. Mas a escuridão tinha um jeito de varrer a inocência para a correnteza.
Foi o que aconteceu com a minha inocência.
Para mim .
Tudo escureceu quando o monstro se arrastou para a minha cama. Havia apenas vislumbres de esperança, fugazes raios de sol que provocavam minha alma. Até que ela morreu e levou consigo para o túmulo meu último resquício de confiança.
Já fazia dois anos, quatro meses e seis dias desde que retiraram o corpo da minha irmã da água, e já fazia dois anos, dois meses e oito dias desde que *ele* saiu da cidade. Oitocentos e cinquenta e três dias sem que *ninguém* acreditasse em mim e este médico questionava minha capacidade de *confiar* ?
Que piada do caralho .
"Como eu disse", respondi, sem expressão, "você é quem tem as notas".

"Como foi a sua consulta?", perguntou minha mãe no caminho de volta para casa. "Gostou do seu novo médico?"
"Correu tudo bem", respondi, olhando fixamente pela janela do carro. "Ela foi legal."
"E ela está feliz com o seu progresso?" Ela continuou a sondar enquanto atravessava o trânsito da hora do almoço. "Sem ajustes na sua medicação?"
"Não." Reprimi a vontade de gritar. "Está tudo bem."
"Ah, querida." Mamãe estendeu a mão por cima do console e apertou meu joelho. "Fico tão feliz em ouvir isso."
"É, mãe", sussurrei. " *Eu sei que você é* ..."

"Ela te deu alguma dica sobre como lidar com o ensino médio na semana que vem? Ou técnicas de enfrentamento caso você fique sobrecarregado?"
"Não vou me sobrecarregar, mãe", respondi com um suspiro. "Não estou nervosa com isso."
"Eu sei disso, querida", ela admitiu em tom gentil. "Mas vai ser uma grande mudança para você, e você sabe como *a mudança* pode abalar seu humor."
Sim, eu sabia disso, mas não havia nada que eu pudesse fazer a respeito. Eu não conseguia tirar o transtorno bipolar da minha mente como os médicos dela conseguiram tirar o câncer. Era *parte* de mim. "Vou ficar ótima."
"Estou tão orgulhosa de você, Lizzie. Espero que saiba disso."
É, e eu não merecia. O orgulho dela era infundado, porque se ela conhecesse meu verdadeiro eu, não se sentiria assim. Se ela soubesse dos meus pensamentos ruins ou das coisas que eu *desejava* , sentiria repulsa. "Eu também tenho orgulho de você, mãe."
“Então, sobre o que mais vocês conversaram na sessão?”
"O de sempre", respondi com outro suspiro de derrota. "Como estou dormindo? Como estou me sentindo? Acho que os novos remédios estão funcionando? Ah, e ela me perguntou sobre meus pesadelos."
A mãe estremeceu. "Eles ainda estão acontecendo?"
Todas as noites. "Eles não estão tão ruins quanto antes."
"É um alívio saber disso, querida."
"Mas ultimamente tenho tido um sonho", eu disse, decidindo contar a ela. "Sobre, uh, bem, sobre ela."
A expressão da minha mãe se fechou. "Ah?"
“Sim.” Engolindo em seco, perguntei: “Nós moramos em outro lugar antes daqui?”
"Você sabe que sim, querida. Morávamos em Tipperary."
"Não, não Tipperary", murmurei, confusa. "Em algum lugar mais distante. Algum lugar para onde precisaríamos voar."
Mamãe franziu a testa. "Do que você está falando?"
"Nos meus sonhos, estou num avião." Soltei um suspiro de frustração. "Estamos todos. A família inteira. Estamos voando para algum lugar e Caoimhe parece muito feliz com isso, e acho que eu também." Franzindo a testa, acrescentei: "Mas no momento em que o avião pousa, eu acordo."
“Talvez você esteja relembrando umas férias que tiramos?”
"Não." Balancei a cabeça, com as sobrancelhas franzidas. "Acho que não."
"Bem, pode parar de se preocupar, querida." Ela sorriu alegremente. "Porque é só um sonho."
"Sim", murmurei, discretamente cravando meus dedos na minha carne para acalmar a ansiedade que crescia dentro de mim.
Meu celular apitou, e eu rapidamente o tirei do bolso e cliquei na mensagem de texto ainda fechada. No momento em que li o nome dele na tela, a excitação rugiu dentro de mim. *Eu rugi para a vida* .

Mais quatro dias. x

Uma onda repentina de calor percorreu meu corpo porque eu sabia exatamente o que aquela mensagem enigmática significava. Sentindo meu coração bater descompassadamente no peito, tateei o teclado do meu celular, desesperada para responder a ele.

Chegue cedo do acampamento de natação. ☺Podemos começar mais cedo. x

Prendendo a respiração, olhei para a tela e esperei sua resposta, apenas para tremer visivelmente de excitação quando meu telefone tocou alguns momentos depois.

Estou preso em Kerry até domingo. ☹x

Contendo um gemido, digitei outra mensagem e cliquei em enviar.

Isso significa que não nos veremos até a escola na segunda-feira. ☹x

Sua resposta veio instantaneamente.

Não se preocupe. Eu compenso você. ;) x

Sorrindo, respondi.

Como? ☺x

Meu telefone tocou dez segundos depois.

Muitos toques ;) x

Meu coração disparou no peito e eu sorri diabolicamente antes de responder à mensagem.

☺☺☺FINALMENTE. x

"Bom, só tem uma pessoa que consegue colocar um sorriso tão largo no seu rosto", riu a mãe. "Então não vou perguntar quem está mandando mensagem."
"Hmm?" Corando, guardei meu celular no bolso e soltei um suspiro trêmulo. "Ah, é o Hugh."
"Sim, querida", refletiu mamãe. "Já percebi."
"Ele só volta do acampamento no domingo", eu disse a ela, com o coração ainda batendo forte. "Então, só vamos nos ver na escola."
"Ah, não!", minha mãe fingiu ofegar. "Como vocês dois vão sobreviver?"

"Ele sumiu há uma semana", lembrei-a, bufando. "Sete dias, mãe."
"Então tenho certeza de que você vai sobreviver mais quatro dias sem o seu namorado", mamãe riu sem compaixão. "Devo dizer que também senti falta dele em casa, embora não tanto quanto seu pai."
Sim, eu estava confiante de que meu pai amava meu namorado mais do que a mim.
As coisas estavam tensas em casa, com o relacionamento dos meus pais em crise desde o funeral, mas meu pai realmente parecia sair do mau humor sempre que Hugh aparecia.
Minha mãe disse que era porque ele gostava de ter outro homem por perto, mas eu sabia que não era bem assim.
Papai amava o Hugh porque ele compensava as falhas dele. Quando ele saía de casa, o que acontecia com frequência, papai sabia que podia contar com o meu namorado para assumir o papel de "homem da casa" no lugar dele.
Quanto mais meus pais brigavam, mais meu pai ia embora, e quanto mais meu pai ia embora, mais meu namorado se intrometia.
Não estava certo o quanto meus pais confiaram em Hugh nos últimos dois anos e meio, mas ele nunca reclamou. Pior ainda era minha incapacidade de funcionar sem ele, mas, novamente, meu meu namorado nunca vacilou ou se esquivou, e eu sabia com absoluta certeza que as partes recuperáveis do meu corpo, coração e mente pertenceriam para sempre a ele.
Apesar dos colapsos e da mania, Hugh continuou a invadir meu mundo, como um bravo cavaleiro, e a me proteger dos estilhaços emocionais determinados a me fazer em pedaços.
Eu não era nem de longe boa o suficiente para esse garoto, nem merecia a paciência que ele tinha comigo, mas eu tentava desesperadamente ser.
Minha mente voltou para a tempestade de merda que foi o verão de 2001, e estremeci ao pensar em quão perto cheguei de perder Hugh.
O primeiro aniversário da minha irmã trouxe consigo meu primeiro episódio maníaco verdadeiramente grave, do qual eu tinha muito pouca lembrança. Eu conseguia, no entanto, me lembrar da vergonha que me tomou quando acordei em uma cama de hospital, mergulhada em depressão profunda. Não conseguia me lembrar de ter parado de tomar meus remédios, mas foi o que os médicos disseram que aconteceu. Não conseguia me lembrar de ter destruído meu quarto, arrancado as fotos de Caoimhe das paredes ou corrido nua pelos campos nos fundos da nossa casa. Mas foi o que me disseram que aconteceu. A pior coisa, de longe, foi ouvir que não só amarrei uma rédea de cavalo no pescoço e me joguei do sótão superior do celeiro, mas também que *Hugh* quebrou o cotovelo ao cair da borda tentando me derrubar.
Ele *acabou* me cortando e salvando minha vida naquele dia, e nunca me culpou por isso, mas eu culpei. *Eu* me culpei por isso e *nunca* me perdoaria por colocá-lo em perigo.
Depois disso, a queda foi tão grave que eu passava semanas das minhas férias de verão na cama, mal comendo, raramente tomando banho e, geralmente, apodrecendo debaixo das cobertas.
Depois disso, voltei à vida, mas estava torturado pelos erros que cometi quando estava chapado. Pior de tudo, eu só tinha Eu me culpei pelas minhas ações e meu

pai estava mais do que disposto a me dizer exatamente isso.
Aquele período sombrio da minha vida não era algo em que eu gostava de pensar porque eu tinha medo de que, se pensasse muito nisso, eu acabasse me dando azar.
O aniversário de Claire, algumas semanas atrás, foi outro lembrete claro de quão rápido meu mundo poderia desabar ao meu redor.
"Escute, eu sei que tivemos alguns anos difíceis, mas que tal traçarmos um limite e considerarmos você começar a faculdade Tommen como nosso novo começo?" Mamãe lançou um olhar esperançoso em minha direção, e eu tive que me esforçar para não estremecer ao ver seu rosto envelhecido. "Hmm? O que você diz, querida?"
"Parece um plano", ofereci, desejando ser a filha que ela precisava que eu fosse.

GAROTAS DE TOMMEN

Lizzie

2 DE SETEMBRO DE 2002

" É COMO UM CASTELO " , EXCLAMOU CLAIRE, AGARRANDO OS LIVROS CONTRA O PEITO, ENQUANTO GIRAVA NO PÁTIO, visivelmente impressionada com o prédio de aparência medieval que seria nosso lar acadêmico pelos próximos seis anos. "Não é lindo, Liz?"
"É", respondi, apertando as alças da minha mochila enquanto observava o entorno, com paredes de tijolos antigos, cobertos de hera, parecendo igrejas. "É alguma coisa, sim."
"A Sra. Lowney disse que o Tommen College foi construído em 1667", disse ela, efusivamente, repassando as estatísticas que nossa professora primária havia divulgado sobre o prestigiado internato. "A admissão é altamente competitiva, sem falar nas mensalidades caras, e a escola oferece apenas seis bolsas acadêmicas por ano."
"É, Claire, eu sei", eu disse com um suspiro. "Eu estava na aula no dia em que a Sra. Lowney fez a apresentação."
"Desculpe", ela respondeu com um sorriso tímido. "Esqueci."
Eu tinha me ausentado bastante nos últimos dois anos, então não podia culpá-la por esquecer. "Está tudo bem." Abri um sorriso encorajador. "Como você estava."
"Sério?" Ela me olhou com olhos grandes e esperançosos. "Posso dar a sinopse completa? Eu a lembro de cor."
Claro que sim . Sorri. "Vai em frente."
Cheia de excitação mal contida, minha amiga pigarreou antes de se jogar no papel de especialista em turismo. Guia. “O Tommen College é um prestigiado internato pós-primário particular, localizado na idílica zona rural do Condado de Cork, a 24 quilômetros da movimentada cidade de Ballylaggin. Com mais de 120 hectares de bosques e áreas verdes, o Tommen College oferece vagas para estudantes diurnos e internos, com alojamentos separados para estudantes masculinos e femininos, com capacidade total para 250 alunos.”
"Nossa", ri, genuinamente impressionado com a capacidade dela de memorizar o panfleto. "Isso foi ridiculamente profissional."
"Ooh, ooh, eu tenho mais", exclamou ela, feliz, pulando de um pé para o outro. "Em Tommen, oferecemos instalações de última geração para apoiar a carreira acadêmica dos nossos alunos, além de um departamento esportivo de excelência reconhecido nacionalmente."
“Parece a escola dos sonhos de qualquer atleta.”
"Com certeza", ela refletiu, pegando o panfleto que nos deram e começando a ler em voz alta. "As instalações do Tommen College incluem uma sala de música exclusiva, seis salas de convivência espaçosas, uma academia de musculação, um ginásio esportivo, um campo de grama sintética com iluminação artificial,

uma piscina coberta e aquecida de 25 metros, campos de golfe de nove buracos, uma pista de corrida, três prédios individuais de ciências, um jardim de horticultura, duas bibliotecas, uma sala de cerâmica, salas de aula de economia doméstica de última geração, *três* campos de rúgbi exclusivos, uma sala de recuperação esportiva..."
"Tá bom, tá bom, entendi", interrompi antes que ela se transformasse na forma humana do Tigrão e fosse embora. Engatando meu braço no dela, a conduzi em direção às gigantescas portas duplas que davam para o prédio principal. "Vamos entrar e encontrar nossos armários."
“Você acha que Shannon ficará bem na BCS, Liz?”
Não . “Sim, Claire, eu concordo.”
"Realmente?"
"Com certeza", respondi, embora meu coração afundasse ao pensar em Shannon sozinha em uma escola nova. "Ela tem o irmão."
"Sim, e ele não vai deixar aqueles valentões malvados machucá-la."
"Exatamente."
"Estou tão feliz que você esteja aqui comigo, Liz", murmurou Claire quando entramos, onde ela estava claramente impressionada tanto pelo tamanho do gigantesco hall de entrada quanto pelas centenas de estudantes que circulavam por lá. "Acho que vou ficar com medo sem você."
"Você consegue, Claire Biggs", prometi, puxando-a para mais perto. "Espere um mês e você será a queridinha da escola."
“Você realmente acha isso?”
“Eu sei disso.”
"E você?"
"Meu?"
“Sim, o que você vai ser?”
"Não se pode ter sol sem chuva", sugeri, dando de ombros. "Serei a nuvem de chuva da escola."
Isso a fez rir, e eu fiquei feliz porque era importante para mim que essa garota nunca perdesse o brilho. *Como eu* ... Claire tinha uma inocência única. Ela via o mundo com olhos imaculados. Seu coração era puro e sua mente, incorrupta. Se isso se devia à educação da mãe ou à bolha invisível de proteção que seu irmão mais velho projetava ao seu redor, eu não tinha certeza, mas ela era uma garota especial que, apesar de suas diferenças gritantes em relação a mim, eu não poderia ter amado mais.
"Meu Deus, uhuuu!" Claire gritou então, soltando meu braço. "Gerard!"
Meu corpo se transformou em pedra enquanto a observava disparar na direção de um grupo de garotos mais velhos, vestidos com trajes de rúgbi. Bem, mais velho que a Claire, pelo menos. Eu tinha mais ou menos a mesma idade daqueles babacas.
Quando ela o abraçou, sinceramente pensei que fosse vomitar.
"Claire-Ursinha!", exclamou ele com a mesma excitação antes de erguê-la no ar. "Rapazes, esta aqui é minha pretendente, então fiquem longe de mim, ouviram?"
Além de enjoada e incapaz de disfarçar minha carranca, saí furiosa na direção oposta, precisando colocar o máximo de distância possível entre minhas mãos e sua garganta.

Com o corpo tremendo, tentei desviar de um grupo de garotas mais velhas que bloqueavam o corredor inteiro enquanto latia.
Tentando ficar calmo, fiquei na frente deles como um idiota, esperando que se movessem, antes de desistir de ser educado e abrir caminho entre eles.
Quando você está caminhando pelo inferno e todo esse jazz .
"Ah, com licença! Você não pode simplesmente passar por nós!", gritou um deles, segurando meu braço quando tentei passar. "Quem diabos você pensa que é, bebê do primeiro ano?"
"Seu pior pesadelo se você não me soltar", cuspi, virando-me para encarar a garota de cabelos escuros. "Sério", avisei quando ela não soltou meu braço. "Você tem cinco segundos para tirar a mão de mim ou eu corto seus dedos."
"Que vadia", murmurou uma delas, dando um passo seguro para trás, enquanto a que ainda me segurava parecia ponderar se eu estava falando sério ou não.
"Ah, você não tem ideia do quão sério eu estou falando", eu disse a ela, me aproximando.
"Deixa pra lá, Bella. Ela não vale a pena."
“Sim, Bells, vamos embora.”
“Cinco, quatro, três, dois, um—”
“No futuro, peça gentilmente quando quiser que alguém saia do seu caminho”, zombou a garota que chamavam de Bella, ainda com a sensatez de tirar a mão dela antes de eu terminar de contar. "Sou do quarto ano, sabe, o que me torna superior a você por aqui."
"De agora em diante, não bloqueie o corredor inteiro", retruquei, sem querer ceder um centímetro. "E, vadia, eu não me importaria se você fosse a própria Madre Teresa."
"Queimadora *e* mal-humorada." Ela arqueou uma sobrancelha finamente depilada, parecendo estranhamente impressionada. "Acho que uma pequena explosiva como você poderia me ajudar na nossa gangue." Ela se virou para o seu grupo e disse: "O que vocês acham, meninas?"
As meninas ao redor dela concordaram imediatamente como um rebanho de ovelhas obedientes.
"O que você diz, pequena explosiva?" Ela se virou e sorriu para mim. "Quer um lugar na mesa das meninas?"
"Acho que você deveria ir para o inferno", respondi, sem expressão.
Seus olhos se estreitaram de indignação. "Como?"
"E talvez faça um teste de audição", acrescentei antes de sair furioso, fazendo um gesto obsceno quando uma das ovelhas gritou a palavra " *cadela"* atrás de mim.
Consegui encontrar a área dos vestiários do primeiro ano sem pedir informações, mas, pouco antes de chegar à minha área de vestiários, fui levado para dentro de uma escada de emergência por um garoto vestindo a camisa de rúgbi número dez de Tommen.
"Finalmente", rosnou meu namorado quando a porta de emergência se fechou com força, nos envolvendo na escuridão. "Estou esperando você aqui a manhã toda."
Instantaneamente bombardeada por uma onda repentina de emoção, avancei em sua direção, precisando mais do seu toque do que de ar.

"Hugh", sussurrei, subindo em seu corpo como um cano de esgoto para selar minha boca na dele.
Com os lábios nos meus e as mãos agarrando a parte carnuda das minhas coxas, ele caminhou para frente até minhas costas baterem na parede. O movimento fez com que a dor crescente entre minhas coxas se intensificasse, e eu avidamente apertei meus braços e pernas ao redor dele.
"Só para você saber, eu te beijaria com prazer na frente de todo mundo." Seus lábios se moviam contra os meus enquanto ele falava. "Esta escadaria de merda é para o seu benefício — ou melhor, para o benefício do demônio de cabelo cacheado?"
“Você sabe que sua irmã fica chateada quando ela nos vê juntos.”
"Estou cagando se nos ver juntos vai chatear minha irmã", ele retrucou, os lábios percorrendo meu pescoço. "Eu me importo que minha irmã reaja de um jeito que chateie *minha* namorada." Tudo dentro de mim se apertou quando ele me chamou assim. "De qualquer forma, eu queria te desejar sorte no seu primeiro dia antes do ônibus partir", ele continuou dizendo, enquanto seus quadris giravam contra os meus de um jeito que eu tinha certeza que me faria desfiar. "Tenho um jogo fora em Clonamore."
"Esquece", implorei, tremendo quando sua língua colidiu com a minha. "Fica aqui comigo."
"Eu faria se pudesse", ele sussurrou, me beijando com mais amor e carinho do que eu jamais recebera de outro ser humano. "Mas eu já estou na lista negra do Cap por faltar ao treino de pré-temporada... porra, Liz!"
"É o dia D, Hugh." Sorrindo contra seu pescoço, continuei a passar a língua por seu pulso pulsante. "Você cheira tão bem." Fechando meus lábios em volta dele, chupei e acariciei sua carne com meus lábios e língua. "Mm."
"Você devia parar", protestou ele fracamente, apenas para se aproximar e me mostrar o pescoço. "Meu Deus, nunca pare."
Eu não planejei.
Pelo menos não até eu deixar minha marca nele.

CENÁRIOS HIPOTÉTICOS E O 1% MAIS ELEVADO

Hugo

2 DE SETEMBRO DE 2002

"Já estava na hora , grandão ", vociferou o técnico Mulcahy quando finalmente se juntou a ele e ao resto do time no ônibus. "Meu Deus, pensei que teria que mandar um grupo de busca para encontrar meu meia-abertura."
"Desculpe o atraso, treinador", murmurei, subindo os degraus do ônibus. "Não vai acontecer de novo."
"É, bom, considerando que você costuma ser sempre pontual, vou deixar passar", resmungou ele, com as mãos na cintura. "Mas não faça disso um hábito."
“Obrigado, treinador”, respondi, indo direto para o corredor.
"Espera aí." Apertando a mão no meu ombro, ele me puxou de volta para encará-lo. "Você está bem, não é, Biggs?" A preocupação tomou conta de sua voz. "Você não está se sentindo mal nem nada?"
"Estou ótimo, senhor."
Seus olhos estudaram os meus por um longo instante antes de balançar a cabeça e me soltar. "Então, tudo bem, Biggs. Vá se sentar."
"Alguém pulou o café da manhã hoje?" Feely riu baixinho quando eu desabei no assento ao lado dele. "Puta merda, rapaz, ela comeu o seu pescoço."
Você não tem ideia . Com os joelhos balançando inquietos, exalei um suspiro trêmulo e me esforcei para acalmar meus nervos. "Estou com um problema enorme, rapaz."
“Com o treinador?”
"Não, não, treinador", cuspi, virando-me para encará-lo boquiaberto. "Com ela, pai, com *ela* ."
Em vez de oferecer apoio a um amigo necessitado, *meu* amigo decidiu rir na minha cara: "Achei que você ficaria feliz em finalmente ter sua namorada se juntando ao Tommen."
"Estou *encantada* ", disse eu, engasgada, olhando para ele. "Estou encantada *demais* ."
“Não existe alegria demais, rapaz.”
“Há quando você tem uma namorada que se parece com *a minha* .” Sentindo-me em pânico, mordi meu punho e sussurrei: “Você a viu com esse uniforme?”
"É uma pergunta capciosa?", respondeu minha melhor amiga, imediatamente desconfiada. "Se eu disser que sim, você vai ficar bravo comigo por olhar?"
"Você a *viu* com esse uniforme", eu disse, sufocada, enterrando a cabeça nas mãos. "Como, em nome de Jesus, ela consegue andar com essas pernas de pau?"
“Não faço ideia, Hugh, mas elas são, de longe, as pernas de pau mais sexy que já vi.”
"Não está ajudando em nada, rapaz."

"Me desculpe."
"Ela me quer."
“Sim, Hugh, geralmente é assim que acontece quando você está em um relacionamento.”
"Não." Virei-me para encará-lo novamente. "Quer dizer, ela *me quer* , me quer."
"Relaxa, tá?" Feely riu, dando um tapinha no meu ombro. "Você tem o autocontrole de um monge eunuco."
Balancei a cabeça. "Com ela, não."
Feely sorriu de volta para mim. "E isso é um problema por quê?"
"Porque eu não, quer dizer, nós não, e eu não... ugh!" Gemendo de dor, afundei a cabeça nas mãos mais uma vez. "É como se, quanto mais eu tentasse ser respeitosa, mais ela me incentivasse a *não* ser."
Feely bufou. "Fale sobre problemas de primeiro mundo."
Levantei a cabeça de repente. "Como?"
“Você é repugnante, sabia disso?”
"Como?"
"Você consegue se ouvir agora?", perguntou ele, parecendo completamente entretido. "Você está praticamente chorando porque sua namorada te *quer* . Esse é um problema do 1% mais importante, Hugh." Rindo, ele acrescentou: "Você tem ideia de como os outros 99% dos rapazes lutam?"
"Diz o sujeito que enfia o pau em qualquer coisa com pulso desde seu décimo quinto aniversário."
"Ei! Eu nunca disse que fazia parte dos 99%, seu babaca", ele retrucou, rindo. "Além disso, alguém tem que hastear a bandeira solo."
"É, e você já agita bandeiras o suficiente para o resto de nós", resmunguei, olhando-o de soslaio.
Feely deu de ombros, sem se desculpar. "São as minhas mãos." Ele levantou uma delas para dar ênfase e mexeu os dedos. "Dedos de violão, rapaz."
"Tire essa coisa da minha cara antes que eu vomite em você", avisei, dando um tapa na mão dele.
"Ainda bem que não moro em Avoca Greystones", ele refletiu, coçando o queixo. "Claramente tem alguma coisa na água que faz os caras perderem a cabeça. Quer dizer, o Gibs pode bancar o jogador o quanto quiser, mas nós dois o vimos encurralado num canto, de pura culpa por ter traído a Bernadette Brady na discoteca ano passado. Pelo menos você teve a coragem de rotular você e a Liz — mesmo sendo medroso demais para *ser* um namorado de verdade para ela."
"Me desculpe, porra!", gaguejei, sentindo-me extremamente ofendida. "Quero que você saiba que sou um ótimo namorado."
"Você já sentiu os peitos dela?"
"Sim."
“Debaixo do sutiã?”
Abri a boca para responder, mas não saiu nada.
Feely riu. "Achei que não."
“Como sentir os seios dela me torna um namorado melhor?”
"Porque se você tocar nos seios dela, você pode realmente fazê-la se sentir bem", ele respondeu ironicamente.

“Eu sempre a faço se sentir bem.”
“Sexualmente, Hugh.”
Estreitei os olhos. "Eu posso fazer com que ela se sinta bem sexualmente."
“Não segurando a mão dela, você não consegue”, ele riu.
“Como se você fosse um especialista no assunto.”
"Ah, você quer um especialista?" Sorrindo, ele se esticou no assento e gritou: "Capitão, venha aqui um segundo, por favor?"
"Você é *louco* ?", perguntei, estrangulado. "Não vou falar com ele sobre isso."
"Não precisa", respondeu ele. "Eu falo."
"Qual é a história, rapazes?", perguntou Kav, sentando-se no assento à nossa frente.
"Você fez muito sexo, não é?", Feely perguntou sem rodeios, enquanto eu mentalmente cavava um buraco para morrer.
"Se eu já ou não, é irrelevante." Kav foi rápido em encerrar a conversa. "Porque eu não falo da minha vida sexual com ninguém."
"É." Feely revirou os olhos. "O que significa que ele transou bastante com várias garotas diferentes."
"Do que se trata, Feely?" Kav retrucou, parecendo irritado.
"Se sexo estivesse fora de cogitação, você usaria os dedos ou a língua para fazê-la gozar?"
“Jesus Cristo, pai”, eu disse, chocada.
"Hipoteticamente?", Kav sugeriu, parecendo levemente interessado agora.
"Claro."
“Em que contexto?”
“Você e uma garota qualquer.”
"Dedos", respondeu Kav sem hesitar. "Sem língua." Fazendo uma careta, ele coçou o queixo antes de acrescentar: "Nunca use a língua em pessoas aleatórias."
Um arrepio percorreu seu corpo enorme. "Isso é íntimo demais."
“E se você tivesse um relacionamento sério e duradouro com ela?”
Johnny franziu a testa como se não tivesse entendido a pergunta. "Se estivéssemos em um relacionamento sério e duradouro, por que *não* estaríamos fazendo sexo?"
Feely caiu na gargalhada.
“Estou confuso”, admitiu Kav, com as sobrancelhas franzidas.
"Não se preocupe", respondi, cutucando as costelas do babaca ao meu lado. "O Feely está tendo um momento."
Johnny nos encarou por um longo instante antes de balançar a cabeça e se levantar. "Não sei bem o que vocês, espertinhos, estão tramando, e sinceramente não tenho cabeça para me preocupar com isso, mas certifiquem-se de enrolar camisinhas *hipotéticas* nos seus paus *hipotéticos* antes de começarem a transar."
Ele começou a voltar para o seu lugar antes de parar no meio do corredor para se virar e dizer: "E guardem o oral para seus *hipotéticos* relacionamentos sérios."
"Boa, Feely. Agora ele acha que somos loucos."
"Não se preocupe, Hugh. Ele provavelmente acha que a gente tá transando."
"Sem querer ofender, rapaz, mas eu estou muito fora do seu alcance para que ele pense isso."
“Como você quiser, *virgem* .”

"De volta para você, *vadia* ."

PARAÍSO NA TERRA

Lizzie

27 DE SETEMBRO DE 2002

"PARA ONDE VAMOS? ", H UGH PERGUNTOU, ME SEGUINDO PELA ESCADA ANTIGA DE TIJOLOS nos fundos do prédio principal da escola. "Liz, só temos cinco minutos para o almoço."
"Confie em mim", insisti, subindo correndo os quatro lances de escada de paralelepípedos até chegar ao paraíso na terra — bem, em Tommen, pelo menos.
"Puta merda", Hugh suspirou, juntando-se a mim no impressionante arco de pedra que levava à biblioteca original da escola. Ela ocupava todo o quarto andar do prédio e era a única parte da escola que havia sido poupada da modernização. A arquitetura lembrava o final do século XVII, quando a escola foi construída, e era um tesouro para os apaixonados por livros — corredores extensos de livros empilhados do chão ao teto, com móveis antigos e cortinas de veludo gloriosas decorando as vidraças vitorianas. O melhor de tudo era que havia corredores de livros tão antigos quanto o próprio prédio.
“Como você encontrou esse lugar, Liz?”
"Tenho contatos", provoquei, decidindo não mencionar a Sra. Reidy, a bibliotecária idosa da escola que tinha se interessado por mim. "Este lugar é aberto a estudantes, mas ninguém nunca vem aqui", expliquei, pegando sua mão e o conduzindo pelos corredores. "Todo mundo usa aquela biblioteca modernizada. Sabe, aquela do subsolo?"
"É, eu conheço", respondeu Hugh, com os olhos arregalados enquanto observava o ambiente. "Passo por lá todos os dias a caminho da piscina."
"Vamos." Arrastando-o pelos corredores extensos, virei à esquerda no final da área central. "Espere até ver isso." Serpenteando por corredores de estantes do chão ao teto na ala esquerda, levei meu namorado até a parede de pedra original que abrigava a verdadeira maravilha daquele cômodo.
"Que diabos é isso?", perguntou Hugh, com a atenção voltada para o buraco estreito e retangular nos tijolos.
"Siga-me." Levantei-me para a saliência e me espremi pela abertura estreita até chegar à sala secreta.
"Puta merda", Hugh sussurrou, entrando atrás de mim e se levantando para contemplar a pequena sala de pedra de três por três metros. "Para que servia este lugar?"
“Tenho pesquisado e, pelo que posso perceber, era usado como sala segura pelos estudantes das colunas voadoras, durante a Guerra da Independência.”
Os olhos de Hugh se arregalaram. "De jeito nenhum."
Era uma pequena sala de pedra, sem janelas ou luz natural, embora a eletricidade tivesse sido conectada por meio de uma luminária antiga e enferrujada, fixada na parede mais próxima da abertura. Esculpidas no tijolo, estavam as iniciais de quem eu presumi que usava aquele cômodo durante a guerra. Os únicos móveis

na sala eram uma escrivaninha com uma cadeira combinando e uma cama de armar de aparência ainda mais antiga. Como as que usavam para os soldados na guerra.
"Bem-vindo ao meu berço", ri, acenando com a mão. "Bem legal, né?"
"Eu diria", respondeu Hugh, olhando para mim com uma expressão peculiar no rosto. "Você nunca para de me surpreender, Liz."
"Sério?", ronronei, diminuindo o espaço entre nós. "Bem, que tal eu te surpreender com algo ainda melhor?", enlaçando meu braço em volta do seu pescoço, fiquei na ponta dos pés e dei um beijo na curva do seu maxilar. "Hum?"
"Eu não vou voltar para a aula, né?", meu namorado perguntou rispidamente, com as mãos apertando meus quadris.
"Não se eu quiser", sussurrei antes de cobrir sua boca com a minha.
Puxando-me bruscamente contra seu peito, Hugh enrolou sua mão em meu cabelo e inclinou meu rosto para cima para aprofundar nosso beijo.
No momento em que sua língua entrou na minha boca, senti uma onda de eletricidade me percorrer e gemi. "Mm."
Ele era tão lindo, e eu queria tê-lo mais do que qualquer outra coisa pelo resto da minha vida.
Só esse garoto.
Para sempre.
Gemendo na minha boca quando sentiu meus dedos enganchando no cós da sua calça escolar, Hugh me fez andar de costas até minhas costas baterem na parede.
"Porra, gata."
Um arrepio delicioso percorreu meu corpo quando ele me chamou de *"querida"* , e eu puxei a fivela do seu cinto, mentalmente desejando que ela desaparecesse.
Agarrei sua mão direita, levei-a até minha coxa e o incentivei a prendê-la em volta da cintura. Quando ele obedeceu e senti nossos corpos se alinharem perfeitamente, a dor latejante entre minhas pernas ficou mais forte.
"Você é tão linda", ele sussurrou entre beijos, enquanto esfregava os quadris contra os meus. "Não aguento mais."
"Mais", implorei, arqueando-me ao seu toque, enquanto meus quadris giravam furiosamente contra os dele. "Por favor."
"Você vai me foder, Liz", Hugh gemeu, agarrando minha coxa com mais força enquanto continuava a se enfiar em mim. "Você é tudo em que consigo pensar."
"Então me tenha", eu o incentivei, estendendo a mão entre nós para tocar a frente da calça dele. "Uau."
"Não", ele implorou, os quadris perdendo o ritmo quando sentiu que eu *o tocava* . "Não vou conseguir lidar com isso." Estendendo a mão entre nós, ele agarrou minha mão e a afastou de sua virilha. "Eu quero, pra caralho, mas não podemos."
Outro gemido de dor escapou de seus lábios. "Ainda não."
"Então eu", sussurrei, os lábios se movendo contra os dele enquanto eu guiava sua mão por baixo da minha camisa da escola. "Me toca." Senti sua hesitação e a tensão em seu corpo, mas não cedi, guiando sua mão pela minha barriga até que ele estivesse apalpando um dos meus seios. "Assim."
"Você não está usando sutiã", disse ele num tom áspero. "Porra, Liz."
"Odeio sutiãs", respondi, arqueando os quadris para a frente enquanto minha mão permanecia em cima da dele, encorajando-o a continuar.

"Nunca fizemos isso antes", sussurrou ele, soando dolorosamente vulnerável. "Tem certeza de que está tudo bem?" Ele se afastou para me olhar, os olhos castanhos cheios de calor e desejo. "Tocar você assim?"
"Mais do que bem", sussurrei, retirando lentamente minha mão da dele. "E você?", perguntei, pressionando meu corpo contra seu toque. "Você gosta? Eu me sinto bem?"
Ele assentiu lentamente, enquanto seu polegar roçava meu mamilo endurecido. "Você é perfeita." Apalpando-me delicadamente, ele se inclinou para perto e recapturou meus lábios. "Você é minha."
Porque eu sou .

ESCOLHENDO ROUPAS E SUPERANDO LIMITES

Hugo

5 DE OUTUBRO DE 2002

Estirado na cama da minha namorada, com a cabeça apoiada em uma pilha de travesseiros macios, forcei-me a manter os olhos fixos nas páginas do livro que estava tentando ler e *não* na garota que estava andando por aí seminua.
Infelizmente para mim, *Ulisses* não se compara a Lizzie Young.
"Que tal esta?", ela perguntou, e eu a observei pela visão periférica enquanto ela caminhava em minha direção.
Liz não precisava de maquiagem e vestidos para parecer feminina, e eu não precisava daquela estética idiota para inflar meu ego. Porque eu sabia o que ela era, o que ela tinha, e era tudo e mais um pouco. Ela era tudo o que eu sempre quis, sempre almejei e sempre desejei. Ela era tudo para mim.
Esse tipo de garota me entediava até a morte porque eu *morava* com uma delas. Não, eu não queria a garota feminina, com bichinhos de pelúcia e tudo rosa. Eu queria a garota cheia de atitude, com as feições afiadas e a atitude de moleca. Eu queria a garota que me encarava com raiva quando eu segurava a porta aberta, em vez de corar. A que respondia a "primeiro as damas" com "idade antes da beleza".
Aquela garota me iluminou.
Aquela garota me deixou muito feliz.
"Muito bom", respondi, rapidamente voltando minha atenção para o livro antes que ela pudesse atacar.
“Mentiroso, você nem olhou.”
"Não precisa", respondi, virando a página. "Você fica bem em tudo."
Houve uma discoteca no clube de rúgbi da cidade hoje à noite, pelo quarto ano consecutivo, para comemorar os resultados do certificado júnior. Em vez de ficar bêbado com os rapazes antes, fui mantido em cativeiro por uma loira de tanga.
Aparentemente, minha namorada precisava da minha ajuda para escolher uma *roupa* para esta noite, e era uma questão de vida ou morte.
Isso foi uma merda por dois motivos.
Primeiro, eu passava praticamente todos os dias com a menina desde os sete anos e nunca a ouvi pedir a opinião de ninguém sobre moda. Liz não se importava nem um pouco com roupas, mesmo que tentasse. Ela usava o que usava quando queria, e esse era o esforço total que ela dedicava à escolha das roupas.
Segundo, tivemos um deslize momentâneo na biblioteca no mês passado, quando perdi a cabeça e passei as últimas três aulas do dia escolar transando com a minha namorada. Desde aquele dia, Liz estava determinada a encontrar outra brecha na minha cerca moral.

Não era como se eu quisesse me conter. Faltavam semanas para eu completar quinze anos. *É claro que* eu queria transar com a minha namorada. Nossa, eu não pensava em outra coisa, e sabia que a maioria dos meus amigos ficava feliz com garotas diferentes a cada fim de semana, mas eu não podia fazer isso. Porque aquela era *a Liz* , e eu estava determinado a fazer a coisa certa por *ela* .
Conversávamos sobre isso com frequência e tínhamos combinado que a data do aniversário dela seria de dezesseis anos. Então, quando ela fazia coisas como essa, ser boazinha ficava muito mais difícil.
"Então este vestido serve para esta noite?", ela desafiou. "Você ficaria perfeitamente bem se eu usasse *só* este vestido para ir à discoteca?"
"Perfeitamente."
O tom dela endureceu. "Então você vai ficar tranquilo se seus amigos virem sua namorada completamente *nua* ."
Revirei os olhos. "Você não está nua, Liz."
“Ah, então você *está* olhando”, ela desafiou, parecendo alegre.
"Posso ou não ter olhado de relance", refleti, afastando a imagem gloriosa de Liz de sutiã e calcinha para o fundo da mente, mas não sem antes deixar uma nota mental para retornar a essa imagem quando estivesse sozinha naquela noite. "Acidentalmente, é claro."
"E?", ela insistiu. "O que você acha , *sem querer* ?"
Que você é a coisa mais linda que meus olhos já viram .
"É o seu corpo, Liz", eu disse, sem lhe dar um centímetro. "Você decide o que vestir."
“E se eu decidir não usar nada?”
“Vou levar um casaco extra caso você sinta frio.”
“Droga, Hugh, olhe só para mim que eu já posso te seduzir!”
"Então você admite!", exclamei, fechando o livro com um estalo e apontando um dedo acusador para ela. "Sua ladra de virgindade, espertinha e sorrateira!"
Ela fingiu inocência. "Não faço ideia do que você está falando."
"Suas táticas dissimuladas não vão funcionar comigo, bruxa", ri. "Eu conheço todos os truques sujos do seu manualzinho furtivo. Que diabos, eu sou a inspiração para a maioria deles!"
"Eu não te convidei para te seduzir, seu babaca", disse ela, redobrando a dose, dessa vez com uma voz bem mais suave. Sua respiração ficou ofegante e ela me olhou com uma expressão solitária, de cachorrinho, com o lábio inferior tremendo e tudo. "Eu precisava muito da sua ajuda com uma roupa."
"Boa tentativa", respondi, rindo na cara dela. "Mas você já me fez essa mesma coisa muitas vezes. Mas é um ponto positivo pelo esforço."
Sua expressão mudou num instante, passando de angelical e frágil para irritada e frustrada. "Você é um chato, Hugh."
"Hmm." Completamente entretido com suas palhaçadas, voltei minha atenção para o livro e soltei um suspiro de satisfação. "O que te fizer ficar vestida, Liz."
"Ah, é?" Sem querer aceitar o *L* como uma campeã, a pequena diabinha pulou em cima de mim, só parando quando já estava montada nos meus quadris. "Vamos ver, não é?"
"Liz, para." Contendo uma risada, tentei me proteger do ataque delicado que ela fazia com meu livro, mas ela foi implacável. "Você sabe que eu não aguento."

“Tire minhas roupas.”
"Não."
“Tudo bem, tire a roupa.”
"Ah, misericórdia, misericórdia... ah... ah... misericórdia, querida. Misericórdia!"
Usando uma mão para me atormentar com cócegas, ela arrancou o livro das minhas mãos com a outra e o jogou por cima do ombro.
Ela envolveu meus pulsos com as mãos e tentou prendê-las no colchão acima da minha cabeça.
Eu a deixei fazer o que ela queria, permitindo que ela me prendesse, porque ela era muito fofa quando estava brincando.
"Ha." Sorrindo vitoriosamente acima de mim, ela se inclinou para perto e ronronou: "Joyce não pode te salvar agora, Biggs."
Sorri de volta, divertido. "Você não salvou minha página."
Os olhos dela se estreitaram e eu engasguei com uma risada.
"Meu Deus, você é *irritante* !", rebolando os quadris, ela se balançou em cima da minha óbvia ereção. "Eu consigo *sentir* você, Hugh. *Sei que* você quer isso tanto quanto eu."
"Estou duro porque te amo." Outra risada escapou, o que pareceu irritá-la ainda mais, o que resultou em mais risadas da minha parte. "Porque você me faz feliz."
"Ah, por favor." Ela revirou os olhos. "Você está duro porque quer transar comigo." Ela ergueu as mãos, frustrada. "E cada parte da sua anatomia sabe disso, *exceto* o seu cérebro!"
"Qual é a obsessão de fazermos sexo?"
“Qual é a obsessão em se abster de fazer sexo?”
“Concordamos em esperar até seu décimo sexto aniversário.”
“Achei que tínhamos combinado o *seu* décimo quinto aniversário.”
“Não, definitivamente concordamos com *seu* décimo sexto.”
"Ugh." Ela soltou um suspiro desanimado. "Mas é muito longe."
"Falta só um ano e meio." Apoiando as mãos em seus quadris, acariciei sua pele nua com os polegares para acalmá-la. "O que é mais um ano e meio, hein?"
"Uma vida inteira quando você se sente como eu", ela gemeu, desabando no meu peito com um bufo alto. "Você não tem ideia de como estou frustrada, Hugh. Você ri disso e faz uma piada enorme, mas não tem graça nenhuma. Na verdade, me machuca. Como se eu sentisse dor física porque a vontade é muito forte. É como uma coceira que eu não consigo coçar. O tempo todo. Constantemente. E eu estou me esforçando tanto... e você não está interessado, e eu simplesmente... ugh, esquece."
"Liz." Suspirando fundo, passei um braço em volta dela. "Você sabe que estou interessado." Estendi uma das mãos para acariciar sua bochecha. "Eu te quero tanto que é tudo em que consigo pensar na maioria dos dias." Contemplei minha próxima admissão antes de soltar um suspiro e dizer para o inferno. "Nos últimos dois anos, não consigo me lembrar de uma única noite em que *não tenha* me masturbado com a imagem mental de estar dentro de você."
"Sério?" Ela se levantou de um salto, voltou a ficar sentada no colo e olhou para mim com um brilho de excitação nos olhos. "Você não está me enganando?"
Não, eu não estava mentindo para ela.
Eu estava sendo honesto.

Dolorosamente e vergonhosamente honesto.
"Você poderia dar uma olhada em si mesma?", respondi, e então cometi o erro de seguir meu próprio conselho. A visão dela montada em mim, vestindo apenas um sutiã branco com babados e calcinha combinando, fez com que eu soltasse um gemido. "Jesus Cristo, você é tão linda, dói olhar para você. Não há outra garota no meu mundo que se compare a você, e isso não é exagero, porque não tiro os olhos de você desde que te vi no ônibus escolar, na primeira classe."
Ela prendeu a respiração e perguntou: "Você realmente pensa isso de mim?"
"É, Liz, eu realmente amo", confirmei rispidamente. "Sempre amei."
"É só o exterior", sussurrou ela, gesticulando para o próprio corpo. "É papel de parede, Hugh." Um suspiro audível escapou de seus lábios entreabertos, e ela baixou o olhar. "Eu prometo que o que está por dentro não se parece com isso."
"Não há nada de feio em você, Liz." Como ela não respondeu, sentei-me e estendi a mão para ela. "Ei... ei, olha para mim." Segurando seu rosto em minhas mãos, forcei-a a olhar para mim. "Não há *nada* de feio *em* você."
"Você não sabe disso." Ela fechou os olhos com força, me bloqueando. "Você não sabe das coisas em que eu penso."
"Não preciso saber sobre elas." Afastei o cabelo do rosto dela e puxei seu rosto para mais perto do meu. "Porque eu conheço você."
"Não são só os pensamentos." Sua voz era baixa e entrecortada. "São os deslizes, as lacunas e os impulsos."
Ouvi-la admitir isso em voz alta partiu meu coração, porque ela estava expressando nossos medos em voz alta. Tivemos um verão incrível. Meses de estabilidade e calma. Mas nós dois sabíamos que, a qualquer momento, a mudança poderia acontecer. "Se Se você escorregar de novo, eu estarei lá para te puxar de volta.” Acariciando sua bochecha com o polegar, rocei seu nariz no meu. “E se você perder a noção do tempo, eu estarei lá para te dar apoio.” Incapaz de me conter, inclinei-me e dei um beijo em seus lábios. “E se você sentir vontade, eu estarei lá para te proteger.”
"Não quero escorregar de novo", ela disse, engasgada, agarrando minha camiseta com força. "Estou com tanto medo."
Eu não podia dizer a ela que isso não aconteceria, porque nós dois sabíamos que seria mentira.
Tudo o que eu podia fazer era prometer a ela que, se isso acontecesse, eu estaria lá do outro lado.
"Estarei aqui." Beijei-a novamente. "Sempre."
"Não importa o quê?"
"É, Liz." Beijei-a suavemente. "Não importa o que aconteça."

QUANDO O GATO ESTÁ FORA, OS GATINHOS BRINCAM

Lizzie

31 DE OUTUBRO DE 2002

S INEAD B IGGS SEMPRE ORGANIZAVA AS FESTAS DE ANIVERSÁRIO MAIS ESPETACULARES E SEM POUPAR GASTOS para os filhos. Como seu filho nasceu no Halloween, a casa deles sempre foi o lugar para se estar na noite mais assustadora do ano.
A única diferença este ano foi que o casamento do primo de Pete caiu no mesmo dia. O casamento seria no interior e aconteceria em um fim de semana, então, em vez de cancelar a festa do filho, Sinead pediu a ajuda do pai para segurar a situação em seu lugar.
Deixar o avô Healy no comando durante o fim de semana foi seu primeiro erro.
Deixar o armário de bebidas da sala boa destrancado foi seu segundo ato.
O que deveria ser uma reunião sensata de amigos para comemorar o décimo quinto aniversário do filho rapidamente se transformou na maior festa de todas, com o avô Healy no comando do caos.
Depois de passar uma hora e meia inteira em uma batalha de vontades com Claire sobre fantasias de Halloween — e minha falta de vontade de usar uma — finalmente nos juntamos aos outros lá embaixo.
Assim que descemos o último degrau da escada, fomos imediatamente engolidos por uma multidão de adolescentes bêbados. Não só todo o térreo da casa estava lotado de colegas fantasiados da escola, como a música alta vinda de um dos decks dos meninos do sexto ano era ensurdecedoramente alta.
"Isso é incrível!" Claire exclamou enquanto dançava ao som de "Whoomp! (There It Is)".
Ela estava ridiculamente fofa com um short azul de macacão de spandex, meias brancas até a coxa, luvas brancas combinando e uma blusa vermelha curta e justa. Em cima do cabelo loiro e alisado, um chapéu vermelho combinando com a letra *M*.
"Estou com uma pata de camelo neste maldito macacão", resmunguei, ajeitando o tecido colante na minha virilha. Porque , *claro,* estávamos com fantasias combinando. "Ok, e *agora* estou com uma cueca."
"É porque você tem costas compridas", Claire disse em tom de apoio, enquanto ajeitava meu chapéu verde. "Você é o Luigi mais gato que eu já vi."
"É, é." Revirei os olhos. "Também te digo isso, Mário."
Ela sorriu com aprovação para a roupa que ela tinha conseguido me chantagear emocionalmente para usar, apenas para franzir a testa quando notou meus tênis de cano alto bem usados.
" *Converse* , Liz?" Claire soltou um grunhido de frustração. "Você *deveria* usar os saltos verdes para combinar com os meus vermelhos."

"Não abuse da sorte, Biggs", ri, levantando a mão. "Fique feliz por eu estar usando todo o resto."
"Puta merda!", exclamou um rapaz qualquer vestido de Batman, parando na nossa frente. "Acho que morri e fui para o céu, meninas."
"Continue prendendo a respiração e talvez você consiga", respondi, imediatamente nervoso.
"Bem, o Luigi está claramente na pior", riu o babaca antes de voltar a atenção para Claire. "E você, Mário?" Ele se aproximou e acariciou o queixo dela. O hálito alcoólico que exalava dele era sufocante. "Quer fazer uma viagem para a Montanha dos Cogumelos comigo?"
"Quer comer por uma sonda?", interrompi, dando um tapa na mão dele que ainda estava lá. "Toque no meu amigo de novo e negócio fechado, *Batman* ."
"Meu Deus", ele rosnou, colocando as mãos na cintura. "Você é uma verdadeira vadia, não é?"
"É melhor uma vagabunda do que um babaca", respondi antes de segurar a mão de Claire e ir embora.
"Isso foi muito maldoso, Liz", Claire repreendeu, entrelaçando o braço no meu enquanto manobrávamos pela multidão — uma multidão que incluía seu avô dançando no balcão da ilha da cozinha. "Ele só estava sendo simpático."
"Ele estava sendo um cachorro", corrigi, mantendo um olhar protetor na linda imagem da inocência ao meu lado. "E *você* precisa ficar em guarda."
"Por quê?"
“Porque garotas como você parecem ossos suculentos para cães como ele.”
Os olhos dela se arregalaram. "Por que ele acharia que eu sou um osso?"
"Deixa pra lá", suspirei, sabendo no fundo que ela não estava entendendo direito o que eu queria dizer. Eu era quatorze meses mais velho que ela e tinha plena consciência de que sabia coisas que ninguém da idade dela deveria saber. "Só tome cuidado, tá?"
"Certo, Liz." Grandes olhos castanhos cheios de inocência me encararam. "Eu vou."
"Ótimo." Assenti e sorri de volta. "Porque eu só quero te manter segura."
O olhar de Claire se voltou para algo atrás de mim, e todo o seu rosto se iluminou antes que uma onda de pânico tomasse conta de seus olhos. "Liz." Seus olhos se voltaram para os meus, e ela apontou por cima do meu ombro. "Você vai ficar bem se eu for falar com o Gerard?"
Frequentar a mesma escola, além da proximidade forçada de compartilhar o mesmo círculo de amizades, ajudou a construir minha os níveis de tolerância aumentam, mas eu não era ingênua o suficiente para acreditar que ficaria bem se *ele* viesse falar comigo.
"Vou ficar bem", respondi, usando cada gota de força que tinha dentro de mim para *não* reagir exageradamente. Para *não* explodir e gritar. Porque eu queria. Eu queria *mesmo* .
Nossa, eu não conseguia nem *pensar* no nome dele, quanto mais pronunciá-lo. Nas raras ocasiões em que precisei chamá-lo pelo nome, usei a única palavra que parecia sair: o apelido de infância que eu lhe dei.
Doeu um pouco menos assim, e eu pude manipular minha mente para separar os dois. *Porque o monstro nunca disse o nome Thor* .

"Tudo bem se você quiser ficar um pouco com o Thor, Claire." Tentei sorrir, de verdade, mas pela reação dela, eu sabia que tinha que parecer uma careta de dor. "Por mim, tudo bem."
Claire não pareceu convencida. "Sério?"
"Sério?", assenti. "Vou ficar bem, prometo."
"Ok, agora me sinto ainda pior por causa da minha reação no meu aniversário", declarou ela antes de levantar minhas mãos e sair pela tangente. "Sinto muito por ter feito você se sentir mal por estar com o meu irmão. Eu não queria, juro. Só estava com medo de você parar de sair comigo e passar o tempo todo com o Hugh. E acho que também fiquei com um pouco de ciúmes. Mas já superei, tá? Juro, e não vou mais tentar bloquear vocês. Sei o quanto vocês são importantes para o meu irmão e não quero ser essa garota má."
"Você *nunca* foi uma garota má, Claire, e eu nunca vou parar de andar com você", prometi, apertando sua mão. "Afinal, você é o Mario do meu Luigi."
"Eu sei, eu sei", ela se apressou em admitir. "Mas acho que teve mais a ver com o Hugh te pedindo para ser namorada dele e o Gerard *não* me convidar — o que eu sei que você provavelmente não quer me ouvir dizer", acrescentou ela, com uma careta. "Desculpe."
"Está tudo bem", forcei-me a dizer, porque não conseguia projetar minha dor nela. " *Não posso* ser a amiga em quem você confia sobre Thor, mas *sempre* serei a amiga ao seu lado."
Os olhos dela brilharam de entusiasmo. "E eu não posso ser a amiga com quem você fala sobre o meu irmão — porque isso é simplesmente eca — mas *sempre* serei a amiga ao seu lado também."
"Então está bem", sorri. "Combinado."
"É um encontro duplo", gritou Claire, pulando de um pé para o outro, animada. "Mas não um encontro duplo."
"Não", confirmei, balançando a cabeça. " *Nunca* um encontro duplo."
Depois de um breve abraço, Claire saiu correndo em busca de Thor, enquanto eu fui na direção oposta, em busca do irmão dela. Quando o encontrei na sala, tomando uns shots em frente à lareira com o avô, uma onda de calor me percorreu.
Suspirando de contentamento, encostei-me no arco e parei um momento para apenas *olhar* para ele.
Ao contrário de quase todos na festa, Hugh não estava fantasiado. Separado da multidão, meu namorado usava jeans escuro e uma camisa branca justa, com as mangas arregaçadas até os cotovelos, revelando seus antebraços ridiculamente sensuais e musculosos. Seu cabelo estava penteado daquele jeito enjoativamente sexy de sempre: preso nas laterais e atrás, com uma mecha de cachos sensuais e desgrenhados no topo, presos com uma camada de gel.
Com impressionantes 1,80 m de altura e ainda crescendo, Hugh não poderia ser mais diferente do garoto por quem me apaixonei aos 6 anos. A maciez de seu rosto havia se tornado mais definida, enquanto sua barriga, antes magra, agora exibia uma impressionante ondulação de músculos abdominais finamente esculpidos, combinando com a generosa camada de pelos que começava no umbigo e se estendia até o cós da cueca. Suas costas estavam... mais largo, seus bíceps mais proeminentes, e ele possuía um par de pernas gloriosamente fortes,

com músculos duros como pedra nas coxas e panturrilhas.
E esse *é o garoto que eu não devo tocar!*
"Na minha época, você era um homem aos quinze anos", exclamou o vovô Healy, me trazendo de volta ao presente. Atraído pelo seu neto favorito — e uma garrafa de Jameson —, ele encheu dois copos com um líquido âmbar antes de entregar um a Hugh.
"Não consigo beber mais, vô. Tem gosto de merda", resmungou Hugh, olhando para o copo cheio de âmbar em suas mãos. "Talvez eu devesse ficar com as latas."
"Deixe as latas para os meninos e o uísque para os homens." Passando o braço em volta do neto, o velho brindou com os copos antes de virar a bebida em um gole só. "Isso vai te dar pelos no peito, meu querido xará."
"Ah, foda-se", Hugh gemeu antes de virar a bebida rapidamente, só para cuspir e tossir violentamente depois. "É pior que merda", disse ele, estrangulado, com a voz rouca. Colocando o copo na lareira em que estavam encostados, Hugh olhou para o avô e disse: "Sabe de uma coisa? Acho que vou viver sem esse peito peludo." Ele limpou a boca com as costas da mão antes de acrescentar: "Já tenho o suficiente em todos os outros lugares." Ele olhou na minha direção então, só para olhar duas vezes ao me notar parado ali. Seus olhos se arregalaram de surpresa. "Puta merda."
Agora, *aquela* reação de "puta merda" era uma que eu estava mais do que feliz em ouvir. Sorrindo, me afastei da parede e caminhei até lá, amando o jeito como seus olhos não desviavam do meu corpo nem uma vez.
"Feliz aniversário", anunciei com um sorriso ao chegar ao seu lado. Hugh automaticamente levantou o braço para que eu me sentasse ao seu lado, o que fiz sem hesitar. "Se divertindo?"
"Agora sim." Ele passou o braço pelos meus ombros, me puxando para mais perto, enquanto seus olhos continuavam a me percorrer. "Você está incrível."
Talvez Claire estivesse certa com toda essa coisa de fantasia...
"Ei, vovô Healy", eu disse, voltando minha atenção para o velho sorrindo para Hugh. "Faz tempo."
"Há muito tempo, Elizabeth", respondeu o velho travesso, apertando minha mão e sorrindo para Hugh. "E um alívio saber que meu neto teve o bom senso de se apegar a você." Ele piscou novamente para Hugh. "Bom rapaz, você também."
"Como se eu fosse idiota o suficiente para deixá-la ir", Hugh riu, me aconchegando ao seu lado. Ele me deu um beijo na testa antes de acrescentar: "Liz é a tal, vovô."
Oh Deus .
Meu corpo inteiro ardia em calor. A maneira como ele me reivindicava tão abertamente como sua, até mesmo para o avô, me fazia sentir como se eu pudesse realmente *valer* alguma coisa.

Várias horas e várias bebidas alcoólicas depois, me vi pegando carona na meia-calça mais sexy de Ballylaggin... *Talvez até do mundo inteiro* .
"Acho que estamos um pouquinho bêbados, Hugh", ri baixinho na nossa quarta

tentativa de chegar ao topo da escada. Bem, a quarta tentativa do Hugh. Eu estava pegando carona nas costas dele. "E acho" — parei para soluçar — "que é do uísque do Vovô Healy."
"Ah, eu *sei* que é", resmungou meu namorado, lutando com os pés para ir na mesma direção. Ele havia perdido a coordenação, junto com a camisa. "Meu avô é um demônio."
"Seu avô é uma lenda", gargalhei e rapidamente comemorei quando chegamos ao patamar. "Eba! Meu herói!"
"Você precisa fazer xixi?", perguntou ele ao bater na porta do banheiro. "Vá agora, se precisar, porque sua carruagem está indo direto para a cama dele."
Pensei por um momento e balancei a cabeça. "Não."
"Tem certeza que?"
"Sim."
"Tudo bem então." Cambaleando em direção à porta do quarto, ele a abriu com a cabeça e disse arrastadamente: "Prepare-se para um pouso suave, querida."
"Uh, um pouco de privacidade!" gritou uma garota aleatória, enquanto rolava na cama do meu namorado com um garoto vagamente familiar em cima dela.
“Droga, Feely!”
“Minhas desculpas, Hughie.”
"Fora!", ordenou Hugh, apoiando-se pesadamente na porta para sustentar o peso dos dois. "Agora!"
"É, *Feely* ", eu ri, observando com os olhos turvos enquanto nosso amigo pegava uma pilha de roupas e saía correndo do quarto, com uma garota seminua logo atrás dele.
"Idiota", Hugh resmungou, fechando a porta com um chute atrás deles antes de cambalear em direção à cama. "Madeira!", ele avisou momentos antes de se jogar de cara no colchão, comigo ainda deitado de costas. "É melhor não ter comido ela na minha cama."
"Ele ainda estava de cueca", sugeri, deitando-me de costas ao lado dele. "Mas a loira com quem ele estava transando não tinha nada a ver com ela."
"Viu, isso aí é besteira", meu namorado disse arrastando as palavras, arrastando um travesseiro para debaixo da cabeça. "Ele sabe que você é a única loira que pode ficar nua na minha cama."
"É, tá", bufei, estendendo a mão para dar um tapinha no ombro dele. "Se eu estivesse nua na sua cama, você jogaria água benta em mim e me levaria para me confessar."
"Não esta noite, eu não faria isso."
Rindo baixinho, virei-me para encará-lo e sorri. "Você está dizendo que me quer nua na sua cama?"
"Eu nunca *quero* que você fique nua na minha cama." Deitado de bruços, com os braços em volta do travesseiro e a cabeça inclinada em minha direção, Hugh sussurrou: "Obrigado por voltar para casa, querida."
"Em casa?" Meu coração deu quatro pulos e um arrepio violento me percorreu. "Como assim, Hugh?"
Com uma expressão acalorada, ele se apoiou em um cotovelo e estendeu a mão livre para mim. "Porque seu lugar é nesta casa." Segurando minha nuca, ele me puxou para mais perto. "Seu lugar é nesta cama." Agarrando meu cabelo, Hugh

inclinou meu queixo em direção ao dele e passou a língua pelo meu lábio inferior antes de se afastar para me olhar nos olhos. "Seu lugar é comigo."
E então ele esmagou seus lábios nos meus.
No momento em que sua língua entrou na minha boca, eu soube que estava perdida. A sensação familiar de sujeira e desconforto foi substituída por um anseio desesperado. Suas mãos estavam no meu corpo, me puxando para mais perto, e a sensação dele, tão forte, quente e real, soprou vida na minha alma fragmentada. Eu estava quebrada por dentro, verdadeiramente podre até a medula, mas senti minha redenção em seu beijo.
Desesperados para saboreá-lo de volta, meus lábios se abriram por conta própria, aceitando sua oferta como se meu corpo tivesse sido programado para receber aquele garoto. Sua língua seduziu a minha quase amorosamente, com movimentos suaves e entorpecentes que fizeram meus mamilos endurecerem dolorosamente na tentativa de chamar sua atenção.
Dominada pelas sensações que percorriam meu corpo, puxei seus ombros até que ele rolou para cima de mim. Acolhendo seu peso, deixei minhas coxas se abrirem para trazê-lo para mais perto, tremendo de prazer quando sua fivela de metal roçou em mim. "Mm."
Camadas de roupas horríveis separavam nossas carnes, e isso me deixou furioso. Mais do que agitado, cravei meus dedos em suas costas, Tremendo de prazer quando ele se espreguiçou contra mim. Eu o desejava tanto que queria chorar.
"Você está bem?", ele perguntou, os lábios se movendo para o meu pescoço enquanto me empurrava mais fundo no colchão, os quadris balançando em perfeita sincronia com os meus. "Está tudo bem?"
"Você sabe que sim", sussurrei, agarrando seus cabelos enquanto me esfregava contra ele. "Comece a me tocar."
"Onde?"
"Em todos os lugares."

BÊBADO FRACASSA

Hugo

31 DE OUTUBRO DE 2002

virando de costas , Liz montou em meus quadris e me beijou com um desespero que combinava com o meu. Bêbada demais para me importar com a ereção que eu *sabia que* a estava penetrando, joguei a cautela ao vento e *aproveitei* o momento.
Não freei bruscamente quando ela tirou as alças do macacão e também não protestei quando ela tirou a blusa verde.
Quando ela momentaneamente saiu do meu colo para tirar o macacão, eu me deleitei com a visão gloriosa, e quando ela pegou minhas mãos nas dela e as pressionou contra seus seios gloriosos, eu morri e fui para o céu.
Porque ela era perfeita.
Juro por Deus, essa garota era o paraíso na terra para mim.
Incapaz de me conter, deixei meus olhos percorrerem seus seios fartos e empinados e seus lindos mamilos rosados que pareciam se esticar em minha direção. Soltando um gemido de excitação, tracei delicadamente a curva de seus seios antes de passar para os mamilos. "Você é tão sexy."
"Eu te quero tanto", gemeu minha namorada, balançando os quadris freneticamente em cima de mim, enquanto ela empurrava minhas mãos. "Me toca em todos os lugares."
Feliz em atender, virei-a de costas e me aproximei de suas coxas. "Não vamos transar", declarei, com as palavras arrastadas enquanto prendia sua coxa em volta da minha cintura. O movimento fez nossos corpos se alinhassem da forma mais primitiva possível e nós dois gemêssemos de prazer. "Só nos tocando."
"Tá bom, tá bom, como você quiser", gemeu Liz, cravando as unhas nas minhas costas. "Só não pare."
"Sente-me?"
“Eu entendo você, Hugh.”
“É tanto que eu te quero.”
"Realmente?"
O álcool correndo na minha corrente sanguínea me permitiu ser dolorosamente vulnerável diante dela. "Quero estar dentro de você."
“Eu quero isso também.”
"Estou só esperando", admiti, me encostando nela. "Combinamos seu décimo sexto aniversário."
“Acho que não consigo esperar tanto tempo, Hugh.”
Eu também não .
Tremendo, cobri seus seios com as mãos ao mesmo tempo em que cobri seus lábios com os meus. Nossa, ela era perfeita.
Bêbado ou não, eu tinha a capacidade mental de saber que essa garota era meu mundo inteiro e que se eu fizesse algo para o qual ela não estivesse preparada, honestamente não conseguiria conviver comigo mesmo.

O que aquele idiota fez com a irmã dela sempre esteve na minha mente, e acho que o uísque do vovô finalmente me fez reconhecer que era o fator determinante por trás da minha abordagem distante da intimidade.
"Está tudo bem", Liz me encorajou, parecendo ouvir meus pensamentos em voz alta enquanto empurrava minha cabeça para baixo. "Eu *quero* o seu toque."
Beijando um caminho dos seus lábios até o pescoço e depois a clavícula, desci lentamente pelo seu corpo até que minha língua circulou um dos seus mamilos duros.
"Sim." Ela prendeu a respiração e estendeu as mãos para agarrar meu cabelo. "Não pare."
Obediente, usei meus lábios, dedos e língua para me familiarizar com essa parte antes proibida de sua anatomia.
"Acho que pode acontecer", ela gemeu, se aproximando do meu rosto. "Acho que pode, Hugh."
"Você concorda com isso?"
Assentindo ansiosamente, ela fechou os olhos com força e se contorceu embaixo de mim. "Preciso de mais." E então, pegando minha mão na dela, ela a empurrou entre as coxas. "Mais *aqui* ."
Puta merda, eu estava aprendendo no trabalho hoje à noite.
Apoiando-me em um cotovelo, olhei para sua expressão corada, enquanto meus dedos traçavam o tecido rendado entre suas pernas. "Tem certeza de que posso te tocar aqui?"
"Se não fizer isso, acho que vou gritar", ela gemeu, balançando os quadris contra a minha mão. "Por favor, me toque."
Antes que eu pudesse me convencer do contrário, deslizei minha mão sob o pedaço de renda e levemente tracei um dedo para cima e para baixo em sua fenda antes de empurrar delicadamente um dedo para dentro dela.
"Entra em mim", ela instruiu, respirando com dificuldade e de forma irregular. "Entorte o dedo... mm, é, assim mesmo."
"Está tudo bem?"
"Sim, sim, por favor", gritou Liz, balançando os quadris freneticamente ao meu toque. "Continue, Hugh. Por favor, por favor! Me faça melhorar."
Fazê-la melhorar?
Era um comentário estranho de se fazer no auge da paixão, mas eu estava bêbado demais e perdido demais no momento para me importar. Dominado pela luxúria, eu saboreava o quão apertada, quente e molhada ela era.
"Me diz o que fazer agora", sussurrei, me sentindo insegura, porque aquele era o corpo dela, e eu não tinha a mínima ideia do que estava fazendo. "O que eu devo fazer?"
"Mais", ela ordenou com um estremecimento. "Mais."
"Dedos?"
"Sim." Com o rosto vermelho e frenética, ela se esfregou em mim enquanto eu gentilmente introduzia outro dedo dentro dela.
"Tudo bem?", perguntei alguns segundos depois, quando ela começou a apertar meus dedos. "Liz, você está bem?"
Ela não me respondeu com palavras, apenas com gemidos sussurrados, estremeceu violentamente e revirou os olhos.

Isso continuou por vários segundos antes que todo o seu corpo ficasse completamente relaxado.
"Uau", ela suspirou enquanto um sorriso começava a se espalhar por seu rosto. "Isso foi incrível."
Sentindo-me orgulhoso de mim mesmo, retirei gentilmente meus dedos e sorri.
"Olha esse sorriso", ela provocou, erguendo a mão para apertar minha bochecha. "Você parece o gato que comeu o creme."
“Hã, *Liz* .”
"Desculpe. Analogia ruim."

COMO UM TUBARÃO CHEIRANDO SANGUE

Hugo

21 DE DEZEMBRO DE 2002

MEU AVÔ ERA MUITAS COISAS, MAS DEDO-DENTE NÃO ERA UMA DELAS . Ele não só conseguiu convencer o Velho Murphy a ficar de boca fechada sobre as palhaçadas do meu aniversário, como também levou a culpa por uma grande mancha de vinho no carpete branco da mamãe, na sala de estar, que nenhuma quantidade de esfregada conseguiu remover. E Deus sabe que nós esfregamos aquele maldito carpete.
No geral, minha primeira incursão na devassidão juvenil foi um sucesso estrondoso, exceto por um problema gritante. Em meu estado de embriaguez, levei minha namorada para a cama naquela noite e a toquei em lugares que eu não tinha o direito de tocar.
Quando acordei na manhã seguinte e a encontrei na minha cama, quase tive um ataque cardíaco. A única coisa que me impediu de ter um ataque de pânico foi o fato de *ainda* estarmos de calcinha.
Liz, por outro lado, teve uma reação muito mais positiva às nossas travessuras bêbadas e, desde então, vem aumentando a tensão em nosso relacionamento.
Claramente, minha namorada percebeu que minha força de vontade estava diminuindo rapidamente e estava me cercando como um tubarão.
"É melhor você nadar para salvar a sua vida, Biggs", provocou Liz enquanto brincávamos na piscina no primeiro sábado das férias de Natal. "Porque eu vou te dar umas calças."
“Não, não, não”, avisei entre gargalhadas, enquanto me jogava para trás na minha tentativa inútil de evitar a bruxinha. que havia desaparecido debaixo d'água. "Não ouse, Lizzie Young", comecei a gritar, mas era tarde demais. Segurando meu short com firmeza, Liz o puxou para baixo, passando pelos meus joelhos.
Quando sua cabeça ressurgiu da água, ela deu um sorriso diabólico. "Eu te avisei."
"Você é uma ameaça", eu ri, puxando-os rapidamente de volta e nadando para longe antes que ela pudesse me pegar novamente.
"Droga, Hugh", reclamou Liz, tentando, sem sucesso, me acompanhar. "Juro que metade da sua genética foi trocada por uma sereia."
“Parece mais um tubarão”, gritei por cima do ombro.
"Não, você é bonita demais para ser um tubarão", ela resmungou de volta. "Você é definitivamente meio sereia."
"Não tenha tanta certeza disso", avisei antes de mergulhar na água e ir direto para as pernas dela.
Empurrando minha cabeça entre suas coxas, levantei-me e a levei comigo em meus ombros.
Gritando de alegria, Liz se equilibrou desajeitadamente em meus ombros antes

de cair para trás, me levando com ela.
Quando emergimos novamente, nossos membros estavam uma confusão emaranhada.
“Você parece o Simba no filme quando ele caiu na água”, eu ri, apontando para os tufos de cabelo loiro pendurados sobre seu rosto.
Sorrindo, ela segurou a parte de trás da minha cabeça e me puxou para perto antes de esguichar um bocado de água em mim.
"Que delícia", suspirei, enquanto Liz caía na gargalhada. "A saliva da minha namorada." Limpei a boca. "Exatamente o que eu queria de Natal."
"Por que não entramos na sauna e eu te dou o seu presente de verdade?", ronronou Liz, passando o braço em volta do meu pescoço. "É um presente único", continuou ela, provocando, envolvendo-a pernas em volta da minha cintura. "E nós dois vamos curtir a parte de desembrulhar."
"Mantenha esses dedinhos furtivos longe", avisei quando senti a mão dela deslizar por baixo do cós da minha sunga. "Liz, *por favor* ", grunhi quando ela agarrou minha bunda com força. "Você está me matando aqui."
"Não tanto quanto você está me matando", ela sussurrou, seus lábios se movendo contra os meus antes de sua língua sair para provar a minha.
Puta merda, essa garota era demais.
"Eu sei o que você está tentando fazer", rosnei, sentindo-me virar pedra. "E não vai funcionar."
"Sim, vai", ela respondeu, ofegante. "Porque é como você disse: meu lugar é com você." Ela agarrou minha bunda com força novamente antes de sussurrar: "E seu lugar é em mim."
"Meu Deus, Liz", gemi, incapaz de suportar a pressão no coração e no short. "Você não pode dizer uma coisa dessas."
"Por que não?", ela ronronou, balançando os quadris contra os meus enquanto eu a segurava na água. "E não me chame de Liz. Me chame de bebê."
"OK."
“Diga agora.”
"Bebê."
“Me chame de bebê de novo.”
"Bebê."
"Mm", ela gemeu em aprovação antes de continuar a provocar minha língua com a dela.
Será que alguém poderia ser preso por beijar em piscinas? Era algo que eu teria que pesquisar. Porque a maneira como a língua dela massageava a minha com tanta delicadeza e sensualidade, ainda que em um ambiente tão público, fazia com que parecesse ilegal.
Justo quando eu senti como se estivesse me afogando em seu beijo, ela separou sua boca da minha e sussurrou: "Tenho pensamentos sujos, Hugh". Pressionando seus lábios em minha orelha, ela traçou meu lóbulo com sua língua antes de dizer: "Impulsos imundos".
"Não se preocupe com isso." Suspirei fundo quando senti os dentes dela no meu pescoço. "Eu também tenho muitos desses."
"Você se toca e pensa em mim?", ela me surpreendeu ao sussurrar no meu ouvido. "Porque eu penso." Sua língua estava na minha orelha novamente. "Eu

enfio os dedos dentro da minha calcinha e finjo que é você dentro de mim de novo."
"Foda-me."
"É isso que eu finjo que você está fazendo comigo", ela continuou a me atormentar, sussurrando. "Isso é ruim?" Senti seu tremor em meus braços. "Sou uma má pessoa por desejar essas coisas?"
"Você não é má", respondi, forçando-a a me olhar e reconhecendo imediatamente a expressão em seus olhos azul-claros como de incerteza. "Você só está com tesão." *E eu também* .
"Os médicos ficam me perguntando sobre isso", ela disse então. "Sempre que tenho uma consulta, eles tocam no assunto."
"O quê?", franzi a testa. "Eles falam *de tesão* ?"
Ela assentiu lentamente. "Aparentemente, pode ser um sinal."
"De quê?"
"Um episódio chegando." Ela engoliu em seco. "Pode ser comum em adolescentes com transtorno bipolar."
"Acho que sentir tesão é comum a todos os adolescentes, Liz", eu disse, tentando acalmá-la. "Bipolar ou não."
"Não quero que isso aconteça de novo, Hugh", admitiu ela baixinho, baixando o olhar. "O que aconteceu no verão passado." Outro arrepio percorreu seu corpo, e ela suspirou profundamente. "Só quero ser normal."
"O que eu te disse sobre normalidade?", perguntei a ela, determinada a manter uma cara corajosa enquanto meu coração se partia por dentro. "Hmm?"
“Não existe.”
"Exatamente." Acariciando seu nariz com o meu, dei um beijo em cada uma de suas bochechas antes de beijar seus lábios. "E seja lá o que for" — me afastei para olhá-la nos olhos — "seja lá o que for que construímos, com a sua mente e a minha, é *tudo o que* eu quero."

OS DIAS ESCUROS NÃO ACABARAM

Lizzie

25 DE DEZEMBRO DE 2002

O SOM DOS GRITOS DOS MEUS PAIS INTENSIFICOU-SE A PONTO DE EU FICAR feliz por morarmos em uma propriedade tão extensa. Se tivéssemos vizinhos morando mais perto, a Gardaí estaria na porta.
Entorpecido, sentei-me de costas para a porta do meu quarto, ouvindo as acusações que eram lançadas de um lado para o outro no corredor.
Nada do que eles estavam acusando um ao outro era novidade para mim. Eu já tinha ouvido essas brigas centenas de vezes, mas os feriados sempre traziam à tona o pior dos meus pais. Porque traziam à tona a dor.
Sentar-me à mesa para o jantar de Natal com a cadeira vazia da minha irmã era um lembrete claro de que nunca mais seríamos uma família.
Não importava o quão bem as coisas corressem ou o quanto eu tentasse.
Eu nunca seria o suficiente para que eles fossem felizes.
Eu nunca seria o suficiente para meu pai.

TOMANDO CORAGEM

Lizzie

14 DE JANEIRO DE 2003

"BEM , SE NÃO SÃO AS CINCO FAMOSAS REUNIDAS NA MINHA COZINHA " , GRITOU S INEAD em tom alegre ao entrar na cozinha na sexta-feira à noite. "Não que eu não ame todos os seus rostinhos alegres, mas não tem outra cozinha de mãe que você gostaria de visitar para variar?"
Todos nós a encaramos sem expressão.
"Não? Tudo bem, então." Colocando algumas sacolas cheias de compras no balcão, ela voltou sua atenção para a mesa da cozinha. "Precisamos mesmo ter essa conversa, pessoal?"
"Não, não temos", Hugh gemeu, enterrando o rosto no meu pescoço.
"Mesas são para copos, não para burros, Gibs, querida", foi a primeira instrução de Sinead, seguida rapidamente por: "Minha querida filha, por favor, evite lamber o mel derramado na toalha de mesa — e não, isso não significa que você pode enfiar o dedo no pote, minha pequena e selvagem prole."
"Farei isso, Sinead." Pulando da mesa, Thor caminhou até onde Sinead estava e, descaradamente, começou a vasculhar suas sacolas de compras em busca de salgadinhos. Enquanto isso, Patrick, o furtivo, já estava corrigindo seu erro escondendo suas coxas de frango debaixo da mesa.
"Ora, obrigada, Patrick, meu amor", disse Sinead, em tom de aprovação. "No futuro, porém, por favor, não use minha mesa de carvalho maciço como caixa de ressonância para suas baquetas."
"Minhas desculpas, Sinead", respondeu Patrick, com o rosto vermelho, enquanto Claire resmungava algo sobre uma regra dos cinco segundos.
Voltando sua atenção para o lado oposto da mesa, seus olhos castanhos e quentes fixaram-se nos meus e sua sobrancelha arqueou.
"Lizzie, querida, embora eu tenha certeza de que meu filho adolescente cheio de hormônios tem um colo confortável, o que sobrou dos meus bons nervos ficará muito mais confortável com você sentado numa cadeira."
"Desculpe, Sinead", murmurei, deslizando rapidamente para o assento ao lado de Hugh, enquanto ele resmungava algo ininteligível em voz baixa.
"Então, qual é o plano de ação para hoje à noite, crianças?" Usando o quadril para tirar Thor do caminho, Sinead começou a guardar as compras, arrancando com habilidade pacotes de salgadinhos e barras de chocolate das mãozinhas gulosas dele enquanto se movia. "Alguma coisa emocionante planejada?"
Os outros rapidamente começaram a conversar com Sinead Biggs, enquanto eu permaneci quieto, observando o entorno.
Sufocando minha frustração com *sua* presença com agressão pessoal, discretamente coloquei minhas mãos no colo, embaixo da mesa, e usei minhas unhas compridas para coçar uma coceira que eu tinha certeza que nunca conseguiria saciar completamente.

Sentindo-me inquieto, mordi a parte interna da minha bochecha até sentir o gosto familiar do cobre.
O alívio me inundou.
Foi quase eufórico.
Porque a dor enfraqueceu a capacidade da minha mente de conter sua raiva.
Foi assim que aprendi a funcionar.
Para enterrar tudo.
Foi naquele momento que uma mão maior pousou sobre a minha.
O toque do meu namorado era gentil, mas inflexível, e quando ele separou minhas mãos, separando minhas unhas da carne que elas estavam rasgando, não pude fazer nada além de deixá-lo fazer isso.
Pegando uma das minhas mãos, Hugh entrelaçou nossos dedos e colocou nossas mãos unidas em seu colo.
Com o coração acelerado, prendi a respiração por um longo instante, deliciando-me com a sensação de ter sua pele na minha e temendo sua reação ao meu erro.
Quando criei coragem para olhá-lo, sua atenção se voltou para o colo. Uma carranca profunda se formou em seu rosto enquanto ele examinava metodicamente cada centímetro de pele da minha mão.
Meus olhos se deleitaram com a visão dele e fizeram o resto do mundo parecer desaparecer e se aquietar. Seus dedos bronzeados, muito mais longos que os meus, percorreram minha pele, enviando faíscas de vida de volta ao meu corpo. Seu polegar percorreu cada uma das minhas articulações antes de se mover para a parte interna do meu pulso.
Assustada, tentei afastar a mão, mas ele se manteve inflexível. Virando minha mão, Hugh continuou sua missão de me matar com o toque, o polegar traçando as bordas irregulares de cada cicatriz que eu mesma havia infligido em minha carne. Ele não vacilou nem recuou. Tocou minha pele com uma reverência jamais igualada. Nem em cem mil vidas.
Foi assim que eu soube que nunca superaria esse garoto.
Pelo resto desta vida e o que quer que se seguisse — seja o céu, o inferno, o purgatório ou mil vidas reencarnadas — meu coração bateria eternamente por Hugh Biggs.
Foi assim também que encontrei forças para estar ali, na casa dele, suportando a companhia desconfortável de um garoto que fazia minha pele arrepiar e as vozes na minha cabeça ficarem mais altas.
Eu estava fazendo isso pelo *Hugh* .

VOCÊ É MEU BEBÊ

Lizzie

15 DE ABRIL DE 2003

"TÁ BEM , TERMINEI ", DECLAROU H UGH TRÊS HORAS DE REVISÃO durante o recesso da Páscoa. Fechando o livro no colo, jogou-o na cama com todos os outros e recostou-se no travesseiro. "Oficialmente, guardei cada palavra do programa do curso."
"Calma, amigo." Girando na cadeira para encará-lo, arqueei uma sobrancelha em desafio. "Diga o nome de um gás que a minhoca produz durante a respiração."
Ele revirou os olhos. "Dióxido de carbono."
“Qual é o nome químico das lascas de mármore?”
Mais um revirar de olhos. "Carbonato de cálcio."
“Dê-me o nome dos dois produtos formados quando o sódio reage com a água.”
"Hidróxido de sódio." Ele enrolou um pedaço de papel numa bola e jogou em mim. "E gás hidrogênio."
“Agora explique a refração da luz”, eu ri, desviando do míssil no ar.
"A curvatura da luz quando ela passa de um meio para outro", ele disparou, parecendo entediado. "Podemos fazer outra coisa agora?"
"Não." Balancei a cabeça. "Só depois de você listar os trinta primeiros elementos da tabela periódica."
"Sério?", resmungou Hugh, parecendo impaciente. "Eu poderia fazer isso dormindo."
Sim, eu sabia que ele conseguia, mas sua capacidade de memorizar e recitar me fascinava. "Ei, você é quem vai fazer as provas do certificado júnior em junho", ri, levantando as mãos. "Só estou tentando ser uma namorada que me apoia."
"Se for esse o caso, sinta-se à vontade para me apoiar", respondeu ele com um sorriso irônico, dando um tapinha no colchão. "Eu sempre poderia aproveitar um curso de atualização em biologia humana."
Meu corpo queimou de calor quando ele disse isso, porque eu sabia que ele falava sério. Claramente, algo havia mudado entre nós naquele dia na biblioteca, porque Hugh não só não estava freando o toque, como também estava começando a *iniciá* -lo.
"Você tem ideia de como é atraente?", pensei, encantada com aquele garoto. "Sério, você é o nerd mais sexy do mundo."
"Você está *me chamando* de nerd?" Rolando para fora da cama, meu namorado veio até mim, sem camisa e de shorts de cintura baixa. "Você é mais rato de biblioteca do que eu."
"Verdade", refleti, olhando para o seu glorioso abdômen definido. "Mas eu não ligo para a escola como você."
"Porque você é um pouco rebelde." Um arrepio percorreu meu corpo quando Hugh colocou as mãos nos braços da minha cadeira e se inclinou para perto de mim, me prendendo. "Não é?"

"Talvez", sussurrei, o coração disparado, quando minhas pernas se abriram por vontade própria e ele deslizou entre elas. "Mas eu sou sua rebelde."
"Não." Seus lábios roçaram os meus enquanto ele falava. "Você é meu bebê."

CRIADO PARA SER UM CAVALHEIRO

Hugo

31 DE MAIO DE 2003

Meus exames de certificação júnior começariam na semana que vem e, em vez de revisar como *deveria* , acabei entretendo dois terrores loiros.
"Use o truque", Liz instruiu de seu lugar na minha cama, enquanto ela comia mais do que sua cota justa do nosso saco de pipoca para micro-ondas.
"Vamos lá, Hugh", ela reclamou, apontando para a tela da televisão, onde eu tentava dominar uma partida de *GTA* . "Você nunca vai conseguir escapar da polícia com três estrelas."
"Quer apostar?", murmurei baixinho, batendo furiosamente no controle em minhas mãos, enquanto dirigia pelas ruas de Vice City como um louco. "Olha só." As palavras mal saíram da minha boca quando três viaturas furtivas bateram no meu carro.
"Hah! Eu te avisei." Com cara de convencida, Liz jogou um pedaço de pipoca na boca. "Deveria ter me escutado, Biggs."
Esse lado brincalhão de Liz era uma visão rara e gloriosa, porque a vida havia endurecido minha bebê, mas naquela noite ela estava se deleitando com sua juventude. Naquele momento, ela parecia *feliz* .
"Como você consegue ser tão perfeita?", Claire gemeu, cutucando a barriga da minha namorada. "Você come como um homem adulto e ainda consegue manter essa barriga tanquinho."
"Do que você está falando?", Liz riu, jogando um pedaço de pipoca na cabeça, só para ela ficar presa nos seus cachos. "Você é perfeita, com esses quadris de Shakira."
"Eu danço todos os dias para manter esses quadris sob controle. Enquanto isso, você pode comer o que quiser e ainda aparecer parecendo um prodígio das passarelas."
"Ah, vai lá", retrucou minha namorada, totalmente desinteressada em ter aquela conversa de garota insegura. "Essa é a maior besteira que eu já ouvi."
Sorri para mim mesmo e continuei a tocar no controle.
Esse é meu bebê .
"Você sabe que é uma pessoa incrível, Claire, então pare de tentar ser elogiada."
"Não, *eu sou* a bonitinha e cativante", argumentou minha irmã. " *Você é* o cara perfeito."
"Você tem razão", interrompi, fazendo Liz rir baixinho e Claire gemer.
"Eca, Hugh", ela retrucou. "Estou aqui de verdade."
Dei de ombros sem pedir desculpas, concentrando minha atenção no jogo. Já era ruim o suficiente não poder segurar a mão da minha namorada quando minha irmã estava por perto sem fazê-la ter um colapso; eu me daria ao trabalho de elogiá-la. Porque, embora Claire tivesse relaxado sobre o nosso relacionamento nos últimos meses, Liz ainda se recusava a participar de demonstrações públicas

de afeto. Sério, era tão ruim que ela nem segurava minha mão na escola, quanto mais me beijava. Também não almoçávamos juntas, mas isso tinha muito mais a ver com a companhia que eu mantinha na mesa de rúgbi do que com a minha irmã.
Mas Claire estava correta em sua avaliação de Liz.
Ela *era* uma garota completamente maravilhosa.
"Chega de falar do banheiro *masculino fedorento* ", declarou Claire. Levantando-se num pulo, agarrou a mão da minha namorada e a puxou para cima. "Temos uma noite de cinema para nos preparar."
"Tá bom, tá bom", Liz riu. "Já vou."
"Divirta-se", eu disse, me esticando para receber um beijo da minha namorada, mas acabei recebendo um tapinha platônico na cabeça.
Obrigada, Claire .

Mais tarde naquela noite, quando minha mãe me atraiu para a sala de estar com a perspectiva de assistirmos juntos à adaptação cinematográfica de seu livro favorito, eu deveria saber que era uma armadilha. Em vez de apertar o play em " *Apaixonando-se por uma Dançarina"* , quando me juntei a ela no sofá, minha mãe se virou para mim e disse: "Precisamos conversar".
"Sobre o quê?"
"Você e Lizzie", confirmou mamãe, colocando os óculos de leitura no colo. "Vocês estão fazendo alguma coisa com ela?"
Ah, merda .
Aqui vamos nós .
"É, mãe, estou fazendo coisas com ela", respondi, sem nem me dar ao trabalho de negar. Qual era o sentido? Um cego podia ver que eu estava completamente apaixonado pela garota. "Estou com ela."
"E quando você diz 'com ela', o que exatamente isso implica?", perguntou mamãe.
“Significa que eu sou dela e ela é minha.”
“Em que contexto, Hugh?”
“Em todos os contextos, mãe.”
“Estou procurando mais informações sobre o físico, filho.”
Sim, eu sabia que sim, e estava tentando desesperadamente desviar a conversa *dessa* informação.
"Ela é mais nova que você, Hugh", insistiu mamãe. "Vocês *dois são* muito *jovens* ."
"Aos oito meses", lembrei-a, sentindo as costas se reerguerem. "E eu sei quantos anos temos, mãe."
“Então você também sabe que é jovem demais para ter um relacionamento íntimo.”
“Defina íntimo.”
“Intimidade sexual, Hugh.”
"Nós não vamos fazer nada *disso* ", sugeri, me remexendo de desconforto. "Nós nos beijamos, mãe. É isso."

Ela arqueou uma sobrancelha, incrédula. "Não minta para mim."
Ah, droga .
Ah, droga .
"Nós dois somos virgens", respondi, sentindo as palmas das mãos suarem. "E pretendo continuar assim por muito tempo."
Seus olhos castanhos se fixaram nos meus, claramente me avaliando, antes que ela soltasse um suspiro trêmulo. "Fico aliviada em ouvir isso, filho, porque eu te criei para ser um cavalheiro."
"É", eu disse com a voz rouca. "E eu estou sendo uma, mãe."

VIAGENS DE ANIVERSÁRIO À PRAIA

Lizzie

8 DE JUNHO DE 2003

morávamos muito longe da costa, a vinte minutos de carro, o que facilitava a organização do transporte em dias ensolarados. Quando a mamãe nos deixou na praia esta manhã, Hugh e eu passamos o dia inteiro brincando no mar, explorando piscinas naturais e relaxando na areia.
Como meu namorado estava atolado em provas e tinha mais uma semana cheia pela frente, incluindo meu aniversário de quinze anos amanhã, decidimos comemorar hoje.
“Nem pense nisso”, ele nos alertou mais tarde naquela tarde, quando decidimos dar um passeio pelos penhascos.
"Ah, qual é", insisti, dando um passo em direção à borda. "Vai ser divertido."
"Verdade, mas você não é um nadador forte o suficiente." Segurando minha mão, Hugh me puxou de volta para si. "E você está completamente vestida."
"As roupas podem ser tiradas, Hugh", provoquei, envolvendo meus braços em volta da cintura dele. "Vamos." Dei um beijo em sua bochecha. "Viva um pouco."
“E se você se afogar?”
"Como posso me afogar se tenho uma boia salva-vidas?", respondi com uma piscadela, balançando o pé para fazer tilintar minha tornozeleira. "E um tritão como namorado."
"Tubarão, não tritão", corrigiu ele, com um sorriso no rosto. "Você quer mesmo fazer isso?"
Assenti, animada. "Pode ser meu presente de aniversário."
"Você já ganhou seu presente de aniversário", ele respondeu, gesticulando para o novo e brilhante pingente de ponto e vírgula preso à minha pulseira.
"E eu amo isso", concordei, dando um selinho em seus lábios. "Quase tanto quanto eu te amo."
"Tudo bem, tudo bem, você venceu", ele riu, levando as mãos à minha cintura. "Vamos lá."
"Yay!"
Levantando-me com uma facilidade anormal, meu namorado me instruiu a envolvê-lo com meus braços e pernas, enquanto colava meu peito ao dele. "Não me solte", ele instruiu, passando um braço em volta da minha cintura e dando vários passos para trás. "Pronta?"
"Não vou", gritei animada, enterrando o rosto em seu pescoço. "E sim, estou pronta."
Hugh correu a toda velocidade em direção à beira do penhasco e então lançou nossos corpos unidos por cima dela.
Gritando de alegria, fechei os olhos com força enquanto o vento batia no meu rosto. A sensação emocionante não era nada do que eu esperava. Era muito mais,

e logo percebi que estava perdendo tudo isso todos esses anos, sentada na praia, vendo meu namorado participar desse passatempo emocionante.
Quando caímos no oceano, a água nos sugou para baixo, e eu instintivamente chutei as pernas. Instantaneamente, senti uma mão agarrar a minha e eu estava subindo em direção à superfície.
"Puta merda!", gritou Hugh quando chegamos à superfície. "Está congelando."
Ele tinha razão. A água estava acabando, mas minha adrenalina estava a todo vapor, e meu corpo vibrava com uma energia imprudente.
"Isso foi incrível!", gritei, passando o braço em volta dos ombros largos do meu namorado enquanto ele se mantinha na água. "Podemos fazer de novo?"
Hugh sorriu. "Ah, sim."

"Puta merda, estou congelando", anunciou Hugh quando voltamos ao quarteirão de vestiários em frente à praia. Tirando a camiseta encharcada, ele pulava de um pé para o outro. "Não sinto minhas bolas."
"Hah!" Sorrindo, desabotoei a frente do meu vestido igualmente encharcado e deixei o tecido cair dos meus ombros. "Como você acha que me sinto com lâminas de barbear nos mamilos?"
"Não faço ideia, mas você está incrível." Virando as costas para mim, Hugh abaixou o short e a boxer e me deu uma visão gloriosa da sua bunda nua. "Você pensaria que a água estaria mais quente do que isso", continuou ele, tirando o short. "É *verão* ."
" *É* a Irlanda", zombei, estendendo a mão para abrir o sutiã. "Nunca espere que nada seja quente ou seco."
"Verdade", ele refletiu, enrolando uma toalha nos quadris. "Você se sente bem se eu me virar?"
"Sim."
Hugh se virou, apenas para gemer quando seus olhos castanho-claros como uísque se fixaram em mim. "Liz."
Rindo descaradamente, tirei o resto da minha calcinha e entrei no chuveiro.
"E se outra pessoa entrar?" Soltando um gemido de dor, meu namorado pegou uma toalha extra da nossa bolsa e a estendeu na frente da cabine como se fosse meu guarda-costas pessoal. "Você sabe que esses vestiários são unissex."
Rindo baixinho, olhei para ele por cima do ombro. "Não me importo."
"Bem, eu sei."
"Por que?"
"Porque você é minha para olhar." Meu coração batia forte no peito. "De mais ninguém."
Virei-me para encarar meu guarda-costas com a toalha na mão e sorri. "Então olha."
"Não me tente, porra."
Rindo baixinho, ensaboei o cabelo com xampu do dispenser preso à parede. "São Hugo."
"Você levaria um susto se eu entrasse aí", resmungou Hugh, escondendo minha inexistente virtude com uma toalha e desviando o olhar como um cavalheiro.

"Na verdade, eu ficaria emocionado", respondi. "Tem espaço aqui para dois, sabia?"
"Comporte-se."
"Nunca."

Mais tarde, quando já estávamos de volta à calma e nos empanturrando de sorvete no píer, Hugh olhou para mim e sorriu. Ele estava sentado na parede do píer com as pernas balançando para os lados, enquanto eu estava sentada de pernas cruzadas na parede, de frente para ele.
"O quê?", perguntei, lambendo a casquinha. "Qual é a graça?"
"Nada." Ele balançou a cabeça e deu uma lambida no sorvete, ainda sorrindo.
"Claramente, tem alguma coisa." Insisti, imitando o sorriso dele. "Me conta."
"Estou feliz, só isso." Ele deu mais uma lambida no sorvete e voltou a atenção para a água. "Hoje foi um bom dia." Ele pousou a mão no meu joelho e suspirou de contentamento. "Um bom dia, querida."
Sim, foi mesmo . "Eu amo estar aqui", eu disse a ele, sentindo meu corpo amolecer junto com meu coração. "Com você."
"Eu também, Liz." Ele apertou meu joelho para me tranquilizar. "Eu também."

AS AULAS ACABARAM PARA O VERÃO

Hugo

19 DE JUNHO DE 2003

" É ISSO ", DECLAROU G IBS, CHUTANDO SUA MOCHILA ATRAVÉS DO PÁTIO CENTRAL DE TOMMEN . "Estas mãos não vão tocar em mais nenhum livro pelo resto do verão."
"Meu Deus." Revirando os olhos, Johnny atravessou o pátio de paralelepípedos pisando duro e recuperou a bolsa de onde ela havia caído em um canteiro de flores. "O que eu te disse sobre danificar propriedade, Gibs?"
"Isso não foi danificar propriedade, Johnny", Gibs retrucou com um sorriso. "Isso foi *devolver* propriedade da escola."
“Jogando-o nas petúnias do jardineiro?”
"Te alcanço", disse à minha amiga antes de me dirigir a uma das mesas de piquenique. Joguei minha mochila na mesa e me sentei antes de ligar o celular rapidamente. Assim que acendeu, disquei o número que eu sabia de cor, impaciente demais para esperar os contatos carregarem, e o levei ao ouvido. Quando a voz familiar da minha namorada surgiu na linha, os pelos da minha nuca se arrepiaram. "E então?"
Jesus Cristo, até a voz dela me excita .
Sorri do outro lado da linha. "Pronto e limpo."
"Eba!", ouvi ela gritar. "Qual é o plano? Onde você está agora?"
"Ainda estou na escola com os rapazes." Estendi a mão e afrouxei a gravata. "Vamos nos encontrar com mais alguns rapazes esta noite antes de ir para a discoteca."
"Bom, não se preocupe tanto antes", Liz riu. "Porque eu não vou fazer todo esse esforço à toa, cara."
"Esforço?" Agora, eu estava intrigada. "Meu bebê vai se arrumar para hoje à noite?"
"Seu *bebê* está pensando em colocar clonazepam escondido na bebida da sua irmã", resmungou ela. "Talvez isso a acalme."
"A Claire está hiperativa?"
“Hiper é pouco para dizer, Hugh.”
"Ela está pulando?"
“Como o Tigrão.”
"Puta merda", eu ri. "Bom, não deixe ela chegar perto de você com uma navalha. Eu a peguei tentando depilar as pernas na pia do banheiro outro dia e foi um banho de sangue."
"Não se preocupe, porque ela está muito empenhada em quebrar a minha vontade, um dedo do pé pedicure de cada vez", respondeu ela em tom seco. "Então é melhor você ter a mente lúcida o suficiente para entender."
“Você está usando sua tornozeleira?”
"Sempre."

“Você vai dançar comigo?”
"Nunca."
Eu ri do outro lado da linha. "É melhor eu voltar para os rapazes."
"Se for preciso", respondeu ela, suspirando dramaticamente. "Enquanto isso, vou me proteger da mania da sua irmã de depilar."
"Faça isso", eu ri. "Te vejo à noite."
"Amo você."
“Também te amo, Hugh.”
Desliguei a ligação e voltei para perto dos rapazes, apenas para encontrar Gibs e Kav brigando como um velho casal.
"Eles me prenderam numa cela por duas semanas, Johnny!", declarou ele, agitando as mãos freneticamente. "Como um rato de laboratório. Então, com *licença ."* por não dar a mínima para as preciosas petúnias do jardineiro.”
"Você poderia dar um descanso a ele?", Kav retrucou enquanto caminhava pela trilha em direção à saída da escola. "Você parece um disco riscado, Gibs."
"E não estávamos presos numa cela", Feely interrompeu, dando sua opinião. "Estávamos prestando nosso certificado de conclusão de curso, rapaz."
"Não, *você* não estava enjaulado numa cela para fazer as provas", corrigiu Gibs, com um tom mordaz. "Enquanto isso, *eu* estava num quartinho especial, sozinho, com um homem, que só posso descrever como a reencarnação de Smithers, para anotar minhas respostas, e aquela orientadora maluca da Srta. Moore me acompanhando." Seus olhos cinzentos se arregalaram junto com a indignação. "E ela está *grávida* , Patrick. Você sabe como barrigas de grávida me deixam estressado."
"Sim, Gibs, e sinto muito que você tenha sido forçado a se aproximar de um", respondeu Feely, dando um tapinha nas costas do nosso amigo em sinal de apoio.
"Mas todo esse show em salas separadas foi para o seu benefício", completei.
"Exatamente", concordou Kav. "O escriba estava lá para ajudar com a sua dislexia, rapaz."
"Verdade, e Smithers, o escriba , *escreveu* todas as respostas", concordou Gibs em tom pensativo antes de sorrir maliciosamente. "Hm. Parece que eu sei quem vai levar a culpa quando os resultados saírem em setembro e minha mãe tiver um ataque de nervos por eu ter sido reprovado."
"Não se precipite, Gibs", sugeriu Feely. "Você pode se surpreender."
"Rapaz", bufou Gibs. "Você não diria isso se tivesse visto a cara do Smithers quando eu disse a ele o que escrever." Uma risada gostosa escapou dele. "O pobre coitado estava me implorando com os olhos para *parar* de falar."
O resto de nós riu disso antes de eu perguntar: "Tudo bem, rapazes, em qual casa vamos nos preparar?"
“Seu”, disseram Gibs e Feely em uníssono.
Enquanto isso, Johnny franziu a testa, confuso. "Preparando-se para quê?"
“Hoje é dia de discoteca na cidade.”
"E antes mesmo de você começar com essa besteira *de que não posso, tenho treinamento amanhã,* protestos, só saiba que você *vai* ", interrompeu Gibsie. "Está acontecendo, Cap, entre no programa."
"Porque eu *não posso* ", Kav insistiu. " *Tenho* treino amanhã."

"Então limpe sua agenda", respondeu Gibs, passando o braço por cima do ombro dele. "Porque hoje à noite você vai sair com os rapazes."

DIBS, ELE É MEU

Lizzie

19 DE JUNHO DE 2003

PELA PRIMEIRA VEZ EM MUITO TEMPO , EU FIZ UM ESFORÇO GENUÍNO COM A MINHA APARÊNCIA . Imaginei que devia isso ao meu namorado por sofrer incontáveis meses com a Liz selvagem. Ele merecia a Liz feminina por pelo menos uma noite.

Arrematada com um vestido tubinho justo, cor limão, de renda e malha, que deixava pouco espaço para a imaginação, me vi na fila do lado de fora do clube de rúgbi. Com o rosto todo maquiado — cortesia de Claire — e o cabelo caindo até o meio das costas em cachos soltos, consolei-me com a certeza de que meus pés estariam confortáveis, mesmo que o resto do meu corpo *não estivesse* . Meus fiéis tênis de cano alto, meu único item inegociável, estavam firmes nos meus pés.

O Ballylaggin RFC foi o palco da discoteca desta noite. O evento foi totalmente financiado pela nossa escola e pelo clube de rúgbi, oferecendo um bar aberto com bebidas não alcoólicas e uma fila de segurança para manter a ordem.

Eu sabia que a BCS tinha uma discoteca separada do outro lado da cidade, no pavilhão local da GAA, mas não fomos lá. Avisados por nossos professores e pais para ficarmos longe "daquele tipo de garoto", fomos segregados para ficar com os garotos da nossa escola. Os garotos *bons* , os *promissores* , com carteiras recheadas e egos ainda mais recheados.

Era uma piada do caralho.

Eu não tinha certeza de como consegui sair da cama esta manhã, muito menos ter forças para passar quatro horas sentado diante de Claire, mas, enquanto estávamos ali, cercados por centenas de outras adolescentes, tive que admitir, parecíamos ferozes.

"Mal posso esperar para entrar", gritou Claire, pulando de alegria em seu vestido de couro rosa que escondia apenas o suficiente do seu corpo para impedir que o irmão tivesse um ataque de nervos ao chegar. "Estou tão animada!"

“Sim, Claire, eu sei.”

“Você acha que os meninos chegarão em breve?”

"Quem sabe?", respondi, dando de ombros. "Eles beberam a noite toda. Não me surpreenderia se estivessem desmaiados em algum arbusto."

"Bem, o Gerard com certeza estará aqui", respondeu ela, confiante. "Ele me prometeu a primeira dança."

Contendo-me pelo bem da noite que se passava, engoli minha resposta e minha dor, e forcei um pequeno sorriso. "Como quiser."

"Vou marcar com o Danny Callaghan hoje à noite", declarou Shelly, uma das meninas do nosso ano. "Ele me mandou mensagem ontem à noite." Caminhando em nossa direção com saltos altos, uma saia preta rara e um decote tomara que caia rosa, Shelly sorriu como a gata que ganhou o prêmio. "Ele é tão legal,

meninas."
"Eca", Claire disse baixinho, franzindo o nariz, enquanto eu, não tão baixinho, fingi vomitar com o pensamento.
"Acho que o Robbie Mac quer marcar comigo", disse Helen, outra garota do nosso ano e fiel companheira da Shelly, aproximando-se discretamente da melhor amiga. "Ele me mandou mensagem há uma hora."
"Eu não faria isso se fosse você", avisou Claire. "Aqueles garotos estão no time de rúgbi com o Hughie, e são jogadores de verdade."
“Nós sabemos”, ambos gargalharam em uníssono.
"Eca."
"Meu Deus, são eles!", gritou Shelly, dando uma cotovelada em Helen e gesticulando para o grupo de adolescentes que passeava pela trilha do clube.
Girando, observei a dúzia ou mais de garotos com aparência de gigantes e rapidamente me concentrei naquele que *me pertencia* . Assim que cruzei os olhos com Hugh, rindo e brincando com os amigos, senti como se meu corpo inteiro tivesse pegado fogo. Vestido com jeans e uma camisa justa e justa, com o cabelo penteado do seu jeito sexy e despenteado de sempre, meu namorado parecia comestível.
"Como é possível que garotos precisem apenas vestir uma camisa e uma calça jeans e passar gel no cabelo para ficarem tão lindos?", Helen gemeu, expressando meus pensamentos em voz alta. "Não é justo."
"Ok, agora estou com medo", Shelly interrompeu, parecendo nervosa.
"Você não precisa beijar ninguém", Claire a lembrou. "Eu não vou." Sorrindo, ela acrescentou: "Eu vim para dançar."
"Droga", reclamou uma das alunas do terceiro ano, parada na nossa frente na fila. "Johnny Kavanagh não está com eles."
"Por que você está tão surpresa?", perguntou outra garota. "Ele nunca vem a essas coisas."
"Bem, não sei se o Capitão Fantástico virá, mas a companheira sexy dele virá me buscar mais tarde esta noite", riu outro.
“Gibsie?” exclamou o primeiro.
"Sim, Gibsie", confirmou a morena. "Você viu aquele garoto sem camisa? Ele é demais."
Bastou olhar para a expressão desolada de Claire para eu perceber que ela conseguia ouvir a conversa que acontecia ao nosso lado.
"Eca", Claire sussurrou, com seus olhos castanhos e inocentes me olhando em busca de ajuda.
"Ignore-a, Claire", eu disse alto o suficiente para as meninas me ouvirem. "A única coisa que ela vai usar hoje à noite é a mão."
"Oh Deus", Shelly e Helen gemeram em uníssono, dando um passo seguro atrás de Claire.
As risadas das meninas do terceiro ano diminuíram e uma delas se virou para me lançar um olhar feio.
No momento em que nos olhamos, o reconhecimento encheu seus olhos azuis.
Ah *sim* , ela se lembrou de mim.
Nosso encontro anterior na escola, quando percebi que ela estava tentando sentar no colo do meu namorado durante a aula de irlandês, foi memorável.

"Argh", zombou a morena, me encarando. "Claro que é *você* ."
Eu sorri. "Oi."
"Qual é a sensação de ser a maior vadia da escola?"
"Confie em mim, você ainda não conheceu a minha versão de vadia", retruquei sem pestanejar. "Mas ponha as mãos naquele garoto e você vai descobrir rapidinho."
"Vocês, meninas, não são donas desses meninos, sabiam?"
"Viu, é aí que você se engana", argumentei, meio que torcendo para que ela fosse um pouco mais longe e fizesse algo idiota como me empurrar. Eu só precisava de uma desculpa. Só uma. "Porque você reclama o que lambe e a Claire já tinha reivindicado aquele garoto há muito tempo, então por que não se apressa e encontra outro babaca infeliz para cravar os dentes?"
"Foda-se, vadia."
"Prefiro ser uma vadia do que uma prostituta. Agora, vá em frente, *vadia* ."
"É", acrescentou Claire, encontrando a voz com um pouco de lentidão. "Você ouviu. Sai da frente."
Mais alguns insultos foram trocados antes que os rapazes se juntassem a nós.
"Como estão as meninas?", Robbie Mac reconheceu, enquanto ele e o resto dos seus companheiros de equipe furavam a fila e se juntavam a nós perto da frente. Claro, como eles eram os deuses do rúgbi de Tommen, ninguém disse uma palavra sobre isso. *Idiotas* ...
"Claire-Ursinha!" Correndo direto para minha amiga, Thor passou o braço em volta dos ombros dela e a puxou para o seu lado. "Nossa, você é um colírio para os olhos."
Meu desconforto habitual com a presença dele foi substituído por presunção quando vi as garotas com quem discutíamos ficarem verdes de ciúmes.
Há!
"Aqui está meu bebê", uma voz familiar sussurrou em meu ouvido, e um arrepio profundo e ilícito percorreu meu corpo quando seu peito roçou minhas costas.
Olhando por cima do ombro, olhei para o meu namorado e soltei um suspiro de satisfação. "Oi."
Meu Deus, ele estava tão mais alto agora. Por um tempo, quando éramos mais novos, tínhamos quase a mesma altura. Ele sempre foi uns dois centímetros mais alto, mas eu achava que ia conseguir alcançá-lo. Mas não mais. Não, porque os hormônios dele tinham levado a puberdade a sério e ele agora era mais alto que eu.
Quando a mão dele me envolveu pela cintura, a palma da mão achatada contra a parte inferior da minha barriga, não consegui me conter e me afundei contra ele, absorvendo o calor do seu corpo contra o meu. Minha mão se moveu para cobrir a dele instintivamente, como se eu tivesse sido programada para responder ao seu toque.
Porque seu toque era bom.
Era seguro.
Estava tudo tão certo.
Quando ele estava comigo, eu finalmente sentia que estava bem novamente. Como se o mundo estivesse de volta ao seu eixo. A normalidade havia voltado e eu sobreviveria. Eu tinha mais uma noite de vida pela frente, mas só se pudesse

vivê-la com ele.
Hugh continuou conversando com nossos amigos, enquanto eu perdia a noção de tudo o que acontecia ao nosso redor, absorta demais para me concentrar em uma palavra sequer. De vez em quando, ele dava um beijo no meu ombro nu, e isso só complicava ainda mais as coisas.
Porque eu estava *morrendo de fome* por esse garoto.

LEVE-ME PARA AS NUVENS ACIMA

Lizzie

19 DE JUNHO DE 2003

O calor era sufocante dentro do clube, e o DJ estava de primeira, tocando ouro em seus decks, enquanto as luzes estroboscópicas brilhavam sobre nós. A multidão estava enlouquecida, com quase todos, do primeiro ao quarto ano, presentes. Não havia um centímetro de espaço livre na pista de dança enquanto os alunos do terceiro ano comemoravam a conclusão de seus exames e o resto de nós comemorava o início do verão.
Quando Annina, DJ Chucky e “Fly on the Wings Of Love” do XTM começaram a tocar e uma grande multidão se formou na pista de dança, revirei os olhos quando percebi *quem* havia capturado a atenção deles.
Com a camisa jogada para o lado, Thor dançava como se ninguém estivesse olhando, murmurando cada palavra da música para Claire enquanto a seduzia com aqueles quadris de cobra. A dupla era tão impressionante quando se movimentava junto que eu, sinceramente, não podia culpar a multidão por se formar, embora eu jamais admitisse isso em voz alta.
A química entre eles era inegável, e isso causou uma onda familiar de tristeza dentro de mim, porque eu sabia que chegaria o dia em que a perderia completamente da minha vida. No momento, eu estava conseguindo lidar um pouco com a presença dele na minha vida, mas minha melhor amiga o amava de verdade, e quando finalmente oficializassem, eu a perderia. Embora eu soubesse que Claire se importava comigo, os sentimentos dela por ele superavam em muito os de qualquer outra pessoa em sua vida. mundo, e era apenas uma questão de tempo até que a balança pesasse a seu favor.
Porque isso foi doloroso para mim.
Andando na linha.
Mantendo meus pensamentos para mim mesmo.
Enterrando minha dor.
Estava borbulhando dentro de mim.
Um dia desses eu ia explodir como uma bomba.
Eu só rezei para conseguir aguentar.
"Então é aqui que você estava se escondendo." A voz de Hugh infiltrou meus pensamentos, e senti suas mãos em volta da minha cintura, apertando minhas costas contra seu peito. "Para onde você foi?"
Eu me afastei do grupo de amigos dele mais cedo naquela noite. Embora eu quisesse passar o dia todo com meu namorado, eu me sentia desconfortável perto do time — principalmente do Thor — e precisava de um respiro. Além disso, os garotos estavam todos bêbados, enquanto os solteiros estavam à espreita, trazendo de volta garotas que eu não suportava ter por perto. "Só precisava de um ar", respondi, tremendo quando seus lábios roçaram minha orelha.
A vontade de me aconchegar nele era avassaladora. Não havia explicação para o

que ele fazia comigo, e a pura adoração que eu sentia por ele era incompreensível. Hugh, de alguma forma, parecia me estimular e me acalmar ao mesmo tempo. Ele não era tenso nem imprudente. Era o meio perfeito, deixando seus méritos e conquistas brilharem organicamente, em vez de empurrá-los goela abaixo.
"Aqui, Hughie!", gritou Luke Casey, abrindo caminho pela multidão para chegar até nós. "Talvez você queira falar com o Gibs, rapaz, porque ele está com a sua irmã montada na coxa dele como se fosse um cavalo."
Eu esperava que meu namorado invadisse o círculo formado em volta de Thor e sua irmã, para dar um fim abrupto às suas brincadeiras, mas não foi isso que ele fez.
"Não me importo", disse Hugh ao seu companheiro de equipe, enquanto me virava nos braços e agarrava meus cachos. "Vou dançar com a minha garota."
"Ah, não, não, não", avisei, olhando para seu rosto adoravelmente corado. "Você sabe que eu odeio dançar." Sorrindo, estendi a mão e acariciei sua bochecha com o dedo. "Você fica tão fofo quando está bêbado."
E bêbado, com certeza ele estava. O álcool que exalava do seu hálito era forte o suficiente para *me deixar* tonto.
"Se você soubesse o que faz comigo, Liz." Seus olhos estavam mais escuros do que o normal, com pupilas dilatadas e um brilho faminto. Apalpando minha bunda, ele me agarrou com força e puxou meu corpo bruscamente contra o dele. "Se você soubesse."
E então estávamos nos beijando.
Puxando e apalpando desajeitadamente cada parte um do outro que conseguíamos alcançar. Sua língua estava na minha boca, suas mãos no meu corpo, e eu me afogava em sensações. Sentimentos maravilhosos, evocativos, gloriosos, que só aquele garoto poderia extrair de mim.
"Take Me to the Clouds Above", do LMC e do U2, substituiu a música anterior, e achei que seria muito apropriado naquele momento, porque Hugh Biggs poderia me levar a qualquer lugar e eu iria com ele de bom grado.
Esse garoto era uma mercadoria valiosa em Tommen, ele era um garoto de rúgbi muito valorizado, o melhor jogador da nossa escola, e eu me deleitava em saber que seus olhos passavam os dias em *mim* .
Eu era a garota em sua mente.
Naquele momento, não me importava se Claire nos via ou não.
Naquele momento, eu não estava preocupado com os sentimentos dela ou com o seu desdém.
Eu estava muito apaixonado.
Sua língua serpenteava para fora, provocando a minha, enquanto ele lentamente me fazia andar de costas. Ele nem tentou esconder o que estávamos fazendo. Estava dando a todos ao nosso redor uma visão livre. O cru, Uma versão sem censura do que ele sentia por mim. Ele estava tão imerso no momento, e isso me emocionou pra caramba.
Ao tropeçar em direção ao famoso *muro* , aquele onde todos os casais sérios se pegavam, senti minhas costas baterem no concreto frio momentos antes de seu corpo enorme se esmagar contra mim. Se eu pudesse ter tirado todas as nossas roupas ali mesmo neste salão de dança, eu teria tirado. Era assim que eu me

sentia desesperada.
Excitada e dolorida, movi-me contra ele, os quadris girando contra os dele, os seios se esforçando contra seu peito, precisando sentir a dureza dele contra a maciez do meu corpo.
Foi uma loucura.
Foi êxtase.
E eu nunca me senti *mais* ...

O VERÃO DO AMOR

Hugo

23 DE AGOSTO DE 2003

DESDE O MOMENTO EM QUE OLHEI PARA L IZZIE YOUNG LÁ NA PRIMEIRA CLASSE, me senti conectado a ela de uma forma que nunca havia experimentado com mais ninguém.
Na época, eu não entendia a paixão, nem tinha a mínima ideia de quão profundas seriam as raízes dos meus sentimentos por aquela garota. Jovem e inexperiente, mergulhei de cabeça, apaixonando-me perdida e rapidamente pela garota de olhos solitários e pálidos.
Ao longo dos anos, nos tornamos ainda mais próximos e construímos um vínculo que o tempo só pareceu aprofundar e intensificar. Quando Liz concordou em ser minha no verão antes da sexta série, pensei que tinha atingido o auge da vida.
Quando a irmã dela morreu e os sintomas bipolares de Liz pioraram junto com a dor em que ela se afogava, isso não nos destruiu. Em vez de nos distanciarmos como ela fazia com todos os outros, nos aproximamos. Porque, apesar de se isolar da vida e trancar todo mundo fora do seu mundo, ela deixou uma chave para mim.
Quando a puberdade nos atingiu como uma bola de demolição e fui jogado no mundo de Tommen dois anos antes que ela pudesse se juntar a mim, não deixamos que isso nos separasse. Apesar da maioria dos rapazes da escola insistir que eu ficaria entediado com Liz e seguiria em frente, ocorreu o oposto.
Porque quanto mais velhos ficávamos, mais drasticamente nossos corpos mudavam e nossos hormônios se agitavam. Minha paixão pela garota só aumentou a ponto de eu mal conseguir me segurar. ao meu autocontrole. Eu a desejava *intensamente* e, com o sentimento recíproco de Liz, eu estava ficando sem fôlego para frear bruscamente durante a intimidade.
Eu sabia que, ao completar dezesseis anos, em outubro, aceitaria um emprego como salva-vidas de meio período, cargo para o qual Kim, a gerente do centro de lazer do hotel, já havia me recrutado, e não teria tanto tempo livre quanto antes. Por isso, fiz questão de passar cada segundo livre das férias de verão com Liz.
A frase “verão do amor” ganhou um significado totalmente novo neste verão, e Liz e eu estávamos perigosamente perto do ponto sem volta.
Eu tinha aprendido mais sobre anatomia feminina neste verão do que em quase dezesseis anos, e, caramba, eu tinha uma professora incrível. Eu tinha oito meses a mais que a Liz na idade, mas ela assumiu a liderança debaixo dos cobertores e me deu um xeque-mate todas as vezes.
Por causa da minha veia competitiva e do meu desejo intenso de ter sucesso em todas as coisas na vida, sempre que Liz e eu nos envolvíamos, eu decorava cada um dos seus comandos cheios de luxúria e instruções sussurradas, determinado não apenas a atingir a competência na arte da sedução, mas também a dominá-la

completamente e a me destacar nela.
Liz não tinha vergonha de me dizer o que funcionava ou não para ela, e eu era grato pela sua honestidade, porque quem mais me mostraria? Liz era a única garota com quem eu já tinha ficado ou pretendia ficar, e era importante para mim *saber* como agradá-la.
Feely sempre reclamou da minha sede insaciável por conhecimento, da minha atenção metódica aos detalhes e do meu desejo de atingir um nível de excelência em todas as áreas da minha vida que beirava a obsessão — palavras de Feely, não minhas —, mas minha namorada não reclamou nada disso.
Em vez de me criticar por minhas tendências perfeccionistas, como Feely e os rapazes faziam, Liz encorajava essa qualidade de todo o coração e me enchia de elogios sempre que eu a elevava a um nível e marcava uma nova caixa.
Se mamãe soubesse um décimo do que Liz e eu fizemos neste verão, ela teria me trancado até eu completar dezoito anos, e se Mike descobrisse todos os lugares onde eu beijei e toquei sua filha, bem, eu poderia muito bem começar a cavar minha própria cova.
Juro por Deus, estávamos segurando nossas virgindades por um fio, e a ideia genial de Liz de tentarmos "tudo menos sexo" só fez os dez meses até seu décimo sexto aniversário parecerem dezesseis *anos* .

A festa de fim de verão daquela noite havia sido organizada pelos alunos do sexto ano e realizada na casa do colega de equipe e aluno do sexto ano, Terrance Crean. Os pais dele administravam um centro equestre em sua propriedade e, *caramba,* como era chique a casa dele. Não chegava nem perto de ser tão boa quanto a Old Hall House — nenhum lugar era —, mas *era* impressionante e exalava riqueza.
Embora estivéssemos apenas entrando no quarto ano e a festa daquela noite fosse apenas para alunos do quinto e sexto anos, nossas posições no painel de rúgbi sênior nos garantiram um convite.
Por causa das políticas e hierarquias idiotas da escola, os rapazes do painel sênior do time de rúgbi eram quase sempre convidados para festas e eventos, junto com suas esposas.
Como Johnny ainda estava de férias no sul da França com os pais e Feely estava imersa na temporada de colheita na fazenda, Gibs e eu fomos deixados para hastear a bandeira esta noite. Infelizmente, ele decidiu trazer o demônio de cabelo cacheado como acompanhante, o que não me ajudou em nada a relaxar. Porque uma Claire hiperativa e uma Gibsie hiperativa *e* bêbada só causavam problemas.
"Não acredito que a escola está chegando", reclamou Gibs. Espalhado em uma espreguiçadeira no quintal de Crean, meu velho amigo virou sua bebida favorita: tequila. "Para onde foi o verão?"
"Não se preocupe com o que aconteceu no verão, rapaz", refleti do meu poleiro em uma espreguiçadeira combinando, enquanto bebia o que poderia ter sido meu sétimo copo de cerveja daquela porcaria verde e esquisita que as meninas do sexto ano chamavam de Sapo Gordo. Além da vodca, eu não fazia ideia do que

elas usavam para preparar aquela mistura verde-meleca, mas o sabor era delicioso — e subia direto para a cabeça. "Preocupe-se em deixar a Claire sem supervisão com uma dúzia de cavalos por perto."
"Ah, meu Deus, que bicicleta!", gemeu Gibsie, rolando para fora da espreguiçadeira e correndo. "Eu disse para sua irmã ficar longe dos estábulos."
"Vá se divertir como seu Shergar, rapaz", gritei por cima do ombro, com as palavras arrastadas por causa do álcool que estava fazendo efeito.
Rindo baixinho, esvaziei o que restava no meu copo, inclinei-me e coloquei-o no pátio. Conhecendo Claire e Gibs, eu estava prestes a testemunhar uma fuga ainda maior do que a de Tito e Ossie no filme *Into the West* .
"Preciso de você", uma voz familiar sussurrou em meu ouvido. "Agora mesmo."
Sentando-se no meu colo, Liz passou o braço em volta do meu pescoço e acariciou minha orelha. "Muito."
"Meu Deus, Liz", gemi, ficando duro na hora quando ela balançou a bunda no meu colo. "Vou pirar aqui mesmo."
"É isso que eu quero." Seus lábios percorreram meu queixo, selinho após selinho sedutor, até que sua língua traçou meu lábio inferior. "Então, solta a porra, gata."
O cheiro de álcool em seu hálito era quase tão forte quanto o meu. "Em mim."
Jesus .
Essa garota estava decidida a me matar.
“Estamos bêbados.”
"Eu não ligo."
"Sim", eu disse arrastando as palavras — ou pelo menos a versão sóbria de mim respondeu. Enquanto isso, a versão bêbada de mim, também conhecida como a versão atual, queria se enterrar dentro daquela garota e nunca mais sair.
"Querida, não me tente."
"Seja tentado", ela me encorajou, deslizando os dedos por dentro dos botões da minha camisa. "Me fode."
Foder ela?
Cristo .
"Você quer que eu te foda aqui?", eu disse, estrangulada, esperando que ela percebesse o quão louco aquilo soava e voltasse à razão. "Você quer que a nossa primeira vez seja numa festa?"
Claro , Liz teve que concordar. Pior ainda, ela passou uma perna por cima de mim e montou no meu colo. "Eu consigo sentir você", gemeu ela contra meus lábios. "Você está duro para mim." Sua língua serpenteou para fora e lambeu a minha, enquanto ela arqueava os quadris contra mim e se balançava. "Me possua."
"Não vamos transar", protestei, meus lábios colidindo com os dela enquanto meu pau chorava em protesto. "Só no seu aniversário."
"Veremos", ela respondeu, agarrando meu cabelo em desafio e selando sua boca na minha.

ENCONTROS PRÓXIMOS E CHAMADAS AINDA MAIS PRÓXIMAS

Lizzie

23 DE AGOSTO DE 2003

ALIMENTADOS POR UMA MISTURA MORTAL DE ÁLCOOL E LUXÚRIA, ENTRAMOS TROPEÇANDO NA casa e encontramos o primeiro cômodo disponível. Bêbados demais para me importar que fosse um banheiro do tamanho de um armário, girei a fechadura rapidamente antes de empurrar meu namorado no assento fechado do vaso sanitário.
“Liz, querida—”
"Shh." Sentando-me novamente no colo de Hugh, aceitei avidamente seus lábios quando eles se chocaram contra os meus.
Balançando meu corpo contra o dele descaradamente, rasguei sua camisa, desesperada para sentir sua pele na minha. Os choques pulsantes em meu interior quando me esfreguei na protuberância dura de sua calça jeans me fizeram girar em espiral.
Quando Hugh estendeu a mão para trás e afrouxou o nó que prendia meu pescoço, gemi em aprovação e rapidamente rasguei os botões de sua camisa para deixá-lo nu.
Quando o tecido da minha blusa se acumulou na cintura, suas mãos se moveram habilmente para os meus seios, acariciando minha pele exatamente como eu gostava. "Hum", eu o encorajei quando ele rolou um dos meus mamilos entre o indicador e o polegar, enquanto continuava a acariciar o outro. Era demais. As sensações que ele extraía do meu corpo superavam cada um dos sonhos sensuais que ele protagonizava.
Quando ele aplicou mais pressão, apertando-me com mais força, gemi em sua boca, encorajando-o a continuar me tocando. "Não pare."
Meu namorado obedeceu aos meus desejos, trabalhando minha boca e meus seios com os dedos e a língua, enquanto balançava sua ereção vestida de jeans na minha virilha.
Fiquei sem fôlego quando uma das mãos dele deslizou para o sul e desapareceu entre as minhas coxas. Emocionada por ter seguido o conselho de Claire, rapidamente peguei a saia que ela me convencera a usar e a puxei para cima, até a cintura. Desesperada para dar ao meu namorado acesso irrestrito ao meu corpo, me mexi para afastar minha calcinha, mas ele chegou primeiro.
"Porra", gritei quando senti seus dedos traçando minha fenda, me provocando e me sondando como ele havia aperfeiçoado neste verão. "Por favor..."
"Shh." Esmaga os lábios contra os meus mais uma vez, ele empurrou delicadamente dois dedos profundamente dentro de mim e começou a se mover. Dando tempo para meu corpo se acostumar à sua invasão bem-vinda, Hugh se moveu lentamente no início, levando tempo para atingir um ritmo intenso que

ameaçava me levar ao limite.
Desesperada para fazê-lo se sentir bem, desajeitadamente peguei sua calça jeans, rasgando e puxando o botão e o zíper até que ele estivesse livre.
Puta merda.
Ele era grande, grosso e duro.
Cheia de tesão e apaixonada, agarrei seu pau grosso e puxei.
O movimento fez com que seus dedos vacilassem e um rosnado delicioso vibrou de seus lábios até os meus.
Cada movimento de seu pulso fazia meu corpo estremecer e se sacudir de prazer enquanto eu balançava implacavelmente em sua mão, desesperada para chegar ao meu limite.
"É isso aí, querida", ele me encorajou, os lábios ainda nos meus enquanto ele curvava os dedos e empurrava mais fundo, mais rápido, mais forte, e eu o trabalhava com a mesma velocidade e intensidade.
"Meu Deus", gritei, afastando meus lábios dos dele quando meu corpo chegou perigosamente perto do limite. "Ugh... meu Deus... Hugh! Meu Deus..."
Hugh engoliu meus gritos com a boca mais uma vez, passando o braço livre em volta da minha cintura para me segurar no lugar enquanto ele me fodia com os dedos até o esquecimento.
Eu ia gozar na mão dele. Eu sabia. Eu podia sentir as ondas familiares de prazer crescendo dentro de mim, ameaçando atingir o clímax e me atingir. Ele claramente sabia disso, podia sentir meu corpo apertando-o, e elevou a aposta a um nível escaldante.
"Estou gozando", gritei contra seus lábios. "Estou gozando." Com as pálpebras trêmulas, mantive meus olhos fixos nos dele enquanto a onda de prazer eclipsava a própria vida.
"Bom", ele me encorajou, rosnando contra meus lábios.
"Jesus." Balançando e me sacudindo incansavelmente, eu surfei na onda descaradamente, tirando dele o que eu precisava — o que ele tinha me dado tão facilmente.
"Por favor", implorei, retomando minha punheta interrompida pelo orgasmo, enquanto me levantava para ficar pairando sobre ele. "Mete dentro de mim."
"Isso é tão ruim", Hugh gemeu, enterrando o rosto no meu pescoço enquanto pegava sua calça jeans e boxer e os puxava para baixo dos quadris.
Respirando com dificuldade e com dificuldade, lancei um olhar para baixo e gemi ao contemplar a cabeça brilhante de seu membro grosso. Sua ereção era longa, grossa e rigidamente dura, e tudo em que eu conseguia pensar era em sentar nela, precisando senti-lo esticar meu corpo para que ele se encaixasse. Porque eu precisava que esse garoto finalmente reivindicasse meu corpo como dele. Essa era a única maneira de fazer tudo aquilo desaparecer. Seu toque era a única coisa que poderia apagar o do monstro.
"Camisinha", sussurrou Hugh, contra minha boca. "Preciso de uma camisinha."
"Não." Balançando a cabeça, agarrei-o com força e me abaixei, sondando meus lábios com sua cabeça grossa. "Você não."
Com o peito arfando, Hugh se recostou e soltou o gemido masculino mais sexy que eu já ouvira. "Só sem camisinha."
"É, tá bom. Tanto faz." Animada, olhei ao redor freneticamente, afogada em

expectativa. "Tem uma na sua carteira?"
"Não", admitiu ele, parecendo genuinamente torturado. "Eu não tenho uma."
"Está tudo bem." Apressei-me em acalmá-lo, bombeando seu membro com o punho. "Você não precisa usar um."
"Liz, não." Uma veia saltou em seu pescoço, e ele soltou outro gemido gutural, como se sua recusa lhe causasse dor física. "Não podemos . "
"Hugh, não!", praticamente gritei, precisando senti-lo dentro do meu corpo mais do que acordar de manhã. Porque eu morreria feliz agora mesmo se isso significasse morrer com ele bem fundo dentro de mim. *"Por favor!"*
"Eu quero", ele gemeu de volta, ainda balançando ao meu toque. "Mas não sem te proteger." Ele lentamente tirou os dedos de mim e me olhou com uma expressão de remorso. "Me desculpe."
Sentindo-me devastada e excitada em partes iguais, engoli minha frustração, sabendo que, por pior que fosse para mim, ele sentia a mesma coisa um milhão de vezes mais. Porque ele já tinha mexido na minha coceira, mas eu não tinha mexido na dele completamente.
"Está tudo bem", eu o acalmei, inclinando-me para beijar a curva do seu maxilar. O movimento fez meu seio nu roçar em seu peito, e ele sibilou um gemido.
Incentivada pelos ruídos primitivos que ele emitia, deslizei meu punho para cima e para baixo em seu comprimento. Ele gemeu baixinho e isso fez com que tudo dentro de mim se contraísse novamente.
Ele estava numa posição tão vulnerável abaixo de mim que me senti estranhamente poderosa. Saber que eu estava provocando essa reação nele foi fortalecedor.
Hugh tinha a capacidade de me dominar fisicamente a qualquer momento se quisesse, como o monstro, e não havia nada que eu pudesse fazer para combatê-lo, assim como não havia acontecido com o monstro. Esse garoto podia tirar o que quisesse do meu corpo à força, e eu me sentia segura por saber que ele nunca faria isso.
Hugh encheu meu copo com as mesmas coisas que eu havia sido drenada nos meus pesadelos. Em vez de infligir dor, medo e sofrimento como o monstro havia feito, meu namorado incutiu poder, confiança e respeito em mim.
"Você gosta disso, meu amor?", perguntei baixinho, agarrando a base do seu pau grosso. "Você gosta quando eu te toco assim?"
Sua resposta foi fechar os olhos e assentir fracamente, enquanto esticava os quadris ao meu toque. Sua língua serpenteou para traçar seu lábio inferior e ele agarrou minha bunda enquanto eu o explorava. "Me possua, baby."
Suas palavras provocaram uma dor pulsante entre minhas pernas, e eu acelerei o passo, trabalhando-o implacavelmente e me deleitando com cada gemido sexy, primitivo e masculino que escapava dele.
Quando todo o corpo de Hugh ficou tenso embaixo de mim, eu sabia que ele estava no limite. "Está tudo bem", elogiei, acelerando o passo quando ele tentou empurrar minha mão. "Não seja tímido." Quando ele fechou os olhos com força, lambi e acariciei seu pescoço. "Me solta."
"Liz", ele disse, estrangulado, os quadris se movendo descontroladamente. "Não consigo segurar..."
"Não segure", ordenei, com a atenção voltada para seu comprimento

impressionante. "Me solta."
E então observei fascinada enquanto a cabeça brilhante de seu eixo grosso se contraía algumas vezes antes de liberar um rastro espesso de líquido branco e turvo.
"Meu Deus, me desculpe, Liz", gemeu Hugh, com o peito arfando, enquanto seu corpo forte tremia sob mim. "Eu tentei segurar."
Eu não queria que ele parasse com isso.
Eu queria vê-lo fazer isso de novo.
Respirando fundo, seu olhar percorreu-me e, quando chegou à minha cintura, conteve um gemido. "Porra, eu não queria te pegar com isso."
"Tem muita coisa", pensei, olhando para a confusão entre nós. "Você devia estar mesmo me desejando."
"Jesus, Liz, por favor, não diga isso", ele implorou, e eu olhei para baixo e rapidamente percebi o porquê. Hipnotizada, observei seu eixo agora semiduro enquanto ele começava a engrossar e crescer.
"Uau."
"Ignore isso."
"Quer mais?", balancei-me no colo dele. "Eu também."
"Não." Hugh sentou-se ereto. Suas bochechas estavam coradas e seu cabelo, despenteado pela força com que eu o puxava. "Não podemos. Não aqui. Não quando nós dois..." Ele fez uma pausa para acenar com a mão entre nós. "Nós dois sabemos o que vai acontecer, e não é assim que eu quero que a nossa primeira vez seja."
"Como você quer que seja?"
"Na cama, para começar", respondeu ele, passando a mão pelo cabelo completamente bagunçado. "Você merece uma cama, não um banheiro." E então, como se tivesse acabado de perceber o que disse, olhou ao redor e gemeu. "Nunca mais vou beber esses Frogs." Triste, pegou o papel higiênico pendurado na parede e arrancou um monte. "Sinto muito", continuou dizendo, começando rapidamente a nos limpar. "Merda, peguei sua blusa também." Ele balançou a cabeça e passou a mão no tecido entre as minhas pernas. "Sou uma vergonha, eu te digo. Juro por Deus, eu não deveria ficar do lado de fora da porta da frente."
"Tive a melhor noite", disse-lhe com um sorriso enorme. "Não me lembro de ter me sentido tão feliz." *Nunca* . "Eu te amo, Hugh."
“Eu também te amo, Liz.”
"Não, quero dizer que eu te amo *de verdade* ", eu disse, agarrando seus ombros largos. "De coração e alma." Sorri. "De corpo e mente."
Ele levantou a cabeça de repente, de onde estava concentrado limpando as gotas da gozada, e me olhou diretamente nos olhos. "Se alguma coisa acontecesse com você, eu não conseguiria continuar."
Suas palavras foram sérias e me atingiram como um soco no coração.
Foi algo tão inesperado da parte dele dizer.
Ele geralmente era tão lógico e sensato.
"Estou bem", respondi fracamente, sentindo uma onda repentina de emoção me invadir. "Nada vai acontecer comigo."
"O que sinto por você excede tudo o que o reino do amor poderia conjurar", ele me disse, com os olhos cheios de algo que eu não conseguia decifrar em meu

estado de embriaguez.
"Você tem as melhores falas", ronronei, passando um braço em volta do seu pescoço e dando um beijo brincalhão e carinhoso em seus lábios.
"É bom saber que minha intolerância à vodca te estimula", ele disse arrastado. "No entanto, preciso que você saia do meu colo para que eu possa colocar *esse* desgraçado superestimulado de volta no lugar dele."
“Entre minhas pernas?”
"Não está ajudando, Liz. Não está ajudando."
Respirando fundo, ele abaixou a cabeça e a apoiou no meu peito. "O que eu estava pensando?"
“Você não estava, e eu adorei.”
"Não, Liz." Ele balançou a cabeça e gemeu. "Eu estava a dois segundos de transar com você num banheiro." Ele parecia cheio de remorso bêbado. "Sinto muito."
Eu queria chorar.
Eu queria gritar para ele não se arrepender e simplesmente seguir em frente, mas o olhar dele me garantiu que, por hoje, nossa diversão tinha acabado. Seu corpo estava enviando uma mensagem direta para o meu, e sua consciência precisava se recuperar. Isso era bom. Era *exatamente* o que nós dois queríamos. Eu podia sentir que estava escorregando; podia sentir minha impaciência tomando conta.
“Não se arrependa de mim, Hugh”, eu disse baixinho.
"Nunca", jurou ele, abraçando-me com ternura. "Você é a única parte da minha vida que não consigo planejar." Ele me deu um beijo nos lábios. "E a única parte sem a qual não consigo viver."

RENEGOCIANDO A DATA

Hugo

24 DE AGOSTO DE 2003

ISSO QUASE ACONTECEU DE NOVO ONTEM À NOITE .
Teria *acontecido* se eu tivesse tido a previsão de usar proteção.
Eu nunca tinha comprado camisinhas antes, e uma parte de mim queria adiar a transação porque, se não houvesse camisinhas à mão, não poderíamos prosseguir. Mas uma parte ainda maior de mim exigia que eu corresse até a farmácia mais próxima, porque se Liz tivesse ido mais longe ontem à noite, eu não a teria impedido.
Minha falta de autocontrole em relação à minha namorada foi uma constatação assustadora e uma falha gritante na minha armadura.
Ao longo da minha vida, tomei muito cuidado em planejar, preparar e agir de maneira responsável em todos os aspectos da minha vida, então saber que eu estava disposto a jogar a cautela ao vento em um assunto tão sério me abalou.
Eu estava quase completando dezesseis anos e não sabia por quanto tempo ainda teria a coragem de ser um cavalheiro. Eu sabia que deveria ser, mas cada vez que ela me beijava, eu sentia minha determinação vacilar mais um centímetro.
"Você acha que seria inteligente se eu comprasse camisinhas?", perguntei a Liz na tarde seguinte, quando estávamos no meu quarto. Deixando o livro que eu estava *tentando* ler de lado, olhei para a criatura linda esparramada de bruços, com os braços e a cabeça apoiados no meu colo. "Só por precaução?"
A atenção de Liz se desviou do próprio livro e ela se virou para mim. "Acho que essa foi a ideia mais inteligente que você teve o verão todo." Seu sorriso se alargou. "Se formos agora e pegarmos nossas bicicletas, chegaremos à farmácia do Sully antes que feche."
"Calma", ri, passando a mão pela espinha dela. "Eu não estava sugerindo que fizéssemos isso aqui e agora." Para ser sincera, eu já tinha me conformado com a enorme possibilidade de não aguentarmos até o próximo verão, e meu foco havia mudado para chegar ao *meu* aniversário. "O que você acha de renegociar a data?"
"Se isso me aproxima do que eu quero, então acho que sim", respondeu Liz, rapidamente se ajoelhando.
Com os joelhos em cada lado das minhas pernas, minha namorada subiu na minha cama e não parou até estar pairando sobre meu colo.
"O que você tem em mente?", ela perguntou, olhando para mim com aquele brilho familiar nos olhos.
Eu sabia *exatamente* o que aquele brilho nos olhos dela e aquelas bochechas coradas significavam.
Minha força de vontade estava prestes a ser testada.
"Meu aniversário", respondi num tom áspero, instantaneamente duro. Não havia absolutamente nada que eu pudesse fazer sobre a forma como meu corpo reagia

ao dela, e eu já havia parado de me preocupar com isso há muito tempo. Meu corpo respondia ao dela. Era biologia humana básica.
Os olhos da minha namorada brilharam de calor enquanto ela se abaixava lentamente no meu colo. "Sério?"
Assentindo lentamente, observei-a atentamente. "Só se você estiver pronta. Não quero fazer nada que você não queira ou para o qual não esteja pronta."
"Hugh." Liz me lançou um olhar penetrante. "Estou pronta, esperando e te desejando há muito tempo." Ela remexeu os quadris e deslizou as mãos por baixo da barra da minha camiseta. "Você pode me ter agora, se quiser", provocou. "Hum?"
"Meu aniversário", respondi com a voz rouca, levando as mãos aos quadris por vontade própria. "A gente aguenta até lá."
"Podemos?" ela sussurrou.
Eu sabia que ela ia me beijar; eu já tinha sentido sua boca na minha um milhão de vezes antes desta noite, mas quando ela cobriu meus lábios com os dela, meu coração ainda reagiu como se fosse a primeira vez.
Ela estava por cima, esfregando os quadris contra os meus, e por um momento entrei em pânico porque estava muito excitado. Meu corpo estava exagerando a ponto de eu perder o controle.
Nossa, eu não conseguia explicar o que aconteceu com o meu corpo quando as palavras " *você pode me ter"* escaparam dos seus lábios. Não era a primeira vez que Liz me dizia isso, mas, a cada vez, parecia despertar uma parte intensa e viril do meu subconsciente.
Relaxando nos travesseiros às minhas costas, acolhi a sensação da boca dela na minha, das mãos dela na minha pele e do seu corpinho firme balançando em cima de mim. Era uma sensação sem igual, e pela primeira vez na vida, eu me identifiquei com os rapazes que acabaram se tornando pais adolescentes.
Porque eu não conseguia negar o desejo primitivo dentro de mim de reivindicá-la, de corpo e alma. O desejo cru que eu tinha de colocar um anel em seu dedo e enchê-la de bebês era potente. Não era racional e eu não agiria de acordo com ele — não até que fôssemos muito mais velhos — mas, porra, ele estava lá.
Não havia outra pessoa neste planeta a quem eu pudesse me entregar como me entreguei a ela. Ela podia fazer o que quisesse comigo, e eu me deitaria e aceitaria.
Porque eu estava grudado nela como cola.

VERÃO, SAUNAS E CALAFRIOS

Lizzie

30 DE AGOSTO DE 2003

EU ESTAVA EM Apuros .
Dividido entre querer que o verão de 2003 se prolongue para sempre e desejar que o novo ano letivo chegue logo.
Por um lado, eu não queria que o verão acabasse porque estava me divertindo muito com o Hugh. Por outro, voltar à escola significava que nos veríamos quase todos os dias.
Eu estava me afogando tão profundamente em meus sentimentos por esse garoto que queria apertar o botão de avanço rápido na minha vida e pular cinco anos no futuro.
Tínhamos um plano detalhado, que consistia em nós dois cursando a Trinity, com Hugh estudando medicina, enquanto eu trabalhava na graduação em Estudos de Inglês.
Alugávamos um pequeno apartamento nos arredores da cidade e sobrevivíamos comendo feijão com torrada até nos estabelecermos nas carreiras que escolhíamos.
O dinheiro seria curto nos primeiros anos, e eu assumiria o papel de principal provedora até meu namorado conseguir residência e o dinheiro de verdade começar a entrar. A partir daí, Hugh assumiria o papel de provedor, enquanto eu me concentrava em escrever meu primeiro romance.
Embora eu não soubesse quando Hugh me pediria em casamento, nós dois concordamos em ter o primeiro de dois filhos antes dos trinta. Porque ambos queríamos ser donos de uma casa antes de... tinha uma família e, com a insistência de Hugh em me casar antes, previ que o anel chegaria em algum lugar entre meu vigésimo terceiro e vigésimo quinto aniversário.
"Você vem?", Hugh gritou, e eu rapidamente me arrastei do meu devaneio para vê-lo parado perto da porta da sauna com um sorriso irônico no rosto.
Claro que sim, eu estava vindo .
Saindo da piscina em tempo recorde, deslizando pelos azulejos na pressa de chegar até ele.
Sorrindo, Hugh abriu a porta da sauna e me puxou para dentro. Assim que entrei, o cheiro de eucalipto invadiu meu nariz. "Meu Deus, que cheiro incrível!"
"Sabe o que tem um cheiro ainda melhor?" Ele se sentou no banco de madeira e me puxou para o seu colo. "Minha namorada."
Meu sorriso se alargou. "É mesmo?"
"Mm-hmm." Assentindo, seus lábios roçaram meu pescoço. "Eu poderia te comer."
Enlaçando um braço em volta do seu pescoço, apertei minhas coxas, sentindo demais naquele momento para ele. "Quem me dera."
Seus lábios ainda contra meu pulso acelerado. "Hmm?"

Soltando um suspiro trêmulo, repeti minhas palavras: "Quem me dera que você fizesse isso."
Ele me ajeitou no colo dele, de modo que eu ficasse montada nele. "Eu quero."
A excitação me inundou. "Você sabe?"
"Sim." Ele assentiu lentamente, os olhos castanhos fixos nos meus. "Eu aceito."
"Você pode", sussurrei, tremendo ao senti-lo endurecer embaixo de mim. "Quando você quiser."
"Eu quero *estar* em todos os lugares, Liz", admitiu ele com um gemido de dor. "Quero muito."
"Você me quer muito?" Balancei os quadris contra ele, apreciando o jeito como suas mãos apertavam meus quadris e suas narinas se dilatavam. "Você quer estar dentro de mim?"
"Tanta coisa", ele gemeu, me puxando para seu colo, enquanto ele empurrava para cima.
"Você é duro."
"Eu sei."
"Estou molhado."
"Eu sei."
"Me tenha."
"Breve."
“Não posso esperar mais.”
"Ainda podemos nos tocar", ele sussurrou, passando os dedos pela minha barriga e coxa. "Ainda podemos sentir o gosto."
“Posso provar?”
Ele engrossou embaixo de mim. "Quer provar?"
Assenti. "Mal."
"Porra."
Inclinei-me e beijei-o.
"Você vai me arruinar, não é?"
"Você já está arruinado", provoquei. "Só vou fazer valer a pena."
"Estou dentro."
"Não quero dedos", protestei, estendendo a mão entre nossos corpos. "Eu quero isso." Mergulhando meus dedos sob o cós da sua cueca, agarrei- *o* . "Em mim."
Um chiado agudo escapou de seus lábios, e seus quadris se empurraram em direção ao meu toque por vontade própria. "Não faça isso, querida. Eu vou gozar."
"É isso que eu quero." Movendo-me em um ritmo lento, deslizei minha mão para cima e para baixo em seu membro, deleitando-me com a forma como ele se esticava sob mim. "Desista, Biggs."
"Você é tão... bom nisso", ele disse, com as bochechas coradas e as pálpebras tremendo. "Deus, por favor, não pare."
"Não vou", prometi, trabalhando duro em dobro para levá-lo ao ponto sem retorno.

PARTE 18

A espiral descendente

CORRA O MAIS RÁPIDO QUE PUDER

Lizzie

1º DE SETEMBRO DE 2003

HOJE ERA SEGUNDA -FEIRA, O PRIMEIRO DIA DE UM NOVO ANO LETIVO, E EU ESTAVA ESCORREGANDO .

Eu tinha que ser.

Os remédios que tomei para me ajudar a viver uma vida relativamente produtiva por dois anos estavam claramente perdendo a eficácia. Ou era isso, ou meu corpo havia desenvolvido uma tolerância a eles. Essa era a única explicação que eu tinha para a situação em que me encontrava.

Durante todo o verão, eu me deleitei com minha novíssima e maravilhosa capacidade de dormir oito horas seguidas à noite *sem* sonhar. Achei que finalmente estava virando a página. Saí da cama com mais frequência do que na cama e chorei menos do que ri.

Meu relacionamento com Hugh tinha se fortalecido cada vez mais, eu socializava com mais frequência e até balancei a cabeça quando Thor me ofereceu um biscoito em julho. Educadamente, devo acrescentar, sem aquela carranca ameaçadora ou os punhos cerrados.

O navio que era minha vida parecia finalmente ter chegado a águas mais calmas.

Quando acordei para a escola esta manhã, me senti descansada e relaxada. Escovei os dentes e o cabelo, lavei o rosto e vesti meu uniforme novo. Tomei café da manhã, tomei meus remédios e depois peguei o ônibus para a escola. Sentei no meu lugar de sempre, ao lado do meu namorado, onde nos beijamos até chegarmos à escola com os lábios inchados e com planos de dar uma escapadinha para a biblioteca na hora do almoço.

De lá, passei rapidamente pelas minhas seis primeiras aulas, encontrei meu namorado para uma sessão de amassos furtiva no almoço, assisti às minhas *últimas* três aulas com um sorriso enorme no rosto, antes de me reunir com ele no ônibus para casa.

No geral, meu primeiro dia de volta às aulas foi o mais próximo da perfeição que já experimentei.

Então por que, quando atravessei os portões da minha propriedade, depois de me sentir melhor do que nunca em anos, eu estava tendo alucinações?

Por que, quando *finalmente* parecia que as coisas estavam indo bem, experimentei a experiência extracorpórea mais assustadora da minha memória?

O pesadelo começou depois que dei um beijo de despedida no meu namorado antes de descer do ônibus. De lá, fiquei parada na entrada da minha casa e acenei para ele entrar no ônibus antes de passar pelos portões abertos.

Sim, eu me lembro *claramente* de pular corda.

Eu senti *muita* alegria.

Minhas memórias ficaram nebulosas depois disso.

Lembro-me de ouvir um farfalhar próximo às árvores e de caminhar até as

árvores que ladeavam nossa entrada de veículos, no lado direito, para investigar.
Foi quando aconteceu.
Foi aí que minha mente vacilou.
Num minuto, eu estava andando na ponta dos pés de árvore em árvore na esperança de ver de perto um dos muitos veados selvagens que vagavam livremente na propriedade da minha mãe, e no minuto seguinte, eu estava envolto em escuridão.
Havia algo na minha cabeça, cobrindo meu rosto e cortando meu suprimento de ar a ponto de ser difícil puxar ar suficiente para os pulmões. Tentei esticar os braços para rasgar o tecido áspero, semelhante a um saco, mas o peso insuportável sobre o meu corpo, pressionando-me contra a terra, me deixou indefeso.
Foi só quando ouvi *sua* voz no meu ouvido e meu sangue gelou que percebi que estava sonhando.
Não, não estou sonhando.
Eu claramente tropecei, bati a cabeça e caí em cheio no meu pesadelo mais assustador até então...
"Sentiu minha falta?", rosnou o monstro, agarrando minha garganta com uma das mãos e abrindo minhas coxas com a outra. "Receio que seja só uma visita rápida para resolver algumas pendências. Mas não resisti a fazer uma visitinha ao meu pequeno."
Tentei responder, mas não conseguia ver, falar, respirar ou me mover .
Desamparado, eu me debatia no chão, enquanto o som de um zíper abrindo e de folhas sendo esmagadas embaixo de mim enchia meus ouvidos .
"Você foi uma boa menina, querida?"
Eu podia sentir suas garras rasgando minha calcinha .
"Droga, por que você teve que ficar na miséria!"
Ah não, não, não, não, não!
“Dane-se; podemos fingir que é nossa primeira vez.”
Meu corpo se preparou para a dor que eu lembrava que viria a seguir .
“Vamos ver se seu corpinho firme e firme lembra de mim.”
Quando isso aconteceu, e o monstro me empalou, doeu quase tanto quanto da primeira vez .
“É uma pena que você tenha crescido tanto.”
Quando eu tinha cinco anos .
“Sinto falta de como você costumava ser.”
Resmungando e gemendo, o monstro me puniu repetidamente até que meu corpo ficou fraco .
"Chora, vadia. Você sabe que isso me deixa duro."
Sua mão saiu da minha garganta e eu soltei um grito de dor .
"Eu disse para chorar, sua putinha."
Chorei ainda mais, tentando desesperadamente reunir forças e fôlego para gritar. "Hu...gh..."
"Será que o Santo Hugo sabe que você é uma putinha suja?", rosnou o monstro, me destruindo de dentro para fora. "Ele sabe de todas as maneiras que eu te tive, sua vadiazinha?"
"Hugh", gritei, mais alto agora, enquanto lutava para empurrá-lo de cima de

mim e acordar. "Hugh!"
"Ele nunca terá suas primeiras experiências, pequenininho. Todas elas me pertencem", provocou o monstro, apertando minha garganta com mais força do que antes. "Minha semente sempre será a primeira a crescer dentro de você." Ele riu cruelmente. "Seu precioso Hugh sabe disso? Hein? Você se comportou mal enquanto eu estive fora e contou ao seu namorado herói sobre o nosso pequeno acordo?" Ele empalou meu corpo com tanta força que mordi a língua. "Preciso cuidar dele como cuidei do Caoimhe?"
Estremecendo violentamente, balancei a cabeça repetidamente enquanto o sangue enchia minha boca e lágrimas caíam dos meus olhos .
"É melhor você torcer para que ele nunca descubra." Suspirando fundo, o monstro grunhiu alto e então caiu em cima de mim, finalmente ficando imóvel .
Meu corpo ficou mole sob o dele, e eu silenciosamente rezei para que uma de duas coisas acontecesse: ou eu morresse ali mesmo ou acordasse, porque eu honestamente não aguentaria mais nem um segundo disso .
"Tenho um presente para você, uma pequena lembrança para te lembrar da puta imunda que você é. Vou deixá-las aqui mesmo", ele sussurrou no meu ouvido, enfiando algo no cós da minha saia. "Se você pensar em me ferrar, eu vou garantir que o Biggs saiba o quão puta a namoradinha dele é." O monstro riu cruelmente e usou as duas mãos para apertar minha garganta. "E então eu o mato..."
Mesmo no meu sonho, perdi a consciência. Quando finalmente acordei, permaneci completamente imóvel, sem ousar mover um músculo por medo de me azarar e desmaiar novamente.
Entorpecido, fiquei deitado de costas por um longo tempo, olhando para o céu do fim da tarde. Quanto tempo dormi, não sei dizer, mas deve ter sido várias horas porque o sol estava muito mais baixo no céu.
Virando a cabeça para o lado, olhei para a floresta e senti uma lágrima escorrer pela minha bochecha quando um veado vermelho deu um passo hesitante para fora de trás de uma árvore a menos de três metros de onde eu estava deitado.
O cervo me observava com olhos castanhos, arregalados e fixos.
Não mexi um músculo, momentaneamente cativado pela beleza crua desta criatura etérea, enquanto uma onda de simpatia me invadia.
Nós éramos muito parecidos, esse cervo e eu.
Nós dois éramos presas .
Uma coruja piando alto nas árvores interrompeu nosso olhar em transe e o veado rapidamente saiu correndo.
"Corra", sussurrei, observando-o desaparecer da minha vista. "O mais rápido que puder."

FECHE OS OLHOS E SIMPLESMENTE DEIXE IR

Lizzie

3 DE SETEMBRO DE 2003

O medo havia tomado conta do meu corpo a ponto de eu não conseguir sair da cama . Com os braços em volta dos joelhos, eu balançava para frente e para trás, sentindo-me sobrecarregada e entorpecida ao mesmo tempo.
Meu corpo doía por todo o corpo, e a sensação de pontada entre minhas coxas fez minha mente entrar em uma espiral profunda.
Não fazia ideia de quanto tempo eu estava ali.
Por que isso aconteceu novamente era outra questão sem resposta.
Eu só sabia que isso era pior.
Eu me senti pior.
Eu estava preso e não havia escapatória.
Eu havia sido capturado mais uma vez pelo monstro em minha mente e enjaulado dentro do meu corpo.
Eu queria purgar minha alma desse veneno.
Eu queria cortar meus pulsos até os ossos e sangrar para esquecer a dor.
Pelo menos assim, tudo acabaria.
Pararia.
Porque eu precisava que tudo isso *parasse* .
Envolvido em minha repentina turbulência emocional, tentei dar sentido aos meus pensamentos, mas tudo estava nublado.
A confusão me engoliu por completo, enquanto os ecos de *sua* voz me faziam perder o controle.
Batendo os dentes, continuei balançando para frente e para trás, enquanto olhava para as fotos instantâneas que havia encontrado no cós da minha saia.
Uma garotinha que se parecia muito comigo.
Não!
Deitada em sua cama.
Pare com isso!
Sem nenhuma roupa.
Não é real!
Tomando seu remédio.
Nunca foi real!
Sendo uma boa menina para o monstro.
Não, não, não! Não é real! Nunca mais pense nisso!
Um soluço rouco escapou da minha garganta, e eu rapidamente afastei as fotos do meu corpo, desesperada para ficar limpa.
Você sabe que é uma pessoa má .
Você também era uma criança má .
Menina imunda .
Todos esses desejos .

Você é mau .
Você não deveria estar aqui .
Você é um erro .
Você é um mentiroso!
Eu sabia que o monstro estava me engolindo em sua barriga novamente, mas não consegui afastá-lo desta vez. Desfiando-me, perdi o controle, cansado demais para me segurar.
Solte-se, abelhinha ocupada Lizzie .
Feche os olhos e simplesmente deixe ir .
Quando isso aconteceu, quando finalmente parei de lutar contra isso e deixei as vozes me engolirem, não senti mais nada.
E foi maravilhoso .

UMA TEMPESTADE ESTÁ CHEGANDO

Hugo

9 DE SETEMBRO DE 2003

ALGO MUITO ERRADO COM L IZ .

Não consegui identificar o gatilho para a mudança repentina e drástica no humor dela. Toda vez que eu tentava tocar no assunto, ela ou perdia o controle ou suas roupas voavam. Ela estava mergulhada em ciclos rápidos, e eu estava apavorada com a possibilidade de uma dessas euforias persistir, porque uma Liz maníaca era aterrorizante.

A última vez que a vi tão descontrolada, ela tentou se enforcar com uma rédea de cavalo. Não era um período da minha vida em que eu me importasse em pensar, porque ainda estava traumatizado. Eu tinha lembranças vívidas de seus olhos negros e selvagens me encarando enquanto ela se equilibrava na beirada do sótão de um dos celeiros de sua família e me pedia para observá-la voar.

Ela pulou naquele dia, mesmo quando eu implorei para que não o fizesse, mesmo quando eu chorei como um bebê. Ela simplesmente *se deixou levar* pela vida, e eu acabei quebrando o cotovelo quando subi nos fardos para derrubá-la.

Havia uma tempestade se formando dentro da minha namorada, e eu estava desesperado para encontrar uma maneira de *impedir que* a história se repetisse.

Eu não conseguia entender por que isso estava acontecendo agora, depois de termos vivido o melhor ano de nossas vidas desde a morte da irmã dela. Pela primeira vez em anos, Liz sentiu um ar de estabilidade e contentamento que não existia antes. As coisas estavam indo bem há mais de um ano, e seu humor se estabilizou depois... sua hospitalização em 2001, e, apesar de algum contratempo ou semana ruim, ela estava prosperando.

Tudo mudou no momento em que voltamos para a escola. Em 24 horas, toda a sua personalidade havia mudado. Liz não voltou para a escola depois do primeiro dia de aula, e quando tentei entrar em contato com ela, todas as minhas ligações e mensagens não foram atendidas.

Quando fui de bicicleta até a casa dela na noite seguinte para fazer o check-in, todas as janelas e portas que davam acesso à casa estavam trancadas e com ferrolho.

Isso não me preocupou muito, pois eu sabia que Mike e Catherine estavam em Tipperary durante a semana, participando de um funeral de família. Pelo contrário, fiquei aliviado por minha namorada estar levando sua segurança pessoal a sério.

O que me incomodou foi o fato de que, pela primeira vez, eu me vi de fora olhando para dentro.

O único contato que recebi da minha namorada foi naquela noite, quando eu estava batendo na porta da frente, e veio na forma de uma mensagem de texto.

Muito doente. Não posso deixar você entrar. Pode ser contagioso.

Quando respondi à mensagem dela, dizendo que não me importava se eu a pegasse, ela enviou uma última mensagem antes de desaparecer.

Eu me importo. Não se preocupe. Ficarei bem em um ou dois dias. Vá para casa. x

Foi isso, a conversa total que tive com minha namorada até ela voltar para a escola ontem. No momento em que cruzei os olhos com Liz no corredor entre as aulas, todas as minhas preocupações se justificaram. Porque ela certamente não era a Liz que eu tinha mandado embora do ônibus na semana anterior.
O corpo inteiro da minha namorada estava tenso, os olhos arregalados e escuros, e ela irradiava um ar de hostilidade de gelar os ossos. Como ela raramente interagia comigo na escola — *obrigada, Claire* —, tive que esperar até a hora do almoço para ficar a sós com ela. Quando me aproximei de Liz na biblioteca, algo que costumávamos fazer um com o outro, de brincadeira, e a puxei de volta para o meu peito, ela *perdeu* o controle. Soltando um grito selvagem, Liz se debateu, chutou e arranhou meus braços com força.
Quando minha namorada se virou e percebeu que era eu, ela investiu contra mim de uma forma totalmente diferente.
Soltando um gemido ofegante, Liz literalmente pulou em meus braços, envolvendo seus braços e pernas em volta do meu corpo enquanto selava sua boca na minha.
Completamente abalado pela mudança repentina em seu humor, não a impedi como deveria e acabei chegando perigosamente perto de lhe dar minha virgindade enquanto tirava a dela.
Eu entendia que minha namorada tinha uma batalha complexa e contínua contra a saúde mental, e que eu havia passado a vida apoiando-a em seus altos e baixos, mas desta vez foi diferente. Uma parte de mim temia que isso fosse mais do que sintomas exacerbados do transtorno bipolar dela.
Porque isso parecia mais sombrio.
"Onde está sua cabeça, Hugo?", perguntou Gibs, me tirando dos meus pensamentos. "Você parece um homem destruído."
"Não está quebrado", respondi em tom descontraído. "Só preocupado."
"Sobre?"
Inclinei a cabeça para onde minha namorada estava dançando e suspirei.
A discoteca de hoje à noite era para comemorar os resultados do nosso certificado júnior, mas eu não conseguia me concentrar em nada além do comportamento estranho que minha namorada estava demonstrando.
Não tive problema algum com Liz se divertindo com os amigos. Pelo contrário, eu a encorajei de todo o coração a sair mundo e se divertir. Minha preocupação vinha do fato de que eu *sabia que* Liz detestava dançar e preferia morder a própria mão a ser pega rebolando ao som de música pop chiclete genérica com um bando de garotas.
"Ah", respondeu Gibs, seguindo meu olhar até onde Liz se esfregava em Claire e algumas garotas do ano deles. "Bem, pelo menos ela está se divertindo."
Liz não estava se *divertindo* , ela estava em uma espiral, e minha irmã era inocente demais para notar a diferença.

"Ora, se não é o próprio gênio." Robbie Mac, felizmente, nos interrompeu. O alívio me inundou quando ele se jogou no banco ao nosso lado. "O que você ganhou de novo, Hughie?", perguntou ele, arrastando a voz por causa da enorme quantidade de vodca que havia tomado, junto com o resto do nosso ano. "Um zilhão de honrarias?"
"Ele tirou onze notas A", informou Gibsie, orgulhosa. "Todas de nível superior." Sorrindo, ele se inclinou e afagou minha cabeça. "Não haverá trabalho braçal no futuro desse cara. O filho da mãe vai ser cirurgião cardíaco."
"Meu Deus." Robbie assobiou baixinho. "É você, Hugh?"
"Esse é o plano", respondi, vendo Feely saindo correndo com uma ruiva baixinha.
"Bem, parabéns", respondeu Robbie, apontando o dedo para si mesmo. "Sou um babaca. Mal passei na maioria das minhas provas — fui reprovado em três. Vou ficar limpando merda na fazenda do velho pelo resto da minha vida."
"Entre para o clube", disse Gibs, dando sua opinião. "A única universidade que verei é quando visitar os rapazes."
Tentei acompanhar a conversa, realmente tentei, mas não importava o quanto eu tentasse, minha atenção voltou para Liz.
Uma sensação horrível de aperto tomou conta do meu estômago, enquanto uma voz no fundo da minha mente alertava: *Uma tempestade está chegando* .

NUNCA ME SENTI MELHOR

Lizzie

22 DE SETEMBRO DE 2003

“COMO VOCÊ ESTÁ SE SENTINDO , L IZZIE? ”
Como se eu quisesse enfiar essa caneta que você está girando no seu olho . "Tudo bem."
“Algum pesadelo recente?”
Como se você se importasse . "Não."
“Como você está indo nos testes na escola?”
Mais alto do que você jamais esteve . "Só notas A."
“Você tem alguma pergunta?”
Sim . "Não."
Eu podia ver a preocupação nos olhos do médico.
Eu consegui registrar isso, mas nada mais apareceu.
O pobre tolo estava perdido comigo, o que me convinha muito bem, porque nada mais fazia sentido.
Exceto as cores.
Puta merda, as cores eram hipnotizantes.
Meus sentidos estavam aguçados a ponto de eu sentir que havia evoluído espiritualmente.
Eu podia sentir o ar tocando minha pele.
Pensei que poderia ser a primeira pessoa a ver oxigênio.
Estava cobrindo minha pele como êxtase.
Respirar me fez sentir saudades de Hugh, e eu não conseguia ficar parada.
Eu estava inquieto e cheio de desejos e vontades insuportáveis.
Porra, eu amava essa vida.
Eu queria subir em uma nuvem com Hugh Biggs e levá-lo para longe de todos os nossos chamados amigos.
Fique com ele para sempre e nunca o devolva.
Talvez essa fosse a sensação de entrar em uma espiral.
Eu não tinha ideia e me importava menos ainda.
Tudo era um gatilho, me levando a um estado de agitação e necessidade de me movimentar. O desconforto pulsava em minhas veias como um tambor, me levando a me mexer, rir, correr e fazer qualquer coisa que pudesse para me livrar daquela sensação.
Para expulsá - *lo* .
Empurre-o para longe .
Muito, muito longe .
Pense em Hugh .
Pense em como os dedos dele fazem você se sentir bem .
Contendo um gemido, fechei minhas coxas com força e resisti à vontade de me balançar no assento duro embaixo de mim e fingir que era o rosto dele.

Meu corpo estava queimando.
Chamas saindo das pontas dos meus dedos.
Estou com fome .
Estou com uma fome da porra .
Eu precisava do físico.
Eu precisava disso como precisava respirar.
Como se eu precisasse que minhas veias continuassem distribuindo sangue para meu coração negro.
Tudo que eu queria era Hugh.
"Certo, Lizzie", disse o médico, pigarreando. "Por que você não se senta na sala de espera enquanto eu falo com sua mãe?"
Eu não queria ficar sentado na sala de espera.
Eu queria *tocar* .

“Há quanto tempo você está apresentando esses sintomas?”, perguntou minha mãe no caminho para casa.
"Hmm?", pensei, cativada por como as casas pareciam tão borradas enquanto passávamos em alta velocidade. "Mais rápido, mãe."
“Vou respeitar o limite de velocidade, Lizzie.”
Apertando o botão da minha porta, estremeci de alegria quando uma rajada repentina de ar atacou meus sentidos.
O cheiro.
O sabor.
A vista.
Puta merda, nunca me senti tão vivo.
Como se eu pudesse enfrentar o mundo.
Como se eu pudesse derrotar meus inimigos.
“Lizzie!”, gritou mamãe, exigindo minha atenção.
"O quê?", gritei, subitamente furiosa. "Eu estava fazendo alguma coisa!"
Mamãe olhou para mim, com os olhos cheios de preocupação. "O Dr. Priestly acha que você está passando por um ciclo rápido."
"Ele está falando merda", ri, estendendo a mão para dar um tapinha no joelho dela. "Nunca me senti melhor, mãe."

GAROTAS ESCORREGANDO E CENTROS FERVENDO

Hugo

9 DE OUTUBRO DE 2003

"VOCÊ PRECISA SE CONCENTRAR NO JOGO", INSTRUIU K AV QUANDO ENTREI EM CAMPO dez minutos depois do resto do time. "Esta é a quarta vez neste mês que você se atrasa para o treino, e você faltou ao jogo da quinta-feira passada." Ele me lançou um olhar severo. "O que seria irritante se você fosse um jogador medíocre, mas não é. Você é um ótimo abertura e o melhor dos dez que temos. O time precisa de você, então coloque suas prioridades em ordem, rapaz."
"Eu tenho uma namorada, Cap." *Uma namorada doentia, aliás* . "Desculpe o atraso, mas ela precisava de mim." Dando de ombros, acrescentei: "Ela vem em primeiro lugar."
Meu capitão olhou para mim como se eu tivesse nascido com duas cabeças na frente dos seus olhos. "Você é louco?"
"Não", respondi lentamente. "Mas se você espera que o rúgbi seja minha prioridade, então já te digo que isso nunca vai acontecer", respondi, sem querer suportar o mau humor dele. *Não quando eu já aguentei o dela* .
Embora eu apreciasse a fisicalidade do rúgbi e a descarga de adrenalina que ele proporcionava, não era o meu mundo inteiro como era o do Johnny. Eu gostava de todos os esportes porque era naturalmente atlético, mas isso era o mais profundo para mim. Planejava continuar jogando até terminar o ensino médio e depois pendurar as chuteiras na universidade. Porque se eu conseguisse o curso que queria na Trinity, e *conseguiria* , teria pouco tempo para dormir, muito menos para atividades extracurriculares.
Balançando a cabeça, corri na direção do resto do time antes que nossa discussão esquentasse.
Diferentemente da amizade que ele tinha com Gibs, Johnny e eu não tínhamos o tipo de amizade que me permitisse confiar a ele o verdadeiro motivo do meu absenteísmo.
Quando ele se mudou para Ballylaggin, era extremamente reservado com qualquer pessoa que não tivesse o nome Gibsie. Na época, ele estava tão irritado com a mudança que não queria nem pensar em criar raízes com os amigos. Estava tão decidido a voltar para Dublin que se recusou terminantemente a se envolver com qualquer pessoa que não fosse Gibsie. Ele sentou com nós três no almoço e formamos um quadrado, mas juro que, no começo, Feely e eu poderíamos ter discutido construir uma bomba na frente dele, e ele não teria se mexido. Ele era completamente independente de nós. Quando chegamos ao segundo ano e Johnny finalmente começou a aceitar que seu novo lar era o seu lar permanente, ele começou a se aproximar do resto da gente.
Isso não quer dizer que Johnny não fosse um bom amigo meu. Ele *era* ... Ele foi

o primeiro a intervir para defender nós três e *sempre* cumpriu sua palavra. Se o Capitão dissesse que faria algo, era feito, e se ele dissesse que estaria em algum lugar, você não precisava se preocupar com ele não aparecer. Sua palavra era boa, seu coração era de ouro, sua vida amorosa era privada, seus lábios eram selados e sua devoção ao rúgbi era incomparável.
Johnny vivia com uma rotina rígida e via o mundo através de uma lente preto e branco. Mesmo que fôssemos próximos o suficiente para discutir assuntos profundos e significativos, meu relacionamento com Liz não era algo em que ele fosse muito versado.
Como Johnny chegou à cena apenas alguns meses antes da morte da irmã dela e ele tinha uma agenda lotada que lhe deixava pouco ou nenhum tempo livre, nunca tive a chance de apresentá-lo a Liz.
Depois do funeral, qualquer chance de eles interagirem foi por água abaixo quando Liz se afastou completamente do nosso grupo de amigos numa tentativa de se distanciar do melhor amigo de Johnny.
Quando Liz se juntou a Tommen, dois anos depois, ela se manteve distante de Gibs. Na escola, minha namorada mantinha distância de qualquer pessoa e qualquer coisa remotamente relacionada a Gibs, o que, por acaso, incluía o namorado dela. *Eu* .
A reação inicial da minha irmã ao nosso relacionamento afetou profundamente minha namorada, a ponto de ela continuar se esforçando para manter nosso relacionamento longe da Claire, mesmo que ela já não se importasse com isso há muito tempo. Portanto, nas raras ocasiões em que nos encontramos na escola, em algum lugar que não fosse a antiga biblioteca, ela nunca demonstrou carinho comigo abertamente.
Na verdade, Liz era tão reservada na escola que não me lembro de nenhuma vez em que ela tivesse falado com Johnny.
Por outro lado, Johnny não tinha o menor interesse em saber um único detalhe da nossa vida pessoal que não fosse sobre nutrição, qualidade do sono e precisão em campo. A única vez que ele falou sobre namoradas foi para nos avisar para não nos distrairmos. Nunca, nos três anos em que o conheci, ele sequer me perguntou o nome da minha namorada.
O que me fez perguntar: como Johnny poderia se identificar com o que eu estava passando com Liz? Como ele poderia entender que, para mim, uma garota veio antes do rúgbi?
Ele não conseguiu .
Talvez um dia, uma garota entrasse em seu mundo e o colocasse de joelhos, como Liz fez comigo, mas até esse dia chegar, era mais fácil não dizer nada.
"Está tudo bem, Hughie?", perguntou Feely quando me juntei a ele para me alongar. Seus olhos azuis estavam cheios de preocupação. "Você tem se atrasado bastante ultimamente."
"Você também não", resmunguei, esticando os glúteos. "Acabei de levar uma pancada no pescoço do Cap, rapaz. Não preciso de mais um sermão seu."
"Sem sermão", respondeu ele calmamente. "Só preocupação."
"É, bom, eu também", murmurei baixinho.
Feely estremeceu. "Ela está bem?"
Não. Nem de perto .

A ligação que recebi da mãe dela depois da última consulta de Liz confirmou que eu estava certo.
Minha namorada estava entrando em parafuso novamente.
Os médicos aumentaram a dose da medicação atual e adicionaram outro comprimido à longa lista, na esperança de afastá-la da beira da mania total, mas até agora não houve efeito.
"Ela vai ficar bem", eu disse.
Feely não era obtuso e sabia que algo estava acontecendo, mas teve o bom senso de não fazer perguntas. Ele sabia que, quando se tratava da Liz, eu era extremamente protetor. *E ainda mais reservado* .
"Tudo bem, rapaz", respondeu ele, apertando meu ombro em sinal de apoio. "Estou aqui quando precisar de mim."

ABRAÇOS, BEIJOS E MANIA HIPERSEXUAL

Lizzie

13 DE OUTUBRO DE 2003

A MEDICINA NÃO FUNCIONOU MAIS COMIGO .
A terapia funcionou ainda menos.
Quando contei isso a Hugh, depois da minha última reunião com os jalecos brancos, ele perdeu o rumo.
"Se você se abrisse e contasse a eles o que está acontecendo dentro desse seu cérebro, talvez eles pudessem encontrar o tratamento certo." Encostado no balcão da minha cozinha, ele continuou descascando uma maçã. "Eu sei que você não está falando abertamente nas suas sessões", continuou resmungando. "E eu sei que seus sintomas bipolares estão te destruindo, querida, então, por favor, me faça um favor e comece a conversar com os médicos." Ele implorou com os olhos para que eu escutasse. "Eles podem te ajudar se você simplesmente se abrir."
Sim, porra, certo .
"Eles só receitam mais comprimidos", lembrei-o do meu lugar na ilha. "Não preciso de mais comprimidos, Hugh."
"Com certeza, se é isso que eles acham que vai ajudar", argumentou ele, colocando a pele cuidadosamente descascada na minha mão. "Isso é *sério* , e precisamos resolver isso agora, querida."
"Olha pra mim, Hugh", sorri para ele. "Estou bem."
"Atualmente", respondeu ele. "Mas você não está bem, Liz. Você sabe que seu humor está mudando rápido demais para ficar bem."
"Eu *não sou* maníaca", argumentei, odiando que ele estivesse acabando com a minha euforia. "Não vou *ficar* maníaca."
"Você sabe como começa", continuou ele, ignorando meus apelos por sanidade e serenidade. "É assim mesmo. Você tem altos e baixos por algumas semanas, enquanto a montanha-russa sobe cada vez mais, até chegar ao auge e ser sugado para outro episódio devastador."
Arqueei uma sobrancelha, achando graça da analogia. "Eu sou uma montanha-russa?"
"Você é uma montanha-russa de oscilações de humor", brincou ele. "Começa com a subida, também conhecida como alegria, e depois você sobe mais para a parte dos beijos, e depois mais para as noites sem dormir e fica mais imprudente com a vida, até chegar ao auge, fazer algo que quase te mata e cair na depressão." Coçando o maxilar, ele deu uma mordida na maçã antes de acrescentar: "Não se esqueça que sou passageiro dessa montanha-russa desde os sete anos."
“Se você odeia tanto, por que continua andando comigo?”
"Porque eu te amo", ele respondeu simplesmente. "E a vida nunca é chata com você."

Observei enquanto seus dentes afundavam na maçã e um choque de consciência me atingiu profundamente.
Incapaz de me conter, percorri-o com o olhar, avidamente.
Ele tinha os melhores antebraços. Sua camisa estava arregaçada até os cotovelos e ele tinha antebraços lindos e musculosos. Cheios de veias e fortes, com uma camada de pelos escuros.
Linda pra caralho .
"Fique nua", ronronei, abrindo os botões da minha camisa da escola. "Agora."
"Ah, não, não, não", alertou meu namorado, erguendo a mão. "Cubra esses peitos, bruxa. Não vamos fazer isso agora."
"Por que não?", perguntei, encostando-o no balcão. Ajoelhei-me e estendi a mão para o botão da calça dele. "Sabe que tenho a casa livre até hoje à noite."
"Viu, foi exatamente isso que eu quis dizer sobre suas mudanças de humor", argumentou Hugh, tentando, sem sucesso, afastar minhas mãos. "Querido, estamos no meio de uma conversa e você está tentando... foder!" Um chiado agudo escapou dele quando minha boca chegou ao seu comprimento.
"Mm", gemi, trabalhando-o freneticamente com lábios, dentes e língua.
"Espere, espere, espere", ele gemeu, os quadris se movendo por conta própria. "Você não precisa fazer isso..."
Suas palavras foram interrompidas quando cruzei meus olhos com os dele e tracei seu comprimento com minha língua.
"Querida", ele sussurrou, e então uma de suas mãos estava no meu cabelo, enquanto a outra segurava minha nuca. "Não consigo pensar direito quando você encosta a boca em mim."
Bom.
Era exatamente isso que eu queria.

AMIGOS SORRIDENTES E NAMORADAS SORRIDENTES

Hugo

17 DE OUTUBRO DE 2003

"QUEM COLOCOU ESSE SORRISO NO SEU ROSTO? " , PERGUNTOU AO FEELY QUANDO ELE SE ENCONTROU COMIGO NO PONTO DE ÔNIBUS DEPOIS DA AULA, NA SEXTA-FEIRA. "Rapaz." Ri ao ver sua expressão corada. "Você está ficando vermelho."
"Não estou corando, Hughie", respondeu ele, tentando disfarçar o rubor esfregando o queixo. "Saí da última aula mais tarde do que o esperado." Ele deu de ombros, dispensando a ideia. "Estou corado da corrida."
"Você está corado por causa de uma garota", desafiei, rindo. "Quem é ela?"
“Ninguém, porque não há nenhuma garota”, ele disse rapidamente — rápido demais.
"Vamos lá", provoquei, dando uma cotovelada em seu flanco. "Desembucha."
"Tudo bem, tudo bem!" Passando a mão pelos cabelos escuros, ele olhou para qualquer lugar, menos para mim, antes de dizer: "Pode ser uma garota."
"Hah", ri. "E quem será essa garota?"
“Apenas alguém que conheci no clube de música da escola.”
"Ah, é mesmo?", sorri. "Eu a conheço?"
"Acho que não", respondeu ele. "Ela é nova."
“E essa menina tem nome?”
"Ela sabe", respondeu ele lentamente. "Mas ainda é cedo, e não quero dizer mais nada até saber mais." Ele soltou um suspiro. "Isso faz sentido?"
"É, rapaz", respondi, dando um tapinha em seu ombro. "É verdade."
"Mas, ah, se eu souber mais quando chegar o seu aniversário, você acha que tudo bem se eu, ah..." Suas palavras falharam e ele se mexeu, desconfortável.
"Pode trazer quem quiser, rapaz", completei, sentindo pena do meu amigo porque sabia que não seria fácil para ele.
As habilidades de comunicação de Feely sempre foram, na melhor das hipóteses, mornas. Pelo que me lembro, ele nunca fora de se expressar ou exigir atenção das pessoas. Não que fosse particularmente tímido ou inseguro. Ele simplesmente parecia se isolar socialmente. Mantinha as cartas escondidas e era quase tão alérgico quanto Johnny à ideia de ser amarrado.
Embora Feely tivesse tido uma boa dose de encontros casuais, ele nunca nos apresentou uma garota. Quando éramos mais novos, eu achava que tinha a ver com a paixão de infância dele por Liz, mas quando ele subiu de nível no ensino médio, percebi que ele era apenas emocionalmente fechado. Então, essa garota misteriosa tinha que ter algo especial para conquistar uma das cordas mais reservadas do coração de Feely.
O ônibus escolar chegou um instante depois e nos sentamos em nossos lugares

de sempre. Não precisei esperar muito pela minha colega de ônibus, pois ela entrou correndo no ônibus um instante depois, arrastada pela minha irmã indisciplinada.
"Desculpe, estamos atrasados, senhor", disse Claire a Micky, nosso motorista idoso. "Havia um rapaz." Soltando um suspiro profundo, minha irmã bloqueou o trânsito para falar com o motorista. "O nome dele é Jamie Kelleher." Ela apontou para o peito. "E ele me convidou para sair, senhor. *A mim* !"
"Claire, quantas vezes eu tenho que te dizer para não me chamar de senhor?", respondeu Mickey. "Sou motorista, não professor, querida." Ele riu antes de acrescentar: "Pode ir, que boa menina."
"Certo, senhor", disse minha irmã animadamente, soltando a mão da minha namorada com gratidão quando ela se sentou. "É, quero dizer, Mickey, senhor."
"Ela comeu um saco de Skittles na aula dupla de matemática", explicou Liz, quando chegou aos nossos lugares e levantou a saia para subir no meu colo. "O que equivale a conectá-la a um poste de energia."
"Parece que você vai ter uma festa do pijama agitada no quarto dela hoje à noite", pensei, olhando descaradamente para a visão de perto e imprópria das suas coxas.
"Quem disse alguma coisa sobre eu dormir no quarto *dela* ?", ela provocou.
Abri a boca para retribuir o flerte, mas minhas palavras ficaram presas na garganta e meu corpo inteiro enrijeceu.
Puta merda, vá para o inferno!
"Espere uma visita tarde da noite na sua cama", Liz ronronou, jogando-se no assento da janela.
Com o maxilar cerrado, forcei-me a concordar.
Porque aqui *não era* o lugar para o que eu tinha a dizer a ela.

DOBRANDO A PONTO E FICANDO FIRME

Lizzie

17 DE OUTUBRO DE 2003

“ NÓS PRECISAMOS CONVERSAR” FORAM AS PRIMEIRAS PALAVRAS QUE H UGH DISSE QUANDO ME SEGUIU ATÉ O SEU BANHEIRO NO ANDAR DE BAIXO, ASSIM QUE DESCEMOS DO ÔNIBUS.
"Ah, estou literalmente fazendo xixi", lembrei-o do meu lugar no assento do vaso sanitário. "Isso pode esperar?"
"Não, não pode", ele retrucou, virando-me as costas. "Então, anda logo."
Jesus .
Ele parecia furioso.
Apressando meus afazeres, rapidamente arrumei minhas roupas e dei descarga antes de ir lavar as mãos na pia.
"Ok, terminei", anunciei. "Sobre o que precisamos conversar?"
"Aqui não", respondeu ele, virando-se para me olhar. "No meu quarto." E então, antes que eu tivesse a chance de responder, ele agarrou minha mão e praticamente me arrastou escada acima com ele.
"Certo, agora você pode me dizer o que houve?", perguntei quando ele bateu a porta do quarto atrás de nós. "Hugh?"
"Eu sabia", ele disparou, andando de um lado para o outro no quarto como um louco. "Eu sabia, Liz."
"Você se importaria em me contar o que sabe?", respondi, com as mãos na cintura. "E por que está tão irritado comigo?"
"Você está se cortando de novo", ele disparou. "Quando você me *prometeu* , você tinha parado."
" *Parei* ", gritei de volta. "As cicatrizes nos meus pulsos são antigas, Hugh."
"Você acha que eu sou burra?" Meu namorado se virou para me encarar. "Você acha que eu não consigo perceber quando você está escondendo alguma coisa de mim?"
"Não estou!", sibilei, sentindo minha raiva aumentar junto com a dele. "Não estou fazendo nada de errado."
"Venha aqui", disse ele então, indo até a cama e sentando-se na beirada. "Venha aqui, Liz." Ele deu um tapinha no colchão ao lado, ainda com uma expressão furiosa. "Quero te mostrar uma coisa."
Relutantemente, caminhei até onde ele estava sentado e me sentei ao seu lado. "O quê?"
Ele agarrou a bainha da minha saia escolar e perguntou: "Posso?"
"Tá, tá bom", respondi com raiva. "Faça o que quiser."
Respirando fundo, ele levantou o tecido da minha saia, revelando o ápice das minhas coxas. Para revelar as lesões recém-cicatrizadas na minha pele. As mesmas que eu mesma causei no banho ontem à noite.
Ah, droga .

Hugh soltou um suspiro de frustração e ajeitou minha saia. "Eu percebi quando você entrou no ônibus." Ele se virou para me encarar. " *Agora* me diga que você não vai se cortar de novo."
Minha mente ficou completamente em branco e não consegui pensar em nada para dizer em resposta.
Porque eu esqueci.
Porque eu menti.
Porque quebrei minha promessa.
“Mas não é só isso que você está escondendo de mim, não é?” Levantando-se, ele caminhou até sua mesa e agarrou meu mochila. Voltando para o meu lado, ele colocou minha mochila no meu colo antes de me instruir a "tirá-las".
O pânico tomou conta de mim.
Eu estava passando o fim de semana na casa dele, e ele sabia que isso significava que a mamãe tinha embalado toda a minha receita. "Hugh."
"Tire-os daqui, Liz", repetiu ele, com severidade. "Tire-os agora mesmo, ou vou te levar para casa e vamos conversar com seus pais."
“Não, não, não, por favor, não faça isso.”
“Então *tire* -os.”
Um profundo arrepio de repulsa tomou conta de mim, e silenciosamente fiz o que ele pediu.
"Desculpe", sussurrei ao entregar a garrafa. "Achei que não teria problema."
Hugh não respondeu.
Em vez disso, ele desatarraxou a tampa do meu frasco de comprimidos e despejou todo o conteúdo em uma das mãos.
Cheia de vergonha, esperei em silêncio enquanto ele contava cada comprimido antes de colocá-los de volta no frasco. "Há quanto tempo você parou de tomar seus remédios?"
"Só algumas semanas", respondi, sentindo meus olhos lacrimejarem. "Quando mudaram a dose, meu cérebro ficou nebuloso e lento, então eu simplesmente..."
“Você simplesmente decidiu parar de tomá-los sem supervisão médica *novamente* e que se danem as consequências *novamente* ”, Hugh disse sem expressão.
Minhas lágrimas transbordaram e tentei defender meu caso. "Você não entende como eles me fazem sentir."
"Eu entendo o que acontece quando você não os pega", ele retrucou, as emoções acompanhando a voz. "Eu entendo que da última vez que você fez isso, você quase *morreu* ." Seus olhos se encheram de lágrimas e seu peito arfava enquanto ele continuava a gritar: "Eu tive que te cortar com uma corda improvisada, Liz! Você passou "Seis semanas numa maldita cama de hospital. Por que você pensaria *em* parar de tomar seus remédios de novo?"
"Desculpe, desculpe", eu disse, estrangulada, indo rapidamente em sua direção. "Eu não sei o que eu estava pensando, ou se eu estava mesmo pensando, para começo de conversa. Eu só... eu só..."
"Você só *o quê* , Liz?", ele perguntou, parecendo arrasado. "O que você achou que ia acontecer?"
"Eu não pensei", respondi, sentindo demais naquele momento. "É esse o ponto."
"Não vou passar por isso com você toda vez que decidir que está curada", alertou

ele, balançando a cabeça. "Não tem cura, Liz, mas tem *tratamento* , então se deixe tratar, porra!"
"Eu só queria ser normal, tá?", gritei, com lágrimas escorrendo livremente pelo meu rosto. "Eu só queria uma chance de ser como qualquer outra pessoa da nossa idade, que não precisa enfiar comprimido atrás de comprimido goela abaixo para funcionar!" Sentindo que estava escorregando, agarrei meu cabelo e puxei, precisando da angústia física para distrair minha mente do colapso que estava se formando. "Eu não quero viver minha vida assim. Uma cobaia para psiquiatras testarem tratamentos diferentes."
"Liz, vem cá", Hugh tentou me persuadir, aproximando-se de mim com os braços estendidos. "Está tudo bem, querida, a gente resolve isso."
"Não, não, não — não faça isso." Balancei a cabeça e me afastei dele. "Não me abrace quando estiver bravo comigo, Hugh, porque sei que será por pena!"
"Que pena", ele retrucou, fechando o espaço entre nós e me puxando bruscamente para seus braços. "Porque eu nunca vou deixar de te abraçar, Liz."

EU VOU BAIXAR E BALANÇAR

Lizzie

19 DE OUTUBRO DE 2003

No momento em que entrei pela porta da frente de casa na noite de domingo , depois de passar as últimas quarenta e oito horas no hospital, fui direto para o meu quarto, apesar dos protestos da minha mãe, para descer e *conversar* com ela.
Sim, ela pode ir para o inferno, junto com meu pai babaca e meu namorado traidor.
Dane-se cada um desses idiotas.
Batendo a porta do meu quarto, andei de um lado para o outro como um louco, anotando cada letra do meu diagnóstico.
Transtorno bipolar de início precoce era um termo usado desde que me lembro, e era a razão dada pelos médicos para minha mente catastrófica.
Quando a doença começou na infância, como aconteceu comigo, era extremamente difícil de tratar e, muitas vezes, considerada mais grave, com um prognóstico pior, do que o transtorno bipolar de início tardio.
Como os tratamentos disponíveis para pessoas com transtorno bipolar de início na idade adulta não estavam disponíveis para crianças, tornou-se uma questão de tentativa e erro por parte dos profissionais médicos até que encontrassem um tratamento eficaz.
Essa era a explicação que eu recebia toda vez que me encontrava diante de um novo médico ou recebia uma prescrição de um novo medicamento aleatório para me “curar”.
Embora meu humor parecesse se estabilizar com a última mistura de medicamentos que eles prepararam durante minha última hospitalização, a eficácia havia diminuído a ponto de eu estar em ciclos rápidos.
O psiquiatra de plantão no hospital neste fim de semana disse aos meus pais que os altos e baixos extremos pelos quais eu estava passando, alternando rapidamente entre episódios maníacos e depressivos, eram resultado de "episódios mistos" — algo comum em crianças e adolescentes com a minha doença.
Eu entendi isso.
Foi *a minha* experiência vivida, não a deles.
eu quem foi tomado pela mania antes de ser cuspido de volta às profundezas infernais da depressão.
eu quem perdeu a noção do tempo e das memórias.
Eu era aquela cuja vontade enfraquecia a cada dia que passava.
Eu era quem não tinha fé nem esperança no futuro.
eu quem destruiu minha alma com a mente.
E fui *eu* quem teve que viver assim até o dia da minha morte.
Nenhum desses idiotas tinha a mínima ideia de como era a vida para mim, e nenhum livro, pesquisa ou credencial universitária poderia ensiná-los.

É claro que o primeiro instinto da mamãe foi chorar, enquanto o do papai foi tentar me internar para tratamento hospitalar.
Felizmente, ele não conseguiu o que queria, e me permitiram voltar para casa naquela noite, completamente drogado com antipsicóticos e sedativos, e uma nova receita que meu pai jurou que me forçaria fisicamente se eu sequer pensasse em transar.
Como se eu desse a mínima para o que ele faz .
Ele poderia tentar me prender o quanto quisesse, mas eu cairia lutando.
"Liz", a voz familiar de Hugh veio do outro lado da porta do meu quarto. "Posso entrar?"
"Para você poder espionar mais um pouco para os meus pais?", gritei de volta, parando no meio do caminho para encarar a porta fechada. "Não, obrigado, Judas."
Ouvi meu namorado soltar um grunhido de frustração antes de empurrar a porta e entrar no meu quarto. "Eu sei que você está brava, mas preciso que você converse comigo sobre isso."
"Por quê? Você já gastou suas trinta moedas de prata?", retruquei com raiva, colocando as mãos na cintura. "Precisa desvendar mais alguns dos meus segredos?"
"Eu *não* te traí", ele retrucou, imitando minhas ações. "E você vai ver isso quando..."
"Quando eu estiver o quê, Hugh?", gritei, o corpo queimando de raiva. "Hã? Quando eu estiver *o quê* !"
"Quando você for *você* de novo!", ele rugiu, perdendo a calma comigo. "Quando você for *você* , Liz."
"Notícia de última hora, seu babaca, sou eu!", gritei de volta, jogando as mãos para o alto. "Sou eu, e você pode pegar ou largar."
"Liz." A voz de Hugh estava mais calma quando ele se aproximou e colocou as mãos nos meus ombros. " *Olhe* para mim."
"Não, não, não", respondi, balançando a cabeça. "Nem pense em fazer essa coisa comigo."
"Não estou fazendo nenhuma cena", respondeu ele, com a voz dolorosamente gentil enquanto eu gritava como uma alma penada. "E também não vou te deixar." Suas mãos se ergueram para segurar meu rosto. "Só olha pra mim, querida." Seus polegares acariciaram minhas bochechas com ternura. "Hmm?" Ele se aproximou. "Volta pra mim..."
"Ele sabe todas as maneiras que eu tive você, pequenininho?"
“Ele nunca terá suas primeiras vezes, pequenininho…”
“Todos eles me pertencem…”
“Vou garantir que Biggs saiba o quão vadia é sua namoradinha…”
“E então eu vou matá-lo…”
Uma lágrima solitária escorreu pela minha bochecha e eu me inclinei em direção ao seu toque. "Não consigo."

LIAISONS NA HORA DO ALMOÇO NAS BIBLIOTECAS

Hugo

24 DE OUTUBRO DE 2003

" VOCÊ CONVIDOU A L ISA D ONOVAN DO SEXTO ANO PARA SER SUA NAMORADA NO FIM DE SEMANA?" Feely perguntou a Johnny durante um grande almoço na sexta-feira.
Estávamos dando uma pausa na escola hoje para o exame de Halloween e, em vez de ficar feliz com meu aniversário que se aproximava e uma semana de folga da escola, nunca me senti tão estressado.
“Porque ela está dizendo para a escola inteira que está com você.”
"Eu transei?", Kav gaguejou, parecendo completamente ofendido com a ideia. "O que você acha que eu sou? Um babaca?" Esticando o pescoço, ele olhou para o refeitório. "Qual delas é ela?"
Feely apontou para a garota em questão, do outro lado do refeitório. "A loira com a bunda enorme."
Observei nosso capitão se esforçar para ver melhor o loiro antes de balançar a cabeça. "Não", confirmou ele antes de retomar o almoço. "Nunca aconteceu."
“Bem, segundo ela, você fez.”
"Bem, na minha opinião, não", Kav retrucou, parecendo irritado com a inquisição. "Rapaz, eu nunca falei com aquela garota, muito menos pedi para ela ser minha maldita namorada."
"Você poderia ter feito coisa muito pior, Johnny", Gibsie riu baixinho. "Ela está no sexto ano, sabia?"
"Então por que você não a convida para sair, Gibs?", Kav retrucou, batendo na cabeça de Gibs com uma bola de papel-alumínio enrolada. "Já que você gosta tanto de mulheres mais velhas." Dando de ombros, ele acrescentou: "Além disso, eu não gosto de loiras."
"Você não?", perguntou Feely, com as sobrancelhas erguidas em surpresa.
"O que posso dizer?", respondeu Kav, dando de ombros novamente. "Sou mais um homem moreno."
" *Eu não gosto de loiras* ", imitou Gibsie antes de levantar o dedo médio para ele. "Como você me chama, babaca?"
"Estou te fodendo, Gerard?"
“Espero sinceramente que não, Jonathan.”
“Bem, então aí está.”
“Digamos que você gosta de loiras.”
"Eu não vou."
"Diga."
"É uma preferência. Eu *posso* ter uma preferência, seu babaca."
"Com certeza não", Gibsie bufou. "Não quando me deixa de fora."

"Meu Deus, Gibs, não é nada pessoal, rapaz", resmungou Kav. "É só o loiro da minha mãe."
"E daí?" Gibsie o encarou do outro lado da mesa. "Não estou pedindo para você transar com a sua mãe." Sorrindo, ele acrescentou: "Vou te poupar do trabalho e fazer isso por você."
"Tire esses olhinhos pequenos e brilhantes da minha mãe, ouviu?"
"Eu não tenho olhos pequenos. Eu tenho olhos de quem dorme."
“Alguém o tire de mim antes que eu o estrangule.”
"Não posso, Cap", Feely riu. "Você assumiu a custódia permanente dele na sexta classe. Ele é seu para cuidar."
"Para ser justo, acho que todos nós transaríamos com sua mãe, Johnny", Robbie Mac disparou.
O resto de nós riu alto perto dele, enquanto nosso capitão o encarava em silêncio, encarando sua lancheira de merda cheia de frango como se fosse *incompreendido* . "Eu odeio todos vocês."
"Você já contou ao Hughie sobre o seu plano genial?", perguntou Feely, com os olhos cheios de diversão, enquanto olhava para Gibs. "Provavelmente deveria, considerando que vai acontecer na casa dele."
"O quê?" Contendo um gemido, olhei para os dois. "O que você fez, Gibs?"
"Era para ser uma surpresa, Patrick", Gibsie bufou, encarando nosso amigo. "Você não consegue guardar nada para si?"
" *Eu* ?" Feely riu. "Quem fala é você, rapaz. Além disso, tenho quase certeza de que o Hughie teria percebido quando você começou a contrabandear cerveja para a cozinha dele."
Ele não precisou dizer mais nada.
Eu já tinha clicado.
Minha irmã recebeu um telefonema do técnico de hóquei da escola na semana passada. O time sênior teve um blitz importante em Kildare no dia seguinte ao meu aniversário, e uma integrante do time quebrou o tornozelo. Quando o técnico perguntou a Claire se ela estaria disposta a trocar temporariamente o time júnior pelo sênior, ela concordou imediatamente.
Minha mãe, sendo mãe, concordou imediatamente em levá-la e trocou de turno no trabalho para que isso acontecesse. Seria uma estadia de uma noite, com mamãe e Claire partindo ao raiar do dia seguinte ao meu aniversário.
A parte mais chocante do plano foi quando *o pai* disse a eles para reservarem quartos adjacentes no hotel porque *ele* iria com eles.
"Diga que não", eu disse secamente, olhando para Gibs do outro lado da mesa de almoço. "Diga que não planejou uma festa na *minha* casa, porra."
Ele sorriu timidamente. "Receio que não possa, Hugo."
Eu sabia .
Aquele sacanazinho furtivo, de mamilos furados, estava agindo de forma estranha desde que o técnico da minha irmã ligou. "A mamãe já vai dar uma festa para mim na noite de Halloween."
"E *vou* te dar uma ainda melhor no *sábado* à noite", ele respondeu, sorrindo como um idiota. "Sem a mamãe irlandesa."
"Cancele", eu disse bruscamente, olhando feio para ele.
"Receio que também não posso fazer isso." Ele riu nervosamente. "Os convites

foram enviados há dias."
"Por que você não muda para a sua casa, Gibs?", perguntou Feely, enquanto eu reprimia a vontade de sufocar a dor no meu âmago que era Gerard Gibson. "Seus pais estão na Espanha até domingo, não estão?"
" *Pai* ", corrigiu Gibs antes de divagar rapidamente. "E eu faria se pudesse, mas você sabe como o Brian assusta todo mundo, e a mamãe deixa ele livre para comandar a casa."
"Só tranque-o no jardim esta noite", sugeriu Feely. "Um pouco de ar fresco não vai lhe fazer mal."
"Não é o Brian que eu tenho medo que me machuque", Gibsie murmurou baixinho, parecendo comicamente aterrorizado. "Ele é do tamanho de uma cabra, Feely. Uma cabra muito má, muito má, eu te digo!"
Decidindo me desculpar antes que perdesse a preciosa paciência que me restava, fui em busca da garota que estava cuidadosamente me evitando a semana toda.
Eu sabia que estava na lista negra dela por ter contado aos pais dela que ela havia parado de tomar os remédios, e Liz sabia que ela estava na minha por ter parado de tomar os remédios.
Uma grande parte de mim se arrependeu de ter aberto a boca porque Mike imediatamente ameaçou a filha com hospitalização. Essa ameaça em particular costumava assustar minha namorada e deixá-la em pânico, mas, em vez de se render, ela riu na cara dele.
Suas mudanças de humor eram alucinantes, e eu tinha uma lesão no pescoço tentando acompanhar. Nós dois nos sentíamos traídos, mas em vez de discutir como sempre fazíamos, minha namorada começou a me evitar, o que, eu tinha que admitir, era uma novidade para nós.
Quando ela não estava com Claire à mesa, eu sabia exatamente onde ela estaria. O mesmo lugar para onde ela se escondia desde que entrara no primeiro ano. Porque eu conseguia lê-la melhor do que qualquer um dos livros que ela tinha ao seu redor. Ela era minha área de estudo, meu assunto mais forte, e eu tinha certeza de que nenhum outro coração poderia ser especialista na área de Elizabeth Eleanor Young.
Quando cheguei à antiga biblioteca, fui direto para a ala esquerda, sabendo que ela estaria espreitando lá.
No final, esparramada de barriga para baixo com a mochila apoiando o peito, Liz folheava as páginas de um livro enquanto balançava os pés sem rumo.
Com o queixo apoiado em uma das mãos, ela cantarolava suavemente, ombros e pernas balançando no ritmo da batida em sua cabeça, completamente absorta no que estava lendo.
“'Silver Springs'?” Interrompi o momento perguntando, sentando-me no chão.
Liz olhou por cima do ombro, me dando um vislumbre daqueles olhos azuis sugadores de alma antes de voltar a se concentrar no livro. "Por que quebrar o hábito de uma vida inteira?"
“O que você está lendo?”
“ *O Amante de Lady Chatterley* ”.
Minhas sobrancelhas se ergueram. "Onde você encontrou uma cópia disso?"
Ela apontou para uma prateleira empoeirada específica e deu um sorriso irônico. "Quem diria que Tommen tinha material de leitura tão interessante?"

"Claramente você", pensei. "Já tomou seus remédios hoje?"
Ela respondeu mostrando-me o dedo do meio.
Amável .
“Você esteve aqui o dia todo?”
"Sim."
"Você está pronto para resolver isso comigo?"
"Não."
Com os lábios se contraindo, coloquei os braços em volta dos joelhos e perguntei: "Você está planejando ir para o resto das suas aulas?"
"Não."
"Por que não?"
“Porque não há um membro do corpo docente tão estimulante quanto DH Lawrence.”
Forcei a barra para conter o sorriso que tentava se espalhar pelo meu rosto. "Sabe, se você continuar matando aula, vai ficar para trás."
Liz bufou em resposta, como se fosse a coisa mais ridícula que ela já tivesse ouvido, e quando se tratava de sua mente extraordinariamente talentosa, provavelmente era.
“Então está bem, talvez você não fique para trás, mas terá problemas.”
"O que eles podem dizer, Hugh?", ela perguntou lentamente, completamente imperturbável com a ideia. " *Parar de ir à biblioteca* ?"
O sino tocou então, sinalizando o fim do intervalo para almoço.
"É melhor você ir", murmurou Liz, virando outra página do livro. "Você não tem treino de rúgbi depois do almoço reforçado às sextas?"
"Sim", respondi lentamente. "Você não tem sua sessão semanal com o orientador escolar depois do almoço reforçado às sextas-feiras?"
“Sim”, ela respondeu, sem ceder um centímetro.
“E você está planejando comparecer?”
A resposta dela foi virar para a próxima página.
Suspirei fundo. "Liz."
“Eu não vou hoje, Hugh.”
"Por que não?"
"Porque, graças a você, passei o fim de semana inteiro enclausurada no hospital, sendo interrogada por uma porta giratória de profissionais médicos que não me conhecem e não podem me curar. Então, me desculpe se estou cansada de *falar* ", ela disse, com a voz embargada de emoção. "E mesmo se eu não estivesse farta de ter pessoas "Se você fizer buracos na minha sanidade, não tem a mínima chance de eu deixar aquela orientadora intrometida fuçar na minha cabeça como se eu fosse o projeto especial dela." Ela estendeu a mão e enxugou uma lágrima da bochecha antes de acrescentar: "Mas eu não espero que você entenda isso, considerando que você é a favor de aconselhamento, a favor de medicação, a favor de foder tudo que me faz sentir morta por dentro!"

SOMOS COMO PÁSSAROS, HUGH

Lizzie

27 DE OUTUBRO DE 2003

HOJE FOI O *MELHOR* DIA .
Não senti um pingo de raiva.
Nem um pouquinho.
Em vez disso, senti-me *encantado* .
Como se o mundo estivesse brilhando com raios de sol.
Tudo era maravilhoso e glorioso.
Sem medo.
Sem tristeza.
Simplesmente *tudo* .
"Foi aqui que aconteceu", declarei, parando no meio da ponte. "Aqui." Agarrando as barras de metal do corrimão, inclinei-me para a lateral para olhar o rio abaixo. "Exatamente neste lugar."
Alto chiado .
Água brilhante .
Alegria absoluta .
"Foi para lá que ela foi." Olhando por cima do ombro para o meu namorado, inclinei a cabeça para ele. "Venha ver."
Relutantemente, ele o fez.
Fechando o espaço entre nós, Hugh pressionou o peito contra as minhas costas e olhou por cima do meu ombro. "Você acha que foi aqui que ela caiu?"
"Eu sei que é", refleti, deleitando-me com a sensação do seu corpo grande e forte pressionado contra o meu. O desejo instantaneamente rugiu dentro de mim. quando seu braço envolveu minha cintura, e meu corpo pulsava de desejo. "Hm. Você me faz sentir tão bem."
"Como você sabe disso?", ele perguntou baixinho, acariciando a lateral da minha cabeça com a bochecha. "Hum?"
“Porque eu estava lá, bobo.”
"O que você quer dizer com você estava lá?"
"Quer dizer, eu estava lá." Passando as mãos pelos cabelos, inalei profundamente, enquanto meu corpo absorvia a brisa fria de outono que atacava meus sentidos. "Eu a vejo todas as noites." Soltando um gemido ofegante quando meus mamilos endureceram com o vento cortante, inclinei-me para trás e me senti envolvida em seu amor. "Ela vem me ver nos meus sonhos, sabia?"
"Você já sonhou com ela caindo?" A voz de Hugh era gentil e inquisitiva. "Nos seus sonhos, é aqui que ela entra?"
"Mm-hmm." Assenti preguiçosamente e me virei para encará-lo. "Você é tão bonito."
Olhos castanhos como uísque me encararam. "Você está se sentindo bem, querida?"

"Mm-hmm." Levantei as mãos para segurar seu rosto e puxei sua boca para perto da minha. "Você vai me curar logo", sussurrei, os lábios roçando os dele com ternura. "Você é o meu remédio, não é?"
"Serei tudo o que você precisar que eu seja", respondeu ele contra meus lábios, enquanto se afastava lentamente da grade e me levava consigo. "Por que não voltamos para minha casa e eu preparo o jantar para você?"
"Mas eu não quero jantar", reclamei contra seus lábios, tentando desesperadamente aprofundar nosso beijo. "Quero seu remédio especial."
"Não tenho nenhum remédio especial, Liz", disse ele, tentando me persuadir, enquanto estendia a mão e cobria as minhas com o remédio. "Mas tenho seu sorvete favorito no congelador e alguns filmes alugados na Xtra Vision." Ele se inclinou e me beijou. suavemente. "Hmm?" Outro beijo carinhoso. "Podemos levar um edredom para baixo e passar um dia de filme no sofá?"
"Mm-hmm." Assentindo, dei um beijo em seus lábios antes de afastar suas mãos e voltar para a grade. "Tchau, Caoimhe."
"Liz", Hugh parecia triste. "Vamos para casa, ok?"
"É, tá bom", pensei, subindo na barra inferior do corrimão e depois na próxima, antes de me virar para encará-lo. "E aí, Hugh?"
“Sim, Liz?”
“Você viria comigo se eu pulasse?”
"Liz." O medo brilhou em seus olhos, e em algum lugar no fundo da minha mente, percebi que ele não estava gostando tanto quanto eu. "Desça. Agora."
Eu podia ouvir o pânico em sua voz, ver em seus olhos, mas insisti para que ele continuasse.
Para o ponto de ruptura, sem sentimento, sem se importar com as consequências.
"Somos como pássaros, Hugh", continuei a dizer, enquanto minha mente girava em espiral e meu corpo era tomado por cem mil sensações. Tudo de uma vez. "Poderíamos voar alto se você apenas desse uma chance." Respirando fundo, levantei as mãos para o céu. Foi mágico. "Basta fechar os olhos e voar."
“Eu não vou fazer isso, Liz, e você também não, ok?”
"Meu Deus, eu sinto tanto, Hugh." Sorrindo, fechei os olhos e estiquei os braços o máximo que pude. "É como se o sol estivesse beijando minha pele. Você não sente, Hugh? Ele está te beijando também?"
"É, querida, eu sinto. Desce, por favor."
“Eu te amo muito, Hugh.”
“Liz!”
Inspirando o mais profundamente que pude, deixei-me cair para trás e esperei que a água me abraçasse.
Não veio.
A única coisa que senti foi um par de braços fortes em volta do meu corpo enquanto ele me puxava para um lugar seguro.
Enquanto ele me puxava de volta para ele.
De volta ao aqui e agora.
De volta à vida .

VOU FICAR COM MEU BEBÊ

Hugo

28 DE OUTUBRO DE 2003

Q uando eu convenci Liz a voltar para minha casa na tarde de ontem, após o incidente na ponte, liguei imediatamente para a mãe dela pedindo ajuda.
Infelizmente, só consegui falar com Mike, que me disse que estava esperando um médico para visitar Catherine, que tinha adoecido devido ao estresse de tentar criar — e eu cito — "o maior infortúnio que já aconteceu com eles".
Como você pode imaginar, esse comentário foi recebido como o *Titanic* para mim e, depois de uma discussão extremamente acalorada, me disseram para pedir para minha mãe deixar Liz no hospital mais próximo, porque ele já tinha lavado as mãos em relação a ela.
Ele lavou as mãos em relação à sua filha adolescente doente mental.
O pai da minha namorada realmente *disse* essas palavras *em voz alta* .
Idiota .
Independentemente de ser a coisa certa a fazer ou não, não era algo que eu seria capaz de fazer com meu melhor amigo.
Deitar na rua em frente à minha casa e ter os vizinhos passando por cima de mim com seus carros doeria menos do que abandonar minha namorada em um hospital.
Confiar na minha mãe também não era uma opção, porque eu sabia no meu coração que ela faria o que *eu* não conseguia.
Então, em vez de fazer qualquer uma dessas coisas, contei uma história para minha mãe sobre Liz precisar passar alguns dias lá. os pais dela estavam fora e fiz tudo o que pude para proteger a dignidade da minha namorada.
Enclausurado no meu quarto, usei todas as ferramentas à minha disposição para manter sua mente relaxada e seu corpo satisfeito.
Lábios .
Dedos .
Língua .
Tudo o que ela precisava, eu lhe dava sem reclamar, enquanto rezava mentalmente para que ela voltasse para mim por vontade própria.
E sem a intervenção de outra internação na ala psiquiátrica .

MAIS UMA SONO

Lizzie

30 DE OUTUBRO DE 2003

OS LÁBIOS DE H UGH ESTAVAM NOS MEUS, E EU NUNCA HAVIA SENTIDO UM BEIJO ASSIM .
Ele me amou com a língua.
Eu sabia que era uma referência estranha a um beijo apaixonado, mas era a verdade.
Ele sempre me amou com seu beijo.
Todos os seus beijos.
Todos os seus toques.
Elas pertenciam a mim.
Tudo dele, ponto final .
"Eu quero você", eu disse a ele, completamente imprudente com minhas ações enquanto montava em seu colo e me movia para a posição sem vacilar.
A vontade incontrolável de me deixar levar por ele era quase sufocante. Eu estava sufocando e só consegui respirar novamente quando ele estava dentro de mim.
Eu queria rir, chorar, gritar e jogar a cabeça para trás, tudo ao mesmo tempo.
A força motriz por trás dos meus desejos parecia sobrenatural porque eu não conseguia me saciar.
A necessidade agonizante de mais era constante.
Foi fisicamente doloroso a ponto de eu estar disposto a cair de joelhos para conseguir o que queria.
O que eu precisava.
Eu *precisava* de acesso constante a ele 24 horas por dia, 7 dias por semana, e mesmo assim, nunca seria o suficiente.
E quanto ao sono?
Bom, eu também não precisava mais dormir.
Eu estava funcionando com magia, como a Supermulher.
Eu era invencível.
Nada poderia me parar.
Foi tão libertador.
Foi emocionante.
"Liz." Sua voz estava entrecortada. "Precisamos conversar."
"Não, não precisamos." Puxei e rasguei seu peito, os dedos cravando-se em sua pele gloriosa. "Precisamos nos tocar."
Meu Deus, ele parecia tão bem.
Eu queria que seu corpo nu esfregasse no meu.
Sem barreiras.
Sem nenhuma roupa.
"Por favor, querida", ele gemeu contra meus lábios. Ele segurava meu quadril

com uma das mãos enquanto a outra segurava minha bochecha. "Vamos com calma e conversar um pouco."
"Você está duro", respondi, completamente desligada das palavras que saíam da boca dele. Eu não conseguia ouvir suas palavras. Só conseguia *sentir* seu corpo.
Não satisfeita com o toque físico limitado, balancei meus quadris, alinhando a parte mais macia de mim com a parte mais dura dele.
Agora eu podia senti-lo onde eu precisava que ele estivesse.
"Me possua", implorei, encorajando-o a tocar meus seios com uma mão enquanto a outra enfiava entre minhas coxas. "Me possua, Hugh."
"Porra", ele sussurrou, com o peito arfando, enquanto seu dedo deslizava fundo em mim. "Eu não deveria estar fazendo isso."
"Você deveria", insisti, balançando-me em seu toque e puxando o cós da sua cueca. "Está tudo bem."
Soltando um gemido quando coloquei a mão dentro da sua cueca boxer, ele empurrou os quadris em direção ao meu toque quando minha mão envolveu seu membro. Foi um desafio, pois havia muito *dele* para agarrar. Mas eu sabia exatamente como ele gostava de ser tocado. "Porra, Liz... querida, isso é tão bom."
"Me dá mais", implorei, cavalgando sua mão. "Coloque mais dentro de mim", insisti, precisando de mais naquele momento. "Mais uma noite e você pode colocar tudo dentro de mim."

É HORA DO SHOWTIME, CARA

Hugo

31 DE OUTUBRO DE 2003

Para ser justa com a minha mãe, ela não ficou por perto nem se demorou quando meus amigos chegaram à minha casa na noite de Halloween. Em vez disso, ela nos deu uma boa dose de privacidade, mantendo um olhar atento da casa da Sra. Grady, do outro lado da rua.
Foi uma prova da confiança que minha mãe tinha em mim, e foi totalmente imerecida, porque dentro da gaveta de cima do meu criado-mudo havia um pacote com três preservativos rotulados como "extra seguros".
"Melhor irem em frente, rapazes", instruiu Gibs, enquanto todos nós nos sentávamos ao redor da fogueira no meu quintal, assando marshmallows e roubando goles de uma garrafa de Devil's Bit. "Esta noite, seremos anjos." Ele sorriu maliciosamente. "Mas amanhã à noite, seremos anjos caídos."
“Demônios”, corrigiu Pierce O'Neill.
Gibs olhou para ele, confuso. "Hã?"
"Hoje à noite seremos anjos, amanhã à noite seremos demônios", Pierce disparou.
“Parece melhor”, concordou Robbie Mac.
"É", Danny riu. "Muito melhor que anjos caídos."
"Parem de policiar a minha fala, seus babacas", resmungou Gibsie, pegando um pedaço do seu marshmallow. "Eu disse o que disse."
"Não ligue para eles", consolou Feely, entregando seu marshmallow a Gibs. "Você é ótimo, Gibs."
Tentei acompanhar a conversa deles, tentei mesmo, mas era impossível quando minha namorada estava sentada no meu colo e circulando os quadris de uma forma tão erótica que eu estava dolorosamente duro.
"Preciso de você agora", Liz sussurrou em meu ouvido, a língua saindo para provar meu lóbulo.
Meus olhos se fecharam e foi preciso muita força para me manter firme naquele momento.
"Fique comigo, Hugh." Seus lábios estavam no meu pescoço. "Fique *em* mim."
Era muita coisa e não era o suficiente, tudo de uma vez.
Tirando os braços do meu pescoço, Liz se levantou e caminhou em direção à porta do pátio, enquanto olhava por cima do ombro com um olhar que dizia: *aqui, garoto* .
Como um cachorrinho bem treinado, eu a segui obedientemente, ignorando os gritos e assobios vindos da fogueira atrás de mim.
Ela me pegou pela mão quando chegamos ao andar de cima e me puxou sem dizer nada até chegarmos ao meu quarto.
Uma vez lá dentro, ela girou a fechadura e me acompanhou até a cama; o tempo todo meu coração ameaçava sair pela boca.

Foi isso .
Esta noite foi a noite .
Eu conseguiria fazer isso?
Eu não tinha certeza .
Nós dois tiramos os sapatos, e Liz ficou na ponta dos pés para dar um beijo quente na minha boca.
"Estou desejando isso há tanto tempo", ela admitiu, enquanto seus dedos abriam rapidamente o botão e o zíper da minha calça jeans. "Tira", ela sussurrou, alcançando a barra da minha camisa e puxando-a para cima. "Fica nua para mim."
"Tem certeza?"
"Mostre-me a mercadoria, Biggs", ela instruiu, enquanto rapidamente se livrava de cada pedaço de tecido do corpo.
Eu estava tão perdido no momento, tão completamente fascinado pela visão que era seu corpo nu, que fiz tudo o que ela pediu.
"Perfeito", ela aprovou, o olhar percorrendo meu corpo nu. "Você foi feito para mim."
Quando ela me empurrou para a cama e montou no meu colo alguns instantes depois, a pressão era quase insuportável. "Deita", ordenou ela, assumindo a liderança e me empurrando de costas. "Hm, é, assim mesmo."
Os lábios dela caíram sobre minha boca ao mesmo tempo em que sua mão agarrou meu eixo.
"Porra", gemi, agarrando os lençóis embaixo de nós. "Liz..."
"Você está sempre me salvando, Hugh", ela ronronou, me explorando com total abandono, enquanto me cobria de beijos. "Deixe-me cuidar de você pelo menos uma vez."
Eu queria.
Eu realmente fiz isso.
Mas então pensei em como os olhos dela estavam naquela noite, todos brilhantes e selvagens, e a culpa rapidamente me atingiu. "Liz, espera."
Não poderíamos fazer isso.
Não enquanto ela estava no meio de um episódio.
"Mm", ela sussurrou, movendo o corpo para a posição, acariciando a cabeça do meu pau contra si. "Mal posso esperar para sentir isso bem fundo dentro de mim."
Pisar no freio era algo que eu não tinha certeza se outro cara da minha idade conseguiria fazer, mas eu fiz. "Espere!", segurando seus quadris com as mãos, levantei-a cuidadosamente de cima de mim antes de me levantar de um salto.
"O que houve?", ela perguntou, com os olhos sensuais e sem fôlego. "Você está tão duro. Você estava gostando."
"Eu estava... eu estou", apressei-me em dizer, enquanto vestia minha cueca. "Mas não podemos fazer isso hoje à noite."
Liz permaneceu em silêncio por uns dez segundos antes de explodir. "Que porra é essa, Hugh?", perguntou ela, levantando-se. "Você prometeu que a gente podia transar hoje à noite!"
"Fala baixo", sussurrei, apontando para a parede que separava meu quarto do da minha irmã. "A Claire está na cama."

"Tô pouco me fodendo!" Minha namorada continuou a ferver, parecendo quase selvagem agora. "Você disse que ia me comer, então me fode, porra!"
"Não posso", respondi, estrangulada, torcendo para que ela me ouvisse. "Não quando você está assim."
"Como o que?"
"Maníaca, querida!" Vesti minha calça jeans e fui até ela. "Não enquanto você estiver maníaca."
Liz me encarou como se não conseguisse entender nada. "Não vou esperar mais uma noite."
“Você vai ter que fazer isso”, respondi calmamente, enquanto a vestia com meu moletom.
"Vou transar hoje à noite, Hugh", disse ela, dando um tapa na minha mão. "Vai acontecer."
“Comigo não, não é.”
"Tudo bem", ela gritou, caminhando em direção à porta. "Se você não me foder, eu encontro alguém que faça isso."

DÊ-ME O QUE EU QUERO OU ENTÃO!

Lizzie

31 DE OUTUBRO DE 2003

H UGH MENTIU .
Ele era um *mentiroso* .
Ele me enganou, fazendo-me pensar que poderia me fazer melhorar, e então ele tirou tudo de mim.
Ele não entendia o quanto eu precisava dele?
Ele não se importava que eu estivesse queimando em chamas?
Tudo doía e eu precisava dele, droga!
Eu não conseguia mais dar sentido aos meus pensamentos.
Eu nem sabia para onde estava indo.
Tudo o que eu sabia era que me sentia consumido pela raiva e *precisava* me mexer.
"Ei!", gritou uma voz estranha antes de uma mão enorme apertar meu ombro. "Aonde você está indo?"
Confuso, virei-me e vi um dos amigos de rúgbi do Hugh. "Para onde estou indo?"
"Sim", ele respondeu lentamente, com os olhos azuis fixos nos meus. "Você está bem?" Seu olhar percorreu-me e suas sobrancelhas franziram. "Por que você está vagando pela rua de moletom?"
Eu estava?
"Não tenho certeza." Intrigada, baixei o olhar para o moletom do Hugh que eu estava usando e depois para os postes de luz iluminando a escuridão. "Eu, uh... eu não sei."
"Ei", disse o garoto, segurando meus dois ombros. "Está tudo bem. Não fique tão triste."
"Estou triste."
"Por que?"
"Porque eu..." Soltei um suspiro de dor. "Eu só quero me sentir bem."
"Sente-se bem?"
"Mm-hmm." Fechando os olhos, balancei de um lado para o outro. "Quero ser tocada."
"Você faz?"
“Hum-hum.”
“Se você quer se sentir bem, eu posso fazer isso acontecer para você.”
Tremendo, aproximei-me imediatamente. "Você consegue?"
"É." Suas mãos se moveram para meus quadris e ele me puxou para perto. "Se você quiser."
"Hum." Soltando um gemido de frustração, senti meu corpo balançar. "Eu só quero—"
“Liz!”

Confuso ou não, eu *conhecia* aquela voz.
Girando, dei de cara com aqueles olhos cor de uísque.
"Pode ir", Hugh disse ao outro corpo em um tom frio. "Agora."
"Rapaz, sua garota deve estar bêbada", disse o rapaz, rindo nervosamente enquanto recuava. "Encontrei ela vagando pela rua seminua."
"Sim, e eu cuido dela", respondeu Hugh, com as narinas dilatadas. "Vá embora, Pierce."
O garoto olhou de nós dois antes de balançar a cabeça e ir embora.
Hugh esperou até Pierce ir embora antes de falar: "O que você estava fazendo, Liz?"
"O que você acha que eu estava fazendo, Hugh?", retruquei, ficando tenso.
"Não faço ideia", respondeu ele, firme. "É por isso que estou perguntando."
"Por que você não me quer?"
"Ah, acredite em mim. Eu quero você."
"Então por que você não me fode?"
"Porque estou tentando *proteger* você."
Porra, ele parecia tão bonitão.
"Sinto o cheiro do seu perfume", gemi, movendo os pés até nossos peitos ficarem colados. "Você cheira tão bem. Ei, por que você está se afastando?", perguntei quando tentei beijá-lo, e ele se afastou.
"Vamos." Ele pegou minha mão e começou a me levar para longe do poste de luz. "Vamos voltar para dentro de casa, ok?"
"Não, não, não, eu não vou a lugar nenhum com você", argumentei, estreitando os olhos para o garoto que me acompanhava pela rua. "Você mentiu para mim."
"Podemos conversar sobre isso amanhã de manhã", disse Hugh, mantendo a voz calma. "Depois que você tiver uma boa noite de sono."
"Não quero dormir", gritei, instantaneamente furiosa. "Quero transar."
Ele não respondeu.
Ele continuou andando.
“Pare de puxar meu braço!”
"Não estou", respondeu ele calmamente. "Você está puxando meu braço."
Eu era?
Ah, espere, eu *estava* .
"Foi mal", ri. "Engraçado, né?"
"Muito."
Revirei os olhos. "Você é tão rabugento."
“Como você quiser, Liz.”
“Por que você concorda com tudo o que estou dizendo?”
“É isso que estou fazendo?”
“Sim, e isso está me irritando, então pare com isso.”
Ele permaneceu em silêncio.
“Droga, pare de me ignorar.”
Mais silêncio.
“Eu odeio quando você faz isso.”
"Fazer o quê?"
“Faça-me sentir uma pessoa horrível quando estou apenas sendo eu mesma.”
"Não acho que você seja uma pessoa horrível, Liz", respondeu ele. "Acho que

você é uma pessoa doente."
"Isso é pior."
"OK."
"Não, sabe de uma coisa? Vai se foder." Arranquei minha mão da dele. "Vai se foder por me fazer sentir que é errado ser eu mesma."
A mágoa brilhou em seus olhos. "Quando foi que eu fiz isso?"
"Você está fazendo isso agora mesmo!" Empurrei seu peito. "Sou eu, Hugh." Levantei as mãos e girei em círculos. "Sou eu mesmo. Estou feliz. Sou eu. Não vou mais tomar esses comprimidos, então, se você não consegue me amar como eu sou, então vá embora, porra."
Ele ficou parado no meio da rua com as mãos na cintura e balançou a cabeça. "Você não está falando sério."
"Você fica tão sexy quando está puto comigo", eu disse, sentindo uma onda de tesão me atingir. "Não sou a única que te quer." Fechei o espaço entre nós. "Eu vejo eles te observando na escola." Estendi a mão, agarrei sua bunda apertada e o puxei com força contra mim. "Querendo o que é meu." Dei um beijo em seu pescoço. "Mas você é meu, não é?" Eu o beijei novamente. "E eu sou sua."
"Então finja que sim", Hugh finalmente disparou, passando o braço em volta da minha cintura. "Porque eu não vou tolerar o tipo de besteira que vi lá atrás." Levantando a mão, ele tirou o cabelo do meu rosto e me obrigou a encará-lo. "Está me ouvindo? Se você me trair, não tem como voltar atrás. Não para mim. Bipolar ou não."
"Eu não te traí", suspirei. "Eu te amo."
"Eu não sou nenhuma santa, Liz. Você só pode me pressionar até certo ponto."
Quanto mais irritado ele ficava, mais eu o queria.
"Você pode me fazer melhorar", sussurrei, prendendo seu lábio inferior entre os dentes e puxando. As pálpebras de Hugh se fecharam e eu o senti crescer contra mim. Soltando seu lábio com um estalo audível, levei a mão até nossos corpos e tracei o contorno de sua ereção protuberante. "Eu sei que você pode me fazer melhorar", apertei, sentindo sua determinação enfraquecer a cada centímetro. "Eu consigo sentir."
Hugh suspirou entrecortado. "Acredite, Liz, se eu pudesse te consertar com sexo, eu te comeria para sempre."
“Por que você não *tenta* ?”
“Porque tenho medo.”
"De quê?"
“De você, Liz. Tenho medo de *você* !”
"Então você tem medo de me foder porque tem medo de mim?"
“Não, Liz, tenho medo de transar com você porque não sei qual versão de você eu transaria!”

PARTE 19

A Grande Traição

VOCÊ NÃO FOI CONVIDADO!

Lizzie

1 DE NOVEMBRO DE 2003

Quando acordei na manhã seguinte, sozinha no quarto de Claire, rapidamente saí da cama e fui procurar meu namorado.
Quando encontrei Hugh lá embaixo, na cozinha, rindo e brincando com Thor, fiquei imediatamente indignado.
Por que ele parecia tão feliz quando estava com *ele* e não comigo?
O que havia de errado *comigo* ?
Por que ele não conseguia sorrir para *mim* daquele jeito?
Thor foi o primeiro a notar minha chegada, e eu o observei cutucar discretamente meu namorado antes de se levantar e ir em direção à porta. "Vou para casa dar uma olhada no Brian."
"Tudo bem, rapaz", respondeu Hugh, sem sorrir. "Te vejo daqui a pouco." Ele esperou até o amigo ir embora antes de voltar a atenção para mim. "Bom dia."
"Bom dia", respondi, sentindo-me irritado e perdido. "Por que você não veio me buscar quando acordou?"
"Eu tinha coisas para fazer", respondeu ele calmamente, a atenção voltada para a caneca que segurava. "Estava conversando com sua mãe esta manhã." Seu olhar baixou e ele tomou um gole da caneca. "Ela já vai chegar."
"Por quê?" perguntei, imediatamente nervoso.
"Para te buscar, Liz."
“Eu pensei que ficaria aqui?”
“Sua mãe vai te levar para casa, ok?”
"Hugh, não!" Sentindo-me devastada, fui até ele e tentei iniciar a intimidade. "Vamos..."
"Não, Liz", respondeu ele, me interrompendo imediatamente. "Não posso fazer isso agora."
"Por que não?"
Seus ombros ficaram tensos, mas ele não respondeu.
"Venha comigo", implorei, abraçando-o. "Por favor." Beijei seu ombro. "Não me mande de volta para lá sozinha."
Ele soltou um suspiro de dor. "Liz..."
"Por favor, Hugh", implorei, sentindo-me agora frenética. "Venha para casa comigo."
Outro suspiro pesado escapou dele, e ele cedeu. "Certo."

Três horas depois, sentei-me de pernas cruzadas no chão do meu quarto, de frente para o meu namorado, e coloquei outra carta na mesa, sem nenhum interesse se era uma combinação ou não.
Claramente, Hugh também não se importou, pois ele nem olhou para baixo antes

de jogar uma carta na pilha.
Em vez disso, ele manteve os olhos em mim o tempo todo.
Frustrado, joguei outra carta na mesa e arqueei uma sobrancelha em desafio.
Mais uma vez, ele não olhou para a pilha de cartas.
Ele apenas adicionou mais um à pilha.
"Você vai me dizer o que está errado?", perguntei finalmente, incapaz de lidar com mais um segundo daquele silêncio intenso.
"Depende", respondeu ele calmamente. "Você vai me contar o que estava fazendo com o Pierce ontem à noite?"
"Nada."
"OK."
"Você não acredita em mim."
"Não importa no que eu acredito, Liz", respondeu ele, jogando outra carta na mesa. "Se você está dizendo a verdade, então está dizendo a verdade."
"Mas você não acha que eu sou?"
"Acho que você precisa pensar muito bem no que está fazendo", respondeu ele, com um tom estranhamente calmo. "E com quem está fazendo isso."
"Meu Deus", sibilei, erguendo as mãos. "Eu não te traí, Hugh."
Hugh balançou a cabeça e se levantou, e esse movimento me fez disparar.
"Espere, não, não, não!" Levantando-me, corri atrás dele, alcançando-o bem quando ele estava prestes a abrir a porta. "Por favor, não vá."
"Não vou fazer isso com você pelo resto da minha vida", ele me disse. "Você entende isso?"
"Estou bem, Hugh." Levantei a mão, agarrei seu rosto e o beijei. "Viu? Estou perfeita."
"Você não está tomando seus remédios e está entrando em parafuso." Seus olhos castanhos imploravam para que eu escutasse. "Você não está no controle de si mesma, Liz, e se você escorregar da próxima vez, eu posso não estar mais lá." Suas narinas se dilataram. "Se você me machucar assim, como quase me machucou ontem à noite, eu *vou* embora."
"Eu nunca te machucaria", ronronei, tentando puxá-lo de volta para a minha cama. "Tudo o que eu quero é fazer você se sentir bem."
"Se você quer me fazer sentir bem, então me *escute* ", ele disse, estrangulado, escapando do meu alcance quando tentei desabotoar sua camisa. "Porque eu estou tão apaixonado por você que chega a doer, tá?" Um gemido de dor escapou dele quando me lancei sobre ele e o empurrei para a minha cama. "Liz, por favor, me escute."
"Você me quer", ronronei, sentindo-o crescer embaixo de mim. "Eu também te quero. Tanto que não consigo dormir à noite." Pegando minha camisa, a tirei pela cabeça. "Eu me toco a noite toda e é Não é o suficiente.” Agarrei suas mãos e as apertei contra meus seios. “Preciso tanto disso, Hugh.”
"Eu não sei quem você é quando está assim", admitiu ele com a voz rouca. "E isso me assusta pra caramba." Ele se sentou, para meu desânimo, e agarrou meus ombros, me forçando a olhar para ele. "Você está me assustando, Liz."
“Eu nunca te machucaria, querida”, sussurrei.
"Não estou com medo por mim", ele disse, segurando meu rosto e me forçando a voltar a me concentrar nele. "Olhe para mim."

"Foda-me."
“Olha para mim, Liz.”
"Eu vou quando você me foder."
"E com quem exatamente eu estaria transando?", perguntou Hugh, com o peito arfando. "Seria esta versão da minha namorada? Aquela que se esfrega em outros caras quando não está tentando arrancar minhas roupas. Ou seria a versão dela que corta os pulsos, porra!"
Estremecendo, respirei fundo, mas Hugh não parou, claramente animado agora.
"Seria a versão dela que fica na cama por semanas a fio, ou seria a versão dela que ataca qualquer um que olhe para os lados? Hum? Não sei dizer? Bem, eu também não", gritou Hugh, perdendo a calma. "Mas quando a garota por quem me apaixonei aparecer de novo, você me avisa, e eu ficarei mais do que feliz em fazer o favor e transar com *ela* ." Ele estreitou os olhos e sibilou: "Porque essa é a única versão da minha namorada com quem eu tenho interesse!"
"Isso não é justo!", gritei de volta. "Você está sendo injusto!"
"É, bom, fale comigo sobre isso quando você for você de novo", ele retrucou. "Vou desconvidar você para a festa hoje à noite", acrescentou. "Está me ouvindo? Você não foi convidada."
"Besteira", rosnei, sentindo uma onda repentina de raiva crescer dentro de mim. "Sou sua namorada. Você não pode me desconvidar."
"Olhe para mim", ele retrucou, me jogando na cama.
“Hugh, espera!”
"Fique aqui", ordenou ele, pegando a bolsa e indo em direção à porta. "E tome a porra do seu remédio!"
A porta do quarto bateu atrás dele e eu gritei.
Destruindo tudo em meu caminho, eu destruí e destruí as paredes, sentindo tanta fúria dentro de mim que pensei que poderia matar alguém.
"Seu filho da mãe!", gritei, me debruçando na janela do meu quarto para gritar com ele. "Vai se foder, Hugh!"
"É, me fode, Liz", ele gritou por cima do ombro enquanto descia a garagem.
"Eu te odeio pra caralho agora!"
Ele não se virou.
Em vez disso, ele continuou andando até desaparecer de vista.
Até que ele se foi .

DIGA OLÁ PARA MEU AMIGUINHO

Hugo

1 DE NOVEMBRO DE 2003

" Puta merda " , Danny C. All engasgou, juntando-se a nós na cozinha. "Aqueles caras são da BCS?"
Minha casa estava lotada, cortesia do Gibs, e levei um tempo para localizar o grupo de rapazes ao qual ele se referia.
"Ah, sim", refleti, reconhecendo instantaneamente alguns dos rapazes da minha época em Scoil Eoin. "Faz anos que não vejo esses rapazes."
“Bem, devemos escoltá-los de volta para o lado deles da cidade?”
"Você é um esnobe de merda", interrompeu Gibs, parecendo completamente enojado. "Acompanhe-os de volta para o lado deles da cidade." Ele revirou os olhos. "Que coisa mais arrogante de se dizer."
Danny corou. "Novidade, somos arrogantes."
"Seu pai é farmacêutico", lembrei-o. "Não se empolgue."
"Qual é o problema, afinal?", perguntou Gibsie. "Eles não estão causando problemas e, além disso, foram convidados."
Danny ficou boquiaberto. "Por quem?"
"Por mim, seu babaca", Gibs retrucou, parecendo irritado. "Você sabe que nós estudamos no primário com eles?"
"E eles já estiveram na minha casa antes", acrescentei, franzindo as sobrancelhas. Em todas as festas de aniversário, do primeiro ao sexto ano. "Esses rapazes são decentes e são mais do que bem-vindos aqui."
"Só porque tivemos que fazer isso", Pierce riu, juntando-se a nós. "Achei que tínhamos deixado a escória para trás na escola primária."
Esse filho da puta.
Ele teve muita coragem de aparecer hoje à noite.
"Você é mesmo um babaca, né?", eu fervi, segurando meu autocontrole com unhas e dentes. "Sai da minha frente antes que eu quebre seu nariz."
"Puta merda, Biggsie", exclamou Danny, parecendo confuso. "Qual é o problema, rapaz?"
"O problema é ele", zombei, com o peito arfando, enquanto encarava Pierce com raiva. "É melhor você sumir da minha frente antes que eu te arranque a cabeça. Aviso justo."
Felizmente, Pierce teve o bom senso de fazer exatamente isso, desaparecendo na multidão com Danny antes que eu perdesse a cabeça.
"Você se importa em me contar?", perguntou Gibs, olhando-me com curiosidade.
"Você não vai querer saber, rapaz", respondi, ainda fervendo de tensão. "Confie em mim."
"Ok", respondeu Gibs, dando um tapinha nas minhas costas. "Que tal pararmos de conversar e começarmos a beber?"
“Acho que é uma ótima ideia, Gibs.”

"Aqui", disse ele, empurrando um copo de shot com um líquido transparente na minha mão. "Toma só uma, rapaz."
Sem me dar ao trabalho de questioná-lo, virei a garrafa. "Porra", sibilei quando a sensação de queimação me agarrou a garganta. "Que porra foi essa?"
"Diga olá ao meu amiguinho", respondeu Gibs com uma voz animada, acenando com uma garrafa com tampa em formato de sombrero na minha cara. "Testado e aprovado por mim mesmo." Tirando o chapéu da tampa com um toque exagerado, ele encheu meu copo novamente antes de se servir. "Garantido para anestesiar todos os sentimentos."
Olhei para ele com cautela enquanto ele dançava no mesmo lugar com a garrafa protetoramente aconchegada em seu peito.
"Confie em mim, rapaz." Ele brindou com o copo no meu. "Eu sou o mestre em corretivo."
"Foda-se." Soltei um suspiro trêmulo, inclinei a cabeça para trás e engoli tudo de uma vez. "Isso foi um erro."
“Pelo contrário, meu amigo, esta” — ele fez uma pausa para colocar o chapeuzinho na cabeça e beber sua própria dose, antes de soltar um chiado audível — “é a melhor decisão que você tomou a noite toda.”
"Não a tequila, Gibs, a festa em casa", expliquei, aceitando outra dose dele. "Isso foi um erro do caralho."
"Você está louco?" Ainda se mexendo e balançando, ele gesticulou para a cozinha lotada. "Olhe ao redor, Hugo. A casa está lotada. A bebida está bombando. A festa está a 90."
Ele bateu seu copo no meu novamente antes de jogá-lo de volta como um profissional.
"Uhuu!" Suspirando fundo, Gibs continuou a dançar. "Para a primeira de muitas festas no seu maravilhoso estabelecimento, Hugo — ah, e não se preocupe com o Velho Murphy lá na rua. Se aquele sacana intrometido chamar os Gards, eu assumo a culpa."
E se ela aparecer? Eu queria dizer, mas as palavras não saíam. Porque eu estava morrendo de medo de colocar isso em prática.

PERDENDO MINHA CONTROLE

Lizzie

1 DE NOVEMBRO DE 2003

EU NÃO TENHA QUALQUER LEMBRANÇA DE TER CHEGADO À CASA DE H UGH QUANDO TROPEÇEI EM SUA PORTA DA FRENTE, encharcado até os ossos, com uma garrafa pela metade do uísque do meu pai pendurada em meus dedos.
A confusão tomou conta de mim, tornando difícil reconhecer os rostos sorridentes que me reconheciam.
Não consegui entender uma palavra do que eles disseram.
Eu nem conseguia lembrar da senha para desbloquear meu telefone.
Tudo o que eu sabia naquele momento era que minhas roupas estavam encharcadas, minha cabeça estava confusa e eu queria meu namorado.
Hugo .
Balançando a cabeça, subi as escadas cambaleando, seguindo o instinto, desesperada para encontrá-lo.
Porque eu *precisava* dele.
Porque eu senti que estava prestes a *explodir* .
Porque eu não conseguia *respirar* sem o seu toque.
Ao tropeçar em seu quarto, pisquei surpresa quando meu olhar pousou em um garoto de cabeça raspada esparramado na cama do meu namorado.
Inclinando a cabeça para um lado, perguntei: "O que você está fazendo?"
“Esperando por você”, ele respondeu, com os braços cruzados atrás das costas.
" Nã ...
"É, eu também", respondeu ele com um suspiro. "Estou na lista negra do Biggsie", acrescentou. "Resolvi ficar aqui um pouco e ficar longe dele."
"Você também?" Meus olhos se arregalaram enquanto eu girava minha garrafa sem rumo. "Estou na mesma lista negra."
Ele riu baixinho. "Você está tão bêbado?"
"Não estou bêbado", declarei, girando em círculos. "Estou chapado."
"Está a fim de dividir esse uísque?", perguntou ele, apontando para a garrafa. "É uma garrafa grande para uma garota." Seu olhar me percorreu. "Uma garota ridiculamente linda."
"Só por fora", murmurei, cambaleando até a cama para lhe entregar a mamadeira. Me jogando no colchão, soltei um suspiro melancólico. "Minhas entranhas são feias."
"Não acredito nisso nem por um minuto", respondeu ele, virando-se de lado para me encarar. "Porra, você é ainda mais bonito de perto." Ele tomou um gole da garrafa antes de se inclinar sobre mim para colocá-la no criado-mudo. "O Biggsie é um cara de sorte."
"Ai, meu Deus, eu o amo tanto." Peguei o travesseiro debaixo da cabeça, pressionei-o contra o rosto e respirei fundo. "Mas ele não me quer."
"Claro que ele quer você", ele riu, sentando-se de lado, de frente para mim.

"Todo garoto da escola quer você."
"Ele não", gemi, com vontade de chorar quando o cheiro familiar do travesseiro dele infiltrou meus sentidos. "Porque ele é perfeito, e eu não."
"Bom, ele deve ser cego para não te querer", disse o garoto, apoiando a mão no meu quadril. "E, só para constar, eu acho você perfeita pra caralho."
"Você faz?"
Ele assentiu lentamente. "Se você fosse minha, eu te daria tudo o que você quisesse."
"Como o que?"
"O que você quer?"
"Ser tocada", eu disse, estrangulada. "Quero que o Hugh me toque."
"Ele não toca em você?", ele perguntou, passando os dedos para cima e para baixo na minha coxa.
"Você pode chamá-lo para mim?", perguntei, com dificuldade para me concentrar quando sua mão se moveu para cima. Cerrando os olhos, soltei um suspiro trêmulo. "Preciso falar com ele."
"Por que você não fala comigo?", o garoto insistiu, deixando meu corpo em frenesi quando seus dedos deslizaram por baixo do meu vestido. "Prometo que sou um ouvinte melhor."
"Mm..." Com as pálpebras tremendo, fechei-as, virei-me de costas e deixei as pernas se abrirem. "Hugh." Agarrei a mão dele, empurrei-a entre as coxas e gritei quando senti seus dedos penetrarem fundo em mim. "Me fode."
"Você quer que eu te foda?"
"Eu preciso disso."
"Tem certeza que?"
“Eu preciso sentir isso.”
Eu estava pegando *fogo* .
Queimando e formando bolhas, eu precisava que meu namorado me tocasse.
"Hum." Mantendo os olhos fechados, assenti ansiosamente enquanto seus dedos se moviam dentro de mim. "Me possua."

Tremendo violentamente, meus quadris arquearam para cima por conta própria enquanto eu olhava fixamente para a parede.
"Estou perto", ele grunhiu no meu ouvido, penetrando-me profundamente. "Estou de camisinha, mas posso tirar antes de gozar, se você quiser."
“…é isso, pequenina, me aceite como uma boa menina…”
“Porra, sua buceta é ouro.”
"...não resista, pequenininho. Não seja um chorão de merda como o meu outro..."
Tremendo violentamente, prendi a respiração e esperei que acabasse.
“É sua primeira vez?”
"...viu, não foi tão ruim assim, né, docinho? Você já é uma mocinha..."
"Não." Minhas lágrimas escorriam pelo travesseiro. "Sou uma menina grande."
“Espera aí, você está chorando?”
“…fique de boca fechada ou eu corto a garganta dela…”

"Jesus, eu paro, tá?", ele disse, estrangulado. "Não chore."
"Não, Hugh, não!" Sufocando um soluço de dor, estendi a mão para ele às cegas. "Não me deixe."

APAGUE AS LUZES

Hugo

1 DE NOVEMBRO DE 2003

"VAMOS LÁ , H UGH", insistiu uma das meninas de um dos grupos de dança da minha irmã, algumas horas depois, quando se aproximou de mim. "Dance comigo."
"É, Hugh", zombou Gibs, que estava bêbado e namorando sua garrafa de tequila quase vazia. "Dance com ela."
"Desculpe, Lisa, não posso", respondi, balançando a cabeça. "Tenho namorada."
“Onde ela está?”
Espero que em casa .
"Eu tenho uma namorada", repeti, tirando os dedos dela da minha camisa e dando um passo seguro para longe do perigo. "Mas ele não tem", respondi abruptamente, empurrando meu companheiro de equipe Luke Casey em sua direção.
“Uau, Hugh, que generoso”, disse Luke secamente, enquanto seus olhos diziam: *é melhor você me tirar dessa, idiota* .
"Nossa!" Ela exalou um suspiro impressionado. "Você é *linda* ."
"Ele é tão lindo", concordou Gibs, ainda imitando a voz aguda dela enquanto piscava. "Um menino tão lindo, tão lindo."
Tirando uma embalagem de camisinha do sutiã, ela a balançou na frente do rosto dele como se fosse um grande prêmio e, então, antes mesmo que Gibs tivesse a chance de pensar em responder, ela enfiou a língua na garganta do nosso companheiro de equipe, o suficiente para tocar suas amígdalas.
Temporariamente surpreso, Luke manteve as mãos erguidas ao lado do corpo, completamente atordoado, e quando ela enfiou a mão dentro da calça jeans, tive que desviar o olhar.
"Jesus Cristo." Balançando a cabeça, virei-me para olhar boquiaberto para Gibs. "O que fizemos?"
"Você pensaria que eu acharia isso sexy, mas não." Balançando a cabeça, Gibs virou um gole de tequila direto da garrafa antes de colocar a mão em concha em volta da boca e gritar: "Lukey, levante três dedos se precisar de ajuda!"
Nosso companheiro de equipe levantou a mão, mas em vez de mostrar três dedos, ele nos mostrou o do meio.
E então, com a boca ainda cirurgicamente presa à língua demoníaca de Lisa Nevin, Luke a ergueu em seus braços.
Sem perder o ritmo, ela colocou as pernas em volta da cintura dele enquanto ele os conduzia em direção à porta.
"Meu Deus, Hugo." Gibs deu um tapa no meu peito ao mesmo tempo em que eu dei um tapa no dele. "Acho que ele vai levá-la lá para cima e montá-la."
"Acho que você pode ter razão, rapaz", respondi, engasgado, agarrando a frente da camisa dele com tanta força quanto ele segurava a minha. "O que fazemos?"
"Não sei quanto a nós, mas você definitivamente deveria subir e trancar a porta,

rapaz." Ele deu um tapinha no meu ombro. "A menos que você queira dormir na área molhada de outro rapaz..."
Eu estava correndo para as escadas antes que Gibs tivesse a chance de terminar a frase.
Bêbado e tonto, subi os degraus, sem parar até chegar ao meu quarto — bem a tempo de ver Luke e Lisa desaparecendo dentro do quarto de hóspedes.
Aliviado, fui para o meu quarto mesmo assim, decidindo verificá-lo e trancá-lo antes que qualquer outro possível acidente ocorresse.
Quando cheguei à porta e ouvi gemidos altos e ruídos sexuais óbvios, fiquei imediatamente irritado.
Abri a porta, entrei e acendi a luz, pronto para transar com qualquer babaca que achasse inteligente foder na minha cama.
Quando a luz acendeu, eu não conseguia me mover.
Eu não conseguia respirar.
Paralisado no lugar, enquanto meu cérebro lutava para compreender o que meus olhos estavam vendo, senti meu coração se despedaçar em um milhão de pedaços.

TALVEZ VOCÊ DEVESSER TER PENSADO NISSO

Lizzie

1 DE NOVEMBRO DE 2003

“O QUE *DIABOS* VOCÊ ESTÁ FAZENDO! ”
“Jesus Cristo, me desculpe, rapaz!”
"Você tem um segundo para tirar seu pau da minha garota antes que eu te mate."
Demorei um momento para registrar os gritos e mais alguns para entender por que eu sentia tanto frio.
"Hugh, me desculpa, rapaz. Eu estava bebendo e ela estava... ah, puta merda, me dá uma chance de me vestir, tá?"
Piscando confusa, apoiei-me nos cotovelos e observei Hugh esmurrar outro garoto no chão do quarto.
O que mais me confundiu foi o fato de Hugh ser o único completamente vestido, enquanto o garoto que teve o rosto esmagado estava apenas de cueca boxer.
“Hugh”, murmurei, sentindo-me confusa.
"Cubra-se!", ele rugiu, parando no meio do soco para apontar para mim. "E não fale comigo agora, Liz!"
Os socos recomeçaram, olhei para mim mesma, registrei meu corpo flagrantemente nu e rapidamente puxei o edredom sobre mim.
Oh meu Deus .
O que eu fiz?
Não, não, não…
Que porra eu fiz?
A porta do quarto se abriu bruscamente, e Thor entrou correndo para avaliar os danos. Seus olhos pousaram nos meus por um breve momento antes de ele se virar e ir em direção a Hugh.
"Está tudo bem, Hughie, eu te peguei." Abraçando meu namorado, ele o arrastou para longe do garoto sangrando no chão. "Ele não vale a pena, rapaz."
"Me solta, Gibs." Nunca na minha vida eu tinha visto Hugh tão desequilibrado enquanto lutava furiosamente contra o aperto de Thor, tentando desesperadamente atacar o garoto que vestia suas roupas. "Vou matar aquele babaca."
"Sério, Pierce?", perguntou Thor, lutando para conter meu namorado. "Você está tão ocupado assim?"
"Sinto muito, Gibs", respondeu o garoto, calçando os sapatos antes de pegar o casaco da cadeira.
"É, bom, desculpa não é bem assim, babaca", Thor retrucou, irritado. "Não quando você transa com a namorada de um colega de equipe na própria cama dele, seu babaca!"
"Sinto muito, rapazes, mas ela estava em cima de mim", protestou o garoto. "É sério, Hughie, rapaz. Ela me mandou ficar com ela."
Hugh pareceu registrar isso, e eu vi seus ombros caírem no que parecia ser

derrota. "Tire-o daqui, Gibs", sussurrou, parecendo abatido. "E mande todo mundo para casa." Um arrepio profundo percorreu meu namorado quando ele disse: "A festa acabou".
O garoto não precisou ser avisado duas vezes e saiu correndo da sala, seguido por Thor. "Estarei lá embaixo se precisar de mim, rapaz", disse ele, olhando para Hugh antes de fechar a porta e nos deixar sozinhos.
Eu me preparei para a ira do meu namorado, mas ela não veio.
Em vez disso, ele me deu as costas, agarrou o parapeito da janela e olhou para fora.
"Hugh." Pulando da cama, corri em sua direção. "Por favor, por favor, por favor, deixe-me explicar."
"Vista-se, Liz." Ele não olhou para mim enquanto falava, preferindo olhar pela janela. "Não consigo olhar para você agora."
"Desculpa", eu disse, estrangulada, com o peito arfando. "Desculpa mesmo, Hugh. Por favor, *fala* comigo."
“Vista-se, Liz.”
"Certo." Fungando, corri de volta para a cama dele e me atrapalhei para encontrar minhas roupas. "Desculpe."
O silêncio me envolveu.
"Hugh, é sério." Minhas lágrimas caíam rapidamente, à medida que a gravidade da situação começava a me atingir. "Não sei o que aconteceu."
Ele não respondeu.
"Hugh, por favor!" Chorando copiosamente, vesti minha calcinha e a puxei para cima das pernas. "Diga alguma coisa."
Ele não fez isso.
"Não significou nada, eu juro. Eu, uh, eu... eu pensei que estava com você." Quando peguei meu vestido do chão do quarto, meu olhar pousou em uma camisinha usada. "Meu Deus!" Meu corpo tremia violentamente, e eu soltei um soluço rouco, enquanto me vestia rapidamente. "O que eu fiz?"
"Você pode ficar aqui esta noite se não quiser chamar seus pais para te buscar", disse Hugh finalmente. Endireitando os ombros, soltou um suspiro e foi em direção à porta. "Vou dormir na casa da Gibsie."
"Não, não, não, por favor, não me deixe", gritei, correndo para interceptá-lo, mas era tarde demais. Ele já estava fora do quarto e na metade da escada. "Hugh!"

"Espere", gritei, seguindo meu namorado para fora no meio da noite. "Hugh, por favor!"
"Volte para dentro, Liz", ele gritou por cima do ombro enquanto saía furioso na direção oposta das duas casas.
"Por favor, espere!" Correndo descalça pela rua, alcancei-o e agarrei sua camisa. "Não, Hugh, não vá." Agarrando seu antebraço com as duas mãos, chorei alto e feio quando tentei fazê-lo parar. "Por favor, não vá."
Sempre um cavalheiro, Hugh obedeceu e parou, preferindo não me arrastar descalço pelo asfalto, embora eu merecesse.
Todo o seu corpo estava rígido, e ele olhava fixamente para a frente na

escuridão.
Eu estava segurando o braço dele, mas ele não cedeu um centímetro.
“Olhe para mim.”
" *Não posso* ."
"Por que não?"
“Porque eu não te conheço mais.”
"Sim, você tem." Fungando, estendi a mão e tentei segurar seu rosto. "Eu ainda sou eu."
"Não." Sua voz estava embargada quando ele balançou a cabeça, erguendo os braços para tirar minhas mãos do seu rosto. "Não posso ter suas mãos em mim."
"Eu não quis dizer isso, Hugh." Frenética, entrelacei meus dedos nos dele e me aproximei. "Eu estava bêbada, tá? Eu estava te procurando. Achei que fosse você! Eu te amo. Eu te amo; de verdade. Me desculpe, me desculpe. Me desculpe pra caramba."
"Você transou com ele, Liz!", rugiu ele, perdendo a calma. "Pierce O'Neill! Meu próprio companheiro de equipe! Você *transou com* ele. Então não fique aí parado dizendo que me ama."
“Eu te amo, Hugh!”
"Você não sabe o significado da palavra." Ele fervia, o peito arfando. "Eu te amei, Liz. A mim." Ele bateu a mão no peito. "Eu te amei o suficiente para te colocar em primeiro lugar. Mesmo quando era difícil fazer a coisa certa. Eu fiz isso, porra. Porque é isso que alguém faz quando ama alguém. Eles colocam essa pessoa em primeiro lugar."
"Eu...", balançando a cabeça, forcei a cabeça a encontrar as palavras para melhorar aquilo. Para voltar no tempo. "Não sei por que fiz isso." Um soluço de dor escapou de mim. "Não significou nada para mim. É que... às vezes, tenho esses sentimentos e preciso..."
"Você acha que esse babaca se importa com você?", ele me interrompeu e perguntou, apontando para a casa que tínhamos deixado. "Você acha que ele se importa com qualquer coisa além do que está por baixo das suas roupas? Porque vou te contar um segredinho, Liz, ele não se importa. Noventa e nove por cento dos babacas na minha casa hoje à noite não dão a mínima para nada além de molhar o pau!"
"Hugh", gritei, agarrando-me a ele com todas as forças. "Sinto muito, muito mesmo."
"Você não é uma pessoa para esses babacas, Liz", ele continuou a gritar, com a voz embargada de emoção. "Eles não se importam com o seu coração, com a sua mente ou com a sua vulnerabilidade. Eles não dão a mínima para nada disso. Porque quando olham para você, tudo o que veem é xoxota!"
"Sinto muito." Soluços violentos me invadiram. "Eu só queria esquecer."
"Esquecer o quê?", perguntou ele, com a voz rouca. "Eu? Fui tão ruim com você que você teve que fazer isso? Você não podia esperar?"
"Sinto muito. Sinto muito", chorei, sentindo-me histérica. "Você foi perfeita para mim. Nunca tive alguém que se importasse comigo como você."
"É? Bom, novidade, Liz, não é tudo sobre como você se sente", Hugh retrucou, com o peito arfando. "Eu também estava no relacionamento, "E *eu* não estava nem aí para o sexo, tá? Eu te dei nove anos da minha vida, e você transa com um

desconhecido na minha cama?"
"Não sei como aconteceu!", gritei, agarrando meu cabelo. "Eu só... eu queria me sentir bem."
"Então sua necessidade de se sentir bem fez com que fosse aceitável me *trair* ?"
"Hugh." Eu não conseguia respirar. "Eu não queria; juro por Deus! Acho que estou bêbado e eu só..." Balancei a cabeça e chorei copiosamente. "Sinto muito!"
"É, veja bem, a diferença entre nós, Liz, é que eu *jamais conseguiria* ter intimidade com outra pessoa além de você", ele disse, trêmulo. "Bêbado ou não, eu *jamais conseguiria* me entregar a um desconhecido como você acabou de fazer."
"Só me dá mais uma chance, Hugh." Fungando, tentei passar os braços em volta do pescoço dele. "Deixa eu resolver isso, tá?"
"É tarde demais."
"Não." Chorando incontrolavelmente, segurei-me com todas as forças, sentindo como se o mundo inteiro estivesse escapando dos meus dedos. "Por favor, não diga isso."
"Você não pode continuar fazendo isso comigo", ele gritou roucamente, lutando para segurar minhas mãos que o tocavam por toda parte. "Liz, você está me *matando* ."
"Não estou tentando", solucei incontrolavelmente. "Eu só... eu estrago tudo."
"Achei que sabia quem você era", sussurrou ele, entrecortado. "Achei que eu era o que você queria." Uma lágrima rolou por sua bochecha. "Eu estava errado."
"Não diga isso", gritei, tentando beijá-lo e me sentindo devastada quando ele se esquivou de mim. "Eu te quero. Você é tudo o que eu quero."
"Você vai sair dessa." Fungando, Hugh virou a cabeça e usou o ombro para limpar a bochecha. "E quando sair, vai se odiar tanto quanto eu *gostaria* de te odiar."
“Hugh!”
“Acabou, Liz.”
Não .
Não .
Não, não, não, não, não!
"Por favor, Hugh", gritei, sentindo meu mundo desmoronar. "Por favor, eu imploro!"
"Acabou ", repetiu Hugh, com a voz embargada enquanto respirava fundo , trêmulo. "Você pode ficar na minha casa esta noite, e eu fico com o Gibs, mas você precisa ir embora amanhã." Ele respirou fundo, trêmulo, e enxugou as lágrimas com força. "E você precisa apagar o meu número do seu celular."
"Hugh", gritei, sentindo-me fraca. "Por favor, não fique assim."
"É tarde demais, Liz", disse ele, afastando-se de mim. "Não há como voltar atrás."
"Eu te amo!", gritei atrás dele. "Você é meu melhor amigo! Como eu vou ficar sem você?"
"Talvez você devesse ter pensado nisso", foi tudo o que Hugh respondeu antes de se virar e ir embora.

ESSA DOR NÃO VAI DURAR PARA SEMPRE

Hugo

1 DE NOVEMBRO DE 2003

EU NÃO CONSEGUIA RESPIRAR .
Eu não conseguia pensar direito.
Eu não conseguia parar de *chorar* .
Eu nunca entenderia como meu coração continuava batendo, porque ela o espalhou por toda a parede do meu quarto.
A imagem do meu companheiro de equipe entre as pernas dela, enfiando o pau nela, me fez querer perder a cabeça.
"Vou vomitar", avisei, correndo em direção ao vaso sanitário enquanto o conteúdo do meu estômago saía do meu corpo.
"Te peguei, irmão", Gibs me persuadiu, ajoelhando-se no chão do banheiro ao meu lado e massageando minhas costas. "Coloca tudo para fora."
"Pierce", gritei entre gritos violentos. "Meu maldito companheiro de equipe."
"Ele é um cara ruim", Gibs tentou me consolar, enquanto enxugava meu queixo com um chumaço de papel higiênico. "Ele vai ter o que merece, Hugo. Vou garantir."
"Ela *transou* com ele, Gibs."
“Eu sei, rapaz.”
“Minha *namorada* transou com meu *companheiro de equipe* .”
"É, e os dois são uns traidores nojentos por isso", respondeu ele, me abraçando enquanto eu me equilibrava sobre a tigela. "Que se fodam, Hugh. Você vale um milhão de Pierce O'Neills, e é bom demais para uma garota que abre as pernas para o seu companheiro de equipe."
"Não diga isso dela", gemi, chorando quase tanto quanto vomitando. "Porra, não aguento mais isso."
"Você vai ficar bem", ele prometeu, limpando meu queixo novamente. "Essa dor não vai durar para sempre."
"Vai sim", gritei, tremendo violentamente. "Eu amo aquela menina desde os meus sete anos."
"Eu sei que sim."
"Não, você não sabe, rapaz. Você não tem a mínima ideia do que eu passei com aquela garota. Eu a amei com cada batida do meu coração. Passei a vida inteira devotado a ela." Um grito rouco irrompeu do meu peito. "Como ela pôde fazer isso comigo, Gibs?"
"Não sei, Hugh", respondeu ele baixinho, permanecendo fielmente ao meu lado. "Talvez ela estivesse bêbada?"
"Porra, bêbado", eu retruquei, com o peito arfando. "Estou bêbado, e você não me vê transando com outras garotas."
Gibs ficou em silêncio por um longo instante antes de dizer: "Talvez ela estivesse com algum problema", disse ele cuidadosamente. "Sabe, como os

problemas que ela costumava ter depois que Caoimhe morreu?"
"Isso não justifica nada", gritei, sentindo-me verdadeiramente destruída por dentro. "Porque ela tinha uma escolha, Gibs, e escolheu nos arruinar."

POR FAVOR, LEVE-A

Lizzie

2 DE NOVEMBRO DE 2003

EU NÃO CONSEGUIA LEMBRAR DE TER CAÍDO NO SONO, MAS É CLARO QUE CAÍ , PORQUE QUANDO ABRI OS OLHOS, era domingo de manhã e eu estava sozinha na cama de Hugh.
Caí da cama completamente vestido e corri escada abaixo, saindo pela porta da frente, com apenas uma coisa em mente.
Tremendo violentamente ao atravessar a rua, forcei meus pés na entrada da garagem e bati na porta de Thor. Cheio de raiva, resisti à vontade de chutar e bater na estrutura de madeira enquanto esperava impacientemente que atendessem.
Quando Thor abriu a porta, ele não disse nada. Em vez disso, virou-se e desapareceu na sala da frente.
Alguns momentos depois, Hugh apareceu na porta.
"Oi", respondi, sem conseguir ficar parada. "Podemos conversar?"
Hugh me olhou diretamente nos olhos, sustentando meu olhar por um ou dois segundos antes de balançar a cabeça rapidamente. "Não. Não temos nada para discutir quando você está assim."
"Quando eu fico tipo o quê?", perguntei, levantando as mãos. "O que estou fazendo de errado agora?"
"Quando você estiver maníaca, Liz", ele respondeu. "Se quiser falar comigo, vá e melhore primeiro."
"Hugh, por favor." Sentindo-me desesperada e irritada, estendi a mão para ele, mas fui rejeitada. "Se você me der apenas cinco minutos para explicar."
"Não preciso da sua explicação." Cruzando os braços sobre o peito, ele me olhou com uma expressão vazia. "Como eu disse: vá para casa e melhore."
"Não sei por que fiz isso", ouvi-me admitir, sabendo que tinha muito mais a dizer se tivesse alguma chance de consertar aquilo, mas lutando para diminuir meu orgulho. "Foi... uma loucura." Balançando a cabeça, estendi a mão para ele novamente e então empalideci quando ele se afastou. "Eu nem gosto do Pierce."
O riso que escapou dos meus lábios estava todo errado, errado, errado.
Eu precisava mostrar a ele o quanto eu sentia muito, mas em vez disso eu estava rindo.
O que diabos aconteceu comigo?
Jesus .
“Vá para casa”, ele me disse, indo fechar a porta.
"Ei!" Sentindo uma fúria irracional por ele não me deixar explicar, bati a mão na porta para impedi-lo. "Não vou embora sem conversarmos."
"Você não vai embora sem conversarmos", repetiu ele num tom frio. "Certo, Liz." Hugh saiu e fechou a porta atrás de si. Eu o segui pela rua até a casa dele. "Vamos conversar."

Seguindo-o para dentro, observei enquanto ele pegava o celular, apertava alguns botões e o levava ao ouvido. "Sim, é o Hugh. Escuta, tenho um compromisso e preciso que você pegue a Liz o mais rápido possível." Ele estava de costas para mim enquanto falava. "Você pode chegar aqui em quinze minutos? Sim, tudo bem. Obrigada, Catherine. Sim, tchau."
"Eu não vou embora", eu disse, estrangulada, quando ele se virou para mim. "Não vou, Hugh." Meus olhos se encheram de lágrimas. "Por favor!"
"Você não vai ficar", ele me disse secamente. "Sua mãe chega em quinze minutos, então desabafe o que tiver que dizer."
"Por que você está agindo assim?", perguntei, sentindo-me magoada. "Por que está falando comigo desse jeito?"
“Que jeito, Liz?”
"Como se você me odiasse."
“Eu não te odeio, Liz.”
“Mas você não me ama mais?”
Suas narinas se dilataram, mas ele não respondeu.
“Hugh!”
"Eu sei que você está doente, Liz", ouvi-o dizer. "Eu entendo, mas isso não tira o que você fez."
"O que eu fiz?"
“O fato de você estar me perguntando isso me garante que você está ainda mais doente do que eu pensava.”
"Não estou doente, Hugh", apressei-me em dizer. "Estou bem, prometo. Só estou..." Balançando a cabeça, soltei uma risada sem graça. "Não sei o que estou."
A devastação tomou conta de seus olhos. "Eu implorei, Liz."
"Você me implorou o quê?"
Dando-me as costas, Hugh entrou na cozinha e olhou para as portas fechadas do pátio. "Eu implorei para você tomar seus remédios, mas você não conseguiu fazer essa coisa por mim."
"Então, porque não quero me sentir morto por dentro, eu sou o cara mau?"
"Não, Liz, você é a vilã porque transou com a minha amiga!", rugiu ele, vibrando de tensão. "Você é a vilã porque partiu meu coração ontem à noite!"
"Escute, não exagere." Tentei argumentar com ele, reprimindo a vontade de revirar os olhos. "Está tudo bem. Está tudo bem. Você não queria fazer isso, e eu fiz." Dei de ombros. "Eu resolvi o nosso problema, então, pensando bem, estamos em uma situação melhor do que estávamos esta manhã."
"Você é inacreditável."
"Meu Deus, para logo, tá?", levantei as mãos e gritei. "Eu já pedi desculpas! Por que você não está me ouvindo?" Furiosa, puxei seu braço, implorando para que ele entendesse. "É tão fundo assim, Hugh?"
Todo o seu corpo se enrijeceu, e ele ergueu a mão para beliscar a ponta do nariz. "Pergunte-me isso quando você for você de novo, e eu te conto."
Então ouvi uma buzina de carro e comecei a entrar em pânico.
"Sua mãe está lá fora."
"Não, não, não, Hugh, por favor!" Agarrei seu braço e implorei para que ele não me fizesse ir embora. "Eu te amo, eu te amo, eu juro que te amo!" Firmando os

calcanhares, tentei impedi-lo de nos acompanhar até a porta. "Por favor, não me mande embora."
"Você tem que ir para casa agora, Liz", ele disse, estrangulado, me pegando no colo e indo para fora. "Eu não consigo fazer isso", disse à minha mãe, que estava esperando no carro. "Desculpe."
"Ah, Hugh, meu querido." Os olhos da mamãe estavam cheios de preocupação. "O que aconteceu?"
"Leve-a, Catherine", implorou Hugh, com a voz embargada. "Por favor, *leve-a* ."
“Aonde você vai?”, gritei para ele.

PROMETAM-ME, RAPAZES

Hugo

2 DE NOVEMBRO DE 2003

CLARO QUE O G IBS TINHA PEDIDO REFORÇOS ENQUANTO EU ESTAVA COM O CORAÇÃO partido, porque quando voltei para a casa dele, Feely estava esperando com um saco de latas e um abraço. Desabando no sofá ao lado deles, me entreguei aos dois rapazes que estavam ao meu lado desde a infância e que se esforçaram ao máximo para beber até a inconsciência.
Como ela pôde fazer isso comigo?
Como ela pôde se entregar daquele jeito?
Por que eu não fui o suficiente para ela?
Eu teria entendido se eu tivesse sido um péssimo namorado, se eu não tivesse colocado ela em primeiro lugar ou se tivesse ignorado seus sentimentos, mas eu nunca fiz nenhuma dessas coisas.
"Escutem, se vocês me valorizam como amigo, nunca mais vão trazer à tona o que aconteceu com a Liz e o Pierce", falei arrastado, várias horas depois, com uma garrafa de cidra pressionada contra os lábios. "Vou morrer, porra", acrescentei, bêbado e dramático. "Estou dizendo, rapazes, vou cair morto dessa dor." Tomando outro gole enorme de cidra, engoli em seco e então soltei uma risada de dor que se transformou em um soluço amargo. "Preciso esquecê-la e preciso que vocês me ajudem."
"Não diga mais nada, meu irmão", Gibs se apressou em dizer, passando o braço em volta dos meus ombros. "Foi apagado." Embriagado, ele acenou com o dedo como se fosse uma varinha ensanguentada de Harry Potter. "Um novo começo."
"Tem certeza disso?", perguntou Feely, com o cigarro equilibrado entre os lábios. "Você está tomando decisões importantes com base em mágoas temporárias."
"Dói?", soltei uma risada de dor. "Isso é tão além da dor, rapaz, que não sei como ainda estou de pé."
"Ele tem certeza", Gibs disse animadamente, "e vai ficar ótimo." Sorrindo, ele me ofereceu um abraço de urso. "Você vai beber essa garrafa de dois litros de veneno barato até a morte e depois vai vomitar até a alma e, depois que dormir, ela vai sair do seu organismo, e você vai ficar bem."
“Talvez eu devesse ligar para ela?”
"Porra, não, você não deveria", argumentou ele, arrancando meu celular da minha mão antes que eu tivesse a chance de abri-lo. "Você deveria apagar o número dela."
"Eu deveria", concordei e então gemi de dor física quando outro flash de imagens torturantes passou pela minha mente.
Imagens dela *embaixo* dele.
Imagens dele *dentro* dela.
"Eu quero morrer."
"Não, isso também não pode ser feito", Gibs balbuciou, parecendo tão bêbado

quanto eu. "Eu me recuso a deixar você morrer virgem."
"E o Cap?", perguntei abruptamente, com os olhos turvos e completamente bêbado. "Ele não deveria estar aqui para o pacto?"
"Kav?", Feely riu, juntando-se à farra da bebedeira agora que havia relaxado com a barriga cheia de vodca. "Sem querer ofender, Hugh, e digo isso com a maior sinceridade, porque amo o Kav como um irmão, mas ele não se deu ao trabalho de aprender o nome de nenhuma das nossas irmãs, muito menos o das nossas namoradas."
"Não fale mal do meu Johnny", rosnou Gibsie, estufando o peito. "Vou te cortar a cabeça por isso."
“Não estou dizendo isso como algo ruim”, disse Feely, tentando acalmá-lo. “Tudo o que estou dizendo é que Kav está interessado em um total de três coisas: rúgbi, labrador e Gibs. Qualquer coisa diferente disso e ele não toma nota."
"Ele também gosta de vocês, rapazes", disse Gibs, mas o sorriso em seu rosto me garantiu que essa pequena informação o fez se sentir como se valesse um milhão de libras.
"Ah, qual é, Gibs", Feely argumentou, rindo. "Ele vai acampar todo verão e a única pessoa com quem ele se dá ao trabalho de falar é você."
"É verdade", eu disse arrastando as palavras, balançando a cabeça. "Você é o favorito dele."
"Pelo menos eu sou o favorito de alguém", retrucou Gibs. "Vocês dois sempre foram mais próximos do que qualquer um de vocês comigo."
“Como sua cabeça está tão enfiada no buraco da irmã dele, é impossível ter uma conversa com você que não contenha a palavra *Claire* .”
"Porque eu a amo, e ela é minha noiva", declarou Gibs antes de fazer uma careta. "Desculpe, rapaz."
"Que ótimo, rapaz", murmurei, dando tapinhas no ar. "Pelo menos um de nós está feliz."
"Você vai ser feliz de novo, Hugh. Eu te prometo isso, rapaz", disse Feely, batendo sua garrafa na minha. "Você vai encontrar uma garota legal e firme", continuou ele, torcendo o nariz. "Uma que não vai transar com seus colegas de time."
"Ou odeie seus amigos", Gibs interrompeu, levantando a mão. "Isso seria legal."
"Verdade." Feely assentiu sombriamente. "Ou descarrilar."
Jesus Cristo .
"Prometam-me, rapazes", ouvi-me implorar, sentindo meus olhos arderem de lágrimas. "Prometam a Deus que não me deixarão voltar para ela."
"Nós prometemos, rapaz", juraram ambos em uníssono. "Não importa o que aconteça."
Não importa o que .
Porra.

PARTE 20

Corações Implacáveis

ISTO NÃO É UM JOGO

Lizzie

5 DE NOVEMBRO DE 2003

A ESCOLA COMEÇOU HÁ TRÊS DIAS E EU AINDA NÃO VOLTEI.

Meu pai estava *furioso* por eu estar em casa, porque quando me levou ao hospital no domingo passado, esperava que me mantivessem internado. No entanto, devido à falta de leitos e por eu não representar um risco imediato para mim mesmo, recebi alta após setenta e duas horas.

Os médicos me disseram que eu estava passando por episódios mistos, mas eu não tinha tanta certeza disso, porque meus picos estavam aumentando a cada dia, e eu ansiava pelo momento em que minha mente me engoliria por inteiro e eu não precisaria mais pensar.

Agora, eu estava de volta à casa dos meus pais, e meu pai não conseguia mais esconder sua repulsa, o que era bom para mim, porque eu também não conseguia esconder minha falta de interesse.

Eu estava começando a perder grandes períodos de tempo durante o dia, ficando distraído e sem memória de quando voltava a mim, e isso só alimentava meu lado imprudente.

Parecia que todo o meu ser havia sido reorganizado e reprogramado para funcionar em uma frequência de impulso primordial. Meus sentidos estavam sobrecarregados, enquanto minha empatia estava em seu nível mais baixo. Eu me vi alternando rapidamente entre o desejo de fazer sexo e o anseio de cortar meus pulsos.

Meus pais pareciam não me suportar, e meu pai frequentemente tirava minha mãe de casa por longos períodos todas as noites.

Eu sabia o porquê.

Ele estava me dando privacidade para me matar.

Ele me queria morto.

Todos eles fizeram .

Na quarta-feira à noite, eu estava sozinho andando de um lado para o outro no hall de entrada da minha casa quando a campainha tocou.

Confuso, fiquei olhando para a porta por um longo momento, me perguntando se era real ou apenas minha imaginação.

Ultimamente, eu andava ouvindo cada vez mais coisas e não conseguia dizer se a campainha era mais uma invenção da minha mente perturbada. Se fosse, então podia ser o monstro tentando entrar de novo, e eu *não estava* caindo na armadilha dele.

Caminhando na ponta dos pés em direção à porta, estendi-me para olhar através do painel de vidro fosco e vislumbrei uma sombra.

Em pânico, agarrei meu cabelo e retomei o meu andar.

E se fosse a moça assustadora?

Puta merda, e se ela voltasse para me buscar?

Ela disse que faria isso.
Ela havia prometido.
A campainha tocou novamente, seguida de uma batida forte.
Soltando um grito de surpresa, corri em direção à porta e decidi simplesmente abri-la.
Se fosse ela, então ela poderia me ter.
Eu não dava mais a mínima.
Quando puxei a porta para dentro, fiquei sem fôlego.
Olhos castanhos como uísque me cumprimentaram. "Oi."
"Oi", sussurrei, agarrando a maçaneta enquanto meu coração disparava com um estrondo estrondoso. "O que você está fazendo aqui?"
"Acho que deixei o carregador do meu celular no seu quarto", respondeu Hugh, erguendo seu confiável Nokia. "Estou na minha última barra." Ele deu de ombros, sem jeito, antes de acrescentar: "Está em uma boa hora?"
Sim!
Sim, sim, sim…
"Sim, sim, claro." Dei um passo para o lado para deixá-lo passar. "Entre."
Sem dizer uma palavra, Hugh passou por mim e foi em direção às escadas.
"C-como você está?" perguntei, subindo as escadas correndo atrás dele.
"Multar."
"Está com fome?" Seguindo-o, fiquei parada na porta do meu quarto e o observei encontrar seus livros. "Posso preparar algo para você comer."
“Não, obrigado, eu comi antes de vir para cá”, ele respondeu em tom educado, enquanto continuava a procurar seu carregador, acabando por encontrá-lo debaixo dos lençóis emaranhados da minha cama.
Ele enrolou o fio brevemente no plugue antes de guardá-lo no bolso e ir em direção à porta. "Obrigado."
"E-espera!", gritei, em pânico ao pensar nele me deixando de novo, enquanto eu bloqueava a porta. "Por favor."
Hugh parou bem na minha frente, mas manteve a atenção em algo por cima do meu ombro. *Ar rarefeito* , presumi. Era mais fácil de olhar do que eu. "Preciso ir agora, Liz."
"Não vá embora." Coloquei as mãos na barriga dele e as deslizei para cima até agarrar seus ombros. "Fique."
Um tremor percorreu seu corpo grande, mas ele não respondeu, recusando-se claramente a olhar para mim.
"Desculpa, meu amor." Ficando na ponta dos pés, dei um beijo demorado na curva do seu maxilar. "Me perdoa."
Seu maxilar se apertou, assim como suas mãos, e eu sabia que seus punhos cerrados não eram prelúdio para violência. Ele estava lutando contra a vontade de me amar de volta.
Levantei a mão e acariciei delicadamente sua bochecha, observando seu pomo de adão balançar em sua garganta momentos antes de suas pálpebras se fecharem.
Chegando mais perto, passei as palmas das mãos pelo seu peito e depois pela sua barriga antes de enfiar os dedos na cintura da sua calça de moletom cinza.
Sua respiração aumentou, suas narinas dilataram devido ao esforço que ele fazia

para não reagir, mas ele era tão teimoso que eu sabia que ele não iria desistir.
Enfiando as duas mãos por baixo do cós da cueca dele, estendi a mão e agarrei sua bunda dura com uma mão, enquanto usava a outra para acariciar seu comprimento que endurecia rapidamente.
Mesmo assim, ele *não* desistiu.
Ficando na ponta dos pés, tracei lentamente o comprimento do seu pescoço com a minha língua, não parando até chegar à sua boca e capturar seu lábio inferior entre os meus dentes.
Puxei com força, fazendo-o finalmente sibilar, antes de soltar com um estalo alto e então acalmar a carne macia com minha língua.
"Acabou", ele finalmente disse, com o maxilar cerrado. "Não sou seu para tocar."
"E ainda assim eu estou bombeando seu pau", ronronei de volta, deleitando-me com a fúria que brilhava em seus olhos quando ele me encarou. "Que mundo engraçado, não é?"
Suas íris cor de uísque estavam quase eclipsadas por suas pupilas dilatadas, o que me assegurava que, embora ele pudesse me desprezar, *ainda* me desejava. Sem mencionar o fato de que ele ainda não havia se afastado.
"Isso não é um jogo", ele disparou, apoiando as mãos no batente da porta acima da minha cabeça. "Está me ouvindo? Minha vida não é "Um *jogo de merda* . Você não pode continuar brincando comigo, não quando eu estou tentando seguir em frente."
"Como está funcionando para você?", perguntei baixinho, me aproximando para acariciar sua bochecha com a minha, enquanto continuava a bombear seu membro *exatamente* como ele gostava. "Seguir em frente é *difícil* , não é?"
"Liz, *por favor* ", ele gemeu, sibilando com um suspiro estrangulado, enquanto suas bochechas ficavam vermelhas. "Eu *não consigo* fazer isso."
"Mas você não fez nada", insisti com a voz carregada de desejo. "Hum?" Apressei o passo, agarrando-o com mais força, puxando-o com mais força, enquanto arrastava as unhas por sua bunda gloriosa. "Aí está", ronronei, explorando-o melhor do que qualquer um. "Deixe-me cuidar de você."
"Eu, ah... não, eu realmente... por favor... porra!" Um gemido cru, masculino e gutural irrompeu de seu peito, e os músculos de sua bunda se contraíram, enquanto seus quadris se esticavam sob meu toque. "Eu não deveria, ah..." Seus quadris se impulsionaram novamente. "Você não deveria..." Outra estocada deliciosa. "Porra, isso é tão..." — sibilando, ele mordeu o lábio inferior e apertou ainda mais o batente da porta — "...errado!"
"Mas é tão *bom* , não é?", sussurrei, traçando seu pescoço com minha língua novamente e então sorrindo quando o senti acenar com a cabeça.
"Você sabe que eu posso fazer você se sentir melhor do que ela", continuei a sussurrar, provocar e implorar, enquanto minha mão trabalhava freneticamente para carregá-lo sobre o penhasco que ele claramente evitava. "Só se entregue ao que você *realmente* quer e se deixe ter isso, baby." Lambi e acariciei seu pescoço. "Imagine você na minha cama, exatamente onde deveria estar, e você entre as minhas pernas, empurrando *isso* bem fundo dentro de mim, me preenchendo e me fazendo esticar para caber tudo *isso* !"
Isso funcionou.
O mais sexy grunhido masculino de aprovação escapou de sua garganta quando

seu orgasmo o atingiu, fazendo seus quadris se mexerem e seu corpo tremer.
Ainda apoiado no batente da porta atrás de mim e ainda tremendo pelos tremores secundários, Hugh abaixou a cabeça e respirou fundo várias vezes para se acalmar.
Relutante em soltá-lo, mas sabendo que precisava fazê-lo, lentamente retirei minhas mãos dele e reajustei sua boxer e moletom.
Seu peito ainda arfava e ele ainda olhava para os pés, e eu sabia que isso significava que ele estava se afogando em culpa e vergonha.
A reação dele provocou uma pontada de culpa secundária dentro de mim. Ao contrário de como eu me sentia em relação ao resto do mundo e às pessoas nele, eu preferia arrancar a pele dos meus ossos a infligir dor propositalmente a *esse* garoto.
Pelo menos foi assim que me senti hoje.
Amanhã, quem sabia como eu me sentiria.
Eu certamente não.
Mas hoje eu o amei.
Decidindo não dificultar as coisas para ele, saí do quarto e fui até o banheiro.
Fechei a porta do banheiro atrás de mim, fui até a pia e lavei *as* mãos.
Os segundos passaram em silêncio antes que o som de seus passos na escada rangente enchesse meus ouvidos, seguido pela porta da frente batendo.
Soltando um suspiro estrangulado, agarrei a pia de porcelana e encarei meu reflexo.
Um estranho olhou para mim.
Uma prostituta roubou meu rosto.
"Boas meninas, fiquem quietas e aguentem. Só putas revidam. Você não quer ser uma puta, né, sua mina..."
Incapaz de suportar mais um segundo olhando para a pessoa que eu mais detestava, rapidamente abri a porta do armário.
Recuperando minha fiel navalha, entrei na banheira e coloquei uma perna para fora.
Sabendo que precisava fazer isso para estabilizar minha mente antes que a mudança acontecesse, concentrei-me em uma parte particularmente carnuda da parte superior da minha coxa e me esforcei, esculpindo, cortando e acalmando minha alma com cada passada brusca da lâmina.

PLANEJANDO EM SUA MANIA

Hugo

6 DE NOVEMBRO DE 2003

No início , eu estava completamente paralisado, completamente paralisado, enquanto minha mente tentava processar o trauma. Nada que eu já tivesse passado me traumatizou tanto quanto entrar no meu quarto e ver meu companheiro de equipe transando com minha namorada.
Minha Liz!
A dor atingiu meu plexo solar com tanta força que precisei me segurar fisicamente para não desabar no chão.
Minha reação imediata foi arrastar aquele amigo traidor para longe da minha namorada traidora e quebrar todos os ossos do rosto dele.
Embora eu tenha conseguido reorganizar o nariz daquele babaca, isso não fez nada para me fazer sentir melhor.
Em vez disso, eu só me sentia vazia e decepcionada comigo mesma por não ter tomado a iniciativa. Porque Pierce não valia o meu tempo, e chutar a cara dele naquela noite só fez parecer que a balança estava equilibrada entre nós.
Não éramos iguais e nunca seríamos.
Sim, eu esmaguei o nariz dele e causei duas fraturas na sua bochecha, mas ele destruiu meu mundo e quebrou meu futuro.
Seus ossos se curariam.
Meu coração não.
A parte lógica do meu cérebro me pedia para reconhecer a traição, assumi-la, absorver as emoções que me atormentavam, então superar minhas perdas e ir embora.
Porque eu *tive* que me afastar dela.
Eu conseguiria lidar com quase tudo que Liz jogasse em mim, mas não com isso.
Eu não conseguiria lidar com *isso* .
Enquanto Pierce me esfaqueou pelas costas naquela noite, Liz me esfaqueou direto no coração. Ao contrário da faca cravada nas minhas costas — aquela à qual eu conseguiria sobreviver —, a lâmina de Liz se estilhaçou dentro de mim como chumbo grosso, espalhando-se e atravessando meu coração até não restar mais nada.
O pior de tudo é que Liz nem se arrependeu.
Quando ela não voltou para a escola na segunda-feira, eu meio que esperava que fosse porque ela estava se recuperando do barato.
Ela não tinha.
Quando percebi que tinha deixado meu carregador no quarto dela e finalmente criei coragem para ir buscá-lo ontem à noite, acabei voltando ao hábito de uma vida inteira.
Ela pôs as mãos em mim e eu não tive força de vontade para impedi-la. Foi horrível porque meu corpo não tinha recebido o aviso de que o corpo dela estava

fora dos limites e ainda estava desejando-a.
Foi um erro ir até lá, e eu mandaria minha irmã no futuro, mas, na época, eu esperava que nossa interação a fizesse mudar de ideia.
Mas não.
Como uma fênix destruída renascendo das cinzas da turbulência, Liz chegou à escola esta manhã ainda desenfreada e ainda dominada por sua mania.
A escola era uma tortura porque Liz não só continuava saindo com meu colega de time como também era implacável em suas tentativas de me seduzir.
Sexo era tudo em que ela conseguia pensar, e toda vez que eu rejeitava seus avanços, ela corria de volta para Pierce como uma ninfomaníaca.
Eu entendi que o transtorno bipolar dela tinha muito a ver com sua hipersexualidade repentina, mas isso não aliviou a tristeza que eu estava sentindo.
Eu sabia que Liz não era assim, e *sabia que* ela estava doente, mas eu estava muito magoado e muito vulnerável para separar as duas coisas.
Meu coração estava em pedaços e minha confiança estava no nível mais baixo de todos os tempos. Eu me sentia como um brinquedo descartável com o qual ela gostava de brincar há nove anos e do qual havia se cansado.
Eu sentia que não era *nada* .
Nada além de danos colaterais em seu tornado de emoções.
Imagens do rosto dela passaram pela minha mente como um maldito projetor ligado atrás dos meus olhos.
Eu ainda conseguia sentir o cheiro dela no meu travesseiro. Continuava encontrando fios rebeldes do cabelo dela em peças de roupa aleatórias.
Jesus, doía tanto que era difícil respirar.
Eu queria perguntar aos pais dela o que diabos estava acontecendo e exigir saber por que ela ainda não tinha sido hospitalizada. Impedi-me de contatar os pais dela porque falar com eles não seria bom para mim, e eu precisava começar a *me colocar* em primeiro lugar agora.
Eu não tinha ideia de como me recompor, nem tinha a menor ideia de como lidar com a traição.
Minha única conquista remotamente produtiva desde o término foi conseguir um emprego de meio período na piscina e, honestamente, estar na água foi minha salvação. Isso manteve minha mente ocupada e meus pensamentos *longe* dela. O fato de nossas vidas estarem tão profundamente interligadas tornava impossível passar mais de meio dia sem encontrá-la.
Eu a via todos os dias na escola.
Eu a vi em casa quando Claire a convidou.
Eu a vi no trabalho, onde ela era membro.
Eu a vi *em todos os lugares* .
A pior parte de tudo era que eu *ainda* a amava e *ainda* queria ficar com ela.
E eu me odiava por me sentir daquele jeito.

NÃO HÁ NENHUMA PREOCUPAÇÃO NO MUNDO

Lizzie

6 DE NOVEMBRO DE 2003

QUANDO CHEGUEI À ESCOLA , NÃO PRECISAVA ME PREOCUPAR EM FERIR OS SENTIMENTOS DE NINGUÉM, porque eu não tinha nenhuma preocupação no mundo.
Nem um .
Hoje, eu estava livre como um pássaro e podia viver minha vida sem ser atormentado pelo medo.
Quando Pierce me seguiu até um dos banheiros da sala de educação física, minha mente desligou e meu corpo assumiu o controle. Quando ele levantou minha saia e me mandou sentar no colo dele, fiz exatamente o que ele mandou.
Como uma boa menina.
Como o monstro me mostrou.
Depois disso, me senti saciada, como se não precisasse esfregar meu corpo todo nele ou enfiar meus dedos profundamente dentro de mim.
Esse garoto não ficou bravo comigo por ter pensamentos ruins.
Esse garoto me deu uma forcinha.
Ele me curou com seus remédios .
Quando ele me deixou sozinha no banheiro, estudei meu reflexo no espelho, fixada nas cores que saíam dos meus olhos.
Linhas estranhas de ouro traçando caminho sobre íris azuis.
Fascinante .
Meu corpo estava dolorido por todo lado.
Maravilhoso .
Meu pescoço estava cheio de marcas de amor.
Glorioso .
Olheiras.
Etéreo .
Manchas de lágrimas em minhas bochechas.
Prostituta .
Fragmentos e moléculas de partículas de poeira pousaram na minha pele — eu conseguia vê-los. Era como se o tempo tivesse desacelerado só para mim, permitindo que eu enxergasse tudo em ultravisão.
Mágico .
Tamborilando as pontas dos dedos na borda de porcelana, inclinei a cabeça para um lado, tentando fazer uma conexão com o estranho que me encarava.
Eu não conseguia reconhecê-la, mas estava tocando seu rosto.
Que incomum.
"Então é aqui que você estava se escondendo!", rosnou Claire, soprando a porta do banheiro, com os olhos arregalados de fúria. "Que diabos você está fazendo?"

"Oi", sussurrei, sentindo-me saciada e com vontade de suicídio. "O que foi que eu fiz agora?"
"O que você *fez* ?", ela perguntou, com os olhos arregalados. "Liz, você beijou Pierce O'Neill nos armários hoje de manhã. Eu te vi! E então você saiu correndo antes que eu pudesse te confrontar." Ela estreitou os olhos. "Você deveria estar com meu irmão, Liz. Como pôde fazer isso com o Hughie?"
"Ah." A devastação me atingiu como um maremoto quando ela disse o nome dele. "É, a gente terminou."
"Feche a porta da frente!" Claire ficou boquiaberta. *"Quando?"*
“Último fim de semana.”
“Mas vocês estavam juntos na festa de aniversário dele.”
“Sim, depois de amanhã.”
"Vocês terminaram mesmo?", gritou Claire, parecendo horrorizada. "Meu Deus, por quê?"
"Qual é o seu problema?", perguntei bruscamente, sentindo-me encurralada e magoada. "Você não me queria com seu irmão, para começo de conversa. Bom, seu desejo foi atendido."
"Lizzie!", seu tom estava carregado de mágoa. "Só porque eu estava desconfortável com isso não significa que eu quisesse que isso acontecesse." A tristeza tomou conta dos seus olhos. "Agora tudo faz sentido. Ele está trancado no quarto há dias." Ela me olhou com uma expressão perdida. "Ele só sai de casa para a escola."
"Preciso ir", murmurei, sentindo demais naquele momento. As emoções se agitavam dentro de mim, aumentando cada vez mais, enquanto seu rosto me atormentava.
"Liz, espera aí", implorou Claire. "Vamos conversar sobre isso."
Ignorando-a, corri para a porta, apenas para tropeçar em uma bolsa de troca desgarrada e desabar no chão.
"Meu Deus!" Claire correu para o meu lado. "Você está bem?"
"Pêssego." Dei uma risada entrecortada, quase histérica. Quanto mais eu tentava manter a sobriedade, mais eu ria, ria e ria.
“Ela está chapada?”, perguntou outra garota ao entrar no banheiro.
"Quem diabos é você?"
"Liz! Meu Deus, seja gentil!"
"Certo", falei lentamente. "Quem diabos é você, *por favor* ?"
"Katie", disse a ruiva, olhando para mim como se eu fosse uma nova geração de alienígena. "Você tomou alguma coisa?"
"Não", ri baixinho, e soltei outra risada entrecortada, enquanto tentava soltar o pé da alça da bolsa de equipamentos. "Não que seja da sua conta, bisbilhoteira, mas eu ainda não comecei a usar heroína."
"Liz!", Claire repreendeu. "Você não pode dizer uma coisa dessas às pessoas."
"Não se preocupe", respondeu a garota antes de se virar para mim e arquear uma sobrancelha em desaprovação. "Você certamente tem o visual heroin-chic na ponta da língua."
"Vai se foder", bufei, mostrando o dedo do meio para ela.
"Sinto muito por ela", disse Claire, tentando controlar os danos. "Ela está passando por um término de relacionamento agora."

"É, bom, boas maneiras não custam nada", bufou a garota antes de sair furiosa do banheiro.
"Isso não foi legal", Claire ralhou, agachando-se para me ajudar a desembaraçar os pés. "Você está agindo como uma louca, Elizabeth Young."
"É mesmo, Claire Biggs", retruquei, apoiando-me nos cotovelos e observando-a liberar meus pés. "Não somos todos um pouco malucos por dentro?"

ODEIO SER VOCÊ

Hugo

7 DE NOVEMBRO DE 2003

"Você está bem, rapaz ?" , perguntou Cap, agachando-se ao meu lado para amarrar os cadarços no meio do treino na sexta-feira.
Balançando a cabeça, soltei um suspiro e me concentrei em não perder a cabeça.
"Vamos", ele insistiu. "Dê uma volta comigo."
Considerando que a perspectiva de dar uma volta significava evitar o idiota usando o número quatorze, alegremente acompanhei o passo do meu capitão.
"Você me arrasou naquela prova de matemática hoje de manhã, rapaz", disse ele, sem suar a camisa enquanto corria ao meu lado. "Eu achei que estava arrasando com 94%, mas você arrasou com nota máxima."
Eu sabia o que Johnny estava tentando fazer e realmente apreciei. Ele não era conhecido por se interessar por nada que não fosse relacionado ao rúgbi, então o fato de ele estar falando sobre resultados de testes significava que ele estava se esforçando.
Embora eu não tivesse muita certeza se ele sabia o que estava acontecendo, ele sentia claramente a tempestade se formando dentro de mim, e essa era sua maneira de me animar.
"É", respondi, correndo ao lado dele. "Não foi tão ruim."
"Nada mal?", riu o Cap, cutucando meu ombro com o dele. "O que você esperava? Cento e um por cento?"
"Não sei", respondi, balançando a cabeça. "Desculpe, minha cabeça está no espaço agora."
"Não, ainda está nos seus ombros, seu cérebro sangrento", ele respondeu, num tom muito mais gentil do que o normal.
Corremos mais três voltas e paramos para nos alongar antes que Johnny falasse novamente: "Escute, ouvi dizer que você e O'Neill tiveram uma espécie de desentendimento no Halloween."
"Sim", respondi secamente. "Fizemos."
"Você se importa em me contar?"
Franzi a testa em surpresa. "Você não sabe?"
"Fofoca não é muito a minha praia, rapaz", respondeu ele, balançando a cabeça. "E eu não vou a festas, e isso aqui é o máximo de socialização que tenho." Ele deu de ombros antes de acrescentar: "Além disso, prefiro ouvir da boca do cavalo, não do cocô de cavalo."
"Pá de merda", eu ri. "Nunca ouvi essa antes."
Ele deu um sorriso irônico. "Então, quer me contar o que aconteceu?"
"Prefiro não", admiti, passando a mão pelo cabelo. "É, ah, é que..."
"Tudo bem", interrompeu meu capitão, erguendo as mãos. "Não vamos falar mais sobre isso, rapaz."
Arqueei uma sobrancelha. "Assim, sem mais nem menos?"

"De que outra forma seria?", respondeu ele calmamente. "Todos nós temos direito à privacidade, rapaz."
"É", respondi, sentindo-me extremamente grata por ele naquele momento. "Quero que você saiba que não vou causar problemas no time por sua causa."
"Que bom ouvir isso, rapaz", respondeu Johnny. "Porque o time precisa de vocês dois."
"É, Cap", respondi com um aceno de cabeça, engolindo o orgulho. "Eu sei."

Liz estava sentada no gramado na beira do campo quando o treinador encerrou o dia.
Perfeito .
Juro que nunca andei tão rápido para chegar aos vestiários como fiz naquele momento.
Ignorando Pierce, que corria em sua direção, mantive meu olhar fixo à frente e segui em frente.
“Hugh”, ela gritou quando passei por ela, mas fingi não ouvir.
Eu não conseguia controlar minhas emoções naquele momento e não iria me humilhar com ela novamente.
Ela já tinha feito o suficiente por nós dois.
Sem dizer nada, Gibs começou a andar ao meu lado, bloqueando minha visão dela, e por isso fiquei extremamente grato.
Ele não fez nenhuma piada nem falou nada de ruim.
Ele apenas caminhou ao meu lado, protegendo-me com sua presença.

NÃO PRENDA A RESPIRAÇÃO

Hugo

8 DE NOVEMBRO DE 2003

Quando entrei no lounge depois do trabalho no sábado à noite, exausto e pronto para dormir, parei no meio do caminho quando meus olhos pousaram no sofá, também conhecido como minha cama improvisada desde aquela noite.
Levando um dedo aos lábios, mamãe inclinou a cabeça, gesticulando para que eu entrasse, mas não moveu um músculo do seu lugar no sofá.
Eu supus que ela não conseguiria, não quando tinha duas garotas em seu colo.
Bem, *Liz* estava deitada no colo da minha mãe, e Claire estava deitada sobre as pernas de Liz.
Era um monte de cabelos loiros e bochechas manchadas de lágrimas.
Meu coração doeu ao ver aquilo.
Sentindo como se minhas pernas fossem de chumbo, pensei em permanecer no arco que levava da cozinha à sala de estar antes de soltar um suspiro derrotado.
Para onde mais eu poderia ir?
Eu não podia ir embora, podia?
Essa era a porra da minha casa.
Joguei minha bolsa de natação no chão e, relutantemente, juntei-me à minha mãe, sentando-me na mesa de centro em frente a ela, em vez de arriscar que *seu* corpo tocasse o meu.
Mamãe esperou até que eu me sentasse antes de abordar o assunto que eu sabia que estava na ponta da língua de todos. "O que aconteceu, Hugh?"
Meu olhar passou da minha mãe para a Liz e depois para a minha irmã, antes de se fixar novamente nela. *Sempre ela* ... "O que ela disse que aconteceu?"
"Nada", insistiu mamãe, com um tom carregado de preocupação. "Esse é o problema. Não consigo entender uma palavra do que a garota disse a noite toda."
Dor.
Isso me deixou perplexo.
Porque eu não queria isso.
Eu não queria que ela chorasse.
Eu não queria que ela desmoronasse de novo, mas eu simplesmente... *não podia* ser eu quem a consertaria dessa vez. "Nós terminamos, mãe."
"Isso eu entendi", respondeu mamãe, acariciando a bochecha de Liz como se ela fosse sua segunda filha, e de certa forma, ela sempre foi.
Passamos a infância nesta casa, numa fortaleza de amor, segurança e conforto que minha mãe construiu ao nosso redor. Eu sabia que era por isso que Liz continuava voltando. Por isso que ela estava ali agora.
Poxa, eu nem a culpei. Eu já tinha estado na casa dela. Foi como reviver o funeral naquela casa.
Tristeza e lágrimas.
Dor e raiva tocando repetidamente como um disco quebrado.

Minha casa se tornou seu refúgio, e, rompimento ou não, eu nunca tiraria isso dela.
Eu só esperava que ela pudesse encontrar em Claire o mesmo que ela havia encontrado em mim, porque eu não podia mais dar isso a ela.
"Se importa em me dizer por quê?", mamãe insistiu quando não fiz menção de me aprofundar. "Algo terrível deve ter acontecido." O pânico brilhou em seus olhos enquanto ela somava dois mais dois e chegava a um resultado. com cinco.
"Hugh, eu sei que você está no quarto ano agora, e alguns dos seus amigos estão se saindo rápido com as meninas, mas a Lizzie está apenas no segundo ano. Por favor, me diga que você não—"
"O quê... não!", gritei, interrompendo-a antes que ela pudesse continuar. "Não sou eu", respondi, afastando o cabelo do rosto. "Eu *nunca faria isso* ."
"Certo." Soltando um suspiro de alívio, mamãe voltou a atenção para a menina adormecida em seu colo. "Então *o que* aconteceu?"
"Ela decidiu isso", ouvi-me admitir, e, meu Deus, como eu odiava a forma como minha voz falhava quando a admissão escapava dos meus lábios. "Ela não me ama mais, mãe."
"Não acredito nisso nem por um segundo", argumentou mamãe gentilmente. "Adolescentes não choram por garotos assim quando não estão apaixonadas."
Isso me atingiu profundamente.
Isso me destruiu pra caramba.
Rasgou meu coração em pedaços.
"Porra." Abaixando a cabeça entre as mãos, agarrei meu cabelo com tanta força que pensei que fosse arrancá-lo do couro cabeludo.
Eu certamente precisava estragar alguma coisa.
Soltando um suspiro de frustração, levantei-me com as pernas trêmulas e respirei fundo. "Escute, tudo o que você precisa saber é que eu não toquei nela, mãe. Eu não tocaria, ok? Estou esperando por ela... Quer dizer, eu *fiquei* feliz em esperar."
"Mas?"
“Mas ela não queria.”
“Não queria o quê, Hugh?”
"Espere por mim."
A consciência transpareceu no rosto da minha mãe, e eu pude sentir a compaixão fluindo do coração dela para o meu. "Ah, querida."
"Não diga nada", eu meio que avisei, meio que implorei. "Não quero que você pense mal dela."
Lágrimas encheram os olhos da mamãe. "Eu não faria isso, querida."
“Eu também não quero que ninguém mais pense isso.”
"OK amor."
"Porque ela está doente, mãe, e seja lá o que ela tenha feito, ela *não teria* feito se estivesse no lugar dela."
“Ah, Hugh.”
"Por favor. Não quero que isso se espalhe, mãe", admiti, esfregando o queixo. "E definitivamente não de volta para a Claire. Então, por favor, só... guarde isso numa caixa no fundo da sua mente e esqueça." Com os joelhos balançando inquietos, acrescentei: "Porque a Liz precisa deste lugar." Inclinei a cabeça para

onde os três estavam aconchegados. "Ela precisa de você e da Claire."
"E você?", minha mãe me observava atentamente. "O que você precisa, Hugh?"
Dela .
Balancei a cabeça. "Não consigo pensar nisso agora."
"Você vai se recuperar", gritou minha mãe quando me aproximei da porta. "Você vai dar um jeito de sair dessa. Você vai ver."
“Não prenda a respiração”, foi tudo o que respondi.

CICLOS RÁPIDOS E CORAÇÕES ACELERADOS

Lizzie

12 DE NOVEMBRO DE 2003

A CONFUSÃO TOMOU CONTA DE MIM JUNTO COM A EXAUSTÃO.
Eu mal conseguia encontrar energia para andar.
Minha cabeça .
Meu Deus, tudo estava girando.
Eu não conseguia acompanhar meus pensamentos.
Eles estavam se movendo muito rápido na minha cabeça.
Muitos pensamentos.
Muitos sentimentos.
Eu estava tão cansado, mas não conseguia dormir porque minha mente não *parava de* me atormentar.
Ele não diminuía o ritmo e me deixava *respirar* .
Todas as cores e formas.
Todos os rostos e cheiros.
Tudo estava me atingindo ao mesmo tempo, e eu não conseguia me controlar.
Enquanto isso, Pierce O'Neill continuou falando comigo.
Por que ele não parava de falar comigo?
“Então, o que você acha?”
Olhei para ele, confusa e irritada por ele *ainda estar* falando comigo. "Sobre o quê?"
"Nós vamos dar um jeito nisso?"
Ele estendeu a mão para mim e eu fiquei tão assustado que não o impedi.
Fiquei muito atordoado.
"Uma tentativa de quê?"
"Nós, querida", ele riu, colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. "O que você acha de oficializarmos isso?"
"Oficial?", perguntei, sentindo-me fisicamente enjoada. *"Nós?"*
Um grupo de garotos passou por nós, e um deles empurrou Pierce com o ombro.
Thor, observei.
Meu Deus, Hugh .
Ele também estava lá.
Mas ele não estava olhando para mim.
Em vez disso, ele estava invadindo o corredor da escola com seus dois amigos ao seu lado.
Soltei minha mão com um puxão e pressionei os dedos nas têmporas, tentando me firmar, mas tudo parecia *errado, errado, errado* .
Mas tudo *estava* errado.
Que porra eu estava fazendo?
O que diabos aconteceu comigo?
Afastando-me de Pierce, corri para o banheiro feminino, mal conseguindo entrar

em uma das cabines a tempo.
Caindo de quatro, vomitei enquanto meu corpo rejeitava o conteúdo do meu estômago repetidamente até que não havia mais nada para vomitar.
Inclinando-me para a frente, respirei fundo, com o peito arfando, enquanto minha mente me oferecia um raro vislumbre de clareza.
Da realidade .
Todo o bem do mundo se foi.
Apagado e substituído por veneno.
Com tristeza.
Com perguntas sem respostas e especulações.
Todos os pensamentos.
Todas as memórias.
Todo o arrependimento que tive por decisões que não me lembrava de ter tomado.
Mas eu os fiz.
Disso eu tinha certeza.
A tristeza me varreu em sua onda cruel de sufocamento antes de me cuspir na praia da culpa e da devastação.
Eu não queria mais ser assim.
Eu *queria* melhorar.
Para encontrar a garota que eu costumava ser e me tornar ela novamente.
Mas ela não estava mais lá, e se, por algum pequeno milagre, eu a encontrasse, o garoto que ela amava de todo o coração teria sido expulso pelo demônio que havia assumido a forma de sua pele.
Qual era o objetivo?
Eu já tinha perdido tudo.
Eu estava *arruinado* .

VOCÊ SIGNIFICA O MUNDO PARA MIM

Lizzie

14 DE NOVEMBRO DE 2003

SEM VIDA, COM EXCEÇÃO DE UM CORAÇÃO BATIDO , FIQUEI NA VARANDA DA FRENTE DELE e toquei a campainha novamente. Eu sabia que Claire e Sinead não estariam em casa. Elas iam à missa no domingo, mas Hugh geralmente passava a manhã estudando.
Eu sabia que tinha permissão para entrar, mas não me parecia certo incomodá-lo. Não depois de tudo o que eu o fiz passar.
Aguente firme, Lizzie .
Pode não ser tão ruim quanto você pensa .
No momento em que a porta da frente se abriu para dentro e fui recebido pela visão de Hugh, percebi que estava mentindo para mim mesmo.
Não foi tão ruim quanto eu pensava.
Era muito pior.
Hugh cruzou os braços sobre o peito, claramente esperando que eu fosse primeiro.
"Sinto muito" foi tudo o que consegui dizer.
“Para quê exatamente?”
"Tudo." Nervosa, puxei as mangas. "Eu não quis dizer nada disso."
"Não", ele concordou com um aceno de cabeça. " *Você* não quis dizer nada disso, mas essa sua versão com certeza quis."
"Estou bem de novo, Hugh", resmunguei, torcendo para que ele me ouvisse. "Estou pensando com clareza."
Aproximando-se, ele segurou meu queixo e inclinou meu rosto em direção ao dele. Seus olhos estudaram os meus por um longo instante antes de me soltar e balançar a cabeça. "Você acha mesmo que, depois de todos esses anos, eu não consigo perceber quando você está desequilibrada?"
"Mas eu me sinto firme", tentei dizer a ele, em pânico. "Por favor, juro que estou bem."
"Suas pupilas estão tão dilatadas que não há azul nelas, Liz." Ele cruzou os braços novamente. "Você já voltou a tomar seus remédios?"
Comecei a concordar, mas a expressão de *"não me venha com essa de bobagem"* no rosto dele me fez admitir a verdade. "Ainda não."
"Então não temos nada para conversar." Descruzando os braços, ele estendeu a mão para a porta.
"Podemos entrar e conversar, por favor?", implorei, sentindo as lágrimas arderem em meus olhos.
A dor brilhou em seus olhos, e ele soltou um rosnado frustrado antes de sair furioso e deixar a porta aberta atrás de si.
Seguindo-o, continuei a implorar: "Hugh, sinto muito, *muito* mesmo."
"Você já disse isso." Passando por mim, ele entrou na sala, e eu o segui

rapidamente, com medo de deixá-lo sair da minha vista, caso ele mudasse de ideia sobre me ver e fugisse.
Ele se jogou no sofá, se esticou e pegou o controle remoto.
Tremendo, sentei-me na poltrona em frente a ele. "Vamos conversar sobre isso?"
"O que há para conversar?" Ele não olhou para mim enquanto falava, os olhos fixos na televisão sobre a lareira. "Você veio me contar como o Pierce te fode bem? Porque eu prefiro que você guarde isso para si."
“Por favor, deixe-me explicar.”
"Não precisa." Ele trocou de canal. "Eu já sei o que aconteceu."
“Hugh, eu estava bebendo.”
"Eu também, mas de alguma forma consegui não te trair", respondeu ele, descontraído. "Engraçado."
“Eu não te traí.”
"Você deixou outro cara enfiar o pau dentro de você, Liz. Se isso não é trapaça para você, então não sei o que te dizer."
“Não, quero dizer que *não* fiz de propósito.”
"Ah." Ele fingiu surpresa. "Você não fez de propósito. Por que não disse isso antes? Isso muda tudo." Voltando a atenção para a televisão, ele continuou a reclamar. "Isso torna a imagem mental do meu companheiro de equipe te fodendo como um cachorro *muito* mais fácil de engolir. Posso facilmente esquecer a imagem dele agarrando seu cabelo enquanto enfiava o pau na sua boceta."
“Hugh, não…” Eu disse com a voz engasgada, cobrindo a boca com a mão.
"Desculpa. Não estou sendo direto o suficiente?" Ele jogou o controle remoto na parede. "Jesus, desculpa, Liz. Eu adoraria te contar mais, mas só consegui dar uma espiadinha de dez segundos na festa."
“Hugh—”
"No meu quarto, Liz!", ele saiu furioso, ofegante. "Na minha cama, porra!"
"Eu sei, eu sei, me desculpe, porra!" Caindo da poltrona na pressa de segui-lo, corri atrás dele escada acima e o levei para o quarto dele, onde ele estava desfazendo a cama. "O que você está fazendo?"
"Você quer isso?", perguntou ele, puxando o colchão para fora da base. "Porque eu com certeza não quero."
Com isso, ele passou furioso por mim, com o colchão na mão, e o jogou escada abaixo.
“Desculpe se isso tem algum significado sentimental para você”, ele zombou por cima do ombro enquanto descia os degraus e arrumou o colchão lá embaixo. "Eu sei que a primeira vez de uma garota é especial."
“Hugh, por favor!”
Abrindo a porta da frente, ele saiu e jogou o colchão no gramado da frente sem cerimônia.
Limpando as mãos, ele girou nos calcanhares e voltou para dentro.
Novamente, fui atrás dele, sabendo que merecia cada segundo daquela tortura.
"Me diz o que fazer", implorei, seguindo-o de volta para o quarto, escada acima. "Por favor, Hugh, me diz só como consertar isso."
"Ah, não sei, Liz. Você consegue voltar no tempo e desfazer a transa com ele? Consegue fazer isso?"

"Eu sinto muito."
"Duas coisas." Ele fervia, o peito arfando, enquanto sua voz falhava. "Eu só te pedi para fazer duas coisas, e você não conseguiu fazer nenhuma delas."
"Eu sei, eu sei", solucei, observando-o afundar no chão e então recuar diante do meu toque quando me movi para ir até ele. "Não sei o que há de errado comigo."
"Sim", ele rugiu de volta. "Você é bipolar e não está tomando a porcaria do seu remédio."
"Desculpe - "
Eu aguento as oscilações de humor. Aguento a depressão. Que droga, aguento até a mania. E os olhares loucos. E o fato de eu nunca saber se você vai tentar me comer ou me machucar. Mas não aguento a traição.
“Eu nunca te machucaria.”
"Mentiroso", rugiu ele, com lágrimas escorrendo pelo rosto, enquanto puxava os cabelos em completa angústia. "Olha pra mim, gata! Olha bem pra caralho!"
"Farei qualquer coisa para consertar isso", gritei, ajoelhando-me ao lado dele. "Vou voltar a tomar meus remédios. Vou fazer terapia. Farei qualquer coisa, Hugh, qualquer coisa!"
"É tarde demais."
"Não, não, não, não é", tentei implorar, sentindo-me agora frenética. "Não é tarde demais, querida."
"Como é que ainda não é tarde demais, Liz?" Ele baixou a cabeça entre as mãos. "Você está transando com ele desde aquela noite." Um grito de dor irrompeu de seu peito. "Qualquer esperança que tínhamos de consertar isso antes está morta e enterrada agora."
"Sim, nós podemos, nós podemos, Hugh", gritei, tocando seu braço. "Eu sou sua. Sempre fui sua."
"O que você achou que ia acontecer, Liz!", ele perguntou, estrangulado, envolvendo os joelhos com os braços. "Que a gente podia esconder tudo debaixo do tapete?"
“Podemos tentar!”
"Não." Ele balançou a cabeça novamente. "Não podemos porque você nos desrespeitou publicamente, Liz."
“Eu não queria fazer nada disso!”
"Eu sei, eu sei", ele gemeu, parecendo verdadeiramente em conflito. "Eu sei que você está doente. Eu sei que você não quer dizer nada disso, mas ainda é *real* para mim. Porque eu estou aqui, Liz. Eu sou o único dano colateral."
“Hugh…”
"Eu não tenho uma bolha para me esconder, querida. Meus sentimentos são *reais* e não tenho um botão para desligá-los, como você."
Lágrimas escorriam pelo meu rosto enquanto eu tentava absorver suas palavras. "Por favor, não me deixe."
"Eu não te abandonei, Liz", ele grasnou, erguendo a cabeça para me olhar. "Você me abandonou."
Seus olhos castanhos estavam fixos nos meus, e eu conseguia ver tudo o que ele sentia naquele momento. Eu não suportava ver a dor em seus olhos, mas, de alguma forma, me forcei a fazer exatamente isso.
Porque eu tinha que olhar.

Eu tinha que ver o que eu tinha feito com esse garoto.
O garoto que eu amava com cada batida do meu coração.
O arrependimento tomou conta de mim e, instantaneamente, comecei a duvidar de mim mesmo.
Que diabos eu estava fazendo?
Eu não poderia machucá-lo assim.
Você já o machucou , uma voz sibilou na minha cabeça, *você o quebrou* .
A única pessoa que realmente te amou, apesar de todos os defeitos .
Você o esmagou .
"Não significou nada", tentei dizer a ele, mas me senti tão suja e indigna. "Não sei por que fiz isso." Afastando suas pernas, me arrastei entre elas, agarrando seu corpo grande com força. "Você significa tudo para mim."
Envolvendo seus quadris estreitos com os braços, pressionei meu rosto contra sua barriga, inalando seu cheiro, precisando sentir sua pele na minha. Precisando manter esse garoto na minha vida.
Mas já era tarde demais para isso.
Seu toque me disse isso.
Com os ombros caídos e a cabeça baixa, ele lutou com a mão até finalmente deixá-la repousar na minha nuca. Era mais do que eu merecia naquele momento.
Eu o havia destruído; essa alma brilhante, linda e corajosa havia sido reduzida a pedaços.
Eles estavam espalhados por todo o chão do quarto dele.
Ele não poderia me aceitar de volta, nem se quisesse.
Porque seu orgulho jamais permitiria isso.
Eu queria limpar minha imagem e não ser uma humilhação para ele todos os dias, mas eu ainda era eu. Não conseguia apagar meu passado. Eu estava desgastada e suja. Sempre estive. Não havia como consertar isso. Não havia magia para erradicar minhas memórias.
Saber que eu tinha entregado meu corpo a um garoto que eu não suportava lembrar me fez querer prender a respiração para sempre.
Isso me fez querer arrancar a pele dos meus ossos.
Vergonha .
Isso foi tudo o que me restou.

DEIXANDO COMO UM PAI

Hugo

20 DE NOVEMBRO DE 2003

HÁ MUITO TEMPO EU ACEITEI O SABER QUE SEMPRE AMARIA L IZZIE Young .
Meu coração não tinha botão de ejeção; portanto, ela nunca perderia seu lugar dentro dele.
Ela só tinha que mudar de lugar se eu encontrasse outra pessoa.
Se eu algum dia ousasse me abrir para esse tipo de amor novamente.
Se é que isso era possível.
Algo que eu duvidava muito.
Tentei pensar pragmaticamente sobre o término, usar a lógica e a razão, mas foi muito difícil quando meu coração foi estilhaçado aos pés dela.
Eu não poderia ser a melhor pessoa e não poderia dar a outra face dessa vez.
Porque doía muito.
Porque era isso.
Se eu a aceitasse de volta, seria assim para mim, e eu merecia mais.
Eu a amava o suficiente para ficar, eu a adorava o suficiente para continuar ali, mas até quando?
Quando isso acabou?
O que aconteceu quando ela teve outro episódio?
Ela me trairia novamente?
Eu receberia outra enxurrada de mensagens de texto de colegas de equipe preocupados, me contando sobre os rumores que ouviram sobre minha namorada?
E se eu ficasse com ela e isso continuasse na faculdade e depois?
E quando nos casamos e tivemos filhos?
Eu ainda teria que viver assim?
Eu seria capaz?
E como eu deveria explicar isso para as crianças que tínhamos em comum?
Onde estava a linha?
Isso , percebi de repente.
Essa era a linha, o limite e o ponto de ruptura.
Foi aqui que nos separamos.
Foi nessa parte que deixei o navio afundando.
Depois do pedido de desculpas, Liz continuou mandando mensagens, se desculpando e telefonando.
Tive que desligar meu telefone porque ignorá-la estava partindo meu coração.
Quando eu disse para ela apagar meu número, eu não quis dizer isso.
Mas não fui forte o suficiente para lidar com as consequências.
Tudo dentro de mim queria correr de volta para ela, mas eu não conseguia.
"Hugh." A voz do meu pai invadiu meus pensamentos, e me virei de onde estava preparando meu almoço para encontrá-lo sentado à mesa da cozinha. "Sente-se,

filho."
"Não posso", respondi, impassível, concentrando-me novamente no almoço. "Tenho que pegar o ônibus para a escola."
"Por favor, Hugh", ele insistiu. "Precisamos ter uma conversinha de pai e filho. Eu te levo para a escola depois."
Jesus Cristo .
Esse homem me irritava a ponto de eu evitá-lo o máximo possível.
Não foi difícil, considerando que ele passava boa parte do tempo evitando a família como se fosse uma praga.
Por isso, achei seu desejo repentino de ter uma conversa entre pai e filho desnecessário e irritante.
"Então", disse papai quando me juntei a ele relutantemente à mesa. "Como você está, filho?"
"Multar."
“Não é isso que ouço.”
Mãe!
Amável .
"Se você tem algo para me perguntar, então vá em frente." Recostando-me na cadeira, cruzei os braços. "Não precisa ficar enrolando com conversa fiada."
A dor brilhou em seus olhos, mas não senti remorso.
Ele não pôde me visitar por uma década e voltar quando quisesse, e eu jurei nunca fazer isso com as pessoas que eu amava.
Minha família e amigos sempre puderam contar comigo.
Eu nunca desistiria como ele fez.
Eu seria um homem.
Eu seria honrado e confiável.
Eu trabalharia duro e nunca aceitaria esmolas de um homem por quem eu tivesse perdido todo o respeito.
Ele nunca seria capaz de me convencer com presentes e viagens improvisadas quando tivesse uma "boa semana", como fez com minha irmã.
Ele poderia ficar com seu dinheiro.
Eu faria o meu próprio.
“Ouvi dizer que você está tendo problemas de relacionamento?”
"Estou com problemas na vida, pai", respondi secamente. "Nada com que você precise se preocupar."
“Talvez eu possa te ajudar.”
Eu zombei disso. "Você não consegue se controlar, quanto mais nós."
Papai fez uma careta. "Isso não é justo."
“É, bom, a vida não é justa, pai, e a verdade dói.”
"Sei que nem sempre estive ao seu lado", ele começou a dizer, mas eu o interrompi antes que ele pudesse dar outra desculpa.
"Isso é pouco", retruquei com uma risada sem graça. "Você tem sido um fantasma de merda nesta casa desde que o Joe morreu. E quanto a estar lá por mim? Bem, você não está lá desde a minha comunhão." A todo vapor, rapidamente descarreguei minha ira sobre ele. "Essas visitas surpresa podem funcionar com a mamãe e a Claire, mas nem se dê ao trabalho de tentar comigo. Porque eu não preciso, ouviu?" Estreitando os olhos, cuspi: "Eu *não* preciso *de*

você ."

PASSIVOS LIBERADOS

Lizzie

29 DE NOVEMBRO DE 2003

TUDO DESLIGOU NA MINHA CABEÇA COMO UM INTERRUPTOR DE LUZ.
Toda a dor.
Todos os sentimentos.
Todas as memórias.
Tudo simplesmente *puf!*
Eu não me importava mais e adorava isso.
Hiperalerta, eu prosperava na loucura, completando semanas de trabalhos escolares em apenas uma noite.
E minhas histórias?
Deus, minhas histórias nunca foram tão detalhadas.
A criatividade fluía da minha caneta para as páginas.
Sinceramente, pensei que seria capaz de fazer qualquer coisa naquele momento.
Eles poderiam dizer o que quisessem sobre mim na escola.
Não me importei.
Eles não conseguiram me machucar.
Eu era invencível, droga.
Foda-se essas cadelas .
Eu os *esmagaria* com a minha caneta. Eu os destruiria com as minhas palavras, e não precisava me preocupar em me sentir mal com isso, porque não sentia nada.
Nem um pingo de remorso.
Foi o maior alívio.
Estava dentro de mim o tempo todo — uma caverna maravilhosa para escapar quando o mundo ficava muito difícil.
Dormir era para os fracos, e eu era *forte* .
Eu era forte e poderoso.
Não há mais monstros sob meu corpo .
Faminto por contato físico, senti que morreria sem ele.
Eu estava correndo pelo deserto, procurando freneticamente por uma poça d'água. Eu morreria sem ela. Eu estava com muita sede. Eu teria consumido lodo contaminado se isso saciasse a sede, a queimação dentro de mim.
Foi assim que me senti quando Pierce estava dentro de mim.
Ele era um meio para atingir um fim.
Eu não conseguia entender isso porque como você poderia entender a loucura?
Toda a lógica, razão e fibra moral foram verificadas.
Meu corpo agora funcionava inteiramente por instinto primitivo.
Era como se cada grama de bondade dentro da minha alma tivesse evaporado e sido substituída por algo ruim.
Eu estava possuído pelos sete pecados capitais.
Orgulho.

Ambição.
Luxúria.
Inveja.
Glutonaria.
Fúria.
Preguiça.
Fiquei consumido por cada um deles e não conseguia parar de comer.
Eu não estava encurralado num canto, assombrado por vozes do passado e chorando a vida toda.
Não, eu era produtivo e próspero.
Eu estava cuidando das minhas necessidades.
Destacando-me na escola e tirando o que eu queria da vida.
Se as pessoas não gostaram disso, que se danem.
Eu ri de como eu tinha medo de me sentir assim.
Todo o medo e a preocupação.
Todo esse pânico e incerteza, e para quê?
Porque eu tinha medo de perder o que eu mais amava na vida?
Ele já tinha ido embora há muito tempo.
Agora eu não tinha mais nada a perder.
Aqueles malditos médicos com suas pílulas de merda.
Mentirosos, todos eles.
Quando eu tomava os remédios, eu ficava muito infeliz.
E agora?
Agora eu estava *livre* .
E eu me senti *liberto* .

DESLIZES FREUDIANOS

Hugo

3 DE DEZEMBRO DE 2003

MEU CORAÇÃO ESTAVA PARTIDO, MINHA CABEÇA ESTAVA EM PEDAÇOS, E MINHA NAMORADA ERA A FORÇA MOTRIZ POR TRÁS DE TUDO.
Ex-namorada , lembrei a mim mesmo.
Sério, eu não conseguiria lidar com as mudanças repentinas de humor dela.
Todos os dias da semana passada, Liz aparecia na minha casa, sob o pretexto de estar com minha irmã, decidida a tentar me reconquistar.
Quando chegou a sexta-feira à noite, Liz já tinha feito de tudo, mostrando cada centímetro de sua pele na tentativa de me atrair de volta para sua cabeceira.
Não importava quantas vezes eu mandasse ela sair do meu quarto, a garota estava voando alto demais nas nuvens para me ouvir.
"Por que você simplesmente não desiste?", ela ronronou, sentando-se no meu colo como se tivesse o direito de fazê-lo.
Já fazia vinte minutos que ela tinha saído da cama da Claire e ido para a minha, e eu estava ficando impaciente. *E fraco* . "Porque, depois que eu fizer isso, não tem mais volta."
"Há." Liz sorriu para mim, com os olhos selvagens e ferozes. "Você disse que cederia *uma vez , não se* cedesse."
"Você sabe o que eu quis dizer." Estreitei os olhos. "Foi um deslize."
"Aham." Ela piscou. "Um lapso freudiano."
"Não, não é um lapso freudiano, é só um lapso típico de Hughie", argumentei. "Não vá se aprofundar nisso. Você só vai acabar se decepcionando."
"Ah, duvido muito", ela refletiu, ainda me segurando, ainda balançando os quadris provocativamente. "Certamente não há nada remotamente decepcionante no que estou *sentindo* agora."
"Pelo contrário" — parei para mover meus quadris para cima, tirando-a da minha ereção furiosa antes de continuar — "odeio ter que te dizer isso, mas nem todo cara aceita sexo como um pedido de desculpas."
"Que tal só sexo?", ela estendeu a mão para a barra do colete e o puxou pela cabeça, me dando uma visão gloriosa de seus seios nus. "Sem o pedido de desculpas."
Nossa, ela tinha os melhores peitos.
Mais do que um punhado, mas modesto o suficiente para ela ficar sem sutiã.
Eles também eram muito atrevidos, com mamilos rosa-claros, como botões de rosa, que estavam constantemente duros e tensos.
"Quem disse que eu quero qualquer um dos dois?", provoquei, voltando a me concentrar na mente fodida que se estendia sobre meu peito, sem querer ceder um centímetro. Mesmo que isso fizesse minhas bolas caírem de pressão, eu *não* cederia.
"Seu pau diz que sim", ela desafiou, retomando seu posto no meu pau.

"E minha cabeça diz que não." Eu respondi imediatamente.
"E o seu coração?", perguntou ela, rebolando os quadris com maestria. Ah, sim, ela sabia *exatamente* o que estava fazendo. "O que o seu coração diz?"
O pensamento piorou meu humor, e não me contive quando respondi: "Meu coração diz para não confiar em nenhuma palavra que sai da sua boca".
"Uau", ela suspirou, rapidamente disfarçando a mágoa com um olhar penetrante. Eu vi, porém, e não foi tão bom quanto eu esperava. "Acho que eu merecia isso."
"É", concordei baixinho. "Imagino que sim."
Para lhe dar crédito, ela recuperou o humor, voltando a ser sedutora com prazer. Sorrindo maliciosamente, ela puxou minha camiseta para cima e passou as unhas pela minha barriga.
"Hum." Ela soltou um gemido sensual. "Você tem o abdômen mais sexy."
Contendo um arrepio, cruzei os braços atrás da cabeça e lancei-lhe um olhar penetrante. "Pena que você não pensou nisso quando estava sendo criticada pela minha companheira de equipe."
"Eu posso compensar você." Ela se inclinou tão perto do meu rosto que seus lábios roçaram os meus quando ela ronronou: "Se você apenas disser sim."
Com autocontrole infinito e a imagem mental de Pierce O'Neill a atacando na minha cama ainda fresca na minha memória, arqueei meu queixo, olhei-a diretamente nos olhos e disse: "Não".

FESTAS DO PIJAMA E STEVIE

Hugo

4 DE DEZEMBRO DE 2003

QUANDO LIZ INTUROU MEU QUARTO NA NOITE SEGUINTE, ELA FOI DIRETO PARA O MEU APARELHO, com a caixa do CD na mão. Visivelmente trêmula de raiva, ela pegou o disco da caixa antes de jogá-lo em mim .
"Jesus Cristo", exclamou Gibs, saindo do caminho dela e deixando cair a bola que estava equilibrando no processo.
"Liz." Igualmente irritada, peguei a caixa no ar e rapidamente a reconheci como o álbum *The Dance, do Fleetwood Mac* . "O que você está fazendo aqui?"
Sem dizer uma única palavra, ela colocou o disco no meu aparelho de som e começou a folhear as faixas antes de parar na doze.
Então, ela manteve o dedo pressionado o botão de avanço rápido, pulando partes da música, até soltá-lo em 3:38.
No momento em que a voz assombrosa de Stevie Nicks preencheu a sala, minha ex-namorada aumentou o volume ao máximo antes de se virar para me olhar. Mais uma vez, ela não disse uma única palavra, deixando a música falar por ela.
Em vez disso, ela me torturou ficando parada bem na minha frente, com o peito arfando de tal forma que roçava no meu.
Erguendo o queixo em desafio, ela fixou os olhos nos meus e me prendeu, me mantendo cativo, enquanto a música ricocheteava através de nós dois.
Ela não parecia se importar que estivéssemos à vista dos meus amigos, e eu não conseguia desviar o olhar dela.
Seus olhos ardiam de emoção crua — parte fúria, a maior parte dor. A intensidade do seu olhar era demais naquele momento, trazendo consigo uma onda de desgosto que eu teria que me esforçar muito para esconder.
Com o queixo franzido, encarei-a de volta, sentindo cada músculo do meu corpo se contrair de tensão enquanto seus olhos gritavam a letra da música para mim.
Nenhum de nós se mexeu por muito tempo.
Eu não conseguiria se quisesse.
Eu estava preso.
Quanto mais ela me encarava, mais rápida minha respiração ficava, até que meu peito estava literalmente arfando junto com o dela.
Porque isso era demais.
Eu senti muito por ela.
Toda a dor, todas as memórias, toda a adoração mal colocada.
Foi debilitante.
Mas eu não vacilaria.
Eu não desistiria dessa vez.
Eu não consegui .
A música terminou e, com um último olhar demorado, ela desviou o olhar do meu, girou nos calcanhares e saiu do meu quarto.

Nenhuma palavra saiu de seus lábios, mas ela conseguiu arruinar toda a minha linha de pensamento.
Tudo o que eu pude fazer foi ficar ali parado, olhando para ela, enquanto a faixa treze começou a tocar.
“Acho que ela estava tentando te dizer alguma coisa, Hugo.”
"Você acha, Gibs?", respondeu Feely secamente.
Ele assentiu ansiosamente antes de dar um tapinha no meu ombro. "Com certeza."

ACORDAR DE MANHÃ CEDO E LINDSEY

Lizzie

5 DE DEZEMBRO DE 2003

EU NÃO TINHA IDEIA DO QUE ME LEVOU A FAZER O QUE FIZ NA FRENTE DOS AMIGOS DELE, MAS NÃO ME ARREPENDIA.
Porque ele não falava comigo e não me escutava.
Não me restava mais nada à disposição.
"O que aconteceu?", perguntou Claire, sentada de pernas cruzadas na cama mais tarde naquela noite. "Quer dizer, eu sei que ele é meu irmão, mas você sempre pode falar comigo também, sabia? Estou aqui para você, melhor amiga."
Eu não podia contar a ela porque não teria mais nenhuma amiga se ela soubesse a verdade.
Se ela soubesse como eu traí seu irmão.
"A culpa é minha", forcei-me a sussurrar, porque, por mais que isso nos distanciasse, eu não podia deixá-lo levar a culpa por algo em que não tinha participação. "A culpa é toda minha, Claire."
"Bem, o Gerard me disse que eu não deveria mais falar sobre isso", ela continuou a divagar. "Ele não me disse o porquê nem me explicou nada, mas me fez prometer que não falaria mais sobre o relacionamento de vocês. Com ninguém."
"Está tudo bem", sussurrei. "Hugh tem todo o direito de querer esquecer isso."
Seus olhos se arregalaram de tristeza. "Esquecer do seu relacionamento?"
"Eu, Claire", respondi, engolindo em seco. "Para *me esquecer* ."

O sono não veio facilmente naquela noite, mas quando finalmente consegui dormir nas primeiras horas da manhã, fui acordado, o que pareceu levar minutos, pelo som de algo batendo forte perto da minha cabeça e pela sensação de algo leve e plástico pousando em cima do edredom.
Acordei piscando e, confusa, dei um pulo bem a tempo de ver Hugh bater seu enorme aparelho de som, com caixas de som e tudo, no criado-mudo da irmã. Aquele que ficava ao lado da cama dela, onde eu estava dormindo.
Depois de conectar o aparelho de som na tomada atrás do criado-mudo da irmã e ligá-lo, Hugh se levantou e rapidamente começou a folhear as faixas antes de escolher a número quinze.
Eu sabia o que ele estava fazendo no segundo em que o padrão histórico de bateria e o riff de guitarra soaram em meus ouvidos.
Ele está respondendo .
Com o coração batendo violentamente, peguei a caixa do CD que foi jogada em cima de mim e apenas o encarei, enquanto "Go Your Own Way", do Fleetwood Mac, tocava nos alto-falantes.
Ele manteve os olhos em mim enquanto pegava o botão de volume e o

aumentava para o nível máximo.
Ah, sim, ele estava se certificando de que eu o ouvisse.
"Meu Deus, que diabos está acontecendo?", Claire gemeu, arrastando um travesseiro sobre a cabeça enquanto se aconchegava ainda mais sob as cobertas. "Desliga isso, Liz."
Havia uma chance maior de o inferno congelar.
Cativada e fascinada pelos olhos do meu irmão, observei-o me observar, incapaz de mover um músculo.
O peso do meu arrependimento estava me prendendo ao colchão, enquanto a força do seu ressentimento estava espremendo o ar para fora dos meus pulmões.
Eu podia sentir a raiva emanando dele; eu podia sentir a mágoa e as acusações silenciosas saindo do seu coração e indo direto para o meu.
A culpa é sua , ele me dizia com os olhos. *Você fez isso conosco* .
"Meu Deus, Hugh!", ressurgindo de debaixo de uma montanha de travesseiros e bichos de pelúcia, Claire interrompeu nosso olhar acalorado ao jogar Garry, seu ursinho de pelúcia enorme e feio, na cabeça do irmão. "Saia do meu quarto, seu esquisitão, e leve essa porcaria de música com você!"
Depois de um último olhar emocionado, Hugh desviou o olhar dos meus e foi em direção à porta, mas não desligou a música, deixando seu aparelho de som para trás para me dizer todas as coisas que seu orgulho jamais permitiria que ele dissesse.

EU SOU O SENHOR BRIGHTSIDE

Hugo

12 DE DEZEMBRO DE 2003

NOSSO TIME DE RÚGBI DA ESCOLA GANHOU A COPA SHEELER ESTA NOITE E ALGUNS DOS rapazes mais velhos do time decidiram dar uma festa improvisada na casa de Creano para comemorar.
Eu sabia que vir aqui hoje à noite era uma má ideia, mas, de alguma forma, deixei o Feely me persuadir, só para dar meia-volta e *não* aparecer. De acordo com a mensagem que ele me enviou quando eu já tinha chegado, o novo amigo do Feely do clube de música precisava da ajuda dele com algo importante.
Sim, porra, certo .
Eu sabia que tipo de ajuda ele oferecia às meninas, e com certeza não era limpar merda com pá.
A música "Mr. Brightside", do The Killers, começou a tocar alto nos alto-falantes, e eu suspirei desanimado, sentindo como se estivesse sendo atacado pessoalmente pela letra.
Se eu tivesse ficado em casa como Johnny, não estaria sentado no sofá de um aluno do sexto ano com uma visão completa do meu inferno pessoal.
Liz estava lá, se esfregando em Pierce enquanto eles tentavam dançar, mas paravam para espancar os rostos um do outro.
Jesus Cristo .
Não consegui ter uma pausa.
Sinceramente, eu não conseguiria.
Eu tentava ao máximo *não* olhar, mas de alguma forma meu olhar sempre retornava para ela.
Dançando com ele.
Tocando seu peito.
Beijando seus lábios.
"Não olhe, rapaz", ouvi Gibsie instruir alguns segundos antes de ele se afundar na mesa de centro à minha frente, bloqueando a visão horrenda. "Fique de olho em mim."
"Estou bem, Gibs", forcei-me a dizer quando senti o completo oposto. "Sério, estou."
"Escute", disse ele então, inclinando-se para a frente e apoiando os cotovelos nas coxas. "Eu sei que você está com dor, e sei que isso está te matando, e sinto muito que você tenha que passar por isso, rapaz." Ele suspirou profundamente e implorou com os olhos para que eu escutasse. "Mas você precisa se levantar, Hugh. Você *precisa* se recompor e lutar, rapaz."
"Estou tentando", gritei, sentindo meu coração se estilhaçar e trovejar ao mesmo tempo. "Mas eu sou tão *vazio* , Gibs."
"Eu sei", ele me disse, apertando meu joelho. "E eu sei que você ainda a ama, mas acabou, rapaz." Meu amigo mais antigo do mundo estremeceu antes de

acrescentar: "Você tem que deixá-la ir."
Por mais doloroso que fosse ouvir isso, foi um conselho sensato de um amigo que eu *sabia* que tinha os meus melhores interesses em mente e nunca me apunhalaria pelas costas.
Gibsie era muitas coisas, mas desleal *não era* uma delas. Em toda a minha vida, nunca conheci um ser humano mais fiel. Não importava se estávamos brigados ou não, ele nunca contou uma palavra sobre a minha vida pessoal a ninguém — nem mesmo a Johnny e Claire. Ele tinha mais problemas comigo do que qualquer um dos nossos amigos, tinha vivido os piores dias comigo, e eu sabia com absoluta certeza que ele levaria tudo isso para o túmulo.
Foi o Gibs quem me levantou do chão depois do término, e foi ele quem ficou ao meu lado durante os meus dias mais sombrios — e houve alguns dias sombrios pra caramba. A merda que eu explodiu depois que o término foi descontrolado. Não ousei pensar nisso. Mas Gibs nunca jogou isso na minha cara.
Nossa, fiquei tão aliviada por não ter arruinado minha amizade com ele por uma garota que era a namorada de qualquer um. Porque foi exatamente assim que aconteceu.
Ainda era meio estranho estar ali com ele, como se eu estivesse fazendo algo errado. Acho que passei tanto tempo sendo criticado por reconhecer o rapaz que não estava acostumado a passar tempo de qualidade com ele.
"Está tudo bem, Hugo", interrompeu Gibsie, claramente lendo meus pensamentos. "Águas passadas", acrescentou com uma piscadela travessa. "Só estou feliz por ter meu amigo de volta em tempo integral. Aquela guarda compartilhada de vocês estava me trazendo lembranças ruins." Rindo, ele acrescentou: "Mas ficarei feliz em assumir a guarda total de vocês no divórcio."
Nossa, eu era um péssimo amigo .
"Eu te amo, Gibs", decidi dizer a ele, porque por que não? Liz já tinha me humilhado além dos limites. Eu não tinha mais orgulho a perder. "Não sei onde estaria agora sem você, rapaz."
"O sentimento é mútuo, irmão", respondeu ele, apertando meu joelho novamente. "Você também me ajudou a superar meus dias difíceis."
"Você acha que eu vou ficar bem?", sussurrei, sentindo-me tão machucada por dentro que precisava de alguém para me tranquilizar. "Será que vou conseguir superar isso?"
"Claro que sim", respondeu ele, confiante. "E se você ficar preso no caminho para superar isso, estarei logo atrás para te ajudar a cruzar a linha." Ele sorriu, encorajador. "Você consegue , Hugo Boss, e eu te ajudo." Seus olhos cinzentos brilhavam com sinceridade. "Sempre."
"Biggsie!" Luke Casey gritou, abrindo caminho pela multidão com várias garrafas de cerveja na mão. "Aquela foi uma baita "Golo épico hoje." Afundando-se no sofá ao meu lado, ele me entregou uma garrafa e passou outra para o Gibs. "Você ganhou o jogo para nós, rapaz."
"Sim, ele fez", riu Gibs, voltando imediatamente ao seu papel de palhaço. "Uma pena que a bola tenha acertado a cabeça do Pierce." Gibs piscou antes de acrescentar: "Quais eram as chances?"
“De fato”, pensei, tomando um gole da minha garrafa.
"Biggsie, qual é a história da sua boneca?", perguntou Danny Call quando se

juntou a nós com mais alguns rapazes. "Você está mesmo fora e ela é alvo fácil?" Ele inclinou a cabeça para onde ela estava se esfregando em Pierce e alguns outros da minha turma. "Ou você quer que eu quebre o nariz dele para você?"
"É, eu ouvi falar disso", murmurou Luke, com um tom carregado de desaprovação. "Ele é um babaca."
"Mal educado", acrescentou Robbie Mac, estreitando os olhos. "Uma coisa é provocar um rapaz, mas isso é pura falta de educação."
“Você acha que deveria ir até lá e acabar com isso?”
Se eu fosse até lá, ela pensaria que eu estava disposto a conversar, e se ela pensasse isso, ela poderia tentar nos reacender, e eu honestamente não tinha forças para afastá-la novamente.
Ela já sabia que eu a amava e que eu me importava. A única ferramenta que eu tinha à disposição era a minha condenação. Se eu a perdesse, cairia de volta no inferno com ela, e não conseguiria sobreviver.
Eu poderia lidar com tudo o que ela jogasse em mim, todos os seus episódios e todos os seus humores, mas não *toleraria* infidelidade.
Eu tinha quase certeza de que ainda conseguia sentir o cheiro dela na blusa que eu estava usando. Pior ainda, tive uma sensação horrível de que aquela blusa era uma que ela tinha me dado no Natal passado.
Depois de terminar o conteúdo da minha garrafa de cerveja, fiz uma anotação mental de lavar cada peça de roupa que eu tinha.
Tudo estava contaminado e eu precisava começar do zero.
"Ótimo, rapazes", respondi, jurando a mim mesmo que não perderia nem mais um metro de dignidade por causa deles. Não depois de me terem despojado até os ossos. Dando de ombros como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo, recostei-me e tomei um gole da minha cerveja antes de responder: "Nada de sinistro aconteceu."
"Está circulando um boato de que ela transou com Pierce pelas suas costas, rapaz."
Obriguei-me a não estremecer. "Não acredite em tudo o que ouve."
"Então ela não fez isso?"
"Nós simplesmente decidimos encerrar o dia", ouvi-me dizer, mentindo descaradamente para proteger a reputação de uma garota que não dava a mínima para a minha.
"Então, tipo, está completamente desligado?" Danny insistiu, parecendo preocupado. "Tipo, permanentemente?"
"Não poderia ser mais permanente", respondi, forçando-me a olhar para ela uma última vez. No minuto em que o fiz, tive vontade de vomitar o conteúdo do meu estômago.
"Porra." O tom de Danny era sério quando ele perguntou: "Você está bem, Hugh?"
"Cally, estou ótima", respondi, dando-lhe um sorriso despreocupado. "Não se preocupe com isso."
"Ela não é mais problema dele", Gibs acrescentou rapidamente, dando uma tragada no baseado que um dos sextanistas lhe entregou. "Vai se foder, Hugo."
"Escute, vou ser sincero com você, Hugh", disse Luke quando os outros rapazes começaram a conversar sobre o jogo de hoje. "Ela anda se metendo bastante com

os rapazes do time." Mudando de posição, desconfortável, ele manteve o tom de voz baixo para que só eu pudesse ouvi-lo. "Não se preocupe, rapaz", apressou-se em acrescentar, claramente constrangido em tocar no assunto comigo. "Tirando o Piercy, o traidor, o resto dos rapazes te apoia."
“Eu disse que nada de sinistro aconteceu”, respondi, sentindo-me mal.
"É, eu sei que sim, rapaz", respondeu ele, dando um tapinha no meu ombro em sinal de apoio. "Mas eu não sou tão burro quanto aqueles desgraçados."
Bem, merda.
"Eu sei que você está se fazendo de corajoso agora, rapaz, e tudo bem, mas nos conhecemos desde bebês, e você sempre foi um bom amigo para mim, então eu senti que precisava te dizer que vou te apoiar na casa do Pierce qualquer dia da semana."
"Obrigado, Lukey", respondi, me obrigando a manter a cabeça erguida. "Eu realmente agradeço, rapaz, mas não quero que ela tenha problemas com isso." Soltando um suspiro pesado, acrescentei: "Nós todos estudamos juntos e jogamos no mesmo time, então vou levar a sério essa."
"Então você é um homem melhor que ele", respondeu ele, apertando meu ombro. "E você merece mais."

EU TE AMO, ME DESCULPE

Lizzie

12 DE DEZEMBRO DE 2003

ESTA FOI UMA MÁ IDEIA DESDE O INÍCIO .
Eu não deveria ter vindo.
Mas aqui estava eu.
Estragando outra noite importante da vida dele.
Porque esta era a noite do Hugh, não minha.
Foi ele quem comemorou a vitória do time, não eu.
Mas quando Pierce me convidou, eu sinceramente não podia abrir mão da chance de vê-lo novamente. Uma parte de mim queria espioná-lo, ver se ele tinha seguido em frente, partir meu próprio coração. Porque se ele estava seguindo em frente, eu precisava testemunhar. Talvez assim eu pudesse dormir um pouco à noite. Talvez eu não continuasse me engasgando com o meu arrependimento.
Eu estava bêbado.
Eu sabia que estava, mas o álcool correndo em minhas veias não tinha nada a ver com minhas ações.
Não pude culpar a vodca por ter seguido Pierce escada acima, nem pude culpar as doses pelas outras partes.
Não, fui eu.
Algo estava quebrado dentro de mim, desde que Caoimhe morreu, talvez até antes, e eu estava me afogando nas consequências.
Deitada no colchão, deixei o garoto com quem eu tinha arruinado minha vida fazer o que quisesse com meu corpo.
Quando ele terminou comigo, ele saiu da cama, fechou o zíper da calça jeans, me deu um tapinha sem entusiasmo na bochecha e desapareceu de volta para baixo, para junto dos seus amigos, deixando-me sozinho em meus pensamentos, em minha turbulência.
Sentindo-me usado e sujo, rapidamente peguei minhas roupas e corri para o banheiro ao lado.
No momento em que tranquei a porta, afundei no chão, deixando as lágrimas escaldantes invadirem minhas maçãs do rosto.
Lutando contra a vontade de gritar, mordi meu punho com força e bati a parte de trás da minha cabeça contra a porta repetidamente.
Eu precisava da dor.
Era a única coisa que abafava o barulho. Porque o barulho na minha cabeça doía muito mais do que qualquer dor física que eu pudesse suportar.
Não foi o suficiente.
Nada parecia ser suficiente.
Tudo o que eu tinha eram imagens.
Memórias.

Seu corpo suado.
O medo.
Os gritos.
As sensações.
A dor.
O peso dele.
O som das molas do colchão rangendo.
De uma vida diferente.
De um universo alternativo.
Eu precisava parar de sentir a dor dela.
Não me pertencia .
Não foi um trauma meu.
Sentindo o pânico se transformar em histeria, peguei uma escova de dentes aleatória da bacia e usei toda a minha força para quebrá-la ao meio.
Desesperado, joguei a metade com a cabeça da escova de dentes de lado, usando a outra parte. O plástico rígido não era perfeito, mas serviria para o que eu precisava.
Segurando o cabo de plástico com a mão esquerda, comecei a acariciar a ponta irregular contra minha coxa.
Delicadamente no início, até que criei impulso suficiente para que a sensação aguda e escaldante agredisse meus sentidos quando a crista afiada rasgou a camada superior da minha pele.
Romper a pele foi um desafio, mas que eu adorei.
Agora implacável, movi minha mão para frente e para trás em um ritmo feroz, mordendo minha mão livre quando a dor se tornou quase insuportável.
Mas eu não conseguia parar ainda.
Porque eu não estava cansado.
Eu não estava saciado.
Eu não estava estável.
Eu precisava disso.
Eu precisava fazer as imagens saírem da minha cabeça e foi exatamente assim que consegui isso.
o fiz ir embora.
Só parei quando a carne da minha coxa ficou indistinguível do sangue que escorria da minha mão.
Soltando um suspiro irregular, soltei minha arma improvisada e a joguei de lado antes de colocar as duas mãos nos ladrilhos frios abaixo de mim.
Fechei os olhos e respirei fundo e devagar, deixando-me absorver pela dor por um momento.
Deixando meu cérebro reconectar o caminho da dor mental para a dor física.
Aproveitando alguns momentos sagrados de *paz* .
Tonta e quebrada, eu me deixei cair, com as costas contra a porta, e prendi a respiração, esperando que, se eu segurasse por tempo suficiente, eu pudesse adormecer e acordar de volta na cama de Hugh.

Pouco depois, quando já estava vestida e de volta ao andar de baixo, fui atingida pelo conhecido tsunami de culpa. No momento em que entrei na sala e olhei para Hugh, senti a vergonha me engolir por inteiro.
Seus olhos cor de uísque abriram buracos em minha alma, e eu queria correr para seus braços e me jogar de uma ponte.
Ele sabia exatamente o que eu tinha feito lá em cima com outro garoto, e isso me fez sentir exatamente a prostituta que o monstro me moldou.
Eu podia ver nos olhos de Hugh que tudo estava acabado para ele, que minhas ações esta noite apenas solidificaram sua decisão de ir embora.
Passei semanas tentando me convencer de que fiz a coisa certa. Que, a longo prazo, seria melhor para Hugh me odiar. Se ele não me amasse, não poderia se machucar. Se ele ficasse longe de mim, estaria seguro.
Portanto, eu deveria estar feliz com a decepção em seus olhos. Era o que eu queria, afinal. O que precisava acontecer para libertá-lo do inferno que me amava.
Mas quando ele saiu, eu não consegui parar de segui-lo.
Ignorando os olhares malignos que recebi de alguns de seus companheiros de equipe e a maneira como eles murmuravam a palavra *prostituta* quando eu passava por eles, mantive meus olhos fixos nas costas de Hugh.
Seguindo-o noite adentro, segui cada passo que ele dava até chegar a um estábulo. Quando finalmente criei coragem para falar com ele, ele estava encostado na porta de um estábulo, de costas para mim, coçando a orelha de um cavalo.
"Oi", respondi, mantendo-me a uma pequena distância dele.
Todo o seu corpo ficou rígido e a mão que ele estava usando para acariciar o cavalo congelou.
“Como vai?”, decidi acrescentar quando ele não respondeu.
Exalando um suspiro de dor, Hugh se virou lentamente para me encarar. "O que você quer, Liz?"
Você . “Eu só queria dizer oi.”
“Oi”, ele respondeu categoricamente.
Continuei a pairar, sem vontade e sem poder sair. "Você está bem?"
Hugh olhou para o meu rosto como se a pergunta o tivesse ofendido.
Então, ele murmurou algo ininteligível antes de voltar a atenção para o cavalo. "Está frio aqui fora. Você deveria voltar para dentro."
"Não me importo", respondi, com a voz esganiçada, apertando as mãos com força.
"É", respondeu ele suavemente, continuando a dar total atenção ao cavalo. "Você parece não se importar com muita coisa ultimamente."
"Eu me importo com você", engasguei, incapaz de impedir que minhas pernas se movessem em direção a ele. "Você é a única coisa com que me importo."
"Eu sei que você pensa que sim", ele respondeu, afastando-se quando tentei abraçá-lo.
"Eu me importo", argumentei, sentindo a familiar queimação das lágrimas. "Eu te amo."
"E eu te amo", ele respondeu simplesmente. "Gostaria de não amar, mas amo."
"Podemos consertar isso?" Fungando, usei a manga para enxugar as bochechas.

"Seus olhos estão roxos", disse ele, tristemente. "Você não está bem, e Pierce não deveria se aproveitar disso."
"Eu não me importo com ele", gritei, puxando-o pelo braço. "Só me importo com você."
"Você precisa de ajuda, Liz." Ele parecia tão dividido. "Você precisa fazer isso, ok?"
“Se eu tomar meus remédios, você me aceita de volta?”
“Você deveria tomar seus remédios de qualquer maneira, Liz.”
"Mas ajudaria?", perguntei, engasgada, sentindo-me desesperada. "Você me aceitaria de volta?"
"Não, Liz." Soltando um suspiro entrecortado, Hugh balançou a cabeça e me contornou. "Eu nunca vou te aceitar de volta."
"Então qual é o sentido de levá-los?", gritei roucamente, enquanto o observava sair do estábulo. "Hugh, não, por favor, não vá!"
“Melhore, Liz”, foi tudo o que ele respondeu antes de desaparecer na escuridão.
"Eu te amo", solucei histericamente, afundando no chão. "Desculpa."

O LEÃO E A GAZELA

Hugo

18 DE DEZEMBRO DE 2003

"H UGHIE, PODEMOS CONVERSAR?" FORAM AS PRIMEIRAS PALAVRAS QUE P IERCE ME DISSE DESDE A NOITE em que o peguei na *minha* cama, com o pau dentro *da minha* garota.
"Você tem muita coragem de vir aqui", respondi enquanto me sentava no banco do vestiário e tirava as botas. Tendo suportado um treino intenso de duas horas debaixo de chuva torrencial, eu não estava com humor para essa conversa. Em vez disso, inclinei a cabeça para o outro lado do vestiário, onde as coisas dele estavam guardadas. "Sugiro que você volte para lá antes que eu enfie esses pregos no seu cu."
"É *importante* , rapaz", ele insistiu, continuando a pairar perto de mim como uma garrafa azul irritante. "Eu não estaria aqui se não fosse."
Ignorando-o, tirei as meias encharcadas antes de tirar o resto da roupa e pegar a toalha. Quando me levantei para ir tomar banho e o vi me seguindo, me virei e o encarei. "Me siga até lá e você não vai mais sair."
Idiota .
Entrando furioso no chuveiro, bati a palma da mão na maçaneta cromada e fiquei diretamente sob a água escaldante, tentando me aquecer do frio do inverno e me refrescar do meu companheiro de equipe traidor ao mesmo tempo.
Fiquei mais tempo do que o normal no chuveiro, quase trinta minutos, com a esperança de que ele já tivesse ido embora quando eu voltasse.
Infelizmente, quando voltei ao vestiário, Pierce era a *única* pessoa que ainda estava lá, vestido com seu uniforme e com uma expressão idiota no rosto.
Pelo menos ele teve o bom senso de se sentar no lado oposto da sala dessa vez .
Agarrando a toalha em volta dos quadris, passei por ele, indo direto para o meu lugar. "O que você está procurando por aí? Procurando dicas? Tentando ver como seu pau se compara ao meu agora?"
"Preciso falar com você sobre Lizzie", ele decidiu começar, o que foi uma péssima ideia.
"Leia o que está acontecendo, seu babaca", retruquei, largando a toalha e pegando uma cueca nova na bolsa. "Não estou interessado no que está acontecendo entre vocês, então vá embora."
"Mas você ainda se importa com o bem-estar dela, não é?", ele retrucou. "Ou você não dá mais a mínima para ela?"
Todos os músculos do meu corpo ficaram tensos e precisei respirar fundo algumas vezes para me acalmar.
Ele teve muita coragem de mencioná-la para mim.
Forçando-me a tomar a atitude mais séria e *não* reagir, continuei a ignorá-lo enquanto me vestia.
"Escute, Hughie, me desculpe, tá bom", suspirou ele, parecendo ao mesmo

tempo arrependido e frustrado. "Pelo que eu fiz. Foi falta de educação da minha parte. Eu estraguei tudo, rapaz. Agora eu entendo."
Sim, aposto que sim.
"Se você espera que eu te perdoe por dormir com a minha namorada de *mais de quatro anos* , então você está delirando", lembrei-o. "O máximo que você pode esperar é a minha tolerância, e você está se saindo muito bem."
"Rapaz, somos amigos desde os quatro anos", ele tentou implorar. "Com certeza a gente consegue superar isso."
"O fato de você mencionar há quanto tempo nos conhecemos só prova o quanto você se importava pouco com a nossa amizade."
“Hughie, vamos lá, rapaz…”
"Você destruiu intencionalmente meu relacionamento de quatro anos com a garota de quem sou melhor amiga há quase tanto tempo quanto nos conhecemos." Balancei a cabeça, enojada. "A garota com quem você me *viu* todos os dias na última década. Então guarde suas desculpas para alguém ingênuo o suficiente para acreditar nelas."
"Ela também não está impecável nisso", retrucou ele, em sua tentativa lamentável de jogar Liz debaixo do ônibus. "Ela era a única no relacionamento, não eu."
"Verdade", concordei em tom neutro. "E por isso ela não está mais *naquele* relacionamento."
"Eu não achei que ela faria isso", ele finalmente admitiu, chegando ao cerne da verdade. "Ela sempre pareceu tão obcecada por você. Eu estava só meio que brincando quando arrisquei meu braço com ela naquela noite."
E ela estava no auge da mania .
"E você achou que seria divertido tentar nos separar?", retruquei. "Ou foi o ciúme que te dominou naquela noite?"
“Provavelmente ambos.”
Minhas sobrancelhas se ergueram. "Bom, pelo menos você é um babaca degenerado e *honesto* ."
“Sim”, ele murmurou baixinho.
“Já terminamos aqui?” perguntei então.
"Escute, eu realmente acho que você deveria falar com ela", ele teve a coragem de pedir. "Ela estava chorando na festa do Creano e não apareceu na escola a semana toda."
"Céus", ri sem graça. "Você é outra coisa, sabia?"
"Ela... Tem algo *errado* com aquela garota", ele continuou a desabafar. "E eu estou realmente perdido." Eu podia ouvir a preocupação em seu tom enquanto ele desabafava. "Acho que ela está tendo um colapso ou algo assim por causa da culpa."
A culpa .
"Mordeu mais do que pode mastigar, não é?" Não resisti e o provoquei. "É, eu pensei que isso pudesse acontecer."
"Hughie, qual é, rapaz, isso também não é fácil para mim", ele disparou. "Ter que pedir ajuda ao ex dela."
"Eu não mijaria em você nem se estivesse pegando fogo, seu babaca", respondi, calçando meus tênis. "Então você esquece que eu te ajudo."

"Então ajude-a", ele insistiu. "Eu sei que você a ama."
"Você sabe que eu *a amo* ", repeti, tendo ouvido quase tudo o que eu podia suportar. "Você sabe que eu a *amo* ", rugi, virando-me para encará-lo. "Se você *sabe* que eu a amo tanto, então por que diabos você, meu amigo desde o primário, transaria com ela na minha cama?"
“Eu já te disse que fui longe demais!”
"Não", rosnei, sem vontade de desistir depois que ele abriu a porta. "Ir longe demais seria beijá-la!" Meu peito arfava, e eu não tinha certeza se conseguiria não matar aquele babaca. "O que você fez foi levá-la para outro planeta, porra!"
"Eu estava bêbado, Hughie", ele gemeu, encolhendo-se. "Eu errei. Estou me culpando por isso."
"E qual é a sua desculpa todas as outras vezes que você enfia o pau nela?", perguntei, fervendo de raiva. "E aí? Você também ficou bêbado nos últimos quarenta e oito dias? Ou vai usar a carta do ciúme de novo? Ou você só estava transando com a minha garota porque ela é vulnerável, e você é um merda!"
“Eu não sabia que ela era tão vulnerável.”
“Talvez, mas você sabia que ela era *minha* .”
“Hughie, vamos lá, rapaz.”
"O que diabos você quer de mim?"
"Vá vê-la ou algo assim", murmurou ele, esfregando o queixo. "Verifique se ela está bem."
"Por que você não vai vê-la?", respondi bruscamente, sentindo-me muito mal, "e me deixa fora disso?"
"Eu liguei para ela, mas ela não atende", ele retrucou. "Mas ela atende para você. Ela não vai à escola há uma semana, e eu *sei que* você se importa."
"Ei, ei, ei. Deixa eu ver se entendi." Estreitei os olhos, enojada. "Você quer que *eu* ligue para *a minha* ex, que me *traiu com você* , porque ela atende *as minhas* ligações em vez das *suas* ?"
"Parece certo", Pierce murmurou, ficando vermelho.
Minha adrenalina estava bombeando junto com minha testosterona, e eu mal conseguia me conter contra a vontade bruta e primitiva de arrancar a cabeça daquele idiota e colocá-lo em seu devido lugar.
"Você sabe por quê, não sabe?", eu disse num tom estranhamente frio, abraçando por completo a superioridade masculina que eu tinha sobre aquele babaca. "É porque ela é minha." Com um sorriso irônico, caminhei em sua direção como se ele fosse uma gazela e eu um leão. "E não importa quantas vezes ela te deixe na cama dela, ela nunca vai te querer mais do que *me quer* ."
"Ah, é? Bom, ela parecia me querer muito mais do que você naquela noite." Pierce mordeu a isca e disparou, agora todo irritado. "Na verdade, se bem me lembro, ela estava reclamando que você não estava fazendo isso por ela."
"Você acha que, só porque se interessou por ela, é melhor do que eu?" Em vez de perder a cabeça, como ele esperava, dei um sorriso irônico. "Seu idiota. Se eu quisesse transar com ela, poderia transar agora mesmo, mas a diferença entre nós dois é que eu não me aproveito de garotas vulneráveis. Porque eu sou homem, babaca, e você é menino."
"Hughie, relaxa." Seus olhos brilharam de pânico. "Só mantenha a cabeça fria, rapaz."

"Você sabe o que você é para ela, Pierce?", perguntei, caminhando até ficarmos peito a peito, nos posicionando um em frente ao outro, com eu vencendo em altura por uns bons dez centímetros. "Tudo o que você é para aquela garota é o meu substituto miserável."
Seu corpo vibrava de tensão e ele cerrou os punhos.
"Quer se jogar?", arqueei uma sobrancelha. "Vai nessa."
Para ser justo, ele pensou por uns bons cinco segundos antes de se encolher. "Não vou brigar com você de novo, rapaz."
"Sábia decisão", respondi momentos antes de minha mão disparar e agarrar sua garganta. "Agora, escuta." Jogando-o com força contra a parede às suas costas, inclinei-me para perto e sibilei: "Você vai ficar longe da minha cara, e eu vou ficar longe da sua. Não fale comigo, a menos que seja em campo ou por causa de uma tarefa de aula. Mantenha as mãos longe dela quando eu estiver por perto, e se eu ouvir uma única palavra sobre os assuntos particulares dela ou qualquer coisa que ela diga ou faça na sua presença andando pela escola, vou interpretar como um ataque pessoal, ouviu?"
"É... ah", ele disse estrangulado, ficando vermelho.
"Fique de boca fechada sobre a vulnerabilidade dela ou qualquer coisa do tipo", ameacei. "Porque se você arruinar a reputação dela, eu te enterro."

Eu não planejava descer no ponto da Liz depois da escola hoje, mas quando o motorista do ônibus parou, foi exatamente isso que aconteceu — para desgosto do Gibs e do Feely. Pierce tinha plantado uma semente de preocupação dentro de mim, e ela continuou a crescer o dia todo até eu dirigir até ficar meio demente de preocupação.
Tarde demais para voltar atrás, segui pela conhecida entrada de cascalho, sob chuva torrencial, até chegar à casa dela.
Fiquei surpreso quando encontrei Liz sentada na escada da frente de sua casa, mas o que mais me surpreendeu foi o fato de ela estar vestindo seu uniforme, mesmo sem ter ido à escola a semana toda.
"Hugh." Seus olhos brilharam quando ela percebeu que eu me aproximava e se levantou rapidamente. "O que você está fazendo aqui?"
"Seu namorado me mandou." Continuei andando até alcançá-la. "Ele quer que você atenda as ligações dele."
Sua expressão se desfez, e um tremor percorreu seu corpo. "Ele *não é* meu namorado."
Não pude negar o imenso prazer que senti com a reação dela, mas o escondi bem. "Bem, seja lá como você quiser chamá-lo, ele quer que você atenda as ligações dele."
"Você é a única pessoa cujas ligações eu atendo", ela respondeu, olhando para mim com olhos grandes e solitários. "Que bom que você está aqui."
"É." Tive que pigarrear para disfarçar a emoção. "Por que você está sentado na chuva?"
Ela deu de ombros esguios. "Meu corpo estava queimando."
"Você está doente?"

"Não." Ela balançou a cabeça, e isso fez com que gotas de chuva caíssem. "Só tesão."
Jesus .
"O que houve com esse uniforme?", perguntei, direcionando a conversa para um assunto mais seguro. "Você não foi à escola a semana toda."
"Porque estou cansada", admitiu ela, vestindo as mangas encharcadas. "E não consigo dormir, não importa o que eu faça." Dando de ombros, apontou para o prado e disse: "Fiquei escondida nos campos a semana toda, durante o horário escolar, torcendo para meu pai não me pegar."
"Você devia contar isso ao Pierce", forcei-me a dizer, mesmo que isso quase me matasse. "Ele está, ah, ele está *preocupado* com você."
"Não quero falar com ele", ela disse, olhando para mim com uma expressão culpada. "Não quero ter nada a ver com ele."
"Você se sente assim hoje", suspirei. "Porque você parou de tomar seus remédios."
"Tenho medo de voltar atrás", admitiu ela então, me dando o primeiro vislumbre de quem ela realmente é em meses. "Tenho medo de me lembrar de tudo."
"Liz." Meu coração se partiu. "Entrar e sair da realidade não é jeito de viver."
"Eu sei." Seus olhos se encheram de lágrimas. "Mas é melhor do que viver sem você."
Eu queria ir até ela.
Apesar de tudo, eu queria puxá-la para meus braços.
Porque eu estava tão profundamente apaixonado por essa garota que era fisicamente doloroso ficar ali parado e não *abraçá* -la.
"Eu te amo", ela fungou, usando o ombro para enxugar a bochecha. "Não importa o que aconteça."
"Eu também te amo." Não consegui me conter e respondi. E eu claramente a amava, não importava o que acontecesse, porque meus sentimentos permaneciam, apesar da traição e da mágoa.
"Você quer entrar?"
Balancei a cabeça. "Não posso fazer isso, Liz."
"Está chovendo torrencialmente", ela me lembrou, apontando para o céu nublado. "Não vou fazer nenhuma gracinha."
Sim, por enquanto . "E se você mudar de ideia?"
"Então você pode ir embora." Ela empurrou a porta da frente e entrou. "Por favor?"
Eu sabia que não deveria.
Era uma armadilha.
Uma péssima ideia.
Mas eu me vi seguindo-a para dentro.
Apesar dos sinais de alerta, subi a escadaria familiar, com os olhos grudados na bunda dela, que ela estava intencionalmente balançando na minha cara enquanto andava na minha frente.
Quando chegou ao patamar, ela deu uma guinada estranha e discreta passando pela porta da irmã, esticando o corpo o máximo que pôde para longe dela, antes de correr para o quarto.
"Onde estão seus pais?", perguntei, seguindo-a para dentro do quarto que havia

anos era como se fosse meu. "Eles saíram hoje?"
"Não tenho certeza", respondeu ela, tirando o suéter encharcado da escola e indo direto para a cama. "Não estamos exatamente nos falando no momento."
Minhas sobrancelhas se ergueram. "Até a Catherine?"
"Papai não me deixa chegar a menos de três metros da mamãe", explicou ela com um suspiro. "Ele acha que sou perigosa."
"Você não é perigosa", respondi, caminhando até a cama dela e sentando-me sem nem pensar. *Porra* . "Você é doente. Tem uma diferença."
"Por que você não está gritando comigo?", ela perguntou, sentando-se de pernas cruzadas na cama, de frente para mim. "Por que você é tão legal?"
"Eu não sou do tipo que grita", lembrei a ela. "Bem, pelo menos não normalmente."
"Mas eu mereço", ela disse, com o olhar baixo. "E isso dói porque eu sei o que perdi."
Eu queria dizer a ela que ela não tinha me perdido, mas eu seria um mentiroso.
"Quero que você tenha saúde", eu disse. "É importante para mim, Liz."
"Você é importante para mim", ela sussurrou, aproximando-se até que eu pudesse sentir seu hálito quente contra meu ouvido. "Você é tudo para mim."
E lá estava .
A mudança repentina de humor .
"Sem tocar", avisei quando a mão dela pousou na minha coxa. "Se fizer isso de novo, eu vou embora."
"Realmente?"
“Sério, Liz.”
"Tudo bem." Relutantemente, ela colocou a mão no colo. "Feliz agora?"
Não, porque eu *queria* as mãos dela em mim. "Pêssego."
"Sente minha falta, Hugh?", ela perguntou, com os olhos escurecendo à medida que me olhava. "Como sinto sua falta?"
"Você sabe que sinto sua falta", respondi, sem me dar ao trabalho de mentir. Não adiantava. Ela segurava cada pedaço do meu coração dilacerado. Imaginei que ela também poderia levar a última lasca do meu orgulho enquanto estava lá. "Me mata ver você com ele."
"Eu não o quero." Sua voz assumiu um tom sensual. "Eu nunca o quis."
"E, no entanto, aqui estamos." Balancei a cabeça, frustrada. "Você transou com ele, mas me transou com mais força."
"Quer tirar a roupa?", perguntou ela então, me examinando descaradamente com os olhos. "Você está encharcado até os ossos. Pode vomitar."
“Vou arriscar.”
A frustração estampava-se em suas feições. "Você não vai facilitar isso, vai?"
"Não", sorri. "Tenho minha virtude para proteger."
"Não sei por que fiz isso", repetiu ela pela centésima vez em questão de meses. "Nem me sinto atraída por ele." Ela me tocou novamente, passando o dedo pela minha garganta, e desta vez não tive forças para impedi-la. "Você é tudo o que eu sempre quis dentro de mim."
Jesus Cristo.
"Eu *poderia* te foder", admiti, sentindo-me amargurada e excitada ao mesmo tempo. "Bem aqui. Só uma vez. Para encerrar. Mas isso só pioraria as coisas para

você."
"Não, não seria", disse ela, encostando a bochecha na minha e inalando profundamente. "Você é tudo que eu quero."
"Seria, porque depois que você me tiver, nunca mais vai me esquecer", sussurrei em seu ouvido, decidindo virar o jogo para ela pela primeira vez, e então me deleitando quando ela estremeceu em resposta. "Será o fim do jogo para você, Liz, e depois?"
"Então vamos continuar fazendo isso", ela gemeu, esfregando-se em mim. "Para sempre."
Essa foi uma má ideia e eu precisava parar.
Só que… *ainda não* .
"Sem chance, querida", rosnei, roçando a bochecha dela na minha. "Você jogou fora o meu tempo comigo por um tempo com ele."
"Deixa eu te compensar." Salpicando meu pescoço de beijos, ela estendeu a mão entre minhas coxas e acariciou minha ereção que crescia rapidamente. "Deixa eu consertar isso."
"Não vou enfiar meu pau onde ele esteve", gemi, incapaz de impedir que meus quadris se arqueassem sob seu toque. "Você precisa parar."
"Mas você adora quando eu te faço gozar", ela provocou, me atormentando com seus dedos habilidosos. "Eu te dou tudo o que você quiser."
“Tudo o que eu queria era fidelidade.”
"E tudo o que eu queria era você dentro de mim." Ela gemeu de frustração. "Você *ainda é* tudo o que eu quero."
"E eu ainda quero fidelidade", respondi num tom irônico. "Mas esse sonho foi por água abaixo, não é?"
"Hugh", ela gemeu em tom suplicante, jogando-se no travesseiro. "Pare de me torturar."
Porra, ela estava incrível esparramada na cama, com as bochechas coradas e a saia levantada nos quadris.
"Tudo bem." Soltando um gemido frustrado, ela abriu as coxas, abrindo-se completamente, me dando uma visão de perto de sua calcinha branca. "Se você não me tocar, eu mesma toco."
Eu não tinha a mínima ideia do que dizer, mas então ela empurrou o tecido da calcinha para o lado, e eu rapidamente perdi toda a capacidade de falar.
Traçando sua fenda com os dedos, ela lentamente empurrou dois para dentro dela, enquanto pressionava o clitóris com o polegar.
Puta merda.
Preciso ir embora .
Preciso me virar .
Por que diabos eu ainda estou olhando?
"Está tudo bem", sussurrou Liz, olhando rapidamente para mim. "Quero que você me observe."
Gemendo baixinho, ela manteve os olhos em mim o tempo todo.
Jesus Cristo .
Eu não conseguiria desviar o olhar mesmo se quisesse — e eu definitivamente não queria desviar o olhar.
Naquele momento, não consegui pensar em nada além dessa garota e sua boceta

perfeita.
Eu sabia como ela se sentia.
Eu coloquei meus dedos e minha língua dentro dela inúmeras vezes.
Meu pau se esforçava contra as amarras da minha cueca, desesperado para ter sua vez.
Quanto mais ela corava, mais altos seus gemidos se tornavam, e mais perto eu me aproximava. "Toca-me."
Balancei a cabeça, odiando-me profundamente por negar a mim mesmo.
"Está tudo bem", ela insistiu. "Pode ser o nosso segredo."
Balancei a cabeça novamente, enquanto meus quadris giravam por conta própria.
"Se você não quer me tocar, então toque a si mesmo", ela sussurrou com a voz mais sexy que eu já ouvi.
Puta merda!
"Mostre-me, querida."
Porra, eu perdi a cabeça quando ela me chamou de *"bebê"* .
Um gemido de dor escapou de mim enquanto meu olhar vagava descaradamente sobre ela.
“Mostre-me esse pau grande.”
Um lapso momentâneo de sanidade me fez desabotoar a calça da minha escola e rapidamente abri-la.
"Hum", ela gemeu, balançando os quadris na mão. "Tira."
Imprudentemente, fiz exatamente isso.
Apertando meu eixo, eu rapidamente me masturbei, enquanto ela se fodia na minha frente.
"Vem cá", ordenou ela, ofegante, dando tapinhas na parte do colchão entre as pernas antes de voltar a esfregar o clitóris. "Eu quero ver."
Tirando a roupa da cintura para baixo, ajoelhei-me entre as pernas dela com meu pau nas mãos.
Isso foi uma loucura.
Eu era um idiota do caralho.
Mas seria preciso um terremoto para me afastar dela naquele momento.
Lambendo os lábios, ela lançou um olhar velado para mim. "Foda-se como você quer me foder."
Jesus .
Perdendo todo o autocontrole, fui para a cidade comigo mesmo, puxando meu pau com tanta fúria que pude sentir minhas bolas apertarem mais rápido do que o normal.
Eu não era estranho a me masturbar, mas me masturbar com a imagem de uma garota nua embaixo de mim estava me levando ao limite muito rápido.
"Estou gozando", ela gritou, e então suas coxas se contraíram e tiveram espasmos, esfregando na parte externa das minhas coxas e fazendo com que eu me derramasse todo sobre ela.
Com o peito arfando, soltei-me com um gemido de dor, incapaz de desviar minha mira do rosto dela porque ela estava muito perto.
Mortificado, congelei de joelhos entre as pernas dela, olhando para a bagunça que eu tinha feito nela.
Em vez de reclamar e me mandar embora, Liz se apoiou nos cotovelos, deu um

sorriso irônico e passou a língua pelo lábio inferior, me *provando* .
Puta merda!
Nunca vi nada tão sexy em toda a minha vida.
E então ela levantou a mão por entre as pernas e colocou o dedo indicador na frente da minha boca. "Abra a boca."
Perdendo momentaneamente a capacidade de formar um pensamento coerente, fiz exatamente o que ela me disse e separei meus lábios.
Ela enfiou o dedo lentamente na minha boca. "Chupa."
Mantendo meus olhos fixos nos dela, fiz o que ela pediu.
“Prove-me.”
Eu *estava* e ela estava ainda melhor do que eu lembrava.
"Viu?", ela retirou o dedo lentamente, ficou de joelhos, com o peito colado ao meu, e sorriu. "E nem quebramos nenhuma regra."
Soltei a respiração, o peito ainda arfando. "Que porra é essa que nós acabamos de..."
"Não se preocupe, bravo cavaleiro." Ela pressionou um dedo nos meus lábios e piscou. "Sua virtude ainda está intacta."
Com isso, ela saiu da cama e foi até o banheiro, me deixando sozinho para lidar com minha culpa.

VOCÊ PODE SEGURAR MINHA MÃO

Lizzie

18 DE DEZEMBRO DE 2003

A euforia que eu sentia rapidamente desapareceu quando voltei para o meu quarto e encontrei Hugh parecendo completamente devastado.
Não consegui entender porquê.
Ele gozou em cima de mim.
Ele deveria ter ficado emocionado.
Em vez disso, ele parecia que queria chorar.
"O quê?", perguntei, observando sua expressão de remorso. "Não finja que não gostou, porque o esperma que acabei de lavar do meu rosto diz o contrário."
"Meu Deus, Liz." Hugh balançou a cabeça e começou a andar de um lado para o outro no meu quarto. "Dá para *parar* de falar assim?"
"Por que não?", ri, acompanhando-o com o olhar. "É a verdade."
"Porque eu não devia ter feito isso", ele disse, estrangulado, parecendo genuinamente arrasado. "Isso *não foi* legal, Liz."
"Por quê?", perguntei, sentindo-me insanamente furiosa naquele momento. "Você me ama, e eu te amo. Você me viu gozar, e eu te vi. Nós não quebramos sua regra de não tocar. Então, qual é o problema nisso, *Hugh* ?"
"Porque terminamos, Liz!", ele gritou de volta, com as mãos nos cabelos enquanto andava de um lado para o outro. "Porque você não é *você* agora e eu *sei* que não é!"
"Ah, relaxa!", zombei, agora furioso. "Você não subiu na minha cama no meio da noite e me fodeu como ele fez!"
Hugh me encarou boquiaberto. "Do que você está *falando* ?"
"O monstro!", gritei, jogando as mãos para o alto. "Você sabe que ele me fode nos meus sonhos, não sabe? Ele faz isso há anos!", soltei uma risada maníaca. "Ops. Talvez eu não devesse ter contado que te traio dormindo há anos!"
"Meu Deus, Liz." Hugh balançou a cabeça e soltou um rosnado furioso. "Não consigo falar com você quando está assim."
"Por que você não consegue simplesmente me amar?", gritei, caminhando em sua direção quando ele tentou ir embora. "Por que ninguém consegue me amar, porra!"
"Eu te amo!", Hugh rugiu na minha cara, com o peito arfando. "Se não te amasse, não estaria aqui!"
"Então me conserte", implorei, agarrando sua camisa. "Faça isso desaparecer!"
"Eu tentei!", ele disse, estrangulado, me contornando e saindo do meu quarto. "Por dez anos! Nada funcionou! E eu não posso continuar me sentindo assim!"
"Qual caminho?"
"Miserável!", gritou Hugh. "Você está tornando a minha vida um inferno, querida!"
"Então você vai me deixar?", gritei para ele, debruçando-me no corrimão,

observando-o descer rapidamente a escada em espiral. "É assim que vai ser, hein?"
"Você me abandonou, Liz", ele disse por cima do ombro ao chegar ao térreo. "Não o contrário."
"Tudo bem!", gritei, descendo a escada atrás dele. "Se você não me quer, vou procurar alguém que queira."
"Liz!", Hugh disparou quando passei por ele na porta e corri para fora. "Volte aqui!"
Não.
Eu não voltaria mais para aquela casa.
Começando a correr, desci a estrada de cascalho com apenas um destino em mente.
Liberdade .
Quando cheguei ao portão, pensei que estava livre, mas não. "Não faça isso", rosnou Hugh, agarrando meus ombros antes que eu chegasse à estrada. Ele me virou para encará-lo e repetiu: "Não *faça* isso, Liz."
A chuva caía forte sobre nós, grudando sua auréola de cabelo loiro sujo em sua testa.
Gotas de chuva escorriam de sua testa para seu nariz e depois para seus lábios, e eu não conseguia suportar.
Olhar para ele doía pra caramba.
Eu não tinha certeza se estava gritando ou chorando, mas sabia que havia ruídos estranhos saindo da minha garganta.
"Você não me quer!", sibilei, me soltando e correndo em direção à estrada. "Ele quer!"
"Ele não merece você", rugiu Hugh, me agarrando de volta. "E você não merece essa maldita doença demoníaca!"
"Me solta!", gritei, me debatendo contra o abraço incrivelmente forte de Hugh enquanto ele me carregava para fora da estrada. "Agora!"
"Para você poder voltar para aquele babaca e deitar de costas para ele? Ou pior, voltar para dentro e se esculpir como uma abóbora de merda?", rugiu Hugh, mais do que furioso. "Nem pensar." Ele balançou a cabeça novamente e me puxou para perto do peito. "Você vai para casa comigo. Onde eu posso cuidar de você."
"Por que você quer isso?", perguntei, engasgada, empurrando-o bruscamente. "Você mesmo disse: ficar perto de mim te deixa miserável!"
"É", ele rosnou, diminuindo a distância entre nós. "E *não* estar perto de você me faz sentir ainda pior!"
Suas palavras pareceram ressoar com algo dentro do meu subconsciente e eu me senti lentamente me acalmando.
"Hugh." Tremendo, levantei a mão e rocei seu lábio inferior carnudo. "Não quero que você se sinta pior."
Sua reação subconsciente foi retribuir meu afeto beijando meu dedo, apenas para gemer de frustração quando percebeu seu erro.
Porque eu fui um erro.
Seu maior erro .
"Escute." Segurando meu rosto entre suas mãos grandes, Hugh se abaixou para me olhar nos olhos, me forçando a focar naquelas íris mágicas, marrom-uísque.

"Você não pode ficar aqui sozinha. Não agora, ok? Então, vou te levar para casa comigo."
"Você é?"
"Sim." Sua voz era firme e reconfortante, acalmando algo bem no fundo de mim. "Vamos a pé até minha casa, e você vai ficar aí até seus pais voltarem, seja lá de onde for."
“Só nós?”
“Só nós”, ele confirmou rispidamente.
“Posso segurar sua mão enquanto caminho?”
"É, Liz." A dor brilhou em seus olhos, e ele assentiu lentamente. "Você pode segurar minha mão na caminhada."

TALVEZ POSSAMOS SER AMIGOS?

Hugo

30 DE DEZEMBRO DE 2003

" SAIA ", sussurrei-sibilei no meio do banho, quando coloquei a cabeça atrás da cortina e encarei a loira encostada na porta do banheiro. " *Agora* ."
Eu não estava em condições de suportar as palhaçadas dela, não depois da última tempestade em que fui pego.
E eu também não tive autocontrole para rejeitar seus avanços.
Puta merda, vá para o inferno.
Por que tinha que ser tão difícil?
Por que eu tive que me apaixonar pelo melhor amigo da minha irmã?
Essas festas do pijama estavam me *matando* .
Saber que meu ex estava dormindo no quarto ao lado do meu foi o motivo de eu *tomar banho* às duas da manhã.
"Oi." Liz estendeu a mão para trás, girou a chave na fechadura e soltou um suspiro trêmulo. "Ouvi você entrar aqui."
Claro que sim.
Meu quarto ficava alinhado com o quarto da minha irmã, o que significava que ambas sabíamos quando a outra estava à espreita.
Por sorte, Claire dormia profundamente.
Infelizmente, Lizzie *não estava* .
"Então você pensou em entrar e a gente bater um papo?" Reprimi um grunhido de frustração. Já era difícil lidar com ela na escola todos os dias, e na minha casa quase todos os fins de semana, e meus sonhos à noite, mas agora eu não conseguia me lembrar de Liz sem que a Liz da vida real aparecesse.
Jesus Cristo.
Não consigo ter uma folga .
"Eu precisava te ver", ela deixou escapar, com as mãos entrelaçadas à frente do corpo. "Precisava muito mesmo."
"Ah, é?" Soltando um suspiro, puxei a cortina sobre o trilho, bloqueando propositalmente a visão dela. "Que pena."
"Sinto muito por ter perdido a paciência com você na minha casa na semana passada."
"Não se preocupe", respondi, impassível. "Já estou acostumado."
“E por você ter que me trazer aqui para cuidar de mim até a mamãe me buscar.”
"Como eu disse", respondi rispidamente. "Já estou acostumado."
“Bem, sinto muito por ser o tipo de pessoa que você está acostumado a cuidar.”
Estremeci. "Liz."
"Hugh." Sua voz falhou. "Ai, meu Deus, eu te amo tanto."
Eu sabia que sim, e que meus sentimentos eram totalmente recíprocos, mas isso não significava que o que tínhamos não fosse tóxico.
"Então, é hora de parar", eu disse, estrangulado, apoiando-me rapidamente nos

ladrilhos com as duas mãos, enquanto lutava contra a vontade de ir até ela, que já durava uma década. "Porque eu vou sair com os rapazes amanhã à noite e vou transar com alguém." Era uma completa besteira, mas eu precisava me armar, droga.
Ouvi sua respiração repentina e profunda, seguida por um soluço abafado, e meu peito arfava fisicamente com a dor violenta e abominável que me atingiu.
Isso foi demais.
Doeu muito.
Eu estava profundamente apaixonado por ela.
Curvando a cabeça, fechei os olhos com força e me esforcei para ser forte, *não* ceder e ter algum respeito por mim mesmo.
No entanto, todas as noções de resolução mental desapareceram da minha cabeça quando a cortina do chuveiro se abriu e Liz entrou.
Nua .
Ela não disse uma palavra quando passou por baixo do meu braço que ainda estava apoiado na parede e colocou os braços em volta da minha cintura.
Não mexi um músculo.
Eu mal consegui respirar.
Com o corpo rígido, olhei para seus cabelos loiros, sentindo meu coração se despedaçar, enquanto meu corpo vibrava de prazer.
Ela pressionou a bochecha contra meu peito e seus braços envolveram minha cintura como um torno.
Ficamos ali pelo que pareceu uma eternidade, com a água caindo sobre nossos corpos unidos.
"Sinto muito", ela finalmente quebrou o silêncio pesado. "Sinto muito, muito, muito mesmo."
Mais uma vez, meu peito arfou violentamente enquanto meu coração disparava.
"Eu sei", consegui dizer com a voz rouca, parecendo mais arrasada do que ela.
"Eu não falei com ele." Chorando baixinho, ela continuou a acariciar meu peito com a bochecha. "Eu não falei com nenhum garoto."
“Liz.”
"Eu te amo tanto", ela disse, estrangulada. "Sinto que não consigo *respirar* sem você."
Eu conheço o sentimento .
"Me dá outra chance", implorou ela, colando seu corpo ao meu em desespero. "Eu farei qualquer coisa — *qualquer coisa* — para te compensar, Hugh. O que você quiser, eu farei." Seus gritos ficaram mais frenéticos junto com sua súplica. "Eu não vou sair. Não vou beber. Vou fazer a terapia. Vou tomar os remédios. *Qualquer coisa* . Só... *por favor,* não me deixe.
Um homem mais forte teria conseguido manter a posição.
Mas eu ainda não era um homem e a amava demais para não confortá-la quando ela estava desmoronando em meus braços.
"Eu também te amo", sussurrei, abraçando-a. "Sempre amei e sempre amarei."
"Não, não, não", ela gritou, agarrando minhas costas para puxar meu corpo para mais perto do dela. "Por favor, não diga isso."
"Mas eu *não posso* ficar com você", eu disse, estrangulada, segurando-a no colo quando suas pernas cederam. "Não podemos voltar a ficar juntos."

"Eu não quis dizer isso, eu não quis dizer isso", ela continuou a soluçar, balançando a cabeça. "Eu nunca faria isso com você de propósito!"
Essa era a questão da traição: fosse acidental ou proposital, doía do mesmo jeito.
"Acho que você não quis dizer isso, Liz", eu disse, com a voz embargada enquanto minhas emoções ameaçavam me dominar. "Mas também não confio em você para não fazer isso de novo."
"Eu não vou, eu não vou, eu juro, Hugh", ela implorou, estendendo os braços para me envolver no pescoço. "Eu vou ser boazinha, eu prometo. Uma boa garota. Como você merece. Vou ser boazinha dessa vez."
“Não se trata de você ser boazinha, querida.”
"Vou voltar a tomar meus remédios." Soluçando novamente, ela me cobriu de beijos. "Vou ficar firme. Você sabe que eu consigo. Você me viu! Então posso ser sua Lizzie de novo se você me der uma última chance."
Com cada centímetro do meu coração, eu queria dizer sim. Eu queria aquela última chance mais do que ela jamais saberia. Mas já tínhamos tido tantas que eu sabia, no fundo do meu coração, o resultado. "Você diz isso agora, mas vai mudar de ideia."
"Não vou, prometo", protestou ela veementemente, em meio às lágrimas. "Vou tomá-los todos os dias pelo resto da minha vida, se for preciso para te manter."
"Você vai tomá-los até começar a se sentir melhor, você quer dizer." Pisquei para conter as lágrimas. "E aí você vai decidir que está curado e que não precisa mais deles, e vai voltar direto para o começo. De volta à mania, de volta às brigas aos berros, à insônia e à busca constante por sexo. E aí, depois que você tiver se ferrado de verdade, vai cair na depressão, onde passa semanas seguidas na cama, enquanto eu passo cada hora acordada dessas semanas arrancando uma navalha das suas mãos."
“ *Não* , não farei isso desta vez.”
"Você faz isso toda vez, va-" Minha voz falhou, e eu tive que respirar fundo várias vezes para me recompor antes de continuar. "Não posso continuar vivendo minha vida assim." Fungando, segurei sua cabeça na minha mão. "Não estou dormindo porque não sei onde você está, ou com quem está, ou se parou de tomar seus remédios e tem outro cuzão entre as pernas. Porque você está maníaca e quer transar com qualquer coisa que tenha pulso." Balancei a cabeça, sentindo-me destruída. "Eu queria encontrar um jeito de fazer isso funcionar, mas não consigo, Liz. *Não posso* fazer isso com você por mais uma década. Não posso planejar um futuro com você quando, a qualquer momento, você pode me trocar e transar com outra pessoa." Fungando, dei um beijo em sua cabeça. "E não é justo da sua parte me pedir isso."
"Não consigo viver sem você", ela gritou, me abraçando com a mesma força que eu a abraçava. "Eu não quero."
"Talvez, quando algum tempo passar, possamos ser amigas de novo", ofereci, odiando as palavras que saíam da minha boca. Porque eu nunca poderia ser apenas amiga dela. Essa era a garota que eu queria ao meu lado todos os dias, pelo resto da minha vida. "Eu *sempre* vou te amar."
"Não importa o quê?"
"É, Liz", sussurrei, morrendo por dentro. "Não importa o que aconteça."

HAMBÚRGUERES E BEIJOS ROUBADOS

Hugo

31 DE DEZEMBRO DE 2003

ESTA NOITE ERA VÉSPERA DE ANO- NOVO , E EU TINHA SIDO, MAIS UMA VEZ, COAGIDA PELOS RAPAZES a ir à balada com eles. Eu estava com medo a semana toda, porque a deste ano seria a primeira em uma década que eu não passaria com a Liz.
Eu sentia tanta falta dela que não conseguia respirar, e nada conseguia melhorar isso.
Eu estava com medo de sair hoje à noite, mas fiquei positivamente surpreso quando Feely sugeriu que fôssemos para a outra ponta da cidade, para a discoteca que a BCS estava dando no GAA Pavilion.
Cercado principalmente por estranhos, foi muito mais fácil relaxar e me divertir. Ah, e a dose de vodca que cada um de nós tomou nos arbustos antes também não atrapalhou.
Bêbado como um peido, fiquei cambaleando pelo pavilhão a maior parte da noite com meus três melhores amigos, às vezes dançando, mas principalmente afastando as garotas.
Johnny, por outro lado, foi atraído para trás das cortinas no fundo do corredor pela *segurança feminina* , que eu só podia presumir que estava cumprindo sua promessa de *acabar com ele* .
Enquanto isso, Gibs estava ocupado demais se apaixonando por si mesmo para dar uma segunda olhada em qualquer outra pessoa, enquanto Feely estava de olho em uma ruiva bonitinha na pista de dança.
“Puta merda, eu sou outra coisa”, declarou Gibsie, deslizando pela pista de dança ao som de “Pony” como se fosse filho ilegítimo de Snoop Dogg e John Travolta. "O chefão lá de cima não poupou gastos quando fez Gerard Gibson, eu te digo."
Gibs era o melhor dançarino do condado, e o desgraçado sabia disso. Não importava a música que tocasse, o flanker de quadris de cobra tinha os movimentos perfeitos para cada batida.
“Se você fosse um bolo, você se comeria, Gibs.”
"Com certeza", ele concordou de todo o coração, tirando a camisa para flexionar os peitorais. "Você me viu?" Sorrindo, ele beijou o bíceps e remexeu os quadris como um astro pornô. "Eu sou uma delícia pra caralho." E então ele usou todos os recursos, se jogando no chão para executar o movimento de minhoca mais safado que eu já tinha visto.
O som agudo dos gritos das garotas era selvagem, enquanto uma horda delas cercava Gibs, que estava transando no chão melhor do que qualquer stripper.
"Vamos ver se ele sai dessa", Feely falou arrastado, observando nosso amigo ser engolido pela multidão.
Bêbado, encostei-me na parede atrás de mim para me apoiar, enquanto Feely

cambaleava em minha direção. "Rapaz, você é pior do que eu", ri quando ele começou a se inclinar para o lado como a Torre de Pisa.
"Você já conseguiu o turno, Hughie?", ele perguntou arrastado, apoiando o quadril na parede ao meu lado.
"Não vai acontecer, pai." Bêbado ou não, eu não estava nem perto de estar preparado para *isso* .
"É, é sim", concordou Feely, aproximando-se do meu outro braço. "É negócio fechado, rapaz."
O DJ começou a contagem regressiva de dez segundos para o Ano Novo, e isso fez com que um tsunami de dor surgisse dentro de mim.
Porra.
Liz .
"Ah, você vai ganhar um beijo de Ano Novo", Feely insistiu em tom persuasivo, com o olhar fixo em alguém na pista de dança. "Vamos, "Rapaz." Ele me arrastou para a pista de dança bem na hora em que o DJ chegou ao quinto lugar na contagem regressiva. "Encontre uma garota e viva um pouco."
“Quatro, três, dois, um…”
Com os olhos turvos, observei meu amigo cambalear na direção da pequena ruiva que ele estava de olho a noite toda, mas foi interceptado por uma morena curvilínea, que se aproximou e o beijou.
Observei meu amigo congelar momentaneamente antes de envolver os braços em volta da morena e retribuir o beijo.
Eca .
Cristo .
Balançando a cabeça, desviei o olhar da agressão e fui interceptado pela mesma ruiva minúscula.
"Uau", consegui dizer cerca de um milésimo de segundo antes que ela puxasse meu rosto para perto do dela e colasse seus lábios nos meus.
Puta merda .
Minha reação imediata foi me afastar, sabendo que lábios estrangeiros não tinham nada a ver com os meus, mas então lembrei que meus lábios não pertenciam a ninguém.
Respirando com dificuldade, mantive minhas mãos nos ombros da ruiva para mantê-la afastada, enquanto tentava clarear meus pensamentos.
"Por favor, me beije", ela implorou, agarrando a frente da minha blusa enquanto se levantava na ponta dos pés. Não foi um movimento agressivo. Foi um movimento desesperado. " *Por favor* ."
Grandes olhos verdes brilharam para mim, parecendo tão incertos quanto eu me sentia.
Na verdade, seus olhos pareciam que estavam prestes a derramar lágrimas.
Jesus .
Eu não tinha ideia do que era, mas algo nos olhos dessa garota me fez concordar lentamente.
O alívio brilhou em seus olhos, e ela levantou o queixo para encontrar o meu.
E então, pela primeira vez na minha vida, beijei uma garota que não se chamava Lizzie Young.
O beijo não foi nada de alucinante.

Não eram fogos de artifício.
Não era Liz.
Mas *foi* legal.

"Não consigo entender se você está esperando comigo por escolha própria ou por pena", refletiu a ruiva, cujo nome eu descobri ser Katie, depois da discoteca, enquanto nos sentávamos na calçada em frente ao prédio. "Porque, por mais grata que eu seja a você por me salvar lá atrás, acho que meu orgulho não aguenta mais um golpe esta noite."
Suas palavras atravessaram a névoa na minha cabeça, e meus olhos se voltaram para a posição de alerta. "Hã?"
Suas bochechas ficaram vermelhas. "Deixa pra lá."
Percebendo o fim de sua divagação, arqueei uma sobrancelha e perguntei: "Por que eu estaria aqui por pena?"
Ela deu de ombros. "Só saiba que você me salvou de fazer papel de boba."
"Beijando você?"
“Confie em mim, Hugh.”
"Justo."
"O Case nem vai se lembrar do nome", suspirou ela, apontando para o muro atrás do qual nossos amigos estavam saindo. "É isso que ela faz."
“Você não aprova?”
Ela balançou a cabeça novamente. "Eu a amo, mas não é assim que eu vivo."
Quando ela começou a tremer, automaticamente peguei minha jaqueta. Abri o zíper, tirei-a e a coloquei sobre seus ombros.
"Obrigado."
"Sem problemas."
“Eu te devolvo na escola na semana que vem.”
Minhas sobrancelhas se ergueram, surpresa. "Você estuda comigo?"
“Uau, você realmente sabe como fazer uma garota se sentir vista.”
“Não, não é assim…”
"Tudo bem. Estou brincando." Ela sorriu. "Estou um ano abaixo de vocês."
Ela estava no terceiro ano. "Desde quando?"
"Me transferi da escola St. Bernadette no início do semestre." Dando de ombros estreitos, ela apertou meu casaco com mais força. "Sou bolsista."
Agora, *fiquei* intrigado. "Qual é o seu veneno?"
"Música." Ela corou novamente. "Qual é a sua?"
"Física", respondi com um sorriso de desculpas. "Com um toque de química."
"Ah, então você é *esse* tipo de garoto." Ela piscou, cúmplice. "Você é um nerd."
Arqueei uma sobrancelha. "Sem querer ofender, mas você também deve ser um tanto estudiosa para conseguir uma bolsa de estudos."
"É, sou uma das seis sortudas", respondeu ela com um suspiro. "Vai eu, hein?"
“Por que não te vi na escola antes?”
Ela sorriu. "Talvez depois desta noite, você consiga."
“Como você vai para casa?”
"A Casey é mais velha que eu", respondeu ela, apontando para a parede

novamente. "Uma das amigas dela vai me levar para casa."
"Onde é sua casa?"
"Muito longe da sua." Ela sorriu antes de acrescentar: "Garoto rico."
Minhas sobrancelhas se ergueram. "O que te faz pensar que eu sou rico?"
"Hã, talvez porque eu tenha estado na sua casa", ela riu, revirando os olhos. "Avoca Greystones fica bem longe de Rosewood."
"Espera aí." Inclinei a cabeça para observá-la. "Quando você esteve na minha casa?"
"Sua festa de aniversário", ela respondeu, sorrindo. "O Case e eu fomos." Ela apontou para a amiga novamente. "A Feely nos convidou."
"Sensivelmente."
"Sim. Nós dois fazemos parte do coral da escola."
"Sério?", cocei o queixo, sem muita surpresa ao saber que Feely estava no coral.
"Você é o amigo especial do clube de música?", provoquei, juntando as peças. "Ou devo dizer o amigo de cama dele?"
"Nem nos seus sonhos mais loucos", retrucou Katie, gesticulando para onde Feely estava claramente transando com a amiga. "Ela é companheira de cama dele. *Claramente* ."
"Desculpe", murmurei, balançando a cabeça. "Isso foi realmente rude, para não mencionar muito idiota, de se dizer a uma garota."
"Está tudo bem", ela riu, cutucando meu ombro com o dela. "Eu te perdoo."
"Você está aquecida o suficiente?", perguntei, notando seu tremor.
"Você é uma pessoa muito legal", ela refletiu, olhando para mim com aqueles grandes olhos verdes. "Você sabia disso?"
"Como você descobriu isso?"
"Só um pressentimento", ela respondeu, ainda sorrindo para mim. "Estou muito feliz por ter conversado com você esta noite."
"É", respondi, com as sobrancelhas franzidas. "Eu também."
"O que está acontecendo aqui?", Feely chegou do nada e perguntou, enquanto tentava consertar a fivela do cinto. "E então?"
"Como é?", Katie respondeu com uma voz doce e enjoativa, enquanto piscava para mim. "Hugh e eu estávamos nos conhecendo."
"Você está bem, pai?", perguntei, sentindo uma onda de preocupação crescer dentro de mim ao ver sua expressão de agonia. Levantei-me e o examinei rapidamente. "Você não parece muito bem, rapaz."
Antes que Feely pudesse dizer uma palavra, Casey cambaleou em nossa direção.
"Ei, você!", cambaleando em minha direção, ela agarrou minha camisa e me puxou bruscamente para perto de si. "Cadê seu celular?"
Franzindo a testa, coloquei a mão no bolso e o levantei.
"Obrigada", ela disse alegremente e então começou a apertar os olhos e digitar no teclado, enquanto cambaleava e balançava.
Alguns momentos se passaram e um barulho alto soou próximo.
"Casey", Katie disse, parecendo mortificada. "Você não me mandou uma mensagem do celular do Hugh."
"Claro que sim, minha raposinha de bochechas doces." Ela piscou para a amiga antes de me lançar um olhar semicerrado. "Você." Ela apontou o dedo na minha cara. "Ligue para a minha garota." Suas palavras saíram arrastadas, mas ela

ainda transbordava confiança. "Ao contrário disso" — gesticulou para si mesma — "minha Katie é uma boa garota, ouviu? Então não fique se achando todas nós, garotas do sul." Ela se virou para Feely e piscou provocativamente. "Exceto você, seu patricinha." Sorrindo, ela estendeu a mão e deu um tapinha na bochecha dele. "Você certamente sabe como usar o que Deus *generosamente* lhe deu, não é?"
"Ai, meu Deus", gemeu Katie, quase vomitando. "Acho que vou vomitar."
"Você está bem?", perguntou Feely, estendendo a mão para acalmá-la, mas ela rapidamente a afastou.
"Por favor, não me toque com essas mãos", Katie fez uma careta, se afastando bruscamente, e eu honestamente não podia culpá-la, não quando nós dois sabíamos onde aqueles dedos estavam.
Então, uma buzina soou, seguida por um rapaz gritando: "Vamos, Tetas do Diabo. Sua carruagem te espera."
"Sou eu", disse Katie, e então rapidamente voltou atrás. "Quer dizer, não sou eu. Eu não sou a Devil-Tits." Seu rosto ficou quase tão vermelho quanto seu cabelo. "A Casey é a Devil-Tits. Sou só uma garota pedindo carona para casa naquele carro."
“É, eu sabia o que você queria dizer”, eu ri.
"Bem, obrigada por tudo." Ela estendeu a mão. "Foi um prazer."
"Sim." Aceitei seu aperto de mão e sorri. "O prazer foi meu."

"Apague-o."
"Apagar o quê?"
“O número dela.”
"De quem você está falando?", perguntei arrastando as palavras, encostando-me na lateral da van de chips móveis.
“Kátia.”
"Quem?"
“Aquela garota ali atrás.”
"Qual deles?"
“A ruiva.”
Apertei os olhos, tentando lembrar do rosto dela, mas não consegui e, em vez disso, consegui ver cabelos loiros e olhos azuis. "Porra, eu a amo tanto."
"Você nem a conhece", ele retrucou, cambaleando tanto quanto eu.
"O quê?", fiquei boquiaberta. "Você é louco? Eu a conheço a vida inteira."
Ele me encarou de volta, boquiaberto, com as sobrancelhas franzidas. "De quem *você está* falando?"
"Liz!", gemi, passando as mãos pelos cabelos. "Quem mais poderia ser?"
"Ah." Ele assentiu, entendendo. "Certo, ótimo. Agora, apague o número dela."
"Não adianta, rapaz", resmunguei. "Eu decorei o número do celular dela desde a quinta classe." Solucei antes de acrescentar: "E o número do telefone fixo dela desde a primeira classe."
"Não-"
“Hughie conseguiu a mudança, Hughie conseguiu a mudança”, cantou Gibsie

enquanto cambaleava e se chocava contra a torre inclinada de Kav. “Bom Seja você mesmo, Hugo Boss! Eu sabia que você conseguiria. Daqui para frente é só crescer, rapaz.
Feely estreitou os olhos. "Quem?"
"Quem o quê?"
“Com quem você marcou?”
"Uma ruiva incrível", completou Kav, juntando-se a nós no bar. "Ela é sua boneca antiga, Hughie? Aquela por quem você sempre mata aula? Nossa, rapaz, não é à toa que você a escondeu do time."
Abri a boca para dizer ao Kav que ele tinha pegado a garota errada e que saberia disso se prestasse um pouco de atenção aos amigos, mas fui distraído pelo punho que acertou o lado do meu nariz.
"Ai!", rugi enquanto minha cabeça se virava para o lado e batia na lateral de metal da van trituradora. "Que diabos foi isso?"
"Você!", rugiu Feely. "Vai te foder, Hughie!"
"E eu?", perguntei, completamente confusa. "O que, em nome de Jesus, eu fiz de errado com você?"
"É sempre te foder", ele balbuciou, balançando a cabeça. "Você sempre vem em primeiro lugar, porra."
"Rapaz, não fui eu quem gozou hoje à noite, então não sei por que você está ficando grudado em mim", retruquei. "Eu sou a virgem dessa relação. Você é a vagabunda!"
"Jesus Cristo! Eu *sou* uma puta", gemeu Feely, passando as mãos pelos cabelos como se eu tivesse lhe dado uma informação novinha em folha. "Por que você não me impediu?"
"Por que eu *faria isso* ?", perguntei de volta, confusa e bêbada demais para aquela conversa. "Você nunca me pediu para te impedir."
"Você é meu melhor amigo, seu babaca", ele retrucou. "Eu não deveria ter que te contar."
"Que melhor amigo", retruquei, esfregando o nariz. "Bateria doméstica, Feely."
"Ah, relaxa, bonitão", ele zombou. "Você ainda é o cara que faz todas as garotas babacas caírem em você."
"Vamos, vamos, não briguem", Gibs repreendeu, deslizando entre nós para pegar um pedido no balcão que ele não fez nem pagou. "Somos amantes, não brigões."
"Ei! Esse hambúrguer é meu", resmungou Feely. "E eu não sou nada dele."
"Ótimo", bufei, dando um tapinha nas costas do Gibs. "Vai nessa, Gibs."
“Na verdade, *eu* sempre venho em primeiro lugar”, Kav interrompeu, levantando um dedo.
"Do que diabos você está falando?", perguntou Feely.
"Você disse que o Hughie sempre vem em primeiro quando ele não vem", explicou Kav. "O Hughie vem em segundo, e *você* em terceiro." Dando de ombros, ele balbuciou: "Desculpe, rapaz, mas o relógio não mente."
Feely o encarou boquiaberto. "De novo, do que *diabos* você está falando?"
"Corridas", respondeu Kav, parecendo confuso. "Por quê? Do que você está falando?"
"Sim", concordei, olhando para o lunático dando tapas como se fosse o Vinnie Jones. "Do que você está *falando* ?"

"Confio em você para falar de esporte", retrucou Feely. "Meu Deus, Johnny, você não pode desligar o cérebro por uma noite?"
"Não fale assim comigo, seu babaca", Kav retrucou.
"Espera aí", interrompeu Gibs, erguendo a mão coberta de hambúrguer, indignado. "Por que diabos a sua matemática me faz ficar *em último* , Jonathan?"
"Porque você *sempre* vem por último, Gerard. Agora seja um bom rapaz e coma seu hambúrguer roubado."
"Foda-se vocês todos", resmunguei, pegando o pedido de outra pessoa do balcão e indo embora, tendo tido loucuras mais do que suficientes para uma noite. "Vou dormir."
“De quem é a cama?”
"Minha cama, seus idiotas!" gritei por cima do ombro.
"Diga à sua irmã que chego em casa mais tarde", gritou Gibs. "Para o meu beijo de Ano Novo."
“Mantenha seus lábios longe da minha irmã!”

ONDE DIABOS VOCÊ ESTAVA, PAPAI?

Lizzie

31 DE DEZEMBRO DE 2003

" TEM CERTEZA DE QUE GOSTA ASSIM ?", P IERCE GRUNGIU, ME PRENSANDO NO COLCHÃO. "Não estou te machucando, estou?"
Eu teria que sentir alguma coisa para ficar magoado, e nada que esse garoto fez provocou uma única reação do meu corpo.
Achei que sim, mas confundi "novo" com "bom".
Ele não conseguiu me fazer sentir bem.
Ele não conseguiu me fazer melhorar.
Eu não conseguia *senti* -lo.
"Fica quieto e me fode", respondi, sentindo-me entorpecido.
Quando ele acelerou o passo, senti que morria um pouco mais por dentro.
Porque eu fiz isso comigo mesmo.
Eu tinha perdido tudo.
De repente, a luz enorme do meu quarto se acendeu, e a voz do meu pai ecoou pelo ar: "Vista-se, seu desgraçado, e saia da minha casa antes que eu te mate!"
"Puta merda", gritou Pierce, afastando-se de mim e agarrando suas roupas. "Sinto muito, senhor."
"Quem diabos é você?"
“Pierce, senhor.”
"Perfurar quem?"
“Pierce O'Neill.”
"Saia da minha casa antes que eu te estrangule!"
"Catherine!", meu pai continuou berrando, enquanto expulsava Pierce do meu quarto. "Venha aqui e dê um jeito nela antes que eu a estrangule."
" *Catherine* ", zombei, revirando os olhos enquanto saía da cama e vestia algumas roupas. "Se recomponha, tá? Não é tão profundo assim."
"Você acha que isso é normal?", gritou o pai. "Trazer meninos de volta para casa na sua idade?"
"Estou cagando", ri. "Além disso, ele gosta de mim."
"Ah, é, e ele realmente tem uma grande consideração por você, não é?", zombou papai, parecendo furioso. "Deixando a porra dele dentro de você."
“Na verdade, ele deixa a gozada na camisinha que sempre usa, mas valeu pela falta de fé, babaca.”
"Idiota?" O rosto do meu pai ficou roxo. "Com quem você pensa que está falando?" Ele olhou por cima do ombro e começou a gritar para minha mãe se apressar. "Catherine, é melhor você entrar aqui agora antes que eu enfie um tapa na cara daquela garota!"
"Vai lá, papai", ri, cutucando seu peito com o dedo. "Dá um tapa na sua filha pródiga."
“Elizabeth, estou te avisando…”

"Talvez se você tivesse colocado um pouco de juízo na cabeça de Caoimhe quando teve a chance, você poderia tê-la impedido de arruinar a minha vida!"
O braço do meu pai se ergueu para trás, e senti toda a força da palma da sua mão quando ela atingiu minha bochecha.
Em vez de chorar de dor, ri na cara dele. "Bata mais forte, *papai* ."
"Pare com isso, está me ouvindo?" Agarrando meus ombros, papai me sacudiu com força, enquanto lágrimas escorriam pelo seu rosto. "Pare de fazer isso com a gente!"
Eu sabia que ele estava chorando.
Eu podia ver as lágrimas.
Eu podia ouvir a agonia em sua voz.
Mas não me importei.
Não senti nada naquele momento.
Nada além de ódio intenso contra toda a minha família por permitir que o monstro entrasse em nossa casa.
"Onde diabos você estava quando eu gritava por você?", tentei gritar, mas acabei rindo loucamente, enquanto as lágrimas escorriam pelo meu rosto. "Você nunca estava lá! Você nunca veio quando eu precisei de você à noite! Lembra, papai *?* De todas as noites em que gritei por você? Bem, agora estou gritando de novo, e desta vez estou gritando foda-se, seu hipócrita de merda!"
"Mike", gritou mamãe ao longe, e eu me virei para vê-la no chão, na porta do meu quarto. "Meu Deus, Mike..."
"Catherine!", gritou o pai, pulando em sua direção. "Catherine, segura firme, querida."
Eu podia vê-la no chão, segurando o braço enquanto meu pai falava ao celular.
Não consegui registrar a visão dos meus pais.
Eu simplesmente não conseguia *sentir* nada.

ANO NOVO, EU NOVO

Hugo

1 DE JANEIRO DE 2004

Quando acordei no dia de Ano Novo, estava com um olho roxo, uma ressaca horrível e um humor surpreendentemente otimista.
Na verdade, eu *gostei* de sair com os rapazes ontem à noite, algo que eu não teria imaginado ser possível dois meses atrás.
Pela primeira vez desde o término, não senti a necessidade imediata de enterrar a cabeça debaixo do travesseiro e dormir a vida toda.
Talvez 2004 não fosse um ano perdido, afinal .
Quando desci depois do banho e enchi uma tigela de cereal para o café da manhã, me senti estranhamente calmo. Como se não tivesse para onde correr ou uma dúzia de mensagens de texto frenéticas me esperando.
Era diferente.
Não foi… *nada* mal.
Aproveitando a paz timidamente, sentei-me à mesa da cozinha, comendo flocos de farelo e olhando pela janela.
Eu estava imerso em meus pensamentos e planejando mentalmente minha agenda de estudos para o mês seguinte quando minha irmã entrou correndo na cozinha.
No momento em que vi seus olhos cheios de lágrimas e sua expressão de pânico, meu corpo se preparou para o problema.
"O que houve?", perguntei. "Claire?"
"É a mãe da Lizzie", ela respondeu, apertando o celular contra o peito. "Ela teve um ataque cardíaco ontem à noite."
Deixei cair a colher. "O quê?"
“Catherine teve um ataque cardíaco, Hugh.”
"Jesus Cristo", gritei, estrangulada, me levantando imediatamente. "Ela está bem?"
"Não tenho certeza." Claire deu de ombros, impotente, e mordeu o lábio. "Ela está na UTI."
"Ah, merda." Agarrando a cabeça, tentei acalmar os pensamentos e manter *a calma* , mas era impossível quando o pânico me arranhava a garganta. "Era a Liz?", gesticulei para o celular dela. "Ela te ligou?"
"Ah, não." Ela balançou a cabeça. "Era a Helen."
“Helena?”
"Uma garota da minha turma", explicou minha irmã. "Ela é uma grande fofoqueira e literalmente ouve *todas* as notícias antes de... ei! Aonde você vai?"
“Para o hospital”, respondi, indo em direção à porta.
"Como? A mamãe está no trabalho."
“Então vou pegar o ônibus.”
"Você acha que deveria?", Claire gritou, me perseguindo pelo corredor. "Sabe,

desde que vocês terminaram e tudo mais?"
"A mãe dela teve um ataque cardíaco, Claire", respondi, sem dar a mínima se era uma boa ideia ou não. "Estou indo."

EU VOU FAZER ISSO

Lizzie

1 DE JANEIRO DE 2004

DEVASTADO , CAÍ NA CADEIRA DE PLÁSTICO DE UM LADO DA CAMA DA MINHA MÃE , enquanto meu pai sentou- se do outro.
Com a cabeça baixa e os cotovelos apoiados na lateral da cama de hospital da mãe, o pai colocou a mão frágil dela em seu rosto.
Minha mãe parecia sem vida, enquanto meu pai parecia verdadeiramente derrotado.
"Sua mãe luta tanto para estar aqui", disse papai, acariciando a mão dela com mais carinho do que eu jamais o vira expressar. Lágrimas escorriam pelo seu rosto enquanto ele falava. "E a cada dia que você não melhora, você a empurra para mais perto da sepultura."
"Desculpa", consegui dizer com a voz rouca, o corpo tremendo violentamente. "Vou melhorar, pai, prometo."
"Promessas precisam ser cumpridas para significar alguma coisa", disse meu pai, mantendo a atenção concentrada no rosto adormecido da minha mãe. Ele não parecia mais bravo. Apenas exausto. "O que aconteceu com o jovem Biggs?"
"Eu o machuquei", admiti, respirando pelo nariz, enquanto forçava meu coração a bater mais forte no peito e rezava por um milagre para reprogramar minha mente perturbada. "E ele terminou comigo."
"Bem, não posso dizer que culpo o rapaz", suspirou papai. "Você certamente partiu meu coração e minha alma — e os da sua mãe também."
Sim, agora entendi.
Eu estava vendo os danos de perto, e isso estava me *matando* .
"Pai." Com os joelhos balançando inquietos, passei as mãos pelos cabelos e soltei um suspiro trêmulo. "Acho que preciso de ajuda."
"Tem toda a razão", respondeu ele, estendendo a mão para afastar o cabelo da mãe do rosto. "Porque o seu comportamento está matando a minha esposa."
Dor.
Culpa.
Vergonha.
A força total das minhas emoções me atingiu com tanta força no peito que perdi momentaneamente a capacidade de respirar.
"Pai", resfoleguei, sentindo-me tonta. "Acho que você deveria me mandar embora."
"Conversaremos sobre isso mais tarde", respondeu meu pai. "Quando sua mãe estiver fora de perigo."
"Não, pai", respondi, engasgada, afogando-me em emoções enquanto cada parte de mim tremia. "Acho mesmo que preciso ir embora agora."
“O que você está dizendo, Elizabeth?”
"Não me sinto bem da cabeça", gritei, cobrindo o rosto com as mãos. "E não

quero mais machucar ninguém."
“Você quer voltar para o hospital?”
Sim .
Não .
Talvez .
"Eu só quero parar de machucar as pessoas", respondi, chorando baixinho nas mãos. "Quero ser *eu mesma* de novo, pai."
"Você quer dizer isso?"
"É", solucei, balançando a cabeça. "Por favor, me ajude, pai."
"Tudo bem, tudo bem." Ouvi o som de metal raspando nos azulejos momentos antes da mão do meu pai pousar no meu ombro. "Está tudo bem. Estou aqui."
"Pai, estou com medo", disse eu, estrangulada, com o peito arfando. "Estou com tanto medo da minha própria mente."
"Eu sei que sim." Ele continuou a me dar um tapinha gentil no ombro. "E eu vou te ajudar."
“Eu só quero ficar bem de novo.”
"Você vai ficar." Sua voz estava carregada de emoção. "Ficar no hospital te ajudou da última vez, e vai te ajudar de novo."
"Eu faço." Fungando, olhei para o homem que me criou. "Eu faço do seu jeito. Custe o que custar, pai."
"Boa menina." Olhos azuis e lacrimejantes me encararam. "Agora, vá dar uma voltinha lá fora, enquanto eu faço uns telefonemas."
Abri a boca para responder, mas fiquei paralisada quando a porta se abriu para dentro.
"Oi." Sem fôlego e ofegante, Hugh entrou no quarto da minha mãe no hospital. "Vim assim que soube."
"Hugh", eu disse, estrangulada, me levantando da cadeira na pressa de chegar até ele. "Hugh!"
"Estou aqui, Liz", disse ele, me envolvendo em seus braços quando o alcancei. "Estou bem aqui."
Apertando os olhos, agarrei-me ao seu corpo com todas as minhas forças.
Ele não me empurrou para longe.
Ele não se enrijeceu nem recuou.
Ele me abraçou completamente naquele momento, permitindo que eu tirasse todo o conforto que precisava do seu toque.
"Hughie", suspirou o pai, com alívio nos olhos. "Obrigado por vir, filho."
"Claro", respondeu ele, segurando-me com firmeza. "Como ela está?"
"Foi uma situação delicada por um tempo", explicou papai, cansado. "Mas ela está fora de perigo. Os médicos disseram que a levamos ao hospital a tempo."
"Que bom", respondeu Hugh naquele tom firme e familiar. Aquele que me fazia sentir que tudo ficaria bem. "Catherine "Ela é uma lutadora", continuou ele, enquanto massageava minhas costas. "Ela vai se recuperar disso, Mike. Mais forte do que nunca."
“Espero que sim, filho.”

"Aqui." Hugh tirou a embalagem de uma das barras de granola que havia pegado na máquina de venda automática no final do corredor e a estendeu para mim. Estávamos sentados na sala de visitas da ala da minha mãe, esperando meu pai voltar de seus telefonemas. "Vamos, Liz", Hugh continuou a persuadi-la. "Dê uma mordida."
Cansado demais para protestar contra minha falta de fome, inclinei-me e dei uma pequena mordida.
"Bom trabalho", elogiou ele, massageando meu joelho. "Parece que você não come há dias."
"Não", admiti, entrecortada, virando-me para olhá-lo. "Ou, pelo menos, não me lembro."
A dor brilhou em seus olhos cor de uísque. "Está tudo bem." Ele estendeu a mão e colocou uma mecha do meu cabelo rebelde atrás da orelha, os dedos demorando-se na minha bochecha. "Você vai se sentir muito melhor logo."
"Sim", eu disse com a voz rouca, incapaz de evitar uma careta.
Meu pai estava ligando para que eu fosse internado na Brickley House, uma clínica particular de psiquiatria e reabilitação na zona norte da cidade.
Eu estava viajando hoje e não sabia quando voltaria.
O medo subindo pela minha garganta era aterrorizante, e a audácia dentro de mim exigia que eu corresse para as colinas.
Mas eu não faria isso.
Porque eu sabia que tinha que assumir a responsabilidade.
Minha mãe estava deitada em uma cama de hospital por minha causa, e meu mundo inteiro foi destruído.
Eu estava uma bagunça.
"Ei... ei." A voz firme de Hugh rompeu a nuvem de pensamentos tumultuados que se agitavam na minha cabeça, e senti suas mãos no meu rosto. "Olha para mim, Liz."
Relutantemente, eu fiz.
"Está tudo bem", disse ele lentamente, com os olhos fixos nos meus. "Tudo vai ficar *bem* ."
"Sinto muito", suspirei, com lágrimas escorrendo pelo rosto. "Eu nunca quis que nada disso acontecesse."
"Eu sei que não", respondeu ele, acariciando minhas bochechas com os polegares. "E podemos conversar sobre tudo quando você chegar em casa." Seus olhos brilharam de lágrimas. "Mas, por enquanto, tudo o que você precisa fazer é melhorar, ok?"
Fungando, assenti e cobri as mãos dele com as minhas. "Nunca vou me perdoar pelo que fiz com você." Um soluço de dor escapou de mim, e cerrei os olhos para conter as lágrimas. "Eu te machuquei tanto, Hugh."
"Estou aqui, viu?" Ele me ofereceu um sorriso dolorido. "E tudo o que eu quero é que você aceite toda a ajuda que esses médicos te oferecerem, ok?" Uma lágrima escorreu de seus cílios grossos até a bochecha, e ele reprimiu as emoções. "É assim que você conserta isso, Liz — te fazendo ser você *de* novo."
"Sua mãe acordou, Elizabeth", interrompeu papai, parado na porta. "Ela quer te ver antes de você ir."

PEQUENAS MENTIRAS BRANCAS

Hugo

1 DE JANEIRO DE 2004

SENTADO NO QUARTO DE HOSPITAL DE SUA MÃE , EU ASSISTI AO reencontro emocionante de Liz e Catherine e à despedida cheia de lágrimas.
Em pouco tempo, ela iria embora.
Ela estava concordando em receber ajuda.
Finalmente .
Com medo de que ela fugisse se eu fosse embora, fiquei ao lado dela, precisando mais da segurança dela do que do meu orgulho. Eu ficaria ali sentado a noite toda se isso significasse que Liz teria a ajuda de que precisava.
Mike tinha as chaves do carro na mão, pronto e esperando para levar sua filha ao hospital, enquanto sua esposa se recusava a soltar a mão dela.
Porra, doeu tanto que eu mal conseguia respirar.
Ir até Liz quando ela precisava de mim não era algo com que eu tivesse que lutar.
Não havia nenhuma decisão a tomar.
Toda a dor e sofrimento poderiam esperar.
Eu poderia colocar a traição e o ressentimento no gelo.
Porque, no final das contas, eu ainda queria estar perto dela, ainda queria segurar sua mão, ainda queria beijar seus lábios.
Cada centímetro de mim ainda ansiava por cada centímetro dela, e eu não conseguia ignorar esses sentimentos.
O que eu sentia por ela não era dispensável e não apareceu da noite para o dia. Meu amor por ela teve nove anos para se aprofundar e crescer, e as raízes eram profundas. Não era algo que pudesse ser arrancado e jogado fora.
Ela estava inserida nos alicerces de quem eu era como pessoa.
Ela estava presente em todas as escolhas fundamentais da minha vida desde os sete anos de idade.
Superá-la não aconteceria da noite para o dia. Se levaria o mesmo tempo para deixar de amar uma pessoa, então eu teria nove anos de sofrimento para enfrentar.
Eu tinha dezesseis anos agora, o que significava que eu teria vinte e cinco antes que ela finalmente saísse do meu sistema.
Porra, não chegou nem perto de ser justo.
Porque eu não *escolhi* isso.
Eu *não* queria que acabássemos.
Eu teria passado o resto da minha vida ao lado dela se ela tivesse demonstrado o mesmo comprometimento comigo.
Por um tempo, não tive certeza se Catherine e Liz iriam me deixar ir, mas eventualmente elas desistiram.
"Hugh", fungou Liz, enquanto o pai a levava embora. "Você não pode contar a

ninguém para onde eu vou."
Levantando-me da cadeira, fui interceptá-los antes que fosse tarde demais.
Não importava o quão patético isso me fazia parecer; eu precisava segurá-la mais uma vez.
"Não vou contar, Liz", eu disse, puxando-a para um abraço. "Eu prometo."
"Por favor", ela disse, estrangulada, me agarrando com força. "Nem mesmo sua mãe."
"Nem a mamãe", confirmei rispidamente, sentindo meu coração se estilhaçar no peito. "Ninguém vai saber de nada disso." Minha voz soou mais calma do que eu me sentia. Porque a verdade era que eu estava perdendo a cabeça por dentro. Mas eu nunca a deixaria perceber isso. Liz não precisava de lágrimas. Ela precisava de força. "Você vai se ausentar por um tempo e descansar um pouco", insisti, afastando-se para sorrir para ela. "E ninguém na cidade vai perceber."
"Sinto muito", ela soluçou, agarrando minha camisa. "Quero morrer pelo que fiz com você."
De alguma forma, consegui sorrir. "Só melhora, tá?"
"Você estará lá quando eu voltar para casa?"
Dor.
Isso me queimou.
"Claro."
Poucos minutos depois, quando eles se foram e eu fiquei sozinho com Catherine, ouvi-a dizer: "Você mentiu para ela, não é?" Seus olhos se encheram de lágrimas. "Você não estará lá quando ela voltar para casa."
Balançando a cabeça, enxuguei as lágrimas com força. "Desculpe."

PARTE 21

Virando uma nova página

CORAÇÕES HIBERNANTES E PONTES DE ÁGUA

Hugo

8 DE JANEIRO DE 2004

" NÃO ENTENDO POR QUE ELA NÃO ME CONTARIA ", RECLAMOU CLAIRE, CONTINUANDO A CONVERSA que começara na mesa do café da manhã até os corredores de Tommen. "Liz simplesmente vai embora e não conta a ninguém?"
"Ela me contou", lembrei-a, repetindo minha desculpa perfeitamente ensaiada. "Ela me mandou mensagem ontem à noite."
"Mas vocês nem são mais um casal", gemeu minha irmã, mordendo o lábio. "Por que ela não me contou que ia para a Espanha? E a faculdade?"
"É só por algumas semanas", repeti pela vigésima vez esta manhã. "Quanto à escola, a Liz poderia fazer o exame de admissão de manhã e ainda assim arrasar com o ano inteiro."
"Acho que sim", respondeu Claire, parecendo incerta sobre toda a situação. "É só que... estranho."
"A mãe dela precisa se recuperar", acrescentei. "E você não pode culpá-la por querer ir com a mãe."
"Não, não, eu entendo perfeitamente", ela se apressou em dizer. "Eu só... queria que ela me respondesse."
Sim, eu também . "Ela voltará em breve."
"Você está bem?", perguntou minha irmã, colocando a mão no meu braço. "Eu sei que você está supertriste desde o término."
"Eu vou..." Fui interrompido quando Feely passou por mim no corredor, usando o violão que ele carregava para me bater no processo.
"Jesus!", exclamou Claire, de olhos arregalados. "Qual é o problema dele?"
"Não faço ideia", respondi, ajeitando a mochila que ele havia tirado do meu ombro. "Ele está assim desde o Ano Novo."
"Por que?"
Virei-me para encará-lo. "Difícil dizer quando ele não fala, porra."
"Bem", disse minha irmã, sorrindo alegremente. "Pelo menos você ainda tem a mim."
"E eu também." Gibsie nos abraçou. "Como estão meus irmãos favoritos?"
Foi naquele exato momento que uma ruiva baixinha, com um violão pendurado no ombro, apareceu. Os olhos verdes se fixaram nos meus quando ela passou por mim no corredor. "Oi, Hugh."
“Oi, Katie”, respondi, sentindo uma pontada repentina no peito que pareceu surgir do nada.
Ela corou e rapidamente voltou sua atenção para a frente.
Enquanto isso, virei a cabeça para vê-la passar.
"Ora, ora, ora, parece que um certo irmão mais velho anda escondendo alguma coisa da gente, Gerard." Atraído de volta para ela com uma gargalhada alegre, Claire bateu palmas como uma foca de excitação. "Hughie está de olho em

alguém novo. *Finalmente!* "
"Claire", estreitei os olhos em advertência. "Antes de começar, pare, ok?"
"Seu irmão estava mais do que apenas olhando para ela na véspera de Ano Novo, Claire-Bear", respondeu Gibs com um sorriso irônico.
Olhei feio para ele.
Gibsie piscou com conhecimento de causa.
"Sério?" Claire arregalou os olhos. "Meu Deus! Eba! Essa é a melhor notícia de todas!" Ela se virou para observar a figura de Katie se afastando. "Acho que a conheço. Ela começou aqui em setembro. Ela é super quieta, mas eu já a vi conversando com o Patrick algumas vezes."
“Sim, ambos estão no clube de música.”
“Ah, o que mais você sabe sobre ela?”
"Nada, absolutamente nada, porque foi só uma mudança", avisei, voltando a atenção para minha irmã. "Eu estava fora de mim por causa da bebida."
"Você sabe o que dizem sobre a verdade vir à tona quando você está bêbado." Claire continuou a bater palmas. "Talvez seu coração esteja pronto para sair da hibernação e a bebida o tenha empurrado."
“ *Clara* .”
“Talvez seja hora de você dar uma chance a outra pessoa.”
“Talvez seja hora de vocês dois cuidarem da própria vida.”
"Hugh, já faz meses." Minha irmã me deu um sorriso encorajador. "Você consegue."
"Meses demais", concordou Gibsie, dando-me dois polegares para cima. "E *muita* água passada."

Custe o que custar

Lizzie

10 DE JANEIRO DE 2004

"VOCÊ TEM QUE FAZER ALGO POR ELA ", IMPLOROU PAI . " ELA ESTÁ SE PROSTITUINDO por aí e essa não é a garota que eu conheço." Um soluço entrecortado escapou dele. "Ela não faria isso."
"Há uma lacuna nos registros médicos dela." O médico olhou para o meu pai. "Três anos."
"Você vai ter que conversar com a minha esposa sobre isso", respondeu o pai, parecendo cansado. "Ela cuida de toda a papelada." Ele pigarreou antes de dizer: "Por favor, me explique o que está acontecendo aqui."
“Sua filha está passando por episódios de mania intensa — um fator comum do transtorno bipolar tipo 1; no entanto, a gravidade e a frequência de seus episódios depressivos são consistentes com o transtorno bipolar tipo 2.”
"Que diferença faz o tipo dela? Você sabe que ela tem, só medique ela, droga."
“Receio que não funcione assim.”
"Por que diabos não?"
"O transtorno bipolar é complicado, Sr. Young", disse o médico. "Crianças e adolescentes com transtorno bipolar de início precoce podem ser extremamente difíceis de tratar."
"Mas você *pode* consertá-la, não pode?"
“Podemos *tratá*- la, mas não é tão simples quanto o senhor pensa, Sr. Young. Lizzie interrompeu a medicação sem supervisão médica”, respondeu o médico. “Ela tem apresentado ciclos rápidos entre estados maníacos e depressivos por vários meses. Ela vai precisar de muita supervisão e cuidados pelos próximos meses."
“Há quanto tempo estamos falando?”
“Em casos tão graves quanto o da sua filha, geralmente leva no mínimo dois meses para que haja progresso, mas pode levar mais tempo.”
"Não aguento mais isso", gritou papai, enxugando os olhos com as mãos. "Minha filha morreu e minha esposa está doente. Não sei o que fazer com esta."
“Posso garantir que sua filha está sob os melhores cuidados possíveis.”
"E quanto ao choque?", perguntou papai então, com os cotovelos apoiados na cama em que eu estava amarrado. "Será que isso funciona para ela?"
“Se você está se referindo à terapia eletroconvulsiva, então não, não recomendamos mais a TEC para pacientes com menos de dezesseis anos.”
“Mas isso *acontece* ?”
“Em circunstâncias extremamente raras.”
"Quão extrema ela precisa ser para que alguém intervenha e faça alguma coisa?", ele perguntou, erguendo as mãos. "Os comprimidos não estão funcionando. Ela está se recusando a fazer terapia. Seus braços e pernas estão dilacerados. Quanto mais precisamos perder antes que alguém nos ajude?"

"Eu faço isso", consegui sussurrar. "Eu faço isso, pai."
Papai se virou para mim. "Você vai?"
Usando cada gota de força que me restava, assenti. "Farei o que for preciso."
O alívio brilhou nos olhos do papai, e ele cobriu minha mão com a dele. "Boa menina."

APENAS AMIGOS

Hugo

25 DE JANEIRO DE 2004

HOJE MARCOU O QUADRAGÉSIMO DIA DE TRATAMENTO DE L IZ .
Foi o maior tempo em que não nos vimos ou falamos em uma década, e todos os dias eu continuava a ansiar por aquilo que minha alma me assegurava ser seu companheiro.
Ao contrário de Pierce, que mudou poucos dias depois da partida de Liz, eu ainda me peguei inventando desculpas para *não* fazer isso.
Eu não estava indiferente às garotas que me convidavam para sair. Eu simplesmente não estava interessado.
Já fazia mais de três meses desde o nosso término, e eu ainda não a tinha superado, enquanto a ideia de estar com outra garota me dava arrepios.
Eu sabia que meu comportamento não era normal para um rapaz da minha idade, e Feely me lembrava disso com frequência, mas eu simplesmente *não conseguia* .
Talvez eu tenha sido programado de forma diferente dos rapazes do meu time, ou talvez eu fosse um puritano como Liz me rotulou durante um de seus ataques quando eu não queria fazer sexo.
Não, você definitivamente não é um puritano, rapaz .
Não era como se eu não quisesse sexo — claro que *queria* . Eu só não queria com mais ninguém além da garota com quem eu não podia transar...
“Olá de novo.”
Eu estava tão imerso em meus pensamentos que quase ignorei a garota de voz suave que parecia estar se dirigindo a mim.
Balançando a cabeça para clarear meus pensamentos, voltei minha atenção do armário para o qual eu estava olhando sem rumo para a ruiva familiar sorrindo para mim.
"Hã, oi." Virei-me para lhe dar atenção. "Katie, certo?"
"Isso mesmo." Ela sorriu. "Como vão as coisas?"
"Ah, ótimo." Dei de ombros, sabendo que deveria dar mais a ela, mas não tinha coragem. "Como estão as coisas?"
"Vai sim", ela riu, ainda sorrindo para mim. "Então, escuta, eu queria me desculpar mais uma vez por ter te mutilado na véspera de Ano Novo, e ao mesmo tempo te agradecer por ter sido tão gentil." Suas bochechas coraram enquanto ela falava. "Eu estava muito mal naquela noite, e eu estava... Ah, nem importa." Ela balançou a cabeça e me deu outro sorriso radiante. "Só obrigada." Ela fez uma careta antes de acrescentar: "E desculpe."
"Você não precisa se desculpar", respondi, achando seu discurso cativante. "E precisa me agradecer ainda menos."
"Realmente?"
“É, quem não quer ser beijado por uma garota bonita no Ano Novo?”

Ela prendeu a respiração. "Você me acha uma garota bonita?"
Sentindo-me um pouco encurralada, assenti lentamente. "Você sabe que é linda."
Suas bochechas ficaram da cor dos seus cachos. "Uau."
Sentindo-me desconfortável, limpei a garganta e voltei minha atenção para fechar e trancar a porta do meu armário.
"Ei, você estaria?", Katie começou a dizer, mas tropeçou nas palavras. "Quer dizer, você quer talvez ir para, uh, ou, ah, ir para... ou só... uh, deixa pra lá."
Observei de canto de olho enquanto ela se batia com a palma da mão no rosto, murmurando para si mesma: "Pare de falar, Katie", enquanto se afastava. "Você só está tornando tudo um milhão de vezes mais constrangedor."
Contendo uma risada, coloquei minha bolsa no ombro e a segui. "Sabe, você deveria mesmo se dar um tempo."
"Eu deveria?"
"Com certeza", confirmei, acompanhando o passo dela. "Isso exigiu coragem."
"Assertividade", explicou ela, apertando as alças da bolsa com mais força. "Está no topo da minha lista de resoluções de Ano Novo."
"Bem, pode marcar isso", pensei, segurando a porta do prédio principal aberta para ela. "O que mais tem nessa sua lista?"
"Ah, sabe", ela suspirou, esperando que eu a seguisse. "O de sempre."
"Me faça a vontade."
"Deixar o passado para trás, parar de me preocupar com coisas que não posso controlar, superar o babaca que partiu meu coração, ir à missa todo domingo, beijar um garoto, fazer mais amigos e correr mais riscos." Ela sorriu para mim. "Só a típica lista de desejos de uma adolescente."
"Hum."
"O que significa *hmm* ?"
"Nada", respondi, balançando a cabeça. "Só temos algumas coisas em comum."
"A parte do coração partido?" Ela fez uma careta de compaixão. "É, eu ouvi falar disso. Desculpe."
“É o que é”, respondi, recusando-me a perder a face.
"Você quer?", ela perguntou, parando no meio do caminho. "Quer sair comigo depois da aula?"
Parei de andar e me virei para encará-la. "Tipo um encontro?"
"Ou apenas como amigas", ela respondeu, dando de ombros. "Se preferir."
"Eu, ah..." Minhas palavras se perderam e eu lutei contra uma onda repentina de pânico. "Eu não, ah..." Outra pausa enquanto eu tentava reprimir a culpa em que me afogava.
Pare com isso, seu idiota .
Você não tem nada do que se sentir culpado .
"Não estou pronta para outro relacionamento", admiti, apertando a ponta do nariz. "Eu, ah, eu ainda estou..."
"Lambendo suas feridas?", disse Katie gentilmente. "Tudo bem. Eu também."
"Mas a gente podia sair", ofereci, me forçando a dar o passo. "Como *amigos* ?"
Seus olhos verdes brilharam. "Eu adoraria."
"Eu gosto de cinema", eu disse abruptamente, parecendo um idiota.
"Eu também."
"Estou livre na sexta", acrescentei, soando como um rapaz que nunca tinha

ficado sozinho com uma garota, muito menos falado com uma. Suponho que, tirando Liz, eu nunca tinha.
“Sexta-feira é bom para mim.”
Olhei para ela com cautela. "Como amigas."
Sorrindo, ela assentiu. "Amigos."
"Então tá." Soltei um suspiro, sentindo-me cautelosa e relutantemente esperançosa. "Eu, ah, te mando uma mensagem mais tarde."
"E eu te mando uma mensagem." Enfiando a mão no bolso da saia, ela tirou um celular e acenou na minha frente, com as bochechas corando. "Eu tenho crédito."

FECHE OS OLHOS, QUERIDA

Lizzie

29 DE JANEIRO DE 2004

Permanecendo imóvel no carrinho , olhei para a enfermeira e observei enquanto ela colava as almofadas na minha testa e couro cabeludo.
"Feche os olhos, querida", disse ela em tom de aprovação, acariciando minha bochecha. "Você vai dormir logo." Ela verificou a linha na minha mão e sorriu. "Como da última vez."
E o tempo antes disso.
E o tempo antes disso.
Quando o anestesista chegava, ele me colocava para dormir com a máscara.
Quando eu saía, correntes elétricas eram enviadas ao meu cérebro através das almofadas, e eu tinha uma convulsão.
Fechei os olhos quando o líquido quente correu pelas minhas veias e a máscara foi colocada no meu rosto. Concentrei-me na imagem mental de Hugh, enquanto *rezava* para que minha mente nunca esquecesse uma única lembrança dele.

É BOM TER UM AMIGO

Hugo

13 DE FEVEREIRO DE 2004

Quando conheci Katie fora do cinema na sexta-feira à noite, eu estava estranhamente calmo, o que era estranho porque toda vez que eu encontrava Liz no mesmo lugar, cada nervo do meu corpo estava à flor da pele.
Talvez tenha sido bom eu não ficar nervoso. Talvez eu não tivesse que aguentar palpitações cardíacas perto de todas as garotas com quem eu saía.
"Não, não é um encontro", argumentou Katie no balcão, quando chegou a hora de pagar os ingressos. "Eu pago os meus."
"É, isso não vai acontecer", respondi, entregando uma nota de vinte à caixa antes que ela pudesse. "Está ótimo."
"Você não precisava fazer isso."
"Eu sei." Franzi a testa para as mãos cheias de pipoca. "Tem certeza de que não quer nada?"
"Isso é bom", disse ela, acenando com uma garrafa d'água na minha frente. "Estou pronta."
Dando de ombros, a segui até a tela dois e afundei ao seu lado.
"Este filme é para ser surreal", ela sussurrou, gesticulando para a tela à nossa frente, que começava a se iluminar. "A Casey viu *Entrando Numa Fria* semana passada e ainda está rindo disso."

Precisei relaxar durante a maior parte do filme.
Meus músculos estavam tensos com a antecipação do medo.
Como se eu estivesse esperando algo acontecer.
Para apagar um incêndio.
sempre havia um incêndio com Liz.
Mas não essa garota.
Katie não falou durante o filme e manteve as mãos para si mesma.
Ela estava perfeitamente satisfeita em apenas sentar comigo, e isso me surpreendeu.
Sinceramente, parecia que ela estava sendo sincera quando me disse que queria companhia, e eu quase quis acreditar nela.
Mas eu tinha sérios problemas de confiança quando se tratava de corações que pertenciam ao sexo oposto.

"Foi divertido", declarou Katie mais tarde naquela noite, quando a acompanhei até a porta. "Eu me diverti muito."
"Que bom", respondi, mantendo as mãos firmemente enfiadas nos bolsos do casaco. "Eu também me diverti."

"Realmente?"
"É", franzi a testa. "Sim, eu fiz."
“Você acha que é um mau presságio que nossa primeira excursão tenha acontecido na sexta-feira, dia 13?”
"Jesus", ri, balançando a cabeça. "Espero que não."
"É, eu também", ela respondeu, corada. "Devíamos fazer de novo."
“Deveríamos”, concordei cuidadosamente.
“Como será a próxima sexta-feira para você?”
"Estou livre às sextas", respondi lentamente, ainda cauteloso. "Mas trabalho o resto do fim de semana."
"Legal." Ela sorriu. "Então é sexta-feira."
"É." Concordei. "Te vejo lá."
“Não se eu te vir primeiro.”
Arqueei uma sobrancelha.
Ela gemeu com a mão enluvada. "Preciso mesmo trabalhar nisso."
"Não." Ri, atravessando a trilha para voltar para o lado norte. "Você está indo bem."

ESTE SOU EU TENTANDO

Lizzie

12 DE MARÇO DE 2004

SE O ESTÁGIO MANÍACO ERA EUFORIA E O ESTÁGIO DEPRESSIVO ERA INFERNO, ENTÃO O ESTÁGIO eutímico ficava em algum lugar no meio.
Para uma pessoa como eu, o terceiro estágio era o objetivo.
Para uma pessoa como eu, a terceira etapa foi a mais difícil.
Enquanto o segundo estágio foi paralisante e o terceiro foi mundano, o primeiro foi devastador.
A parte sorrateira de ser maníaco era o fascínio. No meio de um episódio, eu me sentia invencível, como se meu cérebro tivesse sido transferido para uma nova frequência emocionante e, de repente, eu estivesse vendo o mundo através de uma nova lente.
Uma lente emocionante.
Uma lente viciante.
Uma lente que me poupou de sentir empatia, culpa e todas as outras emoções esmagadoras que me consumiam durante o estado depressivo.
Foi um estado mental alterado que distorceu minha visão de mundo e cortou o fio dentro do meu cérebro que ligava minha consciência às consequências das minhas ações.
Quanto mais clara minha mente ficava, pior minha culpa se agravava. Porque com a clareza vinham as consequências, e eu estava me afogando nas minhas. Meses de humor instável fizeram com que meu mundo implodisse ao meu redor, e o remédio que corria em minhas veias me forneceu um itinerário gritante de provas.
Eu não conseguia fugir disso.
Não consegui me esconder.
Tudo o que eu podia fazer era sentar na cama e lidar com a culpa, a vergonha e a autoaversão.
Eu não estava pronta para ir para casa ainda, nem de perto, mas a vontade de correr de volta, cair de joelhos na frente de Hugh e implorar por seu perdão era forte.
Ele estava sofrendo as consequências de amar uma pessoa como eu.
Eu sabia que o destruiria quando éramos crianças. Foi por isso que tentei tanto afastá-lo quando estava em mania. O problema era que eu nunca pensava nisso até que fosse tarde demais. Eu tinha a falsa presunção de que conseguiria, de alguma forma, viver sem o garoto que soprava ar nos meus pulmões quando nada jamais fora tão impossível.
Ele era corajoso e honrado, e eu havia tirado isso dele. Eu havia tirado sua auréola brilhante e o manchado irreparavelmente.
Eu me lembrava do garoto que ele era antes de tudo escurecer, mas tive muita dificuldade em lembrar da garota que eu era.

Ela estava tão vagamente gravada na minha memória que duvidei que ela tivesse existido.
Os médicos me explicaram os episódios e me garantiram que eu não era viciada em sexo, mas que tinha crises de hipersexualidade severa quando estava no meio da mania.
Quando a depressão chegou, eu não queria que me tocassem. Eu não queria ter nada a ver com aquilo. Eu não queria que ninguém me tocasse.
Os médicos me disseram que estava tudo bem.
Que esses sentimentos viriam em ondas.
Eles nem sempre estariam presentes.
No hospital, fiz exames para uma ampla gama de doenças sexualmente transmissíveis e, felizmente, todos os resultados foram positivos.
Depois disso, me ofereceram um implante anticoncepcional no braço para evitar uma gravidez por três anos.
Eu peguei.
Porque eu estava uma bagunça.
O equivalente a uma bola de demolição humana.
Todos e tudo com que entrei em contato acabaram arruinados, e eu não precisava trazer nenhum bebê ao mundo e arruiná-los também.

COMPANHEIROS CONFORTÁVEIS

Hugo

5 DE ABRIL DE 2004

HOJE MARCOU O NONAGÉSIMO NONO DIA DE TRATAMENTO DE LIZ, E A VIDA, NA MAIOR PARTE , TINHA CORRIDO SEMPRE. A escola era fácil e o trabalho, agradável. Nosso time de rúgbi da escola estava indo de vento em popa, enquanto eu batia meu recorde pessoal na piscina.

Gibsie e Claire estavam felizes como ostras, imaginando administrar seu próprio santuário animal, enquanto Johnny continuava a ganhar massa muscular na academia. O único que parecia um pouco desequilibrado era Feely, mas seus problemas não tinham nada a ver com Liz.

Enquanto isso, *todos os* meus problemas estavam...

Eu ainda sentia sua ausência em todos os lugares, e nada que eu tentasse conseguia preencher o vazio sob minhas costelas.

Liz não tinha telefone lá, o que era uma bênção e uma maldição, porque, embora eu quisesse desesperadamente falar com ela, sabia que não seria bom para nenhum de nós.

Mike costumava me ligar toda semana para me contar sobre o progresso dela, mas mamãe educadamente interrompeu as ligações no mês passado, dizendo que não era *saudável* .

Sim , a mamãe sabia que a Liz estava no hospital, mas não foi porque eu contei a ela. A mamãe ouviu uma das minhas ligações com o pai da Liz e juntou as peças. Ela me apoiou como sempre e jurou manter segredo se eu continuasse a viver minha vida e *não* me isolasse do mundo.

Eu *estava* tentando.

Eu ficava com o Gibs e a Claire à noite, e com o resto dos rapazes nos fins de semana, quando não estava trabalhando. Ah, e passei muito tempo com a Katie, que acabou sendo uma ótima companhia.

Embora não parecesse que tivéssemos muito em comum no que diz respeito às disciplinas escolares e aos hobbies que escolhíamos — eu era um gênio da ciência e ela era um prodígio musical —, parecíamos gostar da companhia um do outro o suficiente para encontrar um meio-termo.

Foi surpreendentemente fácil conversar com ela, e quando ela se abriu comigo sobre seu relacionamento instável com seu pai músico, acabei revelando detalhes sobre o relacionamento instável que eu tinha com meu pai.

Esta noite marcou a oitava sexta-feira que passei na companhia dela e, em vez de ir ao cinema como costumávamos fazer, Katie sugeriu que comêssemos alguma coisa.

No entanto, vinte minutos depois do primeiro prato, tive a nítida sensação de que aquela não era a habitual reunião de sexta-feira à noite. Katie estava superbem-vestida, com um lindo vestido preto, maquiagem completa e seus lindos cachos ruivos acobreados presos num penteado chique.

Isso era um encontro?
Eu estava num encontro?
Puta merda, ela me mandou uma mensagem mais cedo dizendo *para eu usar algo elegante* .
Eu estava em um *encontro* .
"Então, o que aconteceu?", Katie continuou a investigar o capítulo da minha vida chamado *Lizzie Young* , sentada à minha frente em uma mesa no Spizzico, o restaurante italiano chique da cidade. "Eu sei que vocês tiveram um término ruim, mas nunca me contaram os detalhes suculentos."
"Porque não tem nenhum", respondi, tomando um gole d'água. "A gente só terminou."
"Besteira." Katie deu um sorriso irônico e tomou um gole de água. "Então, vamos lá, desembucha."
“Não quero falar sobre isso.”
“Você sabe o que dizem sobre um problema compartilhado.”
Suspirei. "Acabou, tá?"
Ela olhou para mim. "Você ainda está apaixonado por ela, não é?"
Meus ombros enrijeceram. "Acabou."
"Não foi isso que eu perguntei." Sua voz era suave. "Tudo bem, Hugh. Você não supera um término da noite para o dia."
Sentindo-me culpado, soltei um suspiro pesado e disse: "Faça suas perguntas".
"Realmente?"
Assenti. "Vou te dar o máximo que puder."
“Ela foi sua primeira namorada?”
"Sim."
“Ela era sua única namorada?”
"Sim."
“Vocês ficaram juntos por muito tempo?”
"Sim."
“Você dormiu com ela?”
"Não."
“Mas você fez outras coisas com ela?”
"Sim."
"E ela é a única garota com quem você já ficou?"
"Sim."
“Você estava apaixonado por ela?”
"Sim."
“Ela terminou com você?”
"Não."
"Você terminou com ela?"
"Sim."
“Você planeja voltar com ela?”
"Não."
Katie me observou atentamente, procurando a mentira, e quando não a encontrou, sorriu. Era um sorriso bonito. Ela tinha dentes bonitos. E sardas. Suas sardas eram adoráveis.
"Mas ela é melhor amiga da sua irmã?"

"Ela é."
“Então ela passa muito tempo na sua casa?”
"Ela faz."
“Então, por padrão, você passa muito tempo na companhia dela?”
"Eu faço."
"E isso não te tenta a resolver as coisas com ela?"
"Não."
"Uau." Ela se inclinou para a frente, absorta na conversa. "Ela te quebrou feio e duro, não foi?"
"Sim."
"Foi mais uma observação indelicada do que uma pergunta." Katie estendeu o braço sobre a mesa e colocou sua mãozinha sobre a minha. "Você não precisava responder isso."
"Está tudo bem", respondi, com a atenção voltada para seu pulso minúsculo. Em vez de cicatrizes irregulares cobrindo sua pele, sua pele de porcelana estava coberta de sardas.
Foi um alívio.
Era diferente.
"E você?", perguntei, virando a mesa. "Você ainda não me contou como acabou se transferindo para Tommen."
"Eu te contei", ela riu. "Ganhei uma bolsa de estudos."
"Não, quero dizer, por que a transferência foi tão tardia?" Não era incomum. Tommen era conhecida por aceitar transferências tardias. Elas vinham em todos os anos, mas os alunos transferidos do terceiro e sexto ano eram os mais comuns, porque eram os anos de provas, e o desempenho acadêmico em Tommen era expressivo. A escola tinha uma taxa de graduação de 98%, combinada com uma média de 400 pontos no certificado de conclusão do ensino médio. Não havia dúvidas sobre a qualidade da educação oferecida, então não era Era surpreendente ver pais transferindo seus filhos durante os anos de provas, e os programas esportivos oferecidos eram diferentes de todos os outros na província.
"Se você é inteligente o suficiente para conseguir uma bolsa de estudos, e claramente é, por que não lhe ofereceram uma no primeiro ano?"
“Originalmente, eu *estava* matriculado em Tommen no primeiro ano.”
"Você estava?" Levantei as sobrancelhas. "O que aconteceu?"
"Meu pai aconteceu", ela respondeu, revirando os olhos. "Ele deveria ter enviado o dinheiro da mensalidade para os meus avós, mas isso nunca aconteceu." Ela tomou outro gole de água antes de acrescentar: "Enquanto isso, eu nunca imaginei ter que concorrer a uma bolsa de estudos para entrar — daí os dois anos na St. Bernadette's."
“Uau”, pensei, intrigado com sua história.
"Como minhas habilidades se baseiam na música e *não* na academia, tive que me esforçar muito para elevar minhas notas e meu portfólio a um nível que me permitisse ser considerada para uma bolsa de estudos", explicou ela, ainda sorrindo. "Demorou um pouco."
"Mas você conseguiu", respondi, sentindo-me extremamente impressionado. "Isso é muito foda, Katie."
"Sou eu mesmo", ela riu, corando.

Tudo o que pude fazer foi sorrir em resposta.

"Você quer continuar fazendo isso?", perguntou Katie quando a acompanhei até a porta depois do jantar. "Com exclusividade?"
Reprimindo o instinto natural de recusar, forcei-me a parar e refletir sobre isso com a cabeça fria, *sem* seguir meu coração. Não se podia confiar nele para tomar decisões sensatas. Não se podia confiar nele para me manter longe de problemas.
"Não sei." Imitava suas ações, enfiei as mãos nos bolsos e observei seu rosto. "O que você quer fazer?"
“Gosto de passar tempo com você”, ela respondeu suavemente.
“Eu também gosto de passar tempo com você”, eu disse a ela honestamente.
"Mas?"
“Eu não disse mas.”
"É", ela riu baixinho. "Mas você tem uma, não tem?"
"Não sei bem que tipo de relacionamento posso te oferecer", admiti honestamente. "Não estou exatamente de volta à ativa."
“Sim, mas você está chegando lá.”
Eu estava?
Talvez eu estivesse.
Eu certamente gostava da companhia dela. Mas a ideia de ir mais longe não estava nem perto de passar pela minha cabeça.
"Não fique tão estressada. Eu não vou rasgar suas roupas", provocou Katie, rindo. "Também não estou nem perto de estar pronta para *isso* ."
Aliviada, soltei uma risadinha. "Bom saber."
"Mas seria bom segurar sua mão um dia desses", acrescentou ela, cutucando meu ombro. "Ou quem sabe? Talvez a gente possa até se beijar de novo antes da contagem regressiva para o próximo Ano-Novo."
Minhas sobrancelhas se ergueram. "Quer que eu te beije?"
Ela corou. "Achei que tinha deixado bem claro." Quando a encarei sem entender, Katie riu. "Sabe, para um garoto que passou a maior parte da vida em um relacionamento, você é tão sem noção quanto eu."
"Eu deveria ficar ofendido?" Eu ri.
"Não, é um elogio." Corando, ela deu um passo em minha direção. "E uma indireta."
Faça isso , ordenou meu cérebro. *Ela é adorável* .
Não ouse , meu coração protestou. *Você sabe como isso vai acabar* .
Decidindo ir com o órgão que não me levou a uma década de *dor* , fechei o espaço entre nós e segurei seu lindo rosto em minhas mãos.
Cheio de uma mistura confusa de incerteza, culpa e *excitação* , joguei a cautela ao vento, inclinei-me para perto e pressionei meus lábios nos dela.

REFRESCANTE O SLAMMER

Lizzie

19 DE ABRIL DE 2004

TRÊS MESES, DUAS SEMANAS E UM DIA .
Foi esse o tempo que os médicos levaram para me reconstruir.
Estabilizar meu humor, depois de passar tantos meses em crise, exigiu um esforço hercúleo, mas *consegui* .
Eu obedeci.
Desta vez não lutei com os médicos.
Em vez disso, trabalhei com eles para rastejar e voltar à vida.
As primeiras semanas da minha internação permaneceram um borrão distorcido, e fiquei aliviada, porque lembrar de tudo doía. Muitos dos períodos de apagão que experimentei durante a mania ainda eram um mistério, e eu só podia rezar para que continuassem assim.
Durante minha internação, fiz dez sessões de terapia eletroconvulsiva para alterar a química do meu cérebro, na esperança de estabilizar minha mente e melhorar minha qualidade de vida. Eu só podia torcer para que funcionasse, porque a experiência de ser eletrocutado repetida e intencionalmente não era algo com que eu *jamais* concordaria novamente.
A terapia diária, juntamente com uma combinação cuidadosamente selecionada de estabilizadores de humor e antipsicóticos, me levou ao ponto do meu tão esperado retorno à sociedade.
Finalmente .
Quando voltei para Old Hall House na sexta-feira passada à noite, me senti um estranho.
Como se esta não fosse a casa para onde eu deveria voltar.
Como se meus pais não fossem meus pais, a bicicleta jogada no gramado da frente não fosse minha bicicleta, e o quarto em que passei a maior parte da minha infância não fosse meu quarto.
Foi estranho, mas eu consegui lidar com isso.
Trabalhei meus *sentimentos* em vez de fugir deles.
Mamãe ficou emocionada por finalmente me ter em casa, enquanto papai ficou cauteloso.
Eu não o culpei.
Eu me senti exatamente da mesma maneira.
Quando voltei para Tommen, era o primeiro dia depois do feriado da Páscoa e, como minha mãe queria que eu voltasse aos poucos, só voltei depois do grande almoço.
Depois de sofrer uma conversa penosa e unilateral com o Sr. Twomey na secretaria, fui conduzido para a aula com um tapinha na cabeça e um convite para ir vê-lo se precisasse de alguma coisa. Eu não iria, mas pelo menos ele não ficou irritado com a minha ausência. O diretor parecia estar mais preocupado

com a minha saúde mental do que com a minha frequência.
Academicamente, nós dois sabíamos que ele não precisava se preocupar. Antes de ir embora, eu estava me arrastando pelas aulas, achando todo o currículo do ciclo júnior entediante. Durante minha hospitalização, assim que me estabilizei, terminei meus estudos na cama. Honestamente, eu poderia ter perdido mais três meses, e isso não teria rebaixado minhas notas de A's, que eram mais altas.
Quando saí do escritório, um grito de excitação encheu o ar.
"Meu Deus, meu Deus, meu Deus!", Claire veio correndo em minha direção e me abraçou antes que eu tivesse a chance de dizer oi. "Já estava na hora de você voltar para casa!", me envolvendo em seus braços, ela me abraçou com força. "Senti sua falta pra caramba, Lizzie Young."
Tremendo, me deixei afundar em seu abraço, me permiti consumir o calor com que ela me envolvia. "Eu também senti sua falta."
“Como está sua mãe?”
"Ela está se recuperando."
"E você?" Afastando-se, ela passou as mãos por todo o meu cabelo, examinando meu rosto com os olhos. "Como vai?"
"Você me conhece, Claire." Engolindo as emoções, abri um sorriso radiante. "Estou sempre bem."
A preocupação encheu seus olhos castanhos, mas ela não insistiu.
Em vez disso, ela sorriu, me puxou para o seu lado e nos acompanhou pelo corredor.
"Deixe-me contar a você todo o drama que você perdeu na escola — aviso, tem *muita coisa* ."
"Mal posso esperar", respondi secamente, aliviada por voltar ao nosso padrão habitual.
"Então, ouvi as meninas do quinto ano tramando um esquema chamado 'operação vinculando treze'", ela anunciou, antes de relatar detalhadamente a conversa que ouviu no banheiro da escola.
Aparentemente, as meninas mais velhas estavam participando de uma corrida pervertida para ficar nuas com Johnny Kavanagh.
"Mas a garota não pode vencer só tendo, uh, bem, você sabe, com ele", Claire continuou explicando. "Aparentemente, ela tem que fazer com que ele se apaixone por ela."
"Ugh", empalideci. "Isso parece perturbador."
"E ela tem que ser oficial com ele", acrescentou, torcendo o nariz. "Como *namorado e namorada* ."
"Então, é uma missão fadada ao fracasso", respondi secamente. "Porque a única coisa com a qual esse garoto se compromete é uma bola de rúgbi."
"Verdade", Claire riu, empurrando o ombro contra o meu. "Quer dizer, eu entendo que ele é bonito e popular, mas não vejo o fascínio que ele sente por ele."
"Nem eu."
"Tipo, eu sei que ele é educado e tudo, mas ele é meio reservado." Seus olhos se arregalaram enquanto ela falava. "E ele é grande, Liz. Tipo, super *grande* ."
"Ele é mais do que reservado", interrompi, vasculhando o que restava das minhas memórias. "Ele é um esnobe."

“Liz!”
“Ele anda pela escola como se fosse a resposta de Tommen para Brian O'Driscoll.”
"É porque ele *é* ", ela riu. "Ele é o melhor pivô externo da sua faixa etária no país, Liz."
“Então isso significa que ele recebe tratamento preferencial na escola?”
Ela riu novamente. "Sim!"
"Tanto faz." Revirei os olhos. "Eu ainda acho que ele é esnobe."
"Gerard diz que ele só está bravo por ainda estar aqui." Ela deu de ombros. "Ele quer voltar para Dublin."
E foi assim que passei o resto da tarde, conversando com meu amigo de infância. Foi *legal* .

Quando Hugh dobrou a esquina depois da última aula do dia, eu sabia que eu era a última pessoa que ele esperava encontrar, e foi exatamente por isso que esperei por ele *ali* .
Hugh era como um relógio. Ele fazia o que dizia que faria. O treinamento era algo com o qual ele havia se comprometido e, sem dúvida, cumpriria, porque era isso que ele era.
"Ai, merda", ele murmurou quando seu corpo colidiu com o meu e a pilha de livros que eu segurava voou. "Desculpa por isso", ele disparou rapidamente, enquanto recolhia meus livros espalhados no chão. "Eu não te vi aí."
Só quando se levantou, com os livros nas mãos, é que olhou para mim. No momento em que o fez, a sua expressão envergonhada rapidamente transformou-se em surpresa, e meus livros caíram no chão mais uma vez. "Liz."
"Oi", eu sussurrei, mal conseguindo suportar a pressão no meu peito enquanto o observava me observar, suas íris cor de uísque olhando diretamente para minha alma.
Um arrepio involuntário percorreu meu corpo, e eu tinha quase certeza de que ele também percorreu Hugh, porque seu corpo parecia ter uma reação quase idêntica à minha.
Continuamos nos encarando por um longo instante antes que ele quebrasse a tensão com um aceno de cabeça. "Você voltou."
"Voltei", respondi, observando-o juntar meus livros mais uma vez. "Podemos conversar?"
"Tenho treinamento", respondeu ele, levantando-se e entregando meus livros. "O Capitão vai me dar uma surra se eu me atrasar."
Eu deveria ter respeitado sua resposta.
Afinal, eu não tinha o direito de insistir em mais, mas não consegui me impedir de sussurrar a palavra " *por favor"* .
Seus pés vacilaram e eu observei a tempestade em seus olhos castanhos enquanto uma batalha interna acontecia dentro dele.
Finalmente, quando eu já estava quase perdendo as esperanças, ele cedeu com um aceno cansado. "Ok."
Ele inclinou a cabeça na direção das mesas de piquenique e o alívio tomou conta

de mim.
"Então, quando você voltou?" ele perguntou, começando a andar ao meu lado.
"Sexta-feira", ouvi-me explicar com uma voz muito mais firme do que eu me sentia. A sensação do seu braço grande roçando no meu ombro enquanto caminhávamos fez meus nervos em frangalhos despencar.
Ondas de excitação percorreram meu íntimo, fazendo minha pele ganhar vida como uma corrente elétrica.
Meu Deus, aqui não , rezei mentalmente, lutando contra os impulsos e compulsões repugnantes e familiares. *Agora não. Seja bonzinho. Fique firme, porra* .
"Ajudou?", perguntou Hugh, colocando meus livros em um banco de piquenique vazio.
"Sim", menti, sentando-me à mesa. "Sinto-me muito melhor agora."
"Ótimo." Ele largou a bolsa de equipamentos no chão e sentou-se em frente ao meu. Apoiando os cotovelos na mesa, ele puxou um pedaço de madeira lascada. "Quero que você se sinta melhor, Liz."
Minha respiração estava curta e audível quando perguntei: "Você faz?"
Hugh me encarou fixamente por um longo instante antes de soltar um suspiro de dor. "Claro que sim."
"Você não..." Minhas palavras sumiram, e tive que desviar o olhar por um momento para recuperar o fôlego antes de voltar minha atenção para seu rosto.
Doeu muito.
Não doeu o suficiente .
Engoli em seco, tentando abordar a questão. "Claire. Você não..."
"Eu não contei nada a ela", interrompeu Hugh naquele tom familiar e tranquilizador. "Tudo o que sabem é que você esteve na Espanha com seus pais."
"Sinto muito que você tenha tido que me proteger", eu disse, sentindo muita vergonha por arrastá-lo para as batalhas que travavam entre mim e minha mente. "Sinto muito por ter te arrastado para a minha confusão no hospital naquele dia."
“Eu faria tudo de novo num piscar de olhos.”
Suas palavras me surpreenderam. "Você faria isso?"
Ele assentiu. "É, Liz. Eu faria isso."
"Por que?"
"Porque você está sentado aqui", ele respondeu simplesmente. "Porque você é *você* de novo." Um leve sorriso surgiu em seus lábios. "É tudo o que eu tenho sempre quis, Liz. — A dor brilhou em seus olhos castanhos. — Quero que *você* fique bem. — Ele falou devagar, pronunciando cada palavra com cuidado. — Quero que *você* tenha uma vida boa.
“Sim.” *Só não com você* .

ADEUS, MEU AMANTE

Hugo

19 DE ABRIL DE 2004

No momento em que a encarei no pátio, cada pedacinho do meu orgulho ferido, conquistado com muito esforço, evaporou. Quanto ao meu coração? Voltou para ela como um bumerangue fiel. Porque, ao contrário do meu cérebro, ele não podia ser enganado para esquecê-la.
Eu tinha um milhão e um compromissos depois da escola hoje, mas o retorno inesperado de Liz fez com que cada um deles desaparecesse da minha cabeça.
Sentado em frente a Liz em uma das mesas de piquenique da escola, eu não conseguia parar de olhar para ela.
Ela havia crescido tanto em três meses e meio. Seu cabelo loiro-escuro estava mais curto do que antes, roçando os ombros em vez do meio das costas. Ela estava muito mais magra agora – e mais alta também. Todos os resquícios de suas feições fofas de infância haviam sido substituídos por uma beleza feminina austera.
Mas foram os olhos dela que me atingiram bem no peito.
Aqueles olhos grandes, azul-claros e solitários.
Jesus, eles não se pareciam com nada que eu já tivesse visto antes ou depois.
"Você está com uma ótima aparência", eu disse a ela, porque era a verdade. "Você parece saudável."
"Você também", respondeu Liz, hipnotizando-me com aquelas íris assombrosas. "Você está tão diferente." Observei seu olhar me percorrer. "Você está tão alto agora, largo e *másculo* ."
Meu rosto ardia de calor. "A puberdade é assim."
"Escute", disse Liz então, e eu me preparei para a conversa que eu sabia que tinha que acontecer. "Sobre o que aconteceu..."
"Liz, você não precisa fazer isso", ouvi-me interrompendo, ainda tentando protegê-la. "Eu sei que você não estava em si mesma naquela hora."
"Sim", respondeu ela, com os olhos marejados, enquanto juntava as mãos sobre a mesa à sua frente. "Preciso desabafar e preciso que você me deixe."
Porra .
"Tudo bem." Engolindo em seco, forcei um aceno de cabeça. "Estou ouvindo."
Liz respirou fundo, trêmula, antes de dizer: "Sinto muito pelo inferno que te fiz passar. Por quebrar sua confiança repetidamente e arruinar nosso relacionamento." Lágrimas continuaram a encher seus olhos, mas ela piscou para afastá-las e continuou. "Parar de tomar meus remédios foi terrivelmente egoísta e injusto com você. Você sempre esteve lá por mim, me apoiando em tudo, e foi incrivelmente egocêntrico e irracional da minha parte." Outro arrepio a percorreu enquanto continuava: "Sinto muito por não ter assumido a responsabilidade antes, mas saber que te machuquei é a pílula mais difícil que já tive que engolir."
"Liz." Meu coração se partiu. "Não guardo rancor de você por isso."

"Porque você é uma pessoa altruísta", ela disse, estrangulada. "Porque você é *você* ." As lágrimas que enchiam seus olhos começaram a escorrer pelo rosto. "Eu sei o que fiz agora. Não tudo, mas as partes que me lembro deixam claro que não tenho o direito de pedir uma segunda chance."
"Liz", eu disse, estrangulada, sentindo meu peito arfar de pressão. "Eu faria qualquer coisa para voltar no tempo e mudar o nosso final. Para impedir que isso acontecesse. E se houvesse alguma maneira de superar isso, eu faria, mas..."
"Você não pode", ela confirmou, em lágrimas, com um aceno de cabeça, compreensiva. "Tudo bem, Hugh. Eu entendo." Fungando, ela acrescentou: "É por isso que não vou perguntar."
“Liz…”
"Eu sei que você precisa ficar longe de mim", ela sussurrou, o corpo tremendo de tremores. "E eu sei por que você não pode mais ser meu amigo, mas só quero que saiba que sou muito grata por ter tido você na minha vida." Um soluço de dor escapou dela quando disse: "Nunca terei um amigo melhor, Hugh Biggs, nem um amor maior."
"Porra." Soltei um suspiro entrecortado enquanto meu coração batia forte. "Liz."
Isso estava me paralisando a ponto de meu coração gritar para eu desistir.
Ela voltou a tomar os remédios .
Vai ser melhor desta vez .
Dê a ela mais uma chance .
Mas então a imagem dele entre as pernas dela passou pela minha cabeça, e eu me segurei firme.
Porque isso *aconteceria* novamente.
Essa era a única coisa da qual eu tinha certeza.
"Nunca vou deixar de me arrepender de ter traído você", disse ela, segurando a cabeça entre as mãos. "E nunca vou me perdoar por ter nos matado."
Jesus Cristo .
Eu queria acalmá-la.
Eu queria enxugar suas lágrimas e fazê-la melhorar novamente.
Eu *a queria* .
Mas eu simplesmente *não consegui* .
"Vai ficar tudo bem", eu disse, estrangulada, estendendo a mão e pegando uma das mãos dela. "Ainda podemos ser amigas."
"Não, Hugh, não podemos", respondeu ela com tristeza, entrelaçando os dedos nos meus. "Você não pode ser amiga da pessoa por quem está apaixonada." Lágrimas escorriam pelo seu rosto. "E eu sempre serei apaixonada por você, Hugh."
Eu acreditei nela.
Eu conhecia essa garota melhor do que eu mesmo.
Eu pude ouvir a verdade dela.
Eu podia ver isso nos olhos dela.
Era um espelho do meu.
Eu sabia como ela se sentia porque eu sentia o mesmo.
Era uma sensação de desespero, desesperança e de frenesi.
Foi uma tortura do caralho.
"Podemos tentar", ouvi-me oferecer, sentindo-me em pânico ao pensar que seria

esse o fim. *Por favor, Deus, não deixe que seja esse o fim* . "Liz, vai ficar tudo bem."
"Sim, vai, porque vou dar um passo para trás", declarou ela, e o jeito como disse isso me fez pensar que ela tinha pensado muito sobre isso. "Vou ficar na lateral do campo quando se tratar do nosso círculo de amizades e não vou interferir na sua vida."
"Liz." Meus olhos começaram a lacrimejar. "Eu não quero isso."
"Eu também não", ela respondeu, fungando. "Mas tem que acontecer."
Eu sabia que ela estava certa; tínhamos que ir em direções diferentes, mas isso não tornava a tarefa mais fácil.
Eu não tinha certeza se esse era o plano dela, se ela pretendia me destruir daquele jeito e destruir minha determinação, mas funcionou.
"Eu sei o que você fez", ela continuou, apertando minha mão delicadamente. "Como você escondeu os boatos sobre o que eu fiz com ele e encobriu a forma repugnante como eu te tratei."
“Você não estava bem.”
“E você foi pego no fogo cruzado, mas ainda assim me protegeu.”
"Eu sempre vou te proteger." Enxuguei uma lágrima do rosto. "Não importa o que aconteça."
Fungando, ela apertou minha mão novamente. "Quero que você tenha a melhor vida imaginável. Ninguém merece mais do que você."
“Liz…”
"E eu quero que você siga em frente", disse ela, engasgando com as palavras como se elas a machucassem fisicamente. "Não quero que você se sinta culpado por isso ou pense que está fazendo algo errado, porque não está. Porque você é uma pessoa incrível demais para passar a vida preso a um fracasso como eu."
"E você?", eu mal conseguia ver o rosto dela em meio às lágrimas. "Como vou deixar você ir?"
"Você não me deixou ir, lembra?", ela soluçou, acariciando minha mão com o polegar. "Eu fiz isso."
"Porra, Liz." Deixei a cabeça cair na mesa, cobrindo-a com a mão livre enquanto lutava para controlar minhas emoções. "Porra."
"A Claire me contou que você começou a sair com alguém", sussurrou ela, estendendo a mão livre sobre a mesa para acariciar meu cabelo. "Quero que você saiba que está tudo bem."
Eu desmoronei.
Não consegui evitar.
Bem ali no meio da escola, eu chorei muito.
"Está tudo bem", Liz continuou a me acalmar, enquanto eu lutava para me recompor. "Quero *que* você seja feliz."
Meus ouvidos estavam zumbindo.
Meu coração estava disparado no peito.
Meu coração insistia que eu tinha tomado o caminho errado na vida e exigia que eu voltasse atrás.
"É novo", finalmente consegui dizer quando me acalmei. "Eu, ah..." Pigarreando ruidosamente, enxuguei os olhos com a manga e me forcei a olhar para ela. "O nome dela é Katie."

Quando seus olhos azuis encontraram os meus, senti a atração. O laço inegável que ligava minha alma à dela. Aquele que nenhuma quantidade de tempo ou distância parecia romper. "Ela é boa para você?"
Fungando, assenti. "É, ela é muito boa para mim."
A tristeza em seus olhos estava me matando, e eu tive que lutar contra todos os meus instintos para não puxá-la para os meus braços. Porque Parecia que eu tinha sido programado para proteger aquela garota. O único problema era que eu precisava de proteção contra *ela* . Porque ninguém poderia me machucar como Liz.
"Estou feliz por você." Ela tentou sorrir, mas conteve um soluço de dor. "Juro que estou", disse ela apressadamente, enquanto tirava a mão da minha. "É que está d-duro."
Eu entendi.
Eu sabia exatamente como ela se sentia.
Uma onda de pânico tomou conta de mim quando a vi se levantar e pegar seus livros e mochila.
Eu queria gritar *"não vá"* , mas isso não ajudaria nenhum de nós.
"Eu sempre te amarei, Hugh Biggs", disse Liz ao contornar a mesa e parar na minha frente. Inspirando fundo, ela se inclinou e me deu um beijo na bochecha antes de sussurrar: "Não importa o que aconteça."
E então ela se foi.

Muito obrigado pela leitura.

A história de Hugh e Lizzie está começando a esquentar. Leia tudo sobre eles no próximo livro da série "Boys of Tommen", que será lançado em breve.
Se você ou alguém que você conhece foi afetado pelos tópicos discutidos nesta história, entre em contato com um adulto de confiança ou com um serviço profissional perto de você.
Para obter suporte na República da Irlanda, entre em contato com os serviços listados abaixo:
• childline.ie
• jigsaw.ie
• spunout.ie
• cari.ie

Para obter suporte nos Estados Unidos, entre em contato com os serviços listados abaixo:
• Linha direta nacional de violência sexual 1-800-656-HOPE (4673): hotline.rainn.org
• Administração de Serviços de Abuso de Substâncias e Saúde Mental: 1-800-662-HELP samhsa.gov/find-help/helplines/national-helpline
• Linha de Vida Nacional de Prevenção ao Suicídio em 1-800-273-TALK (8255): suicidepreventionlifeline.org

Por favor, fale.
Não sofra em silêncio.
Sua voz importa.
Sua vida é preciosa.
<3

Momentos, sentimentos e capítulos dedicados da música

Amble – “Shallow River Run”: Patrick cantando e tocando a vibe da guitarra.
Zach Bryan – “Spotless”: Lizzie estável pensando em Hugh após o término.
The Moon Loungers – “Willow (versão acústica)”: os sentimentos de Hugh por Lizzie ao longo do livro.
George Strait – “Check Yes Or No”: infância de Liz e Hugh.
Fleetwood Mac – “Go Your Own Way”: para Hugh no quarto de Claire em resposta.
Fleetwood Mac – “Silver Springs”: para Lizzie no quarto de Hugh após o término.
Dean Lewis – “Adore”: quando Hugh está imerso em seus sentimentos, pedalando para casa depois do encontro.
Zach Bryan – “Something in the Orange”: Hugh lidando com seus episódios maníacos.
The 2 Johnnies – “She Only Rings Me When She's Locked”: Pierce pensando sobre seu relacionamento com Liz.
James Blunt – “Goodbye My Lover”: Liz e Hugh na cena final do livro.
Celtic Journey – “Lonesome Boatman”: no funeral de Caoimhe.
The Coronas – “Someone Else's Hands”: Os sentimentos de Hugh por Katie.
Avril Lavigne – “Hot”: Lizzie quando ela está carente de afeição física de Hugh nos primeiros anos.
Wrabel – “Poesia”: Hugh se apaixonando por Lizzie quando eles eram jovens.
Imagine isso – “Uma noite”: quando ele a encontra o traindo na festa.
Alex Warren – “Burning Down”: Lizzie quando percebe que Caoimhe a decepcionou.
Zach Bryan – “I Remember Everything”: Hugh após o término, tentando superá-la.
Hellogoodbye – “Here (In Your Arms)”: como crianças pequenas brincando.
Mark Ambor – “Belong Together”: felizes e apaixonados quando jovens adolescentes.
Tyler Brayden – “Devil You Know”: Hugh brigando com Mark.
Freya Ridings – “You Mean the World To Me”: Lizzie se afogando em sua devastação pela perda de Hugh.
Lord Huron – “The Night We Met”: reencontrando-se após o término.
Grace Cundy – “Put Me Back Together”: Liz sentindo o quanto ele a ama, mesmo quando ela está doente.
Melanie Martinez – “Chapeleiro Maluco”: quando Lizzie está se desfazendo na escola.
Phoebe Bridgers – “I Know The End”: momento triste entre Liz e Hugh.
Taylor Swift – “Down Bad”: depois do término e Lizzie destruída.
Thomas Day – “não é mais meu trabalho”: Hugh após o término, observando-a em crise.
Imagine isso – “Smell Like Him”: Hugh lamentando o término.

Tate McRae – “você me quebrou primeiro”: Hugh retribuindo para Liz.
Taylor Swift – “The Way I Loved You”: Hugh pensando em como Katie é a pessoa certa para ele, mas o quanto ele ama Liz e como ele está dividido entre seu coração e sua cabeça.
Avril Lavigne – “What the Hell”: Liz em um episódio maníaco.
Taylor Swift – “My Tears Ricochet”: a noite do término e Hugh está arrasado.
P!nk – “Please Don't Leave Me”: Liz para Hugh.
Chord Overstreet – “Screw Paris”: Hugh superando Liz.
O roteiro – “Nada”: ficar bêbado com os rapazes depois do término.
Snow Patrol – “This Isn't Everything You Are”: Liz tentando continuar.
Busted – “Better Than This”: Hugh percebendo que precisa se afastar de Liz.
Tom Odell – “Another Love”: o conflito de Hugh com Katie.
Josh Rabenold – “Coney Island”: a mentalidade e a turbulência de Hugh.
Guerras Civis – “Veneno e Vinho”: a turbulência entre Hugh e Liz.
Gwen Stefani – “The Sweet Escape”: toda vez que Johnny e Gibs estão juntos em uma cena, ha-ha.
Ruelle – “Carry You”: quando ela o vê no hospital.
Taylor Swift – “sem corpo, sem crime”: a obsessão de Lizzie por Gibsie e sua família.
Ed Sheeran – “Castle on the Hill”: os quatro rapazes juntos.
Jamie Lawson – “I'm Gonna Love you”: o longo adeus.
Ashlee Simpson – “Pieces Of Me”: Lizzie vai definhando aos poucos quando eles ficam mais jovens e Hugh está lá para ela.
MARINA – “Bubblegum Bitch”: Lizzie quando está dormindo por aí.
Mother Mother – “Hayloft”: Lizzie sendo pega na cama com Pierce.
Ellise – “Can You Keep a Secret?”: Lizzie chegando ao seu limite.
Gretchen Wilson – “Redneck Woman”: a grande diferença entre Lizzie e Claire.
The 2 Johnnies – “Sinead”: ok, essa é para o Saving 6, mas tive que adicioná-la porque está dando uma vibe de Joe, Molloy e Ricey.

Músicas para Lizzie

“Always Remember Us” – Lady Gaga
“Impecável” – Zac Bryan
“Hilary Duff” – Batida do Meu Coração
“Silver Springs” – Fleetwood Mac
“Olá” – Candice
“Controle” – Zoe Wees
“Eu te amo, me desculpe” – Gracie Abram
“Olha o que você me fez fazer” – Taylor Swift
“Anjos como você” – Miley Cyrus
“maníaco” – Coleman Hell
“A Razão” – Hoobastank
“Irmão de Cate” – Maisie Peters
“Você deveria saber de onde eu venho” – BANKS
“me sinto uma merda” – Tate McRae
“Sereias” – Cher Lloyd
“Chapeleiro Maluco” – Melanie Martinez
“Esta Cidade” – Niall Horan
“Caindo” – Genavieve Linkowski
“Perdido Sem Você” – Freya Ridings
“Shattered” – Negociação Ontem
“Estranho” – Celeste
“Sinto muito, querida” – SkyDxddy
“Você significa o mundo para mim” – Freya Ridings
“Grátis” – Rudimental e Emili Sande
“Você está apaixonado” – Taylor Swift
“Tag, você é isso” – Melanie Martinez
“Serotonina” – menina de vermelho
“Pesado” – Soldado Cidadão e SkyDxddy
“Como você pôde” – Jessie Murph
“Pacifique-a” – Melanie Martinez
“Como uma Oração” – Madonna
“Não me culpe” – Taylor Swift
“Estrague Tudo” – Gracie Abrams
“Sonhos” – The Cranberries
“Respire-me” – Sia
“Não aguento mais carregar isso” – Anson Seabra
“Minha Mente e Eu” – Selena Gomez
“Em Chamas” – Switchfoot
“Os Bons” – Gabby Barrett
“Você e eu” – Lady Gaga
“Bad Child” – Tones And I
“Nada neste mundo” – Paris Hilton

“Shapeshift” – Jenna Doe
“Leve-me à Igreja” – Sinead O'Connor
“Miss Americana e o Príncipe do Coração Partido” – Taylor Swift
“Asas” – Birdy
“Malibu” – Miley Cyrus
“Um Último Suspiro” – Creed
“morrer primeiro” – Nessa Barrett
“Sombra” – Ashlee Simpson
“Stuck Like Glue” – Sugarland
“Exército” – Ellie Goulding
“Tente” – Nelly Furtado
“Lítio” – Evanescence
“Hélio” – Sia
“Eu posso fazer isso com um coração partido” – Taylor Swift
“Me Junte de Volta” – Grace Cundy
“Perto de Você” – Gracie Abrams
“Eu gosto mais de mim” – Filha da mãe
“O Doutor Disse” – Chloe Adams
“Você pode me segurar” – NF e Britt Nicole
“Quente” – The Coronas
“sou eu tentando” – Taylor Swift
“Longe” – Nickelback
“vilão” – Billie Eilish
“Knockin' On Heaven's Door” – Antony e os Johnsons
“Louvado seja” – Fatboy Slim
“Sobre você agora” – Sugababes
“Eu Acreditarei” – Sheryl Crow
“Minha Pele” – Natalie Merchant
“Unsteady” – X Embaixadores
“sem corpo, sem crime” – Taylor Swift
“Motel” – MEG MYERS
“Hipersexual” – Reve
“Leve-me para casa” – Jess Glynne
“Não Mereço Você” – Plumb
“Salvação” – Gabrielle Aplin
“Traga-me de volta à vida” – Ht Bristol
“Estou com você” – Avril Lavigne
“Você não é inocente” – Codi Kaye
“Hits Different” – Taylor Swift
“Desejo” – MEG MYERS
“Maníaco” – Plumb
“Always Been You” – Jessie Murph
“A Você Eu Pertenço” – B*Witched
“Me amou de volta à vida” – Celine Dion
“Encontre-me” – Birdy
“Voltando para Casa Parte III” – Skylar Gray
“Ninguém Rezando Por Mim” – Seether

“Down Bad” – Taylor Swift

Músicas para Hugh

“Siga seu próprio caminho” – Fleetwood Mac
“As Luzes da Cidade de Cork” – The 2 Johnnies
“Se eu me entregasse a outra pessoa” – The Coronas
“Terminar em uma cidade pequena” – Sam Hunt
“Sem Mim” – Alec Chambers
“A Noite em que nos Conhecemos” – Micky
“Sinead” – Os 2 Johnnies
“A SUBSTITUIÇÃO” – Kae
“All Too Well” – Taylor Swift
“À prova de balas” – Nate Smith
“Dane-se Paris” – Chord Overstreet
“Uma gota no oceano” – Ron Pope
“não é mais meu trabalho” – Thomas Day
“Softcore” – O Bairro
“você me quebrou primeiro” – Nossa Última Noite
“Fé no Destino” – The Coronas
“Outro Amor” – Tom Odell
“Você é outra pessoa” – flora cash
“Paredes” – Ruben
“Deixe uma luz acesa” – Tom Walker
“Fique Longe” – O Título Honorário
“Melhor que isso” – Busted
“O Diabo Que Você Conhece” – Tyler Braden
“O mesmo velho e novo você” – A1
“Eu sou o único” – Sunset & Highland
“Oceano” – Martin Garrix e Khalid
“Pertencem Juntos” – Mark Ambor
“Cardigan” – Josh Rabenold
“Blackout” – Freya Ridings
“Aqueles Olhos” – Novo Oeste
“Eu me lembro de tudo” – Zach Bryan
“O que eu fiz” – Dermot Kennedy
“Eu ainda te amo” – Josh Jenkins
“odeio ser você” – Lexi Jayde
“Eu escapei com você” – Luke Combs
“Nossa História” – Mako
“Antes que você me deixe” – Alex Warren
“Adore” – Dean Lewis
“O Coração Ardente” – Takida
“Pegue o que eu puder pegar” – Matthew Mayfield
“Sorria” – Tio Kracker
“Leve você para casa” – Alex Warren

“Love Me Back” – Max McNown
“Uma Noite” – Imagine Isto
“Não deixe isso acabar nunca” – Nickelback
“Hold On” – Acorde Overstreet
“Belos Erros” – Maroon 5
“Não se preocupe, baby” – The Beach Boys
“Fallen tão jovem” – Declan J Donovan
“Nascido para ser seu” – Kygo e Imagine Dragons
“O que sobrou de você” – Chord Overstreet
“Mala” – Matthew Koma
“Lonely Boy” – The Black Keys
“Em Nossos Próprios Mundos” – Jamie Lawson
“Firestone” – Kygo e Conrad Sewell
“Baby Don't Cut” – Bmike
“Pense Duas Vezes” – Eva 6
“Mais uma noite” – Maroon 5
“Nunca Pare” – Traje de Segurança
“9 Crimes” – Damien Rice
“Só Olhando” – Stereophonics
“Gotas de Júpiter” – Trem
“Não acabou” – Daughtry
“Fique quieto” – A briga
“For Blue Skies” – Os vira-latas não dormem
“Quando seu coração para de bater” – +44
“Não desista de mim” – Andy Grammer
“Lábios de um anjo” – Hinder
“Só Você” – Aaron Krause
“Dança lenta em uma sala em chamas” – John Mayer
“Nada vai te machucar, querida” – Cigarros depois do sexo
“Minhas Lágrimas Ricocheteiam” – Taylor Swift
“Imagem de Você” – Boyzone
“Bebês Acidentais” – Damien Rice
“Aconteça o que acontecer” – Declan O'Rourke
“Furacão” – Luke Combs
“De Volta Para Você” – Selena Gomez
“Isto não é um teste” – The Coronas
“Ladrões” – 1975
“O Cientista” – Coldplay
“Ela Será Amada” – Maroon 5
“Pressão dos Pares” – James Bay
“A Fraqueza em Mim” – Joan Armatrading
“Bloodstream” – Sem Estado
“Fios” – Atleta
“Mãos de Outra Pessoa” – The Coronas
“Encontre meu caminho de volta” – Eric Arjes
“Eu te seguirei” – Shinedown
“Kodaline” – Honest

“Muito Mais Livre” – Max McNown

Agradecimentos

Nunca sei se devo adicionar uma seção de agradecimentos ao final de um livro, e muitas vezes não o faço, mas decidi adicionar uma depois *do lançamento 10* porque tenho alguns agradecimentos para fazer.
Walshy:
É engraçado como tudo sempre volta para você. Não importa quantas histórias eu escreva, quando chego aos agradecimentos, é *sempre* o seu nome que me vem à mente. Porque eu não conseguiria escrever essas histórias sem você.
Obrigada por me mostrar como é ser verdadeiramente amada. Obrigada por invadir meu mundo quando éramos adolescentes e me salvar daquela carnificina. Obrigada por me tirar de lá. Você segurou minha mão e nunca soltou, nem mesmo quando eu me esforçava para segurar. Obrigada por aceitar cada parte de mim, o mundo de onde eu vim e minha mente difícil.
Obrigada por alimentar meu amor pela música com sua habilidade incrível de tocar *qualquer* instrumento que esteja em suas mãos. Violão. Bateria. Banjo. Bandolim. Gaita. Baixo. Ukulele. É incrível como você consegue tocar todos eles, e sua voz? Nossa, nem me fale dessa voz!
Obrigada por me deixar impressionado com aquele violão que você pegou na aula, me deixando de queixo caído, assim como as meninas, com "Johnny B. Goode". Lembro-me de olhar para a Tracy e pensar: *"Que diabos acabamos de ver?"*. Ainda me lembro de ter me esgueirado. no pub com as meninas para assistir você e o Madden tocarem pela primeira vez. Quando você subiu no microfone e cantou "Fall at Your Feet" e manteve os olhos nos meus o tempo todo, juro que me derreti. Até nossos amigos sabiam que eu era um caso perdido. Isso foi há quase vinte anos e eu ainda sou um caso perdido, Walshy, então parabéns por isso. Acho que Angaleena Presley não estava errada quando cantou sobre guitarristas bonitos e garotas grávidas, porque nós duas sabemos o que vem a seguir. ;)
Obrigada por manter sua palavra, por ser o ápice de tudo o que há de bom em um homem e por construir para nós um lar onde eu não tive medo de deitar a cabeça. Obrigada pelos meus bebês e por me mostrar que nem toda licença-maternidade é válida. Obrigada por quebrar todos os ciclos geracionais dos quais eu tinha medo e mudar a narrativa. Eu te amo. (Para Sempre.)
Slash, Madden e Al:
Obrigada por serem os melhores amigos do Walshy no mundo todo e por sempre o apoiarem — mesmo que um de vocês tenha desmaiado em cima da mesa principal durante o discurso do padrinho do nosso casamento. (Estou olhando para você, Ray.)
Obrigada por serem o melhor grupo de garotos que uma garota destruída poderia ter ao seu lado. Pelas noites que não consigo lembrar com os amigos que nunca esquecerei.
Obrigado pelas lembranças, meninos. <3
Nikki Ashton:

Dizem que se uma amizade dura sete anos, ela durará para sempre. Bem, chegamos aos onze e não consigo imaginar um mundo onde não nos falamos todos os dias. Você significa o mundo para mim, e eu sempre estarei com você, Nik. Obrigada por sempre atender o telefone. Por ser minha maior defensora quando o mundo é cruel. Por conhecer quem eu realmente sou e não ter problema em desmascarar cada mentira dolorosa. Amigos como você só aparecem uma vez na vida, e eu só queria ter te conhecido antes para poder te amar por mais tempo. Se vocês chegaram até aqui, então... Confira os livros dessa moça. Ela é um gênio da comédia e da sensualidade com as palavras. "*Having Sex Again"*, *do Roman*, sempre terá um lugar especial no meu coração. Obrigada por tudo, Nik. <3

Caitlin Mahony:

Minha irmã de alma do outro lado do oceano. Obrigada por ser o "cara" do meu "rapaz". Desde a primeira vez que conversamos, percebi que você era a pessoa certa para ter ao meu lado. Que eu tinha encontrado mais do que apenas um agente, mas um amigo precioso. Também percebi rapidamente que você tem a paciência de uma santa, algo necessário para lidar comigo e com minha mente perturbada. De alguma forma, você persevera comigo, e não sei bem por quê, mas estou muito feliz por você ter depositado sua fé em mim.

Obrigado por estar diante do mundo por mim quando preciso respirar e por confiar na minha capacidade de fazer o meu trabalho. Não vou te decepcionar, amigo. Ah, e se você for embora, é melhor me levar junto.

Lexi Campbell:

Muito obrigada por entrar no meu mundo quando eu estava me afogando. Eu não conseguia enxergar direito por causa do pânico, e você tirou isso dos meus ombros com um estalar de dedos. Você se apresentou e me mostrou como impor limites. Você me colocou um limite e me deu a chance de me curar do barulho. Eu poderia te agradecer cem mil vezes, mas não seria o suficiente. Porque eu realmente acho que você poderia ter me salvado por um tempo, Lex. De desistir de muita coisa.

Você é tão legal e peculiar, e eu sempre acho hilário quando fazemos videochamadas por causa de quão diferentes somos. Mesmo sendo diferentes na superfície, somos incrivelmente parecidas onde importa. (Planners! Brincadeira, rs.) Você é a Stevie misteriosa e bruxa para a minha Dolly, que compartilha demais e usa medalhas sagradas. Ha. Dolly e Stevie. Isso parece bem elegante. Você entende Eu, e eu entendo você. E sou muito grata por ter uma amiga como você na minha vida. Te amo, L. <3

Os leitores:

Quero agradecer a cada pessoa que reservou um tempo para ler este livro. É incrivelmente gratificante saber que tantas pessoas querem ler minhas histórias. Já se passaram onze anos desde que fui publicado pela primeira vez, e ainda parece surreal. Nesses onze anos, escrevi muitas histórias e trabalhei duro em cada uma delas, mas a série Tommen é diferente. Tommen é *especial* . Tommen é o produto da vulnerabilidade pessoal suprema. Revelei mais do meu coração nestas páginas do que às pessoas que conheci a vida toda. Cada página que escrevo parece uma memória catártica arrancada dos diários manchados de lágrimas da minha juventude. Saber que alcancei outras pessoas com essas

histórias significa o mundo para mim. Eu só queria poder voltar no tempo e dizer àquela garota de quinze anos naquela cama de hospital para continuar respirando. Para continuar escrevendo. Para não ter medo de sua mente. Que suas palavras importavam. Que sua história pudesse ajudar outras pessoas.
Obrigado por ler e, por favor, continue respirando.

Épico, emocionante e viciante...



O poder e a dor do primeiro amor nunca foram tão profundamente sentidos quanto nas histórias extraordinárias de Chloe Walsh sobre os irresistíveis garotos de Tommen, que vão te dar uma ressaca literária.

Colecione todos eles!

Você ama romance contemporâneo?

Quer ter a chance de ouvir notícias sobre seus autores favoritos (e a chance de ganhar livros grátis)?

Kristen Ashley
Ashley Herring Blake
Meg Cabot
Olivia Dade
Rosie Danan
J. Daniels
Farah Heron
Tália Hibbert
Sarah Hogle
Helena Hunting
Abby Jimenez
Ela Kennedy
Cristina Lauren
Alisha Rai
Sally Thorne
Lacie Waldon
Denise Williams
Meryl Wilsner
Samantha Young

Então visite o site da Piatkus
www.yourswithlove.co.uk

E siga-nos no Facebook e Instagram
www.facebook.com/yourswithlovex | @yourswithlovex

